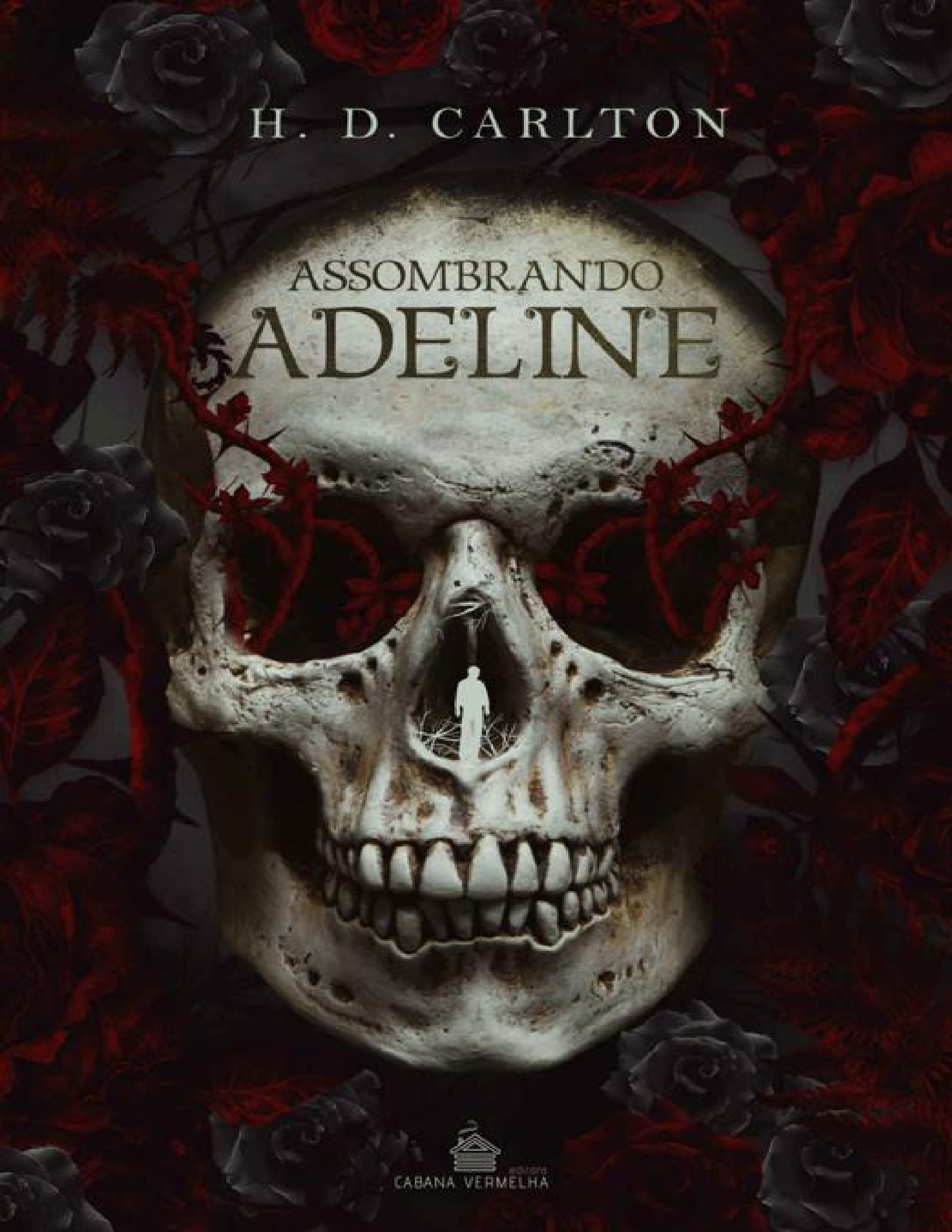
H. D. CARLTON

ASSOMBRANDO ADELINE



editora CABANA VERMELHA

ASSOMBRANDO ADELINE

TRADUÇÃO
HELENA MUSSOI

H. D. CARLTON

ASSOMBRANDO ADELINE



COPYRIGHT © 2021 HD CARLTON
COPYRIGHT © 2022 EDITORA CABANA VERMELHA
Todos os direitos reservados.

Diretora Editorial
Elaine Cardoso

Editora
Mari Vieira

Tradução
Helena Mussoi

Preparação
Ludmila Fukunaga

Revisão
Elaine Lima

Capa
Anael Medeiros

Diagramação Digital
Elaine Cardoso

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa do autor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Sumário

SINOPSE
PLAYLIST
AVISO IMPORTANTE:
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

SINOPSE

A MANIPULADORA

Posso manipular as emoções de qualquer um que me permita.
Vou te machucar, te fazer rir, te fazer chorar e suspirar.
Mas minhas palavras não o afetam. Sobretudo quando eu imploro para ele ir embora.
Ele está sempre ali, observando e esperando.
E eu nunca consigo desviar o olhar.
Não quando o que eu quero é que ele se aproxime.

A SOMBRA

Eu não queria me apaixonar.
Mas agora que aconteceu, não consigo ficar longe.
Estou hipnotizado pelo sorriso dela, por seus olhos e pelo jeito como ela se move.
Pelo jeito como ela tira a roupa.
Vou continuar observando e esperando. Até eu conseguir torná-la minha.
E assim que ela for minha, nunca irei deixá-la ir.
Nem mesmo se ela implorar por isso.

Classificação: 18 anos

Gatilhos: Este livro termina em um cliffhanger. Os conteúdos são muito

sombrios, com situações de gatilho, como CNC e consentimento duvidoso entre os personagens principais, violência, tráfico de pessoas, perseguição, tráfico infantil e situações sexuais explícitas. Há também fetiches específicos, como jogo com armas, sonofilia, bondage e humilhação.

PLAYLIST

Hish - Evil

So Below - Sway

Boy Epic - Dirty Mind

Croosh - Lost

Vi - Victim

The Weeknd - Pretty

The Weeknd - Loft Music

Something Better - The Broken View

Play with Fire - Sam Tinnesz (feat. Yacht Money)

AVISO IMPORTANTE:

Este livro termina em um cliffhanger. Os conteúdos são muito sombrios, com situações de gatilho, como CNC e consentimento duvidoso entre os personagens principais, violência gráfica, tráfico de pessoas, perseguição, tráfico infantil e situações sexuais explícitas. Há também fetiches específicos, como jogo com armas, sonofilia, bondage e humilhação.

Este livro foi tirado do ar anteriormente devido ao aviso, mas você também pode encontrá-los em resenhas, no meu site, ou sinta-se à vontade para me enviar uma mensagem direta.

Sua saúde mental é importante.

Para Amanda e May
Zade e eu seremos seus para sempre.



O gato comeu a sua língua, ratinha?

PRÓLOGO

As janelas da minha casa tremem com o poder do trovão rolando pelos céus. Os raios caem ao longe, iluminando a noite. Nesse pequeno momento, os poucos segundos de luz ofuscante mostram o homem parado do lado de fora da minha janela. Me observando. Sempre me observando.

Eu ajo normalmente, assim como sempre faço. Meu coração pula uma batida e depois palpita, minha respiração fica superficial e minhas mãos ficam úmidas. Não importa quantas vezes eu o veja, ele sempre provoca a mesma reação de mim.

Medo.

E excitação.

Não sei por que isso me excita. Algo deve estar errado comigo. Não é normal que o calor líquido percorra minhas veias, deixando um formigamento em seu rastro. Não é comum que minha mente comece a se perguntar sobre coisas que não deveria.

Ele pode me ver agora? Vestindo nada além de uma regata fina, meus mamilos aparecendo pelo material? Ou os shorts que estou usando que mal cobrem minha bunda? Ele gosta da vista?

É claro que gosta.

É por isso que ele me observa, não é? É por isso que ele volta todas as noites, cada vez mais ousado, com seu olhar malicioso enquanto eu o desafio em silêncio. Esperando que ele se aproxime, para eu ter um motivo para colocar uma faca em sua garganta.

A verdade é que estou com medo dele. Na verdade, estou aterrorizada.

Mas o homem parado do lado de fora da minha janela me faz sentir como se estivesse sentada em um quarto escuro, com uma única luz brilhando na televisão onde um filme de terror passa na tela. É petrificante, e eu só quero me esconder, mas há uma parte distinta de mim que me mantém imóvel, expondo-me ao horror, e que encontra uma pequena emoção nisso.

Está escuro novamente, e os raios atingem áreas mais distantes.

Minha respiração continua a intensificar. Não consigo vê-lo, mas ele pode me ver.

Desviando meus olhos para longe da janela, eu me viro para olhar atrás de mim, dentro da casa escura, paranoica de que ele de alguma forma conseguiu entrar. Não importa quão profundas sejam as sombras no Casarão Parsons, o piso xadrez preto e branco sempre parece visível.

Herdei esta casa dos meus avós. Meus bisavós construíram a casa vitoriana de três andares no início da década de 1940 por meio de sangue, suor, lágrimas e a vida de cinco pedreiros.

Reza a lenda, ou melhor, a vovó diz, que a casa pegou fogo e matou os pedreiros durante a fase de estrutura do prédio. Não consegui encontrar nenhuma notícia sobre o infeliz evento, mas as almas que assombram o casarão cheiram a desespero.

A vovó sempre contava histórias grandiosas que reviravam os olhos dos meus pais. Mamãe nunca acreditou em nada do que a vovó dizia, mas acho que ela simplesmente não *queria*.

Às vezes, ouço passos à noite. Podem ser dos fantasmas dos

trabalhadores que morreram no trágico incêndio há oitenta anos, ou podem ser da sombra que fica do lado de fora da minha casa.

E que fica me observando.

Sempre me observando.

CAPÍTULO 1

A MANIPULADORA



Às vezes eu tenho pensamentos muito sombrios sobre minha mãe, pensamentos que nenhuma filha sensata deveria ter.

Às vezes, nem sempre sou sensata.

— Addie, você está sendo ridícula — diz minha mãe através do alto-falante do meu telefone. Eu o encaro em resposta, recusando-me a discutir com ela. Quando não digo nada, ela suspira alto. Eu franzo o nariz. Fico surpresa com o fato de que essa mulher sempre chamou minha vó de dramática, mas não consegue enxergar seu próprio talento para a dramaticidade.

— Só porque seus avós lhe deram a casa, não significa que você tem que realmente *viver nela.* É velha e você estaria fazendo um favor para todos naquela cidade se ela fosse demolida.

Eu bato a cabeça contra o apoio do banco, revirando meus olhos e tentando encontrar a paciência, escondida no teto manchado do meu carro.

Como é que eu consegui manchar de ketchup lá em cima?

— E só porque *você* não gosta, não quer dizer que eu não possa viver nela — retruco em um tom seco.

Minha mãe é uma vadia. Simples assim. Ela sempre teve rancor, e por mais que eu tente, não consigo entender.

— Você viverá a uma hora de nós! Será muitíssimo incômodo para você vir nos visitar, não é?

Oh, como eu vou sobreviver?

Tenho certeza de que minha ginecologista também está a uma hora de distância, mas eu ainda faço um esforço para vê-la uma vez por ano. E essas visitas são muito mais dolorosas.

— Não — respondi com ênfase. Estou farta desta conversa. Minha paciência não dura um minuto quando converso com a minha mãe. Após isso, estou por um fio e não tenho mais vontade de me esforçar para manter o diálogo.

Se não é uma coisa, é outra. Ela sempre encontra algo para reclamar. Desta vez, é pela minha escolha de morar na casa que meus avós me deram. Eu cresci no Casarão Parsons, correndo ao lado dos fantasmas nos corredores e assando biscoitos com a minha avó. Tenho boas lembranças daqui, lembranças que me recuso a abandonar só porque a minha mãe não se dava bem com a vovó.

Nunca entendi a tensão entre elas, mas à medida em que fui crescendo, comecei a compreender a ironia da minha mãe e os insultos dissimulados pelo que realmente eram, então tudo fez sentido.

A vovó sempre teve uma perspectiva positiva e otimista sobre a vida, via apenas o lado bom do mundo. Ela estava sempre sorrindo e cantarolando, enquanto a minha mãe está amaldiçoada a permanecer com uma carranca perpétua no rosto, sempre olhando para a vida como se seus olhos tivessem sido danificados quando fora atirada para fora da vagina da vovó. Eu não sei

por que sua personalidade nunca se desenvolveu para além da de um porco-espinho, ela não havia sido criada para ser uma vadia espinhosa.

Quando eu era criança, minha mãe e meu pai tinham uma casa a apenas 1,5 Km de distância do Casarão Parsons. Ela mal conseguia me tolerar, então passei a maior parte da minha infância nesta casa. Não foi até eu sair da escola que a minha mãe se mudou a uma hora de distância da cidade. Quando desisti da faculdade, fui morar com ela até eu me recompor e a minha carreira de escritora decolar.

E quando isso aconteceu, decidi viajar pelo país, nunca me estabelecendo em um só lugar.

A vovó morreu há cerca de um ano, presenteando-me com a casa em seu testamento, mas a dor da perda me impediu de mudar para o Casarão Parsons. Até agora.

Mamãe suspira novamente pelo telefone.

— Eu só queria que você tivesse mais ambição na vida, em vez de ficar na cidade em que cresceu, querida. Faça algo mais com a sua vida do que definhar naquela casa como sua avó fez. Eu não quero que você se torne inútil como ela.

Um rosnado surge no meu rosto, a fúria rasgando o meu peito.

— Ei, Mãe?

— Sim.

— Vai se foder.

Eu desligo o telefone, esmagando com raiva o meu dedo na tela até que ouço o sinal de que a chamada foi encerrada.

Como ela se atreve a falar de sua própria mãe dessa forma quando ela não foi nada além de amada e querida? A vovó sem dúvida não a tratou do jeito que ela me trata, isso eu tenho a maldita certeza.

Faço uma boa imitação da minha mãe e solto um suspiro

melodramático, virando para olhar pela minha janela lateral. A dita casa é alta, a ponta do telhado preto atravessando as nuvens sombrias e pairando sobre a vasta área arborizada como se dissesse *você deve me temer*. Olhando por cima do meu ombro, o denso matagal de árvores não é muito mais convidativo, suas sombras rastejando da vegetação com as garras estendidas.

Eu tremo, deleitando-me com a sensação sinistra que irradia desta pequena porção do penhasco. Parece exatamente como na minha infância, e não me dá menos emoção ao olhar para a escuridão infinita.

O Casarão Parsons foi construído em um penhasco com vista para a baía, com uma estrada de 1,5 Km de comprimento que se estende por uma área densamente arborizada. O conjunto de árvores separa a casa do resto do mundo, fazendo você se sentir completamente sozinho.

Às vezes, parece que você está em um planeta totalmente diferente, banido da civilização. Toda a área tem uma aura ameaçadora e triste.

E eu amo isso pra caralho.

A casa começou a se deteriorar, mas com um pouco de ternura, amor e cuidado, pode ser consertada para parecer como se fosse nova de novo. Centenas de trepadeiras espalham-se por todos os lados da estrutura, subindo em direção às gárgulas posicionadas no telhado de cada lado do casarão. O revestimento preto está desbotando para um cinza e começando a descascar, e a tinta preta ao redor das janelas está lascando como esmalte de unha barato. Vou ter que contratar alguém para dar uma repaginada na larga varanda da frente, já que está começando a ceder de um lado.

O gramado está seriamente necessitando de um corte, as folhas da grama estão quase tão altas quanto eu; e os três acres de clareira, cheios de ervas daninhas. Aposto que desde que foi cortado pela última vez, muitas cobras se instalaram muito bem lá.

A vovó costumava compensar a atmosfera escura do casarão com flores

coloridas durante a primavera. Jacintos, prímulas, violas e rododendros.

E no outono, os girassóis se espalhariam pelas laterais da casa, os amarelos e laranjas brilhantes nas pétalas sendo um belo contraste com o tapume preto.

Eu posso plantar um jardim ao redor da frente da casa novamente quando a estação o exigir. Desta vez, também plantarei morangos, alface e ervas.

Estou mergulhada em minhas reflexões quando meus olhos prendem a atenção ao movimento acima. Cortinas tremulam na isolada janela no topo da casa.

O sótão.

Da última vez que conferi, não havia corrente de ar lá em cima. Nada deveria ser capaz de mover aquelas cortinas, mas, ainda assim, não duvido do que vi.

Junto à tempestade iminente ao fundo, o Casarão Parsons parece um cenário saído de um filme de terror. Eu puxo meu lábio inferior entre os dentes, incapaz de impedir o sorriso se formando no meu rosto.

Eu amo isso.

Não sei explicar por que, mas eu amo.

Foda-se o que minha mãe diz. Vou morar aqui. Sou uma escritora de sucesso e tenho a liberdade de viver em qualquer lugar. Então, o que tem se eu decidir morar em um lugar que significa muito para mim? Ficar na minha cidade natal não me torna uma zé-ninguém. Eu viajo o suficiente por causa das turnês de livros e conferências; estabelecer-me em uma casa não mudará isso. Sei o que diabos eu quero, e não dou a mínima para o que os outros pensam sobre isso.

Ainda mais minha querida mamãe.

As nuvens se abrem e a chuva desaba. Pego minha bolsa e saio do

carro, inalando o cheiro de chuva fresca. A chuva leve se torna torrencial em questão de segundos. Subo os degraus da varanda da frente, jogando as gotas de água dos meus braços e sacudindo o meu corpo como um cachorro molhado.

Eu amo tempestades, só não gosto de estar nelas. Prefiro me aconchegar debaixo dos cobertores com uma caneca de chá e um livro enquanto ouço a chuva cair.

Eu deslizo a chave na fechadura e a giro. Mas está emperrada e se recusa a girar sequer um milímetro. Eu forço a chave, lutando com ela até o mecanismo finalmente girar e eu ser capaz de destrancar a porta.

Acho que também terei que consertar isso em breve.

Uma corrente de ar congelante me dá as boas-vindas quando abro a porta. Eu tremo com a mistura da chuva gelada ainda umedecendo em minha pele e o ar frio e parado. O interior da casa envolto em sombras. A luz fraca brilha através das janelas, sumindo gradualmente à medida que o sol desaparece atrás das nuvens cinzentas da tempestade.

Sinto que deveria começar minha história com: *era uma noite escura e tempestuosa*...

Eu olho para cima e sorrio quando vejo as vigas pretas no teto, feito de centenas de pedaços longos de madeira fina. Um grande lustre está pendurado sobre minha cabeça, de aço dourado retorcido em um desenho intrincado com cristais pendurados nas pontas. Sempre foi o bem mais precioso da vovó.

O piso xadrez preto e branco leva diretamente à grande escadaria preta, que é grande o suficiente para caber um piano de lado, e flui para a sala de estar. Minhas botas rangem contra os azulejos enquanto me aventuro mais para dentro.

Este andar é essencialmente um conceito aberto, fazendo parecer que a

monstruosidade da casa poderia engolir você por inteiro.

A sala de estar fica à esquerda da escada. Eu contraio os meus lábios e olho ao redor, a nostalgia me acertando direto no estômago. A poeira cobre todas as superfícies e o cheiro de naftalina é insuportável, mas parece exatamente como eu a vi pela última vez, pouco antes da vovó morrer no ano passado.

Uma grande lareira de pedra preta está no centro da sala de estar na parede mais à esquerda, com sofás de veludo vermelho ao seu redor. Uma mesa de centro de madeira ornamentada fica no meio, um vaso vazio em cima da madeira escura. A vovó costumava enchê-lo de lírios, mas agora, ele só acumula poeira e carcaças de insetos.

A escuridão do papel de parede com estampa de caxemira preta é equilibrada por pesadas cortinas douradas.

Uma das minhas partes favoritas é a grande janela saliente na frente da casa, proporcionando uma bela vista da floresta além do Casarão Parsons. Colocada bem na sua frente está uma cadeira de balanço de veludo vermelho com um banquinho combinando. A vovó costumava ficar sentada ali olhando a chuva, e ela dizia que sua mãe sempre fazia o mesmo.

Os azulejos quadriculados se estendem até a cozinha com belos armários tingidos de preto e bancadas de mármore. Há uma ilha enorme no meio, com banquetas pretas alinhadas de um lado. O vovô e eu costumávamos sentar lá e observar a vovó cozinhar, desfrutando dela cantarolando para si mesma enquanto preparava refeições deliciosas.

Afastando as memórias, corro para um abajur alto ao lado da cadeira de balanço e acendo a luz. Solto um suspiro de alívio quando a lâmpada emite um brilho suave e amarelado. Alguns dias atrás, liguei para reativar os serviços públicos em meu nome, mas nunca se pode ter certeza ao lidar com uma casa velha.

Então eu ando até o termostato, o número causando outro arrepio pelo meu corpo.

Dezesseis malditos graus.

Eu pressiono meu polegar na seta para cima e não paro até que a temperatura esteja ajustada para vinte e três. Não me importo com temperaturas mais baixas, mas prefiro que meus mamilos não apontem através de todas as minhas roupas.

Eu me viro e encaro um lar que é tanto antigo quanto novo, um lar que desde que me lembro abrigou meu coração, mesmo que meu corpo tenha partido por um tempo.

E então eu sorrio, aquecendo-me na glória gótica do Casarão Parsons. É assim que meus bisavós decoraram a casa, e o gosto passou de geração em geração. A vovó costumava dizer que gostava mais quando ela era a coisa mais brilhante da sala. Apesar disso, ela ainda tinha gosto de gente velha.

Quero dizer, sério, por que aquelas almofadas brancas têm as bordas rendadas e um estranho buquê de flores bordado no meio? Isso não é fofo. Isso é feio.

Suspiro.

— Bem, vovó, eu voltei. Assim como você queria — sussurro para o ar parado.

***

— Você está pronta? — pergunta minha assistente pessoal ao meu lado.

Eu olho para Marietta, notando como ela está segurando distraída o microfone para mim, sua atenção presa nas pessoas ainda entrando no pequeno prédio. Esta livraria local não fora construída para muita gente, mas

de alguma forma, está dando tudo certo.

Hordas de pessoas se amontoam no espaço apertado, que converge em uma fila uniforme à espera do início da sessão de autógrafos. Meus olhos percorrem a multidão, enquanto conto em silêncio na minha cabeça. Perco a conta depois dos trinta.

— Sim — digo.

Eu pego o microfone e, depois de chamar a atenção de todos, os murmúrios se silenciam. Dezenas de olhos me perfuram, criando um rubor em minhas bochechas. Isso faz minha pele se arrepiar, mas amo meus leitores, então consigo superar isso.

— Antes de começarmos, eu só queria agradecer a todos por terem vindo. Agradeço a cada um de vocês, e estou muito empolgada para conhecê-los. Estão todos prontos?! — pergunto, forçando a animação no meu tom.

Não é que eu *não* esteja animada, apenas tendo a ficar incrivelmente desajeitada durante as sessões de autógrafos. Não tenho jeito com interações sociais. Sou do tipo que fica olhando para o rosto de alguém com um sorriso congelado depois de fazer uma pergunta, enquanto meu cérebro processa o fato de que eu nem a ouvi. Isso costuma acontecer porque meu coração está batendo muito alto em meus ouvidos.

Eu me acomodo na cadeira e preparo minha caneta. Marietta escapa para cuidar de outros assuntos, me dando um rápido *boa sorte*. Ela testemunhou meus percalços com os leitores e tem a tendência de ficar constrangida junto. Acho que é uma das desvantagens de representar uma pária social.

Volta, Marietta. É muito mais divertido quando não sou a única a ficar envergonhada.

A primeira leitora se aproxima de mim com o meu livro *O Andarilho* em suas mãos e um sorriso radiante no rosto sardento.

— Oh meu Deus, é tão incrível conhecê-la! — ela exclama, quase empurrando o livro na minha cara. Algo que *eu* totalmente faria.

Sorrio largamente e pego o livro com gentileza.

— É incrível conhecê-la também — respondo. — E ei, Time das Sardas — acrescento, acenando meu dedo indicador entre o rosto dela e o meu. Ela dá uma risada um pouco desajeitada, seus dedos deslizando sobre suas bochechas. — Qual é o seu nome? — Eu me apresso em perguntar, antes que fiquemos presas em uma conversa estranha sobre problemas de pele.

Caramba, Addie, e se ela odeia as sardas? Idiota.

— Megan — ela responde, e então soletra o nome para mim.

Minha mão treme enquanto escrevo com cuidado o nome dela e uma rápida nota de agradecimento. Minha assinatura é descuidada, mas isso representa toda a minha existência.

Devolvo o livro e agradeço a ela com um sorriso genuíno.

À medida que a próxima leitora se aproxima, sinto uma pressão se instalar no meu rosto. Alguém está me encarando. Mas esse é um pensamento estúpido, porque *todo mundo* está me encarando.

Eu tento ignorar isso e dou ao próximo leitor um grande sorriso, mas a sensação só se intensifica até parecer que abelhas estão zumbindo sob a superfície da minha pele enquanto seguram uma tocha em minha pele. É... é diferente de tudo o que eu já senti. Os pelos da minha nuca se arrepiam, e sinto as maçãs do meu rosto esquentando até ficarem vermelho vivo.

Metade da minha atenção está no livro que estou assinando e na leitora entusiasmada, enquanto a outra metade está na multidão. Meus olhos varrem sutilmente a extensão da livraria, tentando descobrir a fonte do meu desconforto sem torná-lo óbvio.

Meu olhar se fixa em uma pessoa solitária de pé ao fundo. Um homem.

A multidão esconde a maior parte de seu corpo, apenas partes de seu rosto espreitando pelas lacunas entre as cabeças das pessoas. Mas o que eu vejo paralisa a minha mão no meio da escrita.

Seus olhos. Um tão infinitamente escuro que é como olhar para um poço. E o outro, um azul glacial tão claro, quase branco, que lembrava os olhos de um husky. Uma cicatriz atravessa diretamente o olho descolorido, como se ele já não chamasse atenção.

Quando alguém limpa a garganta, eu pulo, desviando meus olhos e olhando de volta para o livro. Minha caneta está descansando no mesmo local, criando um grande ponto de tinta preta.

— Desculpe — murmuro, terminando minha assinatura. Estico o braço e pego um marcador, assino ele também e coloco no livro como um pedido de desculpas.

A leitora sorri para mim, o erro já esquecido, e sai apressada com seu livro. Quando olho de volta para encontrar o homem, ele se fora.

***

— Addie, você precisa transar.

Em resposta, envolvo meus lábios em torno do canudo e bebo meu martíni de mirtilo, tanto quanto a minha boca permite. Daya, minha melhor amiga, olha para mim de forma totalmente indiferente e impaciente, com base na peculiaridade de seu semblante.

Acho que preciso de uma boca maior. Caberia mais álcool nela.

Não digo isso em voz alta porque posso apostar minha nádega esquerda que sua replica seria para eu usá-la em um pau maior, ao invés.

Quando continuo chupando o canudo, ela estende a mão e arranca o plástico dos meus lábios. Fazia uns quinze segundos que tinha terminado de

tomar até fundo do copo e estava apenas sugando o ar pelo canudo. É a maior diversão que a minha boca teve em um ano.

— Ei, espaço pessoal — murmuro, baixando o copo. Evito os olhos de Daya, procurando a garçonete no restaurante para pedir outro martini. Quanto mais rápido eu tiver o canudo na boca novamente, mais cedo poderei evitar essa conversa um pouco mais.

— Não desvie do assunto, vadia. Você é péssima nisso.

Nossos olhos se encontram, um segundo se passa, e nós duas caímos na gargalhada.

— Pelo visto, eu também sou péssima em levar alguém para a cama — digo, depois que nossas risadas se acalmam.

Daya me dá um olhar engraçado.

— Você teve muitas oportunidades. Você apenas não as aproveita. Você é uma mulher gostosa de 26 anos com sardas, um belo par de peitos e uma bunda de morrer. Os homens estão aqui à espera.

Eu dou de ombros, desviando do assunto de novo. Daya não está exatamente errada, ao menos sobre ter opções. Eu só não estou interessada em nenhum deles. Todos me entediam. Tudo o que recebo é *o que você está vestindo* e *quer vir para minha casa, carinha piscando...* a uma hora da manhã. Enquanto isso, estou usando a mesma calça de moletom que usei na semana passada, com uma mancha misteriosa na minha virilha e não, não quero ir para a porra da sua casa.

Ela levanta uma mão em expectativa.

— Me dá o seu celular.

Eu arregalo meus olhos.

— Porra, não.

— Adeline Reilly. Me dá. A porra. Do seu. Celular.

— Ou então o que? — provoco.

— Ou eu vou me jogar sobre a mesa, envergonhar você para caramba, e conseguir o que quero de qualquer forma.

Meus olhos finalmente acham nossa garçonete e aceno para ela, desesperadamente. Ela se apressa, provavelmente pensando que encontrei um fio de cabelo na minha comida, quando na verdade, minha melhor amiga só está obcecada agora.

Demoro um pouco mais, perguntando à garçonete que bebida ela recomenda. Eu olharia o menu de bebidas uma segunda vez se não fosse rude deixá-la esperando quando ela tem outras mesas. Então, infelizmente, escolho um martini de morango em troca do de maçã verde, e a garçonete se apressa novamente.

Suspiro.

Eu entrego o telefone, batendo-o na mão *ainda* estendida de Daya com mais força do que devia, só porque a odeio. Ela sorri triunfante e começa a digitar, o brilho travesso em seus olhos aumentando. Seus polegares entram em velocidade turbo, fazendo com que os anéis dourados ao redor deles fiquem quase borrados.

Seus olhos cinzas esverdeados estão iluminados com um tipo de maldade que você só encontraria na Bíblia Satânica. Se eu pesquisasse um pouco, tenho certeza de que encontraria a foto dela em algum lugar lá também. Um mulherão de pele morena escura, cabelo preto liso e uma argola dourada no nariz.

Ela provavelmente é uma súcubo perversa ou algo assim.

— Para quem você está mandando mensagem? — resmungo, quase batendo meus pés como uma criança. Eu me contenho, mas eu chego perto de permitir que um pouco da minha ansiedade social se liberte e eu faça algo louco, como fazer birra no meio do restaurante. Talvez eu estar no meu terceiro martíni e me sentindo um pouco aventureira não ajude neste

momento.

Ela olha para cima, bloqueia meu celular e o devolve alguns segundos depois. Imediatamente, eu o desbloqueio de novo e começo a vasculhar as minhas mensagens. Gemo em voz alta mais uma vez quando vejo que ela mandou uma mensagem sexual para o Greyson. Não apenas uma mensagem. *Uma mensagem sexual.*

— Venha hoje à noite lamber minha boceta. Estou desejando o seu pau enorme — leio em voz alta secamente. Isso nem é tudo. O resto continua sobre o quanto fico excitada e me toco todas as noites ao pensar nele.

Eu rosno e dou a ela o olhar mais vil que consigo. Meu rosto deixaria um assassino no chinelo.

— Eu nem diria isso! — protesto. — Isso nem soa como eu, sua puta.

Daya começa a gargalhar, o pequeno espaço entre os dentes da frente totalmente à mostra.

Eu realmente a odeio.

Meu telefone recebe uma mensagem. Daya está quase pulando em seu assento enquanto estou pensando em pesquisar no Google o contato do *1000 Maneiras de Morrer*, para que eu possa enviar uma nova história.

— Leia — ela exige, suas mãos estendidas já alcançando o meu aparelho para que ela possa ver o que ele digitou. Eu o puxo para fora de seu alcance e abro a mensagem.

GREYSON: Já estava na hora de vc cair em si, baby. Chego às 8.

— Não sei se já te disse isso, mas eu realmente te odeio — resmungo, mostrando outra careta.

Ela sorri e dá um gole em sua bebida.

— Eu também te amo, menina.

***

— Porra, Addie, senti sua falta — Greyson respira no meu pescoço, empurrando-me contra a parede. Meu cóccix terá um hematoma pela manhã. Reviro os olhos quando ele chupa meu pescoço novamente, e gemo quando ele esfrega o pau no topo das minhas coxas.

Decidindo que precisava parar de me preocupar tanto e extravasar um pouco, não cancelei com Greyson como eu queria. Como eu *quero*. E me arrependo dessa decisão.

Neste momento, ele me prende contra a parede no meu corredor assustador. Arandelas antiquadas revestem as paredes vermelho-sangue, com dezenas de fotos da família e suas gerações no meio. Sinto que estão me observando, com desprezo e decepção em seus olhos, enquanto testemunham sua descendente prestes a ser fodida bem na frente deles.

Apenas algumas das luzes funcionam e só servem para iluminar as teias de aranha agarradas nelas. O resto do corredor está totalmente obscurecido, e estou apenas esperando o demônio de O Grito aparecer rastejando para que eu tenha uma desculpa para correr.

A esta altura, sem dúvida, derrubaria Greyson ao sair correndo, e não estaria nem um pouco envergonhada.

Ele murmura mais algumas coisas safadas no meu ouvido enquanto eu inspeciono a arandela pendurada acima de nossas cabeças. Greyson disse, acidentalmente, uma vez que tem medo de aranhas. Eu me pergunto se posso alcançar a arandela discretamente, arrancar uma aranha de sua teia e colocá-la na parte de trás da camisa de Greyson.

Isso o apressaria para sair daqui, *e* ele provavelmente ficaria muito envergonhado para falar comigo de novo. Só vejo vantagens.

Bem quando eu de fato vou fazer isso, ele recua, ofegante de todos os beijos de língua unilateral que ele está fazendo com a minha garganta. É como se ele estivesse esperando que meu pescoço o lambesse de volta, ou algo assim.

Seu cabelo cor de cobre está despenteado pelas minhas mãos, e sua pele pálida está manchada com um rubor. A maldição de ser ruivo, suponho.

Greyson tem tudo a seu favor no departamento de aparência. Ele é gostoso como o pecado, tem um corpo lindo e um sorriso matador. Pena que ele não sabe foder e é um completo e absoluto babaca.

— Vamos continuar no quarto. Preciso estar dentro de você agora.

Por dentro, sinto vergonha alheia. Por fora... eu me encolho. Tento disfarçar, puxando minha blusa sobre a cabeça. Ele tem a atenção de um beagle. E como eu suspeitava, ele já se esqueceu do meu pequeno deslize e está olhando intensamente para os meus seios.

Daya também estava certa sobre isso. Eu *tenho* seios incríveis.

Ele estende a mão para puxar o sutiã do meu corpo, eu provavelmente teria batido nele se ele o rasgasse de verdade, mas ele congela quando batidas altas nos interrompem, vindas do primeiro andar.

O som é tão repentino, tão violentamente alto que ofego, meu coração batendo forte no peito. Nossos olhos se encontram em um silêncio atordoado. Alguém está batendo na minha porta da frente, e não parece muito simpático.

— Você está esperando alguém? — ele pergunta, sua mão caindo ao seu lado, aparentemente frustrado pela interrupção.

— Não — sussurro.

Eu rapidamente coloco minha blusa de volta, do avesso, e desço correndo os degraus rangentes. Demorando um momento para verificar do lado de fora da janela que fica ao lado da porta, vejo que a varanda da frente está vazia. Franzo minha testa. Deixando a cortina cair, fico na frente da

porta, a quietude da noite sufocando o casarão.

Greyson caminha ao meu lado e olha para mim com uma expressão confusa.

— Hum, você não vai atender? — ele pergunta silenciosamente, apontando para a porta como se eu não soubesse que está bem na minha frente. Quase o agradeço pelas instruções só para zoar com a cara dele, mas eu me contenho. Algo naquela batida fez meus instintos gritarem Alerta Vermelho. A batida parecia agressiva, irritada. Como se alguém tivesse batido na porta com toda a força.

Um homem de verdade se ofereceria para abrir a porta para mim após ouvir um som tão violento. Ainda mais quando estamos cercados por quilômetros de matas densas e uma queda enorme até a água.

Mas, em vez disso, Grayson me olha com expectativa. E um pouco como se eu fosse burra. Bufando, destranco e abro a porta.

De novo, não tem ninguém ali. Eu saio para a varanda, as tábuas apodrecidas do piso gemendo sob meu peso. O vento frio agita meu cabelo castanho avermelhado, os fios fazem cócegas no meu rosto, causando arrepios em toda a minha pele. Os arrepios aumentam quando coloco meu cabelo atrás das orelhas e caminho até uma ponta da varanda. Inclinando-me sobre o corrimão, espreito a lateral da casa. Ninguém.

Ninguém do outro lado da casa também.

Poderia facilmente haver alguém me observando na floresta, mas não tenho como saber com a escuridão. A não ser que eu mesma vá lá e procure.

E por mais que eu ame filmes de terror, não tenho interesse em protagonizar um.

Greyson se junta a mim na varanda, seus olhos varrendo as árvores.

Alguém está me observando. Eu sinto. Tenho tanta certeza disso quanto da existência da gravidade.

Calafrios descem pela minha espinha, acompanhados por uma explosão de adrenalina. É a mesma sensação de quando assisto um filme de terror. Começa com meus batimentos cardíacos acelerados, depois um forte peso se instala no fundo do meu estômago, e eventualmente se assenta no meu âmago. Eu transfiro o meu peso para a outra perna, não me sentindo muito confortável com o sentimento.

Suspirando, corro de volta para a casa e subo a escada. Greyson me segue. Não percebo que ele está se despindo enquanto caminha pelo corredor até ele entrar no meu quarto depois de mim. Quando me viro, ele está totalmente nu.

— Sério? — pergunto. Que maldito idiota. Alguém acabou de bater na minha porta como se a madeira tivesse pessoalmente colocado uma lasca na bunda deles, e ele está imediatamente pronto para continuar de onde parou. Chupando o meu pescoço como se estivesse chupando a gelatina de um potinho.

— O quê? — ele pergunta incrédulo, abrindo os braços.

— Você não acabou de ouvir o que eu ouvi? Alguém estava batendo na minha porta, e foi meio assustador. Não estou no clima de fazer sexo nesse momento.

O que aconteceu com o cavalheirismo? Acho que um homem normal perguntaria se estou bem. Sondaria como estou me sentindo. Talvez tentaria se certificar de que estou bem e relaxada antes de enfiar o pau dentro de mim.

Sabe, analisaria a porra da situação.

— Está falando sério? — ele questiona, com faíscas de raiva em seus olhos castanhos. Eles são da cor de merda, assim como sua personalidade de merda e suas habilidades sexuais mais merdas ainda. O cara rivaliza com um peixe, pelo jeito que ele se debate quando fode. Poderia muito bem ficar nu no mercado de peixes, ele teria uma chance melhor de encontrar alguém para

levá-lo para casa. E eu não seria essa pessoa.

— Sim, estou falando sério — respondo, exasperada.

— Que merda, Addie — ele retruca, pegando furiosamente uma meia e a colocando. Ele parece um idiota, completamente nu, exceto por uma única meia, porque o resto de suas roupas ainda estão jogadas de qualquer jeito no meu corredor.

Ele sai do meu quarto enfurecido, agarrando peças de roupa enquanto vai. Quando chega na metade do longo corredor, ele para e se vira para mim.

— Você é uma vaca, Addie. Você só provoca e me deixa com vontade, e estou cansado disso. Estou farto de você e dessa porra de casa assustadora — ele diz, nervoso, apontando um dedo para mim.

— E você é um idiota. Suma da minha casa, Greyson.

Primeiro, seus olhos se arregalam com o choque, e depois se estreitam, transbordando de fúria. Ele se vira, inclina o braço para trás e manda seu punho voando contra a parede de gesso.

Um arquejo é arrancado da minha garganta quando metade de seu braço desaparece, e minha boca se abre em choque e descrença.

— Já que não vou ter o seu, pensei em criar o meu próprio buraco para entrar esta noite. Conserte isso, vadia — ele cospe. Ainda ostentando apenas uma meia e um braço cheio de roupas, ele sai cheio de raiva.

— Seu idiota! — Eu me enfureço, indo em direção ao grande buraco que ele acabou de criar na minha parede.

A porta da frente no andar de baixo bate um minuto depois.

Espero que a pessoa misteriosa ainda esteja lá fora. Que o idiota seja assassinado enquanto usa apenas uma meia.

4 de abril de 1944

Tem um homem estranho do lado de fora da minha janela.
Eu não sei quem ele é ou o que ele quer de mim. Mas acho que ele me conhece. Ele me observa pelas janelas quando John não está em casa. Ele usa uma cartola na cabeça, escondendo seu rosto de mim. Tentei me aproximar dele, mas quando faço isso, ele foge.
Ainda não contei ao John. Não consigo entender o porquê, mas algo me impede de abrir a boca e admitir que um homem está me observando. John não lidaria bem com isso. Ele sairia com sua espingarda e tentaria encontrá-lo.
Devo admitir que tenho mais medo do que aconteceria com o visitante se meu marido tivesse sucesso.
Tenho muito medo desse homem estranho.
Mas meu Deus, eu também estou intrigada.



CAPÍTULO 2

A SOMBRA



Os gritos de dor aumentando e depois diminuindo em torno das paredes de cimento estão ficando um pouco irritantes.

Às vezes, é uma merda ser o hacker *e* o executor. Eu gosto pra caralho de machucar as pessoas, mas esta noite, não estou com paciência para esse idiota chorão.

E eu costumo ter a paciência de um santo.

Sei esperar pelo que eu mais quero. Mas quando estou tentando obter algumas informações e o cara está muito ocupado cagando nas calças, e chorando em vez de me dar uma resposta coerente, fico um pouco irritado.

— Esta faca está prestes a atravessar metade do seu globo ocular — aviso. — Não terei nem um pingo piedade de você ao enfiar isso direto no seu cérebro.

— Porra, cara — ele chora. — Eu te disse que fui ao armazém algumas vezes. Não sei nada sobre a porra de um ritual.

— Então, está dizendo que você é inútil — deduzo, avançando a lâmina

em direção ao olho dele.

Ele os aperta como se a pele, que não é mais espessa do que um centímetro, fosse impedir a faca de atravessar o seu olho.

Ridículo pra caralho.

— Não, não, não — ele implora. — Conheço alguém lá que pode lhe dar mais informações.

O suor escorre por seu nariz, misturando-se com o sangue em seu rosto. Seu cabelo loiro enorme e oleoso está emaranhado na testa e na parte de trás do seu pescoço. Acho que neste momento não é mais loiro, já que a maior parte está pintada de vermelho.

Eu já tinha decepado uma de suas orelhas, bem como arrancado dez unhas, cortado dois calcanhares de Aquiles, dado algumas facadas em locais específicos que não permitiriam que o filho da puta sangrasse muito rápido e quebrado muitos ossos para contar.

Não tinha como o imbecil se levantar e sair daqui andando.

— Menos choro e mais conversa — vocifero, raspando a ponta da faca contra sua pálpebra ainda fechada.

Ele se afasta da faca, lágrimas despontando sob seus cílios.

— O-o nome dele é Fernando. Ele é um dos líderes da operação, encarregado de enviar mulas para ajudar a capturar as garotas. El-ele é importante no armazém, b-basicamente administra a coisa toda lá.

— Fernando do quê? — exclamo.

Ele soluça.

— Eu não sei, cara — ele geme. — Ele só se apresentou como Fernando.

— Então como ele se parece? — resmungo com os dentes cerrados, já impaciente.

Ele funga, ranho escorrendo pelos lábios rachados.

— Mexicano, careca, tem uma cicatriz na linha do cabelo, e barba. Não tem como confundir a cicatriz, é muito fodida de se olhar.

Eu giro meu pescoço, gemendo quando os músculos estalam. Foi um longo dia de merda.

— Legal, obrigado cara — digo casualmente, como se não o estivesse torturando lentamente nas últimas três horas.

Sua respiração se acalma, e ele olha para mim com os feios olhos castanhos, cheio de esperança irradiando deles.

Eu quase ri.

— V-você vai me deixar ir? — ele pergunta, olhando para mim como um maldito cachorrinho de rua.

— Claro — sibilo. — Se você conseguir se levantar e andar.

Ele olha para os tendões rompido dos calcanhares, sabendo tão bem quanto eu que se ele ficar de pé, seu corpo vai cair para a frente.

— Por favor, cara — ele choraminga. — Você pode me ajudar aqui?

Aceno devagar.

— Sim. Acho que posso fazer isso — digo, logo antes de lançar meu braço para trás e enfiar toda a minha faca em sua pupila.

Ele morre na hora. A esperança nem tinha saído totalmente de seus olhos ainda. Ou melhor, do seu único olho.

— Você é um estuprador de crianças — começo a dizer em voz alta, embora ele não seja mais capaz de me ouvir. — Como se eu fosse te deixar viver — concluo, rindo.

Deslizo minha faca da órbita do olho, o barulho de sucção ameaçando arruinar qualquer plano de jantar que eu tinha nas próximas horas. O que é irritante, porque estou com fome. Embora eu me divirta com uma boa sessão de tortura, definitivamente não sou um idiota que se diverte com os sons que a acompanham.

O gorgolejo, aspirações e outros ruídos estranhos que os corpos fazem ao suportar dores extremas, e objetos estranhos atravessando-os não é uma trilha sonora com a qual eu dormiria.

E agora a pior parte, desmembrá-lo em pedaços e descartá-los adequadamente. Não confio em outras pessoas para fazerem isso por mim, então estou preso ao trabalho tedioso e sujo.

Suspiro. Como era aquele ditado? Se você quer algo bem-feito, faça você mesmo?

Bem, neste caso, se você não quer ser pego e acusado de assassinato, descarte o corpo você mesmo.

***

Parece que são dez horas da noite, mas são apenas cinco da tarde. Por mais fodido que esteja depois de lidar com pedaços de corpo humano, estou com vontade de comer um hamburgão.

Minha hamburgueria favorita fica logo ali na 3ª avenida, e não muito longe da minha casa. Estacionar é uma merda em Seattle, então sou forçado a estacionar a alguns quarteirões de distância e caminhar até lá.

Uma tempestade está se aproximando, e logo a chuva cairá sobre nós como adagas de gelo, clima típico de Seattle.

Assobio uma melodia qualquer enquanto ando pela rua, passando por uma série de lojas com pessoas entrando e saindo como um bando de formigas operárias.

À minha frente, há uma livraria com as luzes acesas, seu brilho quente iluminando a calçada fria e molhada, convidando os transeuntes para o seu aconchego. Quando me aproximo, percebo que está cheio de gente.

Dou uma última olhada antes de seguir em frente. Não tenho interesse

em livros de ficção, apenas leio aqueles que me ensinarão alguma coisa. Sobretudo sobre ciência da computação e hackear.

Neste momento, não há mais nada que esses livros possam me ensinar. Eu dominei o assunto e depois fui além.

Quando estou virando a cabeça para olhar para alguma outra merda, meus olhos ficam presos em uma placa do lado de fora da livraria, um rosto radiante sorrindo para mim.

Sem que eu perceba, meus pés desaceleram até ficarem colados na calçada de cimento. Alguém esbarra em mim por trás, sua pequena estatura mal me empurrando para frente, mas, de qualquer forma, consegue me tirar do estranho transe em que caí.

Eu me viro para encarar o cara enfurecido atrás de mim, sua boca se abrindo e se preparando para me xingar, mas no segundo em que olha o meu rosto cheio de cicatrizes, ele vai embora quase correndo. Eu riria se não estivesse tão distraído.

Diante de mim está a foto de uma autora que é a anfitriã de uma sessão de autógrafos.

Ela é incrível pra caralho.

Longos e ondulados cabelos castanhos avermelhados jogados sobre os ombros delicados. Pele macia e branca como marfim, com sardas pontilhando seu nariz e bochechas. Leves e esporádicas, sem sobrecarregarem seu rosto inocente.

Seus olhos são o que me atrai. Olhos sensuais e oblíquos, o tipo que parece sempre sedutor sem nem tentar. Eles são quase da mesma cor que o seu cabelo. Um marrom iluminado, que é incomum. Um olhar dessa garota e qualquer homem estaria de joelhos.

Seus lábios são carnudos e rosados, esticados em um sorriso radiante com dentes brancos e retos.

Eu reparo no nome abaixo da imagem.

Adeline Reilly.

Um belo nome digno de uma deusa.

Ela não tem aquela beleza plástica que você vê nas prateleiras de revistas. Embora ela pudesse facilmente participar de uma dessas capas sem nem precisar de photoshop e cirurgia, seus traços são naturais.

Já vi muitas mulheres bonitas na minha vida. Fodi muitas também.

Mas algo nela me cativa. Parece que um furacão está nas minhas costas, empurrando-me em direção a ela e não deixando margem para resistência. Meus pés me carregam para a livraria, minhas botas pretas encharcando o tapete de boas-vindas na entrada.

O único aroma preenchendo o ar é aquele que se obtém de livros usados, embora adulterado pelo grande grupo de pessoas que congestionam a área. Essa pequena estrutura não foi construída para abrigar mais do que as dez grandes estantes de livros que revestem o lado esquerdo da sala, o pequeno caixa do lado direito e talvez trinta pessoas. Agora, há uma grande mesa no meio da sala onde a autora está, e pelo menos o dobro do limite de ocupação lotando a loja abafada.

Está muito calor aqui. Muito lotado.

E um idiota ao meu lado continua cutucando o nariz, sua mão suja passando pelo livro que ele está segurando. Eu vislumbro *Reilly* na capa.

Pobre garota. Forçada a assinar um livro que provavelmente tem meleca por toda parte.

Abro a boca, pronto para dizer ao filho da puta que pare de cutucar suas narinas, quando parece que os portões do céu se abrem.

Naquele instante, as pessoas à nossa frente parecem se separar no ângulo perfeito, proporcionando-me uma visão clara. Eu só a vejo com o canto dos olhos no começo, mas o pequeno vislumbre é o suficiente para

fazer o meu coração disparar.

Minha cabeça gira como uma daquelas vadias assustadoras em um filme de exorcista, devagar, mas em vez de um sorriso maligno, tenho certeza de que pareço ter acabado de descobrir que há evidências de que a Terra é realmente plana ou alguma merda assim.

Porque isso também é cômico demais.

Oxigênio, palavras, pensamentos coerentes, toda essa merda me escapa quando vejo Adeline Reilly ao vivo pela primeira vez.

Merda.

Ela é ainda mais deslumbrante pessoalmente. A visão dela enfraquece meus joelhos e faz meu pulso acelerar.

Não sei se Deus realmente existe. Não sei se o ser humano sequer já pisou na lua. Nem se existem universos paralelos. Mas o que eu *sei* é que acabei de encontrar o sentido da vida sentado atrás de uma mesa com um sorriso incomodado no rosto.

Respirando fundo, encontro um lugar contra a parede no final da loja. Ainda não quero chegar muito perto.

Não.

Eu quero observá-la por um tempo.

Então eu fico na parte de trás, espiando por dezenas de cabeças para dar uma boa olhada nela. Dou graças pela minha altura, porque eu provavelmente seria bloqueado por todo mundo se fosse baixo.

Uma mulher alta e esbelta entrega um microfone à minha nova obsessão e, por um breve momento, parece que ela está pronta para fugir. Ela encara o microfone como se a mulher estivesse entregando uma cabeça decepada.

Mas o olhar desaparece em segundos, praticamente ausente quando sua expressão fica neutra. Então, ela pega o microfone e o leva aos lábios

trêmulos.

— Antes de começarmos...

Porra, a voz dela é rouca. O tipo que você só ouve mesmo em vídeos pornô. Eu mordo meu lábio inferior, segurando um gemido.

Eu me inclino contra a parede e a observo, absolutamente encantado com a pequena criatura diante de mim.

Algo sombrio e inexplicável surge no meu peito. É escuro, maligno e cruel. Até mesmo perigoso.

Tudo que quero fazer é a quebrar e despedaçar. E então organizar esses pedaços para encaixá-los contra os meus. Não me importo se não se encaixarem, eu os *farei* encaixar.

E eu sei que estou prestes a fazer algo ruim. Sei que cruzarei limites dos quais nunca poderei voltar, mas não há um pedacinho de mim que dê a mínima.

Porque estou obcecado.

Estou viciado.

E eu ultrapassarei com prazer todos os limites se isso significar tornar essa garota minha. Se isso significar *forçá-la* a ser minha.

Minha mente já estava decidida, a decisão se solidificando em meu cérebro. Naquele momento, seus olhos errantes deslizam direto para os meus, colidindo com uma força que quase me manda de joelhos ao chão. Seus olhos se arregalam levemente nos cantos, como se ela estivesse tão arrebatada por mim quanto eu por ela.

E então o leitor na sua frente desvia a sua atenção, e sei que preciso sair agora antes que eu faça algo estúpido, como sequestrá-la na frente de pelo menos cinquenta testemunhas.

Não importa. Ela não será capaz de escapar de mim agora.

Acabei de encontrar uma ratinha e não irei parar até capturá-la.

10 de abril de 1944

Meu visitante está aqui, do lado de fora da minha janela, ele me observa enquanto escrevo. Minha mão está tremendo, e não posso dizer se é de medo ou outra coisa. Eu não poderia explicar esse sentimento mesmo se eu tentasse. Tentei escrever esses sentimentos. Explicá-los. Mas nenhuma palavra parece ser suficiente.

Suponho que a melhor maneira de o descrever é emocionante.

Eu não sei o que há de errado comigo. Mas algo está muito errado, nem é preciso dizer.

Quando nossos olhos se conectam, perco o fôlego. Meu sangue pega fogo. Parece que um fio exposto toca o meu corpo.

É uma reação visceral, e temo estar me viciando nisso.

Ele está se aproximando agora. Eu continuo encontrando seus olhos, distraindo-me do que estou escrevendo.

Está se tornando comum agora. Minhas distrações. John começou a notar. Ele me enche de questionamentos, perguntando o que estou pensando.

Como posso dizer ao homem que amo que estou pensando em outro? Como posso dizer a ele que comecei a imaginar outro quando meu marido me beija? Quando ele me toca?

Meu visitante está se retirando, fugindo para a escuridão.

Eu temo este homem.

Mas, ainda assim, ainda estou muito intrigada.



CAPÍTULO 3

A MANIPULADORA



Não foi assim que imaginei passar a minha sexta à noite. Investigando as paredes de uma casa velha com Deus sabe que tipo de criaturas presas dentro.

Estou apenas esperando que um esquilo raivoso pule e agarre meu braço estendido, enlouquecido de fome e disposto a comer qualquer coisa por causa de tantos anos preso nas paredes, com nada além de insetos para se alimentar.

Meu braço está afundado no maldito buraco que Greyson criou, uma lanterna bem apertada em minhas mãos. Há apenas espaço suficiente para encaixar meu braço e parte da minha cabeça em um ângulo estranho para olhar ao redor.

Isso é estúpido. *Eu sou* estúpida.

No segundo em que ouvi a porta se fechar quando Greyson saiu, inspecionei o dano. Não é um buraco enorme, mas o que me preocupou foi o grande espaço entre as duas paredes. Pelo menos um metro de espaço. E por que mais construiriam dessa forma se não houvesse uma razão?

Parece que um ímã está me puxando para aquele espaço. E toda vez que tento me afastar, uma vibração profunda atravessa os meus ossos. As pontas dos meus dedos fervilham com a necessidade de estender a mão. Para apenas dar uma olhada dentro do vazio insondável e encontrar o que está chamando meu nome.

Agora aqui estou, curvada e me enfiando em um buraco. Acho que, como não consegui preencher o meu hoje à noite, eu poderia muito bem ter alguma ação dessa forma.

A lanterna do meu celular revela vigas de madeira, teias de aranha grossas, poeira e carcaças de insetos no interior da parede. Viro na outra direção e aponto a luz para o outro lado. Nada. As teias são muito grossas para ver direito, então uso meu telefone como um bastão e começo a derrubar algumas delas.

Juro que se eu deixá-lo cair, eu vou ficar *puta*. Não haverá como recuperá-lo e terei que comprar um novo.

Eu estremeço com a sensação das teias finas iguais fios de cabelo roçando a minha pele, imitando a sensação de insetos rastejando em mim. Eu me viro para a esquerda e aponto a luz mais uma vez.

Eu derrubo mais algumas teias de aranha, pronta para desistir e ignorar o canto de sereia que me colocou nessa situação idiota em primeiro lugar.

Ali.

Um pouco mais adiante no corredor há algo reluzindo na luz. Apenas uma pequena pista de algo, mas é o suficiente para eu pular de emoção, batendo minha cabeça no gesso grosso e derrubando lascas pelo meu cabelo.

Ai.

Ignorando o latejar na parte de trás da minha cabeça, tiro o meu braço e corro pelo corredor, estimando a distância até onde vi o objeto misterioso.

Agarrando um porta-retrato, eu o desengancho de seu prego e o coloco

de modo suave no chão. Faço isso várias vezes até encontrar uma foto da minha bisavó sentada em uma bicicleta retrô, com um buquê de girassóis na cesta. Ela tem um sorriso largo, e mesmo que a foto seja em preto e branco, eu sei que ela está usando batom vermelho. A vovó disse que passava seu batom vermelho antes mesmo de colocar seu café.

Eu puxo o porta retrato da parede e sufoco um arquejo quando vejo um cofre verde estilo militar na minha frente. É antigo, com uma simples trava de segredo como fechadura. A excitação queima em meus pulmões enquanto meus dedos deslizam sobre ela.

Descobri um tesouro. E acho que devo agradecer a Greyson por isso. Embora eu goste de pensar que eu teria tirado esses retratos eventualmente para não ter mais meus ancestrais menosprezando minhas decisões bastante questionáveis.

Estou encarando o cofre quando uma brisa fria passa pelo meu corpo, congelando meu sangue. A súbita mudança de temperatura me faz virar, meus olhos vasculhando o corredor vazio.

Meus dentes batem, e acho que até vejo a condensação da minha respiração sair da boca. E tão rápido quanto veio, isso se dissipa. Lentamente, meu corpo aquece até uma temperatura normal, mas o frio na minha espinha permanece.

Eu sou incapaz de tirar meus olhos do espaço vazio, esperando que algo aconteça, mas conforme os minutos passam, eu apenas fico parada ali.

Foco, Addie.

Abaixando gentilmente o retrato, decido ignorar o frio estranho e pesquisar no Google como arrombar um cofre. Depois de encontrar vários fóruns que listam o passo a passo, corro em direção à caixa de ferramentas do meu avô que está juntando poeira na garagem.

Nunca usaram o espaço para carros, mesmo quando a vovó era dona da

casa. Em vez disso, acumulavam gerações de porcarias, que é em sua maioria ferramentas do meu avô e algumas bugigangas da casa. Pego as ferramentas que preciso, subo as escadas correndo e prossigo para forçar a abertura do cofre. A coisa velha é muito ruim em termos de proteção, mas suponho que quem escondeu esta caixa aqui não esperava que alguém a encontrasse. Pelo menos, não enquanto vivessem.

Várias tentativas fracassadas, ataques de gemidos frustrados e um dedo esmagado depois, finalmente abro o desgraçado. Usando minha lanterna de novo, encontro dentro três livros encadernados em couro marrom. Nenhum dinheiro, nem joias. Nada de valor mesmo, pelo menos não de valor monetário.

Eu não esperava por essas coisas, honestamente, mas ainda estou surpresa por não encontrar nenhum dos dois, considerando que é para isso que a maioria das pessoas usa cofres.

Eu estico os braços e agarro os diários, deleitando-me com a sensação do couro macio e suave sob meus dedos. Um sorriso se abre em meu rosto enquanto arrasto meus dedos sobre o escrito na capa do primeiro livro.

Genevieve Matilda Parsons.

Minha bisavó, mãe da vovó. A mesma mulher na foto que escondia o cofre, famosa por seu batom vermelho e sorriso radiante. A vovó sempre dizia que ela gostava de ser chamada de Gigi.

Uma rápida olhada nos outros dois livros revela o mesmo nome. Os diários dela? Têm que ser isso.

Atordoada, vou para o meu quarto, fecho a porta atrás de mim e me acomodo na minha cama de pernas cruzadas. Um cordão de couro está enrolado em cada livro, mantendo-os fechados. O mundo exterior desaparece quando pego o primeiro diário, desembrulho cuidadosamente o cordão e abro o livro.

É *um* diário. Cada página tem um texto em uma grafia feminina. E no final de cada página está a marca de beijo de batom da minha bisavó.

Ela morreu antes de eu nascer, mas cresci ouvindo inúmeras histórias sobre ela. A vovó disse que herdou sua personalidade selvagem e língua afiada de sua mãe. Eu me pergunto se a vovó sabia dos diários. Se ela já os leu.

Se Genevieve Parsons é tão selvagem quanto a vovó dizia que era, então imagino que esses diários tenham todos os tipos de histórias para me contar. Sorrindo, abro os outros dois livros e confirmo a data na primeira página de cada um para garantir que estou começando do início.

Então, passo a noite toda acordada lendo, e ficando mais perturbada a cada registro.

***

Um baque vindo de baixo me acorda de um sono inquieto. Parece que estou sendo arrancada de uma névoa profunda e persistente que permanece no fundo do meu cérebro.

Abrindo os meus olhos, olho para a porta fechada, focando no contorno fraco até meu cérebro processar o que ouvi. Mas meu coração está bem à frente, o músculo batendo dentro do meu peito rapidamente, enquanto os pelos da minha nuca se arrepiam.

Uma nuvem de desconforto se infiltra na boca do meu estômago, e só alguns segundos depois percebo que o som que ouvi foi a porta da frente se fechando.

Lentamente, eu me sento e saio de debaixo das cobertas. A adrenalina está correndo pelo meu sistema agora, e estou bem acordada.

Alguém estava dentro da minha casa.

O som poderia ter sido qualquer coisa. Poderia ter sido a fundação se assentando. Ou merda, até mesmo alguns fantasmas brigando. Mas da mesma forma que seu instinto lhe diz que algo ruim vai acontecer, o meu está me dizendo que alguém estava na porra da minha casa.

Foi a pessoa que bateu na minha porta? Tem que ser, certo? É muita coincidência ter um estranho deliberadamente caminhando mais de um quilômetro até o casarão apenas para bater na porta e ir embora. E agora está de volta.

Se é que alguma vez partiu.

Tremendo, eu me levanto da cama, um vento frio avança sobre mim e cobre minha pele de arrepios. Eu tremo, pegando meu telefone da mesinha de cabeceira e caminho levemente até a porta. Devagar, eu abro e me encolho com o rangido alto que ressoa.

Preciso do Homem de Lata para lubrificar as dobradiças da minha porta tanto quanto preciso da bravura do Leão. Estou tremendo como uma folha, mas me recuso a me acovardar e deixar alguém andar pela minha casa livremente.

Virando o interruptor, as poucas luzes que funcionam piscam, iluminando o corredor apenas o suficiente para minha mente pregar peças em mim e conjurar pessoas das sombras que residem logo além da luz. E enquanto caminho lentamente em direção à escada, sinto os olhos das fotos que revestem as paredes me observando enquanto passo.

Observando enquanto cometo mais um erro estúpido. Como se estivessem dizendo – g*arota estúpida, você está prestes a ser morta.*

Cuidado.

Estão bem atrás de você.

O último pensamento me faz engasgar e me virar, embora eu saiba que ninguém está realmente atrás de mim. A porra do meu cérebro estúpido é um

pouco imaginativo demais.

Uma característica que faz maravilhas pela minha carreira, mas eu não aprecio isso neste exato momento.

Avançando mais rápido, desço as escadas. Imediatamente, acendo as luzes, estremecendo com o brilho que queima minhas retinas.

Melhor que a alternativa.

Eu morreria na hora se estivesse procurando com um único feixe de luz e encontrasse alguém à espreita na casa dessa forma. Em um segundo, ninguém está lá, e no segundo seguinte, *olá*, aí está o meu assassino. Não, muito obrigada.

Quando não encontro ninguém na sala ou na cozinha, eu me viro e giro a maçaneta da porta da frente. Ainda está trancada, o que significa que quem saiu de alguma forma conseguiu trancar a porta.

Ou nunca foi embora.

Respirando profundamente, atravesso a sala de estar e entro na cozinha, indo direto para as facas.

Mas eu pego um vislumbre de algo em cima da ilha, bem no canto da minha visão periférica, o que me faz congelar no lugar. Meus olhos saltam para o item, e um xingamento escapa dos meus lábios quando vejo uma única rosa vermelha na bancada.

Olho para a flor como se fosse uma tarântula viva, olhando diretamente para mim e me desafiando a me aproximar. Se o fizer, com certeza, vai me comer viva.

Soltando um suspiro trêmulo, eu arranco a flor da bancada e a rolo em meus dedos. Os espinhos foram cortados do caule, e tenho a estranha sensação de que isso foi feito de propósito para evitar que meus dedos fossem espetados.

Mas essa ideia é louca. Se alguém entra sorrateiramente na minha casa

à noite e me deixa flores, suas intenções são exatamente o oposto de virtuosas. Estão tentando me assustar.

Cerrando o meu punho, esmago a flor na palma da minha mão e a jogo no lixo, e depois retomo à minha missão original. Eu abro a gaveta, os talheres tilintando alto no silêncio, então a fecho depois de escolher a maior faca. Estou irritada demais para ser quieta e sorrateira.

Quem quer que esteja escondido aqui vai me ouvir vindo de longe, mas não me importo. Não tenho vontade de me esconder.

Estou fervendo de ódio agora.

Não gosto que alguém pense que pode simplesmente invadir minha residência enquanto durmo no andar de cima. E sobretudo, não gosto que alguém faça eu me sentir vulnerável em minha própria casa.

E ainda ter a ousadia de me deixar uma flor como um maldito esquisito? Podem ter deixado aquela rosa impotente ao cortar seus espinhos, mas eu mostrarei com prazer que uma rosa ainda é mortal quando empurrada goela abaixo.

Eu checo o andar principal e o segundo andar, mas não encontro ninguém esperando por mim. Não é até eu estar no final do corredor no segundo andar, olhando para a porta que leva ao sótão, que minha busca chega a uma parada brusca.

Estou congelada no local. Toda vez que tento forçar meus pés para frente, eu me repreendo por não estar procurando em todos os cômodos do casarão, mas não consigo me mover. Cada um dos meus instintos está gritando comigo para não chegar perto daquela porta.

Que encontrarei algo aterrorizante se o fizer.

O sótão era onde a vovó costumava se refugiar, passando os dias lá em cima tricotando enquanto cantarolava uma música, vários ventiladores soprando nela de todas as direções durante o verão. Juro que alguns dias ouço

essas músicas vindo do sótão, mas nunca consegui ir lá em cima e olhar.

Um feito que, aparentemente, não irei superar esta noite também. Não tenho coragem de subir lá. A descarga de adrenalina está acabando, e a exaustão está pesando sobre meus ossos.

Suspirando, arrasto meus pés de volta para a cozinha e pego um copo de água. Eu engulo tudo em três goles antes de encher e esvaziar novamente.

Eu escorrego para a banqueta do balcão em frente à ilha, finalmente baixando a faca. Uma fina camada de suor molha minha testa, e quando me inclino e a coloco contra a bancada de mármore fria, sinto calafrios por todo o meu corpo.

A pessoa se foi, mas minha casa não é a única coisa que invadiram esta noite.

Estão na minha cabeça agora, exatamente como queriam.

***

— Alguém invadiu minha casa ontem à noite — confesso, meu telefone preso entre minha orelha e ombro. A colher tilinta na caneca de cerâmica enquanto mexo meu café. Estou no meu segundo copo, e ainda parece que tenho halteres no lugar dos olhos, e minhas pálpebras estão perdendo uma batalha de levantamento de peso.

Depois que o maluco foi embora na noite anterior, não consegui voltar a dormir, então verifiquei a casa inteira, confirmando que todas as janelas estavam trancadas.

Descobrir que estavam me perturbou ainda mais. Todas as portas e janelas estavam trancadas antes e depois de partirem. Então, como diabos entraram e saíram?

— Espera aí, você disse o quê? Alguém *invadiu* a sua *casa*? — Daya

grita.

— Sim — digo. — Deixaram uma rosa vermelha na minha bancada.

Silêncio. Nunca pensei que veria o dia em que Daya Pierson ficaria sem palavras.

— Mas isso não foi tudo o que aconteceu. Suponho que isso foi apenas o pior de tudo no grande esquema da desgraça da noite passada.

— O que mais aconteceu? — ela pergunta rispidamente.

— Bem, Greyson é um idiota. Ele estava tentando localizar um buraco misterioso no meu pescoço com a língua quando alguém bateu na minha porta da frente. E estou falando, bateu *forte*. Fomos olhar e não tinha ninguém lá. Estou assumindo que foi meu novo amigo que fez isso.

— Você está falando sério, porra?

Eu explico o resto. Demoro um pouco reclamando sobre a babaquice de Greyson. Em seguida, conto sobre seu punho entrando na minha parede e sua saída dramática. Não menciono o cofre e os diários que encontrei, nem o que li neles. Ainda não processei, ou a ironia de ler sua história de amor sórdida e depois, alguém invadir minha casa na mesma noite.

— Eu vou aí hoje — declara Daya quando termino.

— Eu tenho que esvaziar a casa hoje para me preparar para as reformas — respondo, já exausta só de pensar nisso.

— Eu ajudo então. Vamos beber de dia para ficar mais interessante.

Um pequeno sorriso se forma no meu rosto. Daya sempre foi uma grande amiga para mim.

Ela é minha melhor amiga desde o ensino médio. Mantivemos contato após a formatura, mesmo depois que nos mudamos para faculdades diferentes. Nos últimos anos, a vida de ambas só permitia que nos víssemos nos feriados e em uma feira anual de terror.

Abandonei a faculdade depois de um ano e segui minha carreira de

escritora, enquanto Daya se formou em Ciência da Computação. De alguma forma, ela se infiltrou em algum grupo de hackers e é praticamente uma vigilante do povo, expondo os segredos do governo ao público.

Ela é uma grande defensora de teorias de conspiração, mas até eu posso admitir que a merda que ela encontra é perturbadora e tem evidências demais para continuar a ser considerada uma teoria.

Independente disso, os nossos trabalhos nos permitem ter mais liberdade em nossa vida cotidiana. Somos mais sortudas do que a maioria.

— Eu realmente agradeço isso. Vejo você em breve — digo antes de desligar.

Suspiro e olho para os diários na ilha à minha frente. Ainda não terminei de ler o primeiro livro, e estou nervosa em continuar. A cada palavra lida, quero repudiar a Gigi.

Quase tanto quanto quero ser ela.

12 de abril de 1944

Ele veio novamente. Atrevo-me a dizer que ficaria desapontada se não o fizesse. John saiu para o trabalho e Serafina foi para a escola. No minuto em que a casa esvaziou, eu esperei na janela. Não me orgulho disso, devo admitir.

Desta vez, ele entrou na casa. Eu congelei ao ver isso. Aterrorizada com o que ele faria, mas também antecipando seu próximo passo.

Quando ele revelou todo o seu rosto para mim, sem sombras escondendo suas feições, minha respiração ficou presa.

Ele é lindo. Olhos azuis penetrantes. Um maxilar forte. E grande. Muito grande.

Ele se aproximou de mim, ainda se recusando a falar. Acariciou meu rosto com os dedos. Tão suavemente. Ele traçou as minhas feições, deixando seus dedos deslizarem pela minha pele.

Estremeci sob seu toque e ele sorriu. Seu sorriso fez meu coração parar no meu peito.

Então ele foi embora. Saiu sem dizer uma palavra.

Quase implorei para ele voltar, mas me contive.

Ele voltará.



CAPÍTULO 4

A MANIPULADORA



Sua avó era uma *aberração* — Daya diz antes de segurar uma lingerie velha e empoeirada. Eu recuo, perturbada pela visão na minha frente. Minha amiga idiota está segurando as laterais da calcinha de renda e balançando a língua de forma provocante. Ou o que deveria ser provocante.

Estou muito mais perturbada do que qualquer coisa agora.

— Por favor, pare.

Ela revira os olhos dramaticamente, imitando um orgasmo, que acaba parecendo mais um exorcismo para mim.

— Você está sendo totalmente inapropriada agora. E se a minha vovó puder ver você?

Isso a faz parar. A calcinha cai, e a expressão se desfaz também.

— Você acha que ela é um fantasma? — ela pergunta, seus olhos arregalados vasculhando a casa como se o fantasma da vovó estivesse prestes a brincar de esconde-esconde com ela. Eu reviro os olhos. Vovó provavelmente faria isso se pudesse também.

— A vovó amava essa casa. Eu não ficaria surpresa se ela tivesse ficado. — Encolho os ombros com indiferença. — Eu vi aparições e muita merda inexplicável acontecer.

— Você realmente sabe como deixar uma vadia sóbria, sabe disso? — ela reclama, jogando a lingerie na lixeira com mais agressividade do que necessário. Eu sorrio, satisfeita com sua avaliação. O que quer que a faça parar de sacudir a calcinha encardida da vovó na minha cara.

— Eu vou fazer outra bebida para nós — eu a tranquilizo, levantando um enorme saco de lixo e colocando-o sobre meu ombro. Não tenho orgulho da respiração ofegante que sai dos meus pulmões ou da transpiração que imediatamente sinto surgir.

Eu realmente preciso parar de beber e malhar mais.

Vou fazer disso uma resolução de ano novo. É praticamente certo que vou tentar por uma semana e desistir, prometendo tentar de novo no próximo ano. Isso acontece sempre.

— Faça extraforte. Vou precisar disso agora que sinto que há demônios me observando.

Eu reviro meus olhos mais uma vez.

— Apenas faça um pequeno strip-tease. Isso deve assustá-los — digo impassível.

Uma lufada de ar próxima ao meu ouvido faz meu cabelo dançar, e um segundo depois, um rolo de fita adesiva atinge a parede na minha frente. Saio gargalhando, o som dos xingamentos de Daya me seguindo para fora do cômodo.

Ela sabe muito bem que é linda, e é por isso que costumo provocá-la sobre ser o oposto. Alguém tem que humilhar a vadia sexy de vez em quando. Seu ego ficará grande demais para este planeta se eu não o fizer.

Despejo o saco de lixo na porta da frente e vou até a cozinha. Pego

suco de abacaxi na geladeira e me viro para a ilha para começar a fazer mais bebidas.

Puxo uma respiração curta. Meus pulmões se contraem e um frio invade minhas veias, meu sangue circulando como lascas de gelo.

Na ilha há um copo de uísque vazio com outra única rosa vermelha ao lado. Só resta uma gota do uísque do meu avô.

O copo não estava aqui antes. Nem Daya e nem eu, saímos do segundo andar na última hora, ambas enfiadas até a cintura em coisas de gente velha.

Eu rodeio os dois objetos, como se fossem uma píton adormecida e pudessem me morder a qualquer momento.

Meu coração troveja em meus ouvidos enquanto estendo hesitante a mão e pego o copo, inspecionando-o como se fosse uma Bola 8 Mágica que revelaria a pessoa que bebeu dele.

Claramente, ninguém está nesta cozinha comigo. Posso ver a porta da frente de onde estou. No entanto, meus olhos vasculham toda a extensão dela e da sala de estar, procurando a pessoa que se esgueirou para dentro da casa, pegou um copo e uma garrafa de uísque e começou a tomar a bebida. Enquanto isso, minha melhor amiga e eu estávamos lá em cima, nenhuma das duas ciente do perigo à espreita abaixo de nós.

Eu não tinha ouvido ninguém entrar. Nem um único som.

Com raiva, vou em direção à porta da frente e giro a maçaneta. Trancada. Assim como sempre está. Mas inutilmente, ao que parece, uma vez que uma casa trancada não é suficiente para manter um tarado do lado de fora.

— Onde está a bebida, vadia? Estou ouvindo sussurros e merdas assim — Daya chama alto do segundo andar.

— Estou indo! — grito de volta, minha voz tremendo.

Volto para a cozinha, ainda procurando como se houvesse um buraco

de minhoca para outro universo e o maluco fosse aparecer a qualquer momento.

Há uma entrada no lado direito da cozinha que se conecta ao corredor do outro lado da escada. A escuridão transborda das profundezas de lá. A pessoa poderia estar naquele corredor, à espreita e fora de vista. Ou até mesmo se escondendo em um dos quartos, esperando-me passar.

Outra onda de adrenalina corre pela minha corrente sanguínea. Eu poderia ser uma daquelas vadias idiotas que você vê em filmes de terror que vão investigar algo, e que você quer gritar com elas por serem estupidas.

Eu quero mesmo ter uma possível morte dessa maneira? A garota estúpida que simplesmente não saiu de casa ou pediu ajuda? Ou me deixarei ser intimidada por alguns idiotas que pensam que podem entrar na minha casa quando quiserem, beber o uísque do meu avô e deixar evidências como se não se importassem se fossem pegos?

Isso me faz pensar, eles se incomodariam em se esconder? Eles obviamente têm uma forma de entrar na casa sem serem detectados. Qual seria o sentido de se esconder em um quarto ou em um corredor escuro? Eles poderiam facilmente se esgueirar de mim a qualquer momento. Entrar e sair como quiserem.

Esse conhecimento me deixa profundamente irritada e igualmente impotente. De que adiantaria trocar as fechaduras quando elas não são um obstáculo para começo de conversa?

Respirando fundo, decido fazer o papel de vadia estupida. Agarrando uma faca, vasculho a casa inteira, ando em silêncio e com passos leves. Não quero assustar Daya sem necessidade.

Quando não encontro nada, volto para a cozinha, pego a rosa, arranco as pétalas do caule e as coloco no copo vazio.

Parte de mim quase espera que voltem para que possam ver minha

pequena obra-prima.

***

— Não vou mentir, estou com medo por você — admite Daya, demorando-se na frente da porta. Ela passou o dia inteiro limpando a casa comigo. Aluguei uma grande lixeira e carregamos tudo até que nenhuma de nós conseguisse mais levantar os braços.

Dez horas e várias viagens para Goodwill depois, terminamos de limpar o casarão. Meus avós nunca foram acumuladores, mas é fácil acumular bugigangas e itens que você acha que vai precisar, mas nunca precisa.

Depois que vovó morreu, minha mãe vasculhou a casa inteira e vendeu ou doou a maioria das coisas aqui. Caso contrário, poderia ter levado semanas, se não meses.

— Não tenha medo, eu vou ficar bem — digo.

Levei a maior parte do dia, mas depois de beber mais alguns drinques, criei coragem suficiente para contar a Daya sobre o copo de uísque. Seria errado esconder que alguém entrou na casa enquanto ela estava nela. Não seria justo não dar a ela a opção de ir embora.

Ela surtou, é claro, e passou o resto do dia tentando me convencer a ficar na casa dela. Mas não irei ceder. Estou cansada de pessoas tentando me expulsar desta casa. Primeiro meus pais, mais precisamente minha mãe, e agora algum filho da puta doente que se diverte sendo um pervertido.

Estou com medo, mas também sou burra.

Então, não vou embora.

Honestamente, fiquei surpresa por Daya ter ficado no casarão. Seus olhos estavam vacilantes, e ela provavelmente disse a frase *que barulho foi esse?* Milhares de vezes.

Mas não tivemos nenhum incidente desde então.

Agora ela permanece na minha porta, recusando-se a me deixar aqui sozinha.

— Deixe-me ficar com você — ela diz novamente pela milionésima vez.

— Não. Eu não vou te colocar em perigo.

Ela estala os dedos para mim, a raiva reluzindo em seus olhos verdes.

— Viu, aí está. Isso é a porra de um problema. Se você considera perigoso eu ficar aqui, então por que não é para você? — Abro a boca para responder, mas ela me interrompe. — Em perigo! Isso também te coloca em perigo, Addie. Por que você ficaria aqui?

Eu suspiro e esfrego minha mão no meu rosto, ficando frustrada. Não é culpa de Daya. Eu também estaria enlouquecendo e questionando sua sanidade se os papéis fossem invertidos.

Mas eu me recuso a fugir. Não consigo explicar, mas parece que estou deixando eles vencerem. Tinha retornado ao Casarão Parsons há apenas uma semana e já estou sendo expulsa.

Eu não posso explicar por que tenho a necessidade de me manter firme. Testar essa pessoa misteriosa. Desafia-la e mostrar que não tenho medo dela.

Embora *isso seja* uma puta mentira. Estou absolutamente apavorada. No entanto, estou tão obstinada quanto. E como já estabelecido, sou burra também. Não consigo encontrar em mim forças para me afastar agora.

Pergunte-me novamente quando estiverem ao lado da minha cama me observando dormir, daí eu vou pensar de forma diferente, tenho certeza.

— Eu vou ficar bem, Daya. Prometo. Estou dormindo com uma faca de açougueiro debaixo do travesseiro. Vou me trancar no quarto se for preciso. Quem sabe se vão voltar?

Meu argumento é fraco, mas suponho que nem estou realmente

tentando neste momento. Porra, eu não vou embora.

Por que estar em lugares públicos e ambientes sociais me faz querer atear fogo em mim mesma, mas quando alguém invade minha casa, eu me sinto corajosa o suficiente para ficar?

Também não faz sentido na minha cabeça.

— Eu não me sinto bem deixando você aqui. Se você morrer, o resto da minha vida estará arruinada. Eu vou viver na miséria, atormentada pelas perguntas de *e se*. — Com todo o drama que aprendeu no teatro, ela olha para o teto e coloca um dedo contemplativo no queixo. — Será que ela ainda estaria viva se eu tivesse arrastado a vadia para fora de casa pelos cabelos? — ela se pergunta em voz alta com uma voz excêntrica, zombando de uma possível Daya do futuro e de mim.

Eu franzo a testa. Prefiro não ser arrastada pelos meus cabelos. Demorou muito para crescer.

— Se eles voltarem, vou chamar a polícia imediatamente.

Exasperada, ela deixa cair a mão e revira os olhos, seus gestos transbordando atrevimento. Ela está brava comigo.

Com razão.

— Se você morrer, vou ficar tão zangada com você, Addie.

Eu lhe dou um pequeno sorriso.

— Eu não vou morrer.

Eu espero.

Ela grunhe, agarra minha mão com força e me puxa para um abraço feroz. Ela está aceitando a minha decisão, e tudo o que posso sentir é um imenso alívio com um toque de arrependimento.

— Ligue se voltarem.

— Ligarei — minto. Ela sai sem dizer outra palavra, batendo a porta atrás dela.

Respiro fundo, pego uma faca da gaveta e, cansada, vou até o banheiro. Eu preciso de um banho longo e quente, e se o idiota escolher me interromper agora, ficarei feliz em esfaqueá-lo por isso.

16 de maio de 1944

John tem me questionado ultimamente. Sempre me perguntando o que faço quando estou sozinha em casa. Digo a ele que cuido da casa e faço crochê. Sera tem quatorze anos e pode fazer a tarefa de casa sozinha agora. Então eu apenas me certifico de que ele tenha uma refeição quente quando chegar em casa para. Meus deveres normais e mundanos de esposa.

Ele está desconfiado de mim.

Ele está começando a notar uma mudança no meu comportamento.

Não posso negar, tenho agido diferente ultimamente. Desde que o homem estranho entrou na minha vida. Pela minha janela.

Ele ainda não falou comigo. Não importa quantas vezes eu implore. Perguntando a ele qual é o seu nome. De onde ele veio. Como ele me conhece. O que ele quer de mim.

Nada disso funciona.

Quero tanto ouvir sua voz que comecei a lhe oferecer coisas. Coisas que não deveria.

Um beijo. Um toque. Ele sorri para mim, mas não cede.

Seus dedos deslizam em minha bochecha, e então ele se afasta, deixando-me esperando pela próxima vez que ele aparecer.



CAPÍTULO 5

A MANIPULADORA



A brisa força o meu corpo para frente, como se me incitasse a pular. A dar o salto e mergulhar para a minha morte.

Você não vai se arrepender.

Esse pequeno e intrusivo pensamento permanece. No entanto, de alguma forma, sinto que colidir com rochas afiadas seria lastimável, para dizer o mínimo. E se eu não morrer imediatamente? E se eu milagrosamente sobreviver à queda e for forçada a ficar deitada ali, quebrada e ensanguentada, até que meu corpo finalmente ceda?

Ou se meu corpo se recusar a ceder e eu for forçada a viver o resto da minha vida como um vegetal?

Tudo isso é lastimável.

Sou tirada de minhas reflexões quando ouço alguém tossindo.

— Senhora?

Viro a cabeça para ver um homem alto e mais velho com uma suavidade em seu semblante que quase me conforta. Seu cabelo grisalho e

ralo está emaranhado na testa por causa do suor, e suas roupas estão manchadas de sujeira e lama.

Seus olhos saltam entre mim e a beira do penhasco em que estou, emanando uma energia nervosa. Ele acha que eu vou pular. E enquanto continuo olhando para ele, percebo que não estou dando nenhum motivo para pensar o contrário.

Ainda assim, não me movo.

— Estamos indo embora por hoje — o homem me informa.

Ele e sua equipe estiveram reconstruindo minha varanda da frente o dia todo, dando-lhe a reforma de que tão desesperadamente precisava. Além de garantir que meu pé não atravessasse a madeira podre e provavelmente me desse uma infecção.

Ele me olha de cima a baixo, sua sobrancelha abaixando enquanto sua preocupação parece se aprofundar. A brisa sopra forte, girando em torno de nós e agitando o meu cabelo. Eu afasto os fios e vejo que ele ainda está me olhando atentamente.

Quando eu era mais jovem, vovó se recusava a me deixar chegar perto do penhasco. Ele fica a apenas uns bons quinze metros do casarão e a vista é de tirar o fôlego, especialmente quando o sol se põe. Mas à noite, é impossível ver onde fica à beira do penhasco sem uma lanterna.

Neste momento, o sol está se pondo no horizonte, lançando este solitário pedaço de terra em sombras escuras. Estou a um metro de distância do perigo, a vida e a morte separadas por uma borda rochosa. Em breve, ele desaparecerá.

E se eu não tomar cuidado, também irei.

— Você está bem, senhorita? — ele pergunta, dando um único passo à frente. Por instinto, dou um passo para trás, em direção à beira do penhasco. Os olhos castanhos do homem se arregalam, ele imediatamente para e levanta

as mãos, como se estivesse tentando me impedir de reagir. Ele estava apenas tentando ajudar, não me assustar. E eu fui e dei um susto nele em troca.

Suponho que estive fazendo isso a todo esse tempo.

Eu olho para trás, meu coração se alojando na garganta quando vejo o quão perto eu estava de cair. Tudo o que posso sentir naquele momento é puro terror. E como um relógio, o sentimento inebriante e familiar se instala no meu estômago, como água circulando pelo ralo.

Algo está claramente errado comigo.

Envergonhada, eu me afasto alguns passos do penhasco e dou a ele um olhar de desculpas.

Estou no limite.

Rosas vermelhas aparecem em todos os lugares que eu vou agora. Já se passaram três semanas desde que encontrei o copo de uísque e a rosa na minha bancada.

Depois que Daya foi embora, tomei um banho quente e demorado e, durante esse tempo, decidi que precisava começar a registrar o que está acontecendo. Deixar algum tipo de evidência para trás. Dessa forma, se eu for morta ou desaparecer, saberão exatamente o porquê.

Quando saí do banho, o copo vazio com pétalas arrancadas tinha sumido, fazendo qualquer calor do meu corpo desaparecer.

Eu imediatamente chamei a polícia naquela noite. Eles me agraciaram com um boletim de ocorrência, mas me disseram que encontrar uma rosa em lugares estranhos ao redor da minha casa não é evidência suficiente para fazerem alguma coisa.

Desde então, as incidências aumentaram. Não tenho certeza do momento exato em que percebi que tinha um stalker, mas ficou claro que é exatamente o que está acontecendo nas últimas três semanas.

Entrei no meu carro para ir à minha cafeteria favorita para escrever e

esperando por mim no meu assento está uma rosa vermelha. Outra dentro do carro que estava trancado, e que ainda estava assim quando me aproximei.

Nunca há uma nota anexada. Nunca qualquer tipo de comunicação que não seja as rosas vermelhas com espinhos aparados.

Minha paranoia só aumentou quando as reformas começaram há duas semanas. Inúmeras pessoas entraram e saíram enquanto consertavam e substituíam a estrutura da casa. Eletricistas, encanadores, trabalhadores de construção civil e paisagistas, estiveram todos aqui.

Substituí todas as janelas do Casarão Parsons e instalei fechaduras novas em todas as portas, mas, como suspeitei, não fez diferença.

Sempre encontravam uma forma de entrar.

Poderia ser qualquer uma das pessoas que entravam na minha casa. Admito que interroguei alguns dos pobres trabalhadores só para ver se agiriam de forma suspeita, mas todos me olharam como se eu estivesse perguntando se eles poderiam me vender um pouco de crack.

— Senhora? — O homem chama novamente. Eu balanço minha cabeça, uma triste tentativa de voltar a me concentrar na conversa.

— Eu sinto muito, estava com a cabeça em outro lugar. — Eu me apresso a dizer, acenando com as mãos na minha frente em um gesto apaziguador.

Eu me sinto uma idiota pelo meu comportamento.

Se eu tivesse caído, o pobre rapaz provavelmente teria se culpado. A terra poderia facilmente ter cedido comigo em cima, ou eu poderia ter dado um passo muito grande e caído para a minha morte só porque ele estava preocupado.

Ele teria vivido o resto de sua vida com culpa, e quem sabe o que teria acontecido com ele por causa disso.

— Tudo bem — diz ele, ainda me olhando com uma pitada de cautela.

Ele levanta o polegar sobre o ombro. — Bem, estaremos de volta amanhã para colocar o corrimão.

Eu aceno em acordo, girando os dedos.

— Obrigada — respondo baixinho.

No segundo que ele sair, vou começar a lamentar sobre como quase arruinei sua vida, e mesmo que ele pareça incrivelmente legal, eu posso dizer que ele não quer nada mais do que simplesmente ir embora. Mas sua bondade persiste. Ou aquela necessidade insistente de ter certeza de que ele irá embora sem culpa alguma.

— Você precisa que eu chame alguém?

Sorrio e balanço a cabeça.

— Eu sei que parecia ruim, mas juro que eu não ia pular.

Seus ombros relaxam, e seu rosto suaviza em alívio.

— Bom — diz ele, assentindo. Ele começa a se virar, mas depois para. — Ah, tem um buquê de rosas esperando por você lá fora.

Meu coração para durante uns sólidos cinco segundos antes de voltar a bater em alta velocidade e subir pela minha garganta.

— O-o quê? De quem?

Ele dá de ombros.

— Eu não sei. Elas estavam lá quando voltamos do almoço mais cedo. Tinha esquecido delas até agora. Eu posso ir pegar o…

— Está tudo bem! — Eu o interrompo às pressas. Seus dentes se fecham, e outro olhar estranho passa em seu rosto. Este homem, com certeza, pensa que sou doida.

Ele assente mais uma vez com um último olhar preocupado antes de se virar e caminhar de volta para a frente do casarão. Soltando um suspiro pesado, espero até que ele desapareça de vista antes de fazer meu próprio caminho de volta.

Seria estranho andar atrás dele, duas pessoas indo na mesma direção que não têm interesse em conversar uma com a outra.

Isso me dá arrepios.

Quando dou a volta para a frente da casa, primeiro paro para admirar a beleza da nova varanda preta. O exterior foi reformado, ainda todo preto, mas com novo revestimento e pintura fresca. Eu mantive as vinhas e limpei as gárgulas, e embora a pedra esteja lascada e desgastada, eles adicionam personalidade ao casarão assombrado. Parece que meu gosto não é mais colorido e brilhante do que o dos meus antecessores.

Então meus olhos saltam para o buquê de flores vermelhas encostado na porta. Parece que foram colocadas lá por um dos membros da equipe, supondo que não quisessem entrar na minha casa sem minha permissão.

Meus olhos contornam a propriedade. Os raios do sol estão quase desaparecendo, e não consigo ver porra nenhuma a um metro e meio da linha das árvores. Se alguém estiver além desse ponto, pode estar me observando, e eu não saberia.

Sentindo uma súbita urgência, pego as rosas, corro para dentro, bato a porta e a tranco. Aninhado cuidadosamente no buquê está um único cartão preto. Do meu ponto de vista, posso ver algum tipo de caligrafia dourada rabiscada nele.

Meus olhos se arregalam, desconfiados da nota. Será a primeira comunicação real que recebo do stalker. Parte de mim tem esperado ansiosamente por isso, que me digam o que querem de mim.

E agora que está aqui, quero rasgar o cartão em pedaços e viver em uma feliz ignorância.

Foda-se, provavelmente vou morrer de arrependimento e curiosidade se não ler.

Arrancando o cartão com as mãos trêmulas, abro e leio:

Vejo você em breve, ratinha.

Ok, eu poderia ter vivido sem ver isso.

Quero dizer, *ratinha?* Obviamente é um homem me perseguindo, e ele deve estar doido da porra da cabeça. Ele, c*laramente*, está.

Enojada, tiro o celular do bolso de trás e chamo a polícia. Eu realmente não quero lidar com eles esta noite, mas preciso relatar isso.

Não sou ingênua o suficiente para pensar que vão me salvar da sombra que está me perseguindo, mas nem pensar que irei me tornar um mistério não resolvido se eu morrer.

***

Uma batida suave, mas firme, vibra minha porta da frente. Está quase se tornando um instinto, o meu coração para por um momento sempre que ouço qualquer barulho no casarão.

Com certeza, isso não pode ser saudável. Talvez eu coma um pouco de Cheerios. Dizem que são bons para o coração, não é?

Vou até a janela ao lado da porta, espiando pela cortina para ver quem é.

Eu gemo. Eu *quero* ficar aliviada que não é um cara assustador do lado de fora da minha porta, segurando uma arma e falando que se ele não pode me ter, ninguém pode. Sério, eu quero.

Então, no final das contas fico um pouco triste por não ser a sombra persistente pronta para acabar com minha vida.

Com um suspiro pesado, abro a porta e cumprimento Sarina Reilly, minha mãe. Seu cabelo loiro está preso firme em um coque, um batom rosa

em seus lábios finos e gélidos olhos azuis.

Ela é tão formal e refinada, e eu sou tão... apenas não sou. Enquanto sua postura é cheia de refinamento e graça, eu tenho o terrível hábito de cair e me sentar com as pernas abertas.

— A que devo o prazer, mãe? — pergunto de forma seca. Ela funga, não impressionada com a minha atitude.

— Está frio aqui fora. Você não vai me convidar para entrar? — ela corta, acenando com a mão impaciente para que eu me mova.

Quando eu relutantemente me afasto, ela passa por mim, um leve aroma de perfume Chanel em seu rastro. E eu me estremeço com o cheiro.

Minha querida mãe olha ao redor do casarão, desgosto evidente em seu rosto contraído.

Ela cresceu nesta casa gótica, e a escuridão do interior deve ter influenciado o interior de seu coração.

— Você vai ficar com rugas se continuar olhando para a casa assim — digo sem expressão, fechando a porta e passando por ela.

Ela bufa para mim, seus saltos batendo contra os azulejos xadrez enquanto ela faz seu caminho para o sofá. O fogo está crepitando na lareira e as luzes são fracas, criando uma atmosfera acolhedora. Vai começar a chover em breve, e eu realmente espero que ela vá embora antes disso para que eu possa aproveitar minha noite com um livro e o som do trovão em paz.

Mamãe se senta delicadamente no sofá, sua bunda empoleirada na beira.

Se eu a cutucar, ela vai cair.

— É sempre um prazer, Adeline — ela suspira, seu tom alto e poderoso, como se fosse apenas mais um dia dela sendo a pessoa mais madura.

Aquele *suspiro*. O pano de fundo de toda a minha infância. Está cheio

de decepção e de “você não atendeu às minhas expectativas”, ambos de uma só vez. Acho que eu nunca falho quando se trata de a desapontar.

— Por que você está aqui? — pergunto, indo direto ao ponto.

— Não posso visitar minha filha? — ela pergunta com uma ponta de amargura em seu tom.

Mamãe e eu nunca fomos próximas e ela era amargurada porque a vovó e eu éramos, fazendo eu a escolher em vez da mamãe com frequência. Seja em discussões ou sobre onde eu escolhia passar a maior parte do meu crescimento.

Em troca, guardei ressentimento porque ela me fazia sentir como se eu *não pudesse* escolhê-la. Porque se eu o fizesse, só seria recompensada com outro comentário dissimulado sobre comer outro biscoito que eu não poderia me dar ao luxo.

Ela reclamava que minha bunda ficaria muito gorda, mas mal sabia ela que isso é exatamente o que eu queria.

Até hoje, a mulher ainda não entende por que eu não gosto muito dela.

— Você está aqui para tentar me convencer de que estou desperdiçando a minha vida em uma casa velha? — pergunto, jogando-me na cadeira de balanço perto da janela e apoiando meus pés na banqueta.

A mesma que minha bisavó e eu costumamos usar como apoio.

Sentar-me nesta cadeira força meus pensamentos de volta à noite passada, ao cartão assustador e ter que responder a todas as duas perguntas do policial antes de ele dizer que iria ficar com a mensagem como evidência e fazer um boletim de ocorrência.

Perda de tempo, mas, pelo menos, a polícia saberá que foi um crime se eu acabar morta em uma vala em algum lugar.

— Eu tenho que mostrar uma casa hoje na cidade. Pensei em passar por aqui e ver você antes.

Ah. Isso explica tudo. Minha mãe não dirigiria uma hora para vir me visitar apenas para fazer uma festa do chá e se divertir. Ela estava na cidade, então decidiu vir me dar um sermão.

— Você quer saber por que o Casarão Parsons merece ser demolido, Adeline? — ela pergunta, seu tom gotejando com condescendência. Ela soa como se estivesse prestes a me ensinar uma lição, e de repente me sinto muito cautelosa.

— Por quê? — pergunto baixinho.

— Porque muitas pessoas morreram nesta casa.

— Quer dizer os cinco pedreiros no incêndio? — questiono, lembrando a história que a vovó me contou quando eu era criança sobre o Casarão Parsons pegando fogo e matando cinco homens. Eles tiveram que demolir a fundação carbonizada e reiniciar. Mas os fantasmas daqueles homens ainda permanecem, eu sei disso.

— Sim, mas não apenas eles.

Ela me encara severamente enquanto meu nervosismo aumenta. Eu me viro para olhar pela janela ao meu lado, pensando se deveria fazê-la sair agora. Ela vai me dizer algo que mudará minha vida, e não tenho certeza se quero ouvir.

— Então, quem mais? — Eu finalmente a pergunto, meus olhos grudados no Lexus preto brilhante da mamãe estacionado do lado de fora. Muito caro. Tão caro que quase parece zombaria. Uma diferença gritante para esta casa velha, como se dissesse *sou melhor do que você*.

Ser um agente imobiliário paga bem. Quando eu nasci, ela queria ser uma mãe dona de casa. Mas, considerando a turbulência de nosso relacionamento à medida que cresci, essa ideia azedou, então ela se empenhou para se tornar uma das melhores vendedoras em Washington.

Honestamente, estou orgulhosa de suas realizações. Eu só queria que

ela sentisse o mesmo sobre as minhas.

— Sua bisavó, Gigi — ela declara, tirando-me dos meus pensamentos. Minha cabeça se vira em direção a ela, o choque passando através de mim. — Ela não só morreu nesta casa, Addie, como foi assassinada aqui. — Eu não poderia impedir minha boca de se escancarar nem se tentasse.

Eu me levanto com tudo, a cadeira de balanço batendo com força contra a parede atrás de mim.

— Ela não morreu — eu nego. Mas se tem uma coisa que minha mãe não faz, é mentir.

A vovó falava sobre Gigi com frequência. Sua mãe era seu mundo inteiro. Mas ela definitivamente nunca me disse que Gigi fora assassinada. Eu apenas tinha perguntado uma vez sobre a morte dela, e a vovó só disse que ela morreu cedo demais. Depois disso, ela se fechou e se recusou a dizer qualquer outra coisa.

Na época, eu era muito jovem para dar importância a isso. Eu apenas assumi que ela ainda estava sofrendo e deixei por isso mesmo. Não tinha me ocorrido que a morte de Gigi fosse trágica.

Ela suspira.

— É por isso que sua avó sempre teve essa estranha… obsessão com o casarão. Ela era jovem quando isso aconteceu. Seu pai, John, não queria mais nada com este lugar, mas a vovó fez a maior birra do mundo e o forçou a ficar na casa em que sua esposa tinha sido assassinada. — Ela olha para mim, notando o olhar estranho no meu rosto por causa do seu insulto. — Essas foram as palavras do meu avô, não minhas. Pelo menos, sobre a birra. De qualquer forma, no segundo em que ela teve idade suficiente, ele deu o casarão a ela e se mudou, e ela continuou morando aqui, como você já sabe.

Encaro a janela novamente, o início da tempestade batendo contra o vidro. Em poucos minutos, caíra uma chuva torrencial. O trovão ressoa,

aumentando aos poucos antes de um estalo alto sacudir as fundações da casa.

Isso combina perfeitamente com o meu estado de espírito.

— Você tem algo a dizer? — ela pressiona, seus olhos perfurando um buraco no lado do meu crânio.

Eu balanço minha cabeça sem fazer nenhum som, lutando para encontrar uma resposta. Meu cérebro está entorpecido demais para ter pensamentos coerentes.

Não há palavras.

Absolutamente nenhuma palavra para descrever a descrença absoluta que estou sentindo.

Ela suspira de novo, dessa vez mais suave e cheia de... sei lá, empatia? Mamãe pode não ser uma mentirosa, mas ela também nunca foi empática.

— Meu pai nunca se sentiu confortável em me criar aqui, mas sua avó insistiu. Ela amava Gigi e não era capaz de deixar essa casa. Está amaldiçoada. Eu não quero acabar vendo você fazer a mesma coisa, se apegar a uma casa só porque amava sua avó.

Eu puxo meu lábio inferior entre os dentes, mordendo com força enquanto outro estalo de trovão ressoa através da atmosfera.

Gigi foi morta por seu stalker? O homem que ela chamou de visitante, que entrava em sua casa e fazia coisas indescritíveis. Coisas que ela tentou não querer, mas queria.

Foi ele? Ele estava brincando com ela o tempo todo, sentindo sua crescente atração por ele, apesar do que ele estava fazendo, e se aproveitou?

É a única coisa que faz sentido.

Eu me viro para ela.

— Eles sabem quem fez isso, quem matou Gigi?

Mamãe balança a cabeça, seus lábios se apertam em uma linha fina, fazendo com que o batom rosa rache. Essas rachaduras se estendem muito

além do que apenas em seu batom. Ela também foi quebrada, embora eu nunca tenha conseguido descobrir o motivo.

— Não, o caso está sem solução até hoje. Não tinham provas suficientes e, naquela época, era mais fácil se safar com algo assim do que é agora, Addie. Alguns pensaram que tinha sido meu avô, mas eu sei que ele nunca faria uma coisa dessas. Ele a amava muito.

Sem solução. Minha bisavó havia sido assassinada nesta mesma casa, e ninguém nunca pegou o assassino. O pavor afunda em meu estômago como uma pedra em um lago.

Não tenho dúvidas de que sei quem a matou, mas não quero abrir a boca e dizer isso até ter certeza.

— Onde ela foi assassinada? — pergunto com a voz baixa.

— No quarto dela. Que, por mais perturbador que seja, se tornou o quarto da sua avó. — Ela faz uma pausa antes de murmurar: — E agora o seu, tenho certeza.

Ela não está errada. Assumi o antigo quarto da vovó e, embora tenha sido totalmente reformado, ainda mantive a cômoda na ponta da cama e o espelho ornamentado de corpo inteiro apoiado no canto do quarto. Coisas que foram herdadas da Gigi.

A cama não é a mesma, eu comprei a minha. Mas as quatro paredes que abrigaram o terrível assassinato são as mesmas em que durmo à noite.

É arrepiante, um pouco assustador. Mas, para desgosto da mamãe, não é o suficiente para fazer eu me mudar. Ou até mesmo mudar de quarto. Se isso me torna uma aberração, então só me faria encaixar ainda mais na família.

Gigi se apaixonou por seu stalker. O mesmo homem que deve tê-la matado no final.

E agora, eu tenho o meu próprio. O único lado positivo é que eu nunca

seria tão burra em me apaixonar por ele.

Mamãe se levanta, um sinal de que ela está indo embora. Seus saltos fazem *click clack* no azulejo xadrez enquanto ela caminha lentamente em direção à entrada.

Ela me dá uma última olhada.

— Espero que você tome a decisão certa e deixe este lugar, Addie. É... perigoso aqui.

Seus passos curtos desaparecem quando a porta se fecha suavemente atrás dela. Eu observo seu carro desaparecer ao descer a estrada longa, deixando-me totalmente sozinha nesta casa grande e amaldiçoada.

De repente, as últimas palavras do meu stalker são muito mais ameaçadoras agora.

Vejo você em breve, ratinha.

25 de maio de 1944

Meu visitante falou comigo hoje. Pela primeira vez desde que começou a se aproximar. Fiquei chocada quando ele falou.

Sua voz é tão profunda. Tão sedutora. Uma vez que ele começou a falar, desejei que ele nunca mais parasse.

Perguntei-lhe por que ele continuava vindo e me observando. Ele confessou seu amor por mim. Seu desejo de ficar comigo. Perguntei o seu nome e ele me deu.

Ronaldo. Um nome interessante, mas combinava perfeitamente com ele.

Ele não ficou muito mais tempo depois disso. Mas ele pediu um beijo. Eu estava hesitante, mas no final, eu o deixei me beijar.

Tenho vergonha de admitir que nem sequer considerei John naquele momento. Tudo o que eu conseguia pensar era em como seria a sensação dos seus lábios nos meus.

Minha imaginação não fez justiça. Quando ele me beijou, eu voei para as estrelas.

E acho que ainda não voltei.



CAPÍTULO 6

A SOMBRA



O barulho do pequeno dispositivo indica que minhas instruções estão prestes a chegar. Eu sacudo meus punhos, a inquietação atando meus nervos em nós apertados.

— Cinco corpos na área principal, todos armados. Mais três ao sul e quatro ao norte.

Eu estalo meu pescoço, apreciando a sensação dos meus ossos ao fazer isso. A tensão é liberada e meus ombros relaxam.

Doze homens não seriam muito difíceis de derrubar, mas vou ter que ser rápido e furtivo. Era mais fácil matar os guardas que cercavam o decrépito armazém.

O sol já se pôs há muito tempo, fornecendo ampla cobertura. Levou dois segundos para encontrar um ponto escondido nas sombras, proporcionando o ângulo perfeito para um atirador de elite.

O erro deles foi confiar em sua visão limitada para monitorar os intrusos. Minha habilidade de me esconder nas sombras foi o que acabou os

matando.

Deveriam ter óculos de visão noturna assim como eu.

Talvez então eu tivesse um pouco de diversão.

Eu umedeço os lábios com antecipação mordaz.

— Tenha cuidado, Z — avisa meu braço direito, Jay. Suas habilidades de hacker são quase tão boas quanto as minhas, e isso só porque eu fui seu professor.

Eu criei uma organização inteira exclusivamente para acabar com o tráfico de pessoas. Comecei como um hacker, expondo as verdades do nosso governo corrupto. E então, à medida que me tornei mais consciente da verdadeira natureza deles, das suas depravações, acabei me transformando no exterminador de cada um desses bastardos doentes, começando de baixo para cima.

Acabe com todas as abelhas operárias, e a rainha fica vulnerável e fraca.

Mas eu não poderia ser um hacker e um mercenário, e o que eu realmente gosto de fazer é ser aquele que coloca uma bala na cabeça deles.

Então, eu criei minha organização, *Z*, do zero, recrutando uma equipe de hackers para ajudar os mercenários em seu trabalho – a se infiltrar nas redes, matar todos eles e resgatar as vítimas com segurança. Eu coloquei meus mercenários em áreas de alta taxa de tráfico e atribuí a eles sua própria equipe de hackers. Agora, Z se tornou tão grande que existem equipes em todos os estados, e várias fora do país também.

Jay é a única boca que preciso no meu ouvido, sua habilidade chega a um nível equivalente ao que três hackers poderiam fazer. E ele é o único em quem confio com a minha vida.

Não agradeço a preocupação de Jay.

Não preciso de sorte. Apenas habilidade e paciência. E eu tenho ambos

de sobra.

Esgueirando-me até a porta, mantenho meu corpo perto da parede e meus passos indetectáveis.

Quando chego à porta, ouço o clique sutil da fechadura destrancando.

Obra de Jay.

Apesar da decadência do edifício, seus pontos principais estão equipados com a mais recente tecnologia.

Os líderes das redes querem manter a aparência de um prédio abandonado e degradado para permanecer fora do radar. Mas completamente impenetrável para invasores e grafiteiros.

— Está limpo. Os sistemas estarão inativos por dez segundos, entre agora.

Rapidamente, giro a maçaneta e entro em questão de segundos, abrindo a porta apenas o suficiente para passar o corpo. A porta de metal se fecha atrás de mim sem fazer barulho.

O edifício antigo é em praticamente um galpão aberto. Entrei pela porta dos fundos que leva a um corredor mal iluminado. Em frente e à esquerda o caminho se abre para onde ficava a maquinaria quando esta era uma fábrica de borracha.

É lá que as meninas estão sendo mantidas.

Gritos abafados chegam aos meus ouvidos, os sons de garotas chorando e com dor. A raiva incandescente cega a minha visão, mas não me apresso ou perco a cabeça.

Ninguém que faz esse tipo de trabalho pode perder a porra da cabeça, caso contrário, essas garotas nunca seriam salvas.

Mas é difícil. Esses idiotas despertam o pior de mim.

— Desativei as câmeras. Você tem uma hora antes que o sistema reinicie e eu seja expulso — informa Jay.

Só preciso de dez minutos.

Mantendo-me nas sombras, continuo caminhando pelo corredor e espreito através de um canto. Há camas estreitas espalhadas por cerca de mil metros quadrados de área. Cada cama é acoplada a um poste de metal instalado de baixo para cima. E cada garota está acorrentada aos postes por um colar de metal que as impede de se moverem além de alguns metros de suas camas.

Eu flexiono meus punhos, apertando-os até minhas mãos ficarem dormentes.

Eu puxo minha arma da parte de trás do meu jeans.

Assim que perceberem que o primeiro homem caiu, o resto abrirá fogo, e é por isso que preciso ser cuidadoso e rápido.

Se eles vão ser descuidados com as meninas é impossível dizer. Os homens sabem do risco se seus líderes descobrirem que uma menina virgem foi morta. Isso significaria dinheiro tirado do bolso de alguém e sua cabeça em uma estaca para dar o exemplo.

Mas alguns desses homens se preocupam mais com suas próprias vidas, mesmo que isso signifique que acabarão vagando por aí com um alvo na cabeça.

Assim como Jay disse, três homens estão de guarda na minha frente, completamente alheios a minha presença.

Fodidos idiotas.

Eu nunca vou entender como as pessoas não conseguem sentir o perigo quando está bem na sua frente.

Essa merda me confunde.

Em uma rápida sucessão, eu apago todos os três homens. Seus corpos caem, e algumas das garotas pulam de susto. Algumas choram e se agacham, enquanto outras ficam em um silêncio mortal. Uma reação normal para uma

garotinha seria gritar, mas essas meninas já estão anestesiadas quanto a assassinatos.

Os cinco homens ao redor das garotas viram suas cabeças ao mesmo tempo, seus semblantes indo de surpresa, para alarme e raiva em questão de segundos. Imediatamente, eles buscam por suas armas.

Meu corpo ainda está escondido pela parede atrás da qual estou. Dois deles abrem fogo, forçando-me a recuar. Uma bala atravessa o canto da parede, passando bem perto do meu rosto. Pedaços de concreto voam em meus olhos enquanto mais balas passam ao meu redor. Eu resmungo, esfregando minhas pálpebras para limpar a visão.

Assim que me recupero, um cara vem correndo pela esquina. Ele está morto antes mesmo de me ver, um pequeno buraco bem entre suas sobrancelhas.

Ele era um filho da puta feio de qualquer forma. O mundo ficará bem sem ele.

Antes que seu corpo toque o chão, eu o agarro pela gola de sua camisa e o trago para perto. Estremecendo com o mau hálito que emana do buraco apodrecido em seu rosto, dou um passo para fora do corredor, usando o homem morto como escudo contra as balas voadoras que ainda cruzam meu caminho.

O cadáver leva alguns tiros enquanto faço apenas dois disparos. Mais dois corpos caem e eu retorno para o corredor, afastando o cadáver ensanguentado que agora está crivado de balas.

Sua cabeça bate no chão de concreto com um estrondo horroroso.

Eu o usei como escudo por cinco segundos, mas ainda assim tive sorte. Não é como nos filmes. As balas podem facilmente travessar os corpos. Entra e sai deles, e me atingem.

Eu não uso outras pessoas como escudo, a menos que seja necessário, e

é apenas por alguns segundos de cada vez.

Um coro de ruídos surge no armazém sob a forma de gritos aterrorizados das meninas, gritos de pânico dos homens, ordens de – *matem o puto* – e gritos de indignação para que as meninas pararem de chorar.

Ainda restam seis homens, e posso sentir o pânico emanando deles.

— Saia, com as mãos levantadas e a arma no chão, ou eu vou começar a matar essas vadias! — um deles grita, sua voz ecoando pelo local.

Eu suspiro, giro meus ombros e faço o que ele diz. Coloco minha arma no chão e saio com as mãos levantadas. Os seis homens estão diante do grupo de meninas, mantendo-as a salvo de balas perdidas. Mas sei que estão apenas fazendo isso para garantir que o produto não seja danificado, e não porque estão preocupados em machucá-las, isso faz o meu peito queimar.

— Qual é, a diversão estava apenas começando — eu cantarolo, um sorriso puxando meus lábios para cima.

— Cala a boca! — o homem cospe. Ele é um homem mexicano com a cabeça raspada, tatuagens cobrindo-o da cabeça aos pés e vestindo roupas que parecem não eram lavadas há semanas.

E veja só, a profunda cicatriz em sua testa.

Desgraçado. Parece que alguém pegou uma faca de pão e serrou sua cabeça.

Este deve ser o querido Fernando. Exatamente quem eu procurava.

Os olhos de Fernando estão arregalados de medo e com base nos cachimbos de crack na mesa atrás dele, eu diria que a maioria está chapada.

Isso não é muito bom.

Eles ficam com dedos nervosos quando estão sob o efeito de qualquer substância que injetaram em suas veias cansadas.

E eu tenho seis desses caras com o dedo no gatilho prestes a atirarem.

— Quem te enviou? — Fernando grita, enfatizando a pergunta com um

aceno da arma.

— Eu me enviei — respondo seco.

Por que sempre acham que estou trabalhando para outra pessoa? Eu não trabalho para ninguém além de mim mesmo.

O homem segura sua arma acima da minha cabeça e atira, tentando me assustar.

Viu?

Dedos nervosos.

Eu não me assusto. Em vez disso, aproveito para olhar melhor ao meu redor. Há uma mesa à minha esquerda, repleta de armas, cinzeiros, latas de cerveja vazias e outro cachimbo de crack.

Perfeito.

— Não me faça perguntar de novo, *cabrón* — diz o homem, seu dedo acariciando o gatilho.

— Você é o Fernando? — pergunto, mantendo meu corpo imóvel como gelo. As sobrancelhas do homem saltam de surpresa e, de onde estou, consigo ver a paranoia se infiltrando em seus olhos.

Ele não vai ser tão útil quanto eu esperava. Está chapado demais.

— Como sabe disso, hein? Está me seguindo?

Eu sorrio, mostrando todos os meus dentes.

— É o que faço de melhor, afinal. Ouvi dizer que você é o maioral por aqui. Comanda os negócios e tudo mais.

Ele se mexe. O idiota não consegue evitar sentir um pouco de orgulho, sei disso. Como se ele estivesse fazendo algo de bom no mundo, quando tudo o que ele está fazendo é afligir centenas de meninos e meninas.

— Eu esperava que você pudesse me ajudar, cara.

— É? — ele menospreza. — Você acha? Você acha que eu vou te dizer alguma merda, cara?

Ele dispara outro tiro, desta vez ao meu lado. Muito perto para ser confortável. O suficiente para sentir o calor da bala. Mesmo assim não recuo, e isso só o irrita mais.

Suspiro. Com seu atual estado de espírito, ele é inútil para mim. Só terei que sequestrar sua bunda e esperar até que ele fique desintoxicado.

Uma rápida olhada prova que tenho cerca de dois segundos antes que o resto dos homens comece a atirar, independente do que saia da minha boca.

Dois segundos, é tudo o que preciso para enfiar a mão no bolso do capuz e disparar um tiro através do material, derrubando um dos homens à minha esquerda.

A surpresa *desse* movimento me dá uma pequena janela de tempo para virar a mesa e rolar para trás dela.

O vidro dos cinzeiros se estilhaça, e uma arma cai da mesa e dispara, provocando gritos chocados das meninas.

Porra. Se essa bala ricochetear e acertar sequer dois centímetros perto dessas garotas, vou deixá-los me dar uma facada para compensar, com certeza.

Nenhum grito de dor se segue, então eu respiro fundo. Aliviado, mas não menos irritado comigo mesmo.

Como um relógio, um fluxo de balas empala a mesa grossa de madeira. Para minha sorte, a maioria não atravessa.

É muito perigoso revidar. Não serei capaz de espreitar nem um milímetro sem levar um tiro, e me recuso a colocar essas garotas em perigo ainda mais e atirar cegamente. Eu não atiro a menos que eu tenha certeza de que irei acertar.

A única coisa que posso fazer é esperar.

Não demora muito para eles esvaziarem seus pentes.

Eu ouço o som de roupas e xingamentos murmurados enquanto eles

lutam para recarregar.

Leva ainda menos tempo para matar os outros quatro restantes, exceto Fernando. Vou deixá-lo para mais tarde.

As balas perfuram seus cérebros em uma sucessão tão rápida que seus corpos caem ao mesmo tempo.

— Você viu isso? — pergunto em voz alta, já sabendo que Jay está assistindo através das câmeras.

— Porra, você só levou oito minutos — Jay resmunga pelo meu fone de ouvido.

— Quinhentos dólares, filho da puta. — É a minha resposta presunçosa. Uma série de xingamentos sai de sua boca, mas eu o ignoro.

Fernando está cuspindo sua própria ladainha enquanto luta para encontrar outra arma. Eu atiro no joelho dele, e o homem furioso cai na hora. Gritos de pura dor e raiva enchem o armazém, e se eu não o tivesse visto, eu pensaria que ele era uma garotinha.

Não, as meninas neste armazém são muito mais fortes do que ele jamais poderia esperar ser. Ele é apenas uma vadia chorona presa no corpo de um homem.

Eu me levanto e caminho até Fernando, apreciando a visão dele segurando seu joelho, sangue borbulhando do ferimento e espalhando no chão. Seu rosto está vermelho, cheio de intenções assassinas enquanto ele me encara.

Ignoro o olhar, e em vez disso, examino as copiosas quantidades de sangue no chão de cimento. Eu não quero que as meninas tenham que pisar nisso.

— Jay, peça para Ruby abrir um caminho para essas garotas. — Ruby é um membro da equipe que entra explicitamente para lidar com os sobreviventes e colocá-los em segurança. Ela é uma ruiva de cabeça quente,

mas amolece quando está perto de qualquer uma das mulheres ou crianças que salvamos.

— Um caminho?

— Sim, eu não quero uma gota de sangue em seus pés.

O armazém está cheio com cerca de cinquenta garotas, todas muito traumatizadas e devastadas. Elas nunca terão que lavar sangue de seus corpos novamente se depender de mim.

Uma das garotas se levanta, uma expressão feroz no rosto. Ela não pode ter mais de quinze anos, mas uma rede de pedofilia envelhece bastante qualquer pessoa.

— Você vai nos machucar também? — ela pergunta em voz alta. Seu cabelo castanho sujo está emaranhado em torno de seu rosto. Ela está imunda, todas estão.

A extensa quantidade de pele à mostra está manchada de sujeira e sangue. Ela parece a mais velha e, por sua postura protetora, se declarou a mãe do grupo.

Todas as meninas aqui foram sequestradas nos últimos seis dias. Seis dias de tortura e agressão indescritíveis que permanecerão com elas pelo resto de suas vidas. Seis dias de homens sujos as sexualizando, espancando e molestando. As meninas não teriam sido defloradas, mas isso não significava que os monstros não encontraram outras maneiras de obter prazer com elas.

Jay e eu temos vigilado este local nas últimas doze horas, identificando as meninas e os homens. Cada segundo que passava parecia uma eternidade, sabendo que elas estavam passando por algo horrível.

Enquanto Jay ficava de olho, eu me permiti cinco horas de sono antes de vir até aqui, tempo suficiente para manter minha mente afiada. Eu tinha que estar no meu melhor se quisesse tirá-las vivas.

— Estou aqui para levar vocês para casa — respondo, colocando minha

arma de volta na bota.

Ela olha para mim com cautela, assim como algumas das outras garotas.

Nenhuma delas vai confiar em mim.

Eu entendo.

Tenho cicatrizes da cabeça aos pés, tenho dois olhos de cores diferentes, ambos oferecem um contraste bem dramático, e não sou um cara pequeno. Sem mencionar que acabei de matar um monte de homens na frente delas.

— O reforço está chegando — informa Jay, pouco antes de eu ouvir a porta dos fundos se abrir e várias pessoas entrarem correndo.

— Cara, está um banho de sangue aqui. Essas pobres meninas! Que vergonha, Z. — Eu estremeço ao som da voz de Ruby. Não me encolho ao dispararem uma bala a cinco centímetros da minha cabeça, mas Ruby... Deus me ajude.

— Não tinha como isso ser evitado, Ruby. Eu...

— Nem mais uma palavra sua. Se sua mãe estivesse aqui, ela te encheria de porrada.

Eu resmungo, mas não respondo, deixando-a falar sem parar sobre as sobreviventes enquanto ainda murmura reprimendas baixinho. Ruby era uma boa amiga da minha mãe e gosta de me lembrar, e ao resto da equipe, que ela costumava limpar minha bunda quando eu era bebê.

Se eu pudesse ter matado os traficantes em algum lugar privado, eu o teria feito, e odeio ter aumentado o trauma delas. Mas quando você tem um armazém cheio de homens armados, não há como chamá-los para um escritório, um de cada vez, como se estivesse os demitindo do emprego. Eles precisam ser derrubados rápido e onde estão. Caso contrário, há espaço para erros, o que aumentava as chances de um dos sobreviventes ser ferido ou

morto.

São meios necessários para resgatar as meninas.

Os outros dois que vieram com Ruby, Michael e Steve, cuidam dos corpos. Michael está arrastando para fora um relutante Fernando, e me joga as chaves das correntes das meninas enquanto passa. Ruby já encontrou outro molho de chaves em um dos cadáveres e agora está soltando as outras.

Eu me aproximo da mãezona do grupo e solto sua coleira, minha mão quase tremendo de fúria de ter que soltar a porra da coleira do pescoço de uma garotinha. Vergões e uma grande contusão circundam sua garganta, mas não a deixo ver a raiva fervendo sob a superfície. Ela me encara silenciosamente, suspeita e esperança conflitam em seus lindos olhos castanhos claros.

Seus olhos me lembram da minha ratinha, e algo protetor irrompe dentro do meu peito.

— Qual é o seu nome, criança? — pergunto, mantendo meus olhos fixos nos dela. Ela provavelmente está esperando que meu olhar desconfiado percorra a extensão de seu corpo, mas ela nunca terá essa merda de mim.

— Sicily — ela responde. Eu arqueio uma sobrancelha.

— É daí que os seus pais vêm, da Sicília? — questiono, notando sua pele bronzeada espreitando por baixo da sujeira em seu rosto.

Ela assente timidamente.

— Mamãe e papai nasceram lá, mas não conseguiram voltar desde a adolescência. Eles disseram que me deram o nome da ilha porque, mesmo que sintam saudades de casa, eu sou o único lar que precisam.

Eu aceno, olhando seu rosto. O roxo floresce de seu olho direito, e outra centelha de raiva se acende.

— Você está pronta para dar-lhes um lar de novo?

Ela faz uma pausa, e então um pequeno sorriso se forma.

— Sim — ela sussurra.

Lágrimas inundam seus olhos, mas não a deixo saber que notei. Posso dizer que ela não iria gostar.

— Vamos então, criança.

Esta garotinha voltará para casa e, embora tenha uma longa jornada pela frente, ela vai se curar.

Mantemos a vigilância de todas as garotas que extraímos para garantir que elas não desapareçam novamente. Se pode acontecer uma vez, pode acontecer duas.

Ela se encolhe e fica mais perto de mim enquanto saímos do prédio. Com o canto do olho, vejo uma garota pisar em sangue. Faço uma pausa, apontando para ela, mas olhando para Ruby.

— Ruby! O que é que eu disse? Nem uma gota de sangue nas meninas.

Ruby se assusta, os papéis se invertendo enquanto ela corre em direção à garota que agora está com vergonha.

— Desculpe, meu bem, deixe-me limpar você — ela murmura para a garotinha com nada mais do que apenas uma porra de gota no pé. — Cuidado onde pisa, está bem?

Eu me viro, satisfeito que ela não deixará isso acontecer de novo.

Ajudo Sicily a navegar pela carnificina, mantendo um olho firme em seus pés e por onde ela anda. Quando ela está ao ar livre, eu a levo para a van onde vão transportá-la com segurança para o hospital. Lá, sua família será notificada.

Assobio uma música sem nome enquanto deixo minha equipe cuidar do resto e vou para o meu Mustang, escondido em outro estacionamento do outro lado da rua. Estou ansioso para dar o fora daqui.

Minha caça ainda não acabou. Eu tenho que brincar com minha ratinha agora.

CAPÍTULO 7

A MANIPULADORA



— Você precisa sair da casa — Daya conclui, olhando para mim com medo e angústia rodando em seus olhos verdes. Acabei de contar a ela sobre a visita da minha mãe do dia anterior.

Pelo olhar em seu rosto, posso dizer que ela está realmente com medo por mim.

— Eu preciso terminar este manuscrito — argumento, meus pensamentos se desviando para o enorme buraco em que caí na trama. Parece que não importa quantas vezes eu tente, não consigo sair disso. Vou ter que recorrer ao quadro branco e post-it para mapear o enredo esta noite, e assim descobrir como resolver o problema de uma vez por todas.

Às vezes, gostaria de simplesmente descomplicar meus livros e encerrar o dia, porém, eu não teria os leitores que tenho.

— Uh uh — Daya retruca, balançando a cabeça para mim. — Se arrume. Vamos ter uma noite das garotas.

Eu me curvo, o quadro branco e os post-its fazendo um *puf*. Mas não

discuto. Sou uma autora independente, então público quando estou pronta. Dificilmente estabeleço prazos para mim porque a pressão suprime minha criatividade. Não consigo escrever quando estou muito ansiosa para terminar o livro em um tempo específico. E por melhores que meus leitores sejam, sempre há aquela pressão para lançar o próximo livro.

Claro, Daya sabe disso e agora usa esse conhecimento como uma arma.

Idiota.

Gemendo, eu a deixo me apressar pelas escadas até o quarto, meus olhos imediatamente vão para o espelho e o baú, depois que descobri o que realmente aconteceu aqui, parece que agora sempre faço isso.

Essas duas peças eram como faróis no cômodo, olhando para mim como se dissessem *eu sei quem a matou.*

Não importa se as pintei com um pouco de tinta preta. A estrutura ainda são as mesmas.

As paredes e o chão agora são de pedra preta lisa, com tetos brancos e grandes tapetes brancos para iluminar o quarto. Também instalei um sistema de aquecimento nos pisos. Caso contrário, ter que me levantar no meio da noite para fazer xixi e pisar no chão gelado seria apenas uma punição cruel e incomum.

Decidi que amo tanto as arandelas no corredor que também queria algumas no meu quarto. Coloquei-as artisticamente na parede contra a minha cama, cercando uma enorme e bela peça de arte de uma mulher.

Bem à frente da porta do quarto está a minha parte favorita, a varanda. Portas duplas pretas se abrem para um terraço com vista para o penhasco. A paisagem tem uma maneira de fazer você se sentir pequeno e insignificante quando está diante de uma visão tão bonita quanto essa.

A casa inteira já foi modernizada, embora eu tenha mantido a maior parte do estilo original. As arandelas, pisos xadrez, lareira de pedra preta e

armários pretos, só para citar alguns. Mais importante ainda, mantive a cadeira de balanço de veludo vermelho de Gigi.

Estou morando em uma casa dos sonhos, gótica e Vitoriana.

— Nós vamos te deixar gostosa e encontrar um homem delicioso para levar você para casa hoje à noite. E se o stalker aparecer, ele pode matá-lo também.

Eu reviro os olhos.

— Daya, já é difícil encontrar um homem hoje em dia que saiba foder direito. Você acha que vou encontrar um homem que vai matar em minha honra também? Que fofo.

— Você nunca sabe, garotinha. Coisas mais loucas já aconteceram.

***

O baixo bombeando pelos alto-falantes vibra por todo o meu corpo. Meu jeans *skinny* preto e rasgado se agarra às minhas curvas, e a regata vermelha decotada mostra meu amplo decote junto com as pequenas gotas brilhantes de suor entre meus seios.

Está mais quente do que o saco de Hades, e o álcool correndo pelas minhas veias não ajuda em nada.

Por uma hora inteira, Daya e eu ficamos perto uma da outra e dançamos. Nós duas nos separamos brevemente para dançar com alguns homens, mas costumo me cansar das mãos bobas rapidamente e sempre encontro o caminho de volta para a minha melhor amiga.

De repente, uma forte presença se aproxima das minhas costas, suas mãos deslizando em volta da minha cintura e seu corpo ficando cada vez mais perto. Um cheiro de hortelã e uísque invade meus sentidos logo antes de sentir sua respiração no meu ouvido.

— Você é linda — ele sussurra, seu chiclete de hortelã fazendo meu nariz arder agora que ele está mais perto. Enrugo o nariz e viro a cabeça para ver um homem alto e atraente inclinado sobre mim.

Ele tem cabelo loiro-avermelhado, lindos olhos azuis e um sorriso matador.

Meu tipo.

Eu sorrio.

— Ora, obrigada — respondo docemente. Situações sociais quase me fazem querer hibernar, mas sempre fui boa em flertar. Pena que na maioria das vezes, não suporto fazer isso.

Os homens têm uma maneira única de acabar com o meu humor toda vez que estou a três metros deles.

— Venha para cima comigo — ele grita sobre a música. Sua voz não é agressiva de forma alguma, mas também não é uma pergunta. É uma demanda que deixa pouco espaço para discussão.

Gosto disso.

Eu levanto uma sobrancelha.

— E se eu não fizer isso?

Seu sorriso se alarga.

— Você vai se arrepender pelo resto da vida.

A outra sobrancelha se junta a sua gêmea, subindo até a metade da minha testa.

— Sério — digo inocentemente. — Que tipo de planos você tem para mim que eu me arrependeria de perder pelo resto da minha vida?

— O tipo que te deixa nua e saciada na minha cama.

— Vadia, vamos logo — Daya interrompe.

Minha cabeça se vira para ela, mas sinto os olhos do homem no meu rosto, acariciando minha bochecha como uma pena percorrendo a pele.

Daya está parada na nossa frente, acenando impacientemente com a mão em direção às escadas que levam ao segundo andar. Ela deve ter escutado, e não parece nem um pouco envergonhada.

Quando nós dois apenas olhamos para ela, ela bufa e revira os olhos.

— Entendemos, vocês estão loucos um pelo outro. E ela não vai a lugar nenhum sem mim. Então, vamos logo. — Ela acena com as mãos para nós com mais urgência e nos enxota em direção às escadas.

O homem ri e aproveita a oportunidade dada pela minha querida melhor amiga. Agarrando minha mão, ele me leva para as escadas de metal preto na parte de trás da boate.

Mas não antes de eu lançar um olhar estreito para a Daya. Que ela apenas debocha.

O andar de cima é apenas para membros VIP. As escadas levam a uma varanda com vista para toda a boate. É onde as pessoas ricas e importantes bebem, olhando para nós como um bando de insetos presos em um experimento científico.

A atmosfera aqui em cima é mais escura, mais densa e tem uma vibração que faz meus instintos ficarem em alerta. Subir aqui é como enfiar a cabeça em um ninho de vespas. E os bastardos não vão parar de picar até que se cansem de você, ou que você esteja morto.

Quatro homens estão espalhados em uma cabine de couro preto em formato de meia-lua. No centro há uma mesa de mármore preto ocupada por vários copos de líquido âmbar, junto com alguns cinzeiros de cristal. Não há quase nenhuma cor, a decoração me lembrando o Casarão Parsons.

Um dos homens olha para nós duas com um brilho predatório e calculado. Ele se parece estranhamente com o homem que tem sua mão enrolada na minha. Mesmo cabelo loiro-avermelhado e olhos azuis, embora este pareça mais jovem e um pouco mais perverso.

Os outros três homens são igualmente bonitos, todos ostentando o mesmo tipo sombrio e perigoso. Um homem parece europeu com os cabelos platinados, pele clara e pálida, com feições angulosas. Seus olhos azuis gélidos semicerrados estão fixos em Daya enquanto os dela percorrem a pequena e íntima sala. Seu olhar já está traçando avidamente as curvas de seu corpo. Meus instintos disparam novamente, me dizendo para tirar os olhos do homem de suas órbitas e jogá-los pela varanda.

Os dois homens restantes são gêmeos com pele bronzeada, cabelos e olhos escuros, e corpos de matar. Seus ternos mal podem conter os músculos que ameaçam rasgar o tecido caro nas costuras.

Um gêmeo tem cabelos compridos presos em um coque e vários anéis adornando os dedos, enquanto o outro tem o cabelo cortado rente à cabeça e um piercing de diamante no nariz.

Todos os quatro poderiam facilmente arruinar a minha vida. E estaria hesitante em detê-los.

— Então, você finalmente criou coragem e a pegou — diz o homem com cabelo loiro-avermelhado, sorrindo diabolicamente para mim. Ele é o único dos quatro que não está nos comendo com os olhos. Honestamente, ele parece estar muito mais interessado em comer bebês no jantar.

Há uma aura sombria ao seu redor. Se eu pudesse adivinhar, a atmosfera inquietante aqui deriva diretamente dele. Sua energia brota e inflama até fazer você se sentir como se estivesse presa em uma sala respirando fumaça preta.

— Quieto, Connor — diz o homem ao meu lado, seu tom baixo e cheio de advertência.

Eu quase reviro os olhos. Ele *parece* um Connor. O garoto da fraternidade que anda por aí bebendo e sem ter o que fazer, enfiando o celular sob as saias das garotas para tirar fotos.

— Senhoras, desculpem o comportamento rude dele — meu novo amigo diz, seu sorriso não alcançando seus olhos. — Esse é meu irmão, Connor. Os gêmeos, Landon e Luke. E aquele é o Max.

Ele aponta para cada homem, respectivamente. Landon sendo o gêmeo com o coque masculino, e Luke o de piercing no nariz. Eu miro o olhar no meu companheiro com uma sobrancelha levantada.

— E o seu nome?

— Eu sou o Archibald Talaverra III. Pode me chamar de Arch.

— Parece pretensioso — digo, sorrindo para o fato de que ele me deu o seu nome completo.

Quem realmente se apresenta a um estranho dessa forma? *Archibald Talaverra, o terceiro. Mas pode apenas me chamar de Idiota Real.*

Seu irmão, Connor, ri em resposta, parecendo concordar.

Arch abre a boca, mas eu o interrompo.

— Eu sou Addie. E esta é Daya, — eu apresento, apontando para minha melhor amiga. Ela oferece um sorriso, mas seu olhar é afiado e avaliador. Ela é muito perspicaz e inteligente para ser sugada para dentro do perigo como eu costumo fazer.

— Prazer em conhecê-las, senhoras — Max murmura, sua atenção ainda colada em Daya. Na verdade, os gêmeos também quase não desviaram o olhar dela desde o momento em que ela entrou na sala.

Cada pedaço meu quer entrar na frente dela e protegê-la dos olhos indiscretos e ferozes. Mas Daya pode se virar sozinha, então eu fico ao seu lado. Pronta para atacar, se necessário.

— Sente-se, por favor — Arch pede. Há muito espaço na cabine, mas nós duas decidimos nos sentar na ponta, mais perto de Max.

Meu telefone vibra assim que minha bunda bate no couro macio. Percebendo que Daya foi imediatamente sugada para uma conversa com

Max, e Arch está enchendo um copo com um bourbon caro, dou uma espiada no texto.

> **DESCONHECIDO: Saindo escondida com homens aleatórios, ratinha? Se eu pegar as mãos dele perto de você, elas vão acabar em sua caixa de correio pela manhã.**

Meu coração para. Esta é a primeira vez que ele realmente se comunica comigo, além de uma nota ameaçadora.

Meus olhos saltam para a varanda. Ninguém pode nos ver daqui. Estamos muito longe do parapeito. Mas ainda assim, alguém está claramente me observando.

Mas como?

E como diabos ele conseguiu o meu número? Deixa para lá, essa foi uma pergunta idiota. Ele é um maldito stalker, pelo amor de Deus. É claro que ele tem o meu número.

Arch se aproxima e me entrega uma bebida, com um sorriso no rosto. Ele acha que vai transar esta noite.

Normalmente, isso teria acontecido. Mas parece que terei que salvar sua vida em vez disso e ficar bem longe dele.

***

Uma hora se passa, e eu fico mais nervosa a cada minuto. Não recebi outra mensagem, mas a que recebi está ali, bem na parte de trás do meu cérebro. Temo que meu tronco encefálico se parta com a tensão.

As mãos de Arch definitivamente me tocam. Um repousa agora em

minha coxa, perigosamente perto do meu centro. Eu olho para a estrela tatuada em seu polegar, minha mente conjurando imagens de segurar sua mão, sem o seu corpo preso a ela.

No entanto, deixo isso acontecer, mesmo que não devesse. E porque não deveria, não consigo parar de olhar para elas, imaginando-as cortadas do pulso e ensanguentadas. Dentro da minha caixa de correio.

Nem sequer tenho uma caixa de correio.

Minha casa fica muito longe da estrada, então minha correspondência é deixada no degrau da frente.

Um stalker não deveria saber disso?

Que sombra de merda.

— Você está se divertindo? — Arch pergunta, cutucando-me com os ombros. Eu aceno distraída enquanto continuo a morder o lábio preso sob meus dentes.

Eu deveria correr. Eu deveria dizer a esse homem para tirar a mão de mim, se isso significa que ela nunca será cortada de seu corpo e deixada na minha caixa de correio inexistente.

— Você está tensa — Arch observa baixinho. Eu limpo minha garganta e abro minha boca, mas outra vibração do meu bolso de trás me interrompe.

Eu posso sentir a cor deixando o meu rosto. As sobrancelhas de Arch se curvam com preocupação, e isso me lembra do pobre homem que quase levei a um ataque cardíaco na beira do penhasco.

Ele olha para baixo em direção ao som.

— Você está bem? — ele pergunta, sua voz parecendo ficar ainda mais baixa.

Estou ficando cansada dos olhares preocupados, mas ainda assim, eles parecem como salva vidas. Como se houvesse pessoas por aí que perceberão o meu comportamento estranho e falarão se algo acontecer comigo.

Um repórter vai entrevistar Arch, e ele vai falar de como eu pareci assustada ao receber uma mensagem de texto. O pedreiro que construiu minha varanda, sua história será divulgada e comentada por semanas. Uma garota parada na beira de um penhasco, parecendo pensar em pular e depois quase caindo.

Tudo se conecta ao fato de que eu tinha um stalker. E a polícia ignorou isso quando fiz meus boletins de ocorrências sobre rosas aleatórias. Mas isso não mudará nada para a próxima garota que será perseguida.

Nunca muda.

No final, serei outra estatística, desaparecerei apenas como isso: uma linda garota perseguida por um homem desequilibrado. E ninguém se preocupou em ajudá-la até que fosse tarde demais.

— Eu estou bem — eu forço através de um sorriso formal. Parece desajeitado e falso, mas ainda assim funciona. Seu rosto relaxa e a preocupação desaparece.

Ou melhor, Arch está apenas deixando isso para lá porque ele realmente não se importa.

— Você quer ir embora? — ele murmura, sua voz agora cheia de promessa e intenção. Seu lábio inferior desaparece entre os dentes brancos, o ato por si mesmo primitivo.

A palavra *não* está na ponta da minha língua, como uma pequena bailarina dançando precariamente na ponta, perigosamente perto de cair e quebrar o tornozelo. Porque se eu disser não a esse homem, passarei o resto da minha noite, semana, talvez mais, lamentando.

Eu me odiaria por deixar um louco controlar minha vida e me roubar bons momentos com um homem delicioso.

Ele é lindo, com um toque de escuridão ao seu redor que é tão atraente e de dar água na boca quanto um bolo de chocolate. Há uma promessa de que

eu terminaria a noite totalmente satisfeita com ele.

E se evoluir para algo mais? E se eu estiver dizendo não a algo bonito? Essas são as esperanças e sonhos de uma garotinha, mas não posso deixar de pensar nelas de qualquer maneira.

Ele parece um homem com quem eu poderia sossegar, mas perigoso o suficiente para me manter excitada.

— Sim — eu finalmente digo baixinho. — Mas só depois que eu souber que a Daya chegará em casa em segurança.

Arco sorri lentamente. Provocante.

— Eu posso garantir isso.

7 de julho de 1944

Ronaldo gosta de provocar.

Apenas uma hora depois de eu mandar Seraphina para a escola, ele entra e diz para me sentar na cadeira da sala de jantar.

Eu sigo suas ordens ansiosamente. Seus dedos passam pelo meu corpo. Quando falo com ele, ele não responde.

Ele desabotoa minha blusa, expondo meus seios. Em seguida, minhas calças. Ele as puxa para baixo e me deixa com nada além de minhas roupas íntimas. Ele sorri quando vê a excitação em meus olhos.

No entanto, ele ainda me nega. Ele nunca me toca onde eu quero. Onde eu preciso que ele toque.

Seus dedos me provocam. E então ele vai embora.

E foi quase impossível me conter para não implorar para ele voltar. Um dia desses, não serei mais capaz de me controlar.



CAPÍTULO 8

A MANIPULADORA



Daya leva Luke para casa enquanto eu levo Arch de volta ao casarão. Ele me pediu para ir à sua, mas eu me senti muito mais segura em minha própria casa. Mais no controle.

Recapitulando, não deveria levá-lo a uma casa que fica em um penhasco, rodeado de bosques e a vários quilômetros da civilização. Sobretudo, com um stalker por perto que gosta de invadir.

Meu Deus, isso foi estúpido.

Minha casa não é mais segura de forma alguma, mas não consegui ir até a casa dele. Não gosto de estar em lugares desconhecidos com estranhos. Como se eu pudesse entrar em uma casa da qual nunca mais sairei. Isso me faz sentir muito mais frágil, embora eu esteja em uma posição de maior vulnerabilidade que poderia estar neste momento.

— Você tem uma bela casa — elogia Arch, seus olhos percorrem toda a sala de estar e cozinha. Atualizei o papel de parede para um *paisley* preto mais moderno, livrei-me das trágicas cortinas douradas, substituí-as por

cortinas vermelhas e mudei os sofás para outros de couro vermelho.

Mas seus olhos continuam desviando para os degraus de madeira preta como se ele soubesse que levam ao meu quarto.

Exceto pelo fato de eu ter planos diferentes.

— Essa não é a melhor parte — brinco, agarrando sua mão e levando-o pelo corredor até meu quarto favorito no Casarão Parsons.

O solário.

Eu não costumo vir aqui com muita frequência. É onde Nana e eu passávamos a maior parte do nosso tempo juntos. Dói entrar aqui quando a sala ainda está coberta pela sua presença.

Respirando fundo, abro as portas duplas e entro.

Este quarto é uma caixa de vidro. No teto, nas paredes, por toda parte à nossa volta, formando uma grande janela. É também o melhor lugar para se estar. Tem vista para a beira do penhasco, as águas brilhando sob o luar.

Mas a parte mais notável está logo acima de nós. As estrelas são de tirar o fôlego. Aqui não temos poluição luminosa. O céu noturno brilha com orbes de diamantes, reluzindo e piscando contra o pano de fundo preto.

A cabeça de Arch vira lentamente enquanto ele observa a visão diante dele. E então ele inclina a cabeça para trás, olhando para o céu com a boca aberta.

Imagino que seja um dos poucos momentos em que este homem tenha parecido pouco atraente. Mas para mim, ele nunca esteve mais atraente a noite inteira.

Ele não está preocupado em controlar seu rosto e seus movimentos, tampouco se preocupa em praticar e seguir um roteiro. Ele é apenas um homem admirado com a beleza que o rodeia.

— Caramba — ele murmura finalmente, sua voz profunda encantada com a vista. Ele vira sua cabeça para mim, os cantos de seus olhos arregaram

com deleite.

As luas azuis em seus olhos estão brilhando com uma emoção que não consigo identificar. Só quando aquela máscara volta sobre seu rosto é que percebo que ele parecia triste. Melancólico.

E quero saber o motivo, mas pela forma que seus olhos estão aquecendo como a boca de um fogão, eu sei que perdi a oportunidade.

— Você tem algo especial aqui — diz ele com a voz baixa, rondando em minha direção. As estrelas há muito esquecidas, e a única coisa que ele não consegue desviar o olhar agora sou eu.

— Tenho — falo em um sussurro, vendo-o chegar mais perto enquanto prendo a respiração.

Há um pequeno puxão na parte de trás da minha cabeça – uma sensação instintiva que me lembra que estou em uma caixa de vidro com uma sombra possivelmente escondida do lado de fora. Agraciado com uma visão completa do que está acontecendo.

Parte de mim não se importa se ele está lá. Quero provar algo para o homem desequilibrado que pensa ser meu dono. Quero mostrar-lhe que ele *não é.*

A única pessoa que reivindicará o meu corpo será quem eu permitir. Deixarei que as mãos do Arch me toquem. Mãos que irão traçar cada centímetro da minha pele, seguido por sua boca. Vou deixar sua língua lamber minha boceta até que eu esteja saciada, logo antes de ele me foder até que eu não saiba mais meu nome.

Vou deixá-lo porque *eu* disse que poderia.

Arch se ergue sobre mim, moldando sua frente na minha e pressionando meus seios contra o seu peito. Minha respiração é afetada pelo calor que me envolve, seu braço circunda firmemente a minha cintura e me prende contra ele.

Eu gosto da sensação dele pressionado contra mim. A suavidade do meu corpo se molda contra seus músculos firmes. Parece...agradável. Bom.

Arch no fundo dos meus olhos por um breve momento. E então ele inclina sua cabeça e gentilmente prende meus lábios com os dele.

Suspiro, seus lábios macios se movem contra os meus ritmicamente, como a água no fundo do penhasco, balançando contra as rochas.

Eu gemo em sua boca, precisando de mais, então aprofundo o beijo, separando seus lábios para que eu possa mergulhar minha língua.

Ele rosna, a compostura dele vacila. Sua outra mão se prende no meu cabelo, angulando melhor minha cabeça para que ele possa mergulhar sua língua na minha boca, explorando habilmente e com pouco controle.

Eu me levanto na ponta dos pés, pressionando ainda mais nele. Estremecendo com a sensação de seu pau duro pressionando meu estômago, o comprimento dele apenas intensifica meu desejo.

Ele não é pequeno. E isso é realmente o que preciso hoje à noite. Algo que me cegará de prazer e me deixará sem fôlego e satisfeita.

Sua língua luta contra a minha, deslizando e lambendo enquanto seus dentes beliscam meus lábios. Outro gemido meu escapa, minha boca na dele, até que ele corresponde com seu próprio gemido.

A mão no meu cabelo aperta, puxando minha boca para longe, dando aos seus lábios liberdade para descer pela minha mandíbula e deslizar até a junção entre meu pescoço e ombro.

Eu suspiro quando sinto seus dentes rasparem contra minha pele, um pequeno aviso antes que ele morda. O prazer intenso faz meus olhos revirarem, e um longo gemido escapa.

— Porra — ele xinga, lambendo meu pescoço com um gemido feroz. — Essa sua voz sexy.

Meus olhos tremem enquanto eu cedo ao prazer que sua língua e dentes

estão extraindo de mim.

Suas mãos se abaixam até que eu sinta um puxão firme em meu jeans. O botão abre um segundo depois, seguido pelo baixo som do meu zíper se abrindo.

— Sua boceta está molhada para mim, Addie? — Arch pergunta em um rosnado baixo, seus dentes beliscando o meu pescoço de uma forma um pouco violenta. É forte, e eu não posso deixar de estremecer pela dor. Sua língua suaviza a marca da mordida, acalmando a sensação.

— Sim — sussurro quando o prazer começa a substituir a dor.

Sua mão escorrega pela frente do meu jeans e calcinha, os dedos descendo até que a ponta do dedo médio mergulha dentro de mim. Um rosnado baixo e profundo surge quando ele sente o quão sincera eu estava sendo.

— Porra, baby, é isso. Vamos te ouvir cantar agora.

E então dois dedos estão mergulhando dentro de mim, curvando-se para atingir aquele ponto. Minha visão escurece e um grito de prazer é minha única resposta. É a única coisa de que sou capaz.

Instintivamente, eu rebolo meus quadris, esfregando em sua mão. Ele move os dedos para a frente antes de colocá-los em mim novamente. E novamente, até que ele esteja me fodendo com a mão, e tudo o que eu posso fazer é me segurar, minhas unhas afundadas em seu terno.

Gemidos longos e roucos são puxados da minha garganta, e eu canto para ele da maneira que ele pediu.

— Você canta tão bonito — ele sussurra no meu ouvido. Um beliscão segue suas palavras.

A base da sua palma pressiona o meu clitóris. Seus habilidosos dedos me fazem contorcer ainda mais, o orgasmo se formando na base do meu estômago. Então ele pressiona bem ali, fazendo meus joelhos tremerem de

prazer.

— Oh — gemo, minha respiração é irregular e ofegante.

— Você canta muito quando goza, Addie? — ele pergunta em um sussurro grave.

Acho que aceno com a cabeça, mas não tenho certeza porque, em segundos, minha cabeça está dando voltas à medida que minha liberação chega a um ponto crítico.

— Deixe-me ouvir — ele persuade. Seus dedos deslizam para fora, e quando eles mergulham de volta, um terceiro dedo se junta. Meus olhos rolam para trás e eu despenco sobre a borda.

Eu grito, o som contendo um tom estranho enquanto o prazer profundo me consome de dentro para fora. Descaradamente, eu esfrego contra a sua mão, cavalgando as ondas intermináveis.

— Um pássaro tão bonito — ele murmura, satisfação engrossando sua voz.

Sem fôlego, mas de alguma forma ainda mais faminta, eu fico nas pontas dos pés e esmago minha boca na dele. Ele geme a sua aprovação, afastando meus lábios com a língua. Então, sua mão se levanta ao mesmo tempo que ele interrompe o beijo, o dedo indo até o meu lábio inferior, espalhando meu gozo.

— Você deixou uma bagunça na minha mão, Addie. Seria rude não a limpar.

Eu mantenho contato visual enquanto a ponta da minha língua desliza pelo seu dedo. Ele sorri maliciosamente, levando-me a abrir mais a boca.

Assim que seu dedo vai deslizando para dentro, uma sensação gelada passa por mim. Parece que as ondas em que eu estava à deriva ficaram com raiva e estão batendo meu corpo na rocha implacável.

Minha boca para e lanço o meu olhar sobre ombro de Arch. Está escuro

aqui, exceto pelo luar e pelo céu brilhante, mas parece que estou em uma sala iluminada como em um estádio.

Um movimento em frente vira meu coração de cabeça para baixo e o envia para o poço do meu estômago.

Ele está lá fora.

Eu não posso vê-lo, ou até mesmo distinguir sua silhueta. Mas eu sei que ele está. Consigo senti-lo.

Observando a mudança, Arch se afasta, respirando pesado e olhando para mim como se não pudesse decidir se quer me perguntar se estou bem ou se simplesmente continua de qualquer forma.

— O que há de errado? — ele pergunta, agarrando meu braço na tentativa de chamar minha atenção.

— Nada — digo apressada, puxando-o para perto — Vamos subir para o meu quarto.

Não estou mais me sentindo arrogante o suficiente para foder um homem na frente de uma pessoa louca. A adrenalina da minha liberação dissipou completamente minha confiança.

Mas sou muito teimosa para parar. Quero Arch. Eu só não quero nenhum voyeur enquanto o tomo.

— Você não quer ter sua boceta comida debaixo das estrelas? — ele pergunta incrédulo, olhando para mim como se tivesse crescido uma segunda cabeça.

— Eu quero, mas... — Eu me afasto quando outro movimento chama minha atenção.

Arch dá um passo à frente, pressionando contra mim e chamando minha atenção de volta para ele. Tenho que levantar meu pescoço para vê-lo e a visão é algo que eu nunca esquecerei.

— Eu acho que você deveria tirar suas roupas e me mostrar esse seu

corpinho sexy. Então eu quero que você se deite, abra suas pernas, e deixe-me limpar a bagunça que você fez.

Um guincho totalmente embaraçoso escapa de mim. Um som que imediatamente traz um sorriso no rosto dele e sangue correndo para minhas bochechas, o maluco momentaneamente esquecido.

Bem graciosa, sua idiota.

Dou um passo atrás, com o calor deslizando pelo meu corpo enquanto percorro minhas curvas com as mãos e prendo os dois polegares no meu jeans.

Assim que começo a os deslizar pelas pernas, um estrondo alto perturba o silêncio e manda meu coração voando até a minha garganta. Grito, assustada e perto demais de mijar nas calças por causa da batida furiosa.

A cabeça de Arch se vira em direção ao som, claramente assustado.

— Esperando companhia? — Arch pergunta, sua voz um pouco sem fôlego.

Minha própria respiração irregular é desigual quando digo:

— Não.

É uma porra de um déjà vu, e mesmo que eu tenha imaginado que isso iria acontecer desta vez, estou incrivelmente perto de bater o pé como uma criança. Ao contrário de quando aconteceu com Greyson, agora eu estava realmente me divertindo.

Ele se apressa de volta para o corredor e desce em direção à porta da frente comigo em seus calcanhares. Estou abotoando e fechando as calças enquanto ando já sentindo que esta noite acabou.

O corredor leva diretamente de volta ao foyer, a entrada à direita da escadaria. Parando antes, ele se vira para mim e me agarra.

— Fique no corredor. Seja lá quem for, não quero que te vejam.

Ele hesita, um olhar esquisito passa em seu rosto. Antes que eu possa

decifrá-lo, ele está falando de novo, sua voz está tensa.

— Chame a polícia se a merda estourar.

Não sou capaz de formar uma frase coerente, o pânico me rouba o sentido.

Eu deveria ter dito a ele que tenho um stalker, e pensei ter visto algo quando estávamos no solário, mas tudo aconteceu muito rápido e agora, ele está se colocando em perigo.

A situação me excita tanto quanto me aterroriza. Eu preciso me internar em um hospital psiquiátrico se sobreviver a esta noite.

Porque minha sombra está *irritada*. Assim como quando Greyson esteve aqui, e eu não tenho ideia do quão perigoso esse cara é, mas ele poderia estar aqui para matar nós dois.

Especialmente agora que ele viu outro homem me fazer gozar com a própria mão que ele ameaçou cortar e colocar na minha caixa de correio.

Eu deixo cair minha cabeça nas mãos, arrependimento instantâneo enchendo meu corpo como uma cachoeira em um lago. Eu estou explodindo com isso porque se o stalker é tão louco quanto diz que é, então eu possivelmente terei um homem morto na porta. Ou pelo menos brutalmente mutilado.

Ouço a porta se abrir. Minha cabeça gira nessa direção em resposta.

— Vamos lá, filho da puta. Eu sei que você está aí fora — Arch ameaça em voz alta.

Espreitando ao virar o canto, eu assisto Arch sair. Mas não antes que ele saque uma arma. Com os olhos arregalados, minha boca se abre e eu me pergunto quem diabos eu deixei entrar em minha casa. Ele fecha a porta atrás dele, o ressoante clique da porta ecoa em minha cabeça.

Parece que eu estava errada e por acaso, encontrei alguém disposto a matar por mim. Ainda não sei se ele fode bem, mas se as preliminares dele

forem alguma indicação, acho que ele também teria se saído com louvor nesse departamento. Agora, mais do que nunca, eu mesma quero matar este canalha.

Finalmente encontro um homem capaz de me satisfazer, e esse idiota está arruinando tudo.

Deus? Eu sei que nem sempre concordamos com minhas escolhas de vida, mas por favor não deixe esse pobre homem morrer por minha causa. Vou parar de beber. Quero dizer, só desta vez.

E também rezo para que o Arch tenha uma boa mira. Se eu sair e encontrar o esquisito com uma bala no crânio, não vou lamentar a morte dele.

Nos próximos minutos, não ouço nada. É difícil quando meu coração está batendo em meus ouvidos, mas não haveria confundir o barulho de um tiro.

Porra, não aguento este suspense. Não sou mais capaz de esperar, corro para a janela ao lado da porta e espio.

O carro do Arch ainda está parado na minha garagem, mas não vejo mais nada. Sem corpos. Nada.

Disparando uma oração rápida para minha pessoa menos favorita no momento, abro a porta lentamente, tentando ouvir qualquer som de dor ou luta.

Quando sou recebida com nada além do canto dos grilos, abro mais a porta e saio.

A trituração de algo sob o meu pé faz meu corpo se transformar em pedra.

Fecho os olhos, outra oração na ponta da língua. Se eu pisei em uma parte do corpo... oh meu Deus... eu vou *surtar*.

Respirando algumas vezes, afasto o pé e olho para baixo.

Uma rosa, as pétalas amassadas sob o meu pé.

— Ah, porra — murmuro, inclinando-me para pegar a rosa. Os espinhos estão cortados, impedindo-os de me ferir, mas não importa, esta rosa não foi privada da dor.

Algo pinga das pétalas e cai na minha bota, é sangue fresco. Arch se foi, e tudo o que resta dele é uma rosa sangrenta.

Puxando meu celular do bolso de trás, destravo, com mãos tremulas, para chamar a polícia. A tela acende e é aí que vejo outra mensagem, aquela que apareceu no clube, e aquela que ignorei obedientemente.

> **Desconhecido: não se sinta culpada, querida. Eu não faço ameaças em vão, então considere isso uma lição aprendida.**

***

Luzes vermelhas e azuis iluminam o mundo à minha frente, e as cores piscando me fazem sentir náuseas. O medo se acumula na boca do meu estômago enquanto policiais e cães vasculham a área ao redor.

Um oficial confiscou a rosa, mas o sangue sujou minhas mãos, física e metaforicamente. Eu esfrego meus dedos juntos, observando a mancha de sangue seco na minha pele.

Uma lágrima escapa, mas rapidamente a limpo.

Matei um homem.

Eu o trouxe aqui sabendo que alguém perigoso estava à espreita, e eu fiz isso de qualquer maneira.

E agora ele se foi.

— Senhora? Preciso fazer algumas perguntas — diz o xerife Walters, caminhando em direção aos degraus da varanda em que estou sentada.

Conheço-o desde criança. Ele frequentou a escola com minha mãe, e eles eram bons amigos. De vez em quando, ela o convidava para jantar. Ele sempre foi gentil, quieto e de fala mansa. Sempre parecia mais interessado em ouvir do que em falar.

Ele é um homem alto e forte, com pelo menos dois metros de altura. Acho que sua família descende de gigantes porque seu pai e irmãos são tão assustadoramente grandes quanto. Seu pai era xerife, e o pai dele também havia sido antes. Tenho certeza de que alguns de seus irmãos também são policiais.

Uma grande família de policiais gigantes. Exatamente o que o mundo precisa, não é?

As bochechas do Xerife Walters e seus olhos castanhos estão cansados e cautelosos.

Eu já tinha dado um depoimento para o oficial que atendeu a chamada, mas quando disse a ele que um homem estava desaparecido e que recebi uma rosa com sangue, ele estava mais preocupado em conseguir uma equipe de busca.

Considerando que bosques densos me cercam, é provável que o homem tenha levado Arch a pé até que ele conseguir colocá-lo em um carro em algum lugar e sair.

Eu fungo, limpando o ranho do meu nariz e acenando com a cabeça.

— Sim, claro.

— Você pode me dar o nome do homem que estava com você aqui esta noite?

— Archibald Talaverra — respondo roboticamente. Acho que Arch sendo pretensioso e me dando seu nome completo valeu a pena. Eu quase sorrio, mas é tudo menos engraçado.

O xerife não fala imediatamente. Eu olho para ele e noto que suas

espessas sobrancelhas pretas estão levantadas no alto de sua testa.

— Talaverra, não é? Esse homem pode ter feito um favor a você — diz ele, murmurando a última parte.

— O quê? — grito, os cantos dos meus olhos se alargando.

O xerife suspira e passa a mão por seus cabelos grossos e escuros. Em seus anos mais jovens, tenho certeza de que ele fora atraente. Mas agora, o branco está invadindo seu cabelo, e as rugas revestem as bordas de seus olhos e boca. Ele parece envelhecido e desgastado, e ao longo dos anos, observei seus olhos ficarem opacos e cansados.

— Os Talaverra são criminosos conhecidos — ele me informa.

Meus olhos se arregalam e, nesse momento, percebo que minha mãe fez um trabalho terrível me criando. Minhas escolhas de vida ultimamente são questionáveis, na melhor das hipóteses.

Vou precisar ter uma longa e dura conversa com a Megera lá de cima. Ela tem tentado me matar, imagino eu. E estou começando a me perguntar se devo apenas deixá-la.

— Que tipo de criminosos?

O xerife Walters torce os lábios rachados para o lado, parecendo contemplar o que ele quer dizer.

— Nada foi provado. Nunca há provas suficientes. Mas eles lidam principalmente com cocaína. Supostamente. — Ele adiciona no final, de olho em mim. — O que posso dizer é que Archibald foi acusado de violência doméstica por sua ex-esposa várias vezes. Ele saiu ileso das acusações, é claro. Mas ele é conhecido por ser um homem muito violento.

Viro a cabeça e cubro o rosto com as mãos.

O xerife Walters dá tapinhas nas minhas costas sem jeito, assumindo que estou chorando. Mas meus olhos estão tão secos quanto o deserto do Saara. Estou muito zangada para chorar. Zangada comigo mesma por ser tão

estúpida e levar um homem aleatório para casa.

Irritada por ter matado aquele homem. Um homem que está ligado a uma família perigosa.

— Sua família virá atrás de mim?

— Não — ele responde bruscamente. — Essa família tem uma lista de inimigos de uma milha de comprimento. Eles não vão se preocupar com uma garota aleatória. Eles podem te investigar, mas quando não encontrarem nada, começarão a olhar para quem eles irritaram.

Eu aceno minha cabeça, ficando um pouco mais tranquila por isso.

— Ou seja, se eles não descobrirem sobre a rosa.

Meu coração afunda como uma rocha em um poço. Eu levanto minha cabeça e olho para ele, que entendeu o que quero dizer.

— Essa rosa era pessoal, Adeline. Sabe o que significa?

— Eu... eu tenho um stalker. Eu fiz vários boletins de ocorrência ultimamente sobre minha casa sendo invadida e rosas aparecendo em todos os lugares em que eu vou.

As sobrancelhas do xerife franzem.

— Eu olhei o seu arquivo. Não há relatos feitos sobre um stalker.

Minha coluna fica tensa como se explosões de choque passassem através de mim.

— O que você quer dizer? — pergunto com minha voz estridente e zangada. — Eu fiz vários!

— Acalme-se — diz o xerife Walters, abrindo as mãos em um gesto que correspondia às suas palavras. — Vou dar uma olhada melhor quando voltar para a delegacia. Você pode me dizer agora o que está acontecendo?

Forçando meu coração a desacelerar, eu conto tudo. Como os copos aleatórios de álcool sendo bebido enquanto eu estava sozinha em casa. As rosas. E o cartão com a ameaça sinistra.

O xerife Walters ouve tudo com um semblante preocupado, pegando um bloco de notas e escrevendo enquanto eu falo. Quando termino, sinto-me ainda mais exausta do que antes.

— Eu vou investigar isso. Mas Adeline? Entende que se os Talaverra descobrirem que você tem um stalker, eles podem te culpar?

Recuo, completamente perplexa que um policial está me avisando que uma família criminosa poderia vir atrás de mim. Mas ele nunca foi de adoçar ou esconder verdades. Em várias ocasiões, meu pai perguntava detalhes sobre certas coisas, e o xerife sempre divulgava o que lhe era permitido.

Houve algumas vezes que minha mãe teve que brigar com os dois homens por conversas horríveis na mesa de jantar, na frente de uma criança, nada menos. O xerife Walters sempre pedia desculpas, mas ele nunca realmente parecia arrependido.

— Farei tudo ao meu alcance para impedir que isso aconteça — garante ele. De alguma forma, isso não me fez sentir melhor, nem um pouco.

Suspirando, eu me viro e olho para as árvores densas, as luzes vermelhas e azuis piscando e criando uma festa de sombras dançantes.

Aceno com a cabeça, aceitando sua ajuda, apesar que ele não irá conseguir fazer nada para impedir um criminoso de bater à minha porta.

Seja uma família criminosa ou a porra de um stalker.

10 de setembro de 1944

Eu não tenho visto Ronald em três dias.
Três dias me preocupando sobre onde ele está. E se alguma coisa aconteceu com ele. Meus pensamentos estão fora de controle.
John e eu tivemos uma briga. Ele diz que eu mudei. Que não sou mais a mulher por quem ele se apaixonou. Que estou distante agora. Quando ele quer fazer sexo, eu não estou interessada.
Eu tenho começado a sentir como se meu casamento fosse errado e sujo.
Eu tenho começado a sentir como se eu estivesse traindo, mas não o meu marido. Parece como se eu estivesse traindo o meu visitante.
Não há muito que eu possa dizer para garantir ao meu marido que eu ainda o amo além dessas três palavras. Mas elas começaram a parecer vazias quando as digo.
E pelo olhar vazio em seus olhos, essas três palavras tem começado a parecer vazias para ele também.



CAPÍTULO 9

A SOMBRA



Eu já cometi homicídio. Assassinatos a sangue frio. Enfim, tirei a vida de muitos homens que usavam faces diferentes do diabo. E fiz isso por várias razões. Seja por terem estuprado uma criança, matado um inocente ou destruído a vida de alguém que não merecia isso.

Mas nunca matei alguém por ciúme.

Tem uma primeira vez para tudo, eu acho.

Archibald Talaverra tem os lábios na minha garota e as mãos dentro das calças dela. Ele a está tocando. Fodendo-a com os dedos. Dizendo coisas sujas para ela que provoca um rubor em suas bochechas.

E naquele momento, decidi que ele não iria passar desta noite.

No segundo em que os vi juntos, foi preciso todo o meu controle para não invadir aquele clube e arrastá-la para fora de lá.

Não só porque outro homem estava tentando reivindicar minha garota, mas Archibald Talaverra era um psicopata.

Um de verdade.

Ele espancou sua ex-mulher em várias ocasiões e fez de sua vida um inferno quando ela finalmente decidiu se divorciar dele.

A mulher ainda está em um hospital psiquiátrico recebendo tratamento para TSPT grave. Ele literalmente quebrou a mulher, e enquanto ela passa seus dias tentando se curar de seu abuso, ele passa suas noites em clubes, escolhendo uma mulher diferente para levar para casa e foder.

Da última vez que ouvi falar, ele também não é bom de cama. Seu jeito agressivo de foder não era de forma alguma prazeroso, não quando a mulher acaba com um nariz ensanguentado e um lábio cortado.

O imbecil *merece* morrer. E estou feliz por receber a porra da honra.

Este homem e os crimes de sua família eram pequenas migalhas no grande esquema das coisas. Sua família se envolvia em pequenos crimes e eles se veem como a máfia de Seattle. Mas são formigas em comparação com os malditos dinossauros que andam por esta cidade.

Eu os deixei para lá porque há peixes muito maiores para fritar do que criminosos se pouca moral que pensam que são Senhores do crime. Sua ameaça à humanidade é minúscula em comparação com as pessoas que rastreio e mato, e até que eles comecem a negociar mais do que apenas pó, eles nunca estiveram no meu radar.

Até agora.

Não há como impedir Addie de abrir a boca e dizer aos policiais que ela tem um stalker. Não importa que eu tenha destruído todas as evidências de seus boletins de ocorrência.

E se os Talaverra souberem disso, vão matar Addie por algo fora do controle dela. Não importa que a família tenha inimigos. Qualquer possibilidade será eliminada quando descobrirem que o herdeiro do Império Talaverra foi assassinado.

Então, esta noite, vou livrar Seattle das pequenas pragas que têm se

reunido para que eu possa me concentrar nas coisas maiores. Como fazer Adeline ser minha e desmantelar as redes de pedófilos.

Eu estralo meu pescoço, com raiva vou até a porta da frente e bato com meu punho mais forte que posso. Eu despejo toda a minha raiva nele, não dando a mínima se eu quebrar a madeira. Assim como na noite em que aquele idiotinha estava aqui. Que correu para fora da casa nu com apenas uma meia, amaldiçoando o nome de Addie.

Fiquei aliviado ao ver a própria Addie o expulsar. Foi a única razão pela qual não o matei naquela noite. Mas isso não significa que eu não cortei a língua dele pelos nomes que ele a chamou.

Ela ainda não está ciente disso, já que eu o expulsei da cidade e o proibi de contatá-la novamente.

Eu me escondo na sombra além do alpendre.

Conheço o tipo do Archie. Ele virá para fora, sempre o salvador para a donzela em perigo. Pronto para enfrentar o lobo mau como se ele próprio não fosse a vovozinha prestes a ser comida.

Realmente, ele é apenas uma raposa raivosa posando como um lobo. Sua mordida dói, mas nada comparado a de um verdadeiro predador.

Na hora certa, Archie abre a porta, suas mãos envoltas em uma arma.

— Vamos lá, filho da puta. Eu sei que está aí fora.

Vem me buscar, Archie.

Ele hesita na porta, sentindo o perigo que reside nas sombras.

Mas depois de alguns instantes, ele cria coragem, sai e desce os degraus da varanda. Sua cabeça vira, seus olhos se arregalando quando ele vislumbra meu rosto com uma única rosa vermelha na minha boca, o caule preso entre meus dentes.

Eu mostro os dentes, um sorriso feroz que congelaria até o diabo. Antes que ele possa reagir, dou um passo, agarro seu braço e o torço. Minha mão

tampa sua boca enquanto eu puxo suas costas para a minha frente.

Girando minha faca, eu o apunhalá-lo duas vezes no estômago com golpes precisos, de forma a não atingir os órgãos vitais. Ele resmunga debaixo da minha mão, o choque o paralisando.

Antes que a situação o atinja e ele comece a gritar, eu o empurro para longe de mim e dou um soco forte na parte de trás da cabeça.

Termino tudo em questão de dez segundos, nem um único ruído sai de sua boca.

Meu braço o agarra pela parte de trás de sua jaqueta antes que ele caia no chão frio e lamacento. Inconsciente e sangrando profusamente.

Eu preciso estancar as feridas antes que ele perca muito sangue.

Mas antes, eu deslizo a rosa da minha boca e mergulho as pétalas no carmesim derramando de suas feridas.

Não posso ter a minha ratinha pensando que não há consequências ao deixar outro homem tocar o que é meu. Ela vai descobrir em breve que eu não faço ameaças em vão.

Eu apoio o corpo de Archie contra a varanda por um segundo enquanto ando e jogo a rosa na porta dela. Estou muito puto para fazer muito mais.

Então eu pego o corpo e começo a breve caminhada pela floresta onde meu Mustang espera. Quando a polícia chegar, será tarde demais.

Uma trilha de sangue os levará a trilhas de pneus, e eles podem ser capazes de descobrir a marca e o modelo do carro com base nas marcas no chão, mas as evidências esfriarão depois disso. Tudo será destruído em breve.

A polícia não saberá em qual direção procurar. E a família de Archie assumirá que seus inimigos o pegaram.

E eles não estariam errados. Eles simplesmente não serão capazes de adivinhar quem, até que eu esteja na frente deles com uma faca no pescoço.

***

— Deixe-me ir, seu idiota. Acha que sou alguém com quem quer se meter? Tem ideia de quem eu sou e quem é a minha família?

Sua boca vai ser grampeada em dois segundos se ele continuar falando, isso que eu *sei*. Eu retransmito isso para ele, e ele responde com uma risada de hiena.

Eu viro e bato na boca do filho da puta, o tempo todo mantendo meu Mustang em linha reta.

Xingamentos seguem, mas não causam mais impacto que o sangue derramando com eles.

O garoto bonito não é tão bonito agora.

Ele vai experimentar muito mais quando eu voltar para casa. Ele colocou a boca e as mãos na minha garota, e há consequências para erros tolos como esse.

Ele acordou cerca de cinco minutos depois da viagem. Duas tiras de tecido de sua camisa estão amarradas firmemente em cada corte em seu abdômen. Suas mãos e pés estão amarrados, não há chance de ele se livrar disso.

Eu tive muita prática.

Ele está falando desde o momento em que acordou, e isso tem desgastado minha paciência. Ele dispara ameaças vazias como balas, mas em vez disso, eles são como papel ao vento. Nenhuma delas causa impacto. Na verdade, eles não chegam nem perto de me provocar.

É a menção de Addie que me leva a uma raiva assassina.

— Fala sério, cara. Todo esse trabalho por causa de uma bunda? Sua voz pode ser usada para pornografia, e sua boceta é apertada para foder, mas caralho, você consegue encontrar isso em outras putas também. Eu fodi

muitas dessas.

O que seria uma morte bastante lenta agora será a morte mais lenta que já aconteceu desde o início da humanidade.

Era ruim o suficiente que ele falasse da minha garota de uma maneira tão nojenta, mas ele foi e piorou ainda mais as coisas ao implicar que Addie não era nada de especial.

Ela é a primeira de sua espécie a existir, e nunca haverá outra como ela.

Eu entro na garagem que leva ao meu armazém. É uma estrutura menor, era usada para fabricar câmeras para alguma empresa de merda que faliu após cinco anos de criada.

O prédio foi fechado, e eu comprei por uma micharia. E então gastei centenas de milhares de dólares transformando-o em uma fortaleza impenetrável.

Converti o piso principal em meu espaço pessoal com segurança de última geração. Uma formiga não conseguiria entrar no prédio sem que eu soubesse disso.

O segundo andar é o meu espaço de trabalho. Dezenas de computadores e tecnologia ilegal, que tornam possível fazer o que eu faço, preenchem o espaço. E o porão é onde eu trato de todos os meus negócios, ou seja, onde levo os pedófilos para torturá-los quando eles têm informações que eu preciso e depois matá-los.

Eu construí uma garagem subterrânea que leva direto para o porão. Facilita o transporte quando tenho um desgraçado de 1,90 m para levar para a mesa.

Eu sou um homem grande, mas não estou disposto a acabar com as minhas costas por causa dessas pessoas. Ainda sou um ser humano, porra.

Fechando a porta da garagem atrás de mim, eu desligo o carro e me viro.

Eu suspiro com a imagem. Normalmente, estou mais preparado quando sequestro pessoas. Eles vão no porta-malas e não preciso me preocupar em sujar meu carro. Mas quando o levei de volta ao meu carro, estava com pressa e apenas o joguei no banco de trás.

Ele espalhou sangue em todo lugar, e vou ter que pagar um extra para a minha equipe de limpeza tirar essas manchas. Com essa quantidade de sangue, qualquer um faria perguntas.

Mas eles são muito bem pagos, para fazerem perguntas estúpidas que os levarão a morte.

— Podemos fazer isso da maneira mais fácil ou da maneira mais difícil. Posso te apagar, ou você pode ser uma boa vadiazinha e ficar quieto.

Sua boca sangrenta forma o começo da frase *vai se,* e não é preciso um gênio para saber qual palavra vai sair a seguir. Eu dou um soco em seu nariz antes que ele consiga terminar.

Os ossos se quebrando sob o meu punho é quase orgástico. No momento em que estou puxando meu punho para longe, o sangue está esguichando de seu nariz quebrado. Ele cospe, um dente voa para fora de sua boca e para o meu chão.

Vou enfiar o pé na bunda dele só por isso.

Eu saio, dou a volta no carro, e abro a porta.

Ele começa a protestar, mas as palavras ficam distorcidas quando eu o pego pelo colarinho e arrasto sua bunda para fora. Com os membros amarrados, ele sente cada batida e solavanco enquanto arrasto o corpo para fora do veículo e o levo em direção à mesa.

Ele se contorce como uma minhoca no anzol, e posso dizer pelo olhar de pânico em seu rosto que ele tem essa sensação. A sensação de que sua vida está se equilibrando em um fio, e eu estou prestes a dar um pontapé, estilo Esparta, nele.

Apesar de suas lutas, eu o arrasto para a mesa cirúrgica e desamarro sistematicamente cordas específicas para que eu possa prendê-lo enquanto o mantenho imóvel.

Ele olha para o lado e vê o cadáver de Fernando deitado na outra mesa.

Depois que vi a Sicily ir embora, Michael levou Fernando para a minha casa enquanto eu ia para o Casarão Parsons para bisbilhotar. Addie e sua amiga estavam saindo, então eu as segui até o clube.

Precisei usar todas as minhas forças para não colocar uma bala na cabeça de cada homem que esfregava seu pau contra a bunda dela. Eu decidi ir para casa e cuidar dos negócios antes de fazer algo estúpido como, tipo, sequestrá-la.

Enquanto interrogava Fernando, montei um monitor e fiquei de olho em Addie através das câmeras do clube. Admito que meus métodos de tortura se tornaram muito mais sangrentos quando vi Archie levá-la pelas escadas.

Recebi a informação que precisava de Fernando. Seu processo de extração de meninas, nomes de algumas das mulas e o nome de para quem Fernando se reporta. Acontece que o cara está em Ohio, então deixarei um dos outros mercenários lidar com ele. Ele vai obter as informações sobre o próximo chefe e assim subimos na cadeia de comando.

As mulas já foram localizadas e direcionadas, então depois que eu terminar de descartar esses dois fodidos, eles vão levar um tiro na cabeça e eu vou atrás da família de Archie.

— Que porra é essa, cara? — Archie cospe, tanto terror quanto nojo evidentes em seu tom. O rosto de Fernando começou a inchar.

Encolho os ombros, despreocupado.

— Eu tenho muitos corpos para descartar esta noite. Será mais fácil descartar tudo ao mesmo tempo.

— Olha, o que quer que minha família tenha feito, podemos fazer um

acordo — Archie negocia, suas palavras um pouco distorcidas e disformes por causa seus dentes quebrados. Seu nariz já está inchado e machucado, seus lábios cortados e inchados. Parece que ele fez cinco rodadas em uma luta de boxe com as mãos amarradas atrás das costas.

— Não tenho nenhuma conexão com sua família — digo com calma. — Pelo menos, não até agora.

Ele fica em silêncio por um segundo, olhando para mim incrédulo enquanto seu cérebro processa que eu não sou um inimigo dos Talaverra.

— Então, por que diabos você está fazendo isso? Por causa daquela porra de garota? — ele pergunta, sua voz histérica.

Eu me inclino bem perto, deixando-o dar uma boa olhada no meu rosto cicatrizado. Se não são as cicatrizes que alertam as pessoas, o brilho mortal em meus olhos geralmente faz o trabalho.

— Ela me queria, porra. Não é minha culpa que a sua garota não te queira.

Eu suspiro e me endireito. Não vou me incomodar a dar explicações para este idiota. Ele não vai entender minha obsessão, e não me importo o suficiente para querer que ele o faça.

O que ele não sabe é que no minuto em que eu me apresentar adequadamente para Adeline Reilly, ela não será capaz de pensar em mais ninguém.

Eu vou devorá-la de dentro para fora, até que cada respiração sua só vai alimentar o inferno que eu criarei dentro dela. Como o oxigênio alimentando um fogo, vou consumir cada centímetro de seu doce corpinho até que ela não pense em mais nada além de como me fazer ir mais fundo dentro dela.

Ela vai me temer no início, mas esse medo só vai inflamá-la. E eu ficarei muito feliz em provocar a dor quando ela chegar muito perto da chama.

Ao meu lado está uma bandeja de utensílios alinhados ordenadamente. Sem desviar o olhar, agarro a primeira ferramenta em que minha mão pousa.

Uma chave de fenda serrilhada. Feito especialmente para torturar. Os militares usam coisas assim, sem o conhecimento do público. Não que o governo jamais diga de bom grado ao país, que eles torturam criminosos de guerra com frequência e usam métodos muito fodidos ao fazer isso.

O povo não é ignorante de forma alguma, mas eles certamente não sabem a extensão da depravação de nosso governo também.

Seus olhos se arregalam comicamente quando ele vê a chave de fenda.

Sorrio.

— Ainda não usei este — admito, torcendo a chave de fenda e dando-nos uma boa visão de cada ponta afiada. Uma vez que esta merda entrar, vai doer ainda mais para tirá-la.

Mal posso esperar.

— Mano, vamos falar sobre isso. *Não* vale a pena me matar por causa daquela garota. Não percebe o que a minha família fará com você? Com *ela*?

— Você realmente acha que eu vou matar só você? — rebato, franzindo a testa para mostrar o quão impressionado estou com seu aviso.

Seu rosto fica vermelho como pimenta, como as maçãs que minha mãe costumava arrancar para mim do pomar quando criança. Sempre amei essas coisas.

Ameaças saem de sua boca, alimentadas pela raiva do destino prematuro de sua família.

— Você está fazendo isso porque eu quase transei com uma garota?! Eu nem sabia que ela era sua, porra! — ele grita, veias surgindo de sua testa.

Não é uma visão bonita.

Em resposta, apunhalo a chave de fenda diretamente em seu estômago. Ele olha pasmo para mim, sua boca se abre em choque. Passa-se um

momento e depois ele começa a tossir sangue. Uma série de emoções passa através de seus olhos. Tenho certeza de que vejo os cinco estágios do luto lá também.

Eu me inclino e falo entredentes:

— O que você e todo filho da puta que sequer olhar na direção dela vai aprender, é que *ninguém* está seguro quando se trata dela. Não me importa se você só respirou na direção dela da maneira errada, você vai morrer, porra.

— Você está louco — ele se engasga, olhando com descrença para a chave de fenda saindo de seu abdômen. Definitivamente atingiu órgãos vitais desta vez.

Lentamente, eu puxo a chave para fora, o ruído de sucção abafado pelo seu grito.

A raiva desenfreada pulsando através de mim é implacável. E a imagem de sua mão nas calças dela, beijando-a, sussurrando merda em seu ouvido, e a fazendo gozar. Tudo isso alimenta a violenta tempestade na minha cabeça. Eu mergulho a chave de fenda de volta quando a imagem do rosto dela surge. *Querendo-o* também. Gozando para um merdinha como ele. Vou ter que apagar o toque dele do corpo dela.

E em breve.

Eu arranco a chave de fenda e respiro fundo. Tenho que me lembrar que ela ainda não me conhece. Ela não entende o que é a verdadeira necessidade. Ainda não, mas ela vai. Porque ela vai odiar a forma que precisará de mim. Ela lutará contra isso, se rebelará contra o desejo e tentará procurar outra coisa que a faça sentir até uma fração do que desperto nela.

Ela nunca vai encontrar isso.

E não vou deixá-la tentar.

Estralando meu pescoço, eu respiro profunda e calmamente. Meu temperamento tirou o melhor de mim. Normalmente não sou uma pessoa

reativa, mas já aceitei o fato de que meu ratinho também desperta novos sentimentos em mim.

— Quantas mulheres você machucou, Archie? — pergunto, lambendo meus lábios e circulando seu corpo até que eu desapareça de vista.

É uma tática de intimidação para os fracos de espírito. Deixa-os nervosos quando eu desapareço por trás deles por aquele breve momento. Suas mentes enlouquecem enquanto tentam antecipar o que vou fazer. E então eles ficam um pouco aliviados quando me veem novamente.

Apenas para repetir o processo.

É uma tortura por si só. Não saber se vou atacar. Ou quando.

— *Não* me chame de Archie — ele rebate, fervendo enquanto eu estou atrás dele. Ele está tenso.

Eu volto para a frente e seus ombros se soltam, apenas um pouco.

— Você está fugindo da pergunta, Archie — aponto, deliberadamente usando o nome. Ele sorri para o meu desafio, mas não responde.

Sua mãe sempre o chamava de Archie. Até que ela morreu de câncer de mama quando ele tinha dez anos. Foi quando seu pai perdeu o controle e começou a traficar drogas para ganhar dinheiro para pagar todas as contas médicas e despesas funerárias.

Ele criou seus filhos para serem frios e implacáveis, e o nosso Archie aqui nunca deixou ninguém o chamar pelo apelido de sua mãe, não sem enfiar uma faca neles.

Ele esfaqueou muitas pessoas por chamá-lo por esse apelido, incluindo seu melhor amigo, Max. Seu amigo reclamou disso uma ou duas vezes em um bar que Jay frequenta.

— Não me faça perguntar de novo — aviso, minha voz abaixando para transmitir o quão sério eu estou falando.

— Eu não sei! — ele grita, frustrado. — Algumas, eu acho. O que

importa?

— Eu li sobre sua ex-esposa — digo, ignorando a porra da pergunta estúpida. — Você a espancou tanto que ela mal foi reconhecida quando a levaram para o hospital. As evidências indicaram que você quebrou uma garrafa de tequila contra o rosto dela e depois a esfaqueou. Sem mencionar os incontáveis ossos quebrados e hematomas. Você quase a matou.

Archie funga, sem o menor remorso refletindo em seus olhos frios. Os idiotas narcisistas nunca sentem. De alguma forma, eles têm na cabeça que a vítima mereceu e quaisquer ferimentos infligidos a elas foram culpa delas próprias.

— Ela estava me traindo — ele responde em um tom petulante. Fazendo beicinho como uma criança que não recebeu um bolo de aniversário.

— Você a traiu primeiro?

— Isso não importa — ele responde. — Ela é a esposa e eu ganho o dinheiro. Se eu quiser comprar uma stripper por uma noite, é o meu maldito direito. Tudo o que ela fazia era sentar sua bunda preguiçosa em casa e gastar meu dinheiro.

Eu aceno, aceitando sua resposta pelo que é.

— Você teria machucado Addie? — pergunto depois de uma pausa.

Ele zomba.

— Eu teria fodido ela como eu gosto de foder. Se ela acabasse com alguns hematomas, e daí? Cadelas gostam dessa merda. Eles gostam de brutalidade.

A fúria renovada me dá um soco no peito. E é preciso todo o meu autocontrole para não mergulhar essa chave de fenda em seus olhos ali mesmo.

Archie não saberia como fazer sexo agressivo adequado nem se recebesse um maldito manual para isso. Ele machuca as mulheres porque

gosta. Ele não sabe como empurrar as mulheres para a beira da dor e do prazer, equilibrando-se entre os dois e tornando-as desesperadas por mais.

Ele só as machuca. Quando ele termina, a garota está completamente machucada e traumatizada, talvez até sangrando. E ele sai andando com um sorriso satisfeito em seu rosto, como se fosse o primeiro homem a provar que uma mulher tendo um orgasmo não é realmente um mito.

— Você não machucou Addie — observo, esperando a resposta que sei que ele dará. Ele ainda não está desesperado o suficiente, assustado o suficiente. Ele ainda está tentando fazer um falso ato de bravura para morrer com dignidade. Mas isso vai mudar muito em breve.

Ele sorri.

— Você tem que relaxá-las primeiro. Os planos que eu tinha para ela... — ele começa a lamber os lábios vulgarmente. — Seus gritos teriam sido uma música tão bonita.

Mais uma vez, aceno minha cabeça, aceitando essa resposta. Eu aceito porque alimenta exatamente o que planejei para ele.

E eu vou incorporar seu método para sexo. Eu vou gostar de machucá-lo e fazê-lo sangrar, e ele? Ele vai querer nunca ter conhecido Adeline Reilly.

CAPÍTULO 10

A MANIPULADORA



— Você soube de alguma coisa? — pergunto, meu celular ficando grudento pela minha constante ansiedade, desde que Arch desapareceu da minha porta.

— Ninguém foi capaz de localizá-lo — responde Daya pelo telefone. Ela mesma está investigando o desaparecimento de Arch desde que lhe contei o que aconteceu ontem à noite, nunca se pode confiar na polícia para resolver algo.

Mas Daya não tem muito o que fazer. Ela invadiu os sistemas dos inimigos declarados de Arch – suas câmeras, telefones, laptops e o GPS em seus carros. Como suspeitávamos, eles não tiveram nenhuma conexão com o desaparecimento do Arch, pelo menos não que pudéssemos encontrar.

Foi a minha sombra que o levou. E sem ter a menor ideia de quem ele é, não há realmente nenhuma maneira de encontrar Arch.

— Não posso acreditar que isto está acontecendo. Praticamente fiz com que este homem morresse —digo, lágrimas irritando os meus olhos.

— Querida, odeio dizer, mas não acho que isso seja a pior coisa que poderia ter acontecido. Acho que este cara teria realmente te machucado. As coisas que ele fez com sua ex-mulher... são indescritíveis. Ele não era um bom homem. Nenhum desses caras eram... — Ela se afasta e eu não preciso das palavras dela para saber que está pensando no Luke.

Ela disse que eles tiveram uma noite incrível juntos, mas ela cortou o contato assim que descobriu que tipo de cara Arch é... *era*.

Ela disse que qualquer um que seja amigo de um homem como o Arch não pode ser um homem legal.

Também não posso realmente discordar disso.

Eu respiro fundo.

— Eu sei, você está certa. Acho que só não gosto que ele tenha sido ferido, talvez morto, por minha causa. Eu teria preferido muito mais que um de seus muitos inimigos o tivesse apanhado.

— Sim, esse teria sido o melhor cenário possível — ela consente.

— O melhor cenário teria sido uma noite quente de sexo selvagem com um cara sexy, em que eu chegasse ao orgasmo múltiplas vezes e depois o mandasse seguir seu caminho — interrompo.

Ela pensa, antes de dizer:

— Sim, você está certa. Mas não é isso que teria acontecido. Não com a história deste cara. Ele é violento.

— Bem, aparentemente, meu stalker também é.

— Eu sei, e é por isso que estou instalando um sistema de segurança. Você não vai ser mais uma estatística, não mais do que já é. Se você morrer, eu terei que te seguir também, e estou bastante apegada ao meu corpo. Deus me deu um bom corpo nesta vida.

Reviro meus olhos para o drama dela, especialmente porque ela não é nem religiosa.

— Está bem, pode me cobrar por isso — concordo. Eu gosto da ideia de ter câmeras em minha casa. Faz com que me sinta melhor sobre alguém se esgueirando quando não consigo vê-lo.

— Passarei aí mais tarde para instalá-las.

Instalar câmeras será a primeira coisa que me dá qualquer sensação de segurança em um mês. Não importa quão frágil isso seja.

***

Estou terminando mais um capítulo quando ouço o caminhão do correio chegar. O carteiro sempre foi um cara muito legal. Ele não demora muito e passa a maior parte de seu tempo olhando em volta nervosamente.

A última vez que lhe perguntei sobre isso, ele disse que algo ruim aconteceu aqui.

E desde que um homem desapareceu da minha porta ontem à noite, eu diria que várias coisas perversas aconteceram aqui.

Eu abro a porta no momento em que ele está deixando várias caixas de livros. Tenho que autografar todos e enviá-los aos meus leitores.

Oito caixas grandes depois, o carteiro está ofegante, com o suor escorrendo por seu rosto moreno.

— Obrigado, Pedro. Desculpe por todas as caixas — digo, acenando meio desajeitada.

Ele acena em reconhecimento antes de voltar para o seu caminhão e ir embora.

Eu suspiro, olhando para as caixas com um olhar de pavor. Vai ser uma droga para carregar. Eu saio, mas meu pé bate no canto de algo pesado.

Olhando para baixo, noto uma pequena caixa de papelão com tampa. Não tem etiqueta de envio, o que significa que o Pedro não deixou esta aqui.

Meu coração para, uma rajada de ansiedade me atingindo bem no estômago.

Não sei por que, mas meus olhos se desviam em direção à floresta como se eu fosse realmente ver alguém ali parado. Eu não vejo. É claro que não vejo.

Inspirando fundo, eu pego a caixa. E depois quase a deixo cair quando vejo uma mancha de sangue no local em que a caixa estava.

— Ai, merda. Merda, merda, merda. Deus? Por favor, não permita que isto me aconteça nesta bela manhã de domingo. Por favor, não me deixe encontrar o que eu penso que vou encontrar — rezo em voz alta, minha voz falhando enquanto uma gota de sangue cai no meu dedo do pé.

Com as mãos tremendo, eu recoloco a caixa no chão e entro em pânico. Há uma gota de sangue no meu dedo do pé. Eu já sabia que havia sangue em minhas mãos, mas agora nos meus dedos dos pés? Não consigo suportar isso.

Antes que eu possa pensar no que estou fazendo, eu levanto a tampa com meu pé.

Mãos.

Mãos cortadas estão na caixa, como eu temia.

— Ah, porra. Que se foda esta merda.

Eu me viro e corro de volta para dentro de casa, tentando encontrar meu celular para ligar para Daya.

O telefone chama por dois segundos antes de ela atender.

— Estarei aí em poucas horas...

— *Daya*.

— O que aconteceu? — pergunta ela de forma brusca.

— Uma mão...E outra mão. Duas delas. Em uma caixa. Na entrada de casa.

Ela pragueja, mas meu pânico silencia o som.

— Não faça nada ainda. Espere até eu chegar aí — ordena Daya. — Vá tomar duas doses e espere por mim.

Eu concordo balançando a cabeça, apesar de ela não poder me ver. Mas isso não me impede de assentir novamente e depois desligar sem nenhuma palavra.

Eu faço exatamente o que ela diz. Tomo duas doses de vodca para acalmar meus nervos. E depois respiro fundo, lentamente, para dentro e para fora, até meu coração acelerado se acalmar.

O canalha realmente fez isso. Ele me mandou as mãos de Arch. Uma parte de mim sabia que ele não iria mentir, mas de alguma forma, eu não acreditei.

— Merda — murmuro, deixando minha cabeça cair entre meus ombros e me equilibrando na beira da bancada.

Vinte minutos depois, Daya aparece, seu carro acelerando pela entrada da garagem, os pneus cantando.

A porta do carro bate. Quando chego à porta, ela está se aproximando do meu presente, que continuava na entrada, o olhar dela fixo na visão grotesca.

— Este cara é um maldito perturbado — diz Daya, pegando a caixa para inspecionar as mãos mais de perto. — Definitivamente, são de Arch. Tem aquela tatuagem estúpida de estrela no polegar.

Eu arregalo os olhos, curiosa até sobre como ela sabe disso, mas ainda em choque para abrir minha boca e perguntar.

— Há um bilhete aqui — ela murmura, arrancando um pedaço de papel coberto de sangue. Cuidadosamente, ela o abre. Ela leva dois segundos para lê-lo antes de suspirar e entregá-lo.

Hesitante, eu estendo a mão e agarro a nota pelo canto que não tem sangue.

Embora eu vá gostar de castigá-la por cada vez que chamar a polícia, vamos esperar dessa vez. Não quero ter que machucá-los em seguida, ratinha.

Este cara está brincando? Ele vai me castigar? Não acha que me mandar as mãos cortadas já é punição suficiente, idiota?

— Ele está mesmo ameaçando matar um policial? — perguntei. Daya engole em seco, seus olhos se fixando nas mãos.

— Acho que você precisa fazer o que ele diz desta vez — responde ela calmamente. Eu olho para ela, tendo chegado à mesma conclusão. Este cara é perigoso. Muito perigoso.

Por mais que eu queira que a polícia trate disso, há dois problemas. Eu não tenho nenhuma esperança de que eles seriam capazes de pegar o cara. E em segundo lugar, não quero que mais ninguém se machuque por minha causa.

Eu não sei se seria capaz de suportar isso.

— Não sei o que fazer, Daya —sussurro, minha voz falhando. Daya abaixa a caixa e corre direto para mim, envolvendo-me em um abraço apertado.

— Tenho um amigo chegando para ajudar a instalar as câmeras de segurança e o sistema de alarme. Ouça, normalmente eu diria para chamar a polícia de qualquer maneira. Mas eu não sei, Addie. Você sabe o que acho da polícia, mas eu realmente não acredito que eles serão capazes de ajudá-la. Tenho algumas conexões e talvez possamos contratar um guarda-costas particular ou algo assim.

Estou balançando minha cabeça antes que ela possa terminar sua última frase.

— Para que ele também possa morrer?

Ela me dá um olhar engraçado.

— Não será apenas um cara aleatório, Addie. O que quer que você esteja enfrentando, eles não podem ser piores que um assassino treinado, certo?

— Talvez — admito. — Mas eu ainda não sei. Ter um guarda-costas me seguindo por toda parte só me faz sentir como uma donzela em apuros.

Eu posso dizer pelo olhar em seu rosto que ela pensa que estou sendo estúpida. Quero dizer, tenho um possível assassino me perseguindo. Mas e depois? Terei um cara qualquer me seguindo por aí até que minha sombra ser apanhada, e quem sabe se isso vai acontecer.

Eu ranjo meus dentes, soterrada de frustração. Eu não quero viver minha vida com uma ligação extra, um membro extra. E em ambos os cenários, eu terei um. Um estará lá para me proteger, enquanto o outro estará lá para... eu não sei. Machucar? Amar?

De qualquer forma, eu não quero nenhum dos dois.

— Você acha que o Arch está morto? — pergunto, não conseguindo manter o tremor fora de minha voz.

Ela pressiona os lábios.

— Eu não sei. É definitivamente uma possibilidade. Mas também é possível que ele tenha cortado suas mãos e o tenha deixado ir como um aviso. Não saberemos até que o Arch apareça... ou não.

Eu consinto.

— Eu a avisarei sobre a coisa do guarda-costas. Vamos ver como esta coisa do sistema de alarme funciona primeiro.

— Certo, enquanto isso, vou me desfazer destas mãos. Voltarei em uma hora, e então ficaremos bêbadas.

Meus olhos se arregalam.

— Daya, você não tem que fazer isso. Isto é mórbido demais, e não quero que você tenha que...

A intensidade de sua expressão me impede de continuar, minhas palavras vão sumindo.

— Eu vejo coisas piores todos os dias, Addie. Vá para dentro, voltarei logo.

Engolindo em seco, eu aceno com a cabeça e me viro para a porta, lançando um último e demorado olhar para a silhueta da minha melhor amiga, imaginando em que diabos ela está envolvida se ela vê coisas piores do que partes do corpo cortadas todos os dias.

***

— Estão todos mortos. — As palavras são como uma bomba explodindo no meu ouvido, como aquele juiz em *Law Abiding Citizen*.

— O quê?

Toda a família do Arch foi dada como morta. Seu pai, dois irmãos, um tio e dois primos. Eu não sei os detalhes porque o crime foi bem-feito pra caralho. Sem testemunhas. Nenhuma evidência. Nada.

— Ai meu Deus. Você acha que foi o stalker?

Ela suspira e, mesmo pelo telefone, sei que ela está girando o piercing no nariz.

— É um crime muito pesado, mas não impossível. Houve rumores de que quando Arch foi dado como desaparecido depois que você chamou a polícia, Connor começou a fazer algumas acusações sérias contra seus rivais. A polícia parece pensar que foram eles, mas com a falta de provas, não há ninguém para acusar.

Eu aperto meus olhos, uma dor de cabeça florescendo em minha

têmpora.

— Então o stalker *matou* o Arch.

— Provavelmente — ela fala com um tom evasivo. — Se Arch voltasse para casa antes que a família fosse exterminada, ele teria dito quem o mutilou e Connor não teria atacado seus rivais. Então, acho plausível que as acusações de Connor sejam o que provocou a morte do resto deles.

Há tantos pensamentos girando na minha cabeça que não consigo entender o que estou sentindo. Estou terrivelmente horrorizada que minha sombra tenha assassinado alguém.

Mas ele era um homem ruim.

Isso não deveria importar, deveria? E para ser perfeitamente honesta, acho que suas verdadeiras intenções para matar Arch foram porque ele me tocou, não por causa de seus crimes.

— Honestamente, Daya, estou um pouco aliviada. A família do Arch não virá atrás de mim, e me sinto tão egoísta dizendo isso.

— Então somos ambas cadelas egoístas porque estou feliz pra caramba. — Eu sinto o entusiasmo dela. — Olha, os Talaverra eram pessoas más. O Arch não era o único com uma história ruim. O Connor tinha alegações de estupro contra ele, e o pai deles deve tê-los ensinado a estuprar e espancar uma mulher porque seus registros de estupro... são piores ainda.

Eu aceno com a cabeça, esquecendo que ela não consegue me ver.

— Certamente não vou lamentar a morte deles — murmuro.

Depois disso, desligamos, ambas precisando finalizar algum trabalho, mas minha mente continua divagando.

Na verdade, não estou triste de ouvir falar do destino dos Talaverra, mas ainda há aquela preocupação mesquinha, na parte de trás da minha cabeça, de que foi minha sombra quem os matou.

Já faz uma semana que Arch desapareceu e ainda não há sinal da minha

sombra. Não quer dizer que ele ainda não esteja se esgueirando, mas ele não dá sinal de sua presença

O amigo de Daya montou meu novo sistema de alarme e câmeras, e tenho vergonha de como tenho sido obsessiva em checá-las desde então.

A minha parte ingênua espera que agora que eu tenho um sistema de segurança, ele ficará longe. Mas enquanto eu tomo muitas decisões estúpidas – muitas mesmo – não sou estúpida o suficiente para acreditar que ele não vai aparecer aqui em breve.

Eu me espreguiço, gemendo enquanto meus músculos estalam, a banqueta na minha cozinha pouco ajudando a apoiar minhas costas enquanto eu escrevo. Tenho trabalhado em um novo romance de ficção sobre uma garota fugindo da escravidão, e o prazo que estabeleci para mim mesma está se aproximando rapidamente.

Quando começo a digitar novamente, um rangido vindo de cima atrai minha atenção. O som imediatamente faz com que meu coração comece a acelerar. Faço uma pausa, ouvindo qualquer outro barulho. Vários segundos passam sem nenhum distúrbio. Os únicos sons são a caldeira de aquecimento e o da leve chuva contra a janela.

Logo quando começo a pensar que estou perdendo a cabeça, ouço outro rangido vindo diretamente de cima de mim.

Segurando minha respiração, levanto-me lentamente do banco, as pernas de metal chiando contra os azulejos. Eu estremeço, o som é alto e desagradável.

Bem, caramba, ainda bem que não me tornei uma espiã. Eu morreria nesse trabalho.

Rapidamente, vou até a gaveta dos talheres, abro-a e agarro a faca de açougueiro. Segurar esta arma está começando a se tornar uma rotina diária, uma da qual estou começando a ficar entediada.

Eu não paro para pensar no que estou fazendo. Subo em direção às escadas, seguro no corrimão e subo silenciosamente os degraus. Por um instante, penso no título do filme de terror que eles fariam depois da minha morte.

Percorrendo o corredor, espreito pelos quartos com as portas abertas, segurando a faca na minha frente. O corredor é longo e largo, com cinco dos quartos aqui em cima.

Assim que saio de um dos quartos vazios, ouço um pequeno baque. Parece vir do meu quarto.

Com a respiração presa, desço pelo corredor, colocando todo o meu peso sobre as pontas dos pés.

Não faço a menor ideia de como as bailarinas fazem isso.

A porta do meu quarto está fechada. A adrenalina é liberada sem parar na minha corrente sanguínea, é como injetar heroína na veia.

Ela não estava fechada antes.

Fico do lado de fora da minha porta, olhando para ela como se ela tivesse um rosto e fosse me avisar do que está lá dentro. Isso seria totalmente benéfico neste momento.

Não saber o que vou encontrar do outro lado é a pior parte. É isso que faz com que meu coração bata ferozmente no meu peito e meus pulmões se apertem.

Será que vou abrir a porta e ver a sombra dos meus pesadelos? Vasculhando minhas coisas?

Meus olhos se arregalam, percebendo que a porra doentia pode estar vasculhando a gaveta das minhas calcinhas. O pensamento gera um tsunami de raiva que me assola, e antes que eu possa considerar as consequências, eu avanço pela porta.

Ninguém está lá dentro.

Eu olho toda o cômodo, verificando cada canto antes de sair enfurecida para a varanda. Ninguém.

Com o peito arfando, eu me viro e investigo o quarto, tentando descobrir onde um intruso poderia se esconder. Meus olhos param no armário.

Eu foco nele, deslizando a porta com tanta força que ela quase sai dos trilhos. Meu braço passa pelas roupas, procurando por alguém que não está aqui.

Mas eu sei que ouvi algo.

Minha respiração trava quando me viro e meus olhos passam pela minha cama, forçando-me a recuar. Bem debaixo dela está o diário de Gigi, no chão e aberto.

Esse pode ter sido o barulho, mas como diabos ele caiu? Meu sangue congela quando olho na minha mesa-de-cabeceira e vejo o diário que estou lendo ainda lá.

Eu havia colocado os outros dois diários da Gigi na minha mesa de cabeceira para ficarem seguros até eu chegar neles. Então, como um deles foi parar no chão?

Com outra vasculhada da sala, vou até o caderno e o pego, mantendo-o aberto. Passando os olhos pela página, eu faço uma pausa quando leio as palavras.

Julgando pelas datas, é o último diário que ela escreveu antes de morrer. Os três diários correspondem a dois anos, já que Gigi faleceu em 20 de maio de 1946.

O diário estava aberto em uma anotação de dois dias antes do assassinato de Gigi, em 18 de maio. Ela está demonstrando medo, mas não diz de quem. Claramente, ela está aterrorizada com algo. Meu coração bate com mais força à medida que absorvo suas palavras apressadas.

Ela fala sobre alguém estar atrás dela. Assustando-a. Mas quem? Esquecendo tudo o mais ao meu redor, eu me sento na beira da cama e passo para o início.

A cada registro, suas palavras se tornam curtas e temerosas. Antes que eu saiba, estou quase rasgando as páginas, tentando encontrar qualquer indício de quem é seu assassino.

Mas na última página, suas últimas palavras são: *ele veio atrás de mim*. Nenhum beijo de batom na página. Apenas essas quatro palavras assustadoras. Eu viro a página, procurando ver se há algo mais. Desesperada por elas, na verdade.

Não há mais registros, mas eu noto algo estranho.

Um pedaço de papel recortado sai da lombada do diário. Eu passo meus dedos sobre ele. Uma página foi arrancada.

Ela escreveu algo importante e decidiu que não valia o risco de que alguém soubesse? Todos esses três diários são obscenos, cheios de traições e sexo. Acima de tudo, cheios de amor por um homem que a perseguia.

Eu olho para cima, encarando à frente, mas sem ver nada.

Quando mamãe partiu, ela foi com a esperança de que eu ouvisse seus conselhos e saísse do Casarão Parsons.

Mas quando ela saiu por aquela porta, com o cheiro repugnante de seu perfume Chanel pairando em minhas narinas, eu decidi que não *queria* me mudar.

Será que a vovó tinha uma ligação estranha com o casarão? Possivelmente. Mas se esta casa significava tanto para ela, não me parece correto vendê-la. Mesmo que isso signifique que eu também tenha um apego não muito saudável.

E agora, essa decisão já se sedimentou. Não há como este diário ter caído no chão. No entanto, ele estava ali. E não sei se foi obra da vovó, ou da

Gigi, mas alguém queria que eu lesse estes registros.

Eles querem que eu encontre a pessoa que matou Gigi? Deus, não consigo nem imaginar como teria sido difícil resolver um assassinato nos anos 40 com uma tecnologia atrasada. O assassino dela ainda está vivo?

Talvez não importe se ele está ou não. Talvez Gigi queira justiça pelo seu assassinato, e que o homem que acabou com sua vida muito cedo seja descoberto, morto ou vivo.

Eu solto uma respiração ofegante, meus dedos passando pelas quatro palavras assustadoras.

Ele veio atrás de mim.

***

— Você pode me explicar por que está me fazendo invadir o banco de dados da polícia para ver fotos de sua bisavó assassinada? — pergunta Daya ao meu lado, seus dedos hesitando sobre seu mouse.

Sinto-me tentada a estender a mão e empurrar o dedo dela para baixo, para que ela finalmente clique no maldito botão. Assim que ela o fizer, ela vai recuperar os registros da Gigi.

Eu suspiro.

— Eu já lhe disse. Ela foi assassinada. E acho que sei quem foi, eu só... bem, não sei nada sobre ele a não ser seu primeiro nome, e o fato de que ele era seu stalker.

Daya me olha, mas eventualmente se arrepende. Ela clica finalmente com o mouse e recupera as fotos da cena do crime da Gigi.

Elas são bastante perturbadoras. Gigi tinha sido encontrada em sua cama, com a garganta cortada e uma queimadura de cigarro no pulso. Eles nunca encontraram o assassino pela falta de provas.

Muita culpa recaiu sobre os policiais que responderam ao chamado, já que eles pisaram em toda a cena do crime. As provas foram perdidas ou contaminadas por eles, e foi feita uma acusação, mas no final das contas, ninguém foi responsabilizado por isso.

Daya clica nas fotos, cada uma delas mais perturbadora do que a outra. Fotos em detalhes da ferida em seu pescoço. A queimadura em seu pulso. O rosto da Gigi, congelado de medo enquanto seus olhos mortos olham de volta para a câmera. E o batom que ela usava, manchado sobre a bochecha.

Eu engulo em seco, a visão era um contraste cruel com a imagem que ela tinha em vida. Seu rosto largo e sorridente, tão cheio de vida e brilho. E agora, seu corpo morto, frio e congelado em medo.

Quem a matou a assustou bastante. Um sentimento no fundo da minha mente me incomoda. Com base nos registros da Gigi, seu stalker não a assustava. Na verdade, parece que ele fazia exatamente o oposto.

Eu tiro o pensamento da minha cabeça. Ele estava obcecado por ela, e havia vários registros perto de sua morte que indicavam que eles não estavam se entendendo por causa de seu ciúme pelo casamento dela.

Sua obsessão deve ter sido mortal.

Daya então clica sobre os relatórios da polícia. Não apenas os que foram divulgados ao público, mas sobre os documentos da investigação, que eram confidenciais.

Tecnicamente, a investigação ainda está aberta. Só está simplesmente parada.

Gastamos tempo lendo os documentos, mas no final, a única coisa que aprendemos foi sobre a hora da morte, e o fato de que Gigi lutou, e muito.

Meu bisavô, John, foi imediatamente descartado devido a vários relatos de testemunhas oculares que o viram na mercearia durante a hora do assassinato.

Eu mordo meu lábio, o pensamento provoca culpa, mas não consigo deixar de pensar nisso.

E se ele fosse um cúmplice?

Eu tiro o pensamento da minha cabeça. Não. Não há como. Meu bisavô amava Gigi, apesar do fato de que seu casamento estava desmoronando.

Tinha que ter sido o stalker.

É a explicação mais óbvia. O assediador ganhou a confiança da Gigi – de alguma forma – a fez sentir-se confortável o suficiente para que ela relaxasse ao seu redor. Então ele a matou.

— Tem que haver um significado para essa página rasgada — murmuro, ficando frustrada com a falta de provas. Eu nunca poderia ser uma detetive e fazer esta merda todos os dias.

— Talvez o assassino tenha feito isso — Daya supõe, passando pelas imagens descuidadamente.

Aperto meus lábios juntos, considerando isso antes de balançar minha cabeça.

— Não, isso não faria sentido. Por que eles arrancariam apenas uma página e não apenas jogar tudo mais fora? Elas são todas incriminatórias. Quer tenha sido o assediador ou outra pessoa, Gigi fala de ser caçada. E se soubessem do stalker, então eles poderiam facilmente atribuir a culpa ao Ronaldo e ponto final. Quem quer que tenha sido, eles não sabiam disso. Gigi tinha que ter arrancado a página antes de esconder os diários.

Daya acena com a cabeça.

— Você está certa. O que quer que esteja naquela página que falta é algo importante, mas não podemos contar com isso.

— Precisamos descobrir quem é Ronaldo — concluo.

Daya assente, parecendo um pouco exausta pelo pensamento. Não posso dizer que eu também não esteja.

— E nós não temos nada para começar. — Não há menção de seu sobrenome. Quase nenhuma descrição física.

— Ele tinha uma cicatriz na mão — sugiro, lembrando as menções disso no diário da Gigi. — E usava um anel de ouro.

— Ela mencionou a posição social dele? Emprego? Algo que pudesse nos levar ao que ele poderia ser?

Aperto meus lábios ao pensar.

— Vou ter que olhar de novo. Lembro que ela disse que ele estava envolvido em algo perigoso, mas eu ainda não tive a oportunidade de ler tudo.

Ela acena e balança com a cabeça em um suspiro moderado.

— Até lá, acho que vamos ficar estagnadas, até encontrarmos Ronaldo ou aquela página desaparecida.

Eu suspiro, meus ombros caem.

— Isso pode estar literalmente em qualquer lugar, ou nem sequer existir mais.

Daya me olha com simpatia.

— Vamos tentar estratégias diferentes. Estou tão comprometida nesse momento quanto você.

Eu devolvo um sorriso agradecido antes de voltar às fotos do crime.

Esse foi sem dúvida um crime passional, e se tem algo que eu sei, é que stalkers tendem a ser muito apaixonados por suas obsessões.

***

Eu me endireito, um suspiro persistente na ponta da língua. O suor cobre minha pele e meu cabelo gruda nas bochechas, no pescoço e nas costas.

Não consigo me lembrar com o que eu estava sonhando. Mas algo me

despertou.

O coração palpita, meus olhos pesados de sono vagueiam pelo quarto escuro. Apenas a luz da lua passa pelas portas da varanda. Os móveis lançam sombras sobre o quarto, criando figuras que não estão realmente ali. Não me importo com os fantasmas dançando pelo meu quarto, mas o que me despertou tem uma presença. Uma *alma*.

As tábuas do chão rangem à minha direita, do lado de fora da porta do meu quarto. Minha cabeça se vira na direção, e eu prendo a respiração. Os pelos se eriçam na parte de trás do meu pescoço, como um cão assustado encurralado num canto.

Eu seguro o ar em meus pulmões, cuidando para não fazer nenhum som, caso eu volte a ouvir o barulho. A quietude se instala ao redor da casa. Muito quieto. Meus dedos apertam o edredom no meu colo à medida que meu ritmo cardíaco aumenta.

Alguém está do lado de fora do meu quarto.

Mas como?

Como é que ele conseguiu passar pelo sistema de alarme?

Outro rangido, seguido de passos pesados. Uma caminhada metódica, lenta e proposital. Intencional.

Eu escorrego lentamente para fora da cama e me inclino para trás até que minhas costas pressionam contra a parede de pedra fria, aumentando a distância entre o intruso, do lado de fora da minha porta, e eu.

Apesar dos meus esforços, solto uma respiração trêmula. Meu peito se agita com o movimento rápido, à medida que os passos se aproximam.

Estou congelada. Minhas costas estão tão pressionadas contra a pedra que estou me tornando uma parte dela, impedindo-me de me mover. De me esconder.

As passadas param do lado de fora da minha porta.

Desesperadamente, meus olhos procuram em toda a extensão do quarto. Eles pousam em uma chave de fenda solitária, no final da cama. Eu a havia jogado descuidadamente de lado, depois de montar minha penteadeira, e agora ela está ali, como um farol de esperança. Possivelmente a única coisa que poderia me manter viva hoje à noite.

Mexa-se, Addie. Maldição, MEXA-SE!

Meus membros destravam e eu corro para a chave de fenda, agarrando-a com minhas mãos escorregadias. Meus olhos estão colados na maçaneta da porta, esperando que o puxador gire. Silenciosamente, eu deslizo até a porta e me encosto na parede.

Vou esperar que ele entre e depois atacar. Espero conseguir alojar a chave de fenda no pescoço dele antes que ele perceba o que está acontecendo.

Então, prendendo a respiração, eu espero. A maçaneta não gira, mas posso sentir no fundo dos meus ossos que alguém está ali fora. Eles estão esperando por mim? Eles estão loucos se acham que eu vou abrir essa porta. Suponho que devem estar, no entanto, se estão invadindo minha casa e andando no corredor do lado de fora do meu quarto.

O minuto mais longo da minha vida passa. Parece que já se passaram horas antes que eu ouça outro rangido. Então ouço os passos recuarem. Aos poucos eles se desvanecem, até que eventualmente eu não os ouço mais.

Meus ouvidos captam um som e, como eu suspeitava, ouço minha porta da frente fechar. Um clique suave que parece um trovão em uma casa silenciosa. Instantaneamente, eu abro a porta e corro pelo corredor até o quarto com janelas que fica de frente para entrada.

Agachando-me, espreito através das cortinas e espero que a pessoa saia do alpendre da frente.

Parece que se passa uma eternidade, mas imagino que foram apenas segundos antes que eu veja algum movimento. Um som baixo sai dos meus

lábios, quando um homem grande sai dos degraus e caminha para fora da minha porta de entrada. Ele está vestido de preto, com um capuz largo sobre a cabeça.

Ele é alto – muito alto, mas não volumoso. Mesmo debaixo de suas roupas, posso dizer que seu corpo é letal para caralho. Magro, mas cheio de músculos. Seu moletom, justo ao corpo, mostrando seus ombros largos, braços grossos e cintura estreita.

Deus, ele poderia me esmagar se quisesse. Sua mão parece suficientemente grande para cobrir todo o meu rosto. Ou envolver o meu pescoço.

Será que ele faria isso para causar dor ou prazer? Minha sombra quer me machucar ou me ama?

Ele aguarda, ainda de costas para mim. Ele pode me sentir olhando para ele, assim como eu o senti do lado de fora da minha porta.

Escondo-me nas sombras, fora de vista. Meu coração ainda está acelerado, embora agora por uma razão completamente diferente.

Algo nele me faz querer pressionar meu rosto contra a janela. Eu quero vê-lo. Quero ver o homem que tem rastejado para dentro de minha casa, deixando-me flores e mutilando qualquer alma suspeita que se atreva a me tocar.

Sua mão estava na maçaneta, ele estava pronto para entrar? O que o impediu?

Como se estivesse ouvindo meus pensamentos, ele inclina a cabeça ligeiramente. Com atenção, eu o observo lentamente virar seu rosto para o lado. E muito devagar, ele levanta o queixo, o luar revelando sua boca larga e uma mandíbula bem definida.

Eu me coloco contra a parede, sentindo seus olhos em mim. Não há como ele me ver. Entretanto, de alguma forma, sinto o olhar dele me

perfurando assim mesmo. Como pequenas e afiadas facas passando pela minha pele antes de cravar dentro de mim.

E então ele sorri, sua boca se contorce em um sorriso malicioso. Minha respiração falha e meus pulmões se enchem de fogo.

Isto é engraçado para você, imbecil?

Antes que eu possa processar o que fazer – o que estou sentindo – ele se vira e se afasta, desaparecendo na linha das árvores. Ele caminha devagar de propósito, como se ele não tivesse uma preocupação no mundo.

18 de setembro de 1944

Ele voltou. Ronaldo voltou.

Ele estava machucado e ferido quando retornou. Cortes desfiguraram seu lindo rosto. Os machucados descoloriram sua pele. Fiquei tão animada em vê-lo que me lancei sobre ele. Só então, reparei o grunhido de dor. Quase chorei quando vi seus ferimentos.

Ele não me contaria o que aconteceu, mas acho que a distância nos separou. Porque nós…

Me deitei com outro homem. Um homem que não era meu marido. Estou achando muito difícil encontrar o arrependimento. Há a vergonha. Isso eu sinto. Mas não o arrependimento.

Na verdade, tudo o que quero é fazer isso de novo.



CAPÍTULO 11

A MANIPULADORA



Daya disse que minha avó era uma aberração, mas começo a me perguntar se era a mãe dela que era a aberração. Eu folheio o diário, lendo as palavras dela.

Estou sentada na mesma cadeira de balanço que Gigi costumava se sentar para escrever em seu diário, enquanto seu stalker a vigiava. Enquanto ela deixava os olhos dele se banquetearem com a visão dela, e se divertia com ela, aparentemente.

Ao fechar o diário, eu o atiro no tamborete diante de mim, os móveis balançando devido o movimento do pesado diário.

Eu suspiro forte, apertando minha têmpora para afastar a dor de cabeça que desabrocha.

O que ela estava pensando? Deixar um homem estranho a observar, entrar em sua casa e tocá-la? Isso é uma loucura. Certamente uma insanidade.

O que é verdadeiramente insano é o fato de eu ter encontrado este diário, e de um stalker me ter encontrado na mesma noite. Eu nem quero

pensar no que isso significa.

O vento sopra do lado de fora da janela, sacudindo o vidro. As nuvens de chuva estão chegando, é o clima sempre instável que assola Seattle. Justo quando se pensa que vamos ter um lindo dia de sol, surge uma nuvem de tempestade, pronta para explodir.

Ok, nojento, Addie.

Um baque alto vem da cozinha, fazendo eu quase pular do meu assento. O coração bombeando fortemente em meu peito, olho em direção à cozinha e não vejo nada de errado.

— Olá? — pergunto, mas ninguém responde.

Tentando acalmar a minha respiração, viro para a direita quando um movimento no canto do olho me chama a atenção do lado de fora da janela. Minha cabeça se vira naquela direção e meus olhos fixam no que quer que eu tenha acabado de ver. Está quase escuro lá fora, exceto pela luz da lua e uma única luz na parte de fora da minha porta da frente.

Outro clarão de movimento faz com que eu quase grude meu rosto contra o vidro. É uma pessoa, caminhando em direção à minha casa, saído dentre duas grandes árvores. Meus olhos se estreitam em fendas finas à medida que a silhueta da pessoa se torna mais aparente.

Ele está de volta.

Depois de duas noites sem absolutamente nada, o filho da puta realmente voltou.

Minha mão vai até a mesa ao meu lado, agarrando a faca de açougueiro que carrego comigo desde que ele invadiu minha casa pela última vez. Pelo visto, minhas câmeras de segurança são inúteis com ele. No segundo em que ele saiu, eu as verifiquei apenas para descobrir que elas não registraram sequer um sinal dele.

Quando Daya deu uma olhada nelas, seu rosto ficou branco, e seus

olhos se abriram com terror. Ele alterou as câmeras. Invadiu-as e fez parecer que nada estava acontecendo enquanto ele andava pela minha casa enquanto eu dormia.

Ela disse que ele não só alterou a alimentação da câmera, mas o fez tão bem, que era indetectável. A única razão pela qual Daya foi capaz de chegar a essa conclusão é porque ela sabe como a tecnologia funciona e ela faz a mesma coisa no seu trabalho.

Este cara é perigoso, de muitas maneiras e não apenas por suas tendências violentas.

Eu agarro o cabo da faca e a coloco no meu colo. Enquanto ele se aproxima, meu coração bate no peito, no ritmo dos passos que ele dá na minha direção.

Eu me levanto e fecho minha janela. Eu não sei exatamente o que estou fazendo. Provocando-o? Desafiando-o a entrar em minha casa novamente? Se ele o fizer, eu tenho todo o direito de me defender.

O homem para a cerca de vinte metros de distância, seu rosto mais uma vez escondido no fundo de um capuz. Ele se endireita como se estivesse se sentindo à vontade, enfia uma mão no bolso do moletom e puxa para fora algo que não consigo ver. Só quando o vejo acender um isqueiro, mostrando seu queixo impossivelmente angulado e um cigarro saindo de sua boca. Ele acende o cigarro e então a chama se apaga, deixando somente sua silhueta iluminada com um vermelho ofuscante sob a luz do luar.

Ele olha fixamente.

E eu fico olhando de volta.

Sem desviar o olhar, pego meu celular na mesa. Eu fiz o que ele disse e não chamei a polícia quando ele me mandou aquela merda de caixa com mãos, mas ele não disse que eu não podia chamá-los quando ele estivesse a seis metros do lado de fora da minha janela.

Eu olho para baixo para desbloquear a tela e quando olho para cima, meu polegar congela.

A luz da lua se derrama sobre sua silhueta. E com perfeita clareza, eu o observo sacudir lentamente a cabeça dele para mim. Avisando-me para não fazer o que estou prestes a fazer.

Olho para a minha porta da frente, o medo se espalha pelo meu corpo a uma velocidade alarmante. Está trancada, mas ele já provou que ela é inútil. Eu calculo a distância entre ele e a porta. Quanto tempo levaria para que ele corresse até ela. Certamente, pelo menos 30 segundos.

É tempo suficiente para ligar para o 190 e dizer-lhes que alguém está tentando me machucar, certo? Mas seria inútil. Vai levar não menos que meia hora para a polícia chegar até mim.

Como se ouvisse meus pensamentos, ele dá alguns passos mais perto, sua mão puxa de vez em quando o cigarro da boca enquanto sopra.

Ele está... me desafiando? Minha coluna se endireita, e uma raiva incandescente enche minha visão. Quem diabos esse cara pensa que é?

Rosnando baixinho, eu passo pela minha porta, destranco-a e abro-a. Ele vira a cabeça para me encarar e, por um momento, quase recobro a consciência e corro de volta para dentro.

Eu me endireito, desço os degraus com raiva e corro em direção a ele.

— Ei, babaca! Se você não sair da minha casa, chamarei a polícia.

Mais tarde, vou perguntar a Deus por que Ele me fez do jeito que sou, mas agora, tudo o que posso fazer é colocar duas mãos no peito dele e empurrar quando chego perto o suficiente. Não me permiti perceber os músculos definidos sob seu moletom, porque somente os psicopatas se concentrariam nisso agora mesmo.

O colosso de homem não se move um centímetro.

Ele também não fala. Ou reage. Não faz nada.

Bufadas raivosas saem do meu nariz como um touro, enquanto eu olho para o homem encapuçado. Não consigo ver muito do rosto dele, exceto a metade inferior, mas posso sentir seus olhos ardendo em mim. Como se em breve meu corpo fosse arder até não restar nada além de cinzas dançando no vento frio.

— O que você quer de mim? — rosno, cerrando meus punhos, apenas para disfarçar o tremor. Meu corpo inteiro começou a vibrar de raiva e medo. Mas também de outra coisa. Algo tão perturbador, que eu me recuso a dar-lhe um nome.

Ele não responde, mas sorri – uma lenta e pecaminosa curva em seus lábios que enviam faíscas deslizando por minha coluna.

Com cuidado, a língua dele se move e lambe seu lábio inferior. Meus olhos se concentram no movimento. Um gesto primitivo. Animalista. E aterrorizante pra caralho.

Meu coração começa a subir pela minha garganta. Engolindo-o de volta, aperto os olhos e abro a boca para gritar um pouco mais com ele.

Antes que eu possa, ele dá um único passo para trás. E embora eu não consiga vê-lo, sei que ele está me dando uma olhada. Então ele se vira e se afasta.

Assim, sem mais nem menos.

Nem uma única palavra dita. Nem uma explicação oferecida. Nem mesmo uma confissão louca de como ele quer que fiquemos juntos ou alguma merda assim.

Nada.

Eu fico ali parada, e observo sua silhueta recuar, voltando para qualquer portal do inferno de onde ele tenha saído. Fico olhando até que ele se vá, e começo a refletir se realmente perdi a cabeça e apenas imaginei tudo.

Certamente, eu não seria tão estúpida para enfrentar um psicopata. O

mesmo que cortou as mãos de um homem e as deixou à minha porta.

Mas foi exatamente isso que eu fiz. E ele não fez nada em troca, exceto lamber seus lábios para mim como se planejasse se banquetear comigo.

Ah não, e se eu tiver uma segunda reencarnação do *serial killer* Jeffrey Dahmer como stalker?

Com o coração de volta na minha garganta, eu me viro e corro de volta para dentro, sentindo como se os cães de caça de Lúcifer estivessem mordiscando minha bunda. E quando fecho e tranco a porta atrás de mim, olho de volta para a cadeira de balanço onde eu estava sentada e vejo a faca jogada ao acaso no chão, ao lado do tamborete.

Ai, meu Deus.

Confronto um psicopata e deixo cair a faca no chão em vez de trazê-la comigo.

Meu Deus, por que você me fez do jeito que eu sou? Na próxima vida, você pode não fazer um trabalho tão de merda?

***

Como recompensa por terminar meu manuscrito e enviá-lo ao meu editor, estou me dedicando a uma bela investigação de assassinato.

Daya enviou mais notas que ela encontrou no banco de dados da polícia. Os e-mails são enviados a cada minuto com mais detalhes. A maior parte são relatórios escritos à mão por homens com uma caligrafia atroz.

E com a falta de cuidado na cena do crime, não temos essencialmente nada para continuar.

Meu bisavô mencionou em um depoimento que ela estava agindo estranho durante vários meses antes da sua morte.

Ela estava distante. Não tão tagarela. Paranoica. Irritada com a vovó,

ela se atrasou várias vezes para buscá-la na escola, sem nenhuma explicação sobre o motivo.

Gigi não quis falar sobre isso com seu marido, o que levou a várias discussões entre eles. Nos depoimentos, ele admitiu que o relacionamento deles vinha declinando nos últimos dois anos. Ele havia implorado a Gigi para falar com ele sobre sua mudança de comportamento, mas ela alegou que nada estava errado.

Passei horas dissecando os relatos no diário de Gigi, procurando por significados ocultos em tudo o que ela escreveu. Procurando os verbetes onde ela expressava medo e desconforto.

Mas o que quer que a assustava, provocava tanto medo que ela não conseguia nem mesmo escrevê-lo em palavras.

Parte de mim desejava que estes diários tivessem sido encontrados durante sua investigação. Eu poderia nunca ter chegado a lê-los se tivessem sido, mas talvez então eles pudessem ter conseguido resolver o caso.

Eu suspiro e passo as mãos pelo meu cabelo grosso. Meus ombros estão começando a doer pela minha postura encurvada e meus olhos estão ficando cada vez mais cansados de toda a leitura.

Uma dor de cabeça floresce em minhas têmporas, piorando minha visão até que não consigo mais ver ou pensar direito.

Sento-me de volta na cadeira de balanço e olho pela janela.

Meu grito estrangulado perturba o silêncio quando vejo o stalker de volta no mesmo lugar que antes, fumando o estúpido cigarro. Já se passaram três dias desde que o confrontei, e estou em alerta máximo desde então. Esperando que ele invadisse novamente e, desta vez, entrasse em meu quarto enquanto estou dormindo.

Meu coração salta em meu peito, bombeando erraticamente. Sinto um arrepio no estômago, minha boca fica seca enquanto um calor desce entre

minhas coxas.

Estou colada à cadeira, ofegando pela mistura de medo e excitação. Minhas bochechas queimam de vergonha, mas o sentimento não se dissipa. Eu deveria fechar as cortinas, fazer um favor a mim mesma e tirar a ambos dessa nossa batalha silenciosa.

Mas por alguma razão desconhecida, não consigo me mover. Ou pegar o telefone e chamar a polícia. Ou fazer qualquer coisa que me classifique como inteligente e com bom senso.

Essas coisas são inexistentes quando olho para o homem. Quaisquer que sejam os fantasmas que assombram estas paredes, eles não são mais relevantes, não quando há algo muito mais perigoso assombrando o terreno.

Como se os fantasmas me ouvissem, passos leves soam de cima de mim. Eu viro minha cabeça e levanto meus olhos para o teto, seguindo os passos fantasmas até que eles desaparecem.

E quando viro para trás, meu stalker está alguns metros mais perto. Como se ele estivesse se perguntando para o que eu estava olhando. Questionando o que poderia ter desviado minha atenção dele.

Ele está se perguntando se é outro homem, tenho certeza. Talvez ele pense que Greyson está de volta, ocupando algum lugar na casa. Chamando por mim e me pedindo para me juntar a ele na minha cama, nu e ereto para mim.

Talvez ele até pense que nós acabamos de foder, que minhas coxas ainda estão escorregadias com o sêmen de outro homem.

Será que isso o irrita?

Claro que irrita. Ele mutilou e matou um homem por ter me tocado. O que ele faria com um homem por me foder?

O que ele faria comigo?

Não importa que seja a coisa mais distante da verdade. O fato de que

esses pensamentos podem estar passando pela cabeça dele e o enlouquecendo traz um pequeno sorriso aos meus lábios.

Só para foder com ele, eu viro minha cabeça e finjo gritar algo.

— O que você está fazendo? — digo em voz alta, apontando minhas palavras para um fantasma que nunca vai responder.

Olhando para trás, para minha sombra, vejo-o puxar seu telefone, a luz azul se perdendo nas profundezas de seu capuz enquanto olha para algo. Vários segundos depois, ele o coloca no bolso, puxa para fora outro cigarro do maço e o acende. Um fumante inveterado. Que nojo.

Ele fica por mais quinze minutos. E durante esse tempo, eu quase não olho para o lado. Parece quase um jogo, e eu sempre fui uma péssima perdedora.

***

Agradeço a Deus por não ter que viajar para este evento de autógrafos. Outro grande autor de romance é o anfitrião e, felizmente, acontecerá na boa e velha Seattle.

Uma fina camada de suor reveste minha pele enquanto eu me olho no espelho uma última vez.

— Você já fez um milhão delas, amiga. Você vai se sair bem — assegura Daya, por trás de mim. Estou usando uma blusa vermelha insinuante que mostra bem o meu corpo, sem parecer muito provocadora ou inapropriada e com um jeans preto rasgado. Eu pintei meus lábios de vermelho e calcei sandálias confortáveis.

Meu cabelo castanho avermelhado está cacheado em ondas soltas, completando um visual casual, mas chique. Normalmente não gosto de me vestir para estas coisas. Fico sentada em uma cadeira o dia todo, então me

certifico de estar bonita o suficiente para tirar fotos e deixo o resto mais confortável.

Cheiro minha axila, verificando duas vezes se meu desodorante não me deixou na mão e acabarei com odores desagradáveis.

— Eu sei, mas isso não os torna mais fáceis — resmungo.

— Como você se denomina? — Daya me pergunta, fazendo uma careta para mim.

Eu suspiro.

— Uma influenciadora profissional.

— Por quê?

Reviro meus olhos.

— Porque eu influencio as emoções das pessoas com as minhas palavras quando elas leem meus livros. — Ao dizer isso, eu me alegro.

— Exatamente. Então é isso o que você faz, exceto que agora sua boca dirá as palavras em vez dos dedos. Finja até conseguir, querida.

Eu aceno com a cabeça, olhando minhas axilas no espelho de todos os ângulos. Meu desodorante pode atestar que combate os maus cheiros, mas a blusa não veio com uma etiqueta que dizia que era resistente às manchas.

Suspirando novamente, deixo meus braços caírem para os lados.

— Não é que eu não goste de conhecer meus leitores, apenas não me dou bem em multidões e situações sociais. Sou muito estranha.

— Você também é uma grande mentirosa. Isso é o que você faz na vida. Basta sorrir e fingir que não está tendo um grande ataque de pânico.

Outro revirar de olhos enquanto pego minha bolsa na cama.

— Você é ótima com discursos motivacionais —digo secamente. Ela bufa em resposta.

Daya é uma droga como motivadora, e ela sabe disso. Ela é a pessoa lógica em nossa amizade, enquanto eu sou a emotiva. Ela tem tudo a ver com

oferecer soluções, enquanto eu prefiro me enrolar em meu pavor e ansiedade, e reclamar sobre isso.

Acho que eu sou mais parecida com minha mãe do que eu pensava.

Ainda assim, nunca vou admitir isso em voz alta.

***

O evento é um sucesso, como sempre. Toda vez que me esforço para estes eventos, acabo sempre por nunca querer ir embora quando terminam.

Ter a oportunidade de encontrar outros amigos autores e tentar fugir com todos os seus livros autografados enquanto rio loucamente, é o que realmente me traz paz na vida.

O que realmente me traz felicidade é ver as muitas caras sorridentes ansiosas por me conhecer e conseguir livros meus autografados.

Eu amo minha carreira como influenciadora profissional. Sou afortunada de fazer o que faço.

Estou um pouco bêbada por ter tomado algo no bar após o evento, então Daya está me levando de volta para casa no meu carro. Nós rimos e gargalhamos de momentos engraçados e até mesmo de fofocas sobre as histórias que sempre circulam pela comunidade literária.

Estamos curtindo e nos divertindo, mas nossos sorrisos morrem quando ela se aproxima da casa.

Uma luz solitária está acesa, brilhando através da janela. Eu apaguei todas as luzes antes de sairmos.

Vou sair do carro, mas o aperto firme de Daya na minha mão me detém.

— Ele ainda pode estar lá dentro — diz ela imediatamente, com um aperto de mão quase doloroso.

— É melhor que ele esteja — rosno, puxando meu braço. Eu saio do carro antes que Daya tente me parar de novo e corro em direção ao casarão.

— Addie, pare! Você está sendo estúpida.

Eu estou, mas o álcool só potencializou minha raiva. Antes que Daya possa me impedir, abro a porta da frente e voo para dentro da casa.

Uma única luz acesa está sobre a pia da minha cozinha, muito fraca para iluminar adequadamente a frente da casa.

Ninguém está esperando por mim, então começo a acender as luzes para diminuir o tom ameaçador no ar.

— Saia, sua aberração! — grito, invadindo a cozinha e agarrando a maior faca que posso encontrar. Quando me viro, Daya está de pé na porta, olhando ao redor com uma expressão alarmada em seu rosto.

Eu tinha tanta intenção de matar o bastardo, que nem me dei ao trabalho de olhar em volta.

Toda a sala de estar está coberta de rosas vermelhas. Minha boca se abre, e as palavras vacilam e somem.

Eu viro e vejo um copo de uísque vazio no balcão, uma gota de álcool no fundo do copo e uma marca diferente na borda.

Ao lado do copo há uma única rosa vermelha.

Meu olhar arregalado cruza com o de Daya. Tudo o que podemos fazer é apenas olhar uma para a outra, em estado de choque.

Com o coração na garganta, eu finalmente digo:

— Preciso verificar o resto da casa.

— Addie, ele ainda pode estar aqui. Precisamos chamar a polícia e sair. Agora.

Eu mordo meu lábio, duas metades guerreiam dentro de mim. Eu quero procurá-lo, confrontá-lo e apunhalá-lo nos olhos algumas vezes. Mas não posso colocar Daya em perigo mais do que já o fiz. Não posso continuar

sendo estúpida a respeito disto.

Relaxando, eu aceno com a cabeça e a sigo para fora do casarão. O vento forte sequer penetra no gelo que se instala em meus ossos.

O que mais ele fez? Começo a resmungar quando percebo que ele provavelmente entrou no meu quarto. Tocou minha roupa íntima. Talvez até tenha roubado alguma.

A voz da telefonista corta os meus pensamentos. Eu estava tão distraída que não percebi que Daya tinha chamado a polícia por mim.

Ela descreve a situação, e depois de alguns minutos, a telefonista despacha um policial e nos avisa que ele levará vinte minutos para chegar até nós.

Eu sei que o assediador não está mais aqui. Sinto no meu âmago. Mas espero que ele seja um criminoso e, esteja no sistema, assim o DNA do copo de uísque o identificará.

Mas assim como eu sei que ele não está mais aqui, também sei que não será tão fácil pegá-lo.

***

— Venha para casa comigo hoje à noite — diz Daya. Estamos ambas cansadas e sóbrias depois de conversar com a polícia por duas horas.

Eles revistaram a casa, e ele não estava em lugar algum. Eles tiraram impressões digitais do copo de uísque para ver se conseguiam uma correspondência.

Estou exausta, então concordo com a cabeça.

Sua casa fica a vinte minutos de distância, e ainda bem que eu a segui o tempo todo, ou então poderia ter perdido o foco e dirigido sem direção.

Daya vive em uma casa pitoresca, em um bairro agradável e tranquilo.

Ela estaciona o carro e nós duas entramos na casa.

Sua casa estaria bastante vazia se não fossem os móveis e os milhares de computadores por toda parte. Ela leva seu trabalho a sério, e embora não fale muito sobre ele, eu sei que ela lida com alguns assuntos bastante pesados.

Ela já mencionou antes que lida com a *dark web* e o tráfico humano. E só isso é o suficiente para dar pesadelos a alguém.

Aparentemente, seu chefe é rigoroso em manter os detalhes confidenciais, mas houve momentos em que Daya pareceu mais assombrada do que o Casarão Parsons.

Quando eu perguntei o que ela ganhava com isso, ela tinha dito que salvava vidas inocentes. Isso era tudo que eu precisava ouvir para saber que Daya é uma heroína.

— Você sabe onde fica o quarto de hóspedes — diz Daya, apontando preguiçosamente seu dedo na direção. — Você quer alguma companhia? Tenho certeza de que você está realmente assustada.

Eu forço um sorriso.

— Eu te amo por oferecer, mas acho que nós duas só precisamos dormir agora — digo.

Daya assente e, depois de me desejar boa noite, se retira para o seu quarto.

Eu me embrulho no edredom branco em seu quarto de hóspedes. Assim como o resto de sua casa, está bem vazio aqui dentro. Paredes azuis claras, decoradas com alguns quadros oceânicos e leve cortinas brancas.

Meus olhos se fixam nelas.

Não nas cortinas em si, mas no que está entre elas.

Pela segunda vez esta noite, meu coração se aloja na minha garganta, pulsando contra minha caixa vocal e me impedindo de fazer um som.

Do lado de fora da janela, está a silhueta de um homem. Olhando diretamente para mim.

Recuo, pronta para me virar e chamar por Daya. Quando meu celular emite o som de uma notificação, eu hesito, congelo e quase me sufoco com o medo.

Mantendo um olho no homem, tiro meu aparelho do bolso e vejo uma nova mensagem de texto.

DESCONHECIDO: Você não gostou das minhas flores?

19 de novembro de 1944

Não consigo me saciar dele. Fico constrangida até em admitir. Já se passaram meses, mas parece que cada vez é diferente.
Frank e John foram pescar hoje e fico envergonhada em admitir que não posso esperar até que saiam. Apesar da mudança no meu comportamento, John não suspeitou da minha traição.
É terrível, mas não me arrependo desse caso.
Ronaldo me faz sentir linda. Querida. Algo que não sinto desde que tive Sera. Ele me trata como uma mulher, não como alguém para seguir suas ordens ou preparar sua comida.
E certamente não como uma porcelana delicada, mas sim como uma mulher que gosta de ser arrebatada.
Faço o meu melhor para não pensar sobre isso quando John está em casa. Não consigo controlar o sorriso no meu rosto. E já faz tanto tempo desde que John me fez sorrir, eu temo que ele vá suspeitar ainda mais se notar.



CAPÍTULO 12

A SOMBRA



— Aqui está outro vídeo — diz Jay ao telefone, sua voz solene. Eu me levanto do meu sofá e vou para o escritório.

Uma série de telas de computador alinhadas na mesa de dez metros de comprimento, e todos os meus outros dispositivos ilegais estão aqui dentro. *Jammers*, rastreadores, botões que acionam explosivos em vários lugares, caso alguém me traia, e assim por diante.

Só esta sala vale milhões com toda a merda que tenho aqui dentro.

É meu lugar feliz, assim como meu pesadelo vivo.

É aqui que eu faço a diferença no mundo. Onde encontro mulheres e crianças que precisam ser salvas, ao mesmo tempo em que assisto às torturas que aqueles indivíduos doentes as fazem passar.

É preciso dinheiro para infiltrar-se em edifícios de alta segurança, resgatar as meninas e dar-lhes refúgio e segurança fora da rede.

Grandes corporações me pagam uma enorme quantia para invadir os sistemas de seus rivais por qualquer motivo besta, seja porque estão

competindo e querem saber o que o outro está planejando, ou porque têm um processo judicial contra o outro e tentam encontrar informações.

Estou me lixando para os problemas que eles têm uns com os outros. Minha preocupação é apenas que eles consigam aquilo para o qual me contrataram.

No final, alguém rico se fode, meu cliente lucra muito com isso, e eu coleto os juros. É sujo, mas eu nunca estive em um ramo em que poderia manter minhas mãos limpas.

E isso me permite dedicar a vida para acabar com o tráfico humano.

— Onde? — ladro, meus dedos já voando sobre o teclado.

— Já encriptado e enviado para o seu e-mail.

Eu inclino meu pescoço, estalando os músculos e me preparando para algo que vai me dar muita indigestão.

O vídeo começa, e apesar dos meus instintos gritando para que não o faça, aumentei o volume para que eu possa ouvir.

É um vídeo granuloso de um fodido ritual satânico. A pessoa que está gravando está respirando pesadamente, muito provável que seja pelo risco de ser pega fazendo algo extremamente perigoso.

Quatro homens de túnica estão de pé sobre um altar de pedra, com um garotinho se contorcendo amarrado a ela.

Repetidamente, ele grita para deixá-lo ir. Sua vozinha falhando, enquanto ele chora por ajuda.

Eu passo a mão por cima do rosto quando eles enfiam uma faca curva em seu peito. Eles enchem taças de metal com seu sangue e bebem a taça inteira de uma só vez.

Eu me forço a observar e suportar a dor, ao lado deste menino. Porque mesmo que esta alma inocente já tenha desaparecido, isso não significa que eu não farei tudo o que estiver ao meu alcance para encontrar justiça para ele.

Quando o vídeo termina, tenho que me virar e respirar fundo apesar da vontade de vomitar.

— Z? — Eu tinha até esquecido que Jay ainda estava na linha.

— Sim? — respondo, minha voz rouca e baixa.

— Eu... eu não pude assistir, cara. Não consegui fazer isso.

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Está tudo bem — digo. — Você não precisa fazer isso.

Jay sabe o quanto me custa ver estas coisas, mas também sabe que eu me recuso a me afastar delas. É o que a maioria das pessoas faz quando se trata de tráfico humano. Todos sabem que isso existe, e a maioria se educa sobre como evitá-lo, mas não conseguem assistir quando se trata da realidade. Não conseguem ouvir. Não conseguem ver a depravação. Porque se não olharem, podem voltar à sua vida normal e continuar vivendo como se não houvesse milhares de pessoas morrendo por isso todos os dias.

Jay não é uma dessas pessoas, ele está fazendo o que pode. Mas ele também não tem estômago para isso, e não posso culpá-lo.

Porque eu também não tenho. E, para ser honesto, as pessoas que conseguem suportar são as que traficam e cometem os crimes.

— São os quatro que temos rastreado? — pergunto.

Jay suspira.

— Não, Mark foi visto em um restaurante ontem à noite com sua esposa durante o registro na hora do vídeo. Parece que são homens diferentes, mas estes não são identificáveis. Imagino que eles só façam o ritual uma vez.

Eu aceno com a cabeça, minha mente acelera enquanto tento descobrir que porra vou fazer.

Há cerca de seis meses, um vídeo vazou na *dark web* de quatro homens com vestes pretas realizando um ritual com uma garotinha. Não tenho certeza se foi arrogância ou o quê, mas os homens mantiveram o capuz abaixado,

sem se importar com os espectadores vendo exatamente quem eles eram.

Mesmo com o vídeo de baixa qualidade e a iluminação fraca, consegui identificá-los imediatamente.

Os senadores Mark Seinburg, Miller Foreman, Jack Baird e Robert Fisher.

Eles cercaram a menina em um altar de pedra, esfaquearam-na e depois beberam seu sangue. A garota ainda estava viva, sacudindo e gritando com todas as forças enquanto os homens entoavam um cântico ao redor dela.

O exato mesmo ritual pelo qual o garotinho acabou de passar, ainda rodando na tela do meu computador. Exceto que neste, os quatro homens ao redor do menino têm capuzes altos e pontiagudos sobre suas cabeças, escondendo suas identidades.

Já posso me sentir deslizando de volta para aquele buraco negro do qual levei semanas para rastejar para fora há seis meses. Isso me colocou em um dos estados mentais mais sombrios em que já estive.

Eu me tranquei em uma sala e não saí por vinte e seis horas depois de assistir aquele primeiro vídeo. Eu era fisicamente incapaz de continuar a viver meu dia a dia normal com o conhecimento de que isto estava sendo feito com crianças.

Esse desamparo cresceu enquanto eu explorava a *dark web* e encontrava milhares de vídeos de pais violando seus próprios filhos. Ao lado de milhões de outros vídeos de tortura, canibalismo e até mesmo necrofilia. Muitos desses vídeos acontecem em salas vermelhas, onde os compradores podem direcionar como exatamente querem que a vítima seja torturada, estuprada e morta.

E esses são apenas os que envolvem crianças.

Esses vídeos em particular foram o que me levou a criar o Z, há cinco anos. Desde criança, eu tinha um dom para a informática, e minhas

habilidades superaram até mesmo os melhores hackers em organizações governamentais.

Eu me encontrar na *dark web* e tropeçar nesses vídeos foi por acidente. Mas isso mudou a porra da minha vida.

Desde então, não consigo dormir. Sabendo que pessoas doentes pagam para ver centenas de milhares de crianças sendo submetidas a essas coisas. Pior ainda, sabendo que as pessoas que cometem os atos o fazem tanto para seu próprio prazer como para ganho monetário.

E que tantas mulheres e crianças continuam a desaparecer todos os dias para que possam ser submetidas a essas mesmas coisas.

Desde então, fiz disso a minha missão, encontrar todos e matá-los. Já matei centenas de pessoas desde então. Localizando predadores dos quais tenho cem por cento de prova de seu envolvimento no tráfico humano.

Agora vou trilhar meu caminho pelo governo, começando com os quatro políticos do primeiro vídeo, e depois continuar meu caminho pelo resto.

Eu sei exatamente onde eles vivem. O que comem, onde dormem, cagam e trabalham. Mas o que não consegui descobrir é onde esses rituais acontecem.

E a cada dia que passa sem essas informações, esses rituais serão realizados com cada vez mais frequência.

— Conseguimos um endereço IP de quem vazou o vídeo? — pergunto a Jay, embora eu já saiba a resposta.

— Não, eles cobriram seus rastros. Quem o vazou sabia o que estava fazendo — responde Jay. Estralei meu pescoço novamente, rangendo meus dentes contra a dor abrasiva que irradiava dos músculos tensionados.

Mais do que tudo, eu adoraria sentir as mãos da minha ratinha desfazendo os nós de tensão quase permanentes no meu pescoço e ombros.

Mas vai demorar um pouco até que ela concorde com isso.

— Muito bem, vou ver o que posso descobrir com este novo vídeo — digo, antes de terminar a chamada.

Porra.

— Eu preciso de uma bebida.

E acontece que minha ratinha tem uma garrafa do meu uísque favorito em casa.

***

Um frio congelante se instala na parte de trás do meu pescoço. Eu resmungo e viro a cabeça, convencido de que encontrarei alguém de pé atrás de mim. Mas ninguém está lá, apesar do frio persistente que me rodeia como uma neblina densa.

Já vivenciei algumas coisas inexplicáveis enquanto percorria o Casarão Parsons.

Mas qualquer fantasma que esteja flutuando sobre o meu traseiro chegou em péssima hora.

— Para trás — murmuro por entre um ranger de dentes, recuando. Surpreendentemente, ele vai embora. O que quer que seja.

E eu volto a olhar despreocupadamente para o meu copo de uísque.

Qualquer que seja o uísque, é divino. Um sabor cítrico permanece em minha língua enquanto eu bebo do copo de cristal. Addie está lá em cima dormindo, nada mais sábio do que eu estar aqui embaixo, bebendo seu uísque e com esses pensamentos zunindo pela minha cabeça.

Dois dos meus funcionários instalaram sistemas de segurança em toda a casa dela, sem saber que era para manter o patrão deles do lado fora. Eu basicamente inventei estes sistemas, então sou mais do que capaz de

desarmá-los com um clique do meu celular.

No início, eu apenas abria suas fechaduras para entrar e depois as trancava de volta ao sair. O único predador que vou permitir em sua casa, sou eu mesmo. Apesar das fechaduras de merda dela, eu nunca a deixaria vulnerável.

Me senti aliviado quando ela instalou o sistema de segurança, mesmo que fosse para me manter longe. Romper essas barreiras é apenas mais uma lição a ser ensinada. Eventualmente, ela vai aprender que não pode me excluir mais do que ela pode foder outro homem.

Ela tentou me convencer disso outro dia, mas com uma rápida olhada nas câmeras, eu soube que ela estava mentindo. Tentando me irritar. Quase funcionou até que me lembrei que estou pegando leve com ela.

No início, eu me esforcei muito para esquecê-la. Eu tentei fugir. Mas não consegui tirá-la da minha cabeça. Voltei daquela livraria para casa e tentei me convencer a desistir. Mas parecia que quanto mais eu lutava para convencer a besta dentro de mim a deixá-la em paz, mais ela se enfurecia.

E no segundo em que comecei a investigar a sua vida, desenterrando qualquer coisa que eu pudesse encontrar, a obsessão só cresceu. Ela se tornou um tumor cerebral inoperável, que atormenta cada momento da minha existência.

Às vezes parece que se eu tentasse tirá-lo de dentro de mim de qualquer maneira, eu não sobreviveria a isso.

Tomando outro gole de uísque, eu giro uma rosa vermelha entre meu polegar e meu dedo indicador, uma gota de sangue se acumula onde o espinho me furou. Ignorando-os, continuo rolando o caule entre meus dedos, um turbilhão de raiva e ansiedade rodopiando em meu estômago.

Crianças estão sendo torturadas neste exato momento. Neste Segundo – nesse *milissegundo* – enquanto eu sento aqui e bebo uísque em um copo de

cristal.

Há crianças que estão sendo sacrificadas neste momento. Magoadas. Feridas. Estupradas. Mortas. Enquanto sádicos fodidos circulam ao redor delas e bebem o sangue de seus corpos.

Meu celular descansa sob o carregador, a tela iluminada com o grotesco vídeo reproduzindo sem parar.

Eu não consegui parar de assistir, ou melhor, parar de me torturar. É um pequeno preço a pagar pelo horror absoluto de que esta pobre criança sofreu. Minha necessidade de descobrir onde esses rituais acontecem me deixa louco.

Não há nada que eu possa fazer neste momento. Tentei rastrear a fonte do vídeo, mas quem está vazando fez o dever de casa. Não descobri nenhum acesso, o que me fez sentir totalmente impotente.

Eu posso ser o melhor, mas a tecnologia tem limitações. Aprendi como distorcer e coagir informações de uma base praticamente inexistente, mas, às vezes, as pistas não existem. Os números simplesmente não estão lá.

Meus pensamentos descem em espiral, como o líquido âmbar deslizando pela minha garganta.

Eu rolo a rosa com mais força pelos meus dedos, mais rápido. Os espinhos afiados cortam a minha carne. Uma pequena quantidade de dor me oferece algo parecido com libertação.

Às vezes, testemunhar a tortura por que passam essas crianças me dá vontade de abrir minha própria pele e sentir a dor ao lado delas. Eu quero aliviar a dor delas criando a minha própria. Talvez, se eu estiver sangrando em um altar ao lado dessas crianças, elas não se sentiriam tão sozinhas.

Mas não estou lá. O impulso é infundado e eu reconheço isso. Reconheço que preciso ser forte, não estar enfraquecido pela perda de sangue e pelo meu estado mental sustentado por um fio.

Se eu vou salvar essas crianças e destruir o tráfico humano, então preciso estar no meu melhor. Eles precisam que eu seja forte e capaz, porque elas não podem ser.

O vídeo recomeça. Eu rosno, os gritos do garoto se renovam, preenchendo o espaço, antes silencioso, ao meu redor.

Estudei o vídeo em detalhes, assim como estudei o último, procurando qualquer tipo de pista. Mas não consegui detectar nada. Nada de significativo que me indicassem o exato lugar em que estes rituais estão acontecem.

Apenas quatro pessoas vestidas de preto, em torno de um altar de pedra. Pelo que posso ver, toda a área é rochosa, imitando uma espécie de caverna.

Mas não sou estúpido o suficiente para acreditar que estes homens tenham encontrado alguma caverna em uma montanha para se esgueirarem. Esta é uma caverna feita pelo homem, em algum lugar no fundo da região mais escura de Seattle. Em algum lugar onde nenhum civil qualquer pudesse tropeçar acidentalmente.

O motivo pelo qual me mudei para Seattle há seis meses foi por causa desta masmorra. Originalmente, eu nasci e fui criado na Califórnia. Mas quando o primeiro vídeo vazou, consegui obter um *ping* do endereço IP da pessoa que revelou Seattle como o local original.

Eles não cometeram o mesmo erro duas vezes.

Este trabalho me dá a liberdade de viver onde eu quiser, então demorou apenas um dia para me mudar para Washington, onde eu poderia encontrar o tal buraco infernal e destruí-lo.

E em momentos como estes, onde estou no meu ponto mais baixo, não posso deixar de sentir que isso também mudou minha vida da melhor maneira possível. Afinal de contas, isso me trouxe até Addie.

Minha cabeça cai entre os ombros, a tensão crescendo nos meus

músculos excessivamente usados.

A nuvem negra ao meu redor escurece, sugando-me mais profundamente à medida que o vídeo volta a passar. Eu rolo a rosa, esmagando-a firmemente no meu punho. Minha mão treme da dor e da força com a qual estou apertando a flor.

Continuo a esmagá-la até que não passe de pétalas enrugadas e um caule esmagado pintado com o sangue derramando da minha mão.

Eu ranjo meus dentes, mal segurando o lamento doloroso que ameaça deixar meus lábios.

Esta... esta destruição é resultado do que eu faço.

Alguns dias, é difícil viver com isso. Alguns dias, mal consigo suportar o peso deste mundo cruel que repousa sobre meus ombros.

Mas sei que se não o fizer, minha vida não valeria nada, e aquelas crianças teriam morrido em vão.

CAPÍTULO 13

A MANIPULADORA



— Acabei de receber a primeira rodada de edições — digo à Marietta pelo telefone. — Vou começar esta noite.

— Maravilhoso, me avise se precisar de alguma coisa — diz ela.

Estou andando pelo meu corredor pouco iluminado em direção ao meu quarto quando um flash de movimento me chama atenção. Eu congelo, meu dedo apenas aperta o botão vermelho quando vejo o que parece ser uma mulher desaparecendo pela porta do sótão.

Um sorriso se forma no meu rosto antes que eu possa evitá-lo.

Em todos os anos que estive nesta casa, só vi uma aparição algumas poucas vezes. Mais frequentemente, ouvi vozes, passos, portas batendo e senti correntes de ar geladas, mas raramente algo visual.

Mas eu sei o que acabei de ver.

Uma mulher com um vestido branco com cabelos loiros cacheados. Eu não vi seu rosto, mas há uma sensação clara de que era Gigi.

Quase derrubo meu celular ao ir atrás dela. Eu corro pelo corredor e

abro a porta do sótão. Está escuro como breu em direção as escadas, e há aquele comichão na parte de trás do meu cérebro, mas isso não me impede.

Eu ligo a lanterna do meu telefone e subo rapidamente as escadas. O peso de um mau pressentimento se assenta sob meus ombros, mas eu me esforço para o ignorar. Quem quer que fosse, eles queriam que eu visse algo. Eu estremeço de medo e de alegria.

No momento em que chego lá em cima, parece que respiro dentro d'água. O ar aqui é sufocante e pesado, carregado de negatividade.

Parece que algo escuro consumiu este espaço. E não gosta que eu esteja aqui em cima. Eu posso o sentir olhando para mim de todos os ângulos.

Há uma única lâmpada aqui em cima em algum lugar com um fio longo preso a ela. Eu giro minha lanterna ao redor até que acho o fio.

Ele está balançando para frente e para trás em um sótão sem fluxo de ar e onde a atmosfera parece mais densa do que a floresta do lado de fora deste casarão.

Apressada, pego o fio balançando e o puxo, clicando sobre a lâmpada. Um zumbido rompe o silêncio, acrescentando uma extra nota de medo.

Eu aperto meus olhos, preparando-me para ver um monstro assustador escondido no canto, mas não tem anda aqui em cima.

Pelo menos, não que eu consiga ver.

— Por que você me trouxe até aqui, Gigi? — pergunto em voz alta, olhando ao redor da área e tentando descobrir o que eu poderia ver aqui em cima.

É claro, não recebo resposta. Nunca é tão simples assim.

Meus olhos rastreiam cada item empoeirado que enche o lugar. Eu evitei o quanto pude vir até aqui e até optei por não renovar este espaço. Não sei o que era, mas senti que se o fizesse, algo maligno seria liberado.

Eu já tenho monstros suficientes me assombrando.

Há um espelho velho e rachado no canto com um lençol branco pendurado parcialmente sobre ele. Eu me certifico de evitar olhar para ele a todo custo. Eu amo ter medo, mas ainda não tenho nenhum desejo de ver um demônio parado atrás de mim no espelho.

Pilhas de caixas empoeiradas e sacolas estão espalhadas por toda a área. É uma sala bastante grande, portanto, há muitos lugares para se olhar.

Enfiando meu celular no bolso, respiro fundo, sentindo como se tivesse acabado de encher meus pulmões com lixo tóxico. E então, vou até uma das caixas e começo a vasculhar.

Elas estão cobertas de teias de aranha, e quase considero descer até o piso inferior e encontrar um par de luvas. Mas não quero parar quando já comecei. Porque posso me convencer a não voltar aqui em cima até não estiver mais dividindo espaço com algo malicioso.

Ignorando as aranhas espalhadas das caixas, eu continuo vasculhando. Tudo que encontro são roupas velhas, sapatos, bugigangas e quinquilharias.

Nada de importante, mas talvez algumas dessas coisas possam ser valiosas.

Um estrondo soa de trás de mim, e desta vez eu grito bem alto. O eco do meu grito ressoa enquanto eu viro com tudo e encaro o que quer que tenha feito o barulho.

Não há nada além de uma tábua de madeira balançando, pendurada por um único prego. O sótão inteiro é composto de tábuas de madeira, a maioria delas apodrecidas e mastigadas por ratos. Onde antes a tábua de madeira estava, agora é um buraco negro sem fundo.

— Você quer que eu enfie minha mão ali, não é mesmo? — digo secamente, olhando ao redor para ver se encontro outra pista da Gigi. Mas ainda não olho naquele maldito espelho.

Com o coração palpitante, ando cuidadosamente para a madeira que

ainda balança. Pego meu telefone e acendo a lanterna mais uma vez, apontando a luz para dentro do buraco.

É uma plataforma, e no fundo do buraco parecem dois pedaços de papel amassados.

Eu solto um gemido alto.

— Porra, você vai *mesmo* me fazer enfiar minha mão lá dentro?

Os insetos não costumam me assustar. Não há muitas coisas neste mundo que genuinamente me assustam até o âmago. Mas isso não significa que eu goste de enfiar minha mão em um buraco infestado de insetos. Além disso, eu não ficaria surpresa se qualquer energia negativa que resida aqui em cima decidisse foder comigo e agarrar minha mão.

Posso admitir que provavelmente me mijaria um pouco.

Suspiro, enfio minha mão, pego os papéis e puxo, tudo em menos de um segundo.

Eu quase abro a boca e comemoro, mas decido que é melhor não irritar nada já que estamos compartilhando a mesma casa.

Viro-me, corro para o fio, apago a luz e desço as escadas como se a garota do *O Chamado* estivesse me perseguindo.

Fechando a porta do sótão, respiro profundamente o ar muito mais limpo aqui embaixo. Parece que a casa inteira desabou sobre mim, e eu acabei de rastejar para fora de baixo dela.

Eu desamasso os papéis, franzindo os olhos para ver os rabiscos no primeiro.

Fiz o que me foi dito para fazer. Porque se não fizesse, sei que seria a próxima. Portanto, esta é a minha confissão. Eu o ajudei a encobrir o assassinato dela. Lamento muito.

Meu coração acelera enquanto leio a nota repetidamente. Quem escreveu isto, está falando do assassinato da Gigi. Eles devem estar. Quem o

ajudou a encobrir o assassinato? Quem é *ele*?

Mudando para a outra nota, leva apenas um segundo para perceber que é a página arrancada de seu diário. Eu abro um sorriso de triunfo, mas o sorriso desaparece rapidamente quando leio as palavras confusas.

Tenho que ser rápida, ele disse que está a caminho e eu estou aterrorizada. Se eu correr, ele vai me pegar, então estou escrevendo este bilhete na esperança de que alguém o encontre. Se algo acontecer comigo, John, isso er

A nota termina aí, sem sequer concluir a última palavra. Minha boca se abre em choque quando olho para isso com total descrença.

— Porra, você está brincando comigo, Gigi! Você deixou isso aqui *lá*? Era isso que você queria me mostrar? Uma nota onde você está prestes a dizer quem é, MAS NÃO DIZ? — Eu termino meu discurso com um grito alto, batendo o pé e abrindo bem meus braços.

É claro, ela não me responde.

Rosnando dramaticamente, eu entro no quarto e bato a porta.

Agora estou furiosa com ela. É melhor que ela não entre aqui, ou vou expulsá-la imediatamente.

***

Ele está lá fora novamente, observando-me, sob resquícios de um brilho vermelho ofuscante sob a luz do luar.

Eu olho de volta para ele. Os tentáculos familiares de medo me têm em seu aperto. Mas também, a sensação de pedras no meu estômago, afundando ainda mais...

Eu mordisco meu lábio, pensando se devo ou não o confrontar novamente. Pegar meu telefone e denunciá-lo seria a coisa lógica a fazer.

Mas a polícia não será capaz de fazer nada. Quando chegarem aqui, ele já terá ido embora novamente.

E de que servirá um boletim de ocorrência quando eles desaparecerem, como da última vez? Com sua habilidade de arrombamento e invasão, sem mencionar a habilidade de hackear, ele obviamente está metido com alguma merda. Mas talvez isso não tenha importância. O xerife Walters sabe que eu tenho um stalker, apesar de ele dizer que eles não tinham registro disso.

Talvez isso seja mais uma razão para ligar.

Ele provavelmente está planejando me assassinar agora mesmo, assim como o stalker da Gigi. Eu li esse bilhete e passei um pente fino nos diários dela nas últimas três noites, mas ainda não vi nenhuma evidência de que o stalker dela fosse o assassino.

Mas sei que estou certa.

De olho nele, pego meu telefone, fico de pé diretamente em frente à janela, e coloco o telefone no meu ouvido. Ainda nem liguei para a polícia; só quero ver o que ele vai fazer.

Porque, evidentemente, há algo de errado comigo.

Estou brincando com o fogo. Quanto mais eu o provoco, mais provável é que ele venha atrás de mim. Mas não consigo me deter. Não consigo segurar a emoção que sinto cada vez que revido.

É tão viciante quanto estúpido.

Não consigo ver seu rosto debaixo do capuz largo, mas sei que ele está sorrindo para mim. Sabendo que isso não era a reação que eu queria. Eu *deveria* me sentir repelida. Eu *deveria* estar assustada. Suponho que estou assustada, mas o que estou realmente sentindo é a vontade de sorrir de volta.

Meu telefone toca no meu ouvido. Com a testa franzida, eu hesitantemente o afasto e olho para a mensagem recebida.

DESCONHECIDO: **Devo acreditar que você está ao telefone com a polícia? Eu acho que minha ratinha é uma mentirosa.**

Ah, não, ele não fez isso.

Eu digito raivosamente minha mensagem de volta.

EU: Quer descobrir?
DESCONHECIDO: Sim, na verdade, quero. Eu adoraria castigá-la mais tarde por isso também.

Meus polegares congelam por causa dos bilhetes que ele mandou. A última punição foi horripilante e repugnante.

EU: O quê, você vai me mandar dedos em seguida?
DESCONHECIDO: Depende, você ainda está fingindo que fode com outros caras? Ou prefere gritar novamente com os fantasmas da sua casa?

Minha cabeça dispara para cima e eu fico olhando para as profundezas do seu capuz. Seu telefone está equilibrado em sua mão, esperando pela minha resposta. A iluminação da tela está no baixo, a luz fraca o suficiente para me mostrar sua linha do maxilar, maliciosamente quadrada e uma parte dos seus lábios sorridentes.

Levanto minha mão e mostro o dedo do meio para ele.

Vai se foder, idiota.

Em resposta, seu polegar começa a se mover, seu sorriso se alarga.

DESCONHECIDO: É o meu plano.

Eu rosno com sua audácia. Como o diabo, ele vai me foder.

EU: Se você se aproximar de mim, vou te esfaquear.
Vou chamar a polícia, se você não sair agora mesmo.
DESCONHECIDO: Então, faça isso, ratinha.

Não sei dizer se ele está me dizendo para esfaqueá-lo ou para telefonar. Eu ficaria feliz em fazer as duas coisas. Não gosto da insinuação dele de que eu sou a rata e ele é o gato. Isso significaria que ele está me caçando. A última coisa que quero ser é caçada.

Porra. Eu hesito. Preciso chamar a polícia, tenho que chamar. Mas não consigo convencer meus dedos a se moverem. Ele está me desafiando e eu odeio ter medo de descobrir o que ele vai fazer se eu o fizer. Odeio que eu queira fazê-lo.

Com o coração disparando, eu digito os números. Ele me observa de perto enquanto aperto o botão de chamada e trago o telefone ao meu ouvido.

— 190, qual é sua emergência?

Eu respiro fundo.

— Há um homem que tem me perseguido. Ele invadiu a minha casa há uma semana. E agora ele está lá fora me observando.

— Ele está lá fora agora mesmo? — pergunta a atendente. Eu ouço a digitação ao fundo, acompanhada pelo som da sua arma.

— Sim — sussurro.

— Senhora, ele está fazendo alguma coisa? Ele tem alguma arma com ele? — pergunta ela.

— Não que eu saiba. Você pode enviar alguém?

Mais digitação.

— Qual é o seu endereço, senhora?

Eu cito o endereço para ela. Ela faz mais algumas perguntas inúteis e me informa que um carro está a cerca de cinco minutos de distância. Ela me pede para ficar na linha, mas eu não fico.

Eu desligo a chamada. Minha pequena sombra não vai ficar tempo suficiente para que a polícia apareça e o pegue. Ele vai desaparecer na floresta de onde saiu, e nunca será encontrado. Eu sei disso.

Não consigo ver seus olhos, mas sustento o seu olhar de qualquer maneira. Com um último sorriso, ele digita uma mensagem rápida. Meu telefone toca, mas não olho de imediato.

Estou muito assustada para isso.

E sem nenhuma preocupação na porra do mundo, ele se vira lentamente e se afasta. A escuridão se estende e o agarra, engolindo-o em suas profundezas até que ele desapareça completamente.

Quando o carro aparece, eu quero que ele vá embora. Por razões que não consigo explicar, lamento ter chamado a polícia. Eu só... quero que ele vá embora.

O policial é um homem gordo, com cabelo loiro curto e rosto avermelhado. Parece que ele quer estar em qualquer lugar, menos aqui.

Eu me sinto exatamente da mesma forma.

— O que está acontecendo aqui, senhora? — pergunta ele, bufando e ofegando ao subir a varanda da frente.

— Um homem estava do lado de fora da minha janela — digo brevemente.

— O-ok — diz ele, enquanto se alonga. — Isto já aconteceu antes?

Eu digo que fiz vários boletins de ocorrência, mas que este homem invadiu minha casa nos últimos meses. Depois de contar-lhe as experiências

anteriores, ele puxa um bloco e começa a escrever o boletim.

— Você disse que seu nome era Adeline Reilly, certo?

— Sim.

Ele para de escrever e olha para mim como se estivesse vendo uma pessoa diferente.

— Você não é aquela que fez o Archibald Talaverra desaparecer do seu alpendre? — ele pergunta, olhando-me de cima a baixo, parando no meu peito por um segundo longo demais, como se meus peitos fossem lhe dar a resposta.

— Sim — retruco, ficando impaciente.

Ele resmunga algo e volta a escrever.

— Você acha que foi o mesmo cara?

— Seria uma merda se não fosse — murmuro. Quando o policial só me olha de lado, eu suspiro. — Sim, eu acho.

Ele deixa de escrever depois disso e me faz mais algumas perguntas habituais. Se tenho uma descrição, ou sei quem ele pode ser, e assim por diante. Eu lhe dou todas as informações que tenho, exceto o que é mais importante.

Eu não lhe falo sobre as mensagens de texto. Não sei por que, mas elas parecem... privadas. O que é uma estupidez do caralho. Não faz sentido, mas não posso me fazer dizer nada. O policial sai sem absolutamente nenhuma informação útil. Mas ele ainda sai com um boletim de ocorrência, e isso é o que é importante.

Só depois de tomar um banho quente e me ajeitar na cama é que li sua mensagem.

DESCONHECIDO: Quanto mais você me desobedecer, mais duro será o seu castigo.

***

— Vou encontrar esse merdinha de merda — Daya declara com raiva, praticamente batendo as chaves em seu laptop, enquanto ela digita Deus sabe o quê. Acabei de contar a ela os detalhes da noite passada.

Tomo um gole da minha bebida. Não é o suficiente, então tomo outro. E depois acabo tomando a coisa toda.

Ambas estamos fazendo nossos respectivos trabalhos, mas ela não quis me deixar sozinha em casa, agora que minha sombra está começando a interagir mais.

— Merdinha e merda são a mesma coisa — digo eu. Ela olha para cima, seu rosto refletindo exatamente meus pensamentos desde ontem à noite. *O que há de errado com você*?

Eu encolho o ombro.

— Só estou dizendo. Você acabou de chamá-lo de merdinha de merda.

Ela revira os olhos e me ignora, voltando a digitar no laptop. Provavelmente invadindo algo, embora eu não consiga imaginar o quê. É melhor não ser meu celular. Eu tenho fotos nua ali.

Meu rosto fica pálido. Ah, Deus, e se *ele* invadir e as encontrar? Eu me inclino para pegar o telefone e apagar todas as fotos mais picantes, e depois apagá-las uma segunda vez da lixeira.

Um pouco da minha ansiedade se acalma, mas não tudo. Ele já poderia ter hackeado e eu nem saberia.

Vou ficar paranoica com isso pelo resto da minha vida.

Percebendo minha crise interna, Daya se concentra em mim, sua testa franze com preocupação.

— Você está bem, garota?

Eu limpo minha garganta.

— Qual é a probabilidade de ele poder hackear o meu telefone e encontrar meus nudes? — Os lábios dela se contraem e estou a dois segundos de lhe esbofetear o rosto.

— Menina, aquele homem provavelmente já a viu ficar nua no seu quarto mil vezes agora.

Meus olhos se arregalam ainda mais, não tendo ainda considerado isso.

— Ai, meu Deus.

— Por que você pergunta? — questiona Daya, sua voz cheia de desconfiança.

Eu aperto meus lábios, pensando. Neste ponto, a única coisa que me impede de contar a Daya sobre as mensagens é sua raiva iminente.

Por fim, ganhando coragem, apresso-me para dizer:

— Você seria capaz de rastrear um número desconhecido?

Seus olhos se apertam.

— Ele lhe mandou uma mensagem de um celular?

A vergonha surge aos poucos. Eu deveria ter dito isso mais cedo, mas eu tinha uma estranha necessidade protetora de guardar as mensagens para mim mesma, assim como com o policial. Agora, percebo como isso é estúpido quando Daya é uma das melhores hackers do mundo. Ou pelo menos é o que ela diz.

Eu aceno com a cabeça e lhe entrego o telefone, a conversa já aberta. Ela o arranca da minha mão, lançando-me um olhar fulminante, e lê as mensagens.

Seus olhos se voltam para os meus, suas pupilas em fogo.

— Você está me mostrando isso só agora?

Eu solto um gemido.

— Eu sei, eu sou uma puta estúpida. Eu só... não sei, Daya.

Sinceramente, não sei. Você pode rastreá-lo?

— Eu ainda não te perdoo, mas deixe-me ver.

Eu não me preocupo com a raiva dela. Daya poderia ser mordida por uma cobra e imediatamente a perdoar. Ela só está se fazendo de difícil neste momento.

O que parece ser frustração se instala sobre seu rosto. Seus lábios se curvam para baixo e, conforme os segundos passam, seu franzir de sobrancelhas se aprofunda. Ela se inclina para perto da tela, ainda digitando milhares de letras por segundo.

Após alguns minutos, ela bate as palmas das mãos no granito e se inclina para trás, com uma raiva óbvia agora em seu rosto.

— Impossível de rastrear — é tudo o que ela diz.

Minha ansiedade ressurge.

— Então, este homem pode invadir minhas câmeras de segurança, alterá-las, e pode claramente me enviar uma mensagem de texto a partir de um número indetectável. O que significa que ele provavelmente invadiu meu telefone e pegou meus nudes.

Ela olha para mim, e eu já sei minha resposta.

— É possível — diz ela, embora seu tom transmita que é *certeza*.

Eu deixo minha cabeça cair no laptop, certamente pressionando um monte de teclas, mas não me importo agora. Um cara assustador provavelmente tem meus nudes. Pior, ele certamente tem filmagens minhas nua. Suponho que não seja a pior coisa do mundo – meu corpo é fabuloso. Mas eu definitivamente ficarei mortificada se elas vazarem.

E se ele as usar como chantagem? Nunca achei que pensaria assim, mas espero que ele esteja muito obcecado por mim para vazá-los. Ele já provou que é altamente possessivo. Se outro homem não pode sequer tocar minha coxa sem que ele corte as mãos do cara, então certamente ele não mostraria

ao mundo meu corpo nu, não é?

— Você os apagou? — Eu aceno que sim, minha testa pressionando contra as teclas. Eu me encolho com o barulho. Se eu não parar, minha cabeça vai arruinar o laptop.

Levanto minha cabeça, pego o copo da Daya com vodca e suco de abacaxi, e começo a beber. Ela não reclama. Na verdade, ela vira a garrafa inteira de vodca nele.

— Não fique obcecada com isso. Se ele ainda não disse nada sobre elas, então há uma boa chance de que ele não as tenha.

Suas palavras pouco fazem para me fazer sentir melhor, mas aprecio a intenção de qualquer maneira.

— Para quem você enviou seus nudes? — pergunta ela, arrancando a garrafa de vodca da minha mão depois de tomar um gole grande.

— Eu não mando um nude desde os meus vinte anos. Eu tiro fotos nua porque gosto do meu corpo e quero ficar olhando para ele o dia todo.

Daya ri.

— Eu te amo pra caralho.

Infelizmente, ela pode não ser a única.

Seu telefone se ilumina. Instintivamente, meus olhos piscam em direção à tela, mas ela o agarra como se o telefone estivesse em chamas, o que me chama a atenção.

Levanto uma sobrancelha, vendo-a olhar nervosamente para mim.

— Você não me perdoa por guardar segredos, mas ainda assim está fazendo a mesma coisa — digo secamente.

Ela recua, agora parecendo um cachorro pego com o papel higiênico na boca.

— Eu não queria te preocupar — murmura ela.

— Sobre o quê? — ladro, erguendo minha mão para pegar o telefone.

Ela geme, enfiando-o mais no peito.

— Luke... ele tem me mandado mensagens — ela começa. Meus olhos se arregalam em alarme.

— Mensagens sobre o quê? Para sair novamente?

Lentamente, ela balança a cabeça.

— Ele tem me perturbando sobre você e sobre o que aconteceu naquela noite com o Arch. Eu contei a ele o que você disse à polícia. Que alguém bateu na porta, e ele desapareceu depois disso. Acho que ele está tentando descobrir quem poderia ter sido.

— Porra — praguejo, deixando cair a cabeça nas minhas mãos.

— Aparentemente, Max está furioso — admite ela, num suspiro. — Não apenas seu melhor amigo morreu, mas toda a família. Eles não disseram isso, mas não tenho certeza se eles acreditam que foram os rivais dos Talaverra que mataram a família. Eu disse ao Luke que você não tem nada a ver com isso. E eu acho que ele acreditou.

As palavras ficam no ar, então eu as digo por ela.

— Por enquanto.

Seus lábios se contraem em resposta, e percebo que minha sombra acaba de me criar alguns inimigos perigosos.

14 de janeiro de 1945

O tempo feio e frio está me deixando com um humor que se equipara à neve se acumulando na minha janela. Frank notou meu mau humor quando passou por aqui hoje. Ele tentou me animar com umas piadas ruins. Admito que eu ri de uma ou duas, mas não consegui ir muito além disso.
Eu e Ronaldo brigamos ontem.
Ele disse que não suporta mais que eu continue com o John. Ele está ficando incrivelmente ciumento. Não posso dizer que o culpo totalmente. Não quando o pensamento dele com outra mulher me cega de fúria.
Mas a vida do Ronaldo ainda é um mistério para mim. Ele disse que se recusa a me envolver em sua vida perigosa e nem estou certa do que isso quer dizer.
Como eu poderia abrir mão da estabilidade e da minha filha por um homem cuja vida ainda é misteriosa e perigosa?
Estou perdida.



CAPÍTULO 14

A MANIPULADORA



Daya colocou algum tipo de bloqueio em meu telefone para evitar mais hackers. Enquanto o meu cérebro continuava a pensar nos nudes, a preocupação de Daya era no cara que tinha acesso ao meu celular em geral. Ele era capaz de ver todas as minhas mensagens, ter acesso às minhas informações bancárias, rastrear meu telefone e me encontrar aonde quer que eu fosse.

Parece que a cada dia, meu apreço por Daya cresce. Ela me deu uma sensação de segurança que não percebi que estava faltando.

Vou ter que pedi-la em casamento em breve ou algo assim.

Mesmo assim, nunca mais tirarei outro nude em toda a minha vida, mas esse é um pequeno preço a pagar. Decidi tirar a câmera do meu quarto para me permitir pelo menos um pouco de conforto. Vou ter que esperar para andar nua pela casa até que algo seja feito em relação a este canalha.

Agora, se ao menos os melhores amigos do Arch não estivessem atrás de mim, talvez eu dormisse mais uma ou duas horas à noite.

O resto do dia se passou em silêncio, nós duas envoltas em nosso trabalho.

Enquanto Daya fazia o que quer que ela estivesse fazendo, eu revia todas as fotos desta casa, passando por cada uma delas. Não tenho ideia do que estou realmente procurando. Talvez Gigi com outro homem além de meu avô.

Depois de olhar por uma hora, percebi que ela tinha tendência a escrever os nomes das pessoas capturadas na foto e o ano, na parte de trás de cada foto.

Procurei pelo nome Ronaldo, mas nunca o encontrei.

— O Halloween está chegando. Vamos assombrar casas este ano, né? — pergunta Daya. Ela está na minha porta da frente, prestes a ir para casa para passar a noite.

Eu lanço um olhar engraçado para ela.

— O Halloween é a minha vida, Daya. É claro, vamos assombrar umas casas.

Desde que me lembro, o Dia das Bruxas me fascina. As criaturas e os rostos assustadores. Os sustos e o temor de que algo horrível vai acontecer. Tenho uma obsessão insalubre com tudo isso.

A mamãe me enviou para a terapia, devido ao meu fascínio por filmes de terror sangrentos. Ela pensava que eu era uma psicopata. E, na verdade, eu só me excito quando estou com medo.

Acho que isso é estar acima de ser uma psicopata, mas o terapeuta discordou.

Com muita frequência, eu ouvia minha mãe dizer ao meu pai que eu era uma aberração. Que algo estava errado comigo, que ninguém no seu juízo perfeito *gosta* de ficar assustado.

Mas eu gosto.

Eu amo isso.

É por isso que ter um stalker é a pior coisa para alguém como eu. Eu sou suscetível a desfrutar um pouco demais do medo. Meu amor pelo horror vai fazer com que eu morra um dia. É como se eu estivesse destinada a ser caçada.

Ratinha.

Esse nome vai me assombrar.

Eu não sou uma presa. Eu não sou.

— O Satan’s Affair está chegando à cidade novamente, e eles têm novas casas assombradas — lembra Daya, trazendo-me de volta ao presente.

O Satan's Affair é uma feira itinerante que vem à cidade todos os anos, permanecendo por duas noites antes de seguir para a próxima cidade. Eles montam um monte de casas assombradas e passeios emocionantes. Daya e eu vamos todos os anos religiosamente.

Depois dos primeiros anos, as casas assombradas se tornaram previsíveis. Desde então, elas mudam a cada ano, e agora a feira itinerante tem algumas das melhores casas assombradas do país.

— Você já sabe que eu serei a primeira da fila.

— Sim, nós sabemos, aberração — ela brinca. Apesar do fato desse ser o jargão favorito da minha mãe, eu não me incomodo mais com isso.

Muitos homens também me chamaram disso, seguido de pedidos desesperados para me foder novamente. Ser uma aberração assumiu um significado totalmente novo há muito tempo. Agora eu tenho a tendência a gostar do nome.

Daya parte assim que confirmamos os planos para a noite da feira. Ainda irá demorar algumas semanas, mas o evento tem conquistado uma base de fãs fiéis e esgota todos os anos. Chegou ao ponto que de tantas pessoas virem, tiveram que limitar o número permitido para entrar.

Eles tratam isso como um show para evitar a formação de filas fora do recinto da feira. Uma vez esgotados os ingressos, você não poderá entrar. Por sorte, eu tenho um gênio da computação do meu lado, e ela consegue ingressos para nós antes mesmo de eles estarem a venda.

No momento em que a porta se fecha atrás de Daya, meu telefone toca. Pensando que é Daya me mandando uma mensagem de texto dizendo que esqueceu algo, pego meu telefone e abro a mensagem sem reparar quem é.

No segundo em que vejo o texto, minha pulsação para.

DESCONHECIDO: Pronta para o seu castigo, ratinha?

Olho para cima e me deparo com uma tempestade na janela. Ele não está do lado de fora. Daya está agora mesmo saindo da entrada e acelerando, seus faróis traseiros desaparecem pelas árvores.

Eu me viro, nervosa, ele encontrou outro caminho para dentro da minha casa. Ou pode ser que ele já esteja na casa comigo, esse tempo todo.

EU: Por que você está fazendo isso?

O texto dele não aparece de imediato. Eu espero com o fôlego suspenso, e quando percebo que estou olhando para o meu telefone, quase o atiro pela sala. Ele provavelmente está me fazendo esperar de propósito.

Finalmente, meu telefone toca. Eu me obrigo a esperar um minuto antes de abri-lo, só para irritá-lo.

Desconhecido: Você me assombra. É justo que eu retribua o sentimento.

Eu engulo, uma excitação corre por mim enquanto decido como responder.

DESCONHECIDO: Você é tão bonita quando está assustada.

Eu deixo cair o aparelho. Envergonhada e rezando para que ele não visse que corei, olho pela janela novamente. Ele ainda não está lá.

Onde diabos ele está?

Como se estivesse lendo meus pensamentos, entra outra mensagem.

DESCCONHECIDO: Estou tão perto, posso sentir o seu cheiro.

Minhas mãos tremem enquanto leio sua mensagem várias vezes. As palavras começam a se desvanecer quando o pânico se instala. Ele está aqui na minha casa, em algum lugar. Corro para a cozinha, agarro minha faca e volto para a sala de estar.

Ele ainda não saiu, mas imagino que sairá.

Com o coração acelerado e as mãos tremendo, eu me sento na beira da cadeira de balanço, selando meu destino.

EU: Pare de ser um covarde e saia então.

No momento em que envio a mensagem, eu me arrependo. Quero retomá-la.

Passos soam acima. Eu engulo em seco e olho para cima como se fosse

capaz de ver através do teto e vislumbrá-lo. Os passos se afastam, indo em direção ao meu quarto.

Meu telefone soa.

DESCONHECIDO: Venha me achar.

Neste exato momento, estou questionando minha sanidade. Sem pensar, meu traseiro se levanta do assento e dou um único passo em direção à escada. Meu instinto é correr em direção ao perigo, não para longe.

Deus? Sou eu novamente. Precisamos realmente falar sobre suas decisões quando você me criou.

Nem tenho certeza se acredito nele, mas se Ele é real, então alguém precisa bater na mão dele por me fazer do jeito que eu sou.

Felizmente, o bom senso entra em ação, e eu me impeço de subir e encontrar um homem louco em minha casa. O mais inteligente seria chamar a polícia.

Não há como ele conseguir sair sem ser visto. A única maneira de sair desta casa é descendo as escadas. Ele não pode se esconder para sempre. A esta altura, nem me importa se a polícia não pode pegá-lo. Desde que outra pessoa tenha provas de que também o viu, isso será suficiente para que eles me levem a sério.

Outro zumbido.

DESCONHECIDO: Muito assustada, ratinha?

Como se me desafiasse, uma porta bate. Eu me assusto com o barulho, meu coração pulando na minha garganta. Mesmo se eu quisesse gritar, não teria conseguido emitir um som.

Meu peito bombeia erraticamente à medida que o medo se torna mais potente.

EU: Estou chamando a polícia.

Eu posso sentir o julgamento através das paredes. Aqui estou eu, chamando-o de covarde e desafiando-o a sair. Depois, quando as coisas mudam, eu ameaço chamar a polícia.

Porque isso é a coisa inteligente a se fazer, idiota.

Então, por que me sinto tão estúpida por dizer isso? Como é possível?

DESCONHECIDO: Você se lembra do que eu disse da última vez?

Como poderia esquecer? Quanto mais eu o desobedecer, mais duro será o castigo. Mordo meu lábio, pensando seriamente em ir lá em cima e encontrá-lo.

Tenho uma escolha a fazer, e já sei que vou fazer a errada.

Eu me rendo e começo a digitar.

EU: Aí vou eu, idiota.

Mantenho meu telefone em uma mão e a faca na outra. De jeito nenhum vou ser uma idiota de novo e largar a faca. Ela fica firmemente plantada no meu punho, assim como ficará firmemente plantada na cara deste cara quando eu o encontrar.

Eu subo os degraus silenciosamente. Embora eu não tenha certeza se ele realmente se importa de me ouvir chegando ou não. Tenho a terrível

sensação de que mesmo que eu esteja indo para encontrá-lo, ele vai me encontrar primeiro.

Esse sentimento familiar se instala em meu interior. Isso se agita como álcool em um estômago vazio. O suor rompe na minha testa e tenho a sensação de que engoli areia.

Estou aterrorizada pra caralho.

Uma fila de arandelas em cada lado do corredor fornece apenas luz suficiente para ver que não há ninguém lá. Eu clico na lanterna do meu telefone e começo no primeiro quarto.

Eu lentamente sigo meu caminho em cada um dos quartos, verificando imediatamente à minha esquerda e direita antes de entrar mais. Eu checo atrás das portas e em cada canto do cômodo.

O armário é a pior parte. Abrir a porta e saber que posso ficar cara a cara com um homem.

Um homem que quer me castigar.

Lágrimas se acumulam em meus olhos quando descubro o primeiro guarda-roupa vazio. Meu pobre coração está sofrendo de palpitações extremas neste momento. Eu não acho que todo esse medo em minha corrente sanguínea seja saudável.

Ainda assim, eu continuo, encontrando os dois quartos a seguir completamente vazios também.

Só restam mais dois quartos e um banheiro neste corredor. E por último, uma porta no final do corredor que leva ao sótão.

Se ele estiver lá em cima, ele pode ficar lá. Não há como eu subir na porra do sótão para encontrá-lo. Terei prazer em admitir a derrota.

Inspirando fundo, eu encaro meu quarto. Além do sótão, é o único quarto que resta neste corredor com uma porta fechada.

O que ele está sentindo neste momento enquanto fica de pé do outro

lado, esperando que eu entre? Nossos papéis estão invertidos, desta vez, comigo demorando do lado de fora da porta. Ainda assim, sou eu que estou aterrorizada enquanto ele me espera calmamente. Antecipando todas as coisas que ele vai me dizer. Fazer comigo.

Como ele vai me machucar. *Me castigar*.

Com as costas arrepiadas, giro a maçaneta e abro a porta. Ao se abrir, um grito sobe pela minha garganta.

Ele nem sequer tentou se esconder.

Minhas portas da varanda estão bem abertas, a luz da lua entra. E ali, como uma figura escura envolta em luz branca, está minha sombra. Olhando para mim com um sorriso malicioso em seu rosto e uma lâmina na mão.

13 de março de 1945

Ronaldo me levou para umas férias curtas. Eu disse ao John que eu ia ter um final de semana de mulheres com uma amiga da escola da Sera. Considerando que já viajei para finais de semana assim antes, ele não me questionou.

Eu me senti tão culpada. Mas não o suficiente para ir para casa.

Estou tão feliz com o Ronaldo. Tão fascinada.

Esse final de semana foi totalmente mágico. Eu só queria que Sera estivesse aqui para aproveitar com a gente. Mas isso seria horrível da minha parte, não é?

Eu amo o John e jamais vou querer que Sera não o tenha em sua vida. Ele é maravilhoso para ela e Sera estaria perdida sem ele. Eu nunca a separaria dele.

Mas algumas vezes, eu gostaria que ela contasse com o Ronaldo também.



CAPÍTULO 15

A MANIPULADORA



Estou completamente imobilizada sob seu olhar fixo. Imagino seus olhos fixos no meu rosto quando o vejo ali parado, esperando por mim.

As arandelas atrás da minha cama estão acesas, com uma iluminação à meia-luz. O suficiente para que eu tenha uma visão clara dele. Ele está vestido de preto. Botas de couro, jeans apertados nas coxas grossas e um capuz que parece pequeno, pois não veste bem.

Ainda assim, não consigo ver muito do rosto dele – esse maldito capuz.

Minha língua sai, molhando meus lábios ressecados.

— Tire seu capuz — digo, com um leve tremor na minha voz. Ele não tira. Ele também não fala.

A raiva começa a se acumular por baixo do medo.

— Você queria que eu viesse te encontrar, gatinho. Eu vim. Então tire a porra do seu capuz e me mostre seu rosto — exijo, minha voz se eleva, junto com minha raiva.

Um sorriso pecaminoso no canto dos lábios quando ele ouve seu novo

apelido. Ele acha que este é um jogo de gato e rato. Se ele quer me rebaixar com um apelido, é justo que eu retribua o favor.

Lentamente, ele tira o capuz da cabeça, a faca brilha, como se estivesse zombando de mim. Eu também tenho minha própria faca.

Qualquer triunfo que eu tenha sentido com minha pequena provocação se dissipa como manteiga em uma frigideira quente.

E todo o medo que tenho sentido, triplica. Seu rosto é... diferente de qualquer coisa que eu tenha visto. Mas isso é estranho… eu já o *vi* antes. Os olhos de cores diferentes o denunciam.

Na livraria, eu só vi partes do rosto dele. Naquela época, ele parecia ligeiramente atraente. Mas agora, que vejo o todo, ele é devastador.

Seu olho direito é mais escuro que o céu da meia-noite, e o outro exatamente o oposto. Seu olho esquerdo é tão sem cor, que é quase branco. A cicatriz começando do meio da testa, passando pelo olho branco e indo até o meio da bochecha, é algo que não consigo esquecer desde que o vi na livraria.

Apesar da cicatriz feia, ela só serve para realçar sua grande beleza. O formato da mandíbula tão angular que ele poderia cortar diamantes com ela. Um nariz reto, aristocrático. Lábios grossos. Cabelo preto curto, apenas longos o suficiente para passar as mãos por eles.

Isto é errado. *Muito* errado.

Eu não deveria estar atraída por um stalker.

Sua presença é tão avassaladora que parece que ele tem três metros de altura, com uma sombra rastejando até o teto, deslizando na minha direção. Este quarto parece minúsculo com ele dentro. Eu me sinto minúscula com ele aqui.

Ele dá um passo na minha direção, uma amostra daquele sorriso que sempre permanece em seu rosto – apenas uma leve inclinação em seus lábios.

Eu dou um passo atrás. Finalmente, meus instintos não estão completamente fora do ar, e faço meu primeiro movimento inteligente da noite.

— O gato comeu sua língua, ratinha?

Por um breve momento, eu fecho os olhos. A voz dele me inunda, deixando arrepios no seu rastro. O som é tão profundo quanto seu olho negro.

Eu engulo novamente, quase me engasgando com o próprio movimento. Parece que minha língua inchou e dobrou de tamanho.

— O que você quer de mim? — Eu engulo em seco.

Ele se inclina sobre mim. Minhas costas se enrijecem, e apesar do medo bombeando pelas minhas veias, eu fico parada. Quando ele chegar perto o suficiente, vou esfaqueá-lo.

Mire na garganta, Addie.

Meus olhos se fixam nos dele, e os pensamentos me escapam. Ele pressiona todo o seu corpo contra o meu. Sem vergonha. Sem timidez. Sem um *deixe-me pagar-lhe uma bebida antes de pressionar o corpo em você.*

A ousadia quase me faz morder minha língua de surpresa.

Demora vários segundos para que o meu corpo destrave. Antes que eu possa pensar no que estou fazendo, balanço minha faca na sua direção, mas encontro resistência quando tento levantá-la.

Eu olho para baixo, confusa, e vejo sua mão enrolada em torno da lâmina. Sangue escorrendo da sua mão, uma pequena trilha em minha direção.

Eu ofego, meus olhos se arregalam e me volto para os dele. Nem um único pingo de dor em seus olhos. Nem mesmo um vislumbre.

Ele sacode a lâmina, arrancando-a da minha mão, atirando-a cegamente para trás dele.

A faca faz um barulho alto ao bater em algo antes de cair no chão, o

som reverberando na sala, até então silenciosa. Nada, além da minha respiração ofegante, quebra a estática do silêncio que nos cerca. Sua presença é um vórtice, esgotando constantemente o oxigênio da sala, e até mesmo do meu cérebro.

Não consigo pensar direito, com seu corpo tão próximo ao meu. Com o medo me envolvendo, o poder dele transformando meu corpo em pedra. Sem forças. Impotente. Incapaz de combater a raiva na minha cabeça, meus instintos de sobrevivência me dizem para simplesmente me *mover*, mas meu corpo se recusa.

Sua mão ensanguentada segura a parte de trás do meu pescoço, puxando meu corpo em direção ao dele. Eu me encolho ao sentir a essência de sua vida pingando de sua mão. O sangue parece como dedos ameaçadores rastejando pela minha espinha, manchando minha pele como se fosse para me marcar.

Para meu horror, ele levanta sua outra mão – aquela que ainda segura uma faca muito mais intimidadora do que a minha – e traz a ponta da lâmina para a parte inferior do meu queixo.

Ele aplica pressão suficiente para forçar meu queixo ainda mais para cima, o metal pinçando minha pele. A mais leve ondulação de seus lábios paralisa a respiração em meus pulmões. O ato em si é assustador. Algo condenatório.

— Você é ainda mais bonita de perto — ele murmura, seu olhar pecaminoso devorando meu rosto.

Eu fecho a cara e forço minhas mãos contra seu peito, ignorando o aço puro sob minha pele, e tento afastá-lo. Mas ele resiste à força, seus lábios se fechando em um rosnado.

Lágrimas afloram enquanto a frustração cresce.

— Por favor, vá embora. Eu não quero você aqui. Eu não quero *você*.

Deixe-me em paz — imploro. É como enfiar a mão dentro do meu peito, arrancar meu orgulho e jogá-lo no chão. Mas não dou a mínima para o meu orgulho neste momento.

Eu só quero que este homem *vá embora*.

Ele se aproxima mais.

— Você vai chorar, Addie? — ele zomba.

Minhas mãos ainda pressionam firmemente contra o peito dele. Seu coração está acelerando sob as palmas das minhas mãos, o que me faz pausar. Se eu não o conhecesse, pensaria que ele não é tão insensível quanto parece ser.

— Não — minto.

Não terei absolutamente nenhum problema em chorar *depois* que ele sair. Mas eu me recuso a mostrar-lhe mais uma fraqueza.

Ele me mostra um sorriso feroz e dócil, tirando a lâmina do meu queixo e soltando sua mão do meu pescoço.

No segundo em que ele se afasta, sinto uma mistura de frio e alívio. Mas depois, ele logo volta.

A intensidade nos seus olhos me mantém no lugar, enquanto ele caminha para ficar ao meu lado, seu peito roçando contra meu braço. Ele cheira a couro e a fumaça. É intoxicante. *Ele* é intoxicante.

O medo tem um gosto. Ácido, metal queimado. Entorpece minha língua. Não só a minha língua, mas todo o meu ser.

Estou tão... tão assustada.

Mas ainda assim, tão... consumida por ele.

Mantenho minha cabeça erguida, mas não o deixo sair da minha linha de visão. Ele se inclina para mim, pressionando seu peso contra o meu corpo. Eu combato a força dele. Em vez de ser empurrada para longe, estou sendo absorvida por ele. Sua respiração quente aquece minha pele enquanto seus

lábios traçam a borda externa do meu ouvido. Outro tremor envolve minha coluna.

— Eu quero devorá-la — ele sussurra.

Meus lábios tremem. Eu aperto os lábios entre os dentes, para que ao menos parem de mostrar minha fraqueza. Quando arrisco dar uma olhada nele, seus olhos estão focados nos meus lábios.

— Você está aqui para me matar? — pergunto calmamente, dando o meu melhor para mascarar os tremores que passam pelo meu corpo.

Mas estou falhando nisso.

Lentamente, ele balança a cabeça.

— Por que eu faria isso? — Não tenho certeza de como responder a isso. Ele continua: — Eu não te mataria, ratinha. Eu quero *ficar* com você.

— E se eu não quiser que você fique?

Ele sorri.

— Você vai.

Eu abro minha boca, pronta para xingá-lo, mas as palavras se calam na minha língua quando ele levanta uma mão e passa o polegar pelo meu lábio inferior.

— Hum — ele rosna em deleite. — Eis o que vai acontecer. Vou lhe dar a oportunidade para correr e se esconder. Se eu a encontrar, então vou dar o seu castigo. Se não a encontrar, você ficará impune e eu irei embora.

Eu aperto meus olhos, um pequeno fio de esperança se estende pela histeria. Conheço esta casa como a palma da minha mão. Sei onde estão os bons esconderijos.

Há dois quartos lá embaixo no corredor, no andar inferior. O primeiro quarto tem um pequeno recanto na parte de trás do armário. Mal conseguia encaixar meu corpo, mas eu costumava me esconder lá o tempo todo quando eu e a vovó brincávamos de esconde-esconde.

— Tudo bem — sussurro. — Por quanto tempo você vai me procurar antes de eu ganhar?

Ele sorri.

— Vou lhe dar cinco minutos antes que seu traseiro esteja dobrado sobre meu joelho.

Eu bufo, puxando meu rosto para longe da mão dele. Ele me deixa ir, mas um sorriso cresce em seu rosto.

— Seu tempo começa agora, Adeline. É melhor correr.

Eu não hesito mais. Ao virar, eu me afasto do quarto, batendo a porta atrás de mim. Vejo a diversão em seu rosto, enquanto ele me observa sair, mas não desperdiço tempo me importando.

Vou direto para as escadas, mantendo meus passos leves enquanto minhas pequenas pernas me levam pelos degraus a uma velocidade alarmante. Na metade do caminho para baixo, quase me arremesso para frente, mal me segurando no corrimão e evitando um rangido barulhento.

Tenho vontade de vomitar, a adrenalina e o medo são tão intensos que corroem os meus nervos.

Faço uma curva à esquerda, corro pelo corredor e derrapo no primeiro quarto, enquanto ouço passos pesados vindos de cima.

Meu coração acelera ainda mais, e minhas mãos tremem ferozmente, enquanto abro a porta do armário. O metal faz barulho, por causa do meu descuido. Um som leve e insignificante que parece um trovão rolando pelas fundações da casa.

Respirando fundo, eu forço meu corpo a parar enquanto fecho a porta do armário e me apresso a entrar no canto.

Estou entrando em pânico.

— Seu tempo começa agora, Adeline. É melhor correr.

Meu peito está apertado, e tenho uma estranha vontade de tossir. Pode

ser porque minha garganta está seca e se fechando constantemente. Eu quero arranhar meu pescoço, forçar o músculo a se abrir e deixar entrar o oxigênio de que tanto preciso.

Está tudo em sua cabeça. Respire, Addie, respire. Ele não vai encontrar você aqui. A vovó nunca encontrou.

O som de seus passos desapareceu, o que significa que ele desceu as escadas, muito provavelmente. Eu mordo meu lábio com força, um gosto de cobre preenchendo minha boca. E ainda assim, continuo mordendo.

Barulhos e ruídos distintos se infiltram no espaço. E à medida que os minutos passam, minha respiração começa a desacelerar.

Então, ouço a porta se abrir lentamente e fico ofegante. Coloco minha mão sobre a boca, recusando-me fazer um som, mesmo que isso literalmente me mate.

A porta do armário se abre, e seu cheiro preenche a pequena área. Couro, uma pitada de fumaça e algo mais. Algo que normalmente faria meus olhos revirarem, se não fosse tão sufocante.

— Você pode sair agora, querida — ele respira, o som rouco e profundo de sua voz.

Oh, não. Não, não, não.

Eu não me mexo, esperando que ele esteja apenas supondo.

— Eu posso sentir o seu cheiro — diz ele. E se isso não é a coisa mais assustadora que eu já ouvi, não sei o que é.

Arriscando uma olhada pelo canto, eu o vejo de pé na entrada do armário. Ele não está olhando na minha direção. Sua cabeça está baixa, olhando para um ponto aleatório no chão.

— Você tem dez segundos antes que eu te arraste para fora. — Ele dá um passo para trás, e eu decido ir em frente.

Eu disparo, passando por ele e indo em direção à porta. Ele solta um

riso profundo e cruel. É um som que vou ouvir em meus pesadelos pelo resto da minha existência.

Mas eu não paro. Corro pelo corredor e me dirijo para a porta da frente, arfando, quando a encontro trancada.

— Destranque essa porta e haverá consequências — ele adverte. Eu me assusto com a proximidade dele. Não há tempo suficiente para destravar a fechadura, o puxador e a corrente. Ele está muito perto.

O solário. Há uma porta traseira que leva para fora. Eu viro, e do canto do olho, vejo minha sombra na esquina da entrada do corredor de onde vim.

Fujo pela sala de estar, depois pela cozinha e em direção à porta que dá para o fundo do corredor. Rezando para que ele não permanecesse no corredor, eu abro a porta e a encontro vazia. Pelo menos a um metro de mim, não consigo ver nada além da escuridão.

Indo direto para o solário, eu voo pela porta e o encontro ali, encostado na saída pela qual eu preciso para escapar.

Eu derrapo, parando antes de bater direto em seus braços. Recuo, ofegante e com a mente acelerada.

Ele se mexe.

— Você é muito previsível, ratinha. — Vamos ter que trabalhar nisso.

Eu fico ali parada, congelada no lugar, enquanto processo o fato de que não vou conseguir sair desta casa. Ele é incrivelmente rápido, mas a parte mais assustadora é que eu não ouvi um único passo dele. Eu fazia tanto barulho quanto um elefante e ele fora mais quieto que um rato.

— Você não vai me tocar — sibilo, minha voz vacilante e chorosa, mas sem lágrimas.

— Um acordo é um acordo, ratinha. — Ele olha para o céu noturno. — É lindo aqui dentro. Acho que é justo que o castigo ocorra aqui, você não acha? Parece que completamos um ciclo.

Resmungando, finalmente forço meu corpo a se mover e corro de volta pelo corredor, em direção às escadas.

Talvez eu consiga encontrar um lugar para me esconder novamente. Um lugar onde ele não vai me encontrar desta vez. Minha mente pensa em todas as possibilidades enquanto eu giro ao redor do corrimão e subo os degraus acima.

Um sussurro de vento sopra contra a parte de trás das minhas coxas e, quando olho para trás, o vejo bem em cima de mim.

Eu solto outro grito, acelerando meus passos. Subo as escadas e desço o corredor, meu desespero e pânico puro enevoam minha cabeça. Não consigo pensar, só consigo agir.

Estou a meio caminho do corredor antes que um cinturão de aço me agarre pela cintura e me levante.

— NÃO! — grito, chutando o ar enquanto luto.

— Ah sim, meu amor — ele rosna, girando nossos corpos em direção à parede. Solto um grunhido devido ao impacto, pressionando minhas costas contra a parede e usando-as como alavanca para chutar o bastardo.

— Deixe-me ir, seu maldito assustador de merda...

— Continue falando e você só vai piorar as coisas.

Eu grito, sem fôlego e ficando cada vez mais fraca, enquanto ele prende meu corpo que se debate contra a parede.

— Nós tínhamos um acordo, não tínhamos?

Uma lágrima se derrama. E depois outra, e outra, até eu estar à beira de soluçar.

— Não chore, ratinha — ele balbucia. — Vai ficar muito pior.

A respiração dele passa sobre a minha bochecha enquanto ele se pressiona mais sobre o meu corpo. Ele é muito maior, seu corpo me envolve até que tudo o que eu posso ver, sentir e cheirar é ele. Calor, couro, aquele

cheiro único que só pertence a ele, e seu corpo vestido de negro que me consome.

— Eu gosto de você assustada — sussurra ele, enviando calafrios pela minha coluna. — Eu gosto de você implorando e suplicando. Clamando para que Deus te salve. — Sinto o toque da sua mão no meu rosto, e recuo. Seus dedos contornam levemente minhas bochechas até o meu cabelo, ajeitando os fios soltos atrás de minha orelha. — Eu gosto de você tremendo sob o meu toque, incontrolavelmente.

— Você é doente! — esbravejo. Estou tremendo da cabeça aos pés e parece que não consigo parar.

— Você pensa que só vai implorar quando está lutando por sua vida, mas é aí que se engana. A única maneira de eu te mandar para o céu é com meu pau. — Ele grunhe com uma gargalhada profunda. — E definitivamente, com a minha língua e dedos, também.

— Isso nunca vai acontecer — murmuro, lançando um olhar determinado para ele com todas as minhas forças. Ou pelo menos eu acho que estou.

Seus olhos estão sombreados pela luz fraca que irradia das arandelas. É quase como estar fora da visão. Seu rosto está tão próximo de algo, mas a claridade parece fugir. As sombras são uma parte dele. Ele as carrega com ele.

— É hora de castigá-la, e pensei nas muitas maneiras que eu poderia fazer isso — diz ele, ignorando minha recusa. Só me enfurece mais que ele considere a minha falta de consentimento tão irrelevante. Tão... inútil.

— Desta vez, serei gentil. — Eu abro minha boca, mas ele me corta com um profundo rosnado de aviso: — Mas só se você também for, Adeline.

O estalido das minhas mandíbulas se fechando é audível, arrancando-lhe outro grunhido de diversão. Meu orgulho leva uma pancada e eu queria

chutá-lo por isso, mas não conseguiria levantar a minha perna nem um centímetro, mesmo que tentasse.

— O que você vai fazer? — Eu me engasgo, a gagueira de minhas palavras em sincronia com o bater do meu coração.

Seu hálito quente atravessa minha bochecha, e sinto o deslizar de seus lábios ao longo de minha mandíbula. Eu engulo, mas quase começo a tossir com a secura da minha garganta. Seus lábios descem ao longo do meu pescoço, escorregando até que ele faz uma pausa no local logo abaixo da minha orelha.

— Vou reivindicar você — diz ele, bem antes de seus dentes me morderem.

Minhas costas se dobram involuntariamente, repulsa e prazer se combinando em meu interior, dando um curto no meu cérebro. Todos os pensamentos coerentes escapam de minha mente em consequência, deixando-me com nada, além do instinto básico.

Ele geme, seus dentes rangem enquanto sua língua se agarra à minha carne. Minha boca se abre, um grito silencioso, enquanto sua boca faz o mesmo, puxando-me fortemente, como se ele estivesse bebendo a essência do meu corpo. E então ele se para, arrastando seus dentes ao longo da minha pele enquanto solta, deixando o local ardendo.

Minhas mãos pressionam seu peito para me dar firmeza ou para afastá-lo, não tenho certeza. Embora minha pergunta seja respondida rapidamente quando o instinto leva minhas mãos a se enroscar, agarrando bem seu capuz e me ancorando a ele como se fosse minha tábua de salvação. Quando na verdade, é ele quem está me matando.

Fortes calafrios envolvem o meu corpo quando ele faz uma trilha molhada, lambendo até a junção do meu pescoço. Ele faz uma pausa, e parece que meu corpo está pendurado sobre uma faca pontiaguda. Eu prendo a

respiração, a ansiedade sacudindo meus ossos.

E então ele morde novamente, arrancando um som animalesco das profundezas do meu peito. Ele faz isso, várias vezes, deixando um rastro de machucados no meu pescoço e no meu ombro.

Já estou sem fôlego quando ele se afasta.

— Boa menina — ele sussurra, sua própria voz etérea. De alguma forma, isso me faz sentir pior. Quero que ele odeie isso tanto quanto eu deveria ter odiado.

Não consigo explicar por que faço o que faço a seguir. Perguntarei a Deus mais tarde. Mas, naquele momento, estou tão dominada por um tsunami de emoções que me aproximo e mordo a bochecha dele.

Com força.

O sangue jorra na minha boca, mas não me importo, apenas mordo com mais força.

Talvez eu queira machucá-lo de volta. Dar a ele o gosto de seu próprio remédio. Fazê-lo sentir o que eu sinto.

Independente do motivo, ele não gosta disso. Sua mão envolve minha garganta, empurrando-me para trás enquanto ele esquiva seu rosto. Minha cabeça bate contra a parede, um som abafado da batida irradiando do local.

Ele aperta com força, mas não me importo. Eu me sinto vingada. Se ele me matar aqui e agora, pelo menos eu posso dizer que deixei uma última marca nele.

Ele rosna baixo, um som de frustração e algo mais que não consigo nomear.

Eu fico olhando para ele, com sangue cobrindo minha língua e descendo pelo meu queixo. É uma pequena quantidade. Não tive a oportunidade de lhe rasgar o rosto em pedaços, como eu queria. Mas as pequenas manchas de sangue me deixam com a sensação de estar revigorada.

— Começo a achar que você gosta de ser punida, o que significa que vou ter que melhorar.

Antes que eu possa reagir, ele me levanta e me joga por cima do ombro como um saco de batatas.

— Babaca! — grito, batendo meus punhos nas costas dele. Eu *não* sou um saco de batatas.

Um forte tapa no meu traseiro é a sua única resposta.

Ele me carrega pelas escadas, vira à esquerda no corredor e desce em direção ao solário. O tempo todo eu luto, dando pontapés e socos, mas ele age como se uma borboleta o estivesse atacando.

Como se ouvisse minhas frustrações, ele diz:

— Querida, o vento pode fazer mais estragos do que o que você está fazendo.

— Quer experimentar meus dentes de novo, imbecil? Continuarei fazendo seu rosto ficar mais feio.

— Continue dizendo isso a si mesma, mas ambos sabemos que minhas cicatrizes a deixam molhada — ele replica, divertindo-se com suas palavras. Eu rosno, frustrada com o quanto ele está imperturbável. E porque ele não está totalmente errado.

Não, idiota, ele está errado.

Mais xingamentos saem da minha boca, mas são entrecortadas quando ele arrasta meu corpo pela sua frente até que minhas pernas estejam enroladas em sua cintura, e ele está me segurando em seu peito.

Ah, que se foda isto.

Eu levanto minhas mãos para arranhar seu rosto, talvez arrancar os olhos, mas em vez disso, eu apenas grito. Ele me joga para trás, meu estômago afunda quando ele me coloca no chão, deitada de costas. Ele se ajoelha diante de mim, seus braços em cada lado da minha cabeça enquanto

ele se apoia em mim.

Acima dele, as estrelas estão brilhando, e a lua quase cheia lança um suave brilho branco no solário.

É quase uma sentença que o céu esteja completamente limpo de nuvens hoje à noite. Os céus nublados constantemente assolam Seattle.

Eu engulo, lágrimas ardendo em meus olhos.

— Que cavalheiro, deixando-me olhar para as estrelas enquanto você me mata — falo, forçando as palavras através da minha garganta apertada.

Eu realmente preciso aprender a ficar calada. Mas parece que não consigo me deter. Aparentemente, quando estou em uma situação de risco de vida, tudo o que posso fazer é piorar a situação.

Alguns podem chamar isso de valentia, mas eu só chamo isso de estupidez.

Ele se apoia em uma mão, enquanto estende a outra para trás. Abro minha boca, me preparando para mais insultos, quando seu braço reaparece, uma arma em sua mão.

Outro clique audível de meus dentes, e volto a ser sufocada pelo medo.

— Você deixou um homem tocá-la aqui. Fazer você gozar — diz ele, seu tom purgava de emoção. — Normalmente, eu substituiria seus dedos pelos meus, mas acho que você precisa de algo mais para lhe dar uma lição.

— Certo, desculpe — eu me apresso, meus olhos se arregalam enquanto ele aponta a arma para o meu peito. — Eu… eu estou realmente, rea…

— Shh — ele me silencia. — Você ainda não está arrependida, ratinha. Mas você vai se arrepender.

14 de abril de 1945

Eu e John vamos acompanhar o Frank a um jantar que ele tem com o departamento de polícia. Normalmente nos divertimos nessas saídas.
Frank chegará em breve para nos pegar, e eu e John esperamos em um silêncio profundo. Sera saiu com as amigas para aproveitar a noite e nesse momento, eu queria que ela estivesse aqui.
Ultimamente, ela tem sido uma boa mediadora entre nós dois. Não sei se ela notou a diferença. Eu e John não estamos brigando. Estamos apenas coexistindo.
Eu quebrei seu coração. Eu sei que quebrei.
Mas por que o meu parece que está se curando?
Frank está aqui agora. Graças a Deus.



CAPÍTULO 16

A MANIPULADORA



Milhões de pensamentos passam pela minha cabeça sobre o que eu poderia dizer para sair disto. *Desculpe* claramente não foi bom o suficiente.

— Você vai atirar em mim?

Minha bexiga ameaça explodir, e o pensamento de que eu poderia morrer em uma poça de xixi traz lágrimas aos meus olhos.

— Eu já disse que não vou matar você — responde ele, seu tom pingando impaciência. Ele pontua sua resposta, arrastando a ponta da arma pelo vale dos meus seios. A arma continua seu caminho pelo meu estômago, parando no cós das minhas calças.

— Tire-as.

Meu lábio treme e uma única lágrima desliza pela minha têmpora.

— Por favor, não faça isso.

Ele inclina o rosto, e o ato é uma maldição. Ele parece tão pouco impressionado com meus pedidos, fazendo com que outra lágrima trace o caminho da primeira.

— Agora, Adeline.

Fungando, eu finalmente o obedeço. Encaixando meus polegares nas minhas calças, eu puxo-as para baixo. Só consigo chegar ao meio da coxa antes que seu corpo se interponha no caminho.

Ele continua a ação, levantando e puxando as calças até o fim.

Mais lágrimas se seguem.

— Agora a camiseta — ele ordena, sacudindo sua arma para sinalizar a ordem. Eu levanto e tiro a camiseta pela cabeça, bufando e me deitando de costas.

— Linda pra caralho — murmura ele, seus olhos traçando as curvas do meu corpo. O maldito tem sorte de eu estar usando meu conjunto de renda preta hoje à noite.

Se bem que ele não merece porra nenhuma.

Ele se inclina sobre mim novamente, sua boca beijando o último machucado que deixou no meu ombro.

— Você sabe o que isso significa? — sussurra ele, beijando outro lugar. Eu tremo sob o seu toque, a eletricidade surgindo do ponto de contato e dançando pela minha pele.

Eu não respondo, mas ele não parece se importar.

— Elas querem dizer que sou seu dono. Marquei você como minha.

A ponta da língua dele desliza pela minha pele, enquanto ele se move para baixo em direção aos meus seios.

— Não...

Seus dentes perfuram o volume do meu peito esquerdo antes que eu possa terminar meu pedido inútil. Eu ofego, apertando meus olhos enquanto ele deixa outra marca na minha pele.

Uma vez satisfeito, ele refaz seu caminho com a boca, deixando chupões nos meus seios e vários no meu estômago. E tudo o que eu posso

fazer é simplesmente suportar. Porque aquela arma na mão dele está me mantendo como refém, exatamente como ele planejou.

Quando meu corpo foi bem abusado pelos seus dentes e sua língua, ele se levanta e força minhas coxas a se abrirem. Eu luto contra ele, mas isso só me machuca no final. Ele é muito forte.

Seu dedo indicador se enrola no cós da minha calcinha, delineando o forro, na junção com a coxa, em direção à minha vagina. Antes de alcançar meu clitóris, ele volta para a borda da calcinha e corre seu dedo para cima e para baixo do tecido, seu dedo a poucos centímetros da minha boceta.

Eu quero cobrir meu rosto porque sei que ele está sentindo a traição do meu corpo.

— Você está encharcada — ele provoca, seus lábios ainda molhados de sua saliva.

— Isso se chama corrimento — eu me apresso, esperando que minha mentira o desanime. Ele sorri em resposta.

— Por mais que eu odeie dizer isto a você, conheço bem a boceta de uma mulher e como ela fica quando chora por mim.

Eu aperto os lábios com nojo.

— Até onde sei, a maioria das garotas chora porque elas estão chateadas. Fica a dica.

Ele ri.

— Ratinha, é exatamente o que estou fazendo. — Ele então puxa minha calcinha para o lado, desnudando minha boceta para ele, a excitação transparecendo de dentro para fora. Ele murmura algo sob sua respiração, enquanto seus olhos devoram cada centímetro de mim. Outro tremor dos meus lábios me faz morder a carne traidora.

Mantendo um dedo enroscada na minha calcinha, ele aponta a arma no meu rosto com a outra mão. Eu recuo, piscando e soltando um grito

assustado.

— Relaxe, eu só quero que você chupe.

Vários segundos se passam até que suas palavras sejam processadas. Para perceber que ele não puxou o gatilho, e eu não estou morta. Após isso, meus olhos se abrem e olho para ele.

— Por que a porra... — Ele bate a ponta da arma na minha boca e me cala. O resto das minhas palavras se dissipam enquanto ele desliza a arma pelos meus lábios, como se os estivesse pintando com batom.

— Chupa — ele ordena, seu tom se aprofunda com a ordem. Fechando meus olhos entre mais lágrimas, abro minha boca e deixo-o guiar a arma entre meus dentes. Aperto meus lábios enquanto giro minha língua sobre o metal frio, eu me encolho com o sabor desagradável.

— Que boa menina — diz ele, puxando a arma que pinga, um rastro de saliva se formando até que ele se rompe.

Meu corpo inteiro trava quando eu sinto o metal frio deslizar contra meu clitóris. Eu me encolho contra o toque estranho de uma arma incrivelmente perigosa.

O terror me assola, e é preciso toda a minha força para não chorar. Segurar uma arma na minha cabeça é muito menos intimidante do que segurá-la entre minhas pernas. Um tiro na cabeça é morte instantânea, mas isto? Isto seria lento e doloroso. Torturante.

Ele se inclina para baixo, perto o suficiente para que o seu hálito quente se espalhe pela minha vagina. Eu me levanto para ter uma visão melhor, quando ele me olha pelos cílios longos e espessos, seus olhos de cores diferentes brilhando de satisfação. Logo quando abro a boca para perguntar o que ele está fazendo, ele tira a língua para fora, a saliva escorrendo até a ponta e pingando na minha boceta.

— Pode ficar mais molhada, não pode, ratinha?

Sentando-se, ele contorna minha vagina com a ponta da arma, o metal escorregando contra minha pele.

— Ah meu Deus, por favor, faça... — Desta vez, minhas palavras são cortadas pela sensação dele passando a arma pelas minhas dobras. Apenas a ponta, mas o suficiente para fechar minha garganta, apenas permitindo que um guincho assustado escapasse.

Ele ri cruelmente.

— Você até soa como uma ratinha.

Eu responderia se não estivesse congelada. Eu não consigo desviar o olhar. Eu só o vejo empurrando a arma dentro de mim, meus olhos arregalados mal processam o que estou vendo. O que eu estou sentindo.

Lentamente, ele trabalha a arma dentro de mim, extraindo tanto prazer quanto dor. Aperto minha mandíbula, tremendo pelos seus movimentos, mas recusando-me a fazer um som. Eu não lhe darei essa satisfação.

Ele continua enfiando o cano da arma até a metade do e recuando até a ponta. Tenho um momento para respirar antes que ele enfie o cano inteiro dentro de mim. Prendo a respiração, então solto um arfar agudo e deixo minha cabeça cair para trás, não tendo mais forças para olhar.

Isto é tão, tão doente. Mais do que doente.

Mas quando a arma sai e entra de novo, um som molhado escapa, ao mesmo tempo que uma onda de prazer passa por mim.

— Boa menina — ele sussurra. — Abre mais, querida. — A mão ainda segurando minha calcinha de lado, empurra contra minha coxa. Sem pensar, minhas coxas instintivamente se abrem ainda mais.

Outro elogio, mas eu mal o ouço por causa do bater do meu coração.

— Posso sentir como sua boceta está apertada. A maneira como ela se agarra à minha arma quando a puxo para fora. Tão bonita, pra caralho.

Eu mordo meu lábio, mas não é o suficiente para segurar o próximo

gemido. Ou o que vem depois disso. Eu ouço os sons enquanto ele me fode com sua arma, e a vergonha toma conta de mim como resposta.

A vergonha quase se sobrepõe ao medo. Mas nenhum deles é mais potente do que o prazer ao qual meu corpo está sendo forçado a sucumbir.

Quando ele angula a arma de uma determinada maneira, ele atinge um ponto dentro de mim que revira meus olhos e um gemido desenfreado se liberta.

Ele rosna em resposta, minhas costas arqueiam enquanto ele continua a acertar aquele ponto. Minha calcinha fica muito esticada, apertando minha carne antes de ser arrancada do meu corpo, o som se perde em outro grito.

O tecido rasgado é jogado de lado, liberando sua mão para agarrar minha coxa.

Meu coração pula quando ele se inclina para baixo, mas ele só prende seus dentes na minha coxa interna. Eu grito, pela mordida afiada, mas ela rapidamente se transforma em prazer quando ele atinge aquele ponto novamente.

Sua boca me suga e seus movimentos se aceleram até que eu sinto o início de um orgasmo surgindo abaixo do meu estômago.

— Por favor — eu imploro, mas não sei pelo quê. Ele afasta a boca só para morder minha pele novamente, mais baixo desta vez, mas ainda longe da minha vulva.

Muito longe.

— Diga-me o que você aprendeu com essa lição, Adeline — ele exige, olhando para mim, sua boca molhada por causa das mordidas. A visão faz meu coração cair no fundo da minha barriga, até onde a arma está me atingindo.

— Não morder sua bochecha? — Penso, minha voz tremendo.

Ele responde mordendo minha coxa em um aperto punitivo. Eu grito, a

dor me cega. Ele relaxa a mandíbula, permitindo que a dor vire prazer. Um som primitivo escapa enquanto ele empurra a arma profundamente.

— Você vai me fazer perguntar de novo?

Eu abro minha boca, mas nenhuma resposta sai. Meu silêncio permite que eu ouça seu aviso alto e claro. Ele empurra a arma.

— Está bem, está bem, porra. — Eu me entrego a um silêncio aterrorizado. — Eu aprendi a não deixar outro homem me tocar.

Essas palavras trazem lágrimas aos meus olhos. Porque dizê-las em voz alta me faz sentir bem e verdadeiramente capturada por este homem.

— Quem é o único que tem permissão para tocar você, Adeline?

Eu fecho meus olhos, odiando a mentira que está prestes a escorregar da minha boca, assim como as lágrimas que escorrem dos meus olhos.

— Você — eu sussurro, o gosto amargo das palavras entope a minha garganta. Um campo de batalha se instala no meu corpo. Um lado que quer que ele me faça gozar, e o outro lado que quer que ele vire a arma contra si mesmo e a dispare.

Eu olho para ele e observo a maneira como ele me olha fixamente. E tenho a terrível constatação de que ele não acredita em minhas mentiras.

— Você tem mais dez segundos para gozar, ratinha. Não mais depois disso — adverte ele antes de morder novamente a minha coxa. — Esfregue seu clitóris, querida.

Eu hesito. A última coisa que quero fazer é dar a este homem a satisfação de me fazer gozar, e ainda pior, ajudá-lo a fazer isso.

Ele não merece. E apesar de meu corpo suplicar por isso, meu cérebro se revolta contra o pensamento.

— Agora — ele rosna, seus olhos brilhando com algo carnal e perigoso.

Murmurando uma praga, eu me inclino e giro meus dedos sobre meu

clitóris, muito assustada com as consequências. Se tiver que escolher entre um orgasmo e levar um tiro, vou ter que escolher a opção que causará o menor dano possível.

— Boa menina — sussurra ele. São necessários mais dois empurrões da arma antes que eu chegue ao limite, meu traseiro levantando do chão enquanto o orgasmo me rasga.

Eu estou gritando. Posso sentir o som vibrando os músculos da minha garganta. E posso sentir como ficará dolorido. Mas não consigo ouvi-lo. Não quando meu ser inteiro é consumido em fogo e gelo, e a única coisa que posso ver é o céu.

A arma continua dentro de mim, mais rápido e mais fundo, prolongando o meu orgasmo até que eu estou literalmente implorando para que ele pare.

Ele arranca a arma de dentro de mim, e minhas coxas se fecham instantaneamente quando a última onda de orgasmo acaba.

Fico aturdida, ainda com alguns tremores, enquanto ele fica de pé, com o corpo em cima de mim.

Olho para cima com os olhos semicerrados, ainda tremendo dos resquícios do prazer, quando ele levanta a arma e enfia o cano na boca. Parece algo sobrenatural quando o vejo lamber a arma e depois a enfiar na parte de trás de seu jeans.

Meu corpo está cheio de raiva, humilhação e vergonha – eu sei disso. Mas é como se meu cérebro não conseguisse processar essas emoções, então ele está apenas escolhendo não sentir nada.

É isso que o trauma faz? Saber que você foi violada, mas seu corpo opta por ficar entorpecido?

Como um truque de mágica, vejo sua mão retornar com uma rosa, que deveria estar no bolso de trás. As pétalas estão esmagadas, provavelmente por

nossa luta, mas ele parece não se importar. Ele gira a rosa em sua mão antes de jogá-la em mim, a flor tremulando no meu estômago.

Com um último olhar demorado, ele se vira e sai sem uma palavra.

E, finalmente, as emoções explodem e se precipitam em meu corpo, saindo pelos meus olhos.

***

Durante as três noites seguintes, minha sombra ficou do lado de fora da minha janela. Observando-me durante a noite enquanto fumava um cigarro. O que eu queria dizer a ele é o quanto é nojento que ele fume.

Mas o calor entre minhas coxas gosta da aparência dele. Acho que minha vagina pode até ter ficado com ciúmes do cigarro. Aparentemente, ela tem uma queda por objetos inanimados.

E essa lembrança me irrita muito. O suficiente para me fazer invadir a cozinha e me servir de uma taça inteira de vinho. O vinho cura tudo por um tempo.

A raiva.

O trauma.

Mas agora, mesmo depois de uma taça de vinho, a raiva faz minhas mãos tremerem com a lembrança de como ele me deixou no chão, jogou uma rosa em mim como um lixo descartado, e depois foi embora. Eu nunca tinha me sentido tão depreciada como ser humano até aquele momento. Nunca me senti tão humilhada.

Desde então, ele nunca mais me enviou mensagens. Não tentou vir até mim e balançar com outra arma na minha cara. Ele apenas permaneceu do lado de fora da janela.

E eu o encarei de volta.

Tornou-se nossa rotina de merda.

Ele não aparece durante o dia, e enquanto eu não deixar que os homens me apalpem e enfiem a mão nas minhas calças, ele não me manda mais mensagens ameaçadoras.

Eu não conto a Daya sobre nosso confronto, e especialmente não sobre como aquela noite terminou. Se a minha sombra não me assassinar primeiro, Daya o fará.

Eu fui incrivelmente estúpida. Um fato que eu nunca tentei negar. Especialmente agora.

Não há como explicar as reações que ele provoca em mim. Eu adoraria fingir que enfrentar um homem assustador é tão eu, mas é exatamente o oposto. Eu teria um ataque de pânico se tivesse que fazer uma pergunta a um completo estranho.

Então por que cada vez que ele aparece, eu caio na insanidade?

— Por que você está usando uma gola rolê? — Daya pergunta com desdém, enfiando uma garfada de salada na boca. Nos encontramos na casa da Fiona para comer alguma coisa.

Eu precisava sair de casa. Desesperadamente. As menores coisas me faziam saltar de medo durante a noite. E cada vez que eu me olhava no espelho, eu era dominada pela memória de seus dentes afundando em mim. E a sensação do metal, logo em seguida.

Limpo minha garganta.

— Estou tentando algo novo — murmuro. Era a única coisa que cobriria as marcas que manchavam meu corpo. Tive que encomendar várias delas em cores diferentes pela Amazon Prime, de tão urgentemente necessárias que eram.

Eu nunca poderia deixar Daya ver essas marcas. Tampouco poderia jamais confessar o novo significado que meu stalker deu para “bater uma”.

Ela encolhe os ombros, olhando para sua salada.

— Você é capaz até de fazer com que uma gola rolê, um jeans sem graça e um cinto fiquem com um visual legal.

Eu franzo a testa para a minha roupa, discordando da avaliação dela. Odeio esta roupa, mas talvez eu só odeie o que ela representa. Algo pensado unicamente para cobrir os hematomas que estão em meu corpo. Sob estas roupas está um mapa de chupões roxos.

— E o seu amante? Algo mais aconteceu com ele?

Espero que o rubor que rasteja pelo meu pescoço não se intensifique. Assim, talvez eu possa culpar a porra da gola rolê.

— Eu prefiro muito mais falar sobre a Gigi — eu digo, olhando as tirinhas de mozzarella que estão entre mim e Daya. Eu já comi quatro e quero a última. Observando meu olhar, Daya revira os olhos e bate a mão, incitando-me a pegá-la.

Eu o faço com um grande sorriso no rosto.

— Tenho algumas novidades sobre o Ronaldo. — As sobrancelhas dela disparam, incentivando-me a continuar. — Ontem à noite, eu estava olhando os diários para ver o que eu podia encontrar sobre ele. Gigi mencionava frequentemente que ele usava belos ternos e aquele anel dourado, indicando que ele era de classe média a alta. E havia um registro estranho. Ele apareceu machucado e ensanguentado, mas não quis falar sobre isso. Então, estou pensando que ele estava envolvido em algum tipo de vida criminosa. Ele era muito reservado sobre sua vida e lhe disse em certo momento que não permitiria que seu perigoso estilo de vida a afetasse.

— Você acha que ele era como um chefe da máfia?

Eu balanço a minha cabeça.

— Não, eu acho que o chefe dele era um chefe da máfia. Quando Gigi falou dele quando ele apareceu espancado, ela fez parecer que ele foi punido

por alguma coisa. Ela citou-o dizendo: “não era nada que eu não merecesse” e isso foi tudo o que ele disse. Gigi havia anotado várias vezes nos diários que ela continuava perguntando, de qualquer maneira, preocupada com o bem-estar dele. A última coisa que ele lhe disse foi que tinha um chefe muito rígido, e que não podia saber sobre ela.

Daya assente, uma centelha de excitação em seus olhos sábios.

— Vou procurar nas famílias criminosas dos anos 1940. Ver se consigo encontrar alguém que corresponda à sua descrição.

Eu sorrio, sentindo a mesma centelha de esperança. O momento dura uns cinco segundos antes da Daya arregalar os olhos, seu olhar travado atrás de mim.

Meu coração para um segundo e os cabelos na parte de trás do pescoço se levantam. Minha sombra não apareceria aqui agora, não é mesmo? Na frente da Daya?

— Olá, senhoras.

Meus olhos se arregalam junto com os de Daya. Seu olhar cruza com o meu e um milhão de coisas são ditas no espaço de dois segundos. Parece que precisaremos ser muito cuidadosas.

O homem se senta ao meu lado, seu corpo relaxando na cadeira enquanto me olha com um largo sorriso que para a quilômetros de alcançar seus olhos.

Eu limpo minha garganta e forço um sorriso.

— Olá, Max. O amigo do Arch, certo?

— O primeiro e único — responde ele, seu olhar azul impassível colado ao meu rosto. Posso sentir um rubor rastejando pelo meu pescoço pela intensidade do olhar dele.

— O que posso fazer por você? — pergunto casualmente, bebericando minha margarita, que acaba rapidamente. Em breve terei que chamar a

garçonete, pois vou precisar de outra para me fazer passar por essa conversa, e mais uma na sequência

Vou precisar chamar um Uber esta noite, já sinto isso.

Ele se inclina sobre a mesa, cruzando os dedos e olhando para mim como se estivesse realmente curioso sobre algo. Todo o seu comportamento é hostil.

— Gostaria que você me contasse exatamente o que aconteceu quando Arch desapareceu. — Seus lábios se apertam em um sorriso cruel enquanto ele se aproxima: — Da porta de sua casa.

Eu franzo a testa.

— Você já não soube pelos boletins de ocorrência?

Ele contrai os olhos, aquele sorriso congelado em seu rosto frio.

— Quero ouvi-lo de você, srta. Reilly.

Faço o meu melhor para manter a minha cara de paisagem, mas não tenho certeza de como estou me saindo. Não posso dizer que sou iniciada na arte de lidar com um criminoso. De fato, há três noites, praticamente provei que sou péssima em lidar com criminosos.

Ele disse meu sobrenome para me mostrar que me investigou. Mas essa seria a única coisa à qual eu já estou acostumada. Ser perseguida.

— Voltamos para minha casa e nos divertimos um pouco — eu comecei. Um lampejo brilha nos olhos de Max quando eu digo isso. — Estávamos realmente no meio da diversão quando alguém bateu com muita força na minha porta da frente...

— Isso já aconteceu antes?

Minha coragem some porque esta é uma pergunta que não sei como responder.

— Não — eu digo finalmente, evitando engolir em seco como eu realmente quero. Eu também quero pegar a taça da minha margarita

novamente, mas minhas mãos estão tremendo, e não acho que vou conseguir esconder isso.

Então, ajo como uma idiota e me inclino para beber mais da margarita com a taça ainda sobre a mesa.

— Hmm — ele murmura.

Max tem que saber que eu tenho um stalker agora. Foi algo que o Xerife Walters me disse que poderia se voltar contra mim, mas eu não podia deixar de relatar que alguém me perseguia. Max deve ter visto essas denúncias. Mas uma coisa é certa: eu não informei que suas mãos apareceram à minha porta.

— Veja, Addie, eu simplesmente não consigo descobrir o motivo, sabe? Como, por exemplo, por que um inimigo do Arch apareceria à *sua* porta enquanto o Arch estava molhando o ganso?

Eu hesito com suas palavras grosseiras, sentindo quase vergonha de ter deixado o Arch me tocar.

— Max — Daya fala rispidamente. Seus olhos frios se voltam para ela, mas ela não se acovarda. — Eu já lhe disse um milhão de vezes. Addie não teve nada a ver com isso.

Seu olhar se estreita novamente, e ele se inclina mais para o centro da mesa, encarando Daya com uma cara feia.

— Esse é o problema, Daya. Eu não acredito em você.

Ela rosna, suas mãos se fechando nos punhos.

— Se você quer respostas, Max, você está procurando no lugar errado — eu interrompo, antes que esta conversa exploda e Max nos assassinasse aqui mesmo.

— Acho que não estou — responde ele, encarando-me novamente. — Porque as mãos de Arch foram parar à sua porta na manhã seguinte. E se eu não soubesse melhor, eu diria que isso é pessoal. Então, por que as mãos de

Arch seriam pessoais para *você*?

Ele sorri vitorioso, enquanto meus olhos se apertam em surpresa.

— Como você sabe disso?

— Algo não bateu certo com o desaparecimento de Arch em sua casa de todos os lugares. Na manhã seguinte, enviamos um homem para examinar sua propriedade. Bem a tempo de ver Daya pegando uma maldita caixa e fugindo com ela. Eles a seguiram e depois que ela a enterrou, eles simplesmente a desenterraram. Imagine nossa surpresa quando eu vi as mãos de meu melhor amigo naquela caixa. E imagine minha surpresa quando meus homens me disseram que elas foram um presente para você.

Não olho para Daya. Não quero que Max veja como estou realmente alarmada.

Meus olhos estão se estreitam.

— Talvez tenha sido colocada à minha porta porque quem quer que fosse, presumiu que eu estava ligada aos *negócios* de Arch.

Ele ri então.

— Você acha que nosso rival assumiu que você era a puta do Arch? E que você estava envolvida com nosso trabalho?

— Talvez — sugiro. — Eles saberiam se eu não estivesse?

Ele não responde. Ele apenas me encara, analisando-me. E eu o encaro também, deixando-o ver a raiva no meu rosto. A frustração.

— Por que você mandou Daya enterrá-los, Addie? Por que não contar à polícia?

Eu avalio minhas opções e decido que contar parte da verdade é minha melhor aposta.

— Porque havia uma nota ameaçando minha vida, junto com qualquer policial envolvido, se eu os chamasse. Fui informada sobre os *negócios* do Arch e achei melhor seguir as ordens e não me envolver mais. Em algo com o

qual não tenho *nada a ver*, a propósito.

Mais uma vez, ele só olha fixamente. Meu coração está saindo do peito, e pelo olhar de Max, ainda não tenho certeza se ele acredita que sou inocente.

Parte de mim só quer confessar a ele que estou sendo perseguida. Que diferença faria, afinal, neste momento? Agora que Max descobriu as mãos de Arch, não há motivo para manter o segredo.

Mas há.

Se Max descobre que eu tenho um stalker – um que é claramente violento e perigoso – ele pode me usar como isca para atraí-lo e obter sua vingança.

Eu me tornaria uma garantia. E não tenho certeza se eu conseguiria sair viva.

Pelo menos deste jeito, há uma chance de Max me deixar em paz, se ele pensar que sou apenas uma garota qualquer que foi envolvida na atividade de gangues.

Max murmura novamente e fica de pé, endireitando o casaco do terno e o abotoando. O terno cheira a classe e dinheiro, e algo me diz que Max assumiu os negócios dos Talaverra.

Há um novo senhor do crime na cidade, e ele está irritado. E seu alvo é ninguém menos que eu.

— Aproveitem o resto do seu jantar, senhoras.

Ele vai embora, levando toda a sua má energia com ele. O ar imediatamente fica mais leve agora que ele se foi, mas ele ainda conseguiu deixar um gosto de cinza na minha boca.

— Eles vão ser um problema — diz Daya calmamente.

Eu concordo com a cabeça e sinalizo para a garçonete.

— Acrescente-o à porra da lista.

15 de abril de 1945

Essa noite foi horrível. John bebeu muito e quando ele bebe muito, ele fica cruel.
Frank teve que carregá-lo até em casa e colocá-lo na cama. Eu estava zangada demais para ajudá-lo a tirar a roupa.
Finalmente a represa rompeu e ele me acusou de traí-lo. Frank estava lá e me olhou como se eu tivesse matado o seu cachorro. Isso aconteceu na frente dos colegas de trabalho do Frank.
Fiquei mortificada. Mas nada que eu não merecesse.
Eu neguei as acusações, é claro, mais preocupada em acalmá-lo.
Depois de deixar o John na cama, Frank me perguntou se era verdade.
Eu disse que não, mas não acho que ele acreditou em mim.
Ele saiu enfurecido da casa depois disso. Não tenho certeza do que foi que eu disse que o deixou tão chateado.



CAPÍTULO 17

A SOMBRA



Porra. Ela é tão bonita quando acha que ninguém está olhando.

Minha ratinha entra em seu quarto, suas pantufas se arrastando no chão de pedra lisa. Ela está cansada. Olheiras estão começando a se formar debaixo dos olhos dela.

Quero suavizá-las, só para trazê-las de volta. Mas quero que ela esteja cansada de passar a noite acordada, levando meu pau dentro do seu corpo até todas as suas forças se esgotarem. E ainda assim, eu a continuaria fodendo.

Eu me privei da última vez e me recusei a tocá-la com minhas próprias mãos quando ela ainda não tinha merecido isso de mim. Mas ver aquela arma deslizar para dentro e para fora de sua boceta foi igualmente difícil para mim.

Eu mal consegui chegar ao meu carro antes de gozar na minha mão, a doce melodia de seus gritos sedutores ecoando na minha cabeça.

Só a voz daquela mulher pode colocar qualquer homem de joelhos.

E agora, ela não está usando nada além de uma camiseta branca comprida, a maciez do algodão terminando no meio da coxa. Seus mamilos

rosados marcam o material fino, e minha boca saliva com o desejo de colocar um deles na boca e chupá-lo até que ela esteja se contorcendo debaixo de mim.

Passo a língua nos lábios. Em breve.

Sua pele cremosa e tentadora está à vista, e tenho um vislumbre de sua calcinha vermelha de algodão sempre que ela se move. Como quando ela puxa o cobertor para trás e bate com o punho minúsculo no travesseiro para afofá-lo.

Eu tenho uma visão completa do seu traseiro quando ela desliza os pés para fora de suas pantufas, e depois se abaixa, para arrumá-las bem diante de sua mesinha de cabeceira.

Meu pau endurece, seu rabo perfeitamente arredondado transparece pela roupa íntima. Sua boceta está à vista. Apenas um pedaço fino de tecido separando-a da minha língua.

Fecho meus olhos e me esforço para recuperar o controle.

Tenho que ficar quieto.

Ela não sabe que estou me escondendo em seu armário. Esperando que ela adormeça para que eu possa observar sua beleza em paz.

Neste momento, ela me teme. Com razão.

Sou um homem perigoso e mato pessoas diariamente. Não apenas isso, mas eu também gosto de fazê-lo.

Ela deveria me temer, mas somente porque uma vez que ela se submeta a mim, ela não terá nenhuma chance de escapar.

Ela já começou a fazê-lo e ainda nem se deu conta disso.

Nunca estive apaixonado por nada além do meu trabalho. Há mais de um ano nem sequer me preocupava em transar com uma mulher. Eu simplesmente não tinha tempo. Elas sempre foram uma foda rápida, e então eu sumia, o gozo raramente aliviava qualquer tensão.

Depois de lidar com lágrimas suficientes e tentativas desesperadas de me fazer ficar com elas, fiquei cansado do incômodo.

No momento em que a vi sentada naquela livraria, esforçando-se para esconder seu nervosismo e ansiedade, lá estava eu, um homem adulto, caindo em uma obsessão à primeira vista.

E agora, sinto-me como um garoto de quinze anos que acabou de descobrir como é uma boceta. Sempre que olho para ela, estou duro dentro do meu jeans, só de olhar para ela.

Quero tocá-la, beijá-la e fazê-la minha em todos os sentidos da palavra. Marcar o corpo dela não foi suficiente. Mas tenho a sensação de que nunca me sentirei satisfeito de Adeline Seraphina Reilly. Pelo menos em teoria.

E eu não tenho vergonha nenhuma. Nunca afirmei ser um bom homem.

Ela escorrega para a cama e se enrola sob o edredom, depois pega um velho livro de couro.

O diário de sua bisavó.

Depois que Addie saiu um dia para tratar de um assunto ou alguma merda, eu folheei as páginas.

Sua bisavó também tinha um stalker. Isso me fez sorrir quando percebi que a história estava se repetindo.

Addie folheia o diário por uma hora, seu rosto se contrai com uma emoção ilegível enquanto ela inala os segredos mais profundos e sombrios da Gigi. Parece que ela está procurando respostas, e a única coisa que lhe dará clareza são as palavras de sua bisavó.

Ela parece perturbada pelos diários. Mas uma parte maior, parece fascinada. Entusiasmada. Como se ela estivesse tentando imaginar se apaixonando por seu stalker, e o pensamento tanto a excita quanto a deixa profundamente desconfortável.

Eu quero rir disso. Porque é exatamente o que vai acontecer.

Vou fazê-la se apaixonar por cada uma das minhas fodidas partes. Quero que esta garota me veja no meu estado mais depravado. Quero que ela experimente a verdadeira escuridão que reside em minha alma.

Quando você faz alguém se apaixonar pelas partes mais escuras de você, não há nada que você possa fazer que a afugentará.

Elas serão suas para sempre porque já amam todos os pedaços e as partes mais doentias em você.

Seus olhos começam a cerrar, sua cabeça começa a se inclinar e o diário começa a escorregar de suas unhas pintadas de preto.

Ela acorda com um solavanco, seus olhos se abrem antes dela se ajeitar. Eu mordo meu lábio, sentimentos demais invadindo meu peito.

Desistindo de fingir ler, ela fecha o diário, o coloca em sua mesa-de-cabeceira e apaga a luz. Instantaneamente, o quarto fica escuro. O luar infiltrando através das portas da varanda projeta sombras no cômodo, criando monstros a partir de móveis de madeira.

O único monstro de verdade nesta casa sou eu.

Uma vez que a respiração dela fica mais profunda, abro lentamente a porta do armário e espero nas sombras, assegurando-me de que ela não tenha despertado.

Quando vou dar um passo, uma explosão gélida desabrocha na parte de trás do meu pescoço. Arrepios sobem pela minha pele quando viro a cabeça e olho ao redor no armário, lutando contra a vontade de bater os dentes.

Não é um frio natural e não é a primeira vez que o sinto. Mas o que quer que esteja respirando em meu pescoço não vai me deter. Sinto seus olhos em mim, e espero encontrar seu olhar para que ele possa ver que não estou com o mínimo de medo.

Ao não ver nada, eu me viro e saio para o quarto. O frio recua quando chego à sua cama. Fico tentado a tirar o cabelo dela do rosto, mas sei que isso

vai acordá-la.

Ela sente o perigo facilmente, e sei que vai me pegar em breve.

Uma grande parte de mim quer que ela me pegue. Há uma depravação em minha mente que gosta de vê-la assustada. Quero vê-la gritar porque sei que cada vez que ela fica assustada, minha ratinha também fica excitada. Isso faz o sangue correr direto para o meu pau, e eu quero mais do que tudo mostrar a ela exatamente o quanto eu posso fazê-la gritar.

Mas uma parte minha mais suave quer vê-la dormir em paz. Especialmente porque eu sei que trarei tão pouca paz quando ela estiver acordada.

Tirando a rosa do meu bolso, eu a coloco na sua mesa-de-cabeceira. Ela vai ter um ataque pela manhã e eu vou me certificar de assistir o vídeo para que possa vê-la e encontrar alegria em seu terror.

Ela se agita, e um barulho alto perturba o ar.

Algo entre um grunhido e um roncar como de um porco.

Trago meu punho à boca, mordendo com força para evitar que o riso exploda de mim. Imediatamente, eu me viro e saio do quarto, lutando imensamente para ficar quieto.

Acho que nunca ouvi um barulho como esse sair de *ninguém*, muito menos de alguém que parece tão bonita como Addie. Eu torturei e matei muitas pessoas, e isso foi... isso foi diferente de tudo que eu já ouvi.

Só quando estou fora de casa é que solto uma gargalhada.

Mas meu riso é interrompido quando meu telefone toca, no meu bolso. Eu o puxo para fora, vendo o nome do Jay piscar na tela.

— Sim? — respondo, meus passos se aceleram à medida que chego ao meu carro.

Jay me liga apenas para trabalho. E normalmente, isso resulta em matar uma ou doze pessoas.

— Mark Seinburg está na cidade — ele começa, indo direto ao ponto. Isso é o que eu mais gosto em Jay. Ele vai direto ao ponto. — Junto com seus colegas Miller Foreman, Jack Baird, e Robert Fisher.

Eu abro a porta do meu carro e afundo no banco de couro. Eu ligo meu carro, mas ainda não faço nenhum movimento para sair.

— Onde eles estão? —pergunto.

— Eu tenho vídeos de suas aparições em cassinos, um par de bares de alto nível e um clube particular de cavalheiros. Apenas membros. Todos os lugares que são fortemente vigiados.

— Guardas significam que eles têm algo a esconder — digo. — Eles não me preocupam.

Não é arrogância, são apenas fatos. A confiança em minhas habilidades é a única coisa que me mantém vivo.

Não se pode entrar na toca do leão com a confiança de uma gazela. Você entra sabendo que vai sair com o sangue deles nas mãos e a cabeça deles rolando pelo chão.

É a única maneira de você sobreviver.

— Concordo — Jay aquiesce. — Mas é muito cedo para invadir os lugares deles. Eu consegui que você tivesse acesso a alguns dos clubes de cavalheiros que eles frequentam. Acho que vão ser a nossa melhor aposta para conseguir informação. Basta ir até lá, avaliar e começar a fazer mais aparições para ganhar a confiança deles. Veja se há algo errado.

As gargalhadas provocadas por Addie já se foram há muito. Quase parece que eu não senti uma... emoção feliz há apenas alguns minutos. Os idiotas que traficam crianças inocentes fazem isso com você.

— Porra, Jay, você quer que eu me misture com um bando de estupradores? Eu posso invadir as câmeras deles.

— Invadir as câmeras só te leva até certo ponto.

Eu suspiro, esfregando o músculo que tensiona no meu ombro. Ele está certo. As câmeras não terão áudio, e há muito mais a se aprender quando se escuta conversas.

— E neste momento, não temos nada — continua Jay, trazendo seu ponto de vista.

Eu aceno, embora ele não consiga me ver. Fazer amizade com os pedófilos significa que eu poderia ser convidado para o ritual. Com base no vídeo, é definitivamente no subterrâneo. Ganhar acesso será incrivelmente difícil, mas nada nunca é impossível para mim.

Não só isso, mas vai colocar mais pessoas no meu radar para derrubar.

É uma maldita rede de pedófilos e uma vez que você encontra uma, você encontra mais uma centena. É exaustivo, uma lista interminável de pessoas para matar.

Mas eu sou um homem muito paciente.

— Eu sei — concordo. — Vou fazer as conexões necessárias.

Encontrarei este lugar, e quando o fizer, matarei todos os filhos da puta associados a esse buraco infernal.

Quando eu terminar, todo o governo estará desmantelado.

CAPÍTULO 18

A MANIPULADORA



DESCONHECIDO: Você é tão bonita quando dorme.

Meu coração para quando eu leio o texto.

Eu já sabia que o cara esteve em minha casa, já que tinha uma rosa na mesinha de cabeceira, mas a falta de vergonha dele me enfurece. Sinto o sangue correr para as minhas bochechas quando fúria e vergonha crescem dentro de mim.

Ontem à noite fiquei inconsciente, e detesto que enquanto dormia pacificamente, um homem estivesse pairando em cima de mim, observando e sendo apenas uma aberração da natureza. O pensamento me arrepia a espinha.

Depois que Max estragou nosso jantar, Daya e eu estávamos consideravelmente em estado de alerta, o estado de ânimo ficou azedo e apodrecido. Combatemos esse sentimento fazendo uma noitada em bares. Escolhemos uma bebida aleatória do menu, uma se tornou várias, e ao final

da noite, ambas estávamos bem-acabadas.

Tentei evitar pensar em Max a noite inteira, mas suas ameaças me atormentaram de qualquer forma. Estava ali, no fundo da minha mente, lembrando-me a cada momento livro.

E não melhorou.

Passei este dia inteiro tentando escrever, mas mal consegui mais de mil palavras. Há muito tempo desisti e me fui para o meu quarto, assistir qualquer coisa na televisão.

EU: Você vai ficar bonito depois que eu te apunhalar.

Eu nem sei por que o respondo. Eu deveria parar e relatar isto à polícia. Eles vão pensar que eu o estou antagonizando.

Jesus, eu o *estou* antagonizando.

Mas depois da ameaça de Max, não preciso de mais motivos para deixá-lo desconfiado, denunciando um stalker. E espero que aqueles que fiz após o desaparecimento de Arch, também tenham desaparecido.

Nunca pensei desejar que minhas únicas provas contra minha sombra desaparecessem, mas a ameaça de Max estranhamente me assusta mais.

Talvez eu esteja me enganando com uma falsa sensação de segurança com o primeiro. Ele me assusta muito, mas não parece inclinado a me machucar fisicamente. Na verdade, ele fez exatamente o contrário, e esse pensamento me deixa doente.

Max, por outro lado, eu sei que me machucaria.

DESCONHECIDO: Uma arma não foi suficiente para você? Interessante.

Deixo cair o telefone na minha cama e depois a cabeça nas minhas mãos. Mas depois minha cabeça volta a se levantar quando me lembro que o cara estava me observando dormir ontem à noite. O que significa que ele entrou na minha casa novamente.

Todo o sangue em minhas bochechas escoa como em um redemoinho quando percebo que ele poderia ter estado em minha casa antes mesmo de eu ir para a cama.

Foi o que ele fez da última vez, e ontem à noite eu estava bem fora de mim. Sei que li o diário de Gigi por um tempo, mas acho que não retive uma única palavra do que li.

Meu olhar é atraído para as portas do meu armário, como um ímã em um refrigerador. É um armário grande com duas portas que deslizam. Meus olhos se estreitam, mirando na pequena fenda entre as duas portas.

Meu corpo se move em piloto automático. Estou saindo da cama e voando até a porta do armário antes que eu possa pensar bem. Não tenho ideia do que eu faria se ele estivesse ali parado.

Provavelmente me cagaria toda.

Abro as portas e paro quando não encontro nada, além de muitas roupas que não uso.

Não há lugar para ele se esconder aqui. Não é um armário profundo e certamente não é grande o suficiente para esconder um homem de 1,90 m. Minhas mãos separam minhas roupas de qualquer maneira, procurando por ele. E mesmo quando tenho certeza de que ele não está ali, eu encaro o espaço com mais força e empurro minhas roupas de lado com uma violência cada vez maior.

Controle-se, Addie. É como se você quisesse que ele estivesse aqui.

Eu suspiro e viro as costas, a adrenalina diminui. Não há outro lugar neste quarto para ele se esconder. Por mais imensa que seja, é um espaço

aberto com o mínimo de móveis.

Agora, eu me sinto uma idiota.

Eu me encolho na cama, cruzando minhas pernas enquanto olho para o celular como se fosse uma ratoeira com um grande bloco de queijo no rabo. Queijo gouda defumado gourmet, para ser mais precisa.

O telefone se acende com uma mensagem de texto, as vibrações na cama viajando direto pelas minhas pernas.

Eu o agarro. Eu adoro queijo gouda, caramba.

DESCONHECIDO: Vejo você hoje à noite, ratinha.

Eu rosno.

EU: Do lado de fora da minha casa, e de preferência algemado por um policial.

DESCONHECIDO: Você não precisa de um policial para me algemar, querida. Eu deixo você fazer o que quiser comigo.

Eu vou sofrer um ataque cardíaco com meu sangue acelerando desse jeito. Minha boceta pulsa com o pensamento proibido dele algemado à minha cama, um sorriso em seu rosto, pingando de pecado. E aqueles malditos olhos de cores diferentes me olhando do jeito que ele me olhou quando estava me fodendo com sua arma. Como se eu fosse um ratinho que ele quer devorar, presa na armadilha com o queijo gouda estufando minhas bochechas.

Merda.

Minhas mãos tremem enquanto tento tirar o pensamento da minha cabeça. Mas ele se agarra firme e eu não consigo tirá-lo.

Eu endireito minhas pernas, apertando as coxas. Mas isso não alivia o

pulsar firme entre elas, nem a umidade que se acumula lá.

Meu coração acelera enquanto outra mensagem vibra meu telefone.

Eu não quero olhar, mas não tenho nenhum autocontrole.

DESCONHECIDO: Você está brincando com você mesma, ratinha? Tocando sua doce bocetinha, pensando em mim algemado à sua cama?

EU: Você é nojento.

Mas foi exatamente isso que eu comecei a fazer. Assim que li as palavras, foi como se ele tivesse possuído meu corpo para fazer exatamente o que estava pedindo. Minha mão serpenteou para dentro da calcinha, meu dedo gentilmente deslizando no meu clitóris inchado. Mesmo quando eu escrevia de volta minha resposta fulminante.

Não estou usando nada além de uma camiseta comprida e roupa íntima confortável.

Sinto-me nua e exposta sob o algodão fino. Quando minhas pernas começam a se abrir, puxo minha mão como se tivesse tocado um fogão em chamas, sibilando pela minha própria estupidez.

DESCONHECIDO: E você é uma mentirosa.

EU: Vá se foder.

DESCONHECIDO: Da próxima vez que você me mandar foder, seu clitóris estará entre meus dentes.

Mordo o meu lábio inferior. Eu o chupo bruscamente, chocada com sua coragem. Pela pura audácia que este homem possui. No entanto, estou excitada.

Aperto minha mão ao redor do celular, odiando-me cada vez mais à medida que esta conversa avança.

Meus dedos se contraem com a necessidade de dizer a ele para se foder novamente. O imbecil provavelmente nem sabe o quanto sou antagônica.

Diga-me para não fazer algo, e eu só quero fazê-lo mais ainda.

E com uma ameaça como essa, estou tentada pra caralho. Sinto meu coração bater rápido no peito, se chocando contra minha caixa torácica enquanto meu polegar viaja sobre as letras.

Fico olhando para as três palavras na tela, meu polegar pairando sobre o botão enviar. Minha sombra provou que cumpre com suas ameaças.

Então, por que eu quero tanto fazer isso? Quem instiga seu maldito stalker? E ainda para colocar a boca dele na boceta delas.

Eu atiro meu telefone para longe assim que meu polegar toca sobre o botão. A mensagem se desvanece, e eu sei que acabei de fazer algo idiota.

Porra, porra, porra.

Minha cabeça está novamente em minhas mãos, meus dedos apertando bem o cabelo até sentir os fios puxando esticados, pequenas pontadas de dor se seguem.

Ping.

O músculo acelerado dentro da minha caixa torácica se liberta e sobe pela minha garganta.

Eu não consigo olhar. Abruptamente, fico de pé, inquieta, disfarçando meu nervosismo até que estou quase com convulsões. Eu preciso... fazer alguma coisa. Distrair-me.

Pegando meu telefone, eu corro pelo corredor, desço as escadas de madeira rangentes, e entro na minha cozinha.

Está escuro aqui dentro. Estranho. Mas a minha teimosia me impede de acender qualquer luz.

Ping.

Trêmula, despejo dois dedos do uísque do meu avô em um copo. E então eu levanto o decantador, notando o quão pouco resta.

Idiota.

Engulo a bebida de uma só vez. O sabor é esfumaçado, com uma pitada cítrica. Arde ao descer por minha garganta, transformando o interior do meu corpo em um inferno.

Como se eu já não estivesse queimando.

Depois de derramar mais dois dedos e mandar isso para baixo, tenho coragem de olhar para a tela.

DESCONHECIDO: Ah, ratinha.

DESCONHECIDO: Mal posso esperar para comê-la. Não vai sobrar nada de você quando eu terminar.

Maldição.

Os calafrios se espalham pelo meu corpo e eu deixo cair o telefone. Ele atinge ruidosamente a mesa, perturbando o ar parado.

— Deus? Por que você me odeia, porra? — pergunto em voz alta, minha voz ecoando no ar vazio.

É claro, ele não me responde. Ele nunca me responde. Eu nem sequer falo com Deus. Estou falando comigo mesma e com os fantasmas dentro desta casa.

Nem mesmo eles vão me responder.

Que se dane. Eu vou para a cama.

Subo as escadas, desligo a TV e volto para a minha cama, conecto meu celular no carregador e depois atiro o cobertor sobre minha cabeça.

Aqui embaixo, os monstros não podem me pegar. Eu estou segura.

Intocável.

Ignoro o latejar entre minhas pernas e fecho os olhos, tentando dormir.

E apesar dos pensamentos esporádicos que flutuam na minha cabeça, eu consigo me deixar arrastar para um sono inquieto. Eu me mexo e viro, o cobertor mantendo meu corpo muito quente, mas meu subconsciente não permite que o ele fique abaixo dos meus olhos.

Em algum momento, no meio da noite, sinto ume pele áspera deslizando sobre meus braços. Meu subconsciente começa lentamente a me afastar dos meus sonhos, mas parece que estou presa sob uma forte neblina.

Algo áspero desliza em torno do meu pulso, sacudindo-me ainda mais para a consciência. Quando sinto a textura áspera se apertar ao redor de meu outro pulso, finalmente começo a deslizar de volta à realidade. Meus arredores começam a aparecer, e mesmo no meu estado meio adormecido, sei que algo está errado.

Meu rosto parece pressionado, meu corpo está exposto.

Sinto a coberta passar pelos meus seios, pelo estômago e pelos quadris. Quando o ar frio se instala, fazendo com que meus mamilos virem pontos duros, eu desperto.

Meus olhos se abrem e minha respiração fica presa na minha garganta quando vejo uma figura escura assentada entre minhas pernas. Imediatamente, eu entro em pânico. Meu coração acelera e a adrenalina dispara.

Vou gritar, mas algo constringe minha boca. Meus olhos ficam arregalados quando percebo que minha boca está tapada com fita adesiva.

Me dou conta de várias coisas de uma só vez. Meus braços estão acima de mim, amarrados à cabeceira com cordas grossas. Eu puxo contra as amarras, tentando desesperadamente escorregar meus pulsos para fora dos nós, mas sem sucesso.

Eu luto mais, mas meu corpo não consegue se mover muito. Coxas grossas me seguram enquanto meu stalker se apoia sobre mim, seu rosto escondido pelas sombras.

Continuo lutando contra a corda, mas só consigo esfolar minha pele.

— O que eu te disse, ratinha? — pergunta ele, sua voz profunda quase um sussurro. Eu nem sequer lhe dou uma olhada, meu olhar de pânico fixado nas cordas que me deixam completamente desamparada.

Que se foda o que ele me disse.

— Me solta! — Eu grito debaixo da fita, mas as palavras saem abafadas e indistinguíveis.

Ele planta suas mãos sobre meus quadris e me prende à cama. Choques elétricos viajam da pele dele para a minha, uma sensação que me faz tremer sob suas mãos calejadas.

O pânico faz com que minha mente entre em parafuso. Eu não penso mais racionalmente. Meu corpo entra em modo de sobrevivência, e luto com toda a força que posso reunir.

Mas isso é inútil. Ele é muito grande. Muito pesado. Muito imponente.

Eu grito de frustração, tentando dar-lhe um chute. Ele ri da minha tentativa, o som da sua satisfação gelando minha coluna.

Mesmo assim, ainda bufo e sopro contra a fita. Meu cabelo está em desordem, com vários cachos espalhados pelo meu rosto e limitando minha visão dele.

Não que eu queira particularmente ver seu rosto de qualquer maneira. É uma maldita arma.

Suavemente, ele afasta os cachos do meu rosto, com ternura em seu toque.

— Fascinante que você ainda não aprendeu, eu sempre sigo em frente com minhas ameaças — sussurra ele.

— Vai se foder! — grito, enunciando minhas palavras da maneira mais clara possível sob a fita. Elas são abafadas, mas ele ouviu o que eu disse alto e claro de qualquer maneira.

Ele agarra meu rosto nas mãos de forma grosseira e traz seu rosto para baixo do meu. Um hálito de menta e uma pitada de cigarro resvala em mim.

— Continue me irritando, Adeline. Eu gosto de te machucar. É música para os meus ouvidos quando te ouço chorar.

Eu luto contra ele, xingamentos abafados saem de minha boca tapada.

Outro risinho chega aos meus ouvidos.

— Você tem sido uma menina muito má, ratinha — ele desdenha, seu tenor profundo vibrando através de sua garganta. — E eu gosto de te mostrar o que acontece com as garotas más.

O suor desce pela minha nuca e pelas minhas costas. Ainda estou tremendo de medo.

Mas não tenho ideia de como diabos vou me afastar dele. Lágrimas surgem nos meus olhos quando percebo que não posso.

Suas palavras de antes passam através do pânico. *Você não pode escapar de mim.*

Seus dedos calejados levantam minha camiseta, expondo minha calcinha de renda preta e minha barriga lisa. Não consigo vê-los, mas sinto seus olhos me devorando. Ele continua a levantar a camiseta até meus seios.

Ouço uma inspiração forte, revelando seu desejo. Meus mamilos estão inchados como picos duros. Mas o imbecil está ferrado se ele pensa que é por causa *dele*.

— Você é absolutamente bela — ele respira, suas mãos trilham meu estômago com reverência. Sobre as marcas dos chupões, que ele fez à força há quatro noites.

— Vá se foder — rosno novamente.

— Não se importe se eu fizer exatamente isso — ele me diz, sua voz carregada de desejo e antecipação.

Meus olhos se arregalam quando seus dedos deslizam sob o cós da minha calcinha, provocando minha pele sensível e me avisando de suas intenções. Eu reprimo o arrepio, determinada a manter minha dignidade, mesmo quando ele os puxa, assim como minha calcinha, para baixo até os meus joelhos em um só movimento.

Minha luta se renova, chuto-o com força e consigo o acertar em cheio no peito. Ele me segura pela perna, empurrando de volta e enviando ondas de dor através dela

Isso me atordoa o suficiente para que ele escorregue minha roupa íntima pelo resto do caminho até as tirar. Em vez de descartar minha calcinha, ele a amassa como uma bola e a coloca em seu bolso.

Oh... isso é nojento!

Eu rosno, o som saindo do fundo do peito e o chuto desesperadamente de novo. Uso as duas pernas, colocando cada gota de força nelas. Ele arrebata os dois pés antes que eles possam alcançar seu rosto.

Merda.

Eu me contorço, erguendo a metade superior do meu corpo enquanto luto.

Rapidamente, ele usa as mãos em torno dos dois tornozelos, evitando um chute no rosto. E então ele força minhas pernas a se separarem, prendendo meus joelhos à cama enquanto ele desnuda minha boceta.

O que parecia ser uma eternidade, levou apenas quinze segundos.

Eu me obrigo a ficar quieta, com o peito arfando. Se eu continuar a me curvar, estarei apenas colocando minha boceta bem na sua cara estúpida. E o idiota iria adorar isso.

Uma raiva, diferente de tudo que já senti, começa a me inundar,

substituindo o medo e o desamparo. Eu grito por baixo da fita, enfurecida, amaldiçoando-o enquanto seus olhos comem a extensão da minha vagina.

O luar não fornece luz suficiente para que ele veja muito, mas isso não importa. Ele já a viu antes.

Ele inspira profundamente.

— Porra, você cheira exatamente como eu me lembro. Doce pra caralho.

Ele se inclina e coloca um beijo suave na minha pelve. Eu arqueio minhas costas, empurrando meu corpo mais fundo no colchão e longe do beijo dele. Estou ofegando muito pelo nariz, imitando um touro irritado.

Ódio por mim mesma guerreia contra o ódio por ele. Eu fiz isso comigo mesma. Eu sei que fiz. Eu o instiguei. Pressionei-o quando ele me avisou o que aconteceria.

Não importava. Eu sou muito estúpida e cabeça-dura. Muito excitada com qualquer emoção doentia da qual não consigo me cansar.

Ele agarra meus quadris e me puxa para baixo, esticando as amarras em meus pulsos e dando-lhe acesso total à minha boceta.

Outro beijo suave, um centímetro acima do meu clitóris. Não consigo impedir o gemido que escapa da minha boca, que se gruda na fita, assim como meus lábios estão.

Mas a fita não mascara o som como faz com minhas palavras. Eu o sinto pausar, e então ele sorri, contra a minha pele.

Eu estremeço sob o seu toque, seu hálito quente se espalhando na minha área mais sensível. Meus joelhos pressionam para dentro, outra tentativa inútil de fechar minhas pernas.

E então eu as sinto. Uma lágrima teimosa escorrega livre enquanto os dentes dele se raspam contra meu monte de Vênus. Eu grito e me debato contra a sensação, desalojando seus dentes da minha pele apenas para que

meu corpo voltasse a bater na boca dele.

Fico ofegante, sentindo dessa vez muito mais do que apenas os dentes. Sua língua desliza contra meu clitóris, um gemido feroz se desprende de sua garganta enquanto ele sente o meu gosto. Involuntariamente, meus olhos reviram e minha cabeça caia para trás, na cama, enquanto a sensação mais deliciosa me envolve.

Mas eu me recuso a deixar que isso turve o meu julgamento. A raiva misturada ao prazer é repugnante.

Estou com nojo de mim mesma – do meu corpo – por sentir qualquer outra coisa. E repugnância por ele estar tomando algo que eu não dei de bom grado.

— Porra — ele rosna contra mim, as vibrações me forçando a segurar uma respiração profunda. O som de sua voz grossa provoca um frio na minha barriga.

— Você é tão macia — ele provoca. Eu aperto meus olhos, odiando como sinto minha boceta vibrar com suas palavras e a atenção que ele me dá. Mais ainda, odeio que ele esteja certo. Posso sentir o cheiro de minha própria excitação, senti-la escorrendo pelo meu traseiro.

Eu tremo.

Eu tremo porque não sei mais o que fazer.

Mais do que nunca, eu *me* odeio e à reação do meu corpo à adrenalina e ao terror.

Ele lambe toda a minha vagina, sua língua se movendo sem pressa, até o feixe de nervos, antes de chupar meu clitóris entre seus dentes e apertar.

Assim como ele disse que faria.

Grito de susto e tesão. Sua mordida é forte o suficiente para enviar uma onda de dor que se espalha pelo meu clitóris, mas não forte o suficiente para me machucar de verdade.

Ele ergue cabeça lentamente, meu clitóris arrastando-se entre seus dentes até que se solte, uma sensação de ardor irradiando do centro.

Tento me mexer, mas tudo o que consigo é fazer com que ele deslize suas mãos atrás dos meus joelhos e os empurre à força para trás em direção as minhas orelhas.

Aperto meus olhos novamente, outra lágrima me trai, deslizando livre enquanto luto contra minhas amarras, desesperada para me libertar. Nesta posição, fico muito mais exposta e vulnerável a ele.

Mas, como sempre faz, a emoção do perigo envia uma sensação desconfortável diretamente ao meu âmago.

Ele tem meu corpo dobrado, minha bunda não está mais na cama. Como se eu já não estivesse envergonhada o suficiente, sinto minha excitação deslizando pelo meu estômago.

Ele rosna, notando o desejo transbordando da minha vagina. Eu posso sentir seu corpo se endurecendo com a necessidade, o poder reverberando pelo seu corpo.

Ele não perde mais tempo e traz sua boca de volta para minha boceta e suga meu clitóris de volta para sua boca.

Eu me mexo, o prazer se renova enquanto ele puxa e chupa o meu clitóris. Ele não me lambe novamente, recusando-se a usar sua língua em mim, somente seus dentes.

Cada vez que eu me mexo, ele morde com mais força. Por isso me forço a me retesar, mas a pressão não diminui. Ela só aumenta, até que uma dor aguda sai do meu clitóris.

Eu solto um guincho, gritando xingamentos abafados pela fita para ele. E quando se torna demais, ele solta. Eu fico ofegante pelo alívio e pela dor persistente, meu clitóris está latejando e dolorido.

Mas ele não permite que eu sofra por muito tempo. Seu dedo médio

desliza dentro de mim, enrolando-se para atingir aquele ponto. Meus quadris encostam contra a mão dele, um tipo diferente de prazer crescendo dentro de mim.

Um êxtase que arde e queima, mas que ainda assim, é incrível.

— Doeu? — ele pergunta suavemente, inclinando a cabeça enquanto observa seu dedo deslizar para dentro e para fora de mim, a secreção escorrendo na palma da sua mão.

Agora que uma das minhas pernas está livre, sinto-me tentada a levar meu pé até o rosto dele. Mas a lembrança das mordidas mantém minha perna imóvel.

Por isso, eu simplesmente me enfureço silenciosamente, olhando feio para ele. A raiva parece que está me queimando de dentro para fora.

Ele murmura, desapontado com meu silêncio. Inclinando-se para baixo, ele pega o clitóris já abusado entre seus dentes, sugando, mas mantendo uma leve mordida. Combinado com seu dedo enrolado para atingir o ponto certo, eu não consigo mais respirar.

Gentilmente, ele raspa seus dentes sobre a carne sensível. Inúmeras vezes, até me enlouquecer, tanto com a necessidade de ter mais quanto com a necessidade de matá-lo. Talvez eu possa cortar as mãos dele como ele fez com Arch. Arrancar-lhe os dentes para que ele não possa mais virar meu corpo contra mim.

— Lembre-se disto, ratinha — ele murmura por entre os lábios. — Lembre-se de que sua desobediência lhe traz dor. — Outra mordida. Meus quadris se sacodem, mas a ação é fútil. — Eu sei que você se lembra como se sentiu bem quando minha arma estava fodendo sua boceta. Imagine minha língua dentro de você, meu pau. O prazer que você sentiria seria ofuscante.

Seus dedos se enrolam e provam que suas palavras são verdadeiras, aquele prazer ofuscante correndo por todo o meu corpo.

Eu sinto a ruptura. O momento em que meu corpo decide que precisa mais do que ele está me dando do que a necessidade de parar.

Eu luto contra a parte sombria dentro de mim que quer implorar por mais. Uma parte que encontrou uma voz e que está tentando se libertar. Assumir e ceder a este homem para que ambos possamos encontrar alívio. Eu luto contra ele, entrando em um campo de batalha silencioso e tentando sufocar a vida desse sentimento para que nunca venha à luz.

Mas ele retira o dedo e o traz para a ponta, passando o dedo ao longo da minha vagina, e quando ele afunda de novo, ele acrescenta mais dois dedos. Meus olhos reviram enquanto ele me estica, acariciando repetidamente aquele ponto enquanto seus dentes mordem meu clitóris mais uma vez.

O lado sombrio em mim vence enquanto assisto impotente o meu corpo renovar sua luta. Mas desta vez, estou me esfregando vergonhosamente contra ele. Ele não está me dando o que meu corpo começou a ansiar – precisar – para aliviar o prazer que está crescendo no fundo da minha barriga.

Ele continua a esfregar meu clitóris com seus dentes. Mordendo e mordiscando, mas recusando-se a me dar sua língua.

A frustração cresce até que eu esteja tomada por ela. Estou tão, tão *brava*, mas agora é porque ele me nega o prazer.

— Idiota! — Eu grito contra a fita. Pelo sorriso de resposta contra minha boceta é evidente que ele me ouviu.

Cedendo à raiva, eu chuto minha perna com uma força desenfreada. Ele se esquiva do chute por apenas um centímetro.

Um rosnado feroz sai de seu peito, e ele empurra meu joelho de volta para baixo com força suficiente para deixar contusão. O som não era de desejo como antes, mas de raiva.

Mesmo que eu fosse forçada na frente de um padre no dia seguinte, nenhum medo de Deus me convenceria a confessar o quanto aquele rosnado

era sexy. Ou o quanto minha boceta pulsou em resposta.

Eu nunca vou confessar isso, nem mesmo a mim mesma.

Ele aperta seu punho como uma punição. Amanhã, terei marcas de mão na parte de baixo das coxas. Vão combinar com o montão de chupões no corpo.

— O que você aprendeu, ratinha? — ele zomba, com um sopro quente diretamente no meu clitóris.

Eu rosno, outra lágrima frustrada escorrendo pela minha têmpora e pela minha nuca.

— Você vai me dizer para eu ir me foder de novo? — ele pergunta, enviando sua língua para uma lambida precisa. Estava lá e se foi antes que eu pudesse ter qualquer satisfação com isso.

Eu grito com ele mais um pouco até que ele finalmente se aproxima e puxa a fita da minha boca. Eu praguejo pela dor ardente em meu rosto, e depois continuo amaldiçoando, agora que ele pode finalmente me ouvir.

— Seu psicopata filho da mãe... — Minha divagação é interrompida por outra mordida dolorosa no meu clitóris.

— Tente novamente. Você vai dizer para eu me foder de novo?

Eu me ergo, tentando me acalmar, mas falhando.

Eu nem sei como começar a nomear as emoções que inflam dentro de mim. Eu poderia explodir com a força com que elas convergem no meu peito.

— Provavelmente — resmungo com os dentes cerrados. Ele ri, um som musical tão sombrio que deve vir direto de um filme de Edgar Allan Poe.

Ele me mordisca novamente, mas dessa vez de uma forma mais leve e mais brincalhona.

— Você entende o que vai acontecer de agora em diante quando você fizer isso?

Eu fecho minha boca, recusando-me a responder uma pergunta tão

estúpida. Eu entendo perfeitamente o que vai acontecer. É só uma questão *de ouvir*.

Em resposta à minha resposta não-verbal, ele retira seus dedos, deixando-me carente. Mas antes que eu possa reclamar, ele me lambe novamente, desta vez mais devagar e mais lânguido. Ele pressiona sua língua e me lambe de baixo para cima, indo particularmente devagar sobre meu clitóris, que pulsa.

Meus olhos se fecham contra a sensação, um suspiro sai da minha garganta. Não há como parar os calafrios que passam pela minha coluna. Não há como parar o êxtase que irradia de onde a língua dele sobe pela minha boceta.

Eu arquejo minhas costas, rosnando para a facilidade com que meu corpo se transforma em gelatina sob sua língua injustamente habilidosa.

Mas assim que eu começo me mexer em sua boca, vergonhosamente e descaradamente, ele para.

— Você entende? — pergunta ele novamente, seu tom de voz é de superioridade.

Um soluço frustrado sobe pela minha garganta, mas eu o engulo de volta. Engulo várias vezes antes que eu me sinta confiante para falar com calma, embora as palavras tenham gosto de ácido de bateria na minha língua.

— Alto e claro, gatinho.

Uma risada sombria percorre minha vagina, e tenho vergonha de como meu corpo responde. Minha bunda se eleva em direção a sua boca sem permissão, buscando o que precisa.

Sua língua mergulha na minha boceta, lambendo dentro de mim com carícias esfomeadas.

Um grito deixa meus lábios, um ofegante e embaraçosamente alto.

A pressão aumenta quando ele finalmente faz o que eu estava

implorando silenciosamente. Sua língua gira até meu clitóris com a quantidade perfeita de pressão, prestando atenção especial ao monte de Vênus, já tão abusado, antes de enfiar novamente e provocar o músculo dentro da minha boceta.

Gritos de prazer ecoam por todo o quarto, e agora me arrependo de a fita adesiva ter saído da minha boca. Porque não quero que ele ouça o que ele está fazendo comigo, mas também não consigo me conter.

Eu me entrego a ele e a surra da sua língua no meu clitóris. É impossível resistir enquanto os músculos do meu ventre se contraem dolorosamente.

Não posso impedi-lo de sugar meu clitóris em sua boca, assim como não posso controlar o orgasmo de atingir seu auge.

Eu sugo em uma respiração cortante, um grito estrangulado escapando enquanto meu corpo atinge o clímax. Ele mergulha dois dedos dentro de mim, assim como tinha feito, e a felicidade é catastrófica. Eu não me preocupo mais em segurar os gritos agudos, nem tampouco impeço minhas coxas de apertar firmemente a cabeça dele entre elas.

Afogue-se na porra da minha vagina. Pouco me importa se você morrer aí.

A euforia me consome, envolvendo-me com tanta força que meus cinco sentidos se entregam a ela.

Isto não é uma escalada ao céu. É uma queda rumo ao inferno.

Nunca vou me recuperar disso, não quando minha alma foi arrancada do meu corpo e arrastada para o inferno. Eu caí tão profundamente que me encontrei no covil do diabo, sendo banqueteada pelo próprio deus das trevas.

Os gemidos escapam da minha garganta, e sinto o seu gemido em resposta. Suas mãos se agarram às minhas coxas, afastando-as apenas o suficiente para continuar a dar lambidas na minha boceta palpitante,

intensificando o orgasmo por mais tempo do que meu corpo pode aguentar.

Ele tira a boca e rasteja pelo meu corpo enquanto continua a me foder com os dedos. Ainda estou delirando, minha boca ainda aberta enquanto continuo a gemer. Então, quando ele aperta minhas bochechas, segurando minha boca aberta, eu mal me importo. Seus dedos são muito bons.

Sua boca paira sobre meus lábios uma vez antes que eu veja um rastro de saliva pingar da boca dele para a minha.

— Engula o seu gozo — ele diz.

E eu engulo. Minha garganta funciona à medida que um sabor único surge na minha língua. Ele rosna profundamente antes de apertar seus lábios contra os meus.

Eu o deixo. Mais tarde, vou me perguntar por quê. Mas com seus dedos ainda dando prazer, apesar de meu orgasmo ter esmaecido e a neblina ter turvado meu julgamento – eu o deixo, porra.

Não só isso, mas eu beijo de volta.

A língua dele mergulha na minha boca, rodopiando com a minha própria. O fogo e a eletricidade faíscam de nossos lábios colados, como se os planetas estivessem colidindo. Como se a energia fosse astronômica, e com cada carícia, cada lambida, uma nova estrela estivesse nascendo.

O tempo deixa de existir enquanto ele me beija até que meus lábios fiquem machucados, e tenho certeza de que vou sair disto com uma gagueira permanente em minha respiração. A certa altura, ele retirou os dedos e segurou o meu rosto com suas mãos de um jeito terno. Um forte contraste com... bem, *ele* e a maneira como ele me devora.

Ele se afasta quando nossos corpos começam a se esfregar impiedosamente e os gemidos a soarem, e eu estou feliz por isso. No segundo em que ele recua, é como se o tempo e a clareza voltassem correndo, acertando-me na cabeça como se alguém tivesse acabado de me bater com

um taco.

Não abro os olhos, apenas inspiro profundamente, sem fôlego por causa daquele beijo. Seu corpo desliza para fora das minhas coxas, e eu imediatamente fecho meus joelhos e deixo meus pés caírem no colchão, escondendo-me de seus olhos famintos.

Ser consumida por ele parece com se afogar na água com um fio elétrico dentro dela. Correntes elétricas arrebentam seu corpo até que você seja dominada por ele. Sem oxigênio. Sem nenhum pensamento. Sem controle.

E quando termina, ele puxa você para fora da água. A eletricidade ainda dança em sua pele, as correntes brilham entre seus corpos, mas você pode ver e pensar claramente novamente.

Tudo o que você pode sentir é como se tivesse sido despedaçada. Como se sua química corporal tivesse sido completamente rearranjada, e você tivesse saído daquela água como uma pessoa completamente diferente.

Eu o *odeio* por isso.

Odeio-o mais do que jamais odiei alguém. A felicidade desaparece, e o sentimento familiar de fúria e ódio reaparece.

Ele não fala, mas sinto o poder borbulhando sob sua pele.

Eu posso sentir o desejo. A sede. A besta esfomeada que ameaça surgir da sua pele.

Se isso acontecer, não posso mais confiar em mim mesma para impedi-lo de me consumir de dentro para fora. E esse pensamento me dá vontade de chorar.

Deixei que isso acontecesse de novo. Com a arma, e agora isto, *por que* eu continuo deixando isto acontecer?

Ele está se forçando a mim, nós dois sabemos disso. Mas, no final, ele me fez querer tanto quanto ele. Ele quase me fez implorar por isso. Seja a

arma dele me fodendo ou a língua, minhas pernas já estavam bem abertas antes que acabasse.

Sem mencionar que curtimos como dois adolescentes excitados prestes a perder sua virgindade.

Não sei que merda fazer com essa informação. Ou até mesmo como processá-la.

Um momento de silêncio passa, o ar perturbado apenas por nossa respiração pesada.

Não sou forte o suficiente para abrir meus olhos e encarar o que aconteceu. Tenho medo do que vou fazer, do que vou dizer.

Pela primeira vez, o imbecil lá céu finalmente escuta meus apelos e obriga este homem a desamarrar as cordas e ir embora.

Eu forço meus olhos a abrir e o vejo partir, engolindo o veneno que ameaça sair da minha boca. Se eu o soltar, sei que isso só vai resultar em outra ameaça.

Ele faz uma pausa na porta, virando a cabeça o suficiente para que o luar revele sua mandíbula acentuada, a umidade cobrindo sua pele, e um pedaço de sua cicatriz.

Ele não fala, mas morde o lábio inferior com força, segurando em sua língua qualquer palavra sem sentido. Junto com o gosto da minha boceta.

Finalmente, ele se vira, a porta se fecha gentilmente atrás dele. Pela segunda vez, sou deixada sozinha. Dizimada e em ruínas. E novamente, eu deixo as lágrimas caírem livres, enquanto me esforço para juntar os pedaços.

19 de junho de 1945

John está bêbado de novo. Eu disse a ele que precisava de espaço, e é claro, saí à francesa com o Ronaldo.
Eu sei, eu sei.
Meu marido está ferido e zangado e para escapar de suas palavras justificadas e grosseiras, eu corro para traí-lo.
Deus, eu sou terrível. Realmente sou.
Mas não sei como parar. E ultimamente, não tenho me sentido muito segura. John está bebendo mais, e embora ele não tenha me machucado ainda, eu temo que ele possa.
Ele parece ficar mais zangado com o passar dos dias.
Ele volta do trabalho e grita com a Sera pelas menores coisas. Ele até a fez chorar algumas vezes.
Tentei explicar a ela que está passando por um período difícil. Ela tem quinze anos agora e tem idade o suficiente para entender que casamentos não são somente arco-íris e pôr do sol.
Ela me implorou para que eu resolvesse tudo com ele. Mas não estou mais totalmente certa de que quero isso. Mesmo que seja para o bem da Sera.
E eu sei que isso me torna incrivelmente egoísta.



CAPÍTULO 19

A SOMBRA



Eu não me arrependo. Não mais do que quando eu enfiei uma arma em sua boceta e a fiz gozar.

E eu sei o quão fodido isso é – pegar algo sem consentimento. Eu sei que é contra isso que estou lutando todos os dias.

Ela ainda não cedeu, mas ela irá. Conheço minha ratinha melhor do que ela mesma. Ela está em negação demais para ver como está atraída por mim. Se ela não estivesse, ela não iria instigar, se esforçando para ter seu clitóris mordido, sabendo muito bem que eu sempre permaneço fiel à minha palavra.

Se ela não estivesse realmente intrigada, ela não teria me mandado uma mensagem de volta em primeiro lugar.

Suas ações falam uma linguagem totalmente diferente de suas palavras. Uma linguagem cheia de desejo e súplicas – ela apenas ainda não aprendeu a traduzi-la.

Não torna a situação certa, nem justifica. Mas não posso me arrepender de provar algo tão doce... tão perfeito pra caralho. Mesmo que ela não queira

desejar isso. Porque era isso que estava acontecendo.

Ela *sabia* que eu cumpriria minha ameaça se ela mandasse eu me foder de novo, e ela continuou fazendo isso de qualquer maneira. E isso me diz que minha ratinha não pode controlar como ela *realmente* se sente. Isso significa que tudo o que ela sente, é viciante pra caralho.

No começo, ela lutou tanto comigo, sua raiva e ira apenas transformando meu sangue em lava derretida. Quanto mais ela lutava comigo, mais forte meu pau lutava contra os limites do meu jeans.

Eu queria tanto baixar o zíper e mergulhar profundamente dentro daquela doce bocetinha. Eu estava perto – perto pra caralho – de fazer isso. Uma vez que aqueles gritos de prazer chegaram aos meus ouvidos, e ela me agarrou ainda mais forte, descaradamente se esfregando contra o meu rosto, eu estava quase perdendo o controle.

A única coisa que me parou foi o olhar em seu rosto.

Quando ela estava gozando na minha cara, ela não teve vergonha. Mas assim que o orgasmo foi drenado de seu corpo e o beijo não estava mais nos consumindo, ela não sentiu nada *além* de vergonha.

Vai levar tempo, eu me lembro.

Eu estalo meu pescoço, soltando uma respiração trêmula.

Estou sentado no meu Mustang, com meu pau ainda dolorosamente pressionado contra o zíper. Assim que eu decido dizer foda-se – me masturbar em um carro é o *menor* dos meus pecados e não seria a primeira vez – meu telefone toca no console ao meu lado.

Eu cerro minha mão em um punho apertado, meus músculos esticando enquanto eu luto contra a vontade esmagadora de bater na porra da janela.

Acho que não fico com o saco doendo assim desde o ensino médio, quando Sarah Forton me masturbou no vestiário. Foi a primeira vez que uma garota tocou no meu pau, e eu nem consegui gozar porque o treinador entrou

antes que eu pudesse jorrar meu gozo em seus belos seios.

Pego o telefone e o levo ao ouvido sem nem olhar.

— Sim? — disparo, minha frustração fervendo a níveis perigosos.

— Não transou esta noite? — Jay canta pelo telefone, sua voz misturada com uma diversão zombeteira.

Eu inclino meu pescoço novamente, rosnando quando meus músculos não estalam para me dar algum alívio.

— Jay — rosno.

Eu me recuso a tocar meu pau enquanto estou no telefone com ele. Por mais que eu precise diminuir a pressão, a voz de Jay me faria sentir enjoado.

— Satan’s Affair está chegando à cidade — ele começa. Eu abro minha boca, me preparando para perguntar a ele por que diabos isso importaria para mim.

— E recebi a confirmação de que há ingressos com os nomes de quatro passarinhos neles — continua ele. Eu fico calado.

— Por que eles iriam até lá? — pergunto, completamente confuso porque quatro homens crescidos iriam a uma feira mal-assombrada.

— Garotas de primeira para escolher, meu amigo. E agora há um ingresso com o seu nome nele.

Eu suspiro.

— Quando?

— Daqui a três semanas. Muito tempo para ir aos clubes algumas vezes e começar a mostrar esse seu rostinho bonito.

Suspirando de novo, pego o maço de cigarros do console, levo-o à boca e tiro um cigarro com os dentes.

Eu pego meu isqueiro e acendo a chama, inalando profundamente enquanto a ponta fica vermelha.

— Você está fumando, não está? — diz Jay. Eu ofereço uma

confirmação evasiva enquanto abro minha janela e sopro a fumaça.

A ereção furiosa se foi, mas meu pau ainda dói.

— Você disse que ia parar — ele choraminga. — Você sabe quantos produtos químicos estão nisso? De acordo com…

— Jay — eu estalo, cortando sua divagação. Se eu o deixasse continuar, ele listaria os ingredientes de um cigarro como se estivesse listando todos os componentes da tabela periódica.

Ninguém. Dá. A. Mínima.

Ele suspira como uma adolescente irritada e menstruada.

— Que seja — ele murmura.

— Atualize-me se mais alguma coisa surgir — digo antes de desligar o telefone.

Eu trago outra inalação de fumaça e volto minha atenção para o meu laptop.

O interior do meu Mustang está decorado com engenhocas. Um laptop fica em uma plataforma, junto de um braço mecânico preso ao painel para que eu possa empurrá-lo e puxá-lo para mim por conveniência. Câmeras do painel, um sistema de alerta e outras merdas ilegais decoram o interior do meu carro.

Eu puxo o laptop para mim e o ligo. A tela brilhante agride meus olhos sensíveis. Apertando-os contra a luz, abro meus programas e começo a trabalhar.

Por pura curiosidade, quero saber quem está participando dessa feira mal-assombrada.

Ela vem à cidade todos os anos, e eu nunca me preocupei em ir. Casas assombradas não me assustam. Não quando vejo o verdadeiro horror todos os dias.

Não há nada que alguns monstros inventados possam fazer para me

horrorizar mais do que os monstros reais que poluem este mundo.

Os humanos não precisam se decorar com maquiagem e sangue falso para serem assustadores. É o nosso interior – a escuridão que se *esconde* sob a superfície – isso é o que é realmente aterrorizante.

É isso que leva as pessoas a cometer crimes hediondos todos os dias. Isso é o que leva criancinhas inocentes a terem mortes horríveis sem motivo nenhum.

O nosso interior – é isso que me mantém vivo. É o único propósito que tenho na vida, e sem ele, eu não seria nada.

Percorro a lista de nomes e paro quando vejo um em particular que faz meu coração disparar.

Adeline Reilly.

Eu sorrio. Bem, essa *costumava* ser a minha única razão de viver. Mas agora... agora descobri um novo sentido para a minha vida.

***

EU: Ainda consigo sentir seu gosto na minha boca, ratinha.

Dei um descanso de dois dias antes que não conseguisse mais resistir.

Eu lutei com meu pau como se fosse um oponente em uma luta de boxe, e estou tão cansado da sensação da minha própria mão.

Não há expectativas de que ela responda hoje. Tenho certeza de que ela ainda está aninhada confortavelmente naquele canto da cabeça dela onde se odeia e está convencida de que nunca mais vai me dar atenção.

Mas aquele canto é uma farsa, e nós dois sabemos disso. A sensação da minha arma dentro dela a assustou. Mas a sensação da minha língua em sua boceta, e quão forte ela gozou, vai assombrá-la.

Ela vai chorar por um tempo, mas logo vai cair de volta na tentação.

ADDIE: Você sabia que um stalker matou minha bisavó?

Minhas sobrancelhas disparam para cima com seu texto.

Não só eu não esperava uma mensagem, mas o fato de que ela respondeu com palavras reais e não alguma ameaça vazia. As dela não necessariamente tem peso como as minhas.

EU: Você tem provas disso?

Com base nos poucos registros do diário que li, ela e seu stalker tinham um relacionamento apaixonado. E ele também estava lidando com algumas pessoas ruins de acordo com o registro dele a visitando com ferimentos. Não parecia que ele mostrava sinais de agressão ou obsessão violenta. Mas quem realmente sabe?

A bisavó de Addie poderia estar vendo o que ela queria ver, e ele realmente a matou.

Ou talvez seu marido a tenha pegado tendo um caso e teve um ataque de raiva.

Ambas as possibilidades são igualmente prováveis, assim como é provável que qualquer merda em que seu stalker se meteu possa ter cobrado o seu preço. E eles cobram – exatamente onde o machucaria mais.

Sua obsessão.

Depois de vasculhar o diário, fiquei curioso e olhei mais fundo na história de sua bisavó. A atração da história se repetindo era muito intrigante.

A cena do crime foi pisoteada, e os detetives que cuidavam do caso eram completos imbecis.

ADDIE: Ainda não. Mas eu vou encontrar. E eu estarei certa. Todos os stalker são apenas malucos psicóticos.

Eu franzo meus lábios, um sorriso ameaçando tomar conta. Vou deixá-la pensar em sua resposta por alguns minutos. Deixe-a pensar que ela me irritou ou me machucou. O que quer que ela esteja convencida de que minha reação seria.

Ela acha que já me conhece, mas minha ratinha não poderia estar mais longe da verdade.

Eu a persigo porque sou viciado pra caralho. Estou fascinado com cada movimento que ela faz, cada palavra que sai de sua linda boca rosada. E agora estou viciado no cheiro dela, no gosto dela e no jeito que ela soa quando está com medo de perder a vida – tanto quanto sou viciado no jeito que ela soa quando está implorando por mais.

Não é algo que eu possa explicar. Quando a vi, porra, quase caí de joelhos com a necessidade, e eu a *terei.*

Mas não porque sou psicótico e delirante. Eu não vou fazer dela um maldito santuário e me convencer de que estávamos destinados a ficar juntos pelos deuses ou qualquer merda estranha em que as pessoas acreditam hoje em dia.

Eu a terei por que ela é a primeira coisa que me fez sentir algo bom em tanto tempo, e estou obcecado em mantê-la.

Eu não tenho muitas coisas boas na vida, e não me importo se isso me torna egoísta por querer me agarrar a isso.

A única maneira de realmente mantê-la é se ela me conhecer no meu pior.

Prefiro me matar a enganar Addie para me amar como um bom homem, apenas para quebrar nossos corações quando ela perceber que não sou um.

Então, minha obsessão por ela é apenas... é o que é.

EU: Bem, isso é muito crítico, você não acha? Sua bisavó adorava seu stalker da última vez que verifiquei.

Ela vai ficar chateada quando descobrir que eu bisbilhotei os diários de sua bisavó.

Sorrindo, eu puxo o feed da câmera de sua casa no meu telefone e clico até encontrar Addie sentada em sua cama, olhando para o seu telefone. Fui alertado quando ela desativou a câmera em seu quarto, e não foi difícil entrar furtivamente enquanto ela estava fora e configurar uma própria minha. Embora eu não possa ver seu rosto muito bem, não é preciso um telescópio para ver que ela está fazendo um buraco na tela.

Ela é muito divertida quando está com raiva.

Seus polegares começam a disparar na tela, e não posso deixar de rir quando ela enfia o telefone no travesseiro depois que aperta enviar.

Meu telefone vibra um segundo depois.

ADDIE: Ele a enganou, assim como você está tentando fazer comigo. E então ele a matou. Assim como tenho certeza de que você um dia tentará fazer também.

Reviro os olhos para o drama dela e aperto o botão de chamada.

Ela pega o telefone, mas não fala. Eu a ouço respirando suavemente através do receptor, e eu gostaria de estar lá para lamber seu pulso. Para sentilo tremer contra minha língua.

Eu amo que eu a assusto.

— Você terminou de ser dramática? — pergunto, deixando-a ouvir a

diversão na minha voz.

Ela bufa, e posso imaginar a carranca em seu rosto. Meu pau endurece no meu jeans, inchando a ponto de doer, em questão de segundos.

— Dramática? Você acha que Gigi sendo assassinada por seu stalker é dramático? Você acha que ser perseguido é algo que não se deve ser tratado a sério?

— Bem, claro que não — respondo. — As pessoas morrem o tempo todo pelas mãos de perseguidores enlouquecidos.

Minha honestidade a deixa em silêncio.

— Addie, querida, você é inteligente por estar com medo. Muito esperta. Mas por que eu iria querer que você se apaixonasse por algo falso?

Ela bufa.

— Você realmente acha que eu me apaixonaria por você?

— Você realmente vai agir como se não fosse? Se eu me aproximasse de você naquela livraria e te convidasse para um encontro, eu te cortejaria, te encantaria, te mostraria um sorriso bem falso e te trataria como uma rainha, tudo isso enquanto mentia na sua cara. É isso mesmo que você iria querer?

O silêncio me cumprimenta novamente. Ela não pode dizer não, e ela sabe disso.

— Por que você não pode ser *decente* e não sentir a necessidade de me perseguir?

— Porque então eu não seria fiel a mim mesmo, ratinha. Eu amo que te assusto. Eu amo que você tente fugir de mim. O empurra e puxa. O jogo do gato e do rato. Eu adoro isso. E acho que uma parte de você também.

Ela zomba de mim.

— Você é louco pra caralho se acha que eu amo ter você me assustando. Mas, novamente, eu já sabia que você era.

Eu sorrio. Não me lembro da última vez que sorri de verdade antes de

me inserir na vida dessa linda criatura.

— Mas você não? Eu vejo como você tenta esconder o quão molhada sua boceta fica quando está com medo. Seus mamilos ficam duros como pedras, e você aperta suas coxas como se isso fosse diminuir a necessidade de sentir meu pau dentro de você.

Ela se engasga, uma inspiração baixa de ar. Eu ranjo meus dentes contra a vontade furiosa de ir para a casa dela e tirar um pouco mais desse barulho dela.

— Você fez aquilo? — ela pergunta de repente, como se a pergunta explodisse dela. Sua respiração aumenta. — Você matou Arch?

Eu mordo meu lábio inferior, um sorriso se formando. Eu estava esperando por esta pergunta. Surpreende-me que ela tenha demorado tanto para criar coragem, quando ela tinha tanta quando me desobedecia.

— Eu acho que você já sabe a resposta para isso, Adeline.

— Eu sei. A família dele também está morta.

Não me surpreende que ela saiba disso. Afinal, virou notícia nacional. Corpos se foram sem deixar vestígios, e um pouco de guerra começou agora que há um vácuo de poder.

— Você sabe o que isso causou, gatinho?

Eu rio do apelido. Vou corrigir esse pequeno mau hábito dela em breve.

— Isso me rendeu alguns inimigos bem fodidos.

Meu sorriso desaparece. Estou de olho nos amigos de Arch. Mas, aparentemente, eu não tenho mantido isso perto o suficiente.

— Max? — eu chuto. Ouvi dizer que ele está se esforçando para chegar ao topo.

— Sim — diz ela, atrevida.

— Hmm — murmuro, minha mente vagando por todas as maneiras que irei ensinar uma lição a Max e seus capangas. Eu esperava que eles fossem

espertos o suficiente para deixar Addie em paz com seus boletins de ocorrência desaparecendo. Ela me ouviu e não ligou mais para a polícia. Em retrospecto, Max não tem motivos para mirar em Addie.

O que significa que ele deve ter descoberto sobre as mãos.

— É isso? Isso é tudo que você tem a dizer? Hm? Alguns homens muito perigosos estão atrás de mim por sua causa, sabe? Se eu acabar morta por causa do seu ciúme psicótico...

— Deixe-me parar você aí, querida. Porque você parece esquecer que eu tinha uma arma na sua boceta não muito tempo atrás. Você acha que ensinar você a agir corretamente é a única lição que estou te passando? — Ela se aquieta. — Se você acha que criminosos de baixo nível são mais assustadores do que eu, então não fui claro o suficiente, fui? Da próxima vez que você os colocar acima de mim, vou mandar suas cabeças para a sua porta em seguida.

Eu estalo o meu pescoço, a chama de raiva residindo agora que Addie fechou sua linda boquinha. Ela está começando a aprender, mas espero por Deus que ela nunca pare de rebater.

Eu gosto de puni-la.

— E-eu nem sei por que estou falando com você — ela finalmente gagueja. — Você é um indivíduo doente e perturbado. E eu já fiz outro boletim de ocorrência contra você, idiota.

Mentiras. O último relato que ela fez sobre mim foi na noite em que ela fingiu ligar quando eu estava do lado de fora de sua casa. Ela estava tentando me assustar, mas uma vez que eu a desafiei, ela seguiu com a ameaça. Minha garota não desiste de um desafio.

Naquele dia, voltei para o meu carro com um pau duro e um sorriso no rosto. Eu também não recuo.

Um riso explode da minha garganta antes que eu possa pará-lo.

— Isso é engraçado?

— Isso é sexy. Mas nós dois sabemos que isso não é verdade.

Eu os excluo desde que ela começou a fazê-los e enviei um cara para destruir qualquer evidência física. Os policiais vão se lembrar de ter ido à casa dela, mas no segundo em que tentarem investigar – se eles se levantarem para trabalhar, é claro – eles não terão nada para fazer. Não que os casos de perseguição sejam levados a sério de qualquer maneira, e é por isso que tantas mulheres acabam assassinadas.

Ela rosna e desliga na minha cara, e eu não consigo segurar a porra da risada. Especialmente quando eu puxo o feed e a vejo pisando com seus pezinhos fofos pela casa, resmungando para si mesma, provavelmente se repreendendo por ter atendido.

A diversão está apenas começando, ratinha.

CAPÍTULO 20

A SOMBRA



O baixo da música consome tudo. Parece que a batida está vindo de dentro do meu peito. Eu nunca me acostumei com o volume alto dos clubes.

Eu abro caminho através da multidão de casais, garotas bêbadas balançando suas bundas e babacas detestáveis usando colônia demais com uma montanha de gel no cabelo. Oh Deus, um deles até tem seu botão aberto para que possa mostrar a corrente de ouro pendurada em seu peito peludo e excessivamente bronzeado.

Scarface é um exemplo a se seguir que poucos conseguem fazer justiça quando o imitam. Eles podem enfiar o rosto em uma pilha de coca, mas não exibem a mesma sutileza ao fazê-lo.

Meu capuz está puxado sobre minha cabeça, escondendo minha identidade enquanto subo as escadas de metal. Os mesmos degraus de metal que Addie subiu não muito tempo atrás com a mão de outro homem envolvendo a dela.

Eu gostei de serrar essa mão e definitivamente faria isso de novo.

Quando chego ao patamar, paro de repente. No sofá meia-lua está Max com as pernas abertas e uma garçonete pulando para cima e para baixo em seu colo enquanto sua cabeça é jogada para trás com os olhos fechados. Sua saia está levantada, e sua calcinha puxada para o lado, expondo sua boceta comendo o pau de Max para todos verem.

Eu arqueio uma sobrancelha, não impressionado com o quão baixo ela tem que saltar. Addie nunca teria esse problema.

Um par de gêmeos senta-se em cada borda, recebendo seu próprio tratamento de uma garota.

Suspirando, dou um passo para trás nas sombras, puxando minha arma e enroscando o silenciador. O baixo é mais suave aqui, mas uma bala passando pelo seu ouvido chamará a atenção de qualquer um.

Eu miro e atiro, a bala a um centímetro da cabeça de Max.

Imediatamente, ele mergulha para se proteger, empurrando a pobre garota para o chão. Ela grita, cobrindo seu corpo enquanto ela se levanta e sai correndo.

— Ei — eu digo calmamente. Ela congela, enquanto os gêmeos entram em ação, pegando suas próprias armas e Max rapidamente puxa a calça para cobrir seu pau, agora flácido.

— Eu apreciaria se você colocasse as armas de volta em seus bolsos junto com seus paus. Nenhum de vocês é meu tipo. Infelizmente para você, eu só tenho um tipo, e ela tem olhos castanhos bem claros e uma propensão para homens perigosos.

Quando um dos gêmeos não ouve, continuando a sacar a arma e mirar, também disparo um tiro perto de sua cabeça. Ele larga a arma e levanta as mãos.

Eu viro meus olhos para as três garotas.

— Quero que vocês, belas damas, saiam e nunca mais falem sobre isso,

sim? Eu tenho a memória de um elefante, especialmente com rostos.

Essas mulheres nunca verão a ponta errada da minha arma, mesmo que contém algo, mas, com certeza, tornaria minha vida muito mais difícil se elas *soubessem* disso.

Todas balançam a cabeça e saem correndo da sala como se houvesse um Rottweiler beliscando suas bundas nuas.

— Quem diabos é você? Onde diabos está a segurança? — Max cospe, uma mão apoiada na arma na parte de trás de suas calças.

— Segurança deste clube? — Dou uma risada. — Você sabe, para alguém que tem alguns negócios bem decadentes, você é um filho da puta arrogante por não ter seus próprios guardas.

Max funga com indignação. Sorrio ainda mais, percebendo que ele ainda está lutando com a lealdade e aquele vácuo de poder irritante, agora que os Talaverras foram exterminados.

— Não conseguiu nenhum guarda leal?

— Cuide da porra da sua vida — ele retruca. — Quem é você e o que você quer?

Vou até onde ele está sentado e me sento ao lado dele, suspirando como se tivesse acabado de me sentar em uma cadeira de praia em uma ilha particular com uma piña colada na mão.

Então, pressiono o metal frio do meu silenciador em sua têmpora. Estou aproveitando o fato de que pelo menos esses dois idiotas mostrarão a ele um pingo de lealdade.

— Você fica assustado quando alguém aparece do nada e ameaça sua vida? Admito que fui um pouco mais direto, mas a intenção é a mesma.

Os olhos dos gêmeos mudam de um para o outro.

— Do que diabos você está falando, cara?

— Eu vou te dizer por que estou aqui quando vocês três colocarem

aquelas pequenas armas que vocês têm na bunda ali em cima da mesa — digo, acenando com a cabeça em direção à mesa.

Os gêmeos olham para Max, em busca de confirmação, e quando ele acena com a cabeça, eles obedecem.

Ah. Ótimo. Ele *tem* duas pessoas que têm um pingo de lealdade. Vamos ver quanto tempo isso dura quando alguém que claramente é muito para eles lidarem está comandando o show.

Uma gota de suor escorre pela testa de Max enquanto ele segue minhas instruções, quase jogando a arma na mesa, de raiva. Os outros dois seguem o exemplo, um gêmeo pegando a dele do chão e o outro tirando a dele da parte de trás de suas calças antes de colocá-las na mesa com a de Max. Lenta e suavemente. Indicando que este não é o primeiro episódio onde uma arma está em seu rosto.

— Adeline Reilly e Daya Pierson. Esses nomes soam familiar nessas suas cabeças vazias?

Os olhos de Max se arregalam ligeiramente, o suficiente para revelar o reconhecimento.

— Nunca ouvi…

— Aqui está a coisa sobre mentirosos — interrompo. — Eu realmente não gosto deles. Eles meio que me deixam nervoso, na verdade. Você quer que eu fique nervoso quando meu dedo está no gatilho?

Os lábios de Max se apertam em uma linha firme.

— Sua garota estava envolvida na morte do meu melhor amigo…

— E aqui está a coisa sobre suposições — interrompo novamente, sorrindo quando Max rosna com irritação. — Elas são infundadas e, na maioria das vezes, você está realmente errado. Addie não tem nada a ver com a morte de Archie. Mas eu, sim.

A cabeça de Max vira em minha direção, mas é dissuadida pela arma

ainda firmemente pressionada contra sua têmpora. Ele range os dentes, seu peito arfando com fúria. Eu sorrio enquanto seu corpo treme.

— O que, Addie é, uma ex ou algo assim? Você ficou com ciúmes que ela queria Arch em vez disso? — Max sibila. Cara, aqueles dois realmente eram melhores amigos. Eles soam exatamente iguais quando colocados em seu leito de morte.

Eu dou de ombros, despreocupado.

— Fiquei com ciúmes, mas ela certamente não é uma ex. Seu melhor amigo era uma pessoa de merda. Vocês, merdinhas, podem se divertir batendo em mulheres, mas não posso dizer que encontro prazer nisso.

— Eu vou matar…

— Você não vai fazer merda nenhuma — interrompo pela terceira vez. — Você é um girino em um oceano de tubarões e não faz a menor ideia de quem eu sou, mas você está prestes a aprender.

Quando os olhos de Max encontram os meus, eu mostro meus dentes, pego meu telefone e clico no botão play no vídeo que está pausado, esperando.

O pai de Max está sentado em uma cadeira com uma mordaça na boca. Suor e lágrimas escorrem por seu rosto enquanto ele olha para a câmera com todo o medo que a humanidade já conheceu.

Os dois são tão próximos quanto um pai e um filho podem ser, compartilhando os mesmos interesses em drogas e bater em mulheres por puro prazer.

Seu pai divaga por trás da mordaça, implorando por sua vida. Não tenho planos de matar o homem. Mesmo que ele seja um humano de merda, ele não seria bom para mim morto. Não quando ele vai ser o meu controle sob Max.

Cheguei muito perto de entrar aqui e atirar neles, mas então eu teria que

matar todas as suas famílias também, e minha garota não gosta quando faço isso.

Agora que Addie está no radar deles, quanto mais eu mato, mais inimigos eu faço não só para mim, mas para ela também.

Prova A: o idiota que tem minha arma pressionada contra a cabeça porque matei seu melhor amigo.

Não tenho tempo para lidar com peixes pequenos quando tenho tubarões brancos flutuando no meu oceano. Muito ruim para eles, mas eu sou um maldito Megalodon.

— O que você fez com ele?! — grita Max, indo em direção às armas. Eu agarro seu braço e o puxo de volta contra a cabine, uma lufada de ar saindo de seu peito com a força.

— Ele não está morto, então acalme-se. Não há necessidade de gritar, meus ouvidos são sensíveis.

Palavrões saem de sua boca, mas eu os ignoro e bato com o silenciador na parte inferior de seu queixo com força suficiente para fazê-lo morder a língua.

— Contanto que você deixe Addie e Daya em paz para sempre, papai querido continuará a viver uma vida longa e saudável. Eu não quero ver um maldito fio de cabelo fora do lugar em nenhuma das cabeças delas, você me entende? Eu sei tudo sobre você, Max, e seus dois ajudantes também. Eu sei onde você come, dorme e caga. E vou ficar de olho em você até que algum outro babaca ponha uma bala no seu cérebro. Você está entendendo o que estou dizendo?

Seus olhos azuis se estreitam em fendas, olhando para mim acaloradamente. É o equivalente a jogar um coelho em mim, mas o que quer que faça o idiota se sentir como Elmer Fudd, o arqui-inimigo do Pernalonga.

Paro o vídeo do pai chorão de Max e fico de pé, mantendo minha arma

apontada para ele. Especificamente em seu pau. A maioria dos homens prefere morrer a viver sem um pau.

— Nós temos um acordo, Elmer? — Suas sobrancelhas afundam com o nome, mas ele não questiona. Ter uma arma apontada para as joias de sua família, às vezes, muda suas prioridades.

— Sim. Desde que você o deixe ir.

Eu abro um sorriso largo.

— Ele já está a caminho de casa.

Eu me viro para sair, caminhando de volta para a escada antes que sua voz me pare mais uma vez.

— Ei! Você nunca disse quem você era — Max chama atrás de mim, sua voz ainda cheia com uma raiva desenfreada.

Virando-me para olhar por cima do ombro, um sorriso feroz curva meus lábios, e eu digo com uma piscadela:

— Você pode me chamar de Z.

E então eu saio, rindo do olhar em seus rostos pálidos.

***

— Sr. Forthright, bem-vindo a Pearl — diz a mulher loira, conduzindo-me para o foyer mal iluminado. Ela está vestida com um blazer preto simples e saia, com saltos indescritíveis e seu cabelo preso em um coque apertado.

Parece doloroso.

Um sorriso sereno está em seu rosto, mas seus olhos azuis brilhantes estão perdendo o brilho. A cor não tem vida, e é minha primeira pista de que ela já viu demais neste lugar.

Caminho no que parece ser um hall de entrada com piso de azulejos dourados, paredes pretas e um lustre obsceno. Fotos dos membros fundadores

do clube de cavalheiros em molduradas douradas cobrem as paredes.

Ou, em outras palavras, um bando de estupradores se enfileira nas paredes.

Homens em ternos de negócios, sorrindo para a câmera e provavelmente ainda se divertindo depois de estuprar uma menina ou menino. Todos eles parecem a mesma porra para mim.

Eu ando pelo corredor, os homens assustadores olhando para mim de ambos os lados durante todo o caminho, enquanto uma música com um baixo pesado emana de algum lugar à minha frente.

Estou mantendo o fone de ouvido guardado com segurança na minha jaqueta até que seja necessário.

Demorou cinco minutos para chegar neste lugar esquecido por Deus porque o Detetive Dedos da segurança quis investigar minuciosamente a minha bunda. Eu tive que passar vários minutos ensinando a ele sobre o que aconteceria se seus dedos roçassem meu cu mais uma vez.

Depois de caminhar pelo Beco dos Estupradores, entro em uma sala enorme cheia de sofás e mesas de pôquer. Os homens descansam nos sofás com as mulheres no colo e balançando suas bundas ou peitos em seus rostos.

Na parte de trás do palco, uma mulher está dançando em um pole dance enquanto os homens jogam notas de dólar nela. Um bar completo fica à esquerda, onde vários homens em ternos estão sentados, bebendo. Provavelmente um uísque de cinquenta mil dólares com gosto de bunda.

Então, novamente, eles provavelmente gostam desse sabor, pois acham que seus próprios peidos cheiram a flores.

Mulheres em roupas escassas perambulam pela sala, entregando bebidas e fingindo rir de suas piadas sem graça e… que porra é essa?

A três metros de mim, uma mulher está em um bar de pôquer mantendo o braço descoberto erguido enquanto um idiota apaga seu charuto muito

aceso em sua pele. Meu rosto se fecha quando vejo que aquele idiota é o Mark Seinburg.

Porra.

A fumaça sai de sua carne, mas ela não se move um centímetro. Na verdade, ela nem se mexe.

A raiva perfura meu peito. Eu me forço a ficar calmo enquanto ando até a mesa, agindo como se estivesse mais interessado no jogo do que na garota.

À medida que me aproximo, noto que ela tem um olhar vazio no rosto, muito parecido com a anfitriã que me cumprimentou.

O cheiro de carne queimada enche a área. Um idiota até acena com a mão na frente do nariz dramaticamente, como se fosse culpa *dela* o cheiro. Ela deixa cair o braço e apenas fica lá, um olhar vidrado em seus olhos. Após uma inspeção mais detalhada, noto que todo o braço dela está coberto de cicatrizes de queimaduras. Velhas e novas. Todos em diferentes estágios de cura e muitas queimaduras recentes desta noite.

Mark a enxota, e ela roboticamente se vira e vai embora, como se não tivesse acabado de ter um charuto apagado em sua carne.

Ela está drogada.

E depois de olhar para as mulheres, percebo que todas estão.

Isso não apenas as mantém submissas, mas elas provavelmente não se lembrarão da maioria das merdas que acontecem aqui.

Minha máscara permanece no lugar, recusando-se a rachar com a raiva girando nas profundezas do meu peito. Mantenho os olhos na mesa e me aproximo dos homens.

— Cavalheiros! Quem está ganhando esta noite?

Cinco pares de olhos se voltam para mim, todos com olhares maliciosos em seus rostos. Eu posso dizer o que eles estão pensando sem que digam.

Quem é você? O que lhe dá o direito de falar conosco?

— Eu estou — Mark gorjeia, e eu literalmente não poderia ter planejado isso melhor. É como se Deus abrisse Suas mãos e deixasse cair aquele belo pedaço de bênção no meu colo. — Você joga, garoto?

O que eu realmente quero fazer é dar uma surra nele por me chamar de "garoto" quando eu sou um homem de trinta e dois anos, mas, em vez disso, ofereço um sorriso diabólico.

— Claro que sim — digo.

Mark olha para um homem careca e levanta o queixo.

— Deixe-o ficar em seu lugar.

A mesa parece ficar em silêncio. Eu mantenho minha expressão calma enquanto o careca olha para Mark com uma expressão vazia. Mas ele não está de olhos vidrados. Raiva brilha em suas poças marrons, e ele olha para Mark como eu realmente quero. Como se quisesse matá-lo.

É para o melhor realmente. De qualquer forma, ele não é um bom jogador de pôquer se não consegue controlar sua raiva.

Calmamente, o homem se levanta e coloca suas cartas na mesa. Royal Flush.

Ele teria vencido aquela rodada.

Eu mantenho meu rosto em branco, sem revelar o sorriso que está ameaçando surgir. Eu me sentiria mal por ele, se não gostasse de machucar mulheres.

Quem estou enganando? Eu não me sentiria nada mal.

Enquanto Mark queimava seu charuto na carne da garçonete, este careca aqui estava se ajustando nas calças. Ele não foi o único, porém, e fiz questão de gravar cada um de seus rostos para mais tarde.

O homem dá a Mark e a mim um último olhar antes de sair sem dizer uma palavra.

A pequena lição valiosa que saiu daquele espetáculo embaraçoso foi que Mark aqui tem poder. Qualquer que seja a corda que puxe, é o suficiente para lhe dar superioridade sobre as pessoas comuns.

Imagino quantas vidas de meninos e meninas foram necessárias para chegar tão longe.

— Qual é o seu nome, garoto? — ele pergunta.

— Zack Forthright — minto facilmente.

— O meu é Mark Seinburg. Tenho certeza de que você já sabe quem eu sou, no entanto. Há quanto tempo você joga pôquer? — Mark pergunta, enquanto reiniciam o jogo, passando por cima de seu narcisismo como se a noção de eu não saber quem ele é não fosse uma opção.

Eu sei exatamente quem ele é, mas não pelas razões que ele pensa.

— Desde que eu era criança — respondo com sinceridade.

Meu pai era um jogador profissional e me ensinou a dominar uma cara de pôquer. Algo que tem sido crucial para o meu campo de trabalho. Ele me sentava em seu colo quando menino e me ensinava o jogo, depois me mostrava suas cartas enquanto jogava com seus amigos. Testando-me para ver se eu poderia manter uma expressão vazia. Ele perdeu muitos jogos fazendo isso.

Mas ele realmente acreditava que eu não aprenderia a dominar uma cara de pôquer a menos que soubesse o que significava jogar o jogo. Ele sussurrava no meu ouvido, apontava minhas palavras e me ensinava não apenas a ler e entender expressões faciais, mas também microexpressões.

Durante esse tempo, meu pai nunca realmente perdeu dinheiro. Depois da minha aula, eu corria e jogava, e ele ganhava todo o seu dinheiro de volta, e mais um pouco. Levei alguns anos para dominar uma cara de pôquer e ainda mais para dominar o jogo em si, mas ele me fez jogar contra ele assim que o fiz.

Eu o venci no primeiro jogo, e acho que nunca vi orgulho brilhar tanto nos olhos de um homem como naquele dia.

— Bem, garoto, vamos ver do que você é feito, então.

Ele descobrirá do que é feita uma bala quando estiver alojada em sua garganta. Mas não digo isso.

Ao longo das próximas horas, eu propositadamente fico lado a lado com ele. Eu entendo o ego de um narcisista o suficiente para saber que só o irritaria se eu o limpasse. E se eu fosse horrível, ele não iria me respeitaria. Então, eu mantenho o campo de jogo equilibrado.

Você ganha alguns, você perde alguns. Para frente e para trás até que ele bate suas cartas com uma gargalhada.

— Encontrei meu par — ele ri, tomando um gole de seu copo de uísque.

Eu sorrio lindamente para ele.

— Você é muito melhor do que eu pensava — elogio.

Ele me oferece um charuto e pego um, mas eu deixaria o Detetive Dedos estraçalhar minha bunda antes de apagá-lo no braço de uma garota. Vou ter que descobrir uma maneira de detê-lo sem quebrar o pescoço dele se ele tentar novamente.

— Como é que eu não vi você aqui antes? — ele pergunta, olhando-me de perto enquanto acende seu charuto. Não necessariamente desconfiado, mas todo homem nesses tipos de clubes olha para um novo membro com um ar de cautela. — Eu reconheceria essas cicatrizes desagradáveis em qualquer lugar.

Isso foi rude pra caralho. Mas ele não está errado.

Eu dou de ombros.

— Meu dinheiro é novo — minto.

Zack Forthright é um milionário por esforço próprio de web design e branding. Se esse nome for pesquisado no Google, haverá uma página da

Wikipedia e postagens de mídia social com seguidores e engajamento falsos, mas tudo é de fachada.

Quando eu começar a ganhar reputação aqui e mostrar mais meu rosto, serei investigado e terei pouco para levantar uma sobrancelha ou duas, mas nada que faça alguém pensar que estou tentando derrubar o clube.

— Como você conseguiu elas? — ele pergunta, acenando com a cabeça para o meu rosto.

— Sofri bullying no ensino médio. Um garoto muito fodido que gostava de brincar com facas — minto novamente, dando um sorriso. E então dou de ombros. — As mulheres parecem gostar delas.

Ele ri.

— Ah, aposto que sim. As meninas sempre gostam desse… ah, como você chama isso? Aparência de bad boy?

Antes que eu possa responder, uma garçonete se aproxima com nossas bebidas, o mesmo olhar vidrado em seus olhos.

— Venha aqui, querida — Mark diz para a garota, batendo a mão em seu joelho para ela se sentar. A aliança de casamento em seu dedo brilha à luz, como se para iluminar o fato de que ele é um filho da puta escroto.

Addie nunca terá que se preocupar com essa merda quando eu me casar com ela, com certeza. Ela nem precisa se preocupar com isso agora. A única boceta que eu quero enrolada no meu pau para o resto da minha vida é a dela.

A garçonete olha para ele como se ele fosse apenas uma aparição. Ela está olhando através dele.

Roboticamente, ela se senta no colo dele, um sorriso sem tom enfeitando seus lábios vermelhos brilhantes.

Mark a abraça mais apertado, olhando para ela com um sorriso bajulador. A partir daqui, posso ver seu pau crescendo em suas calças. Normalmente, eu não sou de julgar o pau de outro homem, mas quando é

difícil para uma garota abusada e a barraca é medíocre, bem… isso é nojento em muitos níveis.

Ele a puxa para trás, diretamente em seu pau, agarrando seus quadris com força e guiando sua bunda para se esfregar contra ele. Suspiro, mantendo a compostura.

Cuidadosamente, engulo o resto do meu uísque e propositadamente o coloco na borda.

Eu levanto meu nariz no ar, farejando dramaticamente.

— O que é esse cheiro delicioso? — pergunto em voz alta. Mark olha para mim, seu sorriso aumentando, enquanto eu encaro a garota. — Você tem um cheiro delicioso. Incline-se, deixe-me cheirar você.

A menina não hesita. Nós dois nos inclinamos um para o outro, e uma vez que o corpo dela está pairando sobre o meu copo vazio, eu o empurro.

O vidro tomba e cai no chão de ladrilhos pretos. Milhares de pedaços de vidro se quebram, o som soando alto apesar da música pesada na sala.

A conversa cessa e as cabeças giram em direção à comoção.

A cena me faz lembrar do ensino médio quando um garoto peidou na sala de aula, e a sala inteira ficou em silêncio e olhou para ele até que seu rosto ficou roxo.

A garota pula, pisando na ponta dos pés com seus saltos plataforma através do vidro como planejado.

— Sinto muito — ela se desculpa, o primeiro indício de inflexão em seu tom. — Eu vou limpar isso imediatamente.

— Você está brincando comigo!? — grito, olhando para ela como se ela fosse quem o derrubou.

Sua boca se abre, e eu me levanto.

— Venha para os fundos comigo — rosno, meus olhos brilhando com fúria. Ela se encolhe, enquanto os outros homens riem.

— Cadela desajeitada — um dos homens murmura, olhando para ela da mesma forma que você faria se acidentalmente tocasse o chiclete de uma semana preso no fundo da sua mesa.

— Eu estarei de volta assim que eu cuidar dela — digo diretamente para Mark.

Ele ri com vontade, apreciando o pensamento de uma mulher inocente sendo punida por algo tão trivial. O velho fodido provavelmente cai uma vez por semana e precisa de um resgate para se levantar. O idiota não pode falar sobre vidro caindo quando não consegue nem manter o corpo na vertical.

Agarro o braço da mulher com firmeza, puxando-a contra mim e a arrastando para longe.

Ela não luta muito. A autopreservação está entrando em ação, abrindo caminho pela nuvem de drogas em seu sistema. Mas ela há muito aceitou seu destino.

Assim que eu a coloco em uma sala silenciosa, eu me viro para ela. Ela já caiu de joelhos, seus olhos verdes olhando para mim com tristeza e aceitação.

Ela é uma garota bonita, com cabelos ruivos brilhantes, olhos verdes e sardas pontilhando o nariz.

Algo nela me lembra um pouco Addie, e eu quase saio e esmago meu punho no rosto de Mark só por tocá-la.

— Levante-se — digo com firmeza. Ela fica de pé meio instável, parecendo muito com uma girafa bebê andando pela primeira vez.

— Vou tirar você daqui — digo. Sua sobrancelha levanta e ela franze a testa.

— Senhor…

— Qual é o seu nome, querida?

Ela gagueja sobre a pergunta.

— Cherry.

Eu balanço minha cabeça.

— Esse é o seu nome verdadeiro ou artístico?

Ela revira os lábios.

— Verdadeiro.

Os pais dela são realmente nada originais por chamá-la de cereja. Como se pudesse ter um segundo filho e chamá-lo de Morango ou Melancia.

De qualquer forma, irrelevante.

— Como você se sentiria de ter um novo começo, sim?

Seus olhos se arregalam, e parece que a perspectiva de escapar deste lugar, faz um pouco da névoa induzida por drogas se afastar de seu olhar. Mas, então, ela fica cautelosa, e depois conformada. Lágrimas cobrem as bordas de suas pálpebras, e a visão vai me assombrar para sempre.

Ela olha para baixo, parecendo se recompor.

— Sei o que isso significa. E-eu sinto muito. Eu não percebi que estava me inclinando tanto para baixo.

— Eu não vou te machucar ou matar, Cherry — interrompo. — Vou te ajudar, mas preciso que você faça exatamente o que eu digo.

Ela se move em seus pés, olhando para mim através de seus cílios e balançando a cabeça freneticamente. Pego o fone de ouvido Bluetooth que escondi no bolso interno do terno. Todas as minhas jaquetas têm um forro de chumbo especial que desvia a radiação. Ou seja, posso passar por qualquer scanner corporal sem que os dispositivos sejam detectados.

Eu o coloco no meu ouvido, pressiono o botão que chama Jay imediatamente e espero que ele responda.

Quando ele o faz, eu explico a situação. Leva quinze minutos antes que ele tenha um carro pronto para buscá-la. Durante esse tempo, Cherry me conta sobre sua família. Sobre sua irmã mais nova que tem câncer e sua pobre

mãe solteira. Ela trabalha nesse emprego para pagar as contas médicas, mas confessa que não sabe se vale a pena morrer por isso, além de ficar sem a renda extra.

Ela nunca mais terá que se preocupar em cuidar deles novamente. Ou ser morta por causa de um vidro quebrado.

Jay observa pela câmera e me direciona para uma porta dos fundos sem ser detectada.

Eu agarro seu pulso antes que ela saia pela porta. O indescritível sedã preto está esperando a três metros de distância, e a porta já está aberta para ela.

— Eu sei — ela diz suavemente. — Não conheço seu rosto. Nunca vi você antes — ela adivinha.

Eu balanço minha cabeça.

— Cherry, você não vai a um lugar onde será questionada sobre algo assim. Você e sua família estarão protegidas e seguras. Eu prometo. Tudo o que peço é que você faça algo significativo com sua vida. Isso é tudo.

Uma única lágrima escorre de seu olho. Ela rapidamente o limpa e assente. Seus olhos brilham com esperança, e fazer essa merda, envolvendo-me com pior da humanidade... tudo vale a pena quando eu tenho um sobrevivente olhando para mim assim.

Não como se eu fosse um herói, mas como se eles pudessem imaginar um futuro.

Ela tropeça para dentro do carro, e eu faço meu caminho de volta para dentro, certificando-me de que ninguém me veja.

— Jay, limpe as câmeras — digo antes de tirar o fone de ouvido e colocá-lo de volta no bolso escondido.

As câmeras serão emendadas. Se alguém conferir as gravações, eles me verão arrastando uma Cherry abatida para uma sala e depois saindo

separadamente.

É uma das minhas especialidades, uma que dominei e depois treinei Jay. Pegar partes de um feed de câmera e manipulá-las para ficarem exatamente como você quer, sem que mesmo os melhores hackers sejam capazes de detectar manipulação.

Eu estalo meu pescoço e me preparo para uma longa noite de merda e para me tornar melhor amigo de um pedófilo.

4 de junho, 1945

O feriado de 4 de julho sempre foi um dos meus favoritos. Eu passo o dia todo organizando tudo para os convidados enquanto o John fica na churrasqueira.

E depois soltamos fogos de artifício no nosso quintal sobre o penhasco. É sempre incrivelmente lindo e é a minha parte favorita da noite inteira.

Mas nesse momento, estou no meu quarto chorando.

John está bêbado de novo. E ele tem gritado comigo e com a Sera o dia todo. Nada é feito do jeito certo e ele cruzou a linha e até jogou um prato de vidro na parede.

Estou grata pelo fato de que nossos convidados não chegaram ainda.

Frank está vindo para cá e eu estou grata. Ele tem estado um pouco distante desde o jantar que John surtou.

Mas imagino que ele não queira se envolver nas nossas disputas matrimoniais. Ainda assim, estou feliz que ele esteja vindo. Ele vai conseguir manter o John ocupado enquanto eu entretenho o resto da nossa família.

Eu só rezo para que o John não me envergonhe hoje à noite. Eu não acho que poderia perdoá-lo por isso.



CAPÍTULO 21

A MANIPULADORA



Eu estou cozinhando.

Vovó costumava fazer esse ensopado horrível quando eu era jovem. Cheirava a lixo e tinha um gosto ainda pior. Minha atitude, nesse momento, está tão sórdida quanto aquele ensopado.

— Eu nem sei o nome dele — gemo, minha voz abafada pelas minhas mãos. Elas estão grudadas no meu rosto desde que Daya chegou aqui, e eu confessei que ele invadiu novamente.

Ainda não me dei conta do que aconteceu. Não há um pingo de coragem em meus ossos. Ela está esperando pacientemente, sabendo que estou escondendo algo. Algo terrível e vergonhoso. E algo que eu não consigo parar de pensar.

— Você transou com ele, não foi? — ela pergunta calmamente.

Meus olhos se arregalam, e eu desgrudo minhas mãos do meu rosto para que possa encará-la com um olhar.

— Não, eu não transei com ele — rosno, como se ela estivesse

sugerindo algo insano e como se eu não tivesse chegado muito perto disso. Eu posso sentir o sangue subindo em minhas bochechas e meu olho esquerdo se contraindo.

Porra. Daya sabe que esse é o meu tique.

— Você transou! — ela explode, levantando-se de sua cadeira e olhando para mim com choque.

— Eu não fiz isso! Juro — eu me apresso a dizer, agarrando sua mão. — Mas… algo aconteceu.

Ela solta um suspiro e se ajeita na cadeira, voltando para a ilha na minha cozinha e pegando sua margarita. Ela toma dois goles enormes, a apreensão em seu rosto.

— Você chupou o pau dele? — ela chuta, levantando a mão para mexer em seu piercing no nariz.

As imagens que essas palavras acabaram de colocar na minha cabeça fazem minha pressão arterial subir a níveis perigosos. Eu mordo meu lábio e balanço minha cabeça lentamente, o olhar culpado ainda presente no meu rosto.

— *Ele* chupou *você*?

Quando eu apenas olho, a culpa em meus olhos queima mais forte, sua boca se abre e seus olhos se arregalam.

— Cadela, que merda! — ela grita. Ela se inclina mais perto, uma emoção ilegível queimando em seus olhos. — Foi consensual?

E é aqui que eu me enrolo. Porque não foi. Mas se ele tivesse continuado, se ele tivesse tirado as roupas do corpo e me fodido, não posso dizer, com certeza, que eu o teria impedido. Ou que eu não queria isso.

Ainda assim, balanço a cabeça negativamente.

Fúria brilha em seus olhos verdes, e seus lábios se torcem em um rosnado. Eu me inclino para trás, honestamente com um pouco de medo dela.

Eu coloquei minha mão na dela.

— Daya... bem, não foi consensual... no começo? — Digo a última parte como uma pergunta, envergonhada por admitir algo assim.

Ela pisca.

— No começo — ela ecoa. — Significa o quê? Ele foi tão bom que te fez mudar de ideia?

Minhas mãos cobrem meu rosto, mas ela as afasta, quase encostando o nariz no meu enquanto ela espera atentamente por uma resposta.

— Você tem olhos tão bonitos — digo a ela.

Ela rosna para mim.

— Fala logo, vadia.

Fecho os olhos com um suspiro resignado.

— Aquele homem sugou a alma do meu corpo, e acho que ainda não a recuperei.

Ela recua, surpresa em suas íris verde-claras.

— Eu sei, você pode me julgar. Estou me julgando também — digo lamentavelmente. Eu deslizo sua margarita para mim e termino. A minha acabou desde que eu disse a ela que ele invadiu.

— Menina, eu não estou julgando você. Mas deixe-me ver se entendi. Você o incitou com uma mensagem porque você se sentiu fodona. E então ele invadiu para cumprir sua promessa, amarrou sua bunda, e você se assustou no começo, mas depois acabou montando na cara dele? — ela resume lentamente.

Várias emoções giram em seus olhos. Confusão, choque, talvez até intriga. Mas não julgamento. E isso é só porque eu não confessei a ela sobre o incidente da arma. Acho que nunca vou conseguir falar sobre isso.

Eu forço meus lábios a falar.

— Basicamente isso.

Sem tirar os olhos de mim, ela se inclina e pega a garrafa de tequila que usamos para fazer as margaritas. Ela derrama uma dose em nossos dois copos vazios e, em seguida, entrega uma para mim.

Tomamos a dose, encolhendo-nos com o gosto, e então nos encaramos em silêncio.

— Eu só não tenho certeza do que dizer.

Eu gemo.

— Daya, eu não sei o que fazer. Ele não me machucou, mas sim, ele definitivamente se forçou em mim. Mas eu o teria deixado ir mais longe se ele tentasse. Estou tão confusa. E eu me sinto suja e errada, mas quando estava acontecendo, parecia…

Eu paro com outro gemido, e desta vez, eu apenas bato minha cabeça contra a bancada de granito.

— Muito bom? — ela completa. — Incrível? De outro mundo?

— Todas as opções acima — confesso. — Nunca gozei dessa forma em toda a minha vida.

— Droga — ela suspira, uma nota de admiração em sua voz. — Ele entrou em contato com você desde então? — ela pergunta gentilmente, passando os dedos pelo meu cabelo em um gesto reconfortante.

Eu levanto minha cabeça, uma carranca no meu rosto.

— Sim. Ele só... ele disse que não queria que eu me apaixonasse por algo falso. Ele praticamente disse que está me mostrando quem ele realmente é, em vez de mentir para mim sobre isso. O fato de ele achar que pode me fazer me apaixonar por ele, em primeiro lugar, mostra o quão perturbado ele é.

— Isso é... estranhamente legal? Mas realmente fodido. Tem algo errado com ele. Mas sabíamos disso pelas mãos decepadas.

Eu bufo.

— Sim, só um pouco.

— Você já perguntou a ele sobre isso?

Eu concordo com a cabeça.

— Sim, ele basicamente fez seu ato de machão habitual e disse para não me preocupar com isso e que ele cuidaria de tudo. — Eu reviro os olhos, mas com toda a honestidade, estou feliz por isso. Se posso contar com minha sombra para alguma coisa, é para foder alguém.

Ele deixou isso mais do que claro.

Eu me sento e trago o diário de Gigi de volta para mim.

— De qualquer forma, vamos nos concentrar em descobrir o que aconteceu com minha bisavó.

Não é difícil colocar Daya de volta ao modo hacker. Ela desliza o laptop em sua direção e imediatamente começa a digitar no teclado. A rapidez de seus dedos me faz me esforçar para acompanhar quando estou escrevendo uma parte particularmente boa do meu livro. Ela é conhecida por ter que substituir algumas teclas de quão forte ela digita.

— Então, a hora da morte de Gigi foi estimada por volta das 17h05. Seu bisavô alegou que ele correu para o supermercado e quando voltou para casa, ele a encontrou morta em sua cama. Encontrei alguns relatos de testemunhas alegando que viram John na mercearia Morty por volta das 17h35. Mas eles não especificaram se o viram entrando ou saindo da loja, ou se apenas o viram fazendo compras durante esse período.

Eu aceno com a cabeça, apertando meus lábios enquanto penso.

— Em suas últimas anotações no diário, ela estava frenética e ficava dizendo que ele estava vindo atrás dela. Ela nunca disse quem ele era. Mas tem que ser o Ronaldo, certo?

— Então, talvez ele tenha esperado até que John saísse, então entrou e a matou enquanto ele estava fora. Ele a perseguia afinal, ele saberia exatamente

quando meu bisavô teria saído da casa.

Daya encolhe os ombros, parecendo pouco convencida.

— Mas as entradas do diário não dizem que John estava ficando agressivo e Gigi disse que ia se divorciar dele, certo? — ela questiona.

Eu franzo a testa.

— Bem, sim, mas não acho que ele a teria matado. Ele a amava demais.

— O mesmo não poderia ser dito de seu stalker?

Observando minha expressão, Daya suspira e descansa a mão na minha.

— Addie, eu te amo e vou dizer isso com todo o meu amor. Mas não projete. Estou começando a ter a sensação de que você *quer* que Ronaldo seja o assassino porque, na sua cabeça, isso também criminalizará seu stalker. Por favor, me diga que não é por isso que você está buscando justiça para Gigi. Porque você está procurando uma razão para odiar seu stalker quando, na verdade, você não o odeia.

Eu puxo minha mão debaixo da dela e desvio o olhar. Sentimentos desconfortáveis invadem meu corpo, impedindo-me de falar imediatamente.

— Eu não preciso procurar uma razão para odiá-lo — resmungo.

Daya ergue uma sobrancelha, não impressionada com minha atitude. Eu suspiro, uma dor de cabeça florescendo bem entre meus olhos. Esfrego o local, protelando enquanto tento descobrir o que quero dizer.

Porque ela não está totalmente errada.

Talvez eu só queira dizer que todos os stalkers são loucos, e que não é possível se apaixonar por um. Eu quero ser capaz de dizer que isso nunca aconteceu antes. E quero dizer que é absolutamente impossível me encontrar em um relacionamento amoroso, apaixonado e saudável com uma pessoa que invadiu todos os aspectos da minha vida sem pedir desculpas.

Por mais que eu odeie dizer isso, minha sombra também pode não estar

errada. O homem tem um magnetismo sobre ele que me afetou profundamente. Ele desequilibrou minha vida inteira.

Ele me assusta pra caralho. Mas, assim como assistir a um filme de terror, também me excita. Ele estava certo quando disse que se tivesse me abordado na livraria e me levado para sair como um homem normal, eu teria me apaixonado por ele. A maneira como ele se comporta, a maneira como fala e sua paixão são irresistíveis.

E ele também estava certo quando disse que se eu tivesse me apaixonado por uma mentira, ficaria arrasada. Eu só queria que ele não fosse um cara tão ruim.

No entanto, ele seria um homem diferente – um homem que você pode não ser capaz de amar.

Não importa.

Eu me recuso a amar minha sombra. E não vou transar com ele. O que aconteceu duas noites atrás foi agressão sexual e não vou justificar de outra forma.

— Não é por isso que eu quero justiça para ela — eu digo baixinho. Minha mão cai e encontro o olhar suave de Daya.

Nunca me julgando. Mesmo quando eu provavelmente mereço.

— Eu obviamente nunca conheci Gigi, mas a vovó a amava muito. E acho que ela nunca superou isso. Não só quero justiça para Gigi, mas para vovó também.

Isso parece acalmá-la.

— Bom. Porque eu encontrei uma pista sobre uma das famílias criminosas mais notórias de Seattle nos anos 1940.

Eu me animo, inclinando-me para olhar a tela do laptop. Ela o vira para mim para eu ter uma visão melhor.

— Nos anos 1940, a família Salvatore dominava as ruas. Angelo

Salvatore era o senhor do crime. — Ela aponta para uma foto de cinco homens.

No meio está o que você esperaria de um chefe da máfia italiana. Pele profundamente bronzeada, nariz adunco grande e incrivelmente bonito, com seu sorriso largo e olhos castanhos brilhantes.

Ao seu redor estão quatro homens, com idades que variam de dezoito a vinte e tantos anos. Com base no branco salpicando o cabelo preto de Angelo, esses devem ser seus filhos.

Todos se parecem com ele e são igualmente bonitos. Dois deles estão vestindo uniformes militares, provavelmente tendo sido convocados na Segunda Guerra Mundial.

— Esses são seus quatro filhos — confirma Daya. — Mas eles são irrelevantes, mas sexys. Olhe no fundo atrás deles. Você o vê?

Ela aponta para uma imagem granulada e levemente borrada de um homem olhando ao longe atrás da família Salvatore. A maior parte de seu corpo está escondida, mas o que pode ser visto é um rosto bonito, parte de um terno bonito e uma cartola.

— Esta é a única foto que encontrei, mas acho que existe a possibilidade de ser Ronaldo.

Meu nariz está quase esmagado na tela, estou olhando com tanta força. Localizamos. Qualquer homem poderia estar de terno e cartola nos anos 40. Mas algo está diferente nele.

— Você vê o que eu vejo? — pergunta Daya, excitação em seu tom.

— Ele tem um olho roxo, e seu lábio parece cortado... — Eu paro quando noto a mão direita de Angelo, segurando um copo de álcool. — A mão de Angelo também está machucada!

Olho para Daya e é como olhar para um espelho. Eu sei que a excitação queimando em seu rosto reflete o meu.

— E adivinhe a data na foto — diz ela, sorrindo ainda mais.

Meus olhos redondos.

— Cadela, apenas me diga.

— 22 de setembro de 1944. Quatro dias depois daquela entrada de Gigi dizendo que Ronaldo chegou espancado.

Minha boca se abre, e eu olho de volta para a foto. Olhando para o homem que poderia ter sido o stalker de Gigi.

E seu assassino.

***

Eu estou bêbada.

Acabei bebendo mais duas margaritas, e Daya teve a brilhante ideia de tomar mais doses de tequila.

Meu mundo gira enquanto eu tropeço escada acima, com uma Daya rindo em meus calcanhares. Nós duas estamos de quatro, nossas mãos plantadas no chão sujo de madeira para não cairmos.

— Cadela, por que você me fez beber tanto? — pergunto, rindo ainda mais quando quase caio de lado.

— Eu senti que era apro-pria-do, enquanto estamos investigando um assassinato — ela gagueja, sua voz trêmula e cheia de risadinhas.

Suspiro em resposta, minha visão ainda girando.

Eu a acompanho até o quarto de hóspedes e a ajudo a ir para a cama. Não colaboro muito, considerando que quase nos derrubo no chão uma ou duas vezes quando tento ajudá-la a tirar o jeans.

— Como você vai tirar o seu? — ela pergunta, olhando para o meu jeans.

Eu aceno com a mão.

— Tenho certeza de que o stalker vai me ajudar — eu retruco. Ela arregala os olhos comicamente.

— Se ele colocar o pinto dele em você, grave. Quero assistir depois.

Agora, a perspectiva de foder meu stalker parece hilária. Nós duas vamos nos arrepender mais tarde, tenho certeza. Se ao menos nos lembrarmos.

Nós rimos como garotas de colegial, sua risada me seguindo para fora do quarto. Eu me inclino pesadamente contra a parede enquanto tropeço no meu caminho para o quarto.

Eu nem me incomodo em tentar tirar meu jeans. Eu apenas me jogo na cama, em cima das cobertas e tudo, e desmaio segundos depois.

***

Um roçar de pele na minha bochecha me acorda. Eu gemo, meu mundo ainda girando quando abro meus olhos embaçados e vejo minha sombra de pé ao lado da minha cama, afastando o cabelo do meu rosto.

— Oh, ótimo — eu resmungo. — Você está aqui.

— Ratinha, você está bêbada?

— Boa maneira de perguntar o óbvio — murmuro, chupando um pouco de baba que está vazando da minha boca.

Ainda estou bêbada demais para ficar envergonhada. Trêmula, eu me sento e olho ao redor do quarto. As luzes ainda estão acesas – acho que esqueci de apagá-las – e parece errado ver meu stalker em qualquer lugar, que não seja na escuridão.

Isso o torna mais real, e não gosto disso.

— Apague a luz — exijo, recusando-me a encontrar seus olhos. Eu prefiro quando só consigo ver sombras de seu rosto.

Ele se vira e faz o que eu digo. Estou tão surpresa que ele me obedeceu que quase faço outra exigência quando a luz se apaga, só para ver o que ele vai fazer.

Ele está mais uma vez escondido nas sombras. Quando ele anda pelo quarto, é como se a escuridão se agarrasse a ele. Ele é a escuridão.

Não consigo descobrir o que me assusta mais... ele no escuro ou ele na luz.

— Eu preciso tirar meu jeans. Suponho que você vai me observar, não é?

O álcool está fazendo eu me sentir ousada agora. Não estou pensando nas consequências ou nas ameaças dele. Até mesmo o medo que sinto girando ao redor é silenciado.

Neste momento, sinto que posso dizer ou fazer qualquer coisa. Como estar bêbada, de alguma forma, me dá uma armadura protetora, quando na realidade, isso só me deixa mais vulnerável.

Ele se inclina contra a minha porta, seus braços cruzados enquanto ele me observa desabotoar meu jeans e deslizá-lo pelas minhas coxas.

— Sabe... — eu começo, tropeçando enquanto tento puxar a calça pelo meu pé. Quem diabos inventou o jeans *skinny*, e por que estou usando isso? — Eu nem sei o seu nome.

— Você nunca perguntou. — É a resposta dele.

— Estou perguntando agora, gatinho.

Finalmente, consigo deslizar a perna para fora. Eu me endireito e olho para minha perna libertada em vitória. Uma saiu. Mais uma para tirar agora.

— Você sabe — digo novamente, antes que ele possa abrir a boca. — Eu gosto muito de te chamar de gatinho.

— Mas não soaria tão bem aos gritos — ele provoca, sua voz um pouco mais perto do que estava antes. Eu olho para cima para ver que ele se afastou

da porta, sua forma rastejando pela escuridão.

Eu bufo.

— Não mesmo? Aposto que eu poderia fazer isso soar bem — eu desafio.

Parece que todo o seu corpo se transforma em pedra. E isso me faz sentir ainda mais ousada. Eu deslizo a outra perna para fora da calça, desta vez de uma forma um pouco mais suave que a outra.

E então eu subo na cama, em nada além de um sutiã, camiseta e minha calcinha fio dental roxa.

Ele tem uma boa visão da minha bunda, mas essa é a menor das minhas preocupações. Pego um travesseiro e acomodo ele entre minha abertura.

— Addie — ele rosna em aviso. O estrondo profundo faz a umidade se acumular entre minhas coxas. É injusto como a voz dele tem um efeito físico no meu corpo, mas acho que agora funciona para mim.

Eu me esfrego no travesseiro, inclino minha cabeça para trás e gemo.

— Gatinho.

Eu dou um gritinho quando vejo sua mão voando em direção ao meu rosto. O álcool sugou todos os meus reflexos, então quando sua mão agarra meu cabelo com força, não posso fazer nada para detê-lo.

Minhas costas arqueiam quando ele puxa minha cabeça para trás. Seu rosto lindamente cheio de cicatrizes aparece acima do meu. Aqueles malditos olhos yin-yang, com cílios grossos emoldurando-os.

Ele é assustadoramente lindo. E agora, ele parece chateado.

— O que foi? — pergunto inocentemente.

Ele se inclina e suavemente roça seus lábios contra os meus. Choques surgem de onde nossos lábios se tocam. Eu inalo com força, chocada com a reação que seu corpo cria dentro do meu.

— Zade — ele sussurra contra meus lábios. — Esse é o único nome

que vai deixar seus lábios de agora em diante, especialmente quando você está fazendo esta boceta se sentir bem. E quando eu estiver fazendo esta boceta se sentir bem, então você pode me chamar de Deus.

Todo o oxigênio em meus pulmões desaparece. Se ele tivesse devolvido a minha alma, ela teria ido novamente.

— Eu acho que Lúcifer seria melhor para você — sussurro, meus lábios deslizando contra ele enquanto falo.

Um sorriso pecaminoso surge em sua boca, mostrando seus dentes retos por um breve segundo. Esse segundo foi um lembrete gritante no meu cérebro bêbado que eu tenho alguém muito perigoso na minha cara agora.

E eu preciso afastá-lo de mim.

Eu arqueio mais para trás, afastando meu rosto do dele.

— Você vai me agredir de novo? Será você que vai forçar seu pau na minha boca desta vez? — disparo, estreitando meus olhos em fendas finas cheios de ódio.

— Eu pensei sobre isso — ele admite em um murmúrio contemplativo. — Eu adoraria ver você engolir meu pau esta noite.

Há um *porém*, e em meu estado de embriaguez, estou quase ofendida.

Eu arqueio uma sobrancelha, mas até mesmo eu sei que não tem o mesmo efeito que ele fazendo isso.

— Mas você ainda está embriagada. E você vomitaria em todo o meu pau no segundo em que ele tocasse o fundo da sua garganta.

Ok, agora estou realmente ofendida.

Minha boca se abre em choque.

— Eu não faria isso, seu idiota! — Eu me contorço para longe dele, mas ele reforça seu aperto no meu cabelo e me mantém imóvel.

Sempre me forçando.

Quem poderia amar este homem?

Ele ri, uma risada sombria e cruel. Mas também transforma o rosto dele no do diabo. Bonito e implacável.

— Você está dizendo que quer tentar? — ele provoca, seus olhos brilhando ao luar.

Eu faço uma careta para ele.

— Nunca. Quer saber, você está certo. Eu vomitaria, mas não porque eu não posso lidar com seu pau insignificante. Mas porque eu estaria muito enojada. — As palavras venenosas saem da minha boca, não tenho o menor sentido de autopreservação.

Faço com que meu medo me silencie, agora minha boca está censurada.

Ele arqueia uma sobrancelha, e minha boca seca.

Porra. Por que parece tão assustador quando ele faz isso?

Ele olha para mim, e eu prendo a respiração, esperando-o surtar. Ou me matar, talvez me machucar. Fazer alguma coisa.

Quando sua mão livre alcança o zíper e lentamente o puxa para baixo, eu sei que estraguei tudo.

Você simplesmente não consegue ficar de boca fechada, não é, Addie?

Eu olho para os movimentos de suas mãos como se ele estivesse prestes a abrir um pote de aranhas. Ele abre o botão da calça jeans e então para, por um instante.

Um suspiro sai da minha garganta quando ele puxa minha cabeça bruscamente para sua pélvis enquanto ele puxa seu pau para fora.

Porra. Beleza. OK.

Então, *talvez* o pau dele seja exatamente o oposto de insignificante e certamente me mataria se ele decidisse me sufocar com ele. E *talvez*, não fosse a pior maneira de morrer quando é a coisa mais deliciosa que já vi.

É de outro mundo.

Ele segura seu pau na mão, e minha boceta se excita em resposta.

Eu nunca vou dizer a ele o quão glorioso ele parece porque agora, eu quero cortá-lo fora. Assim como ele fez com as mãos de Arch. Ele não seria um homem sem seu pau, e eu não teria que me preocupar com ele usando isso como uma arma e esmagando minha traqueia.

Ele puxa minha cabeça mais perto até que esteja a centímetros do meu rosto. Almíscar e o cheiro de couro e especiarias flutuam no meu nariz. Claro, ele cheira tão tentadoramente quanto parece.

— Você acha que pode lidar com isso? — ele pergunta com a voz sombria.

Eu engulo, desesperada para lubrificar a secura na minha garganta. A falsa bravata está se esvaindo constantemente, e agora o medo está voltando com força total.

— Sim — digo, minha voz trêmula. — Mas eu vou morder se você fizer.

Estou muito ocupada olhando para seu pau para notar o sorriso em seu rosto. A ponta acaricia minha mandíbula, a pele macia deslizando contra mim, enviando arrepios pela minha espinha.

Eu o encaro com nojo, mas meu rosto é uma máscara de mentiras. E o filho da puta sabe disso.

Ele começa a bombear seu pau, segurando-o com força, as veias saltando sob seu aperto. Mesmo envolto em sua mão grande, parece intimidante.

— O que você está fazendo? — pergunto com uma voz de espanto. Ele bate a cabeça de seu pau na minha bochecha em resposta, silenciando-me com um suspiro afiado.

O idiota.

Ele continua a bombear seu pau, e quando percebo que ele está se masturbando no meu rosto, começo a lutar.

Sua mão aperta dolorosamente, alfinetadas florescendo ao longo do meu couro cabeludo.

— Me solta — sibilo, empurrando minhas duas mãos contra suas coxas grossas.

Ele larga seu pau e lança a mão até o meu rosto, apertando minhas bochechas dolorosamente. Meus dentes mordem a carne sensível, mas ele não desiste. Lágrimas cobrem as bordas das minhas pálpebras, ameaçando transbordar quando ele se inclina e mostra os dentes em um rosnado vicioso.

Esse medo me mantém completamente imóvel. Finalmente, sinto o terror penetrar em minha cabeça dura. Porque este homem poderia facilmente me matar. Minha bravura é sugada de mim como um vácuo, e eu me derreto em uma poça de medo e ódio.

— Você quer agir com coragem, então eu vou te mostrar exatamente o que acontece com bocas espertinhas. Você vai engolir minha porra como a garota má que você é, e eu não dou a mínima se você não gostar.

Ele rudemente solta meu rosto, e a mão ainda emaranhada no meu cabelo me puxa de volta à sua posição anterior. Eu olho para ele através dos olhos embaçados, mas se alguma coisa, a visão apenas o estimula.

Ele bombeia seu pênis em puxões rápidos e ásperos. Não demora muito para que ele esteja rosnando novamente, as veias em seu pescoço pulsando.

— Qual é o meu nome? — ele rosna.

— Gatin… — Ele solta brevemente seu pau para dar o bater forte na minha bochecha. Dói, mas não o suficiente para realmente me machucar.

Eu rosno.

— Zade.

Ele inspira fundo com força.

— Abra a boca, ratinha. Agora.

Quando eu recuso, ele bate seu pau no meu rosto novamente, desta vez

com mais força. Estou ficando cansada desses golpes. A raiva queima mais forte, e estou tentada a estender a mão e morder a ponta de seu pau até arrancar um pedaço.

— Você realmente quer me testar agora? — ele desafia, levantando aquela maldita sobrancelha e respirando pesadamente. O desejo brilha em suas piscinas yin-yang, e embora ele esteja me punindo, ele está olhando para mim como se eu fosse uma joia inestimável.

Com relutância, eu abro minha boca, ódio exalando dos meus olhos. Ele abre um sorriso sinistro antes de dizer:

— Agora me agradeça.

Eu fico rígida, a fúria escaldante. Ele quer que eu faça *o quê*?

— Me agradeça por deixar você engolir toda minha porra, Adeline.

Sua voz assume um tom tenebroso, e eu simplesmente não consigo deixar o medo de lado, mesmo enquanto tenho coragem de negá-lo. Imagens dele segurando uma arma no meu rosto e prendendo meu corpo amarrado na cama enquanto fazia o que queria passam pela minha mente, fortalecendo o terror em meus ossos.

— Obrigada. — Eu sufoco com raiva. Assim que eu digo as palavras, esguichadas de esperma jorra de seu pau e direto na minha boca.

Um rosnado profundo e retumbante sai de sua garganta, viajando direto para o meu núcleo. Eu aperto minhas coxas enquanto minhas papilas gustativas são invadidas com o seu sabor salgado. A vontade de cuspir bem na cara dele é desesperadora.

— Merda, se essa não é uma boa garota — ele respira.

Em resposta, uma lágrima escorre do meu olho. Eu tremo com as palavras, assim como meu ódio por ele queima mais forte.

Quando a última gota de esperma cai da ponta de seu pau e nos meus lábios, ele agarra meu rosto novamente, apertando minhas bochechas e me

impedindo de cuspir tudo de volta nele como eu planejava.

— Engole — ele exige, sua voz sombria e cheia de advertência.

Eu faço porque não tenho outra escolha. Sua semente desliza pela minha garganta, junto a um monte de palavras odiosas que quero cuspir nele.

Eu me abstenho por enquanto. A situação clareou o nevoeiro induzido pelo álcool e, no momento, eu me sinto completamente sóbria.

Ele se enfia de volta em seu jeans e me encara como se não pudesse dizer se quer me comer ou me machucar.

— Sua boceta está molhada para mim, não é?

— Vai se foder — retruco, minha voz vacilante e cheia de lágrimas não derramadas.

— Deixe-me ver, ratinha.

Minha testa franze, e eu olho para ele em confusão.

— Coloque a mão na calcinha, mergulhe um desses dedos em sua boceta e mostre para mim.

Eu abro minha boca para dizer a ele para se foder, mas ele aperta minhas bochechas novamente. Outra lágrima desliza livre.

— Você não acabou de aprender a lição sobre ter uma boca esperta?

Meus punhos se cerram, fazendo meus dedos ficarem brancos pela força.

E pensar que esse homem acredita que eu vou me apaixonar por ele? Quero rir na cara dele. Não, quero adicionar minhas próprias cicatrizes ao rosto dele. Cortar até que ele não seja nada além de feiura, assim como ele é por dentro.

Mais uma vez, faço o que ele diz. Eu deslizo minha calcinha para o lado, mergulho meu dedo médio profundamente, e o apresento com o único *vai se foder* que posso dar, com minha excitação brilhando no dedo.

Ele sorri para o meu dedo, nem um pouco incomodado. O

constrangimento nubla minha visão, mas não o deixo ver. Ele não vai ganhar nada além de palavras venenosas de mim.

Ele pega minha mão e leva meu dedo à boca. Resisto ao seu domínio, mas sou impotente contra ele. Sua boca quente e molhada envolve meu dedo e suga minha excitação em um redemoinho de sua língua. Eu sugo o ar entre os dentes, aquelas ondas elétricas disparando de onde ele me lambe e por todo o meu corpo. Seus olhos rolam para trás, agindo como se ele estivesse chupando o melhor pirulito que já comeu.

Eu não posso controlar como meu estômago se contrai e minhas coxas apertam em resposta. Estou encharcada e envergonhada.

Ele estala meu dedo de sua boca, e é preciso muita força para não bater com meu punho em seu pau.

Ele finalmente libera meu cabelo de seu aperto, e eu me afasto dele.

Fechando seu jeans, ele olha para mim. Eu só posso ver um pedaço de seu rosto ao luar, mas o que eu vejo me faz sentir homicida.

Ele não está olhando para mim presunçosamente como eu esperava. Seu rosto está como em uma máscara em branco, como se o que acabou de acontecer não o afetasse em nada. E isso... isso é muito pior.

— Você quer saber a melhor parte? — ele pergunta baixinho. — Eu ia colocar você na cama e deixá-la sozinha esta noite. Mas você parece esquecer que, só porque sou totalmente seu, ratinha, eu não sou um homem bom.

27 de setembro, 1945

O mundo parece que relaxou agora que a 2ª Guerra Mundial acabou. Soldados estão voltando para casa, e embora muitos tenham morrido ou estejam machucados, acho que estamos todos gratos pelo fato de ter acabado.

Mas a guerra não acabou no Casarão Parsons.

Hoje, Ronaldo está me levando para sair enquanto John está no trabalho e Sera na escola. Vai ser legal sair de casa e tomar um ar antes do tempo começar a esfriar.

Ele vai me levar para um piquenique agradável e depois vamos ver um filme. Com as crescentes agressões de John, não sei como contar para o Ronaldo. Eu só consigo vê-lo duas vezes por mês ultimamente. Ele disse que o trabalho dele é muito exigente.

E eu ainda não falei para ele que John e eu chegamos ao fim.

Tenho certeza de que ele ficará feliz em ouvir que estamos caminhando para um divórcio. Mas tenho medo do que ele vai fazer quando eu contar o quão bravo John está.

Eu rezo para que ele controle seu temperamento. Ronaldo tem o pavio curto. Talvez mais curto que o do John.



CAPÍTULO 22

A SOMBRA



Minha ratinha decidiu mudar de cenário hoje. Talvez ela quisesse fugir da casa em que estou sempre aparecendo.

Como se sentar do lado de fora de um restaurante fosse mantê-la a salvo de mim.

Estou andando pela 5ª avenida, passando pelo escritório de um advogado, quando Mark sai correndo pela porta. Nós dois paramos, a centímetros de colidir um com o outro.

— Ah, Zack! Não te vi aí. Você vai entrar? — ele pergunta, parando e olhando atrás dele para a porta do escritório do advogado.

— Não, eu estava voltando para o meu carro — minto, retomando minha caminhada. Meu carro está na direção oposta, mas vou me sentar em um carro qualquer se isso significar manter Mark longe do Bailey's.

— Eu te acompanho — Mark sorri, convidando-se para o que teria sido um passeio agradável e tranquilo para espionar minha garota.

Agora eu tenho que lidar com esse idiota.

Mark caminha ao meu lado, tagarelando sobre isso e aquilo, nada que eu considere importante. Ele não deve ter muitos amigos. Ele é um maldito tagarela e gosta do som de sua própria voz. Aposto qualquer quantia que ele é um daqueles caras que ficam na frente de um espelho e se dão conversas diárias sobre como ele ainda está ativo.

Bailey's está bem na nossa frente. Assim que chegamos ao cruzamento logo antes do bar e grill, viro para a esquerda, decidindo atravessar a rua para que estejamos do lado oposto do restaurante. Mas quando vou apertar o botão do semáforo, Mark me para.

— Ei, o Bailey's é um bom lugar para tomar bebidas. Faz um tempo desde que estive aqui.

Eu evito ranger os dentes, embora tudo o que eu realmente queira fazer agora seja transformá-los em pó. A principal razão de eu não fazer isso é porque não seria mais capaz de morder o clitóris de Addie.

E eu realmente gosto de fazer isso.

— Está bem cheio lá. Tem certeza de que não quer ir para outro lugar? Conheço um lugar perfeito a alguns quarteirões daqui.

Mark acena com a mão, já atravessando a rua em direção ao Bailey's.

Merda.

Eu o sigo, abrindo a boca e me preparando para encontrar outro motivo para sair do restaurante, mas ele está se falando comigo de novo.

— Na verdade, realmente gosto das bebidas e comida daqui. Venho aqui de vez em quando e geralmente consigo entrar sem problemas. A recepcionista me ama — diz ele, terminando sua declaração com uma piscadela.

Sim, e quantas vezes você perguntou a ela: "Você sabe quem eu sou?" Antes que ela encontrasse uma mesa vazia?

Meu palpite é, pelo menos, quatro vezes.

Suspirando internamente, forço um sorriso enquanto Mark se aproxima do Bailey's, entrando e indo direto para a recepcionista.

E assim como quando um ex entra inesperadamente, o sorriso da recepcionista se desfaz um centímetro antes de forçar o sorriso mais tenso conhecido pela humanidade.

— Olá, Mark. Mesa para dois desta vez?

— Parece que sim — Mark responde com uma risada espertinha. Eu mantenho meu rosto vazio e agradável, mesmo quando ela suspira e nos leva para uma mesa no pátio.

Bem onde Addie está.

Felizmente, ela não nota quando chegamos, embora estejamos sentados a apenas cinco mesas de distância Nossa mesa é perpendicular à dela, proporcionando a visão perfeita de seu rosto em forma de coração, lábio inferior sendo abusado pelos seus dentes e os longos cílios acariciando suas bochechas.

Ela está digitando em seu laptop, totalmente focada em sua tarefa e não no mundo ao seu redor. Seu lábio inferior rola entre os dentes retos. Eu tenho o desejo mais feroz de caminhar e tomar aquele lábio entre os meus.

Apesar da minha obsessão pela minha ratinha, mantenho meus olhos longe dela. Na verdade, faço questão de nunca olhar na direção dela na frente de Mark. Dei uma única olhada enquanto Mark estava à minha frente, e esse é o único privilégio que me dei.

Se ele me vir olhando para ela, ela será um alvo. E a última coisa que quero é Addie nos radares desses idiotas.

Enquanto Mark fala sobre uma conta que ele não quer transferir, um casal e sua filha passam por nós, a garotinha falando animadamente. Ela parece ter cerca de cinco anos de idade, uma garota bonita com um rabo de cavalo, grandes olhos e covinhas.

Eu vejo o olhar astuto no rosto de Mark antes mesmo que ele registre o que está fazendo, e é preciso me conter fisicamente para não alcançar o outro lado da mesa, apontar a faca de manteiga para cima e a forçar em sua cabeça.

Em vez disso, tomo uma decisão em frações de segundo. A família está passando por Mark, além de sua visão. Quando sua cabeça gira de volta para mim, eu me inclino para o lado e finjo verificar a garotinha. Olho à direita dela para um prato de comida – prefiro cortar minha própria garganta a olhar para uma criança de maneira sexual – mas parece autêntico para Mark.

Deixo o olhar predatório permanecer naqueles pedaços de frango por alguns segundos antes de me endireitar e fingir inocência. Mas eu sinto o olhar de Mark queimando em mim.

Por mais que me enoje, preciso que ele pense que tenho interesse nas coisas depravadas que ele faz.

Uma hora se passa enquanto continuo a fingir interesse em garotas menores de idade, olhando bem acima de suas cabeças, para a comida ou qualquer outra coisa que esteja perto o suficiente para alimentar a ilusão. Nada óbvio, e não faço isso sempre para não levantar suspeita. Apenas olhares sutis aqui e ali.

Durante a hora, Mark continua a ficar mais embriagado. No clube de cavalheiros, notei que ele suga uísque como se fosse um suporte de vida.

Estou sentindo o alcoolismo ao lado de seu sadismo.

E, claro, é quando o filho da puta decide realmente olhar em volta e perceber uma Addie ainda trabalhando, enfiada em seu cantinho e digitando como se sua vida dependesse disso. Eu fiquei de olho nela através da minha visão periférica, e o que quer que ela esteja escrevendo, ela está concentrada.

— Agora, isso sim é uma beleza — diz Mark, olhando diretamente para Addie. Sua boca está enrolada no canudo enquanto ela termina uma margarita. Eu a observo com o canto do olho, mas não deslizo meu olhar

imediatamente. Tenho dois segundos para tomar uma decisão: agir como se não a conhecesse ou a reivindicar.

Antes que eu possa abrir a boca, Mark pega seu celular e tira uma foto dela, seus polegares se movendo rapidamente enquanto ele vai enviá-lo para alguém.

Corajoso pra caralho fazer essa merda na minha frente. Não tenho certeza se eu estava distraído olhando de soslaio para as crianças ou o álcool, mas foi muito mais ousado do que eu esperava.

Minha mão pousa sobre seu telefone, interrompendo seu progresso.

Ele olha para mim, seus olhos arregalados e bochechas coradas.

— O que quer que você esteja prestes a fazer, pare com isso. Essa é minha garota.

De alguma forma, os olhos de Mark ficam ainda mais amplos.

— Aquela garota ali? Ela é sua?

Eu aceno com a cabeça uma vez.

— Ela gosta de ficar sozinha quando trabalha, e eu respeito o espaço dela.

As sobrancelhas brancas e espessas de Mark mergulham para baixo.

— Por que você não disse nada? Apresente-nos pelo menos?

— Eu estava planejando depois que ela terminasse seu trabalho.

Os olhos de Mark se estreitam, confusão girando em seus olhos azuis. Ele é um homem mais velho, com pele flácida, problemas no fígado e no joelho, pois ele geme toda vez que se levanta. Mas ele também é um homem astuto para sua idade, e sua mente ainda está afiada.

— Você ia passar pelo restaurante sem dizer oi para ela? — ele interroga, referindo-se à minha mentira sobre caminhar até o meu carro. — E ir para um restaurante diferente?

Eu o encaro nos olhos, certificando-me de que ele possa ver o quão

despreocupado estou com seu questionamento.

— Minha garota vive em uma pequena bolha pacífica quando escreve seus livros. Ela não gosta de ser incomodada quando trabalha, e respeito o espaço dela. Especialmente porque me permite a liberdade de fazer o que quiser sem que ela se preocupe com o que estou fazendo.

Adicione uma pitada de implicações adúlteras ali, e Mark imediatamente se identifica. Ele ri, seus dentes amarelados em plena exibição.

— Eu sabia que gostava de você — ele ri, seus pés de galinha se aprofundando.

Eu aperto seu telefone, o aparelho ainda preso entre nossas mãos.

— Apague a foto, Mark.

Os olhos de Mark se arregalam.

— Ah, claro! Sinto muito, Zack. Eu não quis ofender. Eu não tinha ideia — ele diz apressadamente, tentando rir do fato de que ele estava querendo sequestrar minha ratinha. Ele rapidamente exclui a foto de sua galeria.

Vou invadir o telefone dele mais tarde para confirmar que foi excluída permanentemente. Idiota acha que sou burro e não sei o que é uma Nuvem, ou que você pode acessar seu lixo e recuperar a foto.

Eu também garantirei que ele não tenha enviado a foto para ninguém.

— Tudo bem — digo calmamente, sentando-me na minha cadeira e parecendo casual.

Sou tudo menos isso.

A necessidade de cortá-lo de orelha a orelha está vibrando através dos meus músculos tensos. Sob a mesa, flexiono minha mão, lutando contra a vontade de não a enfiar na garganta de Mark.

Eu quero matar ele.

Risca isso.

Eu *vou* matá-lo.

Lentamente.

— Deixe-me ir me apresentar então. Ela está trabalhando duro há uma hora. Tenho certeza de que ela não vai se importar.

Antes que eu possa dizer ao velhote para sentar sua bunda, ele se levanta e vai em direção a Addie.

Que. Merda.

Eu corro atrás dele. Sentindo o perigo iminente – se é de Mark ou de mim, não tenho certeza – ela olha para cima e seu olhar se choca com o meu.

Instantaneamente, seus olhos se arregalam em bolinhas de caramelo, e seu rosto empalidece cerca de cinco tons mais claros. Estou pronto para esguichar um pouco de spray bronzeador nela se isso significa que ela não deixa tão óbvio que não está feliz em me ver.

Com Mark à minha frente, eu rapidamente dou a ela um olhar severo de advertência. Suas sobrancelhas afundam, mas ela não tem tempo para reagir antes que Mark coloque a mão em seu rosto.

— Senhorita! Que prazer conhecê-la. Desculpe, Zack aqui não me disse seu nome. Mas eu sou Mark Seinburg. Tive o prazer de conhecer seu namorado aqui não muito tempo atrás, e ele é um bom partido, mas devo dizer que você é muito mais impressionante.

Addie abre a boca, mas nada escapa, seu equilíbrio perdido pela súbita intrusão, assim como Mark me chamando de Zack e a reivindicando como minha namorada.

— Addie — digo. Ambos os olhos saltam para mim. — O nome dela é Addie. Desculpe, querida, eu não quis me intrometer. Eu já te falei sobre Mark aqui, ele é o cara que eu conheci no trabalho. — Eu olho de lado para Mark, deixando-o pensar que eu disse a Addie que nos conhecemos em

circunstâncias diferentes das que fizemos. Ele sorri mais largo com isso.

Os clubes de cavalheiros não são necessariamente um segredo, mas, definitivamente, não são um lugar que você vai visitar quando tem uma linda esposa ou namorada esperando por você em casa. Pelo menos se você não for um idiota narcisista.

— Oh, uh, oi Mark. Prazer em conhecê-lo — ela finalmente diz, segurando a mão de Mark na sua.

Eu sinto tantas coisas agora.

Ou seja, o desejo de beijá-la por interpretar um papel em uma situação que ela não entende.

Ela definitivamente será recompensada mais tarde.

Mas também sinto a besta possessiva se erguer. Não só para reivindicar Addie como minha, mas para protegê-la do verdadeiro monstro. No momento em que Mark registra a bela voz rouca de Addie, seus olhos esmorecem. E se eu vir suas calças cáqui começarem a se avolumar, *vou* matá-lo aqui e agora.

Ela olha para suas mãos entrelaçadas com uma pitada de apreensão, mas ela suaviza o rosto rapidamente. Mark não percebe que ela sutilmente limpa a mão na calça jeans quando a solta, mas eu percebo.

— O prazer é meu. Você tem um nome lindo. É apelido de quê?

Ela limpa a garganta, me lançando outro olhar de *que merda é essa*.

— Adeline.

O rosto de Mark está animado enquanto ele se maravilha com a resposta dela.

— Um belo nome para uma linda garota.

Um rubor vermelho mancha suas bochechas lindamente. Ela finge agir tímida, mas posso sentir a energia nervosa que emana dela em ondas. Minha ratinha não se sai bem em situações sociais, especialmente quando ela é jogada nisso de forma despreparada.

— Tudo bem, Mark. Vamos deixar minha garota voltar ao trabalho.

Os olhos dela se estreitam brevemente quando digo *minha garota*. Eu sutilmente arqueio uma sobrancelha, desafiando-a a me contrariar. Ela sabe que não estou dizendo isso para o benefício de Mark. Ela vai me ouvir chamá-la de minha garota por um tempo longo pra caralho.

Em seguida, será minha esposa e depois para a mãe dos meus filhos.

Um dia ela vai colocar na cabeça que ela é *minha*.

— Bobagem! — ele berra, atraindo alguns olhos curiosos. — Você não se importa, não é, Addie?

Pela primeira vez, meu rosto mostra as emoções e solto um rosnado. Mark não percebe, mas Addie, sim. No entanto, minha raiva a relaxa por uma fração. O conhecimento de que não estou gostando dessa situação deve trazer algum tipo de conforto para ela, em comparação com ela pensar que estou propositalmente envolvendo-a em algo perigoso.

Addie balança a cabeça, fechando o laptop suavemente e deslizando-o no estojo a seus pés.

— Por favor, vá em frente — diz ela, uma única nota em seu tom vacilante. Sento-me ao lado dela e envolvo um braço em volta de seus ombros tensos, esperando que minha presença lhe traga alguma aparência de segurança e conforto.

— Por favor, me diga como vocês dois pombinhos se conheceram — diz Mark, acomodando-se em seu novo assento. Ele acena para o garçom pedindo outra bebida e, internamente, eu gemo.

— Em uma sessão de autógrafos — respondo. — Essa autora superincrível estava lá autografando livros. Eu a vi e imediatamente me apaixonei. Eu a procurei depois, a convidei para um encontro e o resto é história.

Ela sorri, embora não alcance seus olhos.

— Sim, ele é persistente — diz ela com uma risada estranha.

— Fascinante! — Mark exclama, seus olhos girando entre nós. Seu telefone vibra e quando ele o tira do bolso, seu rosto se fecha.

Limpando a garganta, ele olha para nós com um sorriso tímido.

— Se vocês não se importam, eu vou ao banheiro atender essa ligação. Addie, por favor, peça outra margarita. É por minha conta.

Mark se levanta e vai embora sem olhar para trás, cambaleando pelas grandes quantidades de álcool que consumiu e seu olhar fixo no celular.

Addie começa a arrumar seus pertences freneticamente em um milissegundo, as mãos tremendo enquanto ela joga o resto de suas coisas na bolsa.

— Se você pensa que vai embora, está redondamente enganada.

Ela congela, olhando para mim antes de retomar. Mantendo meus movimentos calmos e fluidos para não levantar qualquer alarme dos espectadores, deslizo minha mão para seu pescoço.

Ela faz uma pausa novamente quando sente meu toque, e então choraminga quando eu aperto forte.

— Olhe para mim. Agora.

Seus olhos se fecham por um momento antes de abrir, e aqueles lindos olhos cor de caramelo deslizam para os meus. Eles estão cheios de medo, e estou quase surpreso.

No escuro, ela ganha vida com fogo. Como se fosse a noite que alimentasse suas chamas e não o oxigênio. E à luz do dia, ela é tímida e assustada. Ela se torna seu apelido: uma ratinha mansa.

— Se você nunca me levou a sério antes, então faça isso agora, Adeline. — Seus olhos se arregalam com a severidade do meu tom. — Você vai se sentar como uma boa garotinha e jogar junto até que eu possa convencer Mark a ir embora. Então, e só então, você pode arrumar suas

coisas e ir para casa. Você entende?

Aí está.

O fogo acende e explode.

— *Está bem*. Pelo menos, me diga que *porra* está acontecendo, Zade. Ou Zack. Qual é o seu nome verdadeiro? Quer saber, eu não me importo. Eu não sei que jogo você está jogando, mas depois disso, você precisa me deixar de fora.

Eu me inclino para frente e dou a ela um olhar de advertência. Ela fecha a boca, mas as chamas nunca se apagam.

— Eu tentei — disparo. — Vou tentar sair com Mark assim que puder, mas até lá, faça o que eu digo. Estamos superapaixonados e você é minha namoradinha. Isso é tudo que você precisa saber agora.

Seus olhos se arregalam gradualmente até que ela está me encarando como se eu tivesse enlouquecido. O que ela não percebe é que eu perdi a cabeça no segundo em que coloquei os olhos nela, e ainda não consegui a recuperar.

— O que é, Zade? — ela pergunta baixinho. — Mark é perigoso? Por que você está mentindo para ele?

Eu suspiro.

— Sim — admito. — Ele é perigoso e está de olho em você.

Antes que ela possa me questionar mais, Mark retorna, um sorriso alegre no rosto corado.

— Sem bebida? — ele questiona, caminhando até a mesa com os braços estendidos.

— Minha culpa. Eu me empolguei um pouco com um beijo de olá — minto, abrindo um sorriso brega. O pensamento de eu ficar com minha garota em público claramente o deixa quente e incomodado com o flash de calor em seus olhos, mas ele disfarça bem o suficiente com uma risada calorosa.

Addie limpa a garganta, dando-me uma cotovelada forte no lado e oferecendo um sorriso envergonhado.

— No que você estava trabalhando, querida Adeline? — Mark pergunta, recostando-se na cadeira e tomando um grande gole de seu bourbon.

— Ah, algumas coisas. Eu estava pesquisando um caso arquivado dos anos 1940 — ela responde.

Mark ergue uma sobrancelha.

— Sério? Por que isso?

O vermelho em suas bochechas se ilumina.

— Uh, bem, na verdade, é da minha bisavó. Genevieve Parsons.

— Ah, eu conheço esse caso! — Mark exclama. — Meu pai era detetive naquela época, embora não tivesse permissão para trabalhar no caso.

Pela forma como suas sobrancelhas se erguem, seu interesse foi despertado.

— Ele não tinha permissão? Como assim?

— Conflito de interesses. Ele e John Parsons foram melhores amigos por vinte anos, e Gigi era uma boa amiga dele. O sargento disse que seria muito pessoal, então ele teve que ficar parado e assisti-los massacrar o caso. — Ele dá de ombros. — Papai sempre pensou que John era o culpado.

Addie se inclina para frente, prestando atenção em cada palavra de Mark.

— Seu pai era o Frank?

Mark arqueia uma sobrancelha.

— Sim, ele era.

Addie limpa a garganta.

— Minha avó mencionou o Frank uma ou duas vezes.

Ele ri.

— Sim, nós brincávamos juntos quando éramos mais jovens.

— Então, por que seu pai achou que foi John quem fez isso?

Mark dá de ombros.

— Não tenho certeza, para ser honesto, mas lembro que Gigi e John brigavam muito. Ele era realmente inflexível, mas não havia nenhuma evidência para provar isso. Eu era muito jovem naquela época, então minha memória pode ser um pouco dúbia. Mas havia algumas noites em que ele bebia uma garrafa inteira de Jack, sempre murmurando baixinho sobre fazer "ele" pagar pelo que aconteceu. — Ele faz aspas com os dedos para enfatizar a palavra *ele*. — Eu sei que a amizade deles se desfez após o assassinato dela. John era um alcoólatra atroz, e meu pai ficou arrasado por ter perdido dois bons amigos.

Os olhos de Addie estão arregalados de excitação. Claramente, ela se importa. Resolver o assassinato de Gigi significa muito para ela. Mas eu sei que ela está apenas tentando provar algo para si mesma.

Se não fosse pelo fato de ela ter seu próprio stalker, não sei se Addie teria se incomodado em descobrir quem assassinou a sua bisavó.

Não se trata de descobrir quem fez isso, trata-se de provar que o culpado foi o stalker de Gigi e mais ninguém. Tenho a sensação de que, se ela puder provar isso cem por cento, isso consolidará o fato de que todos os stalker são psicopatas assassinos, e ela pode finalmente me odiar e me excluir para sempre.

E tudo que isso me diz é que estou atravessando a fortaleza incrustada de diamantes que cerca o coração dela.

Ela quer algo concreto em que acreditar porque sua moral e crenças fundamentais estão sendo desafiadas.

O telefone de Mark toca, interrompendo qualquer outra pergunta que Addie estava se preparando para fazer. Mark olha para o aparelho e o

silencia, mas pelo jeito que seu rosto ficou sério, sei que algo está o distraindo.

— Era o meu sócio. Eu tenho que sair para resolver alguns negócios — ele começa, engolindo o resto de sua bebida e se levantando. — Mas ouça, vou organizar um evento de caridade na minha casa no próximo fim de semana. Seria uma honra absoluta se vocês dois pudessem comparecer.

— Oh, eu não sei… — Addie diz, o desconforto renovado. A última coisa que ela quer é fingir ser minha namorada por mais tempo do que precisa.

Imagino o que ela vai fazer quando nos casarmos e sua barriga estiver inchada com meu filho.

Vai ser um baita de um dilema pra ela.

— Por favor, ficaria insultado se você não aparecesse. Zack aqui tem sido um amigo maravilhoso, e eu ficaria com o coração partido se não visse vocês dois lá. — Notando a indecisão nos olhos dela, ele continua: — Se você quiser, podemos conversar mais sobre o caso de sua bisavó. Com meu pai sendo tão próximo de sua família, eu estava perto de John e Gigi enquanto eu crescia. Na verdade, Sera e eu brincávamos juntos o tempo todo. Tenho certeza de que há algumas informações em potencial chacoalhando na minha cabeça.

Otário.

Ele a está manipulando, e isso é um grande não-não. Ninguém manipula minha garota além de mim.

— Eu tenho algumas reuniões de negócios nesse fim de semana — interrompo, mantendo meu rosto controlado, mas ficando um pouco irritado com o interesse relutante nos olhos de Addie. Ela quer essa informação e Mark sabe muito bem disso.

Mark coloca a mão sobre o peito.

— Não é possível remarcar?

— Eu te confirmo amanhã — prometo. Ele concorda, satisfeito com essa resposta. O babaca está confiante de que eu vou dizer sim, e não tenho certeza se ele está errado sobre isso, agora que ele está amarradão na Addie.

Ele bate uma nota de cem dólares na mesa para cobrir a conta, se despede e vai embora. Sem a presença dele, parece que o ar se abre novamente e eu posso respirar. Ele, com certeza, tem um jeito de sugar tudo de bom do mundo quando está por perto.

Olho para Addie, e ela já está me encarando. Ela não diz nada, apenas espera que eu me explique.

Suspirando, eu me levanto da minha cadeira e estendo a mão, esperando que ela pegue. Sem surpresa nenhuma, ela a ignora. Pegando a bolsa do laptop, ela se levanta e me segue.

Eu a acompanho até o carro em silêncio, e ela não me afasta.

— Eu não vou deixar você a menos de três metros daquele lugar. O fato dele saber sobre você nunca deveria ter acontecido — digo com firmeza. Chegamos ao SUV dela. Ela destranca a porta, mas não se move para entrar ainda.

— Eu também não quero me envolver — ela retruca. Ela desvia o olhar, contemplando algo enquanto morde o lábio inferior. A vontade de chupá-lo entre meus próprios dentes ressurge. — Eu não sei em que diabos você está envolvido, Zade, claramente algo que eu provavelmente não quero saber, mas acho que me manter longe disso é um pouco tarde demais. — Ela suspira, preparando-se para o que quer que vá dizer a seguir.

— Você já colocou homens perigosos atrás de mim, então o que é mais um, certo? Eu vou com você desta vez. Vou conseguir as informações de que eu preciso, e você consegue tudo o que precisa dele.

Eu nunca disse a ela que precisava de algo dele, mas acho que ela pode

sentir que estou envolvido com esse homem por um motivo.

— Depois, podemos fingir que terminamos. Você pode *realmente* sair da minha vida já que estamos falando nisso, talvez levar Max e eles com você, e isso será o fim de tudo.

Eu arqueio uma sobrancelha, e seus olhos travam no movimento.

Não é tão simples quando se trata do submundo da Society. Quando você está lidando com pessoas realmente más, você não sai. Mark está de olho em Addie, quer ela perceba ou não. E se nós "terminássemos" – o que nunca aconteceria – ela fica desprotegida.

Em vez de dizer tudo isso, apenas aceno com a cabeça.

— Você virá comigo só desta vez. Você estará segura e protegida. E depois, prometo que Mark nunca mais vai ver você.

Porque eu vou matá-lo.

Eu só preciso aguentar isso um pouco mais até que eu possa obter as informações de que preciso.

— E o resto? — ela força, estreitando os olhos.

— Se você está esperando que eu diga que vamos terminar, você está mais delirante do que acha que eu estou. Nunca haverá um fim para mim e você. Mas posso garantir que Max não será mais um problema. Ele e eu tivemos uma boa conversa, e ele prometeu ser um bom menino.

Seus olhos se arregalam.

— Você o ameaçou?

— Bem, o que mais eu faria, querida? Pedisse gentilmente a ele ou dissesse por favor?

Os lábios dela se curvam.

— Você provavelmente só o deixou mais irritado.

— Se ele milagrosamente desenvolver um par maior do que as bolas de pingue-pongue que ele está balançando entre as pernas e tentar te machucar,

cuidarei dele.

Ela franze o nariz, e acho que ela não consegue se decidir se quer questionar como eu sei o tamanho das bolas dele. Prefiro não reviver aquele pesadelo.

— Cuidará como? Você vai matá-lo também?

— Claro que vou. Lentamente, também. Começarei cortando o calcanhar de Aquiles para que ele não possa correr, e então...

— Isso é fodido, você vai parar na cadeia — ela me corta, desgosto fazendo os lábios repuxarem. — Na verdade, espero que você vá para a prisão e seja condenado à morte.

Ela se vira com um grunhido, mas não dá um passo antes que minha mão estale, capturando seu braço e a puxando de volta, diretamente para o meu peito.

Addie inala bruscamente, seus olhos dilatando quando eu agarro sua nuca com uma mão e sua deliciosa bunda com a outra, levantando-a contra o meu corpo.

— Você será minha última refeição, querida?

Sua respiração trava. Aqueles olhos castanhos claros estão arregalados e cheios de emoção. Choque. Temor.

Desejo.

Eu me inclino para perto, minha boca pairando a apenas um centímetro da dela.

— Você tem gosto do paraíso. Eu poderia me deleitar com esta boceta doce por horas e ainda morrer um homem faminto. Será o mais próximo que chegarei de Deus antes de darem aquela injeção letal, você não concorda?

Ela está sem palavras, então eu aproveito e capturo aqueles lábios doces com os meus. Ela fica tensa sob meu aperto, mas não se afasta. O sabor frutado de sua margarita floresce na minha língua, e não posso deixar de

gemer.

— Você tem gosto da porra do nirvana — murmuro, antes de chupar seu lábio inferior em minha boca. O mais leve gemido escapa dela, e é o suficiente para me deixar louco de fome. Estou faminto e apenas as profundezas de seu corpo alimentarão o monstro.

As mãos de Addie apertam a frente do meu moletom enquanto eu a devoro. A mão em concha em sua bunda cheia desliza para baixo até que meus dedos estão roçando sua boceta vestida de jeans. Segurando-a por trás, eu a levanto mais alto, esfregando meu pau duro como pedra nela.

Seu próximo gemido é livre de restrições, soando alto e claro enquanto vibra na minha língua.

— Mamãe, eles estão fazendo sexo?

A voz alta de uma garotinha quebra a energia da luxúria. Addie me empurra violentamente e se dá um passo para trás, batendo em seu carro para se afastar de mim.

— Penny, entre no carro! — a mãe exclama de algum lugar atrás de mim. Os olhos arregalados de Addie vagam por cima do meu ombro, e o que quer que ela veja, seu rosto fica vermelho com uma cor preocupante. Ela está ofegante e corada pela vergonha e desejo.

Viro a cabeça para o lado, espreitando por cima do ombro para ver uma mulher loira conduzindo sua criança para o carro. Seu próprio rosto está vermelho. Ela me pega olhando e me lança um olhar desdenhoso. Eu apenas sorrio e volto para a minha ratinha trêmula.

Ela limpa a garganta, envergonhada, e posso dizer que encharcada, pelo rubor de suas bochechas e coxas apertadas. Ela olha ao redor, ruborizando mais com a consciência de que estamos em um estacionamento em plena luz do dia.

— Isso foi inapropriado, não... não faça isso de novo. Apenas me

mande uma mensagem com os detalhes, ok? — ela dispara, gaguejando suas palavras. Ela vai virar, mas para. — Ah, e você pode me mandar uma mensagem de um número normal, porra? Eu sei quem é você agora. Pare de tentar ser engraçadinho.

E com isso, ela entra em seu carro com um bufo irritado e bate à porta.

Apesar da confusão em que acabamos de nos encontrar, eu rio, mordendo meu lábio inferior inchado entre os dentes. Ela olha duas vezes pela janela, seus olhos travando na minha boca.

Então ela parece se sacudir, ligar o carro e acelerar, os pneus cantando com a urgência de se afastar de mim.

Eu adoro quando ela foge.

CAPÍTULO 23

A MANIPULADORA



— Você está indo para onde e fazer o quê? — Daya grita pelo telefone. Suspiro, fechando os olhos em resignação. — E com quem? Zade? Esse é o nome do seu stalker?

— Sim. — Eu mordo meu lábio. — Eu não sei se eu realmente tive uma escolha... — Eu paro. Porque isso não é totalmente verdade. Zade ia dizer não para Mark. Mas eu o fiz dizer sim. Mark tem informações sobre Gigi e, supostamente, tem informações valiosas para Zade também.

— Olha, eu não sei no que esse homem está metido, Daya. Mas seja o que for, é realmente muito sério. E posso dizer que ele realmente tentou evitar a situação.

— Como diabos isso aconteceu, Addie? — Daya pergunta, frustração evidente em seu tom.

— Eu estava trabalhando no meu manuscrito no Bailey's quando Zade e uma porra de um *senador* se aproximou de mim, se apresentou e disse que queria conhecer a namorada de Zack. Zade estava olhando para ele como se

quisesse matá-lo. E ele me pediu para acompanhá-lo até que ele pudesse se livrar de Mark. Para encurtar a história, o pai de Mark era o melhor amigo do meu bisavô, John. Ele disse que me contaria mais se eu concordasse em ir à festa.

— Então, o homem manipulou você — Daya disse impassível.

Eu suspiro.

— Basicamente — digo, antes de esfregar meus lábios.

Daya fica em silêncio, e se não fosse por sua respiração raivosa na outra linha, pensaria que ela tinha desligado. Não a culparia se o fizesse.

Vou a uma festa com meu stalker.

Tudo isso apenas por algumas informações que talvez nem me ajudem.

— Addie, o que esse homem faz da vida?

Eu pisco.

— Eu não tenho certeza, para ser honesta — respondo com sinceridade.

— Ele não é o Z, é? Porque isso seria insano, mas também faria sentido.

Eu franzo a testa.

— O que faz você pensar que ele é? Você sabe alguma coisa dessa organização ou algo assim?

Daya hesita antes de admitir:

— É para eles que eu trabalho.

Minha boca se abre.

Ouvi falar da Z nas redes sociais e nos meios de comunicação. É uma enorme organização de vigilantes construída para destruir o governo. Um tipo de organização *nós para o povo*, e basicamente o inimigo público número um do governo.

Eu sabia que Daya era uma espécie de vigilante, só não sabia que ela trabalhava para a Z. Nesse caso, não parece que ela está ciente de uma

conexão entre Mark e a organização.

E se Zade é realmente quem ela pensa que é, isso significa que agora estou envolvida em algo muito maior do que eu pensava, se até Daya não sabe sobre isso.

Deus, poderia Zade realmente ser o Z? Isso explicaria sua capacidade de passar pelas minhas câmeras de segurança. Porém, mais do que isso, explicaria por que ele fez amizade e escondeu sua verdadeira identidade de um maldito senador. Como diabos eu fui tão azarada em ter o maior hacker de todos me perseguindo?

Eu nunca tive a menor chance.

— Não sei, Daya. Eu, honestamente, não sei. Eu só... realmente quero resolver este caso. Gigi não merecia o que aconteceu com ela. E acho que Mark pode nos dar algumas dicas sobre o caso.

— Addie, eu te amo, mas você é louca. Existem outras rotas para percorrer, você não precisa ir a uma maldita festa de um senador com um maldito stalker para obter um pouco de informação. Um stalker que pode ser um hacker e vigilante de renome mundial.

Ela está certa.

Um ponto totalmente válido.

Mas eu mentiria se dissesse que ir à festa hoje à noite não mexeu com algo no meu peito que me faz sentir extraordinária. A emoção, a adrenalina... o perigo. Isso mexe com algo profundo no meu núcleo também.

Esses sentimentos me chamam e sou fraca demais para ignorá-lo.

Mas isso é algo que eu nunca poderia explicar para Daya. Ela é muito lógica, sensata e *inteligente*. E ela não é uma viciada em adrenalina como eu, e sem dúvida, sou. Ela não se emociona com o perigo.

Eu deveria ter sido uma dublê ou algo assim.

— Sei que você vai pensar que eu sou ainda mais louca do que já sou,

mas, pelo menos para esta ocasião, eu realmente sinto que Zade vai me proteger. Na verdade, eu sei que ele vai.

É a vez de Daya suspirar.

— Honestamente, não duvido disso, Addie. Se ele é quem eu acho que ele é… ele está fazendo algo de bom no mundo. E ele está claramente obcecado por você, e de uma maneira muito doentia, mas pelo que parece, ele não é o típico stalker que quer matá-la. Eu acho que ele realmente quer estar com você e está lidando com isso de uma maneira assustadora pra caralho.

Eu rio mesmo que não seja uma situação engraçada. Não é necessariamente algo para menosprezar, considerando que não sabemos se ele vai mudar de ideia e me matar, mas isso me faz sentir melhor.

— Apenas, por favor, tenha em mente que você não conhece esse cara, e ele pode não ter boas intenções.

Eu rio secamente.

— Confie em mim, eu não esqueci.

— Quando é essa festa?

Eu torço meus lábios pintados de vermelho e me dou uma lenta olhada no espelho. Estou usando um vestido sem alças vermelho, a metade superior incrustada com milhares de pequenos pontos brilhantes em todo o material rendado. A metade inferior se molda ao meu corpo como uma segunda pele com uma grande fenda cortando todo o caminho até o meio da coxa. Saltos dourados com tiras brilhantes adornam meus pés, enquanto meu cabelo está em ondas, os cachos caindo ao redor dos meus ombros.

É sexy e elegante.

Zade o enviou para mim, e meu lado rebelde quase o jogou fora para encontrar meu próprio maldito vestido. Mas minha imaginação levou a melhor.

E eu não pude deixar de imaginar o olhar em seus olhos quando ele me

visse usando o vestido e os sapatos que ele escolheu para mim. Fiquei horrorizada com o frio na barriga que tive pelo desejo incessante de dar vida a essa imagem.

— Hoje à noite — digo baixinho, uma carranca puxando meus lábios.

O que você está fazendo, Addie?

***

Zade me pega em um Mustang clássico. O metal brilha ao luar, reluzindo como se tivesse sido construído para ser visto após o pôr do sol.

Trêmula, desço os degraus da varanda. Eu aperto meu longo casaco em volta do meu corpo, em parte para afastar o frio e em parte para afastar a ansiedade agitando meu interior.

Eu não posso dizer se tenho um mau pressentimento sobre esta noite ou não. O que eu sei é que, aconteça o que acontecer, vou ver Zade sob uma luz totalmente nova e descobrirei mais coisas sobre ele. Coisas que podem me fazer odiá-lo mais... ou menos.

E o último é o que eu mais tenho medo.

Antes que eu possa ir até o carro, a porta do lado do motorista se abre e uma perna vestida de terno surge.

O oxigênio cristaliza em meus pulmões quando Zade dá uma última tragada em seu cigarro antes de jogá-lo no chão e apagá-lo. A fumaça sai de sua boca enquanto ele olha para mim por baixo dos olhos semicerrados.

Jesus Cristo.

— Você não devia jogar lixo na rua — digo com a voz rouca, ganhando um leve sorriso em troca. Ele se abaixa, pega a ponta do cigarro e a coloca no bolso.

— Desculpe, querida — ele murmura. — Não vai acontecer de novo.

Eu mal posso dizer obrigada já que estou muito extasiada pelo deus sombrio diante de mim.

Ele é absolutamente de tirar o fôlego. E eu gostaria de culpar o ar frio do outono pelo gelo em meus pulmões, mas não dá para me enganar.

Zade está adornado com um terno todo preto. Cada centímetro do tecido costurado na medida exata de seu corpo. Isso se encaixa impecavelmente, moldando-se aos seus braços musculosos, cintura fina e coxas grossas.

Meus joelhos enfraquecem, junto com minha determinação.

Eu tenho o desejo mais insano de me virar, voltar para aquela casa e me curvar sobre o sofá, e deixá-lo foder o resto de qualquer sanidade que eu tenha em mim.

Eu quero delirar em seu pau, e para piorar as coisas, eu sei que ele absolutamente superaria todas as minhas expectativas se eu deixasse.

Um deus?

Eu nem consigo terminar esse pensamento antes que ele esteja andando em minha direção, um sorriso sombrio e pecaminoso no rosto.

O terno preto não faz nada além de escurecer sua aura. Zade é Hades, saindo do submundo e causando estragos na minha pequena vida tranquila. A cicatriz perversa cortando seu olho quase branco, com seu outro olho quase preto é uma combinação que só poderia ser forjada no Inferno.

Só não é justo, porra.

— Você é magnífica pra caralho — ele rosna, enquanto caminha em minha direção, seus sapatos brilhantes refletindo o luar. Sua voz está mais profunda que o normal, mais esfumaçada. Mais mortal.

É só quando sua mão sobe em direção ao meu rosto que noto a única rosa vermelha nela. Ele desliza a flor atrás dos meus cachos, contendo um sorriso enquanto o faz.

Eu prendo minha respiração. Eu me sinto como um rato preso em uma armadilha, com meu predador lambendo os lábios, pronto para me comer viva.

Antes que eu possa abrir a boca, ele está se pressionando em mim e agarrando meu casaco, arrancando-o e o tirando pelos meus braços. Eu suspiro, chocada com suas ações e o frio lambendo minha pele.

— Que diabos…

— Você usou o vestido que eu comprei para você — ele interrompe, seus olhos incompatíveis percorrendo todo o meu corpo.

Eu engulo e olho feio para ele.

— Usei por conveniência. Odeio comprar vestidos.

Ele mal registra a minha resposta – nós dois sabemos que não é por isso que eu o usei – e concentra sua atenção em cada centímetro do meu corpo. Chamas lambem suas pupilas enquanto o calor em seu olhar se intensifica.

Meu casaco está pendurado em sua mão, e eu o encaro, desejando que magicamente apareça de volta no meu corpo.

Um suor frio brota na minha testa. Eu me sinto exposta, e o jeito que ele está olhando para mim está me queimando de dentro para fora.

Estou apenas... desconfortável pra caralho agora.

Eu estendo minha mão com expectativa.

— Você terminou de manter meu casaco como refém? Estou congelando.

Seus olhos finalmente voltam para os meus. Um arrepio percorre minha espinha, deslizando contra minhas terminações nervosas.

Deus, o jeito que ele está olhando para mim deveria ser ilegal.

Em vez de fazer o que eu peço, ele pega minha mão estendida e a inspeciona de perto, sua sobrancelha franzida enquanto ele se concentra.

— O que você está fazendo, Zade?

Uma pequena inclinação de seus lábios e minha boca seca instantaneamente. Eu nunca vou superar a facilidade com que ele se transforma de homem em animal.

— Apenas tentando imaginar qual anel ficaria melhor no seu dedo — diz ele levemente. Como se ele não tivesse simplesmente enviado meu coração voando para minha garganta.

Engolindo em seco, eu retiro minha mão da dele.

— E se eu não quiser um? E se dissesse não?

Lentamente, ele arrasta os olhos até os meus, e a intensidade de seu olhar me faz questionar por que não consigo ser agradável pelo menos uma vez. Isso economizaria tempo e me pouparia de ver seus traços suaves que nunca deixam a decepcionar. Pelo menos, não completamente.

Talvez eu esteja apenas viciada no medo e excitação que ele desperta em mim quando me olha... simples assim.

Como a fera se preparando para consumir sua presa, de forma dolorosamente lenta. E espero que ele faça isso devagar. Arraste ao máximo a tortura de ser pega entre os dentes de Zade.

Sua mão desliza lentamente pelo meu peito, gentilmente passando os dedos pela base do meu pescoço. E então, em um instante, sua mão está agarrando minha garganta, segurando firme.

Eu suspiro, meus olhos se arregalando enquanto seus lábios se curvam em um sorriso sinistro.

— Eu posso colocar uma coleira em volta desse seu lindo pescoço em vez disso. Então, você não teria a opção de dizer não. Você seria apenas minha boa garotinha que faz tudo o que seu mestre diz. Você preferiria isso, querida?

— Não — rosno, mas tem gosto de mentira. — Você não é meu dono. Você nunca vai ser.

Seus olhos se estreitam e meu coração para por um segundo.

— Tire meu cinto, Adeline. — Eu fico boquiaberta para ele, e quando não faço um movimento, sua mão aperta. — Faça-me pedir de novo e veja o que acontece.

Apertando minha mandíbula, eu estendo a mão e desfaço o cinto preto em volta de sua cintura. Eu o puxo, não me importando se quebrar. O movimento o sacode, e ele apenas sorri de volta.

Ele é mau.

Penduro o cinto entre nós como se estivesse segurando uma cobra morta. Com o sorriso ainda em seu rosto presunçoso, ele o pega de mim e solta minha garganta.

Assim que eu respiro fundo, ele está enrolando o cinto em volta do meu pescoço, passando-o pela fivela e puxando com força. Meus olhos se arregalam como se eu fosse um peixe, o metal mordendo minha pele enquanto o cinto se aperta.

A cobra não estava morta, tornou-se uma píton enrolada na minha garganta.

Minhas mãos instintivamente agarram o cinto, mas Zade as empurra para longe.

— Você pode respirar, ratinha. Não entre em pânico.

Leva vários segundos de hiperventilação para perceber que ele está certo. Eu posso respirar. Só não muito bem.

Quando me acalmo, lágrimas brotam dos meus olhos enquanto olho de um jeito furioso para Zade. Seu sorriso só aumenta.

— Eu acho que isso vai servir por agora — ele murmura, observando meu corpo trêmulo. Rajadas de vento gelado me tocam, e eu estremeço em resposta, arrepios espalhados pela minha pele exposta.

— Agora fique de joelhos.

Mais uma vez, meus olhos se arregalam, embora desta vez em indignação.

— Você deve estar me zuan…

Ele aperta o cinto novamente, e eu tusso com o esforço. Olhando para ele um pouco mais, eu fecho minha boca, levanto meu vestido e me agacho, certificando-me de que o tecido está no meu colo e longe do chão lamacento.

Não vou estragar este vestido para que ele possa fazer sua performance de poder.

Segurando a extensão do cinto em uma mão, Zade gesticula para suas calças. Rosnando, eu desabotoo e abro o zíper dele, quase me engasgando com a própria saliva quando seu pau salta livre.

Deus, acho que nunca vou me acostumar com isso. É muito maior do que o que é considerado humano. Ser fodido por isso é simplesmente *desumano*.

Fervendo, eu nem espero que ele cuspa mais ordens de sua estúpida boca. Eu agarro seu pau e engulo de uma vez.

Ou tento.

Eu nem chego até a metade antes que ele esteja agarrando meu cabelo, mechas se soltando do meu couro cabeludo enquanto ele suga uma respiração afiada.

— Porra, Addie. Eu não…

Ele que se foda.

Lutando contra seu aperto, eu o engulo novamente, acariciando minha língua contra a sedosidade de seu pau e correndo a ponta ao longo de suas veias e até a parte inferior de sua cabeça.

Agora é ele quem está se engasgando.

Eu olho para ele, lágrimas ainda revestindo as bordas das minhas pálpebras enquanto eu o tomo mais fundo. Ele está olhando para mim com

admiração e uma intensidade que o faz parecer um pouco louco.

Rosnando de prazer, ele aperta o cinto até minha visão escurecer. Mas se ele acha que isso vai me impedir, ele está delirando.

Contraindo minhas bochechas, eu o chupo mais forte. Lutando contra seu aperto mesmo enquanto ele me sufoca.

Eu uso minha mão para envolver o comprimento que minha boca não pode alcançar, mesmo quando o sinto passar a barreira da minha garganta apertada. Estou o engolindo o mais fundo que ele pode ir, e minha mão ainda não cobre totalmente seu comprimento.

Torcendo minha mão enquanto deslizo meus lábios manchados de vermelho ao longo de seu pau, penso em todas as maneiras que quero matá-lo. E enquanto minha visão fica embaçada, a escuridão surgindo nas bordas, eu me pergunto quem vai morrer primeiro.

Um por falta de oxigênio, ou outro por falta de sangue quando eu o morder.

Ele geme mais forte, seus olhos faiscando antes de acender em chamas.

— Parece que essa boca sabe fazer mais do que ameaças inúteis.

Fervendo, eu roço meus dentes ao longo de seu pau, certificando-me de que ele leia a intenção em meus olhos. Ele mostra os dentes.

— Porra, eu te desafio, ratinha. Você acha que eu não vou conseguir quebrar sua mandíbula antes que seus dentes rasguem a pele? Me teste.

Eu estou tentada. Mas acredito nele. No segundo em que meus dentes cavarem muito fundo, minha mandíbula vai acabar no chão e meu pescoço provavelmente vai quebrar se ele puxar o cinto com força suficiente.

Eu me certifico de que ele veja a rebelião em meus olhos. Não retiro meus dentes, mas também não tento machucá-lo. Em vez disso, faço o oposto do que ele espera.

Reviro os olhos como se tivesse acabado de dar uma mordida na

sobremesa mais deliciosa que já comi e gemo ao redor de seu pau, vibrações viajando por seu comprimento.

Ele amaldiçoa, o cinto afrouxando uma fração. Eu trabalho nele mais forte até que ele esteja rosnando profundamente, o som feroz e certamente enviando os animais correndo para a floresta.

Um predador está à solta, mas sou eu quem o deixa de joelhos.

— Você está fingindo, Addie — ele ofega, chamando minha atenção. — Mas não finja que sua boceta não está salivando tanto quanto sua boca.

Por mais que eu queira dizer a ele o quão errado ele está... eu não posso. A umidade entre minhas coxas é prova suficiente. Mas ele não pode ter isso também. Ele não pode me tirar o poder e me transformar em uma poça de desejo e desespero. Então, eu aperto minhas coxas e ignoro a necessidade do meu corpo.

Meus olhos presos se prendem aos seus quase enlouquecidos, a mão no meu cabelo flexiona até que eu não possa mais me mover por minha própria vontade. Meu único aviso de que seu controle se rompeu. O cinto aperta novamente, e minha cabeça está imobilizada enquanto ele enfia seu pau na minha garganta.

Eu me engasgo, lágrimas derramando sobre minhas pálpebras, mas isso só parece incitá-lo ainda mais. Ele se retira quase até a ponta antes de dirigir seus quadris para frente até que minha boca esteja cheia.

— Você vai engolir minha porra como uma boa garotinha? — ele provoca. Eu não posso me mover, ou realmente responder a ele. A única coisa que posso fazer é me preparar enquanto ele se enterra profundamente na minha boca e goza na minha garganta.

— Porra, *Addie* — ele ruge, rosnando enquanto inunda minha boca mais rápido do que posso engolir. Sua semente escorrega dos meus lábios e escorre pelo meu queixo.

Não consigo respirar. Mal consigo pensar. Meus pulmões estão privados de oxigênio, e quando penso que vou desmaiar, ele se libera com outro grunhido, soltando o cinto ao fazê-lo.

Respiro fundo, tossindo várias vezes enquanto tento recuperar tudo o que perdi. Ar, moral... até um pouco do meu cabelo.

Mas não perdi minha maldita dignidade. Não quando eu assumi o controle daquela situação. Isso foi nos meus termos, não nos dele.

Fungando, eu limpo minha boca e agradeço a Deus que usei um batom que não sai por nada nesse mundo. Eu me levanto e limpo a parte de baixo dos meus olhos, limpando-os do rímel e delineador enquanto ele se endireita e desliza o cinto de volta em volta da cintura.

Então eu arrumo meu vestido, tiro a rosa do meu cabelo e passo por ele, arrancando meu casaco de sua mão e o jogando por cima do ombro enquanto caminho.

Sua risada sombria me segue, mas de alguma forma, suas longas pernas conseguem avançar no espaço mais rápido. Ele me leva até o carro, abrindo a porta com um sorriso divertido no rosto.

— Sua carruagem à espera, querida — diz ele, seu tom baixo e pecaminoso.

Oh, que belo cavalheiro você está fingindo ser.

Faço uma expressão de zombaria para ele enquanto deslizo, recusando-me a ficar envergonhada. A porta se fecha e o cheiro de Zade me envolve. Couro, especiarias e uma pitada de fumaça.

Todo o interior do carro é preto, couro macio e sedoso. Mas o que me deixa sem palavras são as engenhocas que decoram seu carro. Há tantos interruptores, telas – um *laptop*? – e assim por diante, que eu nem sei o que diabos estou olhando.

Quando ele desliza em seu assento e dá a partida, eu me encolho contra

a porta. Andamos em um silêncio afetado. Não é necessariamente estranho, mas é tenso. Carregado. A tensão sexual no carro faz com que pareça dedos passeando pela minha pele e me arrepiando como zumbis saindo de seus túmulos.

O que aconteceu do lado de fora da minha casa parecia um prelúdio para algo que não tenho certeza se sobreviverei. Estou respirando o ar estático e parece que, a cada inspiração, estou separando peças de roupa recém-saídas da secadora.

— A que distância fica? — pergunto, minha voz rouca e áspera. Minha garganta vai doer por vários dias.

Ele olha para mim, sua mão apertando o volante. Eu nunca soube que o ato de dirigir um veículo poderia parecer tão pornográfico até agora.

— Vinte minutos se o trânsito estiver bom.

— Acho que agora seria um ótimo momento para explicar do que se trata essa coisa toda. O que você faz para viver? — questiono, a conversa com Daya ainda fresca em minha mente.

— Eu hackeio bancos de dados governamentais e militares, e exponho crimes contra a humanidade. Eu também levo as coisas um pouco mais para o lado pessoal e me infiltro na vida de funcionários que se provaram corruptos ou maus.

Minha boca se abre, mas nenhum som escapa.

Ah, merda.

— Você é a Z.

O sorriso se alarga.

— Você finalmente descobriu. Daya te disse isso?

Meus olhos se arregalam.

— Você a conhece? — pergunto incrédula.

Ele dá de ombros.

— Ela é uma das centenas que trabalham na minha organização — explica ele. — Não a conheço pessoalmente. E eu, certamente, nunca a encontrei ou falei com ela. Mas sei sobre todo mundo que trabalha para mim.

Eu balanço minha cabeça, perplexa.

— Você é o chefe dela?

— Eu acho que você poderia dizer isso. Comecei minha organização do zero e, quando ela ficou grande o suficiente, aceitei muitas pessoas. Eles têm suas tarefas e as pessoas a quem se reportam. Mas todos temos o mesmo objetivo.

— Qual é? — Eu pressiono.

— Trazer as meninas para casa.

Meu peito se contrai e tenho uma vontade repentina de... não sei, fazer alguma coisa. Não sei como estou me sentindo. Completamente desnorteada, para começar.

Viro a cabeça para olhar pela janela, contemplando suas palavras. Ele está sendo sincero, mas tenho a sensação de que ele ainda está se escondendo algo.

— Então, você está ajudando a salvar crianças e mulheres do tráfico sexual — concluo. Embora não pareça mentira, parece muito... simples.

— Sim — ele confirma. — Eu faço meu próprio trabalho para trazer os fundos para apoiar a organização. Felizmente, é algo que permite que eu, meus funcionários e todos os sobreviventes que resgatamos vivamos confortavelmente. Mas essa não é a única coisa que fazemos. O governo tira vantagem do público de mais maneiras do que roubar seus filhos. A escravização de crianças e mulheres é apenas o meu foco principal.

— Ok — digo lentamente, tentando ignorar a agitação no meu estômago. — No que exatamente Mark está envolvido?

Ele suspira, enrolando os dedos com mais força ao redor do volante.

— Ele realizou um ritual sádico em uma criança. Um sacrifício de algum tipo. Alguém gravou e vazou um vídeo disso acontecendo, e mais outro acabou de vazar.

Eu me encolho, fechando os olhos contra a dor no meu peito. Como alguém poderia fazer algo tão vil?

— Daya sabe o que está acontecendo com Mark?

— Não. Os rituais e o envolvimento de Mark foram mantidos em sigilo. Não estou pronto para expor isso até derrubá-los. É algo que tenho lidado, principalmente, sozinho.

Eu aceno, entendendo a implicação. Não conte a Daya.

— Então é por isso que você está sob um pseudônimo diferente. Por que não me dar um nome diferente?

— Porque você é uma cidadã comum e descobrir quem você realmente é seria tão incrivelmente fácil, é quase risível. Eu, por outro lado, nem tanto — ele responde, atirando outro sorriso na minha direção.

Ugh. A *arrogância*.

Seu rosto fica sério.

— É por isso que eu não queria você envolvida. Mas temo que Mark já tenha notado você e eu prefiro que você esteja perto de mim. Pelo menos assim, eu sei que você está segura.

Eu o encaro, olhando-o de perto. Ele está relaxado em seu assento, suas longas pernas abertas, uma mão sobre o volante e a outra descansando no braço entre nós.

Eu me forço a me concentrar e ignoro a forma como meu peito se aperta de apenas dar uma olhada nele.

Só porque o sol é bonito não significa que não seja perigoso olhar para ele, Addie.

— Eu acredito que você vai me proteger de Mark, mas quem vai me

proteger de você?

Seu olhar varre todo o meu corpo, e seus olhos brilham com possessividade.

— Quem tentar vai acabar morto.

Meus olhos se estreitam.

— Como você pode trabalhar para salvar mulheres enquanto persegue ativamente outra? — Eu o desafio, levantando uma sobrancelha.

Ele tem a coragem de parecer divertido. Eu não tenho ideia do que poderia ser tão engraçado sobre perseguir alguém.

— Eu nunca persegui ninguém antes de você — diz ele simplesmente. — Não fora do meu trabalho, pelo menos. Definitivamente, não para fins românticos.

Eu viro meu rosto pra ele, minha expressão cheia de incredulidade.

— Isso deveria me fazer sentir especial?

Um sorriso lento e perverso desliza em seu rosto, sem se incomodar com meu olhar cada vez mais ardente.

— Eu não me importaria se isso acontecesse.

Eu quero dar um tapa nele. Mas o idiota provavelmente iria gostar, e então se viraria e me bateria de volta. E meu eu *idiota* provavelmente gostaria disso também.

Estou fodida da cabeça. E lidar com esse homem me deixa num estado além do estresse. Isso simplesmente *não* pode ser bom para a minha pele.

Zombando, eu viro minha cabeça para a janela e passo o resto da viagem de carro em um silêncio tenso. A atmosfera só piorou, e não posso dizer se é porque agora sei que ele é um vigilante, salvando crianças e mulheres de pessoas más, ou se é porque ele confessou que só se transformou em um psicopata para mim. Ainda assim, ambas as perspectivas mudaram a maneira como eu olho para ele.

O último não deveria mudar de forma alguma, considerando que ele acabou de colocar seu pau na minha garganta enquanto me estrangulava com um cinto cinco minutos atrás.

Mas, porra, isso muda.

28 de setembro, 1945

Ronaldo não aceitou bem. Na verdade, ele explodiu completamente e ameaçou matar o John.
Eu não soube como lidar com uma ameaça como essa.
Ronaldo mencionou que ele já matou outros homens antes. Mas eu não sabia o que fazer quando isso estava diretamente ligado a uma pessoa por quem eu ainda tenho carinho.
Basta dizer que não lidei bem e gritei com ele. Ele me acusou de tomar o lado do meu marido quando, na verdade, eu só estou cansada das ameaças de violência.
Quando disse isso, ele imediatamente me levou para casa.
E eu preciso admitir que o olhar que ele me deu assustou um pouco.
A viagem de carro foi péssima.
Ele me deixou em casa faz apenas uma hora, e eu não parei de chorar desde então.
O que deveria ser um escape acabou de virar um pesadelo ainda maior.



CAPÍTULO 24

A MANIPULADORA



— Há alguma coisa que eu preciso saber antes de você me trazer para o ninho das cobras? — pergunto enquanto Zade dirige até o estacionamento.

Estacionamento com manobrista em sua própria casa. Essa merda deveria ser ilegal.

— Aqui, meu nome é Zack Forthright. Sou um milionário por mérito próprio e tenho minha própria empresa de web design. Nós moramos juntos no Casarão Parsons e somos um casal feliz, mas eu pulo a cerca e vou a clubes de cavalheiros sem o seu conhecimento.

Meus olhos saltam para os dele. Ele tem ido a *clubes de cavalheiros*? Tipo, os clubes que oferecem mulheres em uma bandeja de prata para os homens se divertirem? Clubes de cavalheiros de pessoas ricas, aqueles ocupados por sádicos corruptos. Quem sabe o que acontece nesses lugares com essas pobres mulheres?

Sentindo meus pensamentos, ele sorri.

— Antes que você julgue, eu não fiz e nunca vou me entregar ao que

eles oferecem lá e, eventualmente, vou tirar todas essas garotas de lá. Mas eles não sabem disso. Não tenha ciúmes, ratinha. Ninguém jamais será capaz de deixar meu pau duro, exceto você.

O heroísmo guerreia com sua suposição imprudente. Parte de mim quer derreter, enquanto a outra, endurece em granito por ser acusada de tal coisa.

Eu reviro os olhos.

— Eu não estou com ciúmes — eu retruco. — E, para mim, parece que você tem disfunção erétil.

Ele reprime um sorriso, um olhar conhecedor brilhando em seus olhos. Sua voz se aprofunda enquanto ele fala preguiçosamente:

— Continue, e você vai se engasgar com essas palavras quando meu pau estiver enchendo sua garganta novamente. Todos que passarem me verão fodendo sua boquinha suja, e não haverá uma única pessoa naquela casa que não esteja ciente disso quando eu terminar.

Eu zombo, virando minha cabeça para longe dele. Apenas para esconder o rubor que sinto subindo pelas minhas bochechas e a emoção poderosa percorrendo a minha espinha. Ainda sinto a mordida fantasma de metal da fivela de seu cinto em volta do meu pescoço, e sei com toda certeza de que Zade cumpriria sua ameaça se eu forçasse a barra.

Idiota.

Ele continua como se não tivesse acabado de me servir a ameaça mais deliciosa que já ouvi.

— Não fale de sua vida pessoal. Nada que signifique alguma coisa para você de qualquer maneira. Você está aqui para obter informações sobre Gigi, e isso é um incentivo suficiente.

— Incentivo? — interrompo, virando minha cabeça para ele.

— Você está entrando no ninho da víbora porque Mark encontrou algo com o qual você se importa e está segurando isso sobre sua cabeça — explica

Zade claramente. Eu fecho minha boca, arrependida e um pouco preocupada.

— Se ele descobrir mais alguma coisa com que você se importe, isso será algo que ele usará a seu favor se tiver a chance.

Minha boca se escancara.

— Mas não se preocupe — diz ele, interrompendo antes que eu possa exigir que ele me leve para casa. — Vou esfolar a pele do corpo dele antes que ele possa sequer pensar em fazer qualquer coisa para machucá-la.

Com isso, ele abre a porta, sai e joga as chaves para o manobrista que espera, fechando a porta com firmeza e cortando qualquer pergunta que eu tinha na ponta da língua.

Tipo... posso ir para casa agora?

Estou me perguntando se vale a pena resolver o assassinato de Gigi ao me envolver com pessoas perigosas. Mas é muito tarde. Estou aqui, e estou determinada a responder pelo menos mais algumas das minhas perguntas antes que Zade me leve para casa.

Tenho a sensação de que não estou apenas colocando minha segurança nas mãos de Zade esta noite, mas minha vida.

Porque estou entrando na casa de um homem mau, não preciso que Zade soletre isso para mim.

Zade abre minha porta e estende a mão para eu segurar enquanto deslizo para fora do carro. Eletricidade explode de onde sua mão segura a minha, e tudo o que eu realmente quero fazer é guiar suas mãos para outras partes do meu corpo.

Eu sugo o ar gelado, o frio oferecendo um bálsamo para o meu interior, e me permitindo clareza suficiente para me concentrar em tudo, exceto o homem dominador ao meu lado.

A casa de Mark é ostensiva. Uma monstruosidade branca com cinco pilares enormes e um milhão de janelas. Na minha opinião, a casa é feia,

típica e, francamente, chata.

O interior é ainda pior. Entro em um grande e largo corredor com porta-retratos alinhados em ambos os lados da parede de quem suponho ser a família de Mark. Meus saltos batem contra o azulejo marfim, e não posso deixar de pensar que vai ficar marrom depois de todos os sapatos que pisarão nele.

Somos conduzidos por um mordomo pelo corredor, passamos por uma cozinha toda branca e entramos em um salão de baile.

Um maldito salão de baile.

Do tipo que você vê em filmes de 1800, quando encontrar seu futuro marido ou esposa dependia de ir a um baile.

Três lustres maciços pendem do teto dourado, arcos de madeira esculpida entre cada luminária. O chão é de um marfim brilhante, as pequenas manchas brilhando dos candelabros quase me cega. É como olhar para o maldito sol.

— Controle sua expressão — Zade murmura ao meu lado. Não é até que ele fala que eu percebo que meu rosto estava contorcido em um olhar de desgosto.

Não porque o lugar é feio, mas porque é muito... pretensioso e chamativo. Não preciso ver o resto da casa para saber que o lugar grita *olha para mim, tenho um zilhão de dólares e não tenho intenção de dividir a riqueza com milhões de famílias famintas ao redor do mundo.*

Mas o que eu sei? Sempre me perguntei se as pessoas que têm dinheiro para alimentar toda a população mundial tem permissão para fazê-lo. Todos os governos estão corrompidos. Talvez se você tentar salvar o mundo e roubar ativamente dinheiro dos bolsos dos ricos, você acordará morto um dia.

Eu suavizo meu rosto, colocando uma máscara em branco enquanto olho ao redor para as centenas de pessoas que ocupam o salão de baile. Todos

estão vestidos com esmero, os convidados variam de jovens adultos a pessoas que parecem estar no leito de morte.

Zade estende o cotovelo para mim, e cada sinal em meu cérebro me diz para desprezar o pedido. Mas isso é orgulho falando, e não estou em uma boa posição para deixar o orgulho tirar o melhor de mim. Detesto admitir, mas estou mais segura conectada a Zade.

Com firmeza, eu agarro seu cotovelo e me inclino para o seu lado. Parece que mãos que alisam argila estavam em nós. Não importa o formato dos nossos corpos, nós nos moldamos perfeitamente.

Eca.

Durante a hora seguinte, nos misturamos ao redor do salão de baile, conversando com pessoas aleatórias, muitos deles eram rostos familiares que vi no noticiário, discutindo sobre projetos de lei e leis que geralmente não fazem nada além de esmagar ainda mais o povo norte-americano.

Zade é encantador, seu comportamento calmo e um pouco reservado, mas ainda consegue atrair as pessoas até que elas estejam prestando atenção em cada palavra que ele diz.

A maioria presta atenção nas suas cicatrizes. Perguntas na ponta da língua que nunca veem a luz. Você pensaria que é porque é uma pergunta rude de se fazer, mas, na verdade, é porque Zade carrega uma intimidação nele como uma mulher com uma bolsa de grife.

Apesar disso, ele é um espetáculo para ser visto enquanto passeia pelo salão, conquistando a confiança e o interesse dessas pessoas em questão de minutos.

Não faço ideia de quem está envolvido na missão de Zade e quem não está, mas ele olha para cada uma dessas pessoas como se soubesse exatamente quem são e toda a sua história de vida. Talvez seja assim que ele os prende tão profundamente, ele os faz sentir como se se conhecessem há

anos.

Eu, por outro lado, não sou natural. A ansiedade social lambe meus nervos, mantendo minha frequência cardíaca bem acima do ritmo normal. Sorrio para os estranhos e rio de tudo o que dizem, fazendo o que faço de melhor e manipulo as emoções das pessoas com minhas palavras. Finjo que todos são leitores ávidos, e as palavras que estou falando estão impressas em folhas de papel em branco para seus olhos gananciosos consumirem.

De alguma forma, funciona até o ponto de desconforto, pois todos os olhos deles estão presos em mim enquanto respondo suas perguntas sobre minha carreira. Eu sigo o conselho de Zade e mantenho tudo vago e superficial, mas encontro palavras bonitas para fazer minha vida parecer mais interessante do que é. Até Zade parece ter dificuldade em desviar o olhar, e a ideia me dá um pouco de confiança.

Mas por dentro, parece que meu estômago é um buraco negro, esmagando minhas entranhas como um pedaço de papel amassado.

Em várias ocasiões ao longo da hora, Zade envolve seu braço em volta da minha cintura e aperta, seu aperto firme e reconfortante. Esses pequenos toques são âncoras, equilibrando minha cabeça e me lembrando que não estou sozinha.

Mark parece surgir do nada, juntando-se aos dois casais reunidos em torno de Zade, ouvindo-o falar sobre alguma interação que teve com outro senador. Eu acho que a história deveria ser engraçada, já que os casais estão rindo, mas eu mal consigo digerir uma única palavra que ele diz.

— Zack! Adeline! Estou tão feliz em ver que vocês dois conseguiram vir — Mark anuncia ruidosamente, interrompendo a história de Zade. Ele não parece nem um pouco incomodado. Tenho a sensação de que o conto foi inteiramente fabricado de qualquer maneira.

Parece que não sou a única boa em inventar besteiras.

— Mark — eu cantarolo alegremente, como se o rosto desse homem me trouxesse algum tipo de prazer. Ele compra a falsidade enquanto aperta a mão de Zade e me oferece um abraço caloroso.

Ou o que deveria ser caloroso. Mas, na verdade, é a mesma sensação que abraçar um réptil de sangue frio.

A pessoa ao lado de Mark deve ser sua esposa. Uma mulher mais velha com lindos cabelos ruivos – da cor de cerejas maduras – com batom vermelho e um vestido preto que parece enfeitar seu corpo frágil.

Ela abre os lábios em um lindo sorriso quando Mark a apresenta para Zade e eu. O que me irrita é que ele não nos diz o nome dela, apenas diz minha esposa. Como se ela fosse apenas uma posse e não uma pessoa com sua própria identidade fora de seu casamento com esse homem miserável.

— Prazer em conhecê-la, Adeline. Eu sou Claire — ela diz, segurando minha mão em um leve aperto de mão. Ela oferece a apresentação a Zade também, e o diabo dá um passo adiante e beija sua mão, prendendo seu olhar no dele.

Não fora sensual de forma alguma. Algo sobre isso parecia reconfortante, como se ele estivesse fazendo uma promessa que nem ela sabia que precisava.

O sorriso de Claire vacila e ela gentilmente puxa a mão do aperto de Zade. Ninguém, exceto minha sombra e eu, parecem notar sua mão se fechando em um punho apertado para diminuir o tremor.

Ela está nervosa. Assustada. E qualquer que fosse aquele momento com Zade, isso a abalou.

Não é preciso ser um gênio para descobrir que essa mulher é abusada. Meus olhos sutilmente procuram marcas em seu corpo, mas a gola alta, as mangas compridas e o vestido longo escondem tudo. É um vestido lindo, mas claramente desenhado para disfarçar as contusões que tenho certeza de que

estão manchando sua pele sob o tecido sedoso.

Os outros casais se afastam, sentindo que Mark está esperando uma conversa particular.

— Tenho mais alguns convidados para cumprimentar, mas, por favor, insisto que você me encontre em meu escritório em cerca de uma hora e se junte a mim para uma bebida. Meu mordomo, Marion, ficará feliz em lhe mostrar o caminho quando chegar a hora.

Zade sorri, parecendo relaxado. Talvez seja porque eu me familiarizei com o monstro instalado entre seus ossos, mas posso sentir a intenção sob sua tranquilidade fabricada.

— Claro, será um prazer — Zade responde suavemente.

— Excelente! — Mark explode, sorrindo largamente. — E Adeline, estou ansioso para falar com você sobre sua bisavó.

Ele sorri uma última vez, lançando-me um olhar demorado antes de sair com Claire a reboque.

Zade não estava errado. O homem está definitivamente explorando a única fraqueza que tenho... resolver o assassinato de Gigi. E algo me diz que ele vai manter as informações até conseguir o que quer.

O problema é que não sei o que ele quer de mim. Mas seja o que for, tenho um sentimento profundo em meus ossos de que é capaz de acabar com minha vida.

15 de novembro, 1945

Estou tão pálida, estou tremendo.
Ultimamente, tenho notado os hábitos de aposta do John. Ele agora chega tarde em casa, bêbado e bravo. Ele tagarela sobre o fato de que estão tentando enganar ele para roubar seu dinheiro, embora pareça mais que, seja lá quem forem essas pessoas, elas sabem que John não sabe jogar pôquer muito bem.
Independente disso, recebi uma carta hoje dizendo que nossa casa está no processo de execução hipotecária.
Normalmente, John é quem cuida das contas, já que é ele quem traz o dinheiro para casa. Mas aí descobri que todas as nossas economias foram esgotadas. Tudo.
Isso era o que ia usar para pagar a educação de Sera. E agora, não existe mais.
Fiquei em prantos.
Ele apostou todo nosso dinheiro, e parte de mim não consegue parar de achar que isso é culpa minha.
Antes do Ronaldo aparecer, nós éramos felizes...
E agora. Agora nós somos um barco destruído.
Quebrado, sem uma casa.



CAPÍTULO 25

A SOMBRA



Se eu passar mais um momento neste salão abafado, vou começar a atirar nas pessoas só para liberar um pouco da tensão. Há muitas cabeças nesta sala que eu não me importaria de enfiar uma bala.

Addie está ao meu lado, sua pequena mão segurando meu braço como se sua vida dependesse disso.

É viciante pra caralho.

— Vamos sair daqui — sussurro em seu ouvido. Seu cheiro doce de jasmim emana do ponto entre o pescoço e o ombro, e tenho que ranger os dentes contra a vontade de dar uma mordida.

Flashes dela de joelhos, aquela rosa vermelha em seu cabelo enquanto ela me chupava com um cinto em volta daquele pescoço delicado... *merda*.

Um rosnado escapa, e é preciso um esforço monumental para conter o sorriso satisfeito quando a sinto tremer.

Sua reação é mais potente do que uma droga. Isso me deixa delirantemente louco, e a necessidade de envolver minha mão ao redor de sua

garganta e fodê-la até que nenhum de nós possa respirar é esmagadora.

Essa mulher vai me reduzir a um animal.

Sua cabeça se aproxima da minha, suas sobrancelhas franzidas em confusão e o que quase parece raiva. Ela provavelmente pensa que eu pretendo deixar este lugar e negar a ela a chance de obter informações sobre sua bisavó.

— Calma, doce ratinha. Eu só quis dizer sair deste salão.

Ela relaxa, seus ombros cedendo um centímetro.

Não é preciso dizer que todos os convidados devem ficar dentro do salão de baile. Mas se ficar no lado seguro das regras e leis fosse algo que eu fizesse, eu não estaria onde estou agora.

Na casa de um senador com uma garota que não deveria me querer.

Eu pego sua mão, aproveitando a sensação de sua pele contra a minha enquanto a guio para fora do salão. Espero até que pareça que todos os olhos se desviaram de nós e deslizo pela porta e saio para um grande corredor.

Agora seria o momento perfeito para vasculhar a casa, ver o que posso descobrir no espaço seguro de um pedófilo. Mas, de um jeito totalmente egoísta, quero aliviar um pouco da tensão crescente nos ombros de Addie.

Ela está indo bem pra caralho até agora. Apesar da ansiedade óbvia, ela conseguiu fazer com que todas as pessoas na sala se apaixonassem por ela. Se alguma coisa, seu comportamento tímido, inocente e palavras suaves são como a dose diária de quaisquer pílulas que mantêm essas pessoas sãs.

Estou igualmente impressionado e perturbado com ela. Porque tudo o que essa mulher conseguiu fazer, foi com que essas pessoas quisessem vê-la de novo. E essa é a última coisa que nós dois queremos.

Pego meu telefone e envio uma mensagem rápida para Jay, pedindo que ele cuide das câmeras de segurança. Eu vi dezenas apenas da entrada do salão de baile, e tenho certeza de que Mark tem uma equipe assistindo

ativamente para garantir que ninguém faça exatamente o que estamos fazendo agora.

Mark seria alertado imediatamente e seríamos pegos antes mesmo de termos a chance de nos divertir.

Jay confirma que as câmeras estão configuradas, e Addie e eu partimos. Seus saltos batem contra o piso de ladrilhos enquanto nos esgueiramos pelo labirinto de corredores e quartos.

Ocasionalmente, abro portas e espio dentro, não encontrando nada de interessante. Isso até chegarmos a algum lugar longe o suficiente para que o barulho do salão de baile não penetre mais nas paredes.

No final de outro corredor há amplas portas duplas, a madeira de cerejeira se destacando contra as paredes cor de champanhe.

Eu me dirijo para as portas, Addie mal se mantendo atrás de mim.

— Zade, não deveríamos estar andando por aí. Nós vamos nos meter em problemas — ela implora, olhando para trás como se alguém estivesse em seus calcanhares. É a quinta vez que ela diz isso desde que saímos do salão de baile, mas seus olhos estão dilatados de emoção.

Ela não está me enganando com esse papo. Ela está com medo, nervosa. E esse sentimento nunca para de deixar sua boceta molhada.

A menina fica excitada com o medo. No momento em que percebi que ela estava excitada pelo terror que eu instilo nela, não havia chance de eu deixá-la ir. Ela foi feita para mim.

— Shh, amor — sussurro, silenciando seus protestos fracos. Sua boca se fecha de forma audível, e desta vez, eu não me incomodo em conter o sorriso.

Muito fácil.

Gentilmente, abro as portas, enfiando a cabeça para dentro para olhar ao redor. Leva um momento para meus olhos se ajustarem, mas meu sorriso

se alarga quando dou uma boa olhada no lugar escuro.

Eu olho para Addie, permitindo que ela veja meu sorriso convencido. Seus olhos se arregalam e outro protesto cresce em sua pequena língua afiada.

Puxando-a para dentro, eu rapidamente fecho a porta atrás dela e a deixo entrar no cômodo, mais uma vez silenciando suas objeções.

Um cinema.

Dez fileiras de cadeiras vermelhas confortáveis se alinham nas paredes e na frente dela há uma tela enorme, os lados se curvando para as paredes adjacentes para preencher a visão periférica do espectador. Dá o efeito de que você está dentro do filme, e eu sei exatamente o tipo de filme que ele assiste.

Noto as paredes acolchoadas e as portas hermeticamente fechadas. Esta sala é à prova de som, e estou quase com os joelhos fracos com o quão perfeita esta noite está se tornando.

— Zade, o que quer que você esteja planejando… — Sua voz desaparece quando vou até o projetor no fundo da sala.

Há uma tela de exibição, mostrando os controles do projetor, assim como milhares de opções de filmes para assistir. Alguns deles ainda nem chegaram aos cinemas.

Eu seleciono o último filme de terror, programado para sair em alguns meses. O que significa que Addie não viu, e a experiência será totalmente nova.

Espero que seja bom e tenha o efeito desejado que estou procurando.

— Zade, não deveríamos estar aqui — diz ela, recuando em direção à porta.

Eu rio.

— Sempre seguindo as regras — observo, mexendo nos botões da tela. — Diga-me, ratinha, você é próxima do seu pai?

Ela funga.

— Por que você perguntaria isso?

— Seu pai é advogado, não é? Um seguidor de regras. Imagino que você teve seu desejo de seguir as regras dele, não?

— Não. Eu não aprendi isso com ele — ela zomba

Faço uma pausa para olhar por cima do ombro, dando-lhe um sorriso malicioso.

— Você tem problemas com o papai, então?

— Eu não tenho problemas com o papai — ela retruca. — Quero dizer, eu realmente não tenho. Meu pai sempre meio que... esteve lá. Minha mãe era uma força da natureza que ele geralmente colocava em segundo plano. — Ela termina com outra fungada, parecendo um pouco desconfortável.

— Bem, se você não tinha problemas antes, você tem agora — eu falo lentamente, meu sorriso crescendo enquanto vejo um lindo rubor manchar suas bochechas.

Seus olhos se arregalam e sua boca cai em choque. Eu quero enfiar meu pau nela de novo só para dar um uso melhor. Suas habilidades são muito refinadas nessa área.

E pensar em *como* ela refinou essas habilidades me deixa em modo assassino por um momento.

— Você está dizendo que você quer ser meu paizinho nessa história? — ela gagueja incrédula, trazendo minha atenção de volta para ela.

— Isso mesmo, querida. E você é minha boa garotinha — eu cantarolo, deslizando minha língua pelo meu lábio inferior e olhando para ela como... *caralho*. As coisas que eu quero fazer com essa mulher. Coisas que mostrariam a ela o quão louco eu posso ser.

— Eu não sou uma boa garota — ela sussurra, embora o protesto seja fraco.

Deixando o filme de lado por enquanto, eu caminho em direção a ela, apreciando a visão dela tropeçando para longe de mim e parando numa parede. Se ela tivesse o poder, ela me queimaria com o calor em seu olhar. Ainda bem que ela ainda não percebeu o poder que ela realmente detém.

Eu não paro de persegui-la até que meu corpo esteja pressionado no dela, saboreando a sensação de seus mamilos apontando de seu vestido fino.

Vê-la de joelhos para mim mais cedo, chupando meu pau como se a vida dela dependesse disso, mas ainda com raiva pra caralho, foi a visão mais magnífica da minha vida.

Ela queria seu poder de volta naquele momento, e eu estava mais do que feliz em mostrar a ela que ela nunca o perdeu. Essa linda mulher tem minha vida na palma da mão, ela é a única incapaz de ver dessa forma.

O único que está realmente em perigo sou eu.

— Não? — sussurro. Eu inclino seu queixo para cima, roçando meus lábios suavemente contra os dela. A ingestão aguda de ar faz meu pau forçar contra minha calça.

— Se você fosse minha garotinha, eu veneraria cada centímetro de seu corpo enquanto nossas almas estivessem amarradas a esta terra. Minha língua não deixaria nenhuma parte de você intocada. — Eu mordo seu lábio inferior, arrancando um gemido de sua garganta. — Nenhuma parte sem que eu provasse o sabor — murmuro, minha língua deslizando para fora, ao longo da costura de seus lábios.

Minha mão desliza para cima para agarrar sua garganta delicada, e não consigo impedir que o rosnado profundo se forme. Meus dedos quase envolvendo todo o seu pescoço.

Eu poderia quebrá-lo tão facilmente. Machucá-lo. Deixar minha marca com a língua e dentes.

— Se você fosse minha garotinha — sussurro, o meu desejo

aumentando perigosamente. — Sua doce bocetinha estaria tão cheia de mim que você esqueceria o que significa se sentir vazia. Eu estaria dentro de você tão profundamente que você teria que me cortar para me tirar.

Então, eu mostro meus dentes, apertando sua garganta até que seu rosto fique rosado, vencida com o pensamento dela tentando fazer algo tão fútil.

— Você sangraria antes que isso pudesse acontecer.

— Eu faria isso — ela resmunga. Eu afrouxo minha mão apenas o suficiente para permitir que ela continue. — Eu pegaria uma faca e cortaria cada centímetro da minha pele do corpo. Assim, nada sobraria do seu toque.

Eu arqueio uma sobrancelha e rosno de diversão, tanto excitado quanto irritado por sua insolência.

— Vamos ver. — Eu me inclino, certificando-me de que meus lábios rocem a concha de sua orelha. — Garotinha — eu termino em um sussurro.

Agarrando a mão de Addie, eu a arrasto para a tela sensível ao toque para apertar o play no filme e, em seguida, escolho um assento bem no meio da primeira fila, forçando-a no meu colo.

Ela tentou sentar-se a *duas* cadeiras de mim, mas isso só arrancou uma risada profunda de mim. Os palavrões saíram de sua boca nos cinco segundos que levou para colocar seu corpinho em cima do meu.

O som ressoa com os créditos de abertura, fazendo Addie se sacudir contra mim. Eu envolvo meu braço firmemente ao redor de sua cintura, deslizando-a de volta até que ela esteja moldada em mim. Sua bunda ousada fica bem contra o meu pau tenso, e no segundo que ela sente o quão duro eu estou, ela fica tensa.

— Zade — ela avisa sem fôlego, embora o efeito seja perdido em nós dois.

Eu fico quieto, deixando-a relaxar lentamente em mim enquanto o filme começa a passar. Apesar do relaxamento de seus músculos, ela ainda

está no limite. Eu apostaria qualquer coisa agora que ela está cheia de endorfinas pela mistura de medo de ser pega, a conversa que acabou de acontecer e o filme.

A cena de abertura já é assustadora, dando o tom imediatamente. Addie se contorce em meu aperto, suas coxas apertadas.

Eu deixei vinte minutos passarem, o filme sutilmente ficando mais assustador. Eu não presto atenção, tudo em mim estava focado em Addie.

Seus olhos arregalados estão pregados na tela, sua respiração está ofegante e o coração batendo contra o peito. O primeiro susto a faz ganir, quase pulando da própria pele.

Sob a luz bruxuleante, vejo sua pele ficar corada de desejo e uma pequena gota de suor se forma em seu couro cabeludo.

— Você está mesmo assistindo? — ela pergunta, sua voz uma mera oitava acima de um sussurro.

— Sim — murmuro, minha voz mais profunda e rouca com a necessidade.

Sua respiração treme e seus olhos deslizam lentamente em direção aos meus. Aqueles lábios de botão de rosa estão separados enquanto ela me encara com um calor desenfreado.

Deslizando minha língua pelo meu lábio inferior, espero até que seu olhar grude em mim, antes de agarrar o tecido macio de seu vestido e levantá-lo até que esteja agrupado em torno de seus quadris.

— Pare com isso — ela ofega, mas não escuto. Ela me golpeia, mas aquelas mãozinhas não são páreo para as minhas.

Com intenção perversa, eu deslizo minhas duas mãos na dobra de suas coxas e as afasto.

Suas mãos estalam em meus antebraços, agarrando com força como se quisesse me parar. Mas ela não luta contra mim, mesmo quando eu afasto

suas coxas, cada perna descansando em uma cadeira ao nosso lado.

— O que você está fazendo? — ela se engasga, olhando para minhas mãos com apreensão. Eu ergo uma mão para agarrá-la pelo queixo e forço seu rosto para a tela.

— Assista ao filme — eu rosno.

Uma criatura do filme aparece, desviando a atenção de Addie o suficiente para assustá-la novamente. Um grito assustado soa quando ela se afasta da tela e se aprofunda no meu aperto.

Eu gemo, a sensação de sua bunda cavando em meu pau quase me cegando com prazer e necessidade.

As pontas dos meus dedos deslizam por sua coxa macia, fazendo com que ela se mova contra o meu toque com desejo inquieto. A música assustadora do filme aumenta em um crescendo, enviando sua frequência cardíaca a níveis perigosos enquanto uma pessoa é perseguida por algo de seus piores pesadelos.

— Zade — ela implora sem fôlego, desesperada por algo que ela não é capaz de nomear.

Olho para baixo, reprimindo um gemido quando a vejo nua.

— Isso pode não acabar bem para você — começo.

Ela fica tensa.

— Por quê?

— Seu gozo vai escorrer pelas suas pernas quando terminarmos — murmuro. — Que escandaloso.

— Prefiro ter as coxas molhadas do que ter a calcinha marcando em um vestido como este.

Meus dedos suavemente roçam suas dobras, deleitando-se com o líquido que se acumula em meus dedos. Eu mantenho meu toque leve, privando-a de realmente ganhar qualquer prazer.

— Zade — ela dispara, sua voz mais forte e exigente. Eu sorrio, recusando-me a ceder.

— Você está assistindo ao filme, Adeline? — pergunto duramente. — Não me faça pedir de novo.

Seus olhos saltam para a tela, outro suspiro é puxado de seus lábios pintados quando a criatura massacra brutalmente uma pessoa.

Sua boceta pulsa, excitação jorrando de sua fenda e sobre meus dedos. Eu gemo, lutando contra o impulso de mergulhar meus dedos nas profundezas de sua boceta e senti-la gozar em cima de mim.

Minha língua lambe seu pescoço e inala seu cheiro de jasmim. Sinto o gosto salgado da fina camada de suor que cobre sua pele.

Ela tem um gosto delicioso pra caralho. Minha boca saliva com a necessidade de lamber a excitação que encharca minha mão. Eu me nego o prazer, mantendo minha mão colada em sua boceta necessitada.

Cedendo ao seu apelo silencioso, eu rodo a ponta do meu dedo médio em seu clitóris, dando-lhe apenas pressão suficiente para fazer sua cabeça cair para trás com felicidade.

Desta vez, quando ela sussurra meu nome, é cheio de prazer.

Um grito do filme a assusta, e sua cabeça se levanta mais uma vez.

— A-alguém poderia entrar — ela resmunga, minhas carícias constantes e firmes. Quando eu aperto seu clitóris sensível entre meus dedos, seus olhos se fecham, um gemido sexy saindo de seus lábios entreabertos.

— Isso deixa sua boceta molhada? — digo, continuando a esfregar seu clitóris com meu dedo. — O conhecimento de que alguém pode chegar a qualquer segundo e ver você toda aberta para mim te excita?

Ela balança a cabeça, negando a verdade tanto quanto nega o quanto ela me quer.

— O medo de ser pega com meus dedos no fundo da sua boceta. — Eu

paro para enfatizar meu ponto, mergulhando meu dedo médio dentro dela e arrancando um grito agudo. — Isso te faz querer gozar forte, não é?

Eu adiciono um segundo dedo, fodendo-a em golpes rápidos e duros. Sua respiração se aguça, e seus gemidos aumentam quando ela se aproxima de um orgasmo.

Meus olhos se movem para frente e para trás entre o que meus dedos estão fazendo com ela e seu rosto. Seus olhos há muito tempo estão na minha mão, desafiando minhas ordens mais uma vez.

No meio do movimento, retiro meus dedos e agarro seu rosto com a outra mão, apertando seu queixo com força. Ela choraminga, tanto pela perda dos meus dedos nela quanto pela dor que atravessa seu rosto.

Eu dou um tapa rápido e brusco em sua boceta, apreciando o grito assustado de dor que passa por seus lábios.

— O que. Eu. Disse? — Seu peito arfa, e seus quadris balançam contra o ar, desesperados para sentir meus dedos enchendo-a mais uma vez.

— Assista ao filme — ela responde, chupando o lábio entre os dentes enquanto seus olhos vidrados se concentram de volta na tela.

— Você estava me obedecendo? — rosno, recusando-me a tocar sua boceta carente.

— Não. Me desculpe — ela diz baixinho, um vinco profundo se formando entre suas sobrancelhas. Seu pedido de desculpas não soa certo para ela, então para diminuir os pensamentos sóbrios, eu mergulho meus dedos de volta dentro dela.

Um longo gemido é liberado, mas seus olhos permanecem grudados na tela.

— Boa menina — eu elogio, sentindo o aperto de resposta em meus dedos. — Se eu pegar você me desobedecendo mais uma vez, você não poderá gozar. Entendido?

Ela assente, o movimento instável e tenso contra a força dos meus dedos segurando suas bochechas.

Soltando seu rosto, minha mão desliza para a frente de seu vestido, puxando para baixo com força. O tecido fica apertado sob seus seios, forçando-os a inchar. Gemendo, eu seguro um seio cheio na palma da minha mão, apertando com força antes de amassar a ponta dura de seu mamilo entre meus dedos.

Eu retomo minhas carícias entre suas coxas, mantendo minhas estocadas lentas e lânguidas. Extraindo seu prazer e arrancando mais gemidos deliciosos de sua boca. Seus olhos ficam semicerrados, mas não se desviam da tela.

Ruídos altos e molhados guerreiam com o som do filme enquanto meus dedos mergulham para dentro e para fora. Ela está tão molhada, porra. Ela está criando uma poça na minha calça e no assento abaixo de nós.

Eu revezo entre morder e lamber seu pescoço e sussurrar palavras de apreciação em seu ouvido. Desta vez, quero que seu orgasmo cresça em um ritmo mais lento e doloroso. Ele vai aumentar gradualmente ao mesmo tempo que vai parecer tão fora de alcance.

— Esta boceta doce é tão carente dos meus dedos, não é? Você sente o quão forte você está me segurando? Eu tenho que lutar apenas para retirar meus dedos para que eu possa foder você com eles.

Uma vibração sinistra emana da tela, e o pulso de Addie parece ficar ainda mais errático.

— Zade, por favor — ela implora, suas unhas marcando meus braços. Minhas mangas aliviam a dor, mas a pressão aumenta até que eu temo que ela comece a quebrar as unhas pintadas de vermelho.

Minha mão livre agarra sua garganta e aperta com firmeza até que seu rosto fica rosa e sua respiração rasa. Inúmeros gemidos explodem de seus

lábios enquanto eu aumento o meu ritmo e esfrego firmemente seu clitóris com meu polegar.

— Oh, Deus… — ela suga uma respiração afiada.

— Isso mesmo, eu sou seu Deus.

— Zade! — ela grita um momento antes de sua boceta apertar meus dedos com tanta força, que mal posso movê-los.

Suas costas arqueiam e sua cabeça cai para trás, além do ponto de se importar com minhas exigências e o filme. Um soluço explode de sua garganta enquanto eu continuo empurrando, aproveitando seu orgasmo até que seu corpo inteiro está em convulsão e ela está tentando desesperadamente puxar minha mão.

— Oh meu Deus, oh meu Deus, Zade, *pare* — ela canta, sua excitação saindo tão fortemente de seu núcleo que eu os sinto derramando pela minha mão.

Finalmente, eu retiro meus dedos, lambendo-os enquanto ela me observa com uma expressão vivaz. Ela está satisfeita, mas o constrangimento, a vergonha e a raiva estão lentamente voltando.

Agora que ela está saindo do transe do orgasmo, a realidade está se instalando.

Eu rio enquanto ela sai do meu colo e arruma seu vestido de volta ao seu estado anterior, um pouco mais amarrotado do que antes, mas não menos bonito.

Há uma pequena mancha molhada entre minhas pernas, mas felizmente minha calça preta a esconde, e a maior parte caiu no banco. Sinto a necessidade de deixar uma nota de cem dólares para quem tiver que limpar isso.

— Eu não posso acreditar que fizemos isso — ela murmura baixinho, aparentemente para si mesma enquanto suas mãos deslizam sobre seu cabelo,

verificando se nada está fora do lugar.

— Você está linda — digo, cortando seus resmungos e deixando-a em silêncio. Sutilmente, ela olha por cima do ombro para mim, mas não reconhece minhas palavras.

— Então, você não apenas me teme à luz do dia, mas só me ama quando estou fazendo você gozar.

Isso chama a atenção dela. Ela se vira, fogo em seus olhos enquanto cospe:

— Eu não te amo.

— Ainda não — respondo, completando com um sorriso. Seus olhos se estreitam em fendas finas.

— Vamos, ratinha. Você já perdeu tempo suficiente conseguindo fazer sua boceta ser venerada, vamos buscar algumas respostas.

Eu deslizo por ela, andando na frente e em direção às portas. No entanto, eu ainda a ouço murmurar *idiota* sob sua respiração, e isso não faz nada além de me trazer alegria ao saber que eu a irrito tão profundamente.

CAPÍTULO 26

A MANIPULADORA



Estou fervendo, e minhas coxas estão escorregadias com minha própria excitação enquanto corro atrás de Zade.

Ele não se incomoda em desligar o filme. Nós apenas saímos da sala e rapidamente voltamos para o salão de baile.

É como se ninguém tivesse notado a nossa partida. Mas tenho certeza de que as pessoas notaram, certo? Zade conversou com todos nesta sala inteira até agora, e por mais que eu deteste admitir, o homem é inesquecível.

Para dizer a porra do mínimo.

Dois minutos se passaram antes que um homem se aproximasse de nós, seu uniforme preto e colete branco sinalizando sua posição.

— Sr. Forthright, srta. Reilly, por favor, sigam-me — o mordomo, Marion, instrui.

Simples assim, estou completamente sóbria e o orgasmo prolongado foi erradicado.

Marion nos conduz por uma série de corredores, mostrando certas fotos

e artefatos históricos que Mark conseguiu colocar suas mãos.

Concordo com a cabeça e murmuro em reconhecimento, mas minha mente está voltando para Gigi e as informações potenciais que eu poderia reunir esta noite. Mark pode optar por me dar migalhas de pão e me manter voltando para mais, mas será inútil.

Ele não vai me trazer de volta a esta casa de novo. Não tenho certeza se vir aqui valeu a pena ou não.

Pelo menos consegui assistir a um filme inédito, mesmo não tendo conseguido ver como terminou.

Seja como for, eu não me lembro muito sobre isso de qualquer maneira. Meu olhar estava cego quando tudo que eu conseguia focar era…

Pare com isso, Addie.

Meu estômago se aperta com a memória fresca, e é preciso entrar no escritório de Mark para puxar minha atenção firmemente de volta ao presente.

— Minhas duas pessoas favoritas — Mark cumprimenta em voz alta, um charuto aceso entre os dedos junto de um líquido âmbar no copo de cristal pendurado na outra mão.

Ele parece bêbado. Seu rosto corado está vermelho, e seus olhos começaram a ficar um pouco vidrados.

— Por favor, sentem-se — ele orienta, apontando para o sofá de couro macio ao lado de sua mesa.

Zade e eu nos sentamos, e os dois homens imediatamente começam a conversar sobre a festa. Eu acrescento minhas opiniões superficiais quando necessário, dizendo como os candelabros são bonitos e como os artefatos que decoram sua casa são fascinantes.

Ele fica feliz com o elogio, um sorriso se estendendo em seu rosto.

— Tudo graças à minha esposa, é claro. Ela gosta de gastar meu

dinheiro, e se decorar esta casa é o que a mantém feliz, então eu posso viver com isso — ele brinca. Seu tom é alegre, mas as palavras são condescendentes e pretendem ser um ataque.

— Tenho certeza de que você sabe o quanto as mulheres amam nosso dinheiro, hein, Zack?

E aí está a cereja no topo de seu sundae de misoginia. Aposto que o sundae dele tem gosto de pele machucada e coração sangrando.

Zade sorri, o ato quase primitivo e cheio de perigo.

— Pequeno preço a pagar quando nos dão algo tão inestimável todos os dias. E se você me perguntar, eu diria que não sou digno disso, mas sou um bastardo egoísta e vou aceitar de qualquer maneira — ele responde enigmaticamente. Não sei como sei, mas sei exatamente do que ele está falando.

Amor.

O amor não tem preço. Como os negócios nefastos de Mark provaram, boceta pode ser comprada e é abundante, seja forçada ou obtendo consentimento. E apesar de todas as maneiras que Zade me forçou a me ajoelhar para ele, a única coisa que ele realmente queria de mim era devolver o vício. Porque essa é a única coisa que ele não pode tomar ou forçar.

Ele pode forçar meu corpo a sucumbir a ele, mas não pode forçar meu coração a bater por ele.

E, ironicamente, parece que é a única coisa que ele mais quer de mim.

Mark toma a direção que a maioria dos homens faria. Ele ri e me oferece uma piscadela, como se soubesse, sem dúvida, o quão inestimável minha boceta pode ser. Mas se eu tivesse que adivinhar pelo tipo de homem Mark é, ele colocaria um preço em mim em um piscar de olhos.

— Eu sei exatamente o que você quer dizer — ele ri.

Sabe mesmo, otário?

Eu dou de ombros.

— Eu acho que você é o sortudo, Mark. Um olhar para Claire, e você pode ver que ela é uma mulher forte e capaz. Essas são as mais perigosas. — Eu adiciono uma piscadela, mas sei que está caindo em ouvidos surdos. Mark está muito confortável no patriarcado para considerar que Claire pode enfiar uma faca em seu pescoço enquanto dorme uma noite.

Mark zomba, mas ele entende a dica e fecha a boca. Pelo menos, ele não é burro o suficiente para sentir o clima se desfazendo.

Zade parece relaxado e controlado, mas sei que a fera em sua alma está andando de um lado para o outro, apenas esperando para ser solta. Eu posso dizer pela sutil flexão de seu punho, e dessa forma, seu sorriso parece ameaçador e selvagem. Eu posso apenas sentir a energia irradiando dele, apesar da serenidade que ele exala.

Por que Zade querendo matar um homem por causa de um comentário desprezível que a maioria dos homens diria me faz querer repetir o favor que ele roubou de mim na minha garagem? Desta vez, eu estaria muito mais... disposta.

Eu o odeio.

— Então, Adeline, sobre sua bisavó. Gigi era uma mulher bonita. Mesmo quando menino, lembro-me disso claramente — continua ele.

Escalar uma montanha exigiria menos energia do que o necessário para evitar que meus olhos se revirassem com sua observação.

Isso seria algo em que Mark se agarraria. Gigi era linda, mas quem se importa com personalidades, certo?

Eu limpo minha garganta e colo um sorriso.

— Sim, ela era.

Mark inclina a cabeça para trás, parecendo se refugiar em uma memória.

— Sim, eu me lembro de seus lábios vermelhos característicos. Não acho que já a vi sem aquele batom.

— Você se lembra de alguma coisa sobre o assassinato dela? — pergunto, tentando manter a esperança afastada.

— Lembro-me de como John ficou absolutamente devastado quando a encontrou. Estava quase histérico, e meu pai levou horas para acalmá-lo o suficiente para contar o que aconteceu.

— Você disse que seu pai pensou que foi John quem a matou, mas você acha que poderia ter sido qualquer outra pessoa? — pressiono. Eu já sei que meu bisavô surtou pra caramba. Houve um comentário no relatório da polícia de que eles ameaçaram sedá-lo.

O que eu realmente quero saber é o que o pai dele sabia sobre o caso. Talvez ele soubesse de algo que não estava em nenhum dos arquivos.

Ele dá de ombros.

— Pelo que me lembro, ele achava que ela estava pulando a cerca, vendo algum homem. Meu pai parecia não conseguir descobrir quem era, então não foi algo que investigaram. Mas meu pai tinha quase certeza de que foi por isso que John explodiu e matou Gigi.

Eu aperto meus lábios, olhando para Zade para encontrá-lo já olhando para mim com uma expressão ilegível.

Ele folheou seus diários e sabe que ela tinha um stalker. Mas parece que Mark ou seu pai não sabiam disso, o que não me surpreende nem um pouco. Os diários de Gigi estavam em um cofre atrás de uma foto. A polícia não teria motivos para acreditar que ela esconderia algo assim.

Penso se devo divulgar o que sei. Talvez Mark pudesse olhar os diários e ver se encontrava algo. Mas no segundo em que esse pensamento surge, eu o mando embora.

Mark não é um cara legal. E ele apenas manteria aqueles livros como

influência e me manipularia. Tenho certeza de que nunca mais os veria se os entregasse.

Além disso, estou confiante de que Daya tem muito mais maneiras de obter informações do que Mark jamais poderia. O pai de Mark está presumivelmente morto pela maneira como fala sobre ele no passado, e tenho certeza de que os policiais do caso também estão mortos, ou perto disso.

Gigi morreu nos anos 1940, fazendo este caso ter setenta e cinco anos.

— Por que Frank acreditou que era John e não o outro homem então?

Mark se recosta, seus olhos vidrados olham para longe.

— Sera era mais velha que eu na época, por seis anos. Ela era uma adolescente, e eu ainda era uma criança de dez anos que queria brincar. Claro, Sera era um anjo e me animava. Então, por meses antes da morte de Gigi, eu pedia para ir até o Casarão Parsons ver Sera. E toda vez, meu pai dizia não. Ele disse que John desenvolveu um problema com a bebida e não era mais seguro para crianças lá. Eu gritava e chorava porque só queria ver minha amiga, e então Gigi foi morta, e eu ainda não conseguia entender.

— Agora, é claro, quando meu pai me disse que Gigi tinha falecido, eu entendia a morte, mas não a gravidade. A última vez que pedi para ir ao casarão foi alguns dias depois. E meu pai me olhou nos olhos e disse: “Você quer ser o próximo a morrer?”. — Ele ri sem humor. — Eu nunca vou esquecer isso. Meu sangue gelou quando ele disse isso. Nunca mais perguntei e, eventualmente, parei de procurar por Sera.

Eu franzo a testa, arrepios rolam pela minha espinha. Vovó não falava muito sobre John. Ela mencionou antes que ele era um pai maravilhoso até a morte de Gigi. Ele tinha um problema com a bebida, mas acho que escondeu a maior parte de sua raiva da vovó, no começo. Mas uma vez que Gigi morreu, todo o inferno deve ter começado. Vovó nunca me contou como Gigi morreu, então eu apenas presumi que ele definhou devido ao desgosto.

Mas eu nunca pensei que seria por uma razão muito mais sombria. Pela primeira vez, eu me deparo com a verdadeira possibilidade de que meu bisavô tenha matado Gigi.

Pigarreando, tomo uma direção diferente. Gigi havia falado de pessoas invadindo sua casa nos relatos do diário devido aos hábitos de jogo de John, e vovó havia dito de passagem que seu pai gostava de apostar em jogos de azar.

— Minha avó mencionou antes que ele gostava de jogar. Talvez ele devesse dinheiro a algumas pessoas e, quando não conseguiu pagar, elas foram atrás de Gigi?

Mark acena com a cabeça pensativo.

— John era conhecido por ter maus hábitos de jogo. Eles quase perderam o Casarão Parsons em um ponto por causa disso. A única razão pela qual não o fizeram foi porque Gigi conseguiu o dinheiro para pagar a hipoteca e o imposto sobre a propriedade — explica ele.

Eu aperto meus lábios. De acordo com seu diário, Ronaldo pagou suas contas atrasadas, mas a desculpa que Gigi deu foi que ela pegou emprestado de uma de suas amigas. John queria saber quem, mas ela se recusou a contar e isso causou uma briga, considerando que John era um homem típico da época com todo o orgulho e o ego evidente.

Mas pelo que percebi nos relatos, não posso ter certeza se Ronaldo pagou as dívidas de John. Ele mencionou que cuidaria disso, mas quando o braço direito da máfia diz essas palavras, isso pode significar várias coisas.

Talvez ele tenha matado as pessoas e ganhado inimigos para Gigi ao fazê-lo.

Jesus, é realmente como o tempo se repetindo, se for esse o caso.

— Então como ele pagou os homens que devia?

Mark termina sua bebida antes de reabastecer.

— Sabe, agora que penso nisso, lembro-me de ouvir uma conversa em

particular. Meu pai disse a ele que ele precisava parar com o jogo, e John não estava dando ouvidos. Ele disse que um dos homens a quem devia era Angelo Salvatore, que era um senhor do crime bastante notório na época. Mas acontece que o braço direito de Angelo, Ronaldo, convenceu Angelo a contratar John.

É preciso um esforço monumental para evitar que meus olhos se arregalem. John estava trabalhando para o chefe de Ronaldo? Não haveria como Gigi saber disso. Imagino que seja algo que ela teria mencionado se tivesse.

— Por que ele o contrataria? Por que não apenas matá-lo?

— Ele quase fez isso — conta Mark. Ele então abre uma gaveta em sua mesa e tira um charuto. Acendendo o tabaco, Mark se recosta na cadeira, o couro rangendo sob seu peso. Um cheiro amadeirado enche o ar enquanto ele sopra.

— Eu nunca vou esquecer a maneira como meu pai o magoou por causa disso. Chamando-o de nomes e dizendo que ele poderia ter se matado. John disse que Angelo tinha uma arma apontada para sua cabeça, pronto para puxar o gatilho antes que Ronaldo entrasse. Disse que o homem pediu a Angelo para considerar a contratação de John para pagar suas dívidas trabalhando para ele. — Mark suga profundamente e depois tosse algumas vezes, enquanto a fumaça sai de sua boca. — Acho que funcionou.

Então, Ronaldo salvou a vida de John. Eu não preciso estar lá para saber que ele só fez isso por Gigi. Mas não é como se ele pudesse ter contado a Angelo suas verdadeiras razões para salvar a vida de John, o que significa que John tinha que ter sido útil de alguma forma, isso teria sido muito arriscado de outra forma, e possivelmente poderia tê-lo matado se John não fosse valioso.

— Você sabe o que ele fazia para Angelo?

As sobrancelhas de Mark se erguem e um pequeno sorriso curva seus lábios. Quase como se ele achasse minha pergunta divertida.

— John era contador naquela época. Muito bom com números. Tenho certeza de que ele ajudou Angelo a lavar seu dinheiro, mas isso nunca foi comprovado.

Eu pisco.

— Se ele era tão bom com números e dinheiro, por que era tão ruim no jogo? O homem poderia ter contado cartas ou algo assim.

Mark explode em gargalhadas, seu estômago roliço tremendo.

— Você é uma garota engraçada, Addie. Você está certa, acho que se John estivesse em sã consciência quando jogasse, ele poderia ter ganhado muito. Mas ele não conseguia parar de beber. Angelo disse a John que não dava a mínima para o que fazia em seu tempo livre, mas se aparecesse para trabalhar bêbado e fodesse com seu dinheiro, era um homem morto.

Eu franzo a testa. Não consigo imaginar que Angelo miraria em Gigi se John cometesse um erro, mas isso não significa que ele não fez outra coisa para irritar o chefe da máfia.

As possibilidades são infinitas sobre as maneiras pelas quais John poderia ter matado Gigi.

— Isso não foi algo que Frank disse aos detetives, pois acreditava que John era culpado? Eles não analisaram isso?

Ele bufa uma risada seca.

— Você já tentou atribuir um crime a um chefe da máfia? Não é tão fácil, garota. Eles têm todos os tipos de pessoas em seus bolsos. Foi descartado por falta de provas. Se você quer minha opinião, acho que John gostou do perigo, e seja porque Gigi estava tendo um caso ou porque ela queria deixá-lo, John a repreendeu e a matou.

Jesus Cristo.

Tudo o que ele disse soa... provável. Muito provável.

— Eu só tenho uma última pergunta — digo, brincando com meu vestido. Estou deixando vincos, mas não me importo. — O que fez Frank se voltar contra John? Eles eram melhores amigos. Então, por que não dar a John o benefício da dúvida em vez de tentar tanto jogar a culpa nele?

Ele leva um momento para tragar seu charuto.

— Meu palpite é que ele viu John pelo que ele era, e escolheu tentar fazer justiça a Gigi, mesmo que isso significasse afastar seu melhor amigo. Com a bebida, o temperamento e depois se envolvendo na máfia, acho que é seguro dizer que ele estava se tornando um homem violento. Explicaria por que meu pai ficou tão dilacerado por tudo isso depois que John foi provado inocente.

Eu franzo a testa e não posso deixar de sentir simpatia pelo pai de Mark. Ele foi pego em um vórtice bastante tóxico de trapaças, mentiras e crimes entre Gigi e John. Imagino que isso afetaria qualquer um.

— De qualquer forma, acho que isso é o suficiente para esta noite. Há um evento de caridade anual que estamos organizando em algumas semanas. Eu poderia esperar você lá e aí falaremos mais sobre isso — diz Mark, com os olhos brilhando.

— Vou verificar minha agenda — Zade interrompe, aliviando-me de ter que inventar qualquer compromisso. Na maioria dos casos, eu não apreciaria a insinuação de que ele é o chefe, mas agora, não sou nada além de grata por isso.

— Claro — Mark diz, seu sorriso um pouco mais tenso do que antes.

Mark fala sobre coisas chatas relacionadas ao trabalho por mais uma hora, bebendo álcool, fumando seu charuto caro e ficando cada vez mais bêbado.

Eu mal escuto, muito perdida em pensamentos sobre tudo que acabei de

descobrir. E talvez um pouco com o coração partido por Gigi ter sido assassinada por seu próprio marido. Alguém que ela amava e confiava, apesar de seu caso.

Mesmo quando você está casado com alguém há mais de uma década, é possível nunca o conhecer de verdade e saber do que ele é capaz.

Olho para Zade. Estou aprendendo exatamente do que ele é capaz, e é assustador pra caralho.

Zade é assustador pra caralho.

É impossível não considerar a possibilidade de que, se eu me apaixonasse por ele, ele também poderia se voltar contra mim.

Pela quarta vez, o telefone de Mark toca no meio da conversa. Toda vez, seu rosto escurece quando ele olha para ver quem está ligando.

— Tudo certo? — Zade pergunta, notando seu comportamento estranho.

Mark olha para Zade, forçando um sorriso tenso antes de tentar guardar seu telefone no bolso.

Embriagado, ele o deixa cair, e é quase doloroso vê-lo pegá-lo. Eu posso ouvir seus ossos rangendo daqui.

À medida que o álcool assume o controle sobre seu corpo, tudo em que posso me concentrar é como parece envelhecê-lo ainda mais.

As manchas em sua cabeça calva e mãos escurecidas, e as bolsas sob seus olhos formaram mais algumas rugas.

Ele é um homem feio. Por dentro e por fora. E é espantoso como sua depravação caiu tão baixo quando o homem tem tudo o que a maioria das pessoas poderia querer na vida. Dinheiro, poder, influência e uma linda esposa que poderia tê-lo amado se ele não fosse tão mau.

— Sim, alguns dos meus colegas estão enlouquecendo por causa de um ess-túpido vídeo que foi vazado — Mark conta, finalmente conseguindo

colocar o telefone no bolso.

Zade endurece ao meu lado, embora seu rosto permaneça ilegível.

— Vídeo vazado?

Mark agita a mão, tentando encobrir o que ele confessou. Olho para Zade, notando o tique sutil em sua mandíbula.

— Sim, mas continuo dizendo a eles que não precisam se preocupar com isso. Nossa empresa vai cuidar disso, e ninguém mais ficará sabendo.

Abro a boca, pronta para perguntar mais, mas um rápido olhar de advertência de Zade me faz fechá-la.

Ele deve estar falando sobre os vídeos dos rituais.

— Tenho certeza de que eles estão tomando as medidas necessárias para lidar com o vídeo, Assim como de quem o vazou — garante Zade casualmente, girando sua bebida como se houvesse especiarias no fundo do copo.

— Eles sempre estão! — Mark explode, batendo a mão detestavelmente em sua mesa ornamentada. — Cuidarão do vídeo, mas encontrar a pessoa que os vazou que é o problema. Eles estão interrogando e observando cada movimento nosso há meses!

Não achei que fosse possível que o rosto de Mark ficasse mais vermelho, mas ele está começando a se parecer com o mascote da bebida Kool-Aid.

— Bem, seja qual for o caso, tenho certeza de que será resolvido em breve.

Zade é cuidadoso com suas palavras e se recusa deliberadamente a bisbilhotar e desenterrar informações extras. Não tenho certeza se o que Mark está dizendo é suficiente, ou se Zade está no caminho certo.

— Sim, claro — Mark murmura. — Acho que o lado bom é que nada pode acontecer conosco. Ss-se um de nós falhar e a Society ss-suspeitar de

algum crime, adivinhem? Eles vão arrumar tudo e se mudar dentro de horasss. — Em voz baixa, ele murmura: — Todos nós saberemos a quem culpar de qualquer maneira. — Não consigo ouvir o resto do que ele diz, mas por um segundo, parece que ele diz Z.

Uma pausa acontece, e parece que Zade precisa se recompor. Mark está bêbado demais para ficar atento às palavras vomitando de sua boca.

Eu não sei que porra é essa Society, mas eles obviamente não podem confiar em um Mark embriagado e sua boca grande. Ele está derramando todo tipo de merda, e embora eu não consiga entender a maior parte, Zade claramente consegue.

— Que bom, não gostaria que nada acontecesse com meu novo amigo — Zade provoca suavemente, seu rosto tomando um semblante relaxado enquanto ele mente bem na cara de Mark.

Mark acredita nisso, rindo ao lado de Zade e passando os próximos dez minutos dizendo à minha sombra como ele é grato por terem se conhecido.

Eu quase bufo com a ironia. Zade é tanto o juiz quanto o carrasco de Mark, e ele é estúpido demais para ver isso.

Zade bebe o líquido âmbar em seu copo durante todo o discurso piegas, mas quando nos levantamos para sair, parece que ele mal consumiu um dedo disso.

— Muito obrigado por me receber — eu digo graciosamente. Mark segura minha mão em ambas as suas, e uma sensação de frio se instala sob minha carne, cavando fundo como um parasita. Suas mãos estão suadas, mas tudo o que posso sentir é gelo.

Este homem... ele é mau. É como tocar um cadáver.

Deslizo minha mão da dele, resistindo à vontade de limpá-la no meu vestido.

Eu não gostaria de estragar um vestido tão bonito de qualquer maneira.

Assim que estou saindo, Mark grita:

— Te vejo em breve, Adeline.

No segundo em que a porta se fecha, Zade rosna baixinho.

— Você estará morto antes que isso aconteça.

Eu nunca pensei que toleraria um assassinato, mas com Mark... talvez eu possa ignorar isso só desta vez.

***

Mais uma semana se passa e Zade continua a assombrar minha casa. Meus sonhos. Meus malditos pesadelos. E neste momento, com a mão de Zade firmemente em volta da minha garganta, apertando até minha visão escurecer, parece menos um pesadelo e mais um inferno.

Pela décima vez, congelo e não consigo forçar meus membros a se moverem. O calor atinge minhas entranhas, e o olhar cru em seus olhos – o prazer implacável que ele sente ao drenar a vida de mim – não faz nada além de atiçar a única chama queimando em meu núcleo.

Ele solta com um clique de sua língua e um olhar de soslaio. Como se ele soubesse exatamente como meus órgãos estão retorcidos.

Foda-se ele.

Estou suando profusamente e ficando cada vez mais irritada. Ele continua me chamando de ratinha, mas camundongos não parecem ratos de esgoto afogados da última vez que verifiquei.

— Você é dez vezes maior do que eu, você espera que eu saia do seu estrangulamento? — disparo, mais ainda de vergonha pelo meu fracasso contínuo.

— Isso é o que estou dizendo — diz Zade pacientemente, um pequeno sorriso levantando os lábios. Eu vou socá-lo.

— Eu tentei várias vezes — eu indico. — E falhei.

— Porque você não está ouvindo. Você mal está se *movendo*.

Eu zombo e argumento:

— Estou me movendo sim.

Ele ergue uma sobrancelha, não impressionado.

— Toda vez que te sufoco, você fica nervosa e tenta me dar uma joelhada no pau. Você não está fazendo os movimentos que eu lhe ensinei a fazer.

O sangue sobe para minhas bochechas, e eu só sei que pareço uma cereja vermelha brilhante.

— Isso é mentira — eu atiro de volta. Ele apenas sorri e agarra minha garganta com força, empurrando-me contra a parede atrás de mim. Meus olhos se arregalam e, se eu tivesse algum juízo, faria os movimentos que ele estava me ensinando na última hora.

Mas tudo o que posso fazer é encarar.

— Quebre o controle, Addie — diz ele baixinho, sua voz profunda enviando arrepios deliciosos na minha espinha.

Eu vou limpar minha garganta, mas então lembro que estou sendo esmagada pela mão bastante grande de Zade.

Você pode fazer isso Addie. Você só está com calor porque esqueceu de abrir a janela.

Levantando meu braço, eu torço para frente e o trago sobre seu braço estendido, e empurro para baixo com toda a minha força. Seu braço fica preso e seu corpo torce com o meu, neutralizando minha fuga.

— Você não pode fazer isso! — grito, meu punho soltando de seus músculos de aço quando vou dar um soco em seu peito.

Ele me libera.

— Você realmente acha que um invasor vai fazer o que você quer que

ele faça? Se você está tentando escapar, eles farão tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que você não tenha sucesso.

Eu bufo, sem fôlego e pronta para voltar a dar uma joelhada nas bolas dele, ou tentar, pelo menos. Talvez eu vá apenas chutá-lo em vez disso. Mesmo que meu dedo do pé apenas roce os pelos de suas bolas, vou me sentir mais realizada do que agora.

— Você é muito lenta. Eu posso ver sua intenção a uma milha de distância. Você precisa ser mais rápida, me pegue desprevenido com a rapidez e a força do seu ataque.

Ele faz os movimentos comigo várias vezes, mantendo as mãos soltas enquanto guia meus braços.

Temos feito isso a semana toda. Agora que Mark colocou os olhos em mim, Zade está paranoico de que vou desaparecer na calada da noite.

Eu vi seus olhos franzirem de preocupação quando ele explicou a possível ameaça pairando sobre minha cabeça. Uma ameaça muito mais séria do que Max e seus comparsas.

Os homens de Zade estão parados do lado de fora da minha casa, e tenho a sensação de que estão lá desde o momento em que saí da casa de Mark. Eu não os tinha notado até alguns dias atrás, e minha falta de consciência sobre isso me deu algum sentido.

A frustração da minha situação aumenta quando falho mais uma vez em me libertar do estrangulamento de Zade. Eu não precisaria saber nada dessa merda se Zade tivesse me deixado em paz. Deixando-me viver minha vida em paz e na ignorância feliz dos terrores do mundo que me cerca.

Eu estava feliz. Entediada, mas feliz.

E agora meu próprio stalker está me ensinando movimentos de autodefesa. Não contra si mesmo, mas contra seus inimigos. A ironia não passa despercebida para mim, ao contrário do meu sucesso em não ser

sufocada até a morte.

— Isso é tudo culpa sua, você sabe — sibilo, uma gota de suor escorrendo em meu olho. A queimação é minúscula em comparação com o fogo em meu peito.

Zade para, e seus olhos me estudam de perto.

— É mesmo? — ele contra-ataca.

— Você finge que se importa comigo, ou o que quer que você se convença de que sente por mim, mas eu estou em perigo por sua causa. Você sabe disso, não sabe? Max nunca teria vindo me pro...

Ele se aproxima de mim, e minha boca se fecha involuntariamente. Sua presença é poderosa e invoca minha vontade de me curvar a ele. Quer eu queira ou não.

— Não finja que foder Archie teria sido o fim de tudo. O homem teria arrastado você para uma vida cheia de dor e sofrimento, e Max e o resto deles ficariam de braços cruzados enquanto Archie destruía você de dentro para fora. Eu *salvei* você daquela vida.

Eu rosno.

— Mas ele não teria vindo atrás de mim se você não matasse o Arch.

— Você está certa, e o meu erro foi de não ter matado Max quando eu derrubei o resto da família de Archie. Mas não vou me desculpar pelo que fiz. Se eu tivesse deixado você e Archie sozinhos, você estaria ferida e traumatizada, e eu teria acabado matando-o de qualquer maneira. Se eu não o tivesse matado por tocar no que é meu, ele teria ferido você em vez disso. O destino de Archie foi selado no momento em que ele subiu com você por aquelas escadas.

— *Você* me traumatizou.

Ele se inclina e diz:

— Uma arma na sua boceta certamente é traumatizante, ratinha, mas só

porque eu usei isso para fazer você gozar, não para fazer você sangrar.

Eu rosno, recusando-me a lembrar isso.

— E Mark? Eu nunca estaria no radar dele.

— Falso — ele retruca. — Mark não apareceu no Bailey's por minha causa, Adeline. E ele não estava sentado onde pudesse ter uma visão perfeita de você por minha causa. Eu não chamei a atenção para você e fiz o meu melhor para mantê-lo distraído, mas não consigo controlar o olhar errante de um homem. Mesmo que você seja uma década mais velha do que o gosto normal dele.

Eu recuo, desgosto se enrolando profundamente ante sua implicação.

— Você sabia que eu estava no Bailey's — digo. — E você sabia que ele estava indo para lá? Então, por que não o redirecionar para outro lugar?

Sua coluna se endireita.

— Você acha que eu possuo magia e posso influenciar um homem a fazer tudo o que eu digo? Lamento informar que não posso.

Eu aperto meus lábios com a condescendência em seu tom.

— Eu tentei, mas Mark insistiu em ir ao Bailey's, e tentar forçá-lo a ir para outro lugar só levantaria suspeitas. — Ele dá mais um passo para perto de mim, apertando-me contra a parede do meu quarto. — E essa é a última coisa que preciso quando a confiança de Mark em mim significa salvar vidas. Porque você sabe o que eu posso fazer, ratinha? Eu posso te proteger. E posso te ensinar a se proteger. Mas essas crianças e meninas que estão sendo mantidas em cativeiro? Eles não têm esse privilégio agora.

Meus olhos caem até os dedos dos pés, e tudo o que consigo sentir é vergonha. Ele levanta meu queixo com o dedo, e estou muito perdida em pensamentos para lutar.

— Você pode ficar com raiva e frustrada com sua situação. Você pode até ficar com raiva por eu te perseguir. A vida lhe tira o poder muitas vezes,

mas o que você pode controlar é apontar a culpa na direção certa. Não coloque as más intenções de Max e Mark em mim quando estou fazendo o meu melhor para mantê-la a salvo deles. O que temos feito durante toda a semana é mantê-la segura. Então, você pode redirecionar todo o esforço que tem feito para agir como uma pirralha e aplicá-lo em algo útil, ou pode continuar impotente nas situações em que a vida a coloca. Você escolhe, amor, porque não vou continuar tomando essas decisões por você.

Eu tinha esquecido como era ser realmente repreendida como uma criança. Minha mãe fazia isso com frequência, mas considerando que é tudo o que ela já fez, parecia menos uma repreensão e mais uma conversa normal com ela.

Mas agora? Eu não me sinto nada além de pequena e fora de forma, como um pedaço de papel amassado no punho de Zade. O orgulho resiste a esse sentimento, e eu não quero nada mais do que atirar algo inteligente de volta e manter minha dignidade.

Eu só provaria que ele estava certo, no entanto. Ele me olharia com superioridade, e eu só me encolheria ainda mais abaixo dele.

— Ok — eu cedo. — Tudo bem. Eu só vou ficar brava com você por ser um idiota então. — Faço uma pausa, odiando as palavras, mas sabendo que precisavam serem ditas. — Sinto muito por colocar a culpa nas pessoas erradas, mas não sinto muito pela surra que você está prestes a levar.

Ele reprime um sorriso, mas não consegue conter a emoção em seus olhos de cores diferentes: orgulho, diversão e algo mais profundo, e muito mais assustador do que a mão de Zade envolvendo minha garganta.

Não me dou tempo para entrar em pânico, nem me entrego ao calor que ele invoca, apenas deixo meu corpo assumir. Eu o empurro para a esquerda, trazendo meu cotovelo para baixo em seu braço estendido antes que ele possa piscar.

Seu aperto afrouxa. E eu aproveito o momento, despejando toda a minha frustração em meus membros. Posso não ser capaz de odiá-lo por Max me culpar equivocadamente pela morte de Arch ou pelos olhos errantes de Mark, mas posso usar isso contra ele de uma maneira diferente. De uma forma que importa.

Eu enrolo meu punho e o balanço para trás e depois para o seu rosto e, em seguida, esmago meu cotovelo diretamente em seu nariz.

Sua cabeça puxa para trás bem a tempo, meu cotovelo acertando em cheio, mas dificilmente o suficiente para ser agraciada com a visão do seu nariz sangrando.

Ele me solta e parece que finalmente posso respirar. Não porque ele estava apertando forte o suficiente para realmente me sufocar, mas porque eu finalmente consegui.

Ele ri, profundo e baixo, enquanto se afasta de mim. O bastardo não parece nem um pouco irritado, mas escolho não ficar analisando sobre isso. Se eu me concentrar em tudo o que não fiz, estarei apenas me despojando do poder.

— Aí está. Isso foi muito bom, querida.

— Não me chame assim — murmuro, mas, na verdade, sinto uma ponta de orgulho crescendo no fundo do meu peito.

— Ou o que? — ele desafia. Eu suspiro, não tendo capacidade mental para treinar com Zade agora. Eu preciso de um banho quente e, em seguida, um longo banho de banheira. Recuso-me a entrar na banheira sem lavar a sujeira primeiro. Não gosto de passar horas mergulhada em água suja.

Ele faz os movimentos comigo por mais uma hora, forçando-me a executar o movimento repetidamente até que eu estou ofegante, e ele tem um hematoma se formando sob seu olho.

De alguma forma, isso só o faz parecer mais sexy, e eu quero socá-lo

na cara pela décima vez novamente por isso.

— Isso é o suficiente por hoje — ele anuncia, sorrindo, apesar do fato de eu ter acabado de acertá-lo no rosto novamente com o cotovelo.

— Bom, porque eu preciso tomar um banho, e você precisa sair porque você definitivamente não chegará a menos de um metro e oitenta de distância desse banheiro — reclamo, plantando minhas mãos em meus quadris.

Um sorriso curva seus lábios de forma lenta e lasciva, até que as chamas lambem minhas bochechas novamente.

Homem desgraçado.

— Quem disse que eu preciso estar na mesma casa para ver você tomar banho?

Meus olhos se estreitam em fendas finas.

— Não há câmeras no banheiro.

Ele ri com os mesmos tons pecaminosos. Ele agarra meu pescoço em sua mão mais uma vez, mas meu corpo se recusa a passar pelos movimentos novamente. Sua intenção é perigosa, mas não dirigida à minha vida.

Mas sim à minha vagina.

Traidora, coisa inútil, isso sim que você é.

— Que você saiba — ele provoca em um sussurro e rouco antes de colocar um beijo suave em meus lábios e efetivamente me silenciar. É rápido e tudo, menos doce. Sua mão flexiona, e minha boceta pulsa em conjunto. — Só não se esqueça de gritar meu nome quando estiver segurando o chuveirinho na sua boceta. Fique sabendo que vou gritar o seu também.

Ele me solta, desliza uma rosa na minha mão e sai do quarto, lançando-me um último olhar aquecido antes de fechar a porta atrás dele.

Eu olho para a rosa, girando-a na minha mão enquanto o mundo ao meu redor fica borrado. Eu nem sou capaz de considerar onde ele estava escondendo-a esse tempo todo. Meu coração está firmemente alojado na

minha garganta enquanto tento processar suas palavras. Elas estão atualmente percorrendo a excitação animalesca envolvendo meu corpo e lutando para chegar ao meu cérebro.

Ele estava apenas brincando comigo? Ou estou realmente prestes a destruir meu banheiro inteiro em vez de tomar um banho bem-merecido? Porque eu tinha planos com aquele chuveiro, e o nome de Zade tende a se soltar da minha língua quando eu me obrigo a gozar.

Não quero que ele testemunhe isso.

Eu balanço na ponta dos pés, decidindo se eu deveria apenas chutar a bunda dele novamente.

Mas meus ossos estão cansados, o suor está escorrendo em lugares que apenas minha bucha deveria tocar, e estou verdadeiramente excitada agora. Chutar a bunda dele de alguma forma se transformará em ele chutando a minha, e estou muito cansada para me colocar nessa situação.

Que seja. Ele pode olhar apenas dessa vez, mas, pelo menos, o idiota não pode me tocar por trás de sua tela estúpida.

14 de fevereiro, 1946

John fez com que eu e Sera quase morrêssemos hoje.
Ainda nem consigo direito escrever sobre isso. Já é tarde. A polícia esteve aqui o dia todo. Estou cansada e meus nervos estão disparados, mas eu preciso colocar isso no papel.
Meu marido – um estúpido, estúpido homem, quase nos matou.
Ele deve dinheiro a algumas pessoas. E ele não tem conseguido pagar, aparentemente. isso explica o porquê de quase termos perdido a nossa casa. Graças a Deus pelo Ronaldo, que pagou todas as nossas contas.
Embora John ainda não acredite que eu consegui o dinheiro de uma amiga minha.
Mas do que importa, já que os hábitos do John vão acabar matando eu e minha filha de qualquer forma?
Dois homens invadiram a casa e me ameaçaram com uma arma enquanto Sera se escondeu no quarto. Eles queriam que eu desse dinheiro a eles. Dinheiro que eu não tinha.
John acabou aparecendo no meio disso, e Frank estava com ele. Os dois homens fugiram e conseguiram se safar.
Eu rezo para que Frank os encontre.
Mas a pior parte?
John ainda não se desculpou. Ele acha que não fez nada de errado.
E eu... eu quero matá-lo.



CAPÍTULO 27

A MANIPULADORA



Estou quase caindo em sono um profundo quando ouço uma porta rangendo. Meu corpo se mexe com a perturbação.

Quando me viro para olhar a porta, ela está fechada firmemente. Franzo minhas sobrancelhas em confusão. Quando me convenço de que estava apenas ouvindo coisas, enxergo um movimento pelo canto do olho.

Engolindo um suspiro de surpresa, eu me viro e vejo Zade em pé na minha varanda, um círculo de brasa brilhando no luar.

Totalmente desperta, sento-me na cama e o encaro.

— A quanto tempo está aí fora, seu maluco? — falo irritada. Zade abre completamente as portas e fumaça sai de sua boca.

— Faz um tempo — responde ele de um jeito monótono.

Ele joga a ponta do cigarro para fora da varanda e cobre sua cabeça com o capuz. A luz do luar brilha diretamente nele, o deixando com uma aura suave. Que contradição que algo tão sombrio brilhe tão intensamente sob a lua.

— Pare de sujar a casa.

— Você é muito mais agradável quando não sabe que estou por perto — ele murmura, sua voz fica baixa enquanto entra no quarto e fecha as portas atrás de si.

Franzo a testa, apertando os olhos em uma tentativa de ver melhor o seu rosto. Há algo de estranho nele. Ele não está com o mesmo sorrisinho arrogante de sempre.

Ele esteve aqui apenas algumas noites atrás, treinando mais comigo. Finalmente, peguei o jeito dos movimentos que ele me ensinou. Logo serei incrível.

— O que tem de errado com você? — digo sem provocação. É quase como se estivesse mesmo preocupada.

Levo uma mão à minha cabeça tentando ver se estou quente. Devo estar com febre e tendo alucinações.

Ele sai das sombras e se aproxima. Meu corpo trava enquanto ele se arrasta para a cama e se senta na ponta. Não acho estranho ver seus músculos contraindo através das roupas. Acredito que ele compra de propósito blusas e moletons duas vezes menores. Mas agora, seu corpo parece rígido, e os músculos em seu pescoço e ombros parecem estar retraídos.

— Só estou cansado hoje — diz ele calmamente.

Franzo mais a testa, não gostando desse lado de Zade. Ou talvez, não gostando do quanto me incomoda ver esse lado dele.

Uma luta me deixa paralisada enquanto tento decidir o que fazer. Eu o expulso da minha casa, não me importando com essa atitude? Ou me intrometo nesse seu comportamento estranho e mostro que talvez eu me importe com ele?

Sua cabeça vira, estalando seus ossos e me fazendo estremecer por causa dos barulhos perturbadores e grotescos.

— Você... está bastante tenso aí, cara. — O constrangimento escorre de minhas palavras. Isso me faz estremecer ainda mais.

Ele solta uma risada, mas sem muita emoção.

Suspirando, eu cedo e empurro as cobertas. Com muita relutância, engatinho até Zade e me ajoelho atrás dele. Seu corpo fica tenso, nunca pensei que veria Zade desconfiado de mim.

Isso me preocupa mais que tudo.

— Tira isso. — Mando gentilmente, puxando seu capuz. Ele vira sua cabeça, mostrando-me seu perfil.

Pouquíssimas pessoas têm perfis atrativos. Isso é algo que muitas pessoas simplesmente não têm. Mas Zade é lindo, não importa de qual direção você olha para ele.

— Por quê? — ele pergunta de um jeito monótono.

Arrepiada, abro a boca e começo a me irritar com ele. Estou tentando ser *legal*, e ele está sendo muito difícil, quando isso tudo já é difícil por si só. Como é aquele ditado? Não morda a mão que te alimenta?

Mas eu me acalmo, as palavras duras ficam penduradas na ponta da minha língua e morrem. Isso não é sobre mim ou como me sinto. Ficar na defensiva não resolverá nada, apenas resultará nele se sentindo pior e provavelmente indo embora. E, estranhamente, isso só faria eu me sentir um lixo.

Não deveria, mas faria.

— Porque facilitaria para mim — falo calmamente.

Ele abre a boca, mas o que quer que ele fosse dizer fica para trás, junto com minhas palavras na defensiva.

Cedendo, ele segura seu moletom por trás de seus ombros e puxa sobre sua cabeça, levantando sua camisa branca. Vejo de relance uma tatuagem bem elaborada antes que sua camisa abaixe novamente.

Ele não fala nada, apenas apoia os cotovelos em seus joelhos abertos.

Equilibrando minha bunda em meus calcanhares, solto um suspiro e começo a massagear seus ombros. Parece que estou pressionando meus dedos em uma pedra.

— Jesus — murmuro pressionando mais forte. Ele geme profundamente, sua cabeça cai entre os ombros enquanto pressiono os nós que dominam seus músculos.

Ficamos sem falar nada por um tempo. Minhas mãos se cansam, mas não reclamo ou paro. Lentamente, ele relaxa ao meu toque, seus músculos começam a relaxar com meus dedos persistentes.

— Me conte — sussurro, atacando especialmente um nó brutal, que puxa um gemido do fundo do seu peito.

Ele não responde no instante, e consigo sentir a luta interna através de seus ossos.

— Perdi uma garotinha hoje — ele confessa, sua voz está rouca e falhando.

Engulo a seco, a tristeza penetra fundo no meu peito. Ele pausa, e eu não falo nada, permitindo que ele encontre as palavras em seu ritmo.

— Ela estava muito traumatizada e não parava de gritar. Eu ainda não estava no prédio. Ainda estava tentando entrar quando ouvi o tiro. — Ele pausa, tirando um momento para se recompor. — Ouvi a conversa antes de tê-los matado. Ela estava lutando com unhas e dentes. Não importava o quanto eles a ameaçavam de morte, ela continuava lutando.

Ele aperta os punhos, e cada músculo que trabalhei duro para relaxar se endurecem de novo enquanto Zade luta contra seus demônios internos. Fecho meus olhos, repreendendo-me pelo que estou prestes a fazer. Mas se eu não o fizer... seria imperdoável. Eu me odiaria.

Suspirando baixo, sento e me envolvo em torno dele como um coala em

uma árvore, pernas e braços ao redor de seu torso e minha cabeça descansa em suas costas largas.

Ele não se move, é como um pilar de pedra entre os destroços de sua mente, assim como as ruínas na Grécia.

— Morrer não é o pior que poderia ter acontecido com ela. É apenas a pior coisa que aconteceu com você e com a família dela — sussurro. Sinto sua cabeça virando, seus olhos me fitam por cima do ombro. Mas não encontro o seu olhar. — A vida que ela teria que viver seria muito mais dolorosa do que onde ela está agora.

— Você acha bom que ela tenha morrido? — ele pergunta desanimado.

— Claro que não. — Eu o acalmo, apertando-o ainda mais. — Ser roubada de sua vida, de seus amigos e família, e então ser colocada em uma situação incrivelmente horrenda e fodida... Essa é a pior coisa que poderia ter acontecido com ela. — Minha voz falha nas últimas palavras e levo um minuto para me recompor.

— Mas a morte? A morte não, Zade. Ela estava gritando porque estava lutando contra a vida que estava sendo forçada a aguentar do único jeito que sabia. Ele não tinha o direito de tirar a vida dela, mas, mesmo assim, ele o fez, e eu... espero que ele sofra por isso. Mas depois do que fizeram com ela, sei que ela está mais em paz agora do que se estivesse viva.

Ele permanece em silêncio e não tenho certeza se o fiz se sentir pior, ou melhor, mas falei o que acreditava ser verdade. Às vezes, as pessoas apenas não devem viver com esse trauma, uma casca do que eles poderiam ter sido, quebrados e lutando a cada dia para *não* morrer.

Acredito que se ela tivesse sobrevivido, ela poderia aprender a como ser feliz de novo. Acredito que todos que sofrem com demônios internos podem conseguir isso. Todos somos capazes. Mas, às vezes, forças invisíveis tiram essas chances, e talvez isso signifique apenas que era o destino deles

encontrar sua felicidade na pós vida.

Solto Zade e me afasto. A cabeça dele cai e ele parece quase que desapontado. Ele se levanta em direção à porta, mas não dá dois passos antes que eu agarre sua mão e puxe-o de volta.

Ele me encara de volta, calado e confuso.

— Ainda te odeio — murmuro, e a mentira tem gosto um amargo. — Mas quero que se deite comigo, Zade.

Afasto as cobertas, indicando para ele entrar. Preciso fazer um esforço tremendo para desviar o olhar enquanto ele tira suas botas e se deita ao meu lado. Ele faz questão de ficar em cima do edredom, parte de mim fica um pouco ressentida com isso.

Estou nervosa. Até agora, todas as vezes, fui forçada a me encontrar com Zade. Agora que eu tomei a decisão de ele estar aqui, não sei o que fazer.

— Por que estava na minha varanda? — falo. Ele ri, encarando-me e me incitando a fazer o mesmo. Com rigidez, rolo para o lado e tento não desmaiar com a intensidade desse homem.

— Queria te observar — ele confessa, e então ele continua com uma diversão seca. — Em paz.

— Desculpe ter interrompido sua observação. Na próxima, tento fazer algumas poses para você — bufo.

Nunca admitirei o quando a resposta dele me dá calafrios, tanto como gelo congelante e como fogo ardente. Ele sorri e me entristece que seu sorriso não alcance seus olhos.

— Eu adoraria — murmura ele distraído. Seus olhos estão traçando minhas curvas como se elas fossem as escrituras e ele fosse um pecador em busca da prova de um Deus que ele não consegue mais ouvir.

— Você precisa de espaço quando quer estar perto. Parece um

casamento — falo sem expressão.

— Será.

É instinto negar. Ainda quero negar e faço isso na minha mente. Mas não dou voz a isso. Não hoje à noite. Então, engulo as palavras e o permito sonhar.

Ficamos em silêncio, mas um silêncio pesado com tristeza, culpa e raiva. Ele está fervilhando de emoções como um apicultor segurando uma colmeia. Eu estou sendo picada e isso faz minha pele queimar.

— Me beije — sussurro. Se ao menos isso pudesse aliviar o fogo em nós dois. Ele fica parado, e minha coragem está acabando, então me inclino e tomo iniciativa.

Eu tomo seus lábios nos meus, saboreando o tipo diferente de fogo que floresce de nossos lábios conectados. Ele não hesita em me beijar de volta, mas de forma lenta. Embora não seja menos intenso, está faltando sua ferocidade habitual. E isso é algo que não percebi o quanto senti falta até agora.

Quase entrando em desespero, mordo seu lábio inferior antes de sugá-lo na minha boca. Suas mãos agarram forte minha cintura e, por um momento, acho que ele quase me empurrou para longe.

Mas ele não aguentou. Sua determinação estilhaça, e finalmente – *finalmente* – ele se deleita em meus lábios, saboreando-me como se estivesse lambendo sorvete de casquinha.

Minhas mãos mergulham em seu cabelo, explorando os fios macios, enquanto as dele abençoam meu corpo com a mesma honra, deslizando sob o edredom e percorrendo minhas curvas. A língua dele luta contra a minha, criando um tornado de paixão e um milhão de emoções reprimidas.

O edredom parece pesado e sufocante no meu corpo, mas quando tento me soltar, Zade me prende ainda mais. Eu me afasto dele e ele vem atrás de

mim, tornando a fuga inútil quando seus lábios são impossíveis de negar.

— Deixe-me sair — suspiro entre seus dentes.

— Não vamos passar disso, Addie — declara ele com firmeza.

— Por quê? — respiro, e a minha parte lógica luta contra essa pergunta estúpida. Eu devia estar aliviada.

— Porque a primeira vez que eu te foder, quero te entregar tudo de mim, não só fragmentos e pedaços. — Ele respira fundo. — Não estou inteiro agora. E não posso adorar você quando tudo que enxergo é ela.

Entendendo a mão, traço sua cicatriz ele responde com uma respiração estremecida.

— Tudo bem — sussurro. Eu entendo. Ele está sofrendo agora, e sou apenas uma distração temporária. Não me incomoda quando sei que a garota ocupando sua mente é uma garotinha que agora está morta. Uma morte pela qual ele se culpa.

— Desculpe, você está certo. Mas só quero que saiba que a culpa não é sua. Os “e se” irão atormentá-lo até onde você permitir, Zade. Mas você precisa lembrar de todas as meninas que você salvou. Não se esqueça de lembrar delas também.

Ele não me dá uma resposta verbal. Ao invés disso, ele se inclina e desliza seus lábios nos meus. Eu o permito explorar, nosso beijo está muito mais calmo. O fogo está baixo, borbulhando sob a superfície, mas com pouco oxigênio para crescer.

Sexo não é algo que precisamos agora. Ele não está bem para isso, e eu não sei se alguma vez estarei. Esse lance com o Zade é confuso.

Eventualmente, terei que acabar com isso.

Mas não essa noite.

***

Sinto meu celular vibrar e suspiro quando vejo que é minha mãe. Apesar de a minha cabeça gritar para não atender, toco no botão verde e coloco o celular no meu ouvido.

— Oi, mãe. — Tento impedir minha voz de mostrar como realmente me sinto.

— Oi, querida. Como você está? — ela pergunta, sua voz doce transforma meu corpo em pedra. É uma reação comum quando estou acostumada a insultos passivos agressivos.

— Estou bem, apenas me preparando para o festival — respondo, olhando para Daya.

Estamos no meu quarto nos arrumando, uma sensação intoxicante de ansiedade está presente no ar.

Satan's Affair é hoje à noite, e sempre nos divertimos muito. Sei que hoje não será diferente. Finalmente terei uma noite onde minha cabeça não está cheia de homens perigosos e assassinatos a sangue frio.

Ou talvez, cheia de um homem particularmente perigoso que não vejo a uma semana.

— Aquele festival assombrado que você vai todo ano? — ela pergunta ironicamente. — Não entendo por que gosta de ir a essas coisas. Tenho certeza de que há uma condição mental associada em sentir prazer com o terror — ela murmura a última parte, mas não é transmitido com clareza pelo telefone.

Sinal de celular irritante.

— Tem algum motivo para ter ligado, mãe? — Reviro os olhos. Daya bufa e lanço um olhar para ela.

— Sim, queria saber quais os seus planos para o Dia de Ação de Graças. Imagino que Daya e você venham nos visitar?

Suprimo um gemido que fica entalado na minha garganta. Daya e eu somos como um casal, e dividimos férias entre nossas famílias.

Ela tem uma família grande e eles sempre me receberam de braços abertos. Suas reuniões familiares são cheias de risos e jogos, e eu morro de felicidade toda vez que como a comida.

Já minha família é pequena e rígida. A comida da minha mãe é mediana, mas falta o calor e o conforto, e eu acabo indo para a cama cedo e vou embora pela manhã.

— Sim — confirmo. Aperto os lábios pensando em algo muito estúpido agora que estou com ela no telefone.

— Ei, hum, mãe?

— Sim? — ela diz com impaciência.

— Posso fazer algumas perguntas sobre o assassinato de Gigi?

— O que está fazendo? — Daya gesticula, enquanto seus olhos se arregalam quase comicamente.

Ela sabe assim como eu que minha mãe não gosta que investiguemos o assassinato de Gigi, mas eu preciso perguntar. Ela pode ter alguma informação valiosa e entrar em uma discussão com ela pode valer a pena se houver alguma possibilidade de descobrir algo.

— Se isso convencer a você de sair daquele lugar — ela suspira.

Não respondo, a deixando acreditar no que quiser se isso a fizer falar.

— Você conhece o melhor amigo do Vovô John? Frank Seinburg?

Ela fica em silêncio por um instante.

— Não ouço esse nome há muito tempo — ela diz. — Não o conheci pessoalmente, mas sua avó falou dele.

— O que ela falou sobre ele?

Ela suspira.

— Apenas que ele estava sempre por perto até Gigi ser morta, então ele

meio que desapareceu.

Aperto os lábios.

— Você sabe sobre o vício em jogos do vovô John? — eu solto, incapaz de segurar a esperança em minha voz. Infelizmente, ela percebe isso.

— Por que está perguntando isso, Addie? — Ela desvia do assunto com um suspiro cansado. Ela está sempre cansada quando se trata de mim.

— Porque estou interessada, está bem? Conheci o filho de Frank — admito. — Mark. Ele me falou sobre Gigi. Ele lembrou dela e me deu umas informações interessantes sobre a jogatina de John.

Não admito que eu mesma estou investigando o caso dela. Prefiro que ela acredite que aconteceu de termos uma conexão e falamos sobre isso, nada mais.

— E como você conseguiu entrar em contato com um homem de tal posição social? Meu Deus, Addie, por favor, me fale que não se vendeu para ele.

Um inseto conseguiria entrar na minha boca e eu não perceberia. Minha boca permanece caída e tudo que sinto é mágoa.

— Por que... Por que acha que eu seria capaz de fazer algo assim? — pergunto devagar, a mágoa evidente na minha voz. Não consigo esconder isso, não quando minha mãe acabou de me acusar de ser uma prostituta.

Ela fica em silêncio de novo e me pergunto se ela percebeu que foi longe demais.

— Bem, então como você conheceu ele? — ela pergunta finalmente, esquivando-se de uma pergunta que eu gostaria muito de saber a resposta.

Eu fungo, decidindo deixar para lá. Não importa o porquê ela acredita nisso, apenas que ela acredita.

— Daya tem amigos em cargos altos. Nos conhecemos em um jantar e ele disse que me achou familiar, então falei sobre minha família e ele fez a

conexão — minto, tentando manter minha voz equilibrada. Daya levanta uma sobrancelha, mas não fala nada.

Parece que uma flecha atravessou meu peito, uma sensação de aperto e uma pontada.

— Sua avó disse que John os colocou em uma situação difícil por causa dos jogos, mas pouco antes da morte de Gigi, parece que tudo passou. Ele chegava tarde em casa e mal-humorado, apenas para brigar com Gigi sobre qualquer coisa que o tivesse deixado irritado no dia.

“Frank absorvia tudo no relacionamento deles. Com o casamento deles acabando, acredito que ele tenha sido metido algumas vezes no meio. Sua vó falou de um incidente um tempo antes de Gigi morrer, no qual ela e Frank tiveram uma briga. Ela não se lembrava muito sobre o que aconteceu exatamente, apenas que Frank agarrou Gigi, a jogou no chão e falou algo sobre uma traição. É tudo que eu sei — explicou ela rigidamente, como se estivesse recitando um verso bíblico.”

Esse foi seu pedido de desculpas. E apesar de o aperto no meu peito não ter afrouxado, eu o aceito mesmo assim.

Fico pensando nisso, curiosa para sabe por que Frank estava tão chateado por Gigi trair John. Talvez porque Frank era sempre colocado no meio, ele se cansou. O comportamento de John estava piorando constantemente, e parece ter começado quando a atitude de Gigi mudou com relação a ele, quando ela começou a se apaixonar por Ronaldo. É possível que Frank tenha culpado Gigi pelo comportamento de John e pelo fato de estar perdendo seu amigo para um vício perigoso.

— Só mais uma pergunta — digo, sentindo que ela precisa desligar. Ela me ligou para perguntar sobre o jantar de Ação de Graças e ficou presa em uma conversa sincera com sua filha. — Você lembra da vovó indo no sótão o tempo todo? Sabe por que ela fazia isso?

— Sim. Ela subia ali para ter um tempo sozinha quando eu era criança. Não sei o porquê, ela sempre disse que ia ali para pensar. Ela nunca nos permitiu subir lá. Por que quer saber?

Meu coração pula uma batida enquanto um pensamento indesejado entra na minha cabeça. Não me sinto confortável contando a ela o que descobri. Ao invés disso, eu dou de ombros e digo:

— Pensei ter lembrado que ela subia muito ali, mas não tinha certeza. Só estava curiosa.

— Tudo bem. Se for só isso, preciso preparar o jantar para o seu pai. Eu mando uma mensagem sobre os detalhes — diz ela.

— Tchau — resmungo antes de desligar a chamada.

— O que ela disse? — Daya me pergunta suavemente, mas sei o que quer mesmo dizer. O que minha mãe disse que me fez parecer tão magoada?

— Ela achou que eu podia ter me prostituído para o Mark. — Eu rio. A sua boca cai aberta, mas ela rapidamente a puxa de volta.

— Isso é horrível, Addie. Eu sinto muito. — Ela pede desculpas com o rosto cheio de empatia. Daya sempre teve uma família maravilhosa, mas ela está comigo a tempo demais para entender como é crescer com minha mãe.

— Ela já disse coisas piores — falo, acenando para deixar para lá.

— O que ela disse sobre Frank?

Repito tudo que minha mãe me contou, e quando termino, Daya apenas me encara com os olhos arregalados. Recebi essa mesma reação quando a contei sobre o que descobri com Mark sobre Ronaldo e John.

— Tudo que sei é que Gigi começou muita merda quando se apaixonou por Ronaldo — finalizo com um suspiro.

— Falando de *stalkers*... você não vai contar à sua mãe sobre Zade? — Daya aperta os lábios.

— Isso é tipo perguntar se vou contar sobre quando deixei um cara me

masturbar no meio de um cinema — respondo a encarando.

— É, tudo bem, estou com você nessa — ela suspira. Sinto uma hesitação em seus olhos verdes e sei a pergunta que está por vir. Endireito a coluna e me preparo.

— Ele não falou mais nada a você sobre o que ele faz para viver? Ou por que está envolvido com Mark?

Essa última pergunta é exatamente o motivo de não poder contar quem é o Zade. Ele disse que ninguém mais sabia sobre Mark e no que ele está realmente envolvido, com exceção de algumas pessoas que o ajudam.

Balanço a cabeça, recusando dar voz à minha mentira. Daya assente, aceitando minha resposta sem pensar duas vezes, e a culpa que reside dentro de mim é quase insuportável. Menti na cara dela, e ela nem sequer questionou. Ela pega um copo de rum e me entrega.

— Aqui, vai te ajudar a se animar. Um esquenta antes de um festival assombrado é tipo, lei.

Aceito a bebida e engulo de uma só vez. Quando abaixo o copo, o sorriso volta ao meu rosto. Álcool não vai curar a culpa, mas ao menos não estou mais com raiva da minha mãe ter me chamado de prostituta. Ela bufa quando vê meu rosto.

— Como você acha que serão as casas assombradas esse ano? — ela pergunta, passando uma sombra marrom brilhante em sua pálpebra.

Ela vai ficar perigosa quando terminar. A sombra destacará perigosamente seus olhos verdes e atrairá todos os monstros.

— Não sei, é sempre difícil de adivinhar. É como tentar adivinhar o próximo tema de *American Horror Story*.

As casas em Satan’s Affair geralmente seguem o mesmo tema. Um ano, a maioria das casas assombradas foram montadas como prisões, e em cada casa você tinha que descobrir como escapar.

Esse foi um dos meus temas favoritos até agora. Também foi nesse ano que Daya se mijou. Ela sempre leva roupas extras agora, e eu sempre tiro sarro dela.

— Está pronta? — ela pergunta, passando rímel nos cílios uma última vez.

— Garota, eu nasci pronta. Vamos lá, mijona.

— Vadia — murmura ela, mas quase não consigo ouvir por causa da minha risada maléfica.

***

Satan's Affair é um dos meus lugares favoritos no mundo. De noite, o festival ganha vida com risos, gritos de terror e animação, e gemidos de alegria com a comida frita.

Entrar no lugar cheio de casas assombradas, brinquedos do parque de diversão e *food trucks* é como entrar em energia estática pura.

Daya e eu somos imediatamente sugadas pela multidão. É cindo da tarde e já está totalmente escuro, alguns dos monstros já começam a se infiltrar na multidão.

Meus olhos se fixam em uma garota vestida de boneca quebrada, sentada em um banco e comendo feliz um x-burguer Filadélfia. Eu quase solto um gemido, o cheiro da carne grelhada me faz salivar. Empurro Daya e aponto para a menina.

— Ela está vestida de boneca.

Daya acena e nossos olhos analisam as casas. Elas ainda não estão iluminadas, mas algumas delas deixam óbvio qual o tema.

— Nossa infância — murmuro, notando as casas de boneca apelidadas de *Casa de Bonecas da Annie* e *Massacre do Chá*. A entrada é um ursinho de

pelúcia gigante sem um olho, com uma orelha rasgada e sangue espalhado pelo seu pelo. Ele está segurando uma faca ensanguentada em sua mão.

Isso dá vida a uma memória da minha própria infância, assim como a de milhões de outras garotinhas, sentadas em uma mesa cheia de bichos de pelúcia e xícaras de chá vazias.

Aquela casa não terá uma festa do chá agradável, mas sim, cheia de bichos de pelúcia assassinos e monstros assustadores.

— Isso irá manchar todas nossas memórias de infância, né? — concluo.

— Com certeza — diz Daya, seus lábios apertam tanto de animação quanto de pavor.

Pego a mão de Daya e a levo em direção aos *food trucks*. Gostamos de comer primeiro antes de sermos atacadas por monstros. É estranho empurrar um cachorro-quente pela minha garganta enquanto um monstro assustador está atrás de mim, respirando no meu pescoço.

— O que parece bom? — pergunto com meus olhos avidamente checando as milhares de opções.

— Como escolher? — Daya lamenta, compartilhando de meu dilema.

— Precisamos comer pelo menos um cachorro-quente do mal e as batatas fritas com brigadeiro. Ah! E os legumes fritos. Ah, e talvez...

— Você não está diminuindo as opções como pensa que está — Daya interrompe com um tom seco.

— Tudo bem. Aquela boneca quebrada ali está comendo um x-burguer Filadélfia. Que tal aquilo e umas batatas fritas por agora?

— Lidere o caminho — diz ela, estendendo a mão impaciente.

Eu nem rio disso. Levo comida a sério da mesma forma quando estou com fome.

Quando a moça do *food truck* está entregando minha comida, estou faminta e tremendo pela necessidade de enfiar meus dentes em algo com

substância.

A gordura ainda está chiando em nossas batatas fritas enquanto as colocamos em nossas bocas impacientes, e nos forçando a puxar ar enquanto elas queimam nossas línguas. No momento que achamos um banco vazio, minhas fritas já foram devoradas e dei várias mordidas deliciosas no meu sanduíche.

Daya já comeu mais do que eu, provavelmente porque a vadia estava confiando em mim para encontrar um lugar para se sentar.

Por fim, eu me sento e enfio o sanduíche na boca, sem me importar com a gordura escorrendo pelo meu queixo.

Bem no fundo, eu me pergunto se Zade está aqui, observando-me como ele sempre faz. Ele sentiria nojo da minha falta de educação? Espero muito que sim.

Então de novo, aquele idiota diria algo sobre como ele gosta quando me solto, e eu ia querer vomitar na cara dele.

Mentirosa.

Assim que terminamos nossa comida, as casas assombradas ganham vida e as luzes se acendem, indicando que é hora dos convidados entrarem na fila. Daya e eu corremos para a *Casa de Bonecas da Annie* primeiro, pegando um lugar bem perto da entrada.

Estamos nos apoiando nas paredes quando sinto uma coisa gelada no meu pescoço, percorrendo toda minha espinha. Parece que buracos estão sendo feitos nas minhas costas.

— Addie? — uma voz me chama junto com um toque suave no meu ombro, logo quando estou prestes a virar. Arregalo os olhos e viro bruscamente, ficando cara a cara com Mark.

Ah, que merda.

— Mark! — exclamo surpresa, forçando um sorriso. Nunca fui boa em

atuar, especialmente quando preciso fingir estar feliz de ver um pedófilo bem atrás de mim.

Mude isso para quatro *pedófilos.*

Ele está com Claire e outros três homens mais velhos. Eu os reconheço vagamente, e presumo que também sejam políticos de certo calibre.

— Quais as chances? Não sabia que você vinha aqui — diz Mark, seus olhos se desviando para Daya — Quem é a sua amiga?

— Daya — ela responde por mim. Daya sorri, mas não se esforça para parecer genuína.

— Bem, é um prazer te conhecer. — Sentindo sua indiferença, Mark dá um sorriso tenso. — Addie, esses são meus colegas, Jack, Robert e Miller.

Trocamos gentilezas enquanto a fila avança.

— Então, onde está o Zack? — Mark pergunta, olhando ao meu redor como se um homem de quase dois metros estivesse se escondendo atrás de mim.

— Ele foi procurar um banheiro — minto. Não sei porque fiz isso, não tem motivo. Mas tenho uma sensação de que se Mark pensar que Daya e eu estamos aqui sozinhas, talvez tente algo estranho.

— Falando de Zack — diz Miller — ouvi dizer que vocês dois estão juntos. Como se conheceram?

Meu coração para, e por um momento, acredito que talvez Mark tenha descoberto sobre o acidente no cinema. Mas, então, lembro que Zade me garantiu que as filmagens foram apagadas quando me levou para casa.

Miller parece precisar carregar um tanque de oxigênio. Mark está bem com seus oitenta anos, e tenho certeza de que os outros homens não são tão mais velhos. Mas Miller em particular parece desafiar a gravidade ficando de pé com a coluna reta.

Eu conto a mesma história inventada de Zade no Bailey's, esperando

que as facas que costumam aparecer em meus olhos quando lido com minha sombra, sejam substituídas por corações.

Claire faz algumas perguntas com sua voz recatada. Do tipo, a quanto tempo estamos juntos, e se planejamos nos casar logo.

Há gotas de suor na minha testa, as mentiras saem de minha boca como os mundos fantásticos saem de meus dedos quando escrevo. Com sorte, faltam apenas mais uns minutos para chegar no final da fila e nos livraremos de Mark e seus amigos estranhos.

Apesar de estarmos entrando em uma casa assombrada abafada, o clima parece mais leve do que na fila.

A casa está decorada em cor-de-rosa, com pisos de madeira branca, babados por toda parte e garotinhas mortas rindo por todo lado. No final do corredor, juro que avisto uma boneca de um metro e meio correndo, seu corpo distorcido pela fumaça colorida e seu rosto ensanguentado. Ela some antes que eu tenha certeza.

Daya e eu ficamos próximas, olhando para a direita e esquerda, sem saber qual direção seguir. Um homem com o rosto descascado e ensanguentado surge das sombras na nossa frente junto com outra garota vestida de boneca amaldiçoada segurando uma faca.

Foi muito repetindo e eu dou um pulo. O grito de Daya perfura meus ouvidos enquanto os monstros nos perseguem, levando-nos para uma sala de estar com um sofá azul e um manequim dando à luz a uma criança.

Não consigo observar por muito tempo até que outro monstro pule em nossa direção. Eu rio no meio de um grito, correndo de um manequim mecânico que parece um Ceifador.

Daya enfia as unhas no meu braço. Uma variedade de monstros e bonecas pula em nós, praticamente na nossa cara e nos deixando pálidas de tanto susto.

Um motivo por Satan’s Affair ser tão popular é que eles escolhem cuidadosamente os atores. Eles são bons *demais* no seu trabalho. Não apenas eles têm as melhores maquiagens, mas também sabem exatamente o que fazer para assustar você pra caralho.

Voltamos para o saguão, mas desta vez somos perseguidas pelas escadas acima. Daya tropeça em um dos degraus e seus xingamentos são engolidos pelas minhas risadas.

— Vai se foder! — ela grita entre as risadas, seus olhos ainda estão arregalados de medo enquanto ela continua a subir as escadas para fugir do monstro.

Finalmente chegamos ao topo, quase esparramando no chão ao sermos dominadas por uma mistura de risos e terror.

O monstro nos deixa em paz enquanto nos endireitamos e seguimos pelo corredor, as luzes estroboscópicas oscilam criando um efeito alucinador. A fumaça está forte demais aqui, dificultando enxergar.

Bem no final do corretor está um manequim enorme, sua pele está tão queimada que está borbulhando em furúnculos. Ele tem uma boca sangrenta anormal e olhos grandes amarelos completam suas características grotescas. Seguimos para o quarto mais próximo, evitando aquela monstruosidade.

Entramos no que parece ser um quarto de boneca. Vemos mais decoração branca e rosa, uma cama de solteiro cheia de bonecas deformadas e assustadoras, e um espelho no canto da sala que tenho quase certeza que mostrará algo atrás de mim.

Aqui parece tudo inocente, mas as luzes piscam de forma ameaçadora, enquanto fumaça azul, roxa e rosa gira em torno de nós como dedos malvados. A música de fundo cria uma vibe perigosa.

Então, bem debaixo da cama sai uma boneca amaldiçoada. Seu corpo está torcido de um jeito estranho, e ela rasteja em nossa direção.

Os nossos gritos dominam o ar enquanto tropeçamos uma na outra tentando sair de perto da boneca. Corremos em direção da outra porta e somos levadas para outro quarto.

Leva cerca de dez minutos para passar pelo resto da casa. Minha adrenalina começa a diminuir, vazando entre minhas pernas enquanto monstros me perseguem. Esse é o meu afrodisíaco favorito, e algo que nunca poderei aliviar até estar sozinha em casa depois.

Descendo as escadas em direção à saída, ouço um grito fraco. Parece que alguém gritou o nome “Jackal” mas o som está muito alto aqui para entender.

Quando saímos na casa, respiramos profundamente o ar fresco. O frio no ar é um calmante para nossos pulmões. A única desvantagem é que as casas ficam extremamente abafadas.

Passamos as próximas horas correndo por todos as casas assombradas. Isso quebra a adrenalina constante com um tipo diferente de emoção.

Nunca vou me cansar da sensação de voar pelo ar a tal velocidade. É uma das poucas vezes onde sinto que nada pode me impedir. Nada pode me tocar ou machucar.

Nada pode me *pegar*.

É uma das emoções mais baratas que posso conseguir hoje em dia, que não custa minha moral e sanidade.

25 de fevereiro de 1946

Frank me confrontou sobre o caso. Eu neguei, é claro. Mas ele não acreditou em mim.

Ele tem sido um amigo tão bom para John, e costumava ser um bom amigo para mim também.

Mas não é mais tanto. Seu temperamento está pior e, às vezes, parece que ele mal consegue olhar para mim.

Ele me disse para parar com o caso.

Porque ele disse que estou machucando o homem que mais me ama no mundo.

Ele é leal a John, eu entendo isso. Ele não me deve nada.

E eu também não devo nada para ele. Por isso não pude contar que nunca vou parar de me encontrar com Ronaldo. Mas não acho que precisava tê-lo feito. Ele pôde ver em meu rosto.

E, por um momento, ele quase pareceu de coração partido.

Imagino que também estaria se meu melhor amigo tivesse se tornado o que John se tornou.

Acho que preciso me divorciar.



CAPÍTULO 28

A SOMBRA



Porra de imbecis, cara!

Minha cabeça explode de tão imbecis que esses caras são. Cheguei aqui bem a tempo de ver Mark de olho em uma boneca comendo um sanduíche, enquanto sua esposa, Claire, estava sentada bem ao seu lado observando-o comer uma jovem com os olhos. Ela não parece sentir nem um pouco de ciúmes, mas está incrivelmente preocupada com a garota vestida de boneca quebrada.

Preciso juntar todas minhas forças para não seguir até ele e esmagar sua cabeça naquele banco de madeira até não sobrar nada além de pedaços do cérebro e ossos. Mas permaneço nas sombras, um olho em Mark e outro na multidão, procurando pela minha ratinha.

Ela será uma distração hoje à noite, e isso pode me custar caro. Inclino a cabeça para trás e solto um suspiro. A possibilidade de Addie encontrar Mark é pequena, mas não impossível. Se ficar bem longe deles, ela pode

conseguir se divertir em segurança.

Mark e seus parceiros vieram aqui com a intenção de sequestrar uma criança ou duas. Nunca pensei que eles mesmo sujariam as mãos. Eles são figuras públicas e nunca arriscariam serem pegos.

Percebo que nenhum dos homens está com os filhos, provando que eles vieram aqui com um plano e não querem um obstáculo. Eles estão aqui sob o pretexto de passar tempo com suas esposas e nada além. Mas aposto minha bola esquerda que ele tira fotos e manda alguém para pegar quem ele achar… apetitosa.

Minha meta hoje à noite é impedir que qualquer tentativa de sequestro seja bem-sucedida. Tenho vários homens de prontidão espalhados por todo o festival, de olho em cada um dos parceiros de negócios de Mark, quem quer que seja alvo deles, e em qualquer outra atividade suspeita.

E parece que Mark encontrou sua primeira presa.

A boneca quebrada está em uma competição de olhares com Mark, trocando sorrisos como um viciado e seu traficante. Ela não é de forma alguma uma criança, mas ela ainda é nova o suficiente para ser vendida no tráfico humano.

— Estou de olho no Mark — informo. Jay e os outros mercenários serão capazes de me ouvir pelo fone de ouvido bem encaixado no meu ouvido.

Mantendo uma distância segura, desvio das pessoas passando para ter uma visão melhor do rosto da boneca. O sorriso assustador deformando seus lábios mostram um desafio maior do que palavras jamais poderiam, desafiando-o a vir atrás dela. Pelo brilho em seus olhos, ela parece estar indo além de seu trabalho.

Claire também ainda está olhando para a garota, mas o medo está irradiando de seus poros tão intensamente quanto o blush pintado em suas

bochechas encovadas. Mark não nota, mas parece que a boneca sim.

Ela salta do banco, pisca para Mark e vai em direção a uma casa de bonecas assombrada. Mark a segue com os olhos por todo o caminho. Seu olhar está fixo na bunda dela e ele passa sua língua pelos seus lábios rachados.

Então, ele tira o celular de seu bolso e faz uma ligação. Aperto os olhos, dividindo a atenção entre Mark e a boneca que desapareceu dentro da *Casa de Brinquedo da Annie*.

Ele fica no celular por um minuto antes de desligar e se virar para Claire. Sua esposa acena de forma imperceptível, apenas com um único movimento de seu queixo. O que Claire sabe é um mistério para mim. Mark pode esconder a maioria de seus negócios, mas imagino que ela não seja totalmente ignorante sobre como o marido passa seu tempo livre.

As casas assombradas ganham vida quase imediatamente depois. Luzes oscilantes brilham das janelas e uma música sinistra enche o ar, misturando-se com os gritos assustados dos convidados. A fumaça colorida que flutua pelo campo aberto agora obscurece o interior das casas.

Multidões começam a vagar em direção às estruturas assustadoras, formando filas do lado de fora das portas ainda trancadas. Mark aperta o braço de Claire e a puxa do banco, andando rápido em direção à *Casa de Brinquedo da Annie*. Os comparsas de Mark emergem da multidão agitada, Jack, Miller e Robert.

Bem, estou fodido.

— Estou vendo todos os quatro — falo baixo.

— Localização? — Jay me pergunta com o som do teclado no fundo.

Quem quer que seja o dono desse parque não acredita em segurança. Não tem câmeras em nenhuma parte do campo, forçando Jay a usar um drone pequeno que paira acima do festival. Ele não conseguirá entrar em nenhuma

das casas sem ser detectado, mas conseguirá capturar qualquer tentativa de sequestro.

— Casa de Bonecas da Annie.

— Nos avise se precisar de nós — diz um dos homens, Barron. Seu barítono é fácil de o distinguir dos outros.

Abro a boca, pronto para responder, mas então vejo um cabelo castanho avermelhado já na fila da *Casa de Bonecas da Annie*.

Puta que pariu.

A boneca quebrada deve estar conspirando com Deus, porque só a porra de uma intervenção divina juntaria todos eles assim.

***

No momento que vejo Mark tocar no ombro de Addie enquanto estão na fila, minha barriga gela. Acontece que ele e seus colegas estão bem atrás dela, e leva menos de cinco segundos para os olhos de Mark recaírem sobre a bunda de Daya. Foi preciso mais esforço para ele levantar os olhos e reconhecer quem estava diante dele.

Addie se vira, a surpresa está estampada em seu rosto, seguido de um forçado sorriso entusiasmado, apesar de saber que o maldito Guardião da Cripta está atrás dela. Daya olha Mark de cima a baixo com um brilho indiferente em seus olhos, apesar do sorriso educado curvando seus lábios.

Observo eles conversando por alguns minutos, Mark com seu jeito barulhento de sempre enquanto ele a apresenta a seus colegas. Mesmo agora, conheço Addie bem o suficiente para saber que suor está se acumulando em sua testa. Tenho certeza de que Mark perguntou onde eu estou, e fico curioso para saber a resposta. Toda essa interação me deixa rígido, e me preparo para ir até lá.

Eu estava tentando dar espaço para Addie hoje à noite, mas isso não é mais uma opção. Agora que quatro predadores estão prestes a entrar na casa com ela, há uma grande possibilidade de Addie e sua amiga nunca voltarem para casa. Se eu não estivesse aqui, é claro.

Mark pode gostar de mim, mas ele não me respeita. Não mais do que a Society, pelo menos. E seus colegas não irão nem me considerar quando estiverem levando duas garotas lindas para uma van disfarçada. A única coisa na mente deles serão bocetas e notas de dólar.

Eu me aproximo de Mark, passando por um cara que parece ter torrado em uma cama de bronzeamento como se fosse a Fonte da Juventude. Não faz sentido, mas claramente ele não tem senso nenhum se está parado no meu caminho e recusa a se mover depois que me vê chegando. Por isso, ele acaba de bunda no chão, soltando palavrões para mim enquanto continuo meu caminho.

Assim que me aproximo, Addie e Daya são conduzidas para dentro da casa, deixando Mark e seus amigos para trás. As casas têm um limite de pessoas para evitar que o espaço apertado fique muito congestionado. Especialmente com pessoas correndo como se suas vidas dependessem disso.

— Mark! — saúdo em voz alta com um sorriso esticado em meu rosto. Posso sentir minhas cicatrizes se contraindo de tanto que isso foi forçado, mas o velho está muito absorto em si para notar.

Mark parece assustado quando se vira para mim, mas assim como com Addie, ele dá um sorriso tenso.

— Zack! Você conseguiu! Acabei de ver Addie entrar com sua linda amiga. Ela disse que você foi ao banheiro.

Ratinha esperta. Ela deixou aberta a possibilidade de eu estar por perto e que poderia aparecer a qualquer minuto. Amo demais essa garota. Mostro meus dentes de novo.

— Sim, só fui em um lugar escondido bem rápido — falo apontando por cima do ombro.

— Ah, ser homem é uma benção de Deus — ele ri, batendo no meu braço. — Você já conhece meus colegas.

Troco cumprimentos rápidos, mas me viro, minha paciência já à flor da pele. O funcionário abriu a porta e está esperando que eu entre.

— Se importa de eu passar na frente? Quero alcançá-las.

Mark balança a mão, indicando para eu seguir em frente, seus lábios apertam em uma linha fina. Alguém grita atrás de mim, percebendo que eu furei a fila. As respostas de Mark são interrompidas pela batida da porta.

Entrar na casa parece ser como entrar em outra dimensão onde os demônios habitam. Me arrepio olhando em volta dessa monstruosidade rosa.

— Mas que diabos? — murmuro baixo, distraído por um momento pela monstruosidade dessa casa. Se Addie e eu tivermos uma filha, espero que ela tenha alguma porra de senso e prefira preto. Parece que meus olhos estão fisicamente se encolhendo por causa de todo esse rosa. Barney entrou aqui e cagou por todo lado? Jesus Cristo.

O cabelo castanho avermelhado de Addie brilha na minha visão lateral. Assim que meus olhos a encontram, ela desaparece em um canto, perseguida por um monstro. Seus gritos enchem a atmosfera esfumaçada e me faz rir um pouco. Parece muito com como vou fazê-la gritar mais tarde.

Meus pés funcionam no piloto automático, seguindo-a. Ouço a porta abrir de novo, seguido da voz de Mark e de seus amigos. Vou me certificar de criar uma barreira firme entre minha garota e esses merdinhas atrás de mim. Addie e Daya vão se divertir, sem serem incomodadas pelos verdadeiros monstros na casa.

Quando elas sobem as escadas em meio a risos e gritos, eu as perco de vista. Subo as escadas correndo, ouvindo seus gritos pelo primeiro andar.

Eu estudo o sistema do corredor. Tem portas demais no caminho, sendo quase impossível ter essa quantidade de quartos. Algumas dessas portas são falsas, o que significa que as meninas podem entrar em um desses quartos e saírem pelo outro lado. Elas podem nem mesmo voltar ao corredor se todos os quartos se conectarem por dentro.

Suspirando, sigo até o final do corredor com a intenção de espiar alguns quartos e encontrar o melhor lugar para acampar. Uma cantoria surge momentos depois e eu congelo sentindo calafrios pela minha espinha, os pelos no meu pescoço se levantam. Pode ser parte da experiência da casa mal-assombrada, mas algo me incomoda bem no fundo, avisando-me do perigo iminente. Não posso fazer merda alguma sobre isso até que alguém apareça cambaleando.

Ignorando a cantoria, sigo em frente. Deve haver uma placa de saída pendurada em uma das portas no caso de um incêndio, para que os convidados saibam por onde evacuar. Suspeito que seja um dos quartos dos fundos. Posso acampar no quarto oposto, o que me permitirá ficar de olho no corredor e saberei exatamente quando Addie sair.

Quando entro no quarto à esquerda, passo meus olhos pela área pequena, procurando a saída. Ao mesmo tempo, sinto uma presença surgir atrás de mim, uma que não quer me convidar para sua festa do chá tão cedo. Manequins mecânicos surgem de um armário e um guarda-roupas. Meu coração para, mas mantenho a calma enquanto viro para a presença maliciosa nas minhas costas.

A última coisa que eu esperava ver é a boneca quebrada de antes, a que estava provocando Mark. Seu cabelo castanho está preso em tranças, com laços cor-de-rosa enrolados. Olhos castanhos e opacos me encaram, a intenção brilha por trás da maquiagem em seu rosto. De perto, ela é bem mais assustadora do que eu imaginava. Provavelmente por causa do olhar

assassino.

Olho de cima a baixo, dando uma boa olhada nela. Ela está usando uma camisola branca fina, deixando pouco para a imaginação. Eu mal noto seus mamilos cutucando o tecido fino. Não, meus olhos se prendem é no contorno de uma faca amarrada em sua coxa. Meu corpo estremece. Se essa vadia tentar machucar minha ratinha...

— Onde elas estão? — pergunto, mantendo a calma. Espero que ela demonstre confusão e pergunte de quem estou falando. Mas ela não me dá essa segurança. Ela parece saber exatamente de quem estou falando.

— A salvo de você — corta ela. Então ela vira a cabeça para o lado, olhando para a parede. — Avise aos outros que duas mulheres estão sendo seguidas e se certifique que elas saiam em segurança. Eu resolvo isso.

Não consigo segurar o sorriso. Enquanto parte de mim está confusa sobre com quem ela está falando, estou mais surpreso de ela achar que pode dar conta de mim. Os olhos dela seguem algo que não consigo ver, como se ela estivesse observando elas saírem.

— Então, você é maluca, hein?

Ela recua, ofendida pela minha avaliação. Sinceramente, eu não poderia me importar menos.

A ansiedade está azedando meu estômago como leite estragado. Addie e Daya ainda não passaram até o final do corredor. E essa garota deve achar que sou como Mark, e estou aqui para caçá-las também e, bem... ela não está totalmente errada. Só que estou interessado em apenas uma delas, e quando eu terminar, ela amará o jeito como a faço gritar.

— Não me chame assim. Você é quem está caçando mulheres — ela retruca.

— Isso me torna um perturbado, não um maluco — arqueio uma sobrancelha, quase rindo na cara dela.

Suas pequenas mãos se fecham em punhos apertados e ela solta um rosnado, seu rosto tenso de raiva. A boneca levanta a camisola o suficiente para pegar a faca e fecha a porta atrás dela. Não sei dizer se devo rir ou ficar com raiva. Ela está deliberadamente me afastando da minha ratinha, e isso me deixa triste pra caralho.

— O que vai fazer com isso, bonequinha? — pergunto, rindo de deboche. Isso vai acabar rápido.

— Vou matar você, monstro.

***

Não tenho tempo para essa merda.

Quanto mais tempo eu estiver preso em um quarto com a Noiva do Chucky, Mark terá mais oportunidades. Se os homens perceberem que não estão me vendo em lugar algum e Addie está vulnerável, nada irá impedi-los de aproveitar o momento.

A boneca está mais interessada em conversa, e o tempo está passando. Eu invisto nela, mas fico surpreso com quanta garra ela tem.

Eu gosto dela, os ataques desleixados começam com uma faca e terminam com seus punhos. O tempo todo, ela se enfurece como uma criança petulante, irritando-se porque não consegue acertar. Vejo o desespero em sua expressão, tão ansiosa para me derrubar quanto eu.

Finalmente, dou um bom soco no nariz dela, fazendo-a perder o equilíbrio e cair no chão. Ela solta uma ameaça, mas estou focado na porta. Passo correndo por ela, escancarando a porta e indo até o final do corredor.

— Jackal! — ela grita atrás de mim, mas eu não ligo. Não sei com quem ela está falando, mas não dou a mínima.

Paro, de repente, quando olho para a esquerda e vejo os quatro homens

da noite amontoados em uma sala. Solto um suspiro de alívio, um pequeno peso saindo dos meus ombros com a confirmação de que eles não tiveram a chance de prender Addie. Até que ouço o pior saindo de suas bocas.

— Para onde ela foi? — Miller pergunta, olhando para Mark. — A van já está pronta para sair. Eles só precisam saber a localização delas.

Meu corpo se endireita e endurece como se injetassem cimento na minha coluna.

— Vamos encontrá-las — Mark responde. — Zack não estava com elas, então eles devem ter se desencontrado no caos. É o momento perfeito.

— Você sabe que terá que lidar com ele, certo? Quando ele descobrir que Addie se foi — Robert corta — Com aquelas cicatrizes horríveis no rosto, tenho a sensação de que o está subestimando.

Mark balança a mão, dispensando as preocupações de Robert. Suas preocupações *superválidas*.

— Ele tem essas cicatrizes porque é fraco, Robert.

Rio silenciosamente, jogo minha cabeça para trás e balando os ombros enquanto deixo sua suposição muito mal-intencionada passar por mim. E então, dou uma risada, ela dispara pelo pequeno espaço e se mistura com os outros ruídos assustadores que ecoam ao redor desta casa.

As cabeças dos quatro se viram em minha direção e qualquer cor que tenha sobrado em seus rostos desaparece. Os quatro estão suando e parecem ter visto seus piores pesadelos ganharem vida. Logo, eles perceberão que eu me sento na porra do trono, e seus pesadelos se curvam para mim. Sou muito pior do que qualquer monstro que eles possam imaginar. Entro no quarto, o sorriso no meu rosto se alarga quando eles se afastam.

— Za... — começa Mark.

— Sabe quantos anos essas cicatrizes têm, Mark? Elas são bem velhas. Meu oponente era formidável, mas quer saber quem acabou no chão com a

garganta cortada e buracos onde costumavam ser seus olhos? Certamente não fui eu, seu filho da puta.

— Zack, por favor, não estávamos falando de sua namorada. — Mark tenta ignorar minha história com uma risada, um som abafado e quebrado.

— Mark, a última coisa que você quer fazer é mentir para mim.

Assim que Mark abre a boca, uma pequena portinha no quarto abre e o maior incômodo da noite rasteja para fora.

— Pelo amor de Deus, me deixe em paz — reclamo. Mark e seus amigos se viram para encontrar a boneca se endireitando, com um olhar determinando.

O rosto dela brilha.

— Deus não tem nada a ver com isso, bobinho.

CAPÍTULO 29

A MANIPULADORA



— Acho que se eu não me sentar logo, vou desmaiar. Você vai ter que me carregar para longe da lama.

— Vá em frente e relaxe — aponto para um banco. — Vou na Casa de Espelhos rapidinho.

— Por mim tudo bem, você vai levar anos para sair daquele lugar e já vai ser hora de ir embora.

A Casa de Espelhos sempre foi um de meus lugares favoritos. É um elaborado labirinto de espelhos e é muito difícil de encontrar a saída. É um dos maiores prédios no festival e eles enchem cada centímetro de espelhos. O festival terminará em cerca de meia hora. Está quase acabando, mas deve ser tempo o suficiente para sair dali se me concentrar.

A casa está pintada toda de preto, sem variedade de cores, luzes piscando ou fumaça. Sempre achei que era mais difícil assim. Às vezes, parece ser uma sala silenciosa, sem nada além de seus pensamentos enquanto sua própria imagem te persegue.

Leva apenas cinco minutos para eu estar completamente perdida. Estendo minhas mãos à frente para me prevenir de dar de cara em um dos espelhos. Isso já aconteceu há uns anos e meu nariz ficou machucado por uma semana.

Passo alguns minutos apenas com a companhia do meu próprio reflexo. Minha frequência cardíaca está irregular, minha respiração descompassada com excitação. Apesar das batidas no meu peito, aqui é onde me sinto mais... normal.

Ao longe, ouço alguns passos leves. Poucas pessoas vêm aqui, principalmente tão tarde, mas tem várias pessoas que gostam de um desafio.

Continuando meu caminho rebelde, concentro-me em para onde estou indo, logo esquecendo de tudo que acontece ao meu redor. O truque é focar no chão, e não no seu reflexo.

Quase dando de cara em um espelho, ouço uma risada sombria. Minha cabeça se levanta com essa risada maléfica. Meu nível de adrenalina começa a subir, a substância é bombeada pelo meu coração e aumenta a velocidade.

Será que um funcionário vestido de monstro entrou aqui para me assustar? Eu não conseguiria fugir deles. Eles são conhecidos por seguir as pessoas e aterrorizá-las.

Engulo a seco e me viro para encontrar meu rumo. Se tiver um monstro assustador aqui comigo, é melhor que eles não cheguem perto o suficiente que eu precise olhar milhões de reflexos seus. Passando pelo espelho que quase quebrou meu nariz, começo a avançar novamente.

— Ratinha. — O sussurro parece vir de todas as direções.

Fico paralisada. Não tenho certeza se estou sendo engana pela minha imaginação ou se Zade está mesmo aqui. Libertando-me, forço a continuar andando esperando estar apenas imaginando coisas.

— Cadê você, ratinha?

Eu me engasgo, a voz grave está mais perto. Outra risada sombria ecoa, e por Deus, esse homem é capaz de fazer o mal. Ninguém são soa assim. Fechando meus olhos com força, dou três respirações profundas e calmantes, tentando desacelerar meu coração.

Ele está brincando comigo, tentando me assustar. E está funcionando pra caralho, pois estou presa em um labirinto de espelhos, e ele ri como um maldito lunático.

Ele não pode simplesmente me deixar ter minha noite, pode? Pela primeira vez, não pensei nele e em meus sentimentos conflitantes. E embora Zade não me assuste tanto, exceto talvez agora, eu me assusto *mesmo* com o que ele me faz sentir.

Talvez se eu ficar calada, ele não me encontre.

Retomando meu caminho, acelero o passo até estar andando rapidamente pelo labirinto de espelhos.

Não faço ideia de quão longe estou, mas acho que nem cheguei à metade.

Então, vejo o primeiro reflexo de Zade. Vestido todo de preto, com o rosto cheio de cicatrizes escondido no capuz. Eu me assusto, olho ao redor apenas para encontrar mais de seu reflexo. Ele não está atrás de mim, mas está perto.

— Pare com isso — falo, o medo apertando meu peito.

Ele não responde e, claro, o filho da puta não escuta. Estou presa em um turbilhão de emoções, meu corpo se move em círculos, desesperado para saber exatamente onde ele está.

— Você está sozinha, garotinha?

Eu engulo a seco.

— Óbvio — sussurro, ainda procurando onde ele está. Sinto que não devia ter dito isso.

— Não tem ninguém aqui para te salvar?

A ansiedade atravessa meu peito como um tiro.

— Por que diabos eu precisaria ser salva, Zade? Você vai me machucar?

Então, ele levanta a cabeça, apenas o suficiente para eu ter uma visão de sua boca. Ele tem um sorriso malicioso em seus lábios.

Tento lembrar que ele não vai me machucar. Ele estava na minha cama há uma semana, triste e vulnerável. Quando abri os olhos de manhã, ele havia ido embora e não tive notícias dele desde então.

Mas meu cérebro está tendo problemas para ligar quem ele é agora com quem ele era então. Porque agora... ele parece selvagem.

— Eu vou arruinar você. — Ele me corrige.

Dou um passo para trás, um nó se forma em minha garganta. Sua imagem se move, seu corpo caminhando em uma direção diferente. Ele está se aproximando? Não sei dizer. Dou mais um passo atrás, a adrenalina em meu sistema sobe a níveis perigosos. Ele está me assustando.

— Corra — rosna ele. Meu coração aperta com o comando duro. — Se eu te pegar, eu te fodo.

Ouço de olhos arregalados, meu corpo entra rápido em ação. Eu corro. Aqui, estou completamente vulnerável a ele. Estou realmente bem presa nessa teia de aranha, e o filho da puta é venenoso.

Seu reflexo me segue aonde quer que eu vá. Algumas vezes fico convencida de que realmente o havia despistado, não vendo nada além da minha própria imagem. Então, ele saía de algum lugar, destruindo minhas esperanças.

Após alguns minutos, perco o fôlego. A adrenalina e o medo estão me afetando. Meu peito está muito apertado, meus pulmões estão cansados e não são mais capazes de reter oxigênio.

Estou perdida e presa com um homem muito perigoso que vai me devastar completamente. Acho que não estou mais fugindo dele, mas sim da pessoa que vou ser quando ele terminar comigo.

Eu estava pronta para me entregar a ele quando ele saiu das portas da minha varanda e veio até mim com o coração partido. Esse homem me lançou algum tipo de feitiço, porque quando ele estava sofrendo, tudo que eu queria, era fazê-lo se sentir melhor. Queria me entregar a ele, se isso fosse ajudar.

Mas sei que acordaria odiando a mim mesma no dia seguinte. Porque eu teria dormido com um *stalker*, um assassino e um homem que se forçou em cima de mim em várias ocasiões. Eu teria dormido com um homem que não respeita meus limites, meu espaço pessoal ou a palavra *não*.

E eu sei, sem sombra de dúvida, que é exatamente o que está prestes a acontecer. Como eu aceito isso? Como posso jogar fora a bússola moral que tem governado toda a minha vida?

Por um homem que eu deveria odiar, mas... não odeio. Simplesmente, não o odeio. Ele é todas essas coisas, mas também é um dos homens mais admiráveis que já conheci. A devoção e paixão que ele tem por salvar mulheres e crianças tiradas à força de suas casas e vidas... Ele está fazendo uma coisa enorme para o mundo e causando um impacto considerável. Não sei nem por onde começar a narrar a maneira como ele me faz sentir.

Ele é a porra de um oximoro, que se contradiz das formas mais agonizantes. E apesar de sua moral quebrada, eu me sinto segura com ele. Até mesmo agora, quando o medo está eletrizando meu cérebro.

Paro de correr, ofegante.

Desesperada.

Fugir do Zade é assim. Extremamente. Desesperador.

Com o coração acelerado, espero até ele me encontrar. É óbvio que não

serei capaz de ultrapassá-lo. Minha única chance de escapar é incapacitá-lo de alguma forma, e então tentar fugir.

Sinto uma risada borbulhar na minha garganta.

Ele está me treinando para fazer exatamente isso, certo? Minha sombra tem me ensinado a me proteger.

Contra ele.

O hálito quente faz cócegas na minha orelha, causando calafrios pela minha espinha. Fecho os olhos, mordendo o lábio até sentir o gosto de ferro quando sinto seu corpo pressionar minhas costas.

Ele mantém suas mãos para si por enquanto, mas sei que não vai durar muito tempo. Não é nenhum segredo o quanto ele gosta de me tocar sem minha permissão.

— Vou gritar — ameaço com um sussurro sem fôlego.

Sinto sua respiração no meu pescoço enquanto ele se inclina. Lábios macios acariciam minha orelha. Arrepios descem pela minha espinha como uma cachoeira furiosa.

— Você é uma boa menininha — responde ele.

Eu me viro, pronta para repreendê-lo, mas não consigo falar nem uma sílaba e meus lábios são capturados entre os dele assim que fico cara a cara com ele.

Instintivamente, mordo seu lábio inferior. Um gemido profundo entra na minha boca e me estimula a morder mais forte. Explosões saem de nossas bocas conectadas, junto com o sabor de menta e uma pitada de fumaça. Seu gosto é delicioso, e eu o quero longe da minha boca.

Como se ouvisse meus pensamentos, sua mão envolve a parte de trás da minha cabeça, seus dedos se enroscam nas profundezas do meu cabelo e me puxam para mais perto.

E então, eu faço algo muito estúpido. Chupo seu lábio inferior em

minha boca, perdida em seu gosto, nessa sensação de seus lábios contra os meus.

Percebendo o que estou fazendo, solto seu lábio, tentando me afastar dele. Sua boca é como uma droga e, assim como a coisa real, aquilo me faz tomar decisões incrivelmente estúpidas.

Ele não me solta, em vez disso, devolve o sentimento, sugando meu lábio em sua boca e dando sua própria mordida. Eu suspiro de dor, concedendo-lhe acesso e permitindo que ele invada minha boca.

Minha boceta responde na mesma moeda, pulsando com a sensação de sua língua. Memórias me bombardeiam, lembrando daquela língua deslizando no meu clitóris.

Solto um gemido involuntário, e no segundo que ele sente a traição do meu corpo, seu beijo se torna feroz. Ele me consome completamente, chupando e lambendo meus lábios e língua de uma maneira que nunca experimentei. Sou incapaz de detê-lo, assim como para lutar contra isso.

Outro rosnado ecoa pela minha boca, meu único aviso para seu próximo movimento. Ele agarra minha cintura e me empurra contra um espelho, prendendo-me contra o vidro frio enquanto seu corpo se molda ao meu.

— Uma garota boazinha pra caralho. — Ele solta o elogio em minha boca antes de envolver meus lábios inchados em outro beijo intenso.

Sem fôlego, afasto minha cabeça com força, sugando o precioso oxigênio. Ele aperta minhas bochechas entre sua mão grande, rosnando contra mim.

— Me dê esses malditos lábios — rosna ele, forçando sua língua de volta na minha boca.

Minhas mãos se encaixam entre nossos corpos, subindo pelo estômago musculoso até seu peito firme. Rudemente, eu o empurro para longe, nossos

lábios se separando com um estalo alto.

— Espere, pare — digo ofegante, minha mente confusa e desorganizada.

— O que eu disse? — ele fala bruscamente. Seus olhos de cores diferentes seguram meu olhar como o efeito de uma droga viciante. É difícil desviar o olhar quando sinto que estou olhando nos olhos de um predador.

Ele *é* um predador.

— O quê? — Suspiro, ainda tonta do beijo.

— Se eu te pegar, eu te fodo. — Ele repete lentamente com sua voz rouca.

Abro a boca, mas as palavras demoram a sair.

— Você não vai me foder — nego, empurrando seu peito com mais força.

Seus lábios sussurram na minha bochecha, seguindo ao longo do meu maxilar antes de descer para o meu pescoço.

— Porque você tem medo de gostar demais — conclui ele, antes de morder meu pescoço. Minhas costas arqueiam, fico arrepiada. — Porque você sabe que vai ficar tão viciada quanto eu.

— Não — nego em um sussurro. — Porque eu não quero.

Ele levanta a cabeça com um sorriso malicioso.

— Então, você será uma garota má essa noite? Minta na minha cara e aja como se sua boceta não estivesse implorando para ser preenchida com meu pau.

Sinto o sangue fervendo nas minhas bochechas, uma mistura de raiva e vergonha.

— Nem tudo se resume à atração física — respondo finalmente. — Talvez meu corpo queira você, mas isso aqui em cima. — Dou toques na minha têmpora. — Não quer.

Ele assente lentamente, passando os olhos com atenção pelo meu rosto. Ele dá um passo para trás, deixando-me desolada e com frio. Parece uma mortalha negra envolvendo o sol em um dia quente de verão, um frio repentino e arrepiante.

Ele pega minha mão e me puxa para longe do espelho. Ele me gira até que estou olhando para os inúmeros reflexos que nos cercam, refletindo nossa imagem de todos os ângulos.

Eu o observo pelo espelho. Ele pressiona seu corpo de volta no meu, seu calor entrando nos meus poros mais uma vez. Meus olhos se fixam em um espelho, nossos olhares se encontram através dele.

Lentamente, ele se inclina até sua boca estar bem na minha orelha, seus olhos não se desviam dos meus.

— Quer saber por que amo a casa dos espelhos? — ele murmura no meu ouvido, provocando faíscas nas minhas terminações nervosas. Sua voz está cheia de promessas sombrias e começos perigosos.

Eu engulo em seco.

— Por quê? — sussurro.

— Olhe ao seu redor — ele ordena. Hesitante, afasto meus olhos dos dele, olhando para as dezenas de espelhos. — O que está vendo agora é o que vejo todos os dias. Não importa o quanto eu corra, o quanto eu tente escapar de você, você está em todos os lugares que eu vou. Você é tudo o que eu vejo. Amar você é como estar preso em uma casa de espelhos, ratinha. E eu nunca me senti tão em casa estando tão perdido dentro de você.

Minha respiração congela, meu olhar se volta para ele. Meu coração tropeçou e caiu de um lance de escadas no segundo em que a palavra “amor” saiu de sua boca. Uma palavra que ele falou tão casualmente, que não tenho certeza se é uma confissão ou não.

— Acho que você não sabe o que é amor — sussurro.

— Acho que ninguém sabe, querida — ele resmunga sorrindo. — O amor é um enigma, e é redefinido toda vez que alguém o diz.

Eu franzo a testa. Só consigo sentir decepção. Não por causa do que ele disse, mas por causa de quão fácil foi para ele realizar o que se propôs a fazer.

Assim como ele quer, um sentimento imprudente e impulsivo me consome. Tudo o que quero fazer é deixá-lo me possuir. Tantas noites onde ele se esgueirou para a minha cama e se aproveitou da minha fraqueza, fosse a fraqueza no meu corpo ou cabeça, ele usou isso contra mim várias vezes. Mas ele nunca seguiu até o fim, e cada pedaço dentro do meu ser estava esperando por esse momento... antecipando isso.

Estou morrendo de vontade de rejeitá-lo, mas tenho que lutar contra meu corpo para não virar e puxá-lo para mim.

Talvez só desta vez...

Eu mordo meu lábio, apertando o lábio machucado e abusado entre meus dentes. Ele me observa atentamente, estudando cada movimento como se estivesse tentando interpretar uma linguagem antiga escondida nas linhas do meu corpo.

— Você só está dizendo isso porque acha que vai funcionar? — pergunto, minha voz está rouca e irregular.

Sua boca ainda está inclinada em minha orelha, com os olhos fixos nos meus. Lentamente, ele nega com a cabeça, seu rosto severo e olhar intenso.

— Você está dizendo a verdade? — Minha voz falha, desesperada para que ele apenas mentisse e dissesse que não.

— Sim, Adeline — sussurra ele.

Fecho os olhos, resignação escorrendo dos meus poros. Sentindo a mudança, sua mão viaja pela minha barriga lisa. Fico tensa sob seu toque, arrepios percorrem minha pele.

Seus dedos longos travam no zíper do meu moletom, puxando-o lentamente para baixo, separando o material em um ritmo doloroso. O som dos dentes de metal se separando interrompe o som da minha respiração irregular.

— Não me torture — ameaço, com raiva de seu ritmo intencionalmente lento.

Ele dá um sorriso perverso, e mesmo o espelho não pode diminuir a crueldade.

— Pobre ratinha — provoca ele. — Você está totalmente enganada se pensou que isso seria algo além de doloroso.

CAPÍTULO 30

A MANIPULADORA



Ele tem uma capacidade muito estranha de sugar o ar dos meus pulmões com um simples olhar. E quando suas palavras aterrorizantes acompanham o olhar mortal, pareço não ter pulmões.

O moletom se abre e ele o puxa lentamente pelos meus braços. A roupa cai no chão, onde sapatos enlameados correram mil vezes essa noite. Parece uma metáfora cruel. Junto com minhas roupas, minha carne e alma serão manchadas essa noite.

— Alguém pode entrar aqui — sussurro, minha voz mal penetrando a tensão no ar.

Ele sorri. Um sorriso perverso me diz que ele não se importaria se alguém o fizesse.

— O que acha que eles fariam? — ele diz, enquanto levanta minha camisa, as pontas de seus dedos roçando minha pele. Sinto mais arrepios, uma reação física da eletricidade dançando em minha pele onde quer que ele me toque.

— Acha que eles ficariam assistindo? — ele pergunta. — Você acha que eles apreciariam a visão de sua pele nua em exibição? Talvez eles gostariam de ver sua boceta pingando refletida de volta para eles em todos os ângulos possíveis, ou o lindo rubor em seu peito quando você gozar. Acho que eles vão gostar de ver seus olhos rolarem para a parte de trás da sua cabeça quando meu pau te encher tão completamente até que não haja mais espaço dentro de você.

O medo atravessa meu peito, fazendo meu coração acelerar. Ainda assim, meu corpo responde de um jeito muito mais sombrio. Assim como suas palavras, sinto minha boceta pulsar enquanto minha calcinha umedece gradualmente até ficar exatamente como ele disse, pingando.

Eu ficaria bem com um estranho assistindo isso? Acho que não. Mas algo na maneira como ele me fez imaginar a cena me faz pensar que eu deixaria isso acontecer de qualquer maneira.

— Você ficaria bem com outras pessoas me vendo nua? — eu o desafio sem fôlego, observando minha blusa cair no chão preto. Seus dedos sobem pela minha espinha, lentos e cautelosos, queimando minha pele como lava.

— Não — murmura ele no meu ouvido. Eu o observo pelo espelho, seus olhos descem até focarem no meu peito. A faixa do meu sutiã aperta, o material afunda na minha pele antes de afrouxar. Os bojos rendados pretos que sustentam meus seios caem e me desnudam completamente.

Meus mamilos estão dolorosamente duros. Quando ele vê isso, sua língua desliza pelo lábio inferior como se estivesse salivando com a visão.

— Quer saber o que eu faria? — ele pergunta. — Eu os deixaria assistir. Eu os deixaria me ver reivindicando você como minha e possuindo cada centímetro do seu corpo. Eles assistiriam *meu* pau encher cada um de seus buracos e depois veriam você chorar por causa de quão forte você gozou. Então, eu os mataria. Meu pau ainda estaria molhado do seu gozo

enquanto corto as gargantas deles por até mesmo ousar olharem para o que é meu.

O medo me atinge como uma lâmina afiada, ameaçando estourar o balão de sanidade que me resta.

— Você é um psicopata — suspiro. Dessa vez ele ri, o estrondo sombrio viaja direto para o ápice das minhas coxas.

— Você vai aprender a amar isso — ele murmura distraidamente. Sua atenção se concentra em outro lugar enquanto suas mãos deslizam pela minha barriga lisa e seguram meus seios. Meus peitos estão longe de serem pequenos, fui abençoada com bons genes. Mas suas mãos são tão grandes que fazem meus seios parecerem assim, mal transbordando de suas mãos.

Ele é um monstro. Por dentro e por fora. Ainda assim, sinto minha calcinha ficando mais encharcada. Não deveria ser possível meu corpo sentir ódio e desejo ao mesmo tempo, mas suponho que todos seríamos inanimados sem as complexidades da emoção humana.

Ele aperta meus seios, quase ao ponto de doer.

— Vou foder eles em breve — ele promete, antes de soltá-los e mover as mãos para o botão do meu jeans.

Com um único movimento de suas mãos, minhas ações não são mais furtivas do que um ladrão de banco em um cofre cheio de dinheiro.

Que porra você está fazendo, Addie?

Porra, eu não sei. Isso é errado. Muito, muito errado. Mas não o impeço de abrir meu jeans, nem de enfiar os polegares em ambos os lados e puxá-los para baixo.

Ele me ajuda a tirar meus sapatos primeiro e, em seguida, tira completamente o jeans. Estou apenas de calcinha preta.

Engulo em seco, meu coração dispara enquanto observo nosso reflexo. Ele ainda está totalmente vestido, seus olhos passeiam pelos espelhos para

ver todos os ângulos do meu corpo nu. Ele parece não conseguir decidir em qual espelho se fixar. Luto contra o desejo de me cobrir. Acho o ato de me esconder mais vergonhoso do que ficar quase totalmente nua na frente de um homem bonito.

— Você tem que se despir também — insisto. De jeito nenhum vou ser a única a ficar exposta.

Finalmente, ele sai de trás de mim e fica na minha frente. Dói olhar nos seus olhos de cores diferentes. Parece mais real quando não estou olhando para eles através de um espelho.

Pela primeira vez, esse momento com Zade parece consensual. E não tenho certeza se quero isso. Mas qual a porra do sentido? *Não* querer que isso seja consensual.

No entanto, há uma parte doente minha que quer que ele force. Para eu poder bancar a vítima depois? Continuar fingindo que minha boceta não está pingando por ele e que não estou antecipando a sensação dele dentro de mim? É mais fácil bancar a vítima quando você não é o cérebro por trás de todas as suas más decisões.

— Se quiser realmente isso, ratinha, então vai ter que fazer você mesma — diz ele calmamente. Ele me olha como se não acreditasse que vou despi-lo de bom grado. E acho que ele sabe bem o que esse olhar faz comigo. O desgraçado sabe exatamente como não sou capaz de recusar um desafio.

Eu presto a ele o mesmo respeito que ele me deu. Tiro suas roupas lentamente. Suavemente. Intencionalmente roçando meus dedos contra sua pele e recebendo meus próprios arrepios e rosnados de impaciência.

Eu suspiro quando tiro sua camisa. As cicatrizes não são só em seu rosto. Dois graves ferimentos de faca mancham sua pele, um cortando seu coração e o outro em seu abdômen definido. A cicatriz é alta e irregular, um rosa forte contra sua pele bronzeada. E elas ainda o machucam.

Quando eu passo meus dedos sobre elas, ele fica tenso sob meu toque e mostra os dentes. Não é uma dor física. Elas cicatrizaram há muito tempo. Mas elas são como icebergs. Eles são inconfundíveis e imponentes por fora, mas abaixo da superfície há algo muito maior e ameaçador, capaz de afundar alguém nas profundezas de sua depravação, assim como o Titanic. Elas o machucaram profundamente por dentro, e eu realmente quero saber o que as causaram.

Onde não há cicatrizes, há tatuagens complexas. Ele tem um dragão em espiral na sua lateral e em seu peito, fogo saindo de sua boca e descendo pelo seu ombro. Uma sereia repousa do lado oposto, uma bela mulher espiando por cima do ombro nu.

Os espelhos me permitem uma visão completa de todos as outras tatuagens que cobrem seu corpo, em ambos os braços e cobrindo suas costas. Todas são lindas e feitas com maestria.

— Você não cobriu nenhuma de suas cicatrizes — observo silenciosamente, passando o dedo sobre o rosto do dragão. Na verdade, parece que as tatuagens evitam as cicatrizes de propósito.

— Não me escondo dos meus fracassos.

Seus fracassos não são as únicas coisas que embelezam seu corpo. Ele é cheio de músculos, mas não muito volumosos. Seu físico deixa muito claro que ele pode te matar com o dedo mindinho, sem parecer que ele toma bomba no café da manhã.

E como se isso não transformasse meus joelhos em geleia, as veias grossas que correm de seu pescoço até seus braços definidos e suas mãos enormes são minha ruína. Ele é... fenomenal pra caralho.

Ele me observa com cuidado, a intensidade brilha em seus olhos enquanto eu o estudo. Ele está quase vibrando sob minha leitura lenta, então eu sigo em frente e retomo minha tortura. Leva um total de zero segundos

antes que ele esteja duro com a necessidade de me foder. Sinto tanto poder na ponta dos dedos que não consigo imaginar quanto poder teria se o amasse.

Com cada centímetro de sua pele revelado, fico mais trêmula e molhada. Não é justo que alguém seja tão perfeito, marcado e cheio de cicatrizes como ele é. O abuso óbvio que seu corpo sofreu só o torna muito mais delicioso.

Eu me engasgo quando abaixo suas calças, seu pau duro se projetando para fora dos limites de seu jeans. Isso nunca será menos intimidante, não importa quantas vezes eu veja. A menos que, de repente, um dia eu aceite morrer com uma surra de pau.

Quando ele está totalmente nu, dou um passo largo para trás e olho ao redor. Eu o observo de todos os ângulos que os espelhos oferecem, assim como ele fez comigo. Ele tem coxas grossas, bunda redonda e dura, costas definidas nas quais quero me esfregar toda e o pau mais bonito que já vi.

Quero fugir. Para bem... bem longe. Esse homem vai me arruinar depois dessa noite. Eu posso sentir isso na minha língua.

— Está com medo? — ele pergunta com outro sussurro sombrio. Ele está me olhando com uma expressão ilegível no rosto.

— Sim — respondo com sinceridade.

Ele sorri, e a visão quase me deixa de joelhos.

Não está certo alguém ser tão bonito como ele. Zade é definitivamente o próprio Diabo. Tenho certeza disso, agora mais do que nunca.

— Deveria estar mesmo — diz ele, sua voz cheia de perigo.

Dou outro passo para trás, mas ele não se move para me impedir.

— Fique de joelhos, ratinha. — Ele ordena com a voz rouca.

Fico paralisada, sem saber se devo obedecer ou encontrar o bom senso, que deixei cair em algum lugar no caminho para a Casa dos Espelhos, e correr.

— Não me faça pedir duas vezes — ele rosna, seu rosto formando uma expressão severa. Ele inclina o queixo para baixo, olhando para mim.

O perigo em seu rosto me assusta, e minhas coxas se umedecem em resposta.

— Não quero que você me peça — digo lentamente. Seus olhos ficam confusos por um breve segundo, e eu mostro a ele exatamente o que quero dizer naquele momento.

Eu me viro e começo a correr. Mas ele é rápido demais. Sua mão se estende e envolve meu cabelo, puxando-me para trás. Um suspiro agudo escapa enquanto perco as forças. Ele consegue virar meu corpo e me faz cair dolorosamente de joelhos. Assim como nós dois queríamos.

— Você gosta quando eu te forço? — ele rosna, puxando minha cabeça para trás até eu olhar para ele. Seu pau roça minha bochecha, avisando-me do que está por vir. — Você gosta de ser uma garotinha má, não é? Gosta de me desafiar porque adora quando eu te assusto. Você é uma garotinha boba brincando com fogo — ele provoca, um semblante cruel em seu rosto.

Lágrimas se formam nos meus olhos pela força que ele faz segurando meu cabelo, queimando, assim como o inferno de ira e luxúria em seus olhos. E se eu não soubesse melhor, pensaria haver uma chama atrás de mim, refletindo em seus olhos.

— Me fale, ratinha, você já foi fodida por um homem como eu?

— Melhor do que você — falo, despertando o ódio adormecido que sinto por ele. Algo muito sombrio e perigoso transparece em seus olhos. Ele arqueia aquela maldita sobrancelha, e eu imediatamente me encolho.

Era uma mentira. Nós dois sabemos disso.

Essa foi a primeira coisa que aprendi quando fui colocada na escola católica quando criança. Boas meninas não mentem.

A segunda lição é não confiar no Diabo e em sua influência. Mas eles

esqueceram de mencionar para não o irritar uma vez que você foi influenciada. Talvez porque isso seja a porra do bom senso.

Meu lábio treme enquanto me repreendo por ser tão estúpida. A amargura e a desconfiança ainda se agitam sob a superfície. Não sei por que pensei que poderia deixá-lo me dominar e me foder sem revidar.

Ele vai me matar antes que eu me apaixone por ele.

— Abra a porra da boca, garota má. Agora, antes que eu te sufoque com o meu pau.

Dessa vez, eu obedeço. No segundo em que meus lábios se abrem, ele força a sua ponta pelos meus lábios e direto para o fundo da minha garganta.

Ele sibila por entre os dentes, seguido por outro rosnado feroz. Eu choramingo e depois engasgo quando ele força seu pau mais fundo. Ele é como aço endurecido envolto em cetim sedoso, mas a suavidade pouco alivia a dor. Ele é muito grosso e muito grande para minha boca pequena.

Lágrimas inundam meus olhos na hora e transbordam enquanto ele continua se forçando mais fundo. Instintivamente, minhas mãos agarram suas coxas grossas, empurrando-o.

Rápido como uma cobra, ele levanta minhas duas mãos e as segura com uma só, retomando o controle sobre minha cabeça com a outra. Ele coloca minhas mãos no alto e contra seu estômago. Eu pareço uma mulher rezando de joelhos, com as mãos atadas, adorando o próprio diabo.

— Isso é o que você queria, certo? — ele rosna. — Chupa logo, porra. Agora.

Faço o que ele diz, se isso significa que ele vai relaxar. Chupo com força, apertando minhas bochechas e alisando minha língua sobre a veia grossa na parte inferior de seu membro.

— Isso aí, querida — ele suspira, finalmente me permitindo relaxar. Mas em segundos, ele me puxa de volta, guiando minha cabeça para frente e

para trás enquanto continuo a chupá-lo. Murmúrios de encorajamento e gemidos profundos de prazer saem de seus lábios enquanto ele usa mais força. Com cada sílaba e gemido que sai de seus lábios, fico mais desesperada para agradá-lo. Para corrigir o meu erro.

— Vamos ver... Greyson Parker, ele era melhor, hein? — Meus olhos se arregalam, confusos de como ele o conhece e temendo onde isso vai dar. — Quase o matei quando ele fugiu de sua casa nu, então duvido um pouco que ele fosse melhor que eu. Quem mais? — ele fala essas últimas palavras se enfiando mais fundo na minha garganta. Eu me engasgo, e ele me deixa lutar por alguns segundos antes de relaxar.

— Brandon Havatti, Carlos Santonio, Tyler Sanders… — Ele continua a listar todos os homens com quem já fiquei. O que admito não terem sido muitos no geral, mas são muitos quando você acaba de colocar a vida deles em perigo.

Ele empurra minha cabeça para trás bruscamente, permitindo-me uma única respiração enquanto diz:

— Vou gostar de matar cada um deles, ratinha.

Antes que eu possa responder, muito menos respirar mais do precioso ar, ele volta a me sufocar em seu pau novamente. Minha visão escurece de quão fundo ele está o enfiando na minha garganta. Não importa o quanto eu me engasgue e lute contra ele, ele só torna tudo incrivelmente mais difícil.

— Você quer que eu goze na sua boca, não é? Está pensando em chupar meu pau desde que você me adorou de joelhos com um cinto enrolado em seu lindo pescoço.

Eu olho para ele, ódio queimando mais do que a luxúria por apenas um momento. Ele sorri – ou melhor, mostra os dentes – quando vê a raiva refletida em meus olhos castanhos.

— Você quer, mas não vai conseguir. Você ainda não ganhou esse

privilégio.

Sem aviso, ele empurra minha cabeça para trás com força, libertando seu pau. Ele me levanta pelos cabelos até eu ficar na ponta dos pés.

— Zade, por favor — choramingo, minha visão fica turva pelas lágrimas e o peito aperta devido à falta de oxigênio. Nem tenho certeza pelo que estou implorando, pela minha vida ou a dos homens inocentes que acabei de colocar no corredor da morte.

— Você é uma garota tão boa — ele elogia. — Amo quando você está assustada e implorando.

Quando finalmente acho que posso respirar, ele rouba meu fôlego de volta. Seus lábios tomam os meus em um beijo eletrizante. Minhas unhas arranham seu peito, provocando um rosnado baixo enquanto ele consome minha boca com a sua.

A energia entre nós crepita e explode enquanto bebemos um do outro. Faíscas de fogo e gosto de vinho amargo invadem minha língua.

Veneno nunca foi tão gostoso.

Enquanto nossas línguas lutam pelo domínio, ele agarra meus quadris e me levanta sem esforço. Minhas pernas instintivamente agarram sua cintura bem quando sinto o vidro frio pressionar contra minhas costas. A temperatura invadindo meu corpo parece com seus olhos yin-yang. O frio do espelho ameaça enviar arrepios pelo meu corpo, mas a pressão de seu corpo contra o meu é escaldante.

Uma dor afiada em ambos os lados dos meus quadris me faz ofegar em sua boca. Com um puxão rápido, ele arranca minha calcinha do meu corpo, o tecido rasgado ficando preso em algum lugar entre nossos corpos. Ele se afasta e posiciona a cabeça do seu pau na minha entrada.

— Abra sua boceta para mim, ratinha — ordena ele. Abro a boca para argumentar, pronta para dizer a ele para me foder, mas o olhar em seu rosto

me deixa sem palavras.

Minha frustração aumenta, coloco ambas as mãos entre nossos corpos e faço o que ele diz. Um rubor vermelho mancha meu peito enquanto me afasto. É humilhante quando ele sabe que eu não deveria querer isso.

Ele sabe que eu quero que ele se force dentro de mim. E como punição por insultá-lo, ele vai me fazer mostrar o quanto eu o quero, abrindo minha boceta e convidando-o para entrar.

Meu Deus, eu o odeio.

Suas mãos apertam meus quadris dolorosamente. Amanhã, vou acordar com hematomas, e uma parte de mim tem medo disso. Será impossível esquecer o que aconteceu quando estou com a marca de suas mãos na minha pele.

— Não se atreva a mover suas mãos — ele ameaça, um segundo antes de me puxar para baixo em seu pau à espera.

— Ah!— grito, minhas mãos estão a segundos de voar para seu peito para que eu possa empurrá-lo. Ele é grande demais, abrindo-me mais do que nunca.

Meus olhos estão arregalados enquanto eu choramingo do ataque. Sinto sua circunferência deslizar entre minha abertura enquanto ele entra mais fundo.

— Para! Não cabe — suspiro, engasgada.

— Pobre ratinha — ele murmura rindo, seu tom rouco e grave. — Talvez um dia você me deixe tratar essa boceta como se fosse de vidro e mostrar todo o meu amor, mas você tem sido uma garota má, não é?

Quando não respondo, ele me puxa para cima dele com mais força, ganhando outro gemido de dor.

— Não é? — ele vocifera.

— Sim! — grito sem fôlego, apertando meus olhos por causa da

invasão.

— Você vai ser uma boa menina agora?

— Sim — solto um gemido desesperado. A dor está se transformando em algo muito mais intenso e de tirar o fôlego. Ele desliza para fora e entra de novo, mais gentil desta vez, mas não com menos força. Meu corpo parece estar prestes a explodir. Não é natural ficar tão *preenchida*.

Ele puxa até a ponta, e então enfia com força todo o seu comprimento dentro de mim, tão profundo que juro o senti subindo pela minha garganta. Eu grito de novo, minha voz falhando pela onda de emoção crescendo dentro do meu peito.

Isso *não* é natural.

— *Caralho*, Addie, eu quase não caibo.

Deve ser por isso que ele parece estar me rasgando ao meio.

Ele começa lento e com força, dando fortes impulsos, depois continuando em um ritmo torturante, antes de empurrar para dentro de mim novamente. Sinto meu corpo começando a relaxar, sugando-o avidamente enquanto ele amaldiçoa minha alma com cada movimento.

Abrindo sua postura, ele se apoia no espelho, e meu estômago aperta, sentindo o dano que ele está prestes a infligir aos meus órgãos.

Ondas de choque se espalham pelos meus nervos enquanto ele acelera o movimento e me fode rudemente contra o espelho, enquanto solto gemidos altos que nunca soltei na vida. O prazer é ofuscante, e a sensação dele deslizando para dentro e para fora das minhas dobras só aumenta a luxúria poderosa que se agita na boca do meu estômago.

— Olhe para nós nos espelhos — exige ele. É preciso um esforço imenso, mas abro os olhos e observo as dezenas de espelhos. Cada ângulo imaginável está me encarando de volta.

É demais – vê-lo entrando em mim. Sua bunda está contraída pela força

de suas investidas, enquanto um rubor se espalha até minhas bochechas rosadas. Meus olhos estão semicerrados, e meu rosto está torcido em inegável felicidade.

Ele vira a cabeça e nossos olhos se encontram em um dos espelhos. Meu coração despenca enquanto desvio meus olhos para olhar ao redor e ver seus olhos fixos em mim de várias direções. Esse é o sentimento mais intenso que já experimentei. Como aquela sensação de que alguém está te observando, mas multiplicado por uma dúzia.

Meus olhos focam de volta nos dele, e um sorriso lento toma conta de seu rosto. Ele se inclina para perto, seus lábios dançando nos meus enquanto ele me observa lentamente entrar em colapso, o tempo todo sorrindo para mim.

— Me fale, ratinha, você já foi fodida por um homem como eu?

Mordo o lábio e balanço a cabeça, lutando contra a vontade de revirar os olhos. Ele reajusta nossa posição, deslizando cada braço por baixo dos meus joelhos e levando-os para o alto. Um grito embaraçoso escapa quando ele muda o ângulo de seu quadril e atinge um ponto que, no mesmo instante, faz minhas pernas tremerem violentamente.

— Meu Deus — eu gemo. Dessa vez, não consigo evitar que minha cabeça se encoste de volta no espelho atrás de mim e meus olhos girem para trás.

— Isso mesmo, querida. Eu sou seu maldito deus — ele rosna antes que eu sinta, seus dentes afundam no meu pescoço.

Meu estômago está apertando e eu posso sentir um orgasmo chegando perigosamente rápido. Parece que um Poseidon furioso está no meu estômago, formando um tsunami devastador que certamente vai me matar.

O espelho começa a estremecer violentamente de quão forte ele está me fodendo. Parece que vai quebrar a qualquer segundo agora, mas não consigo

me importar. Assim que eu alcanço esse pico, ele puxa tudo para fora. Eu choramingo, o vazio repentino quase dói.

— O que...— Ele me coloca de pé e dá um passo para trás, apontando para o chão. Meus joelhos tremem e me desequilibro com o prazer afiado pulsando entre minhas coxas.

— Fica de quatro.

Não discuto, principalmente porque a perda do orgasmo é dolorosa e minhas pernas são incapazes de suportar meu peso por muito mais tempo.

Lágrimas de raiva cobrem as minhas pálpebras, mas seguro meu comentário sarcástico. Ele só vai piorar minha punição.

Imaginei que ele fosse deslizar de volta para dentro de mim por trás, mas suas mãos se lançam entre minhas pernas e me agarram pela parte de baixo dos meus quadris, levantando-me até que meus joelhos não estejam mais no chão e me forçando a me apoiar para não cair de cara. Sinto seu hálito quente em minha boceta um segundo antes de seus dentes fecharem no meu clitóris.

Eu grito, contorcendo-me com a dor. Mas ele não me tortura como da última vez. Imediatamente, ele suga meu clitóris em sua boca e lambe minha boceta pingando. Ele geme, enviando deliciosas vibrações irradiando por todo meu corpo.

— Você tem um gosto bom pra caralho — ele murmura, antes de passar a língua contra meu clitóris.

Olho para cima e descaradamente o observo se banquetear comigo por trás. Viro a cabeça até ter a melhor visão dele de joelhos atrás de mim, comendo minha boceta como um homem faminto.

O orgasmo iminente é renovado e está mais perto do que antes. Sou incapaz de me esfregar em seu rosto como quero, então estou indefesa contra o açoitamento de sua língua.

— Zade, por favor — imploro, meus olhos fechando com o prazer.

— Minha ratinha quer gozar? — ele pergunta, sua própria voz sem fôlego e falhando.

Eu o chamaria de mentiroso se ele tentasse negar seu desejo por mim, mas essa é a coisa sobre Zade, ele nunca tentou esconder o quanto ele me quer. Ele nunca suavizou ou negou o fato de que ele me deseja desesperadamente.

— Sim — imploro de novo com um gemido.

Ele se afasta, e eu grito com ele em frustração, batendo meu punho contra o chão. A fúria de ser negada pela segunda vez toma conta de mim, e eu me debato contra seu domínio.

Ele ri da minha tentativa.

— Seu filho da puta...

Ele interrompe meu discurso colocando-se dentro de mim, suas bolas batendo contra as minhas dobras sensíveis. Eu me engasgo com minhas palavras, esse ângulo permite que ele entre muito mais fundo do que antes.

Eu arqueio as costas e cravo as unhas no chão, arranhando o azulejo sujo enquanto Zade entra em mim sem parar e com força.

Ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça, forçando-me a olhar nos espelhos diretamente na minha frente e vê-lo me foder.

— Você quer gozar por todo o meu pau, querida?

Eu aceno com a cabeça freneticamente. Ele sorri em resposta.

— Você tem sido minha boa menina? — ele pergunta. Dou outro aceno vacilante. — Então, porra, fale isso, Adeline.

Eu aperto em torno dele quando ouço meu nome falado em seu tenor grave.

— Sou sua boa menina — suspiro, perdida demais para sentir qualquer coisa além de luxúria ofuscante.

Ele molda sua frente às minhas costas, empurrando minha boceta apertada. A mão no meu cabelo desce pela minha garganta e aperta com força enquanto a outra palma se espalha pela minha barriga lisa.

— Essa noite é apenas uma prática, mas eu prometo a você, ratinha, esse corpo *vai* carregar todos os meus bebês um dia — ele rosna, rangendo os dentes.

Sua imagem fica borrada enquanto meus olhos reviram e a onda do tsunami finalmente me atinge. Eu grito tão alto que o barulho quase chacoalha os espelhos. O nome de Zade sai dos meus lábios em um canto neurótico enquanto meu mundo inteiro queima em pedaços minúsculos.

— Caralho! É isso aí, meu bem. Sua boceta está tão apertada. Me faça gozar, porra. — Zade geme. Ele termina sua frase com um rugido, seus quadris estremecem quando ele entra em mim uma última vez, enchendo-me com seu sêmen até que não caiba mais nada dentro de mim.

Sinto nossos gozos misturados escorrerem pelas minhas coxas, enquanto fico ofegante e sem fôlego no chão. Meu corpo convulsiona com os tremores secundários, mesmo após relaxar do maior orgasmo que já tive. Não consigo respirar, muito menos me mover ou ter pensamentos coerentes. Nada disso foi natural. Absolutamente nada.

— Espero que saiba que eu tomo anticoncepcional — falo sem fôlego.

— Por enquanto. — Ele ri sem fôlego.

Antes que eu possa responder, um zumbido alto perturba a atmosfera pesada. Meus olhos viram na direção do som, localizando a fonte imediatamente. Meu celular está aceso no meu jeans descartado, vibrando descontroladamente.

Droga. Daya.

Eu me arrasto em direção ao aparelho, cerrando os dentes, eu o senti deslizando para fora de mim. Meu polegar está tremendo muito quando clico

no botão verde na tela.

— Alô? — atendo tremendo ao perceber como minha voz está vacilante e rouca.

— Onde, *caralho,* você está!? — ela grita pelo celular, sua voz tremendo e cheia de raiva.

— Eu me perdi e o sinal está fraco — minto timidamente, não estou disposta a admitir o que realmente aconteceu.

Ignorando a presença de Zade, eu me esforço para vestir minhas roupas. Eu me encolho tanto com os gritos no meu ouvido quanto com o líquido escorrendo pelas minhas coxas.

— O parque está fechado, Addie! Já fui expulsa, e eles disseram que a Casa dos Espelhos já tinha sido esvaziada. Aquele segurança idiota não acreditou em mim quando eu disse que você não tinha saído. Eu estava preocupara pra caralho.

Assim que calço meus sapatos, um “merda” murmurado soa atrás de mim, chamando minha atenção. Zade está olhando para seu celular, seu rosto está sério.

Ele está apenas com suas botas pretas e jeans abertos pendurados para baixo, o que me proporcionou uma visão de dar água na boca do “V” definido desaparecendo sob o tecido. O discurso de Daya fica em segundo plano enquanto me distraio.

A luz da tela dele acentua os músculos contra a sua pele macia, as cicatrizes e as tatuagens pretas e intrincadas apenas aumentam sua selvageria.

As veias que percorrem suas mãos e braços estão saltando e, *porra*, se eu já não estivesse encostada em um espelho, desmaiaria por quão devastador ele está agora.

Essa obra-prima de cicatrizes irregulares e bordas ásperas me fodeu até eu perder o juízo, e jurou que eu teria seus bebês um dia. Não consigo

respirar.

— *Addie*, juro que vou te...

— Eu... estou saindo, Daya. Desculpa mesmo — respondo, forçando-me a olhar de volta ao meu redor, tentando me orientar. O que é muito difícil de fazer em uma casa com um milhão de espelhos.

— Tudo bem, eu sinto muito. — Ela respira fundo e se acalma. — Só fiquei com muito medo, Addie.

Eu me encolho quando um tipo diferente de tsunami me oprime. Esse é cheio de todas as emoções negativas imagináveis: culpa, vergonha... remorso.

— Mil desculpas, Daya. Te encontro em instantes.

Desligo o celular e imediatamente começo a andar na direção que acho ser a certa.

— Caminho errado, ratinha. Me siga — Zade diz, seu tenor profundo me deixa tensa, meus ombros encolhem quase parando nos meus ouvidos. Ele terminou de se vestir e está indo na direção oposta.

Com firmeza, eu me viro e o sigo, sem fazer perguntas ou me importando como ele sabe para onde ir, contanto que ele me tire daqui.

Após quinze minutos tensos, encontramos a saída e eu saio correndo, o ar frio é um bálsamo para meu rosto aquecido. O festival está muito diferente de quando entrei. O campo está completamente sem vida, sem uma única alma no terreno ou luzes.

Ficamos lá por quanto tempo? Verifico a hora e meus olhos se arregalam quando noto que é meia-noite e meia.

Duas horas! Fiquei lá por duas horas. Claro, metade disso eu estava passando pelos espelhos, mas *ainda assim*. Pessoas normais não fodem por tanto tempo, não é?

Zade está em algum lugar atrás de mim, então olho por cima do ombro e digo:

— Não me siga. Daya está me esperando e não quero que ela te veja. — Até mesmo eu posso notar a frieza em minha voz.

Nos quinze minutos inteiros que levamos para encontrar nossa saída, tudo que eu conseguia pensar era como eu queria transar com ele de novo.

E isso me assusta pra caralho.

Era o choque de realidade que eu precisava – um lembrete muito forte de que acabei de transar com meu *stalker*. Não devia ter deixado nada disso acontecer.

Sinto sua mão apertar meu pulso um segundo antes de me virar. Eu tropeço nele, mas ele me pega rapidamente, envolvendo uma mão firmemente em volta do meu pescoço.

— Estou atrasado para um encontro com uma garota psicopata de qualquer maneira — diz ele. Meus olhos se arregalam e ele sorri quando detecta a raiva em meus olhos. — Não fique com ciúmes, ratinha. Não é um encontro de verdade. Ela não faz o meu tipo de louca. Além do mais, ela não é *você*.

Eu rio.

— Não estou com ciúmes. Me larga — digo com raiva, tentando me soltar dele.

Ele me puxa para mais perto, seus lábios tocam os meus enquanto ele olha profundamente nos meus olhos.

— Isso nunca vai acontecer, Adeline. Eu nunca vou largar você.

Eu me endireito, desconcertada pela severidade em seu tom. Ele está mesmo falando sério. Ele esmaga seus lábios nos meus antes que eu consiga responder. E como essa será a última vez que permitirei esse homem me tocar, respondo na mesma moeda. Eu o agarro, puxando a gola de seu moletom com força e apertando seu lábio inferior entre os dentes, mordendo com força até sentir o gosto de seu sangue na minha língua.

Ele rosna e me devora inteira, sua boca ainda com gosto da minha boceta. E então, ele se afasta de mim, respirando com dificuldade.

— Vá — ele manda asperamente.

Não hesito. Vou cambaleando para fora do campo e para o meu carro, o único que resta no estacionamento. Uma Daya inquieta está sentada atrás do volante, seu olhar fixo em mim.

Suspiro e me preparo para uma conversa difícil que não sei como ter. Vou manter minha história. Eu me perdi. Foi isso.

Abro a porta do carro e quase desabo no banco. Quando encontro o olhar dela, ela está me encarando com um olhar fulminante.

— Por que *caralho* você tem a aparência e o cheiro de alguém que acabou de ser fodida?

2 de março de 1946

Disse ao Ronaldo que talvez peça o divórcio de John. Ele ficou tão animado que, por um momento, senti que ele e eu poderíamos finalmente ter um futuro juntos.

Mas eu disse a ele que queria que largasse o emprego. Ele murchou. Como um balão sem ar. Ele disse que isso poderia não ser possível. Que ele estava preso ao seu chefe, e achava que nunca conseguiria se livrar.

Isso se transformou em uma briga. Eu entendo a posição dele. Mas eu o disse que não sei se podemos ficar realmente juntos enquanto ele está envolvido com algo tão perigoso.

Ele fez um comentário inteligente de que meu marido está tão envolvido com o perigo quanto ele.

Eu não tinha certeza do que isso significava. Seus vícios em jogos?

Nós paramos de ter problemas com isso logo após o arrombamento, então eu presumi que John tinha se endireitado.

Seja qual for o caso, eu me mantive firme na minha decisão. Sera e eu vamos dar um jeito, juntas. Se isso significa me tornar uma mãe solteira, então é isso que vou fazer.



CAPÍTULO 31

A SOMBRA



— Por que demorou tanto? — A garota psicopata pergunta com raiva, seus olhos castanhos opacos acendem com fogo. O mesmo inferno em seus olhos é o que ainda reside no meu peito.

Meu coração não para de bater acelerado, e estou atormentado com a necessidade de fodê-la de novo. Meu cérebro parece ter sido frito em uma frigideira. Preciso me concentrar, mas é quase impossível quando o gosto de Addie permanece na minha língua, e eu ainda estou com a sensação dela se apertando em volta de mim.

Não sei como devo me concentrar quando acabei de me encontrar com Deus. Ou melhor, acho que acabei de me tornar um.

Mas como posso me sentir um deus, e ficar completamente sem poder quando se trata dela?

Não sei.

Tudo o que sei é que agora eu amo festivais mal-assombrados.

— Fiquei ocupado com uma coisa — murmuro, percorrendo a sala com

os olhos, procurando por funcionários, ou qualquer surpresa mortal, se o olhar assassino nos olhos da garota psicopata for algo a se considerar.

Ela ainda está planejando me matar, e a ideia é engraçada. Se fosse tão fácil me matar, eu estaria morto há muito tempo. Essas cicatrizes são a prova disso.

Após nosso confronto, a boneca quebrada e eu decidimos nos unir por um tempo. Já que Mark decidiu sujar as próprias mãos e tentar sequestrar e escravizar minha garota, decidi que não valia mais a pena mantê-lo vivo. Os dois segundos que ele levou para conspirar contra Addie foi o equivalente a escrever seu nome em um *Death Note*.

Não tem como sobreviver disso.

Então, nós derrubamos os quatro. A boneca disse que os levaria para algum lugar onde os convidados não os encontrassem e nos encontraríamos à meia-noite para obter minhas respostas e acabar com eles de vez.

Claire, é claro, testemunhou a coisa toda, e a boneca a fez sair correndo. Eu não podia fazer nada no momento, já que tinha quatro homens para lidar, mas no segundo em que saí daquela casa mal-assombrada, um dos meus homens a encontrou e a levou para algum lugar seguro.

É claro e simples, Claire é uma mulher abusada que merece viver uma vida em paz. Mas ela também testemunhou um crime, e não posso permitir que ela tenha a oportunidade de contar a alguém.

Depois, saí imediatamente para encontrar Addie e a rastreei o tempo todo. Eu a deixei se divertir, visitando todas as casas assombradas e assustadoras barracas do festival, e ir aos brinquedos emocionantes. Tudo isso enquanto eu ficava quieto atrás dela, fora de vista, certificando-me de que ninguém sequer olhou para ela de forma estranha sem consequências.

— Onde eles estão? — pergunto, fixando meus olhos na garota estranha. O sangue já está espalhado em sua camisola branca. Eu arqueio

uma sobrancelha, mas não digo nada.

— Na minha sala de jogos. — Ela balança a cabeça apontando as escadas.

Ela começa a me guiar escada acima, mas para e olha para a sala de estar, aparentemente notando alguma coisa. Mas não vejo nada.

— Fiquem aqui embaixo até eu chamar vocês — ela diz, ainda olhando para o espaço vazio. Franzo as sobrancelhas tentando descobrir com quem diabos ela está falando. Ela pausa por um momento antes de dizer: — Eu sei me cuidar. — E depois continua subindo as escadas.

Bem, isso foi estranho pra caralho. Eu me meti em muitas situações interessantes ao longo dos anos. Situações *realmente* interessantes. Mas essa está no topo da lista.

— Então, hum, qual é o seu lance? — pergunto, limpando a garganta

— Como assim *meu lance*? — ela fala irritada.

— Aquelas pessoas com quem você estava falando não gostam de mim? — pergunto, zombando. Ainda não tenho certeza do que está acontecendo com ela. Talvez ela esteja drogada, talvez ela seja uma doente mental, ou talvez ela possa ver espíritos, ou alguma merda assim.

— Meus escudeiros? Não. E também não confiam em você.

Seus *escudeiros*? Mas que porra essa garota está vendo? E eles deveriam ser seus ajudantes ou algo assim?

— Você, hum, disse para eles ficarem lá embaixo e que você sabe se cuidar? Eles não vão subir também?

Ela faz uma pausa nos degraus, vira em minha direção e estende o braço para apontar atrás de mim.

— Consegue vê-los andando atrás de você?

Eu nem me viro para olhar. Ninguém estará ali. Além de nós dois e os quatro homens no andar de cima, ninguém mais está dentro desta casa.

— Não — sorrio.

— Aí está sua resposta! Eu não preciso dos meus escudeiros para me proteger de *você*. E já que você está aqui, imaginei que eles poderiam ficar de fora — ela explica com impaciência.

— Ah. — Então ela é doente mental. Entendi.

— *Ah*? — Ela repete, horrorizada. — O que isso significa?

— Significa que você é doida pra caralho, garotinha. Onde estão mesmo esses demônios, ou como quer que chame eles? — pergunto, meu próprio tom se tornando cortante.

Levou cinco segundos para não dar a mínima para o que ela está vendo. Isso não me afeta afinal, então eu não poderia dar a mínima nesse momento. Se ela quiser fingir que há bananas gigantes e falantes me seguindo com forcados, então vou permitir, desde que eu consiga meu tempo com os quatro homens esperando por mim no andar de cima.

Quando ela me leva até o quarto, eles imediatamente começam a gritar, contorcendo-se como minhocas presas em um anzol. Não sei dizer se Mark está gritando porque acha que vou ajudá-lo ou matá-lo, mas suponho que vou fazer as duas coisas. Vou ajudá-lo a confessar seus pecados e depois matá-lo por isso.

— Eles te conhecem? — a boneca pergunta, e eu confirmo, observando suas aparências e ossos quebrados.

Os outros três homens me olham como se eu fosse o bicho-papão. E isso é por causa de Zack, o milionário fictício. Espere até eu dizer a eles quem eu realmente sou. Tenho certeza de que seus rostos vão se parecer com o do Gasparzinho.

Eu só preciso descobrir duas coisas: onde os rituais estão sendo realizados e como entrar no local, e descobrir se a Society está atrás de Addie. Qualquer outra coisa que eles tenham a dizer, não é mais uma

preocupação.

— Tem certeza de que ninguém pode ouvi-los?

— Faço isso o tempo todo — ela responde. Eu a inspeciono pelo canto do olho, olhando-a de cima a baixo.

— Você mata pessoas com frequência?

Ela é pequenina, mas a garota sabe lutar. E pelo brilho assassino quase constante em seus olhos, isso realmente não me surpreende.

— Só demônios. — Ela dá de ombros.

— Você se chama de caçadora de demônios também? — Não consigo evitar dar um sorriso leve.

— Você não é engraçadinho! — ela rosna e bate o pé como a criança que ela está vestida para ser.

Eu discordo. Mas em vez de discutir, volto minha atenção para o assunto em questão.

Assim como esperado, no segundo que tiro a fita de sua boca, Mark começa a implorar por sua vida. E no minuto em que conto quem eu realmente sou, seu rosto avermelhado instantaneamente perde todo o sangue até sua pele ficar pálida e cinzenta. Os rostos dos outros três homens seguem o exemplo, olhando para mim como se eu fosse o ceifador.

Eu sorrio.

Eu *sou* a porra do Ceifador.

Ignoro os lembretes de Mark de que éramos amigos e sua patética tentativa de jogar a culpa em seus parceiros de negócios ao citar sua própria inocência.

Não me surpreende que ele culpe os outros tão facilmente. Ele é egoísta, narcisista e um completo imbecil. E pelo olhar no rosto dos homens aflitos sentados ao lado dele, eles também não têm mais respeito por ele. No pouco tempo que conheço Mark, descobri que poucos de seus colegas o

conhecem.

Ele é barulhento, rude e expansivo, sempre tentando ser o cara legal e se encaixar na multidão. Também ouvi boatos de que Mark tende a discordar dos pontos de vista políticos de muitos de seus colegas, sempre votando contra para projetos de lei dentro de seu próprio partido.

Não dou a mínima para política também, pelo menos, não do tipo que lida com leis e regulamentos. Eu as quebro diariamente. Por que eu me importaria com quais leis estão sendo aprovadas quando eu nunca as apliquei à minha vida de qualquer maneira?

Eu também consigo irritar a caçadora de demônios quando ela começa a reclamar por não os ter matado ainda.

— Por favor, comece a matança — digo, gesticulando em direção a Miller, Jack e Robert. — Não me deixe impedir a sua caça aos demônios.

O ar assobia, minha única indicação de que algum tipo de arma quase atinge minha cabeça como os asteroides que mataram os dinossauros. Pulo para o lado, observando a lâmina passar direto pela minha cabeça e entrar no estômago de Mark. Parece doer pra caralho.

E então, ela vai ao fundo do poço, atacando Robert e esfaqueando-o até que ele vire literalmente um mingau. Apesar de ele não ser mais uma massa sólida, ela continua. Quando Mark começa a vomitar, eu me canso.

Suspirando, eu me levanto e vou até ela, agarrando sua mão e parando seu esfaqueamento insano. Ela, com certeza, tem força e energia. É preciso muita energia para esfaquear alguém repetidamente. É mais cansativo do que as pessoas imaginam. Esfaquear alguém até cem vezes com a força que ela está usando deixaria um homem adulto ofegante.

Uma fina camada de suor cobre seu rosto maquiado, e ela parece estar pronta para mais.

— Agora você vai me impedir de caçar demônios?! — ela grita, sua

voz tão alta que quase me faz estremecer. *Meu Deus.* Mulheres e seus gritos.

— Garotinha, você precisa de ajuda séria com várias coisas, mas eu diria que o controle da raiva está no topo da lista.

Ela me encara, seu rosto começa a exibir um tique. Ela parece um robô com defeito, e eu diria que essa experiência agora ocupa o primeiro lugar das situações mais interessantes em que me meti.

Ela parece estar prestes a explodir, então eu domino meu temperamento e exijo:

— Olhe para mim.

Seus grandes olhos castanhos me encaram, e se não fosse pelo brilho enlouquecido neles e o fato de que ela está coberta de sangue da cabeça aos pés, ela pareceria doce e inocente. Que merda de mentira isso seria.

— Largue a faca. — Sua mão se abre no mesmo instante, deixando a faca bater no chão encharcado de sangue. — Qual é o seu nome?

— Sibel. — Ela faz uma pausa. — Meus amigos me chamam de Sibby.

Sinto um pouco de pena. Algo me diz que os únicos amigos que essa garota tem são as pessoas em sua cabeça. Essa garota está sozinha, completamente sozinha. A julgar pelo jeito que ela se espreita pelas paredes, eu apostaria qualquer quantia que ninguém que trabalha nesse festival esteja ciente de sua presença.

Suspirando internamente, decido acalmar a garota. Não sei se é porque me sinto mal por ela ou o quê, mas porra, acho que sim.

— Você é uma pessoa interessante, Sibby. Mas preciso que você se acalme. Não consigo interrogar em paz quando você está ali esfaqueando alguém como uma banshee descontrolada, você me entende?

Ela relaxa com o uso de seu apelido, era como se eu a declarasse minha amiga. E isso faz eu me sentir um pouco pior por ela.

Com relutância, ela assente, e após ter certeza de que não estou tirando

sarro quando a chamo de caçadora de demônios, tiro um globo ocular da ponta da faca e devolvo-lhe a faca como uma oferta de paz. E então, volto a interrogar Mark. Dessa vez em paz.

— Mark, você vai me dar a informação que eu preciso? Quero saber onde você faz os rituais — pergunto, minha voz tão sem emoção quanto minha expressão.

— Z, eu *juro*, eu não sei de nada! — Mark mente. Há vômito em seu lábio de quando ele vomitou vendo Sibby destruir completamente seu querido e velho amigo.

Aquela merda foi brutal, até eu admito.

Eu me abaixo, pego a mão de Mark, enfio a ponta da minha faca sob sua unha e a arranco. Mark grita desesperado, mas esse merda desgraçado ainda nem sentiu dor de verdade.

— Tente de novo — falo com indiferença. Ele protesta novamente, mentindo e querendo manter a aparência, então eu arranco outra unha com a ponta da minha lâmina. Quando posiciono minha faca sob a terceira unha e a levanto, ele finalmente cede.

Eu quase sorrio. As crianças que ele sequestra duram mais tempo na tortura do que ele, mostrando que Mark sempre foi fraco.

— Tudo bem, calma, calma!

Faço uma pausa, levantando uma sobrancelha, esperando-o continuar. Sua respiração está irregular e lágrimas com catarro escorrem pelo seu rosto. Lambendo os lábios de nervoso, ele confessa:

— A... algumas das crianças que pegamos, nós as levamos para um clube clandestino.

Sibby se aproxima, seu rosto fica em êxtase quando Mark confessa seus pecados sujos. Lanço lhe um olhar de advertência para recuar antes de voltar a minha atenção para Mark.

— Onde fica esse lugar? — pergunto com calma, embora a minha raiva comece a ferver. É preciso de um autocontrole treinado para manter minha voz uniforme.

— Você só consegue entrar através de um clube privado de cavalheiros chamado Savior – *o Salvador*. Você precisa de acesso especial até mesmo para entrar no clube, quanto mais ter acesso ao… — Ele para, e parece lutar com suas palavras. Finalmente, ele se força a falar suas próximas palavras. — Para ter acesso à masmorra.

Um grunhido cresce em meu peito, mas luto contra isso. Minha mão fica quase tremendo com a necessidade de enfiar esta faca bem fundo em sua garganta, mas me seguro.

— Ah, é? E o que vocês fazem nessa masmorra?

Seus olhos se movem nervosos, e sua boca abre e fecha em silêncio.

Em um movimento rápido, eu tiro a unha sob a qual minha faca estava posicionada. O grito em resposta não diminui a fúria se espalhando por todo o meu corpo.

Vou gostar muito de matar este homem. Seus gritos torturados, enquanto seu corpo morre lentamente, serão minha canção de ninar enquanto durmo esta noite.

Assim que coloco a faca sob outra unha, ele finalmente diz algo de valor. Riachos carmesim escorrem da mão de Mark, mas eu mal comecei a fazê-lo sangrar de fato.

— Espere! Eu disse pra *esperar*, porra! — Arqueio uma sobrancelha para ele novamente, pedindo-lhe para continuar. — Nós, hum... nós fazemos rituais. — Ele aperta os lábios com uma expressão de dor em seu rosto vermelho. — É assim que prestamos juramento à Society. Devemos fazer um ritual e beber o sangue de uma virgem.

Ele confirma o que fazem com as crianças, o envolvimento do governo,

e eu me certifico de que ele esclareça que os dois homens que estão respirando ao lado dele fazem parte desses rituais fodidos. Preciso esfaquear Jack na coxa para ele confessar seus pecados, mas Miller admite imediatamente, não querendo sofrer como Jack e Mark.

— Posso brincar agora, Zade? — Sibby pergunta do meu lado sem paciência. Ela está vibrando com a necessidade de matar e, nesse momento, sinto o mesmo que a pequena caçadora de demônios. Temos a mesma missão: matar uns indivíduos filhos da puta.

— Vá em frente e divirta-se com aqueles dois. Tenho que conversar mais algumas coisas com o Mark primeiro — falo acenando para Jack e Miller.

— Se você não me soltar, não vou te dizer mais nada! Nada! — Mark grita, entrando em desespero enquanto a morte se aproxima.

— Você é um homem fraco, Mark. Você vai me dizer o que eu quiser saber quando começar a doer demais. Ou você morre devagar, ou rápido.

Sibby salta alegremente em direção a eles e vai para Jack primeiro. Ela corta o rosto dele, e é preciso um esforço extremo para ignorá-la. Principalmente quando suas bochechas brilham tão forte em vermelho, posso ver isso através da maquiagem. Juro por Deus que se ela tiver um orgasmo bem na minha frente, eu vou embora.

Eu me abaixo, ficando no nível dos olhos de Mark e seguro a faca em seu pênis. A ferramenta que ele usa para torturar crianças, com certeza, vai receber uma facada hoje à noite, isso enquanto ele ainda está respirando.

— Com quem você falou sobre Addie?

Mark gagueja, seus olhos continuam olhando para a tortura de seu amigo. Um osso quebra, seguido pelo gemido alto de dor de Jack. Eu enfio a faca mais fundo. Os olhos de Mark voltam aos meus com essa clara ameaça.

— Concentre-se em mim, Mark — digo sombriamente. — Com quem

você falou sobre Addie?

— Em que sentido? — ele pergunta, lambendo os lábios.

— Em qualquer sentido que tenha a ver com você sequestrar minha garota e vendê-la, como estava planejando fazer antes de eu entrar. Você falou sobre ela para alguém com cargo alto envolvido com esses rituais ou com o Savior?

Sei a resposta antes que ele abra a droga da boca e diga. Seus olhos escurecem quando ele aceita que está prestes a sofrer muito mais dor.

— Sim — sussurra ele.

Perco a compostura por apenas um segundo, o suficiente para rosnar e passar minha faca em seu peito. Ele grita, seu rosto está vermelho pela agonia que o percorre, mas eu ainda não terminei. Não estou nem perto disso.

— Quem? — falo com raiva, perdendo meu controle sobre a fera ameaçando sair de dentro do meu peito.

Quando Mark continua a gemer de dor, posiciono a faca de volta no seu pau e a enfio com força o suficiente para rasgar a pele, mas não o suficiente para causar qualquer dano real. Ainda.

— Tudo bem, tudo bem! — Mark grita, seus olhos se arregalam com a dor.

— Quem?! — explodo. — Quero a porra dos nomes, Mark.

Ele funga, mas me dá os nomes que preciso saber. Os nomes das pessoas que fazem os rituais. Nomes que muito provavelmente são falsos. Mas já é um começo.

Ele admite nunca ter visto seus rostos antes, e toda a comunicação foi através de um feed de vídeos, onde eles estão cobertos pela escuridão.

Eles são algum tipo de governo secreto clandestino e, com base nas falas de Mark, eles têm muito mais controle sobre nosso governo do que eu pensava. O presidente é só um fantoche, e essas pessoas que referem a si

mesmas como a Society retêm o poder real.

— Diga-me por que fez isso, Mark. Por que insistiu em ir atrás de Addie sabendo que ela era minha?

Seu queixo treme, o desperdício de carne, o epítome de um velho patético.

— Ela já estava marcada.

Meu coração cai, batendo na minha coluna como uma bola de basquete murcha rolando por uma escada.

— Tirei uma foto dela porque ela parecia familiar. E quando ela me disse seu nome, percebi que ela era um alvo da Society. Foi uma coincidência perfeita que eles tenham me ligado, e eu contei tudo a eles. Ela... ela vale muito dinheiro, cara. E a Society a quer. Eles não se importam com quem você é. Não importa nem quem *eu* sou. Quando a Society quer alguém, eles conseguem. E se fosse eu quem a levasse... eu teria sido altamente recompensado.

Ele funga, embora isso não impeça que o catarro escorra de seu nariz.

— Por que eles a marcaram?

Mark solta uma risada sem humor.

— Por que eles marcam alguém? Se elas são jovens, bonitas e são notadas, elas entram no radar da Society. Ela chamou a atenção para si mesma de um jeito ou de outro. Pode ter sido seus livros ou, sabe, como as mulheres são hoje em dia. Do jeito que elas se ves... — Pego sua mão novamente e tiro outra unha antes que ele possa terminar uma frase idiota pra caralho.

Como se mostrar qualquer quantidade de pele fosse um maldito convite para ser estuprada e sequestrada. Seu grito em resposta não diminui em nada minha fúria.

— De... desculpa, está bem? Desculpa. Olha, não dá para ignorar as

exigências da Society. E eles virão atrás de você, Z — Mark avisa, sua voz tensa de dor, mas também grave.

Espero que venham. Vão me poupar o trabalho de ir até eles.

Saber que Addie foi marcada não só me causa raiva, mas também um medo genuíno pela minha ratinha. Não importa se eu entrasse na vida dela ou não, Addie estava destinada ao tráfico de seres humanos, e o fato de ela ser a garota pela qual sou absolutamente louco me parece sina.

Parece a porra do destino que o homem que a persegue seja o mesmo homem que dedicou sua vida a destruir as pessoas dispostas a tirar a vida dela.

— Sei que você não se importa — Mark continua, notando o olhar em meu rosto — mas no segundo em que descobrirem que estou morto, eles se mudarão.

Já aceitei isto.

Olho para Sibby, a garota agora se moveu para Miller. Ela pode ser um bode expiatório.

Se a Society ficar sabendo que uma garota perturbada matou esses quatro homens – uma garota que já matou antes – eles atribuiriam isso a uma verdade parcial. Lugar errado, hora errada. Uma garota desequilibrada, que jura ser capaz de sentir o mal, farejou esses homens e decidiu matá-los a sangue frio.

Ela é um bode expiatório perfeito, na verdade.

Mas a ideia de usá-la não me agrada. Ela é uma garota solitária e perturbada que me ajudou a realizar esses assassinatos. Não importa se ela teria feito isso de qualquer maneira, mesmo se eu não estivesse lá. Sem ela, eu não teria obtido a informação que recebi esta noite. E não posso deixar isso passar em branco.

Então, decido proteger Sibby. Vou limpar as provas, descartar os

corpos e fazer tudo o que puder para me infiltrar no Savior antes que eles se mudem.

— Eles vão demolir o lugar?

— Sim — responde Mark rapidamente. Deixo escapar um suspiro lento e aceno. Ao salvar Sibby, estou desistindo da primeira pista que realmente tive.

— Se... se você me soltar, posso te colocar lá dentro — Mark fala desesperadamente. — Vou te ajudar e você pode fazer o que quiser depois. Contanto que me deixe viver.

— Os outros três já estão mortos. Eles vão se mudar de qualquer jeito.

— Não se você colocar toda a culpa nessa garota. Esse era o seu plano, certo? Deixá-la levar a culpa por isso?

Sibby ainda está muito cega pela sede de sangue para ouvir o que Mark está dizendo, mas eu teria sido honesto sobre isso de qualquer maneira. Sibby e eu nunca prometemos nada um ao outro, e tenho certeza de que a garota ainda planeja me matar.

Mas ela não vai conseguir porque, apesar do que pensa, é só ela contra mim. E eu já lutei com bandidos demais para permitir que uma garotinha me matasse. Mesmo que ela seja um pouco durona.

Eu me concentro em Mark.

— Você sabe para onde eles se mudariam?

Mark hesita, sentindo que não terá mais influência se confessar. Enfio a faca mais fundo em seu pau para fazê-lo falar. Eu saberei se ele mentir.

— Não — ele admite com o lábio tremendo. — Eles não nos contariam até depois.

Aceno com a cabeça, levanto a mão e enfio a lâmina profundamente em sua pélvis. Seus gritos não diminuem em nada o misto de pavor e raiva que se agita no meu estômago.

CAPÍTULO 32

A SOMBRA



Sibby leva a culpa pelos assassinatos.

Após cortar os corpos em pedaços e colocá-los no porta-malas, nós nos sentamos no capô do meu Mustang, onde eu fui mais uma vez lembrado do quão quebrada essa boneca realmente está. Parece que o pai dela era um merda. Não consigo evitar refletir sobre o fato de que ela tem uma razão para ser do jeito que é e eu... não.

Assim que eu estava entrando no meu carro, os policiais pararam. Sibby se recusou a entrar, insistindo precisar ficar com seus escudeiros. Homens que, na verdade, não existem.

Não tive tempo para ficar e discutir. Tinha pedaços de corpos humanos no meu porta-malas e eu precisava não apenas fugir da polícia, mas também descartar as provas sem ser pego. Então, fui embora.

A polícia me perseguiu por oito quilômetros antes que eu os despistasse. Tenho placas de carro reservas, então, quando cheguei a uma área segura, troquei a placa e minhas roupas, queimei as provas e dirigi para

casa.

Há cento e sessenta e duas pessoas em Seattle com a mesma marca e modelo de veículo, mas eles nunca serão capazes de me acusar de nada, mesmo que magicamente desconfiem de mim.

No final, a polícia atribuiu os assassinatos a uma garota mentalmente instável e a um cúmplice desconhecido. Imaginei que a Society investigaria o crime e acharia suspeito um cúmplice desconhecido. O suficiente para se se mudar.

Mas, após pesquisar sobre Sibby, descobri que ela nasceu em um culto fodido e era procurada pelo assassinato de seu pai. Seu pai rivalizava com Jim Jones, falando ser discípulo de Deus e enganando centenas de pessoas, as fazendo acreditar em sua palavra.

Ele era um homem rico com dinheiro antigo. Ele gastou suas riquezas construindo um complexo para seus seguidores, confinando-os em um pedaço de terra pelo resto de suas vidas. Foi lá que Sibby nasceu e cresceu, até cometer um crime hediondo e fugir.

Há relatos de que a mãe de Sibby cometeu suicídio com veneno, e parece que foi isso que levou a boneca quebrada a finalmente se partir. Ela entrou no quarto de seu pai à noite com uma faca, e o esfaqueou até a morte.

Cento e cinquenta e três vezes, para ser mais preciso. A raiva foi um fator. Sibby deixou claro que era perfeitamente capaz de esfaquear um homem além dos limites físicos de seu corpo, se estiver com raiva o suficiente. Robert foi a prova disso.

Demorou três dias para eles conectarem Sibby a assassinatos em todo o país. Todas as cidades em que a Satan's Affair realizou o festival assombrado têm inúmeros casos de relatos de pessoas desaparecidas em cada local nos últimos cinco anos.

Se todas as pessoas dadas como desaparecidas de Satan's Affair tiver

relação com ela, Sibby matou cerca de cinquenta pessoas.

Fiquei genuinamente surpreso que o festival mal-assombrado não tenha sido analisado mais cedo, com tantos boletins de ocorrência ligados a eles. Mas soube que a maioria das vítimas eram bandidos, com poucas pessoas que se importavam o suficiente para procurá-los.

É subjetivo pensar que Sibby estava certa ao acreditar que eles eram demônios. Mas o que posso dizer é que, embora nenhum deles tenha sido preso, exceto por alguns pequenos crimes, também não pareciam ter sido boas pessoas.

Então, no final, um cúmplice desconhecido será investigado, mas com o passado de Sibby e suas alegações de ter escudeiros, há uma boa chance de os assassinatos dos quatro homens serem atribuídos ao que eu esperava.

Lugar errado, hora errada.

Ela realmente foi o bode expiatório perfeito. Eu só queria não me importar.

Aquilo aconteceu há três noites, e com a ameaça da mudança da Society, Jay tem monitorado de perto o Savior. Invadimos as suas câmeras no andar principal e, pelo que parece, eles estão parados.

Obviamente, não há nenhuma câmera na masmorra. Seria fácil demais.

— Alguma notícia sobre a demolição do prédio? — pergunto a Jay, com o celular no ouvido.

— Não — ele responde dramaticamente. Quero dar um tapa na cara dele. — Você vai entrar lá hoje à noite?

— Sim — respondo, estalando meu pescoço.

A tensão em meus ombros fica evidente. Tenho a sensação de que vou ver alguma merda que ameaçará me deixar transtornado. Mas tenho que manter o controle. Se não fizer isso, vou morrer antes de salvar essas crianças, o que não é uma opção.

— Ainda está de olho em Addie?

Jay suspira.

— Sim... — Ele pausa, e eu posso sentir uma pergunta na ponta de sua língua. Quero alcançar o fone, pegá-lo e esmagá-lo antes que ele possa falar, mas ele é rápido demais. — Então, hum, ela é tipo o amor da sua vida ou algo assim? — ele pergunta sem jeito.

O suspiro que tento segurar sai e chega até o outro lado da linha.

— A primeira e única. — Meu tom é cortante, sinalizando que não quero falar sobre Addie agora, mas o filho da puta nunca ouve quando se trata da minha vida pessoal.

— Ela sente o mesmo?

Não consigo evitar que um leve sorriso se forme no meu rosto.

— Ela está quase lá — respondo enigmaticamente. Jay finalmente entende e deixa para lá.

— Bem, você ficará feliz em saber que ninguém entrou e saiu da casa dela, exceto a amiga, nos últimos três dias.

A ameaça de Mark ainda ressoa na minha cabeça, como uma bala perdida ricocheteando em um looping constante dentro do meu cérebro.

A Society sabe sobre Addie, tornando-a um alvo. Eles podem adorar crianças, mas não deixam de lado belas moças para vender e enviar para outros países. Não falta demanda quando se trata do tráfico humano. As pessoas más têm seus gostos, e alguns preferem que suas vítimas sejam mulheres adultas, assim como alguns preferem adolescentes.

A tensão em meus ombros cresce à medida que perco o controle sobre meus pensamentos. Um único momento é tudo o que é preciso para ela desaparecer, sumir do nada em uma curta caminhada do seu carro até a entrada do supermercado.

Ela não sabe o perigo que está correndo, mas isso vai mudar em breve.

Eu me recuso a esconder a verdade dela. E tenho certeza de que ela não vai gostar de ouvir que nossas aulas de autodefesa vão aumentar. Agora, eu só tenho que descobrir como manter meu pau fora dela durante essas aulas.

Foda-se. Isso não vai acontecer.

Eu sorrio, sabendo que ela vai tentar usar esses movimentos em mim, mas o pensamento só faz meu pau engrossar na minha calça.

Não a vejo desde a Casa dos Espelhos e, no fundo, sei que isso a deixa com raiva. Ela provavelmente acha que eu transei com ela e cansei, mas isso está longe de ser verdade.

Estou extremamente viciado nela agora. Esses foram os três dias mais desafiadores da minha vida, mantendo distância, mas preciso me infiltrar no Savior e salvar essas crianças. Não tive um minuto para mim mesmo e, por mais que eu sofra querendo minha ratinha, essas crianças precisam mais de mim.

Nessas horas, quando sinto mais tensão, é por causa da minha necessidade visceral de estar dentro de Addie, fodendo-a até ela perder o juízo, e a fazendo delirar com o quão forte eu vou fazê-la gozar.

— Fique pronto, estarei no Savior em uma hora — aviso Jay antes de desligar o celular.

Por enquanto, preciso tirar Addie da minha cabeça. Porém, mais tarde essa noite, eu me empurrarei dentro dela, tão fundo que estarei enraizado em cada fenda de seu corpo.

***

— Tem algumas pessoas muito importantes lá — anuncia Jay através do pequeno fone no meu ouvido. Vou tirá-lo antes de sair do carro. Naquele momento, estou em uma fila, esperando pelo manobrista.

— Incluindo o presidente — Jay acrescenta no final.

Suspiro por dentro, rolando meu pescoço pelo estresse que atinge meus músculos. Meu corpo sente que esse trabalho é difícil, mesmo que eu não esteja atirando na cara dos outros e evitando balas voadoras. Talvez eu possa convencer Addie a me dar outra massagem mais tarde. Eu também adoraria retribuir o favor.

— Alguém com quem eu deva me preocupar?

Ouço Jay digitando várias palavras por segundo no fundo, as teclas estalando de forma desagradável. Pedi ao filho da puta para comprar um teclado menos barulhento, mas ele insiste que o clique alto lhe traz paz.

E por mais que isso me aborreça, temos tão pouca paz no nosso dia a dia. Então, se um maldito teclado detestável lhe traz algum tipo de coisa parecida, não vou me importar com isso. Bem, não muito, pelo menos.

— Vários senadores e governadores, além de algumas celebridades de primeira linha. Ah, merda, aquele é o Timothy Banks? *Qual é*, não me diga que ele também faz parte dessa merda?!

Reviro os olhos, balançando a cabeça com o drama de Jay.

— Jay — falo estressado. — Foco.

Há apenas alguns carros na frente, então não tenho muito tempo para conversar até que consiga entrar e colocar o fone de volta sem que ninguém perceba. Não vou passar por seus sistemas de segurança com isso no ouvido. Eu seria baleado e morto ali mesmo.

— Desculpe — murmura Jay, sua voz agora sombria por descobrir que seu ator favorito é um pedófilo.

— Sério, Jay. Sabemos que muitas celebridades estão envolvidas.

— Mas o *Tim Banks*, cara? Droga. Enfim. Não estou vendo ninguém no momento que devemos nos preocupar muito. Não mais do que os outros, considerando que você está entrando em um poço de pedófilos. Me avise

quando colocar o fone de volta, vou mantê-lo atualizado.

Quando chega minha vez, tiro o fone do meu ouvido e o coloco no fundo bolso interno com forro de chumbo. Entregando minhas chaves para o manobrista com cara de pedra, dou a volta no carro e paro na frente do Savior.

Fechando minha jaqueta, evito estalar meu pescoço novamente. Essa noite preciso causar uma boa impressão. Os outros saberão que eu era amigo de Mark e, após sua infeliz morte, todos estarão de olho em mim.

Mark já divulgou meu nome para muitos de seus colegas. Posso ser novo no Savior, mas eles estarão me esperando.

***

O Savior parece o tipo de clube que eu imaginaria administrar uma masmorra sexual de elite e realizar rituais.

A sala principal é enorme. O palco fica bem no meio da sala, com uma grande barra de pole dance na frente e no centro, com uma garota dançando ao redor, completamente nua. Seus seios saltam quando ela se levanta, envolvendo suas longas pernas ao redor do poste e se curvando para trás, seus seios à mostra enquanto ela gira os quadris.

Não me preocupo em olhar para o corpo dela. O que eu noto são seus olhos. Preciso me controlar para evitar que meu maxilar se aperte quando vejo o olhar vítreo neles. Círculos pretos decoram a pele sob seu olhar morto, e quero mais que tudo carregá-la daqui e levá-la para algum lugar seguro.

Mordendo a raiva, falo para mim mesmo que todas essas garotas serão salvas. Assim como nos outros clubes, vou salvar todas elas. Não vai sobrar nada desses malditos clubes de cavalheiros quando eu terminar.

Então, irei para a próxima cidade, o próximo estado, o próximo país, se

for preciso.

Eu me concentro no resto do clube enquanto trabalho para manter meu rosto sem expressões e minha respiração uniforme.

Fica claro que entrei em um lugar onde as pessoas apreciam o sabor e a aparência de sangue.

O ambiente é escuro e melancólico, e dá claros sinais de sadismo. A iluminação é fraca, as sombras são engolidas pelas paredes e móveis pretos.

Um vermelho profundo, a cor do sangue, é acentuado em toda a área. Há molduras vermelhas em torno de pinturas antigas, que indicam adoração e sacrifício ao diabo. Tons vermelhos brilham ao redor das mini luminárias adornadas em cada parede. Copos, cinzeiros e bebidas vermelhas...

Os saltos são das mulheres que servem são vermelhos e as roupas cobertas de diamantes e cristais de verdade. Embora eu não considerasse isso exatamente como roupas, mais como cordas de tecido e joias. No entanto, eles conseguiram fazer o lugar transbordar elegância e dinheiro.

— Zack! Que bom vê-lo aqui. — Uma voz ressoa atrás de mim. Colocando um olhar calmo, mas agradável em meu rosto, eu me viro e vejo um homem que reconheço muito bem. Daniel Boveri.

Ele é advogado do presidente e alguém com quem Mark saía com frequência. Ele é um homem charmoso, do tipo alto, moreno e bonito, com grossas sobrancelhas pretas e próximas aos olhos escuros, o que lhe dão uma aparência ameaçadora, além dos cabelos pretos e um sorriso de cobra. Ele está chegando aos cinquenta, mas o homem não está sofrendo por falta mulheres.

Dan exala confiança e, pelas poucas vezes que conversamos, entendo por que ele é advogado do presidente. Ele é incrivelmente manipulador.

— Dan, prazer em vê-lo — respondo, apertando sua mão com firmeza quando ele a estende para mim.

— Estava me perguntando quando veria você aqui. Mark falou sobre trazer você algumas vezes.

— Tenho certeza de que ele fez isso — murmuro. Isso é novidade para mim.

— Muito triste o que aconteceu com ele. Não consigo acreditar que uma garotinha psicopata conseguiu fazer tudo aquilo com aqueles quatro. Ainda não encontraram os corpos, não é?

Eu balanço a cabeça com empatia, parecendo estar tão chocado quanto ele com a morte de Mark.

— Não que eu saiba, cara. Ela não fica falando de ter escudeiros ou alguma merda assim? — pergunto com um sorriso no rosto. Odeio usar a doença mental de Sibby a meu favor, mas neste caso, se isso significa salvar centenas de crianças e mulheres, vou usar o que for necessário para concluir minha missão.

Meu Deus, eu até pareço um pouco com ela. Sibby acredita que matar pessoas más é sua missão na vida, algo que ela nasceu para fazer. E não posso discordar completamente desse pensamento, quando estou o tempo todo arriscando minha vida para fazer algo que acho certo. Mesmo que outras pessoas encarem isso como errado.

— Sim, pensei ter ouvido alguém mencionar isso. — Dan ri com um tom cruel e de julgamento.

— A menina disse ter cinco escudeiros — rio com desgosto. — Se eles só viram um fugindo, não consigo imaginar se há muito mais à solta.

Essa pequena observação circulará e entrará nas mentes da Society. Se eles acreditarem que os capangas de Sibby são reais, isso manterá as suspeitas baixas. Pelo menos, até os terapeutas encontrarem Sibby e perceberem que seus escudeiros estão todos em sua imaginação.

Até lá, todos esses filhos da puta terão balas na cabeça, e as crianças

que eles exploram terão sumido de seu alcance há muito tempo.

Dan e eu ficamos conversando pelas próximas horas. As mulheres aqui são abusadas, todas chapadas demais e aceitando punições por não fazerem nada de errado.

Um cálice de metal no canto do meu olho chama minha atenção. Está em cima de uma mesa, um homem mais velho toma um gole dele constantemente. Sutilmente olhando ao redor, noto mais alguns. Eles se parecem exatamente com os cálices usados nos vídeos vazados. Meu coração dói, mas até agora não consigo ver nenhum sinal de que haja sangue neles.

— Você está querendo entrar no clube? — Dan pergunta casualmente, chamando minha atenção para ele, que toma seu uísque e me olha por cima da borda de seu copo.

Seu olhar é atento, mas não lhe dou nada em troca. Os músculos do meu rosto ficam firmes no lugar enquanto respondo:

— Já não estou dentro?

Dan dá um sorriso, e com a iluminação fraca e as sombras dançantes, isso o deixa sinistro. Eu nem pisco com essa visão. Sou muito mais assustador.

— Nem de perto, irmão.

Arqueio uma sobrancelha, tomando meu próprio uísque. Quando dou a ele um olhar de expectativa, ele ri.

— Se quiser realmente entrar, precisa ter um gosto exótico.

— Tenho muitos gostos exóticos — falo, adicionando um pouco de escuridão ao meu tom. Não é difícil fazer isso, já que não estou mentindo. Eles gostam de derramar sangue de inocentes, e eu gosto de matar todos os que fazem isso.

— Por favor, diga, quais são esses gostos? — Dan pergunta, seu tom caprichoso e quase divertido.

Dou de ombros com indiferença e tomo um gole de uísque enquanto pego meu telefone com a outra mão. Procuro uma foto de Daniella, uma garota que salvei cinco anos atrás.

Ela está no fundo de um esconderijo, pois era órfã e não tinha casa para onde voltar quando a resgatei. É uma foto inocente dela vestida de pijama da Barbie. O que vende a ilusão é o olhar assombrado em seus olhos e os hematomas que marcam sua pele. A foto foi tirada logo depois que a resgatamos. Ela tinha dez anos na época, e fiz questão de pedir permissão antes de mostrar isso a alguém.

Essa é a primeira vez que tive que fazer amizade com pedófilos antes de matá-los, mas eu sabia que se fosse conseguir convencê-los de que eu era como eles, eu precisaria mostrar provas.

E não sou um desgraçado para mostrar uma garota aleatória na internet e arriscar sua segurança. Pelo menos com Daniella, é uma foto antiga e posso garantir que nada vai acontecer com ela.

Entregando o telefone para ele, digo baixinho:

— Meu último brinquedo.

As palavras têm gosto de piche na minha língua, mas me forço a falar mesmo assim. As sobrancelhas de Dan se levantam rapidamente, mas um pequeno sorriso malvado e feliz se forma em seu rosto.

— Você divide?

Quase quebro a mão dele quando ele me entrega o celular de volta, dando um olhar demorando na foto. Em vez disso, coloco o celular de volta no bolso e mostro os dentes.

— Eu fico com ciúmes.

Sua cabeça inclina para trás, e uma risada estrondosa ecoa pelo espaço. O barulho da sala engole o som, mas soa como dinamite em meus ouvidos.

— Entendi, meu amigo. E quando elas ficam velhas demais?

— Órgãos fazem sucesso no mercado negro. — Dou um sorriso obsceno.

— Acho que você seria perfeito para a iniciação, então. — Ele sorri. — A próxima é daqui a uma semana. Interessado?

— O que é essa iniciação?

— Tudo será explicado a você quando chegar a hora. Mas no final, você ganha muito disso. — Seu rosto se ilumina, acenando para o meu telefone escondido. Ele abre um sorriso feroz. — Muito disso, em qualquer forma, tamanho e gênero.

— E isso é seguro?

Dan dá de ombros.

— Tivemos um espião vazando vídeos, mas a Society está confiante de que encontraram o traidor. E esses vídeos não foram vistos. Eles foram imediatamente retirados assim que foram carregados.

Falso. Eu coloquei um sinal no local específico em que eles são carregados na *dark web*. No segundo em que o vídeo foi postado, Jay ou eu recebemos imediatamente uma notificação. Nós tivemos quarenta e cinco segundos para baixá-lo antes de ser removido.

Rápido assim.

Mas tempo de sobra para a *Z*.

Interessante eles acreditarem que pegaram o cara. Não tenho como verificar isso, mas não importa mais.

Onde antes havia um rato intrometido, agora tem um lobo.

Termino o resto do meu uísque em um gole, saboreando enquanto minha garganta queima. Sorrio para ele mais uma vez, um sorriso feroz. Sinto as cicatrizes no meu rosto enrugarem e uma sensação demoníaca girando em meu interior, brilhando em meus olhos. Ele pode interpretar isso como quiser.

— Estou dentro.

CAPÍTULO 33

A MANIPULADORA



A luz da TV brilha pela sala escura enquanto a voz do repórter ressoa.

— …*O assassinato dos quatro funcionários do governo ainda está sob investigação. Os relatórios da autópsia foram divulgados ao público, revelando tortura extrema antes que os homens morressem.*

A foto de uma garota aparece na tela. Ela é uma garota bonita, com cabelos castanhos lisos e olhos castanhos. A parte inquietante é o olhar em seus olhos. Basta os ver para saber que ela é claramente instável.

Ela era a boneca quebrada que eu vi comendo na feira. E ela estava na Casa de Bonecas da Annie naquela noite, escondida nas paredes e observando todos os convidados passarem. Em algum momento, ela olhou para mim e provavelmente decidiu se ia me matar ou não.

Estremeço, sabendo o quão perto cheguei da morte naquela noite.

Pegando o controle remoto, desligo a TV, tremendo enquanto o jogo de volta no sofá. O idiota me fodeu e depois assassinou um bando de homens com uma garota psicótica.

A porra do Mark Seinburg é um dos desses homens, junto a três outros funcionários do governo que eu conheci na fila da Casa de Bonecas da Annie. Zade disse ter assuntos para tratar com uma garota psicopata, e por alguma razão, ele sair para matar pessoas era a última coisa que eu esperava.

Burra. É isso que ele faz, *Addie. Mata pessoas.*

O medo e a ansiedade são esmagadores. Eu sabia que ele matava pessoas. As mãos de Arch aparecendo na minha porta foram uma prova disso. Assim como sua família inteira ter sido exterminada…

Eu *sabia* que ele era um assassino. Ele admitiu. Mas, de alguma forma, ver seus crimes hediondos transmitidos na televisão ao vivo é revelador. Ele assassinou quatro *políticos*.

Isso não é apenas um menino brincando de se fantasiar com o terno e a arma de um chefe da máfia. Arch era insignificante no grande esquema de tudo. Mas isso... isso é *grande*.

O Mark mereceu? Com certeza. Mas eu estive na casa dele. Eu estava no seu radar. E agora que ele está morto, e se eles vierem atrás de *mim*?

Merda. Você é mesmo uma idiota, Addie.

Apoio os cotovelos nos joelhos e afundo a cabeça nas mãos. Meus pensamentos estão fora de controle. Quem se importa se foi o sexo mais alucinante que já tive na vida? E provavelmente será pelo resto da minha existência. O cara é tão louco quanto a garota na televisão.

Ele já matou antes, e obviamente vai fazer isso de novo, e se ele tentar derrubar o maldito presidente em seguida? Ou alguém que tenha conexões com algumas pessoas muito desequilibradas?

Acho que não estou bem com isso. Olho para a tv novamente, um repórter de pé na frente de luzes de sirene piscando no Satan's Affair.

Simplesmente não estou bem com *isso.* Com o medo de que algumas pessoas aterrorizantes venham atrás de mim porque Zade continua matando

pessoas de alto escalão. Ele é um maldito *serial killer*.

Eu preciso terminar com ele. De vez.

Não importa o que ele me faz sentir. Ele vai colocar minha vida em perigo, de novo e de novo. E como alguém apenas... fica bem com isso?

Estou balançando na velha cadeira de Gigi quando um movimento do lado de fora da minha janela chama minha atenção. Meu coração acelera quando encontro minha sombra de pé do outro lado, vários metros de distância com aquele maldito círculo de brasa brilhando na noite.

Droga. Ele está aqui.

Ele não vai ouvir a razão quando eu lhe disser para me deixar em paz. Ele nunca fez isso antes, não será diferente agora. Preciso descobrir como diabos afastá-lo de mim permanentemente. Talvez eu dê uma olhada naquele guarda-costas que Daya mencionou antes.

Mas agora, a única coisa que posso fazer é chamar a polícia. Eles virão rápido se eu mentir e disser que estou em sério perigo e, enquanto isso, vou tentar convencê-lo a ir embora.

Adrenalina e uma mistura inebriante de medo gotejam em minha corrente sanguínea enquanto me arrasto para cima e para longe da janela, e procuro meu celular. Olhando em volta freneticamente, reviro toda a sala procurando o celular. Meu coração está acelerado, o som ecoa em meus ouvidos enquanto começo a ficar sem ar.

Demora vários minutos até finalmente encontrar meu celular alojado debaixo de uma almofada do sofá. Quando me endireito e olho pela janela, congelo.

Ele desapareceu.

Porra, onde ele foi?

Minhas mãos tremem enquanto eu digito os números 1-9... Sinto sua presença nas minhas costas, um momento antes de ele arrancar o celular da

minha mão. Minha respiração falha quando ele apaga os números, e o aparelho desaparece de vista. Sua respiração faz cócegas na minha orelha quando ele se inclina.

— Você estava prestes a chamar a polícia para mim? E eu achei que tínhamos superado isso.

Minha respiração falha.

— Não quero mais fazer isso, Zade. Eu... eu não quero *você*.

Sua respiração tranquila é engolida pelo repórter que fala ao fundo.

— Quando você se tornou tão mentirosa? — ele diz, finalmente.

Fecho os olhos e respiro profundamente. Então levanto minha perna e piso em seu pé o mais forte que consigo. Ele solta um gemido, mas antes que eu consiga correr, seus braços envolvem minha cintura e me prendem contra ele.

— Isso foi muito travesso, ratinha. E sabe o que acontece quando você é travessa? Você é comida — ele sussurra em meu ouvido.

Todo o meu ser começa a pegar fogo. Suas palavras fazem com que uma sede desça pela minha garganta, passe pelo meu estômago, e vá direto ao ponto sensível entre as minhas pernas.

Mas não vou ceder tão facilmente. Não vou deixar esse homem ficar entrando na minha cabeça, no meu corpo.

— Não sou sua maldita presa.

— Então, por que você me deixa te consumir? — ele sussurra, envolve sua mão em volta da minha garganta e aperta com força. A barba por fazer perfura minha pele enquanto sua bochecha se esfrega na minha, e sua boca desce para meu pescoço. Uma mordida afiada arranca um suspiro dos meus lábios.

Sua mão aumenta o aperto, enquanto minha respiração enfraquece mais. As palavras sobem para minha língua, mas não conseguem sair quando

um grunhido baixo vibra de seu peito e por todo o meu corpo.

— Você sabe o quanto eu amo quando você foge — diz ele. Sua outra mão viaja pelo meu estômago e desliza até meus seios.

Ele segura um seio em sua mão e aperta. Sinto o sangue subir, indo para o meu rosto enquanto outro gemido é espremido da minha garganta. Meus mamilos estão endurecidos em pontos gêmeos, esfregando-se quase dolorosamente contra o tecido do meu sutiã. Quando ele tirar toda minha roupa, verá a evidência de que estou gostando disso muito mais do que deveria. De alguma forma, esse sempre parece ser o caso com ele.

— Pare. — Engasgo e tento fugir, mas seu aperto se mantém firme na minha garganta até que pontos escuros começam a aparecer na minha visão.

— Você não quer isso, querida? Não quer ficar cheia do meu pau e descobrir uma nova religião cada vez que eu fizer você gozar?

— Você tem muita fé em suas habilidades — resmungo. Ele dá uma risada tão profunda e sombria quanto o oceano.

— Você precisa de fé para ser um crente. — Ele coloca a mão entre minhas pernas. — E essa boceta merece ser adorada.

Meus olhos fecham quando seu hálito quente percorre a extensão do meu peito. Meus arrepios aumentam e um calafrio percorre minha espinha. Seus dedos beliscam meu mamilo através do tecido da minha camisa e sutiã, puxando-o com força e arrancando um grito de dor da minha garganta.

No entanto, meu corpo reage sem permissão. Eu me inclino para ele, sentindo seu corpo firme pressionando minhas costas. Sua mão aperta minha garganta quase a níveis insuportáveis. Fico na ponta dos pés para diminuir a pressão, mas ele não me solta.

— Isso te assusta? — ele sussurra, sua respiração faz cócegas no meu ouvido. — Ou deixa sua boceta molhada, sabendo que seguro sua vida em minhas mãos e permito que você respire?

O sangue sobe para minha cabeça, e o medo começa a bombear em minhas veias. Quando acho que ele não vai parar, sua mão afrouxa, e respiro fundo.

Mas ele não me deixa respirar por muito mais tempo. Ele gira meu corpo e me empurra contra a parede ao lado da TV, sorrindo viciosamente enquanto tropeço para longe dele e bem para onde ele quer que eu vá. Quando estou a um passo de distância, ele me agarra e me joga na parede, pressionando o seu corpo contra o meu. Antes que eu consiga respirar novamente, sua mão está mais uma vez envolvendo minha garganta, e sua boca está na minha.

Assim como ele disse, eu o deixo me consumir. Lágrimas queimam a parte de trás dos meus olhos enquanto sua boca rasga meus lábios, banqueteando-se com minha língua sem permissão.

Não posso fazer isso.

Não posso deixá-lo fazer isso comigo.

Afastando minha boca com força, eu o empurro, mas ele não se move nem a porra de um centímetro.

— Para! — grito, lutando contra ele. — Não vou deixar você fazer isso. Você acabou de matar pessoas perigosas, Zade, o que significa que elas têm amigos perigosos. É como com o Max de novo. Você é um *monstro*.

A mão ainda em volta da minha garganta aperta antes que ele bata minha cabeça contra a parede, cessando minhas lutas.

— E você é o anjinho doce que vou arrastar para o inferno comigo — ele murmura, sua voz profunda e rouca enquanto ele sussurra seu presságio em meu ouvido.

— Eu te odeio — disparo, dando um olhar com todo o desgosto que posso juntar em meu corpo. Ele simplesmente não escuta. Ele apenas sorri zombando.

— E eu nunca vou deixar você me foder de novo, Zade. — Não me envergonho pela forma como minha voz vacila. Que ele ouça como estou falando sério. Não é o medo que faz minha voz vacilar, é a animosidade sangrando da minha alma.

Ele me pressiona mais forte, um rosnado se forma em seu rosto. Ele parece cruel e atraente ao mesmo tempo, como um belo diabo sentado em um trono de ossos.

— Está disposta a apostar sua vida? — ele pergunta com voz suave, um forte contraste com a minha. Ele pressiona sua pélvis contra mim, seu comprimento duro e grosso afunda em meu estômago. Quando não respondo, ele sorri.

— Acho que minha ratinha é uma *mentirosa* — ele rosna a última palavra em meu ouvido, causando tremores violentos por todo o meu corpo.

Sua boca acaricia minha bochecha, a carne macia de seus lábios roçando levemente em direção aos meus lábios. Sua boca desliza contra a minha, provocando arrepios elétricos em todos os pontos que nossa pele se toca. Respiro profundamente, o medo e a adrenalina continuam bombeando em minha corrente sanguínea, quase me drogando com força e me fazendo delirar.

— Sim — sussurro, respondo a sua pergunta levantando a perna e dou uma joelhada bem entre as suas pernas. Ele consegue evitar o impacto do golpe, mas isso me dá espaço suficiente para escapar de suas mãos e correr.

Uma risada alta e cruel soa quando eu quase derrubo a porta antes de sair para o ar da noite. Gotas frias e molhadas de chuva caem na minha pele, encharcando-me imediatamente, mas não deixo a chuva me deter. O terror me dá impulso, enquanto corro para a floresta.

Meus pés deslizam na varanda e percebo que estou descalça. Mas agora é tarde demais. Sigo em frente, rangendo os dentes quando sinto pedras em

meus pés, correndo pela calçada.

Sempre quis explorar esse bosque quando criança. Ele é profundo e incrivelmente fácil de se perder. Minha mãe e minha avó nunca me deixaram pisar ali quando criança. De alguma forma, essa restrição chegou à minha vida adulta.

Os avisos que recebi quando mais nova inconscientemente me impediram de entrar na floresta e explorar. E agora, eu gostaria de ter feito isso. Não leva nem um minuto até eu estar completamente perdida. A única luz é a da lua, e mesmo essa luz é fraca devido às copas das árvores que nublam o céu.

Continuo forçando minhas pernas a se moverem mais forte e mais rápido. Assustada demais para parar. Com muito medo do diabo se aproximando.

Até que tropeço em uma raiz, meu corpo se lança para frente e depois bate ruidosamente no chão. Pouso desajeita em minhas mãos, a dor queima em ambos os pulsos quando eles cedem sob meu peso. O dedo do pé que atingiu a raiz está latejando, meus pés estão ensanguentados e agredidos por correr descalça na maldita floresta.

Estou arfando, soltando baforadas em pânico enquanto rolo de costas. Tenho que fechar os olhos por causa da chuva turvando minha visão e pingando em meu nariz e boca.

Levantando a mão para cobrir meu rosto, abro os olhos e olho ao redor. Não posso vê-lo, mas isso não significa que ele não esteja perto.

Meu peito está apertado, tento acalmar meu batimento cardíaco e respiro profundamente para poder relaxar o suficiente e ouvir se ele está vindo.

O vento sopra as folhas no chão, levantando sujeira e detritos, e causando arrepios em minha pele. O som é sinistro, ameaçador. Como se a

qualquer momento, o vento fosse abrir as árvores e eu fosse ver minha sombra parada ali me observando e esperando.

Minha camiseta e legging encharcadas não oferecem proteção contra a chuva implacável. As roupas se moldam ao meu corpo, prendendo o frio sob o tecido e permitindo que ele penetre sob minha pele. Meus ossos tremem com os arrepios violentos que balançam meu corpo.

Eu me sento e respiro fundo, concentrando meus ouvidos em ouvir passos. Leva vários segundos até escutar um galho estalando. O som vem diretamente de trás de mim.

Viro a cabeça, meus olhos procuram freneticamente na floresta e minha respiração acelera mais uma vez. Eu me levanto devagar, ignorando a dor latejante em minhas mãos e pés machucados.

Preciso me esconder.

Assim que dou um passo silencioso, ouço outro galho estalando. Meu coração acelera descontroladamente quando um pé aparece no meu campo de visão. Como um demônio surgindo de uma fogueira, eu o vejo emergir entre duas árvores. Arregalo os olhos, minha boca fica seca com a visão de um homem enorme saindo das sombras com o rosto coberto por um capuz, e ele se aproxima de mim.

Com isso, eu me viro e saio correndo.

Corro com todas as minhas forças, movendo as pernas e braços o mais rápido que posso. Mas, no final, não adianta de nada. Só corro três metros até uma mão envolver meu braço e me puxar para trás. Meu corpo voa para o dele, colidindo com seu peito duro e tirando o ar dos meus pulmões.

Luto contra ele tentando fugir loucamente, mas ele é muito grande e muito forte. Ele me domina com facilidade, passando um braço em volta da minha cintura e me prendendo contra seu corpo quente.

A respiração quente toca em minha orelha um pouco antes de sua voz

profunda penetrar na névoa de pânico e terror que circula em meu cérebro.

— Você não pode fugir de mim, ratinha. Sempre vou te encontrar. — Ele agarra meu rosto, apertando minhas bochechas com força entre sua mão grande. A carne macia crava no espaço entre meus dentes e produz um gemido de dor na minha garganta. Um rosnado baixo em resposta ressoa em seu peito logo antes de ele perguntar. — Pronta para ser comida?

Usando a mão segurando meu rosto para me virar, ele puxa meu corpo firmemente contra o dele. Mas não vou ceder sem lutar.

Balanço meus braços e pernas, torcendo meu corpo para me soltar de seu aperto implacável. Meus esforços violentos fazem meu pé escorregar e meu corpo balançar para trás.

Nós dois caímos, mas o impacto do meu corpo contra o chão é impedido por sua mão segurando nós dois, mantendo-o suspenso enquanto seu braço me aperta contra seu corpo.

Claro, isso ainda não me impede de me debater.

— Me solta, seu maldito maníaco! Eu vou...

— Vai fazer o quê? — Ele me corta com um grunhido de raiva. Ele prende meu corpo entre o dele e o chão frio, as temperaturas congelantes invadem meu corpo.

Agarrando meus dois pulsos, ele os prende acima da minha cabeça com uma mão, enquanto a outra envolve minha nuca.

— Diga-me, Addie. Acha que matar pedófilos é errado? — ele pergunta bruscamente, seu único olho claro brilhando na escuridão.

— Acho que matar pessoas é errado — grito em seu rosto, respiro fundo e permito que meu corpo descanse por um momento. Estou com medo, mas meu corpo está exausto.

— Por quê? — ele pergunta de volta. — Por que a sociedade lhe disse que era? Por que os humanos fabricaram uma moral para poderem controlar e

manipular as pessoas para seguirem uma lei e manterem a ordem? Acha que outros mamíferos seguem a mesma moral e regras? Somos todos malditos animais, querida. A única diferença é que eu não suprimo o meu.

Ofegante e com raiva, eu me contorço contra ele, tentando afastá-lo de mim, mas não consigo nada. É como um elefante sentado em um hamster.

Ele pressiona meus pulsos com mais força contra o chão enquanto se ajeita, usando os joelhos para abrir minhas pernas e se estabelecer entre elas. Mesmo na chuva fria, ele está duro como a porra de uma rocha.

— Você vai acabar me matando! — discuto. — Você tinha que ser um doente e os torturar tanto que isso virou notícia nacional!

— Quer saber o que é ser doente, Addie? Aqueles homens que você está tão chateada por terem morrido são os mesmos que machucam, estupram e torturam crianças inocentes e se divertem com isso. Eles vivem disso. Você acha que qualquer punição nesse mundo compensará até mesmo a vida de uma das criança que eles torturaram e mataram? — Fecho minha boca, lágrimas queimam minhas retinas.

“E o pior é que, apesar de te reivindicar como minha, a Society já tinha te marcado antes mesmo de eu entrar em cena. O que significa que você está em perigo, esteja ele morto ou não. Sabia que ele tentou te sequestrar no Satan's Affair? Enquanto você estava correndo pela Casa de Bonecas da Annie, ele estava mandando seus cães para te sequestrar. E eu me certifiquei de que isso não acontecesse, Addie.

“Se você pensou que tem alguma chance de se livrar de mim, tire isso da sua cabeça. Você precisa da minha proteção mais do que precisa do meu pau, mas eu pretendo te dar os dois.”

Meus olhos se arregalam e meu coração para. Sou um alvo da Society? Jesus Cristo, o que diabos eu fiz na minha vida passada para merecer essa merda?

Corri tanto perigo e nem percebi. Não o senti se aproximando, porque o homem me prendendo no chão me manteve segura e protegida, para eu poder aproveitar minha noite.

Meu lábio treme enquanto ele continua.

— Ele era um homem mau, Addie. E uma das piores coisas que ele já fez foi colocar você em perigo. A pior coisa que fiz foi facilitar tanto para ele te encontrar.

O jogo virou. Antes acusei Zade de não me esconder de Mark, e agora estou assimilando a dura verdade. Ele nunca teve nenhuma chance contra o meu destino.

— Você não conseguiria o impedir de me notar — admito em um sussurro suave.

— Talvez não, mas eu te aproximei dele. Esperava que te reivindicar como minha fosse te salvar, mas Mark sempre iria atrás de você. E todo filho da puta que chegar a menos de um quilômetro de sua casa vai ter minha faca na garganta. Nunca fingi ser uma boa pessoa. O que fiz foi criar minha própria maldita moral para viver. Continuarei matando todos os indivíduos perturbados que residem nesse maldito planeta se isso significar que as crianças não precisam morrer e você não precisa viver em perigo.

Meu lábio treme, e toda a luta que queimava dentro de mim sai em uma respiração.

Não tenho nada a dizer. Nenhum argumento.

Tenho me apegado tanto à noção de que todo assassinato é errado, mas preciso deixar isso para lá. Porque Zade está certo, quer ele tenha entrado na minha vida ou não, eu sempre acabaria em perigo. E não posso ficar chateada toda vez que ele matar alguém que me fez mal.

Se isso me torna egoísta, então não me importo mais.

Quer eu goste ou não... Zade não vai a lugar nenhum. E é muito mais

exaustivo me apegar a moral que rivaliza contra a única coisa que me mantém segura.

Eu estudo seu rosto, precisando fazer uma última pergunta.

— Você já matou alguém inocente?

— Qual é a sua definição de inocente? — ele questiona, inclinando-se para perto até que seu hálito de menta roce sobre meu rosto frio e molhado. — Pessoas como Archie? Que machucou pessoas, mas que havia uma chance de redenção, certo?

Eu engulo, abrindo minha boca para responder, mas ele se inclina para mais perto, seus lábios a poucos centímetros dos meus. As palavras morrem na minha língua enquanto a língua dele sai e lambe uma gota do meu lábio. Esse pequeno toque deveria ser insignificante, como uma borboleta pousando em um dedo. Mas, em vez disso, parece um relâmpago viajando pela minha espinha direto para o meu centro.

— Você acha que há redenção para mim? — ele sussurra, o timbre grave de sua voz sombrio e pecaminoso.

Eu lambo meus lábios, procurando as palavras antes de perguntar:

— Você quer que haja?

O resto de seu corpo se molda ao meu, criando um perigoso ciclone de fogo e gelo dentro de mim. O chão congelado e o calor furioso do corpo dele digladiam entre si, enquanto tento lutar contra o delírio que sua proximidade está causando.

Ele pressiona sua pélvis contra a minha, provocando um prazer agudo entre minhas pernas. Sem nem pensar, minhas costas arqueiam e um gemido escapa.

— Se minha redenção reside em algum lugar dentro de você, passarei o resto da vida procurando. — Ele flexiona os quadris novamente, arrancando outro gemido sem fôlego dos meus lábios. — Vou preencher cada centímetro

de você, Adeline. E com o tempo, minha redenção se tornará sua salvação.

Suas palavras causam uma reação profunda dentro de mim. Não há como parar o fluxo de excitação entre minhas pernas, não mais do que posso controlar a intensa necessidade de entregar cada pedaço da minha alma a ele em uma bandeja de prata.

Ele ainda é um stalker, Addie.

A pequena voz dentro da minha cabeça está enfraquecendo. Ela está tão baixinha e insignificante que suas palavras não têm mais poder. Estou ficando irritada com a voz do bom senso, porque nada do que sinto por Zade é sensato. Ele desperta emoções poderosas demais para a razão e a lógica. Elas são fortes demais para serem ofuscadas por uma vozinha na minha cabeça.

— E se eu não quiser? — retruco, embora minhas palavras contrastem com minhas ações. Uma perna minha sobe sobre seu quadril, trazendo-o para mais perto enquanto minha boca ainda tenta afastá-lo.

— E se a última coisa que eu quiser é você dentro de mim?

Seus lábios deslizam sobre os meus, viajando pela minha bochecha e pela minha mandíbula. Ele morde com força, seus dentes arrancam outro gemido enquanto a dor e o prazer pressionam meus nervos.

Dessa vez, quando ele gruda em mim, respondo ao seu impulso, desesperada para ele se aproximar. Ainda assim, não consigo desistir, mesmo que meu corpo já tenha desistido.

— E se eu começar a odiar a sensação de você dentro de mim?

Finalmente, ele solta meus pulsos, agarra a gola da minha camisa e a rasga ao meio. Suspiro com o ataque brutal da chuva fria que atinge minha pele. Minhas costas arqueiam enquanto suas mãos acariciam com força o meu estômago, enviando ondas de eletricidade dançando pela minha carne. Só o seu toque já está me enlouquecendo. Nada nunca foi tão bom assim...

bom pra caralho.

Então ele agarra meu sutiã, expondo meus seios, e ele o arranca também do meu corpo.

— Você odiaria a sensação de gozar com tanta força que seu corpo se esgotará?

Antes que eu possa responder, ele morde meu queixo novamente, mais suave dessa vez, antes de descer para o meu pescoço. Sua boca pausa sobre o ponto sensível logo abaixo da minha orelha. Ele solta uma única respiração, e essa ação é o único aviso que tenho antes que seus dentes se fechem.

A única resposta que sou capaz de dar é um grito distorcido. Reviro os olhos, sua língua lambendo a mordida e extraindo um prazer intenso.

Mordidas afiadas descem pela minha clavícula até que um dos meus mamilos está sendo sugado em sua boca quente. Um grito sufocado é liberado, e eu estremeço sob o açoite da sua língua.

Minhas costas arqueiam enquanto agarro seu cabelo, puxando os fios tão brutalmente quanto ele chupa meu mamilo.

Finalmente, seus dentes me soltam, e eu tomo um breve momento para soltar o fôlego dos meus pulmões.

— Posso me fazer gozar mais forte do que você jamais poderia.

Sinto seu sorriso, e não preciso vê-lo para saber como é cruel. Ele levanta a cabeça, apenas o suficiente para olhar nos meus olhos.

Meu coração se aperta, e meus instintos sentem a desgraça muito antes de suas palavras confirmarem.

— Está preparada para me provar isso, ratinha? Caso não, vou fazer você engolir suas malditas palavras.

CAPÍTULO 34

A MANIPULADORA



Nunca fui religiosa, apesar de repreender um fantasma no céu por constantemente testar minha sanidade. Mas agora, espero mesmo que *algo* esteja cuidando de mim. Porque sinto que quando Zade terminar comigo, minha alma será dizimada e nada poderá me salvar de sua condenação.

Engolindo em seco, pergunto:

— Como planeja fazer isso?

Tento inserir um pingo de confiança na minha voz, mas o olhar calculista no rosto de Zade destrói completamente essa noção. Estremeço, mas não por causa da chuva implacável encharcando minha pele.

Em vez de responder verbalmente, ele se abaixa e agarra o cós da minha legging. Em um puxão forte, ele rasga o tecido pelas minhas pernas e arremessa em algum lugar na floresta. Definitivamente não vou recuperá-las.

Arregalo os olhos quando ele puxa severamente minha calcinha amarela, a renda rasga facilmente com sua força.

— Zade... — suspiro, tentando fechar minhas pernas para bloquear a

chuva gelada do meu corpo exposto. Ele ignora minhas tentativas, separando meus joelhos até que a chuva bate entre eles. Grito com a sensação, respirando profundamente.

Zade pode parecer um deus, mas ele nunca foi do tipo que perdoa.

Ajustando sua pressão na parte inferior das minhas coxas, ele empurra minhas pernas para trás fazendo meus joelhos subirem até minhas orelhas, e minha boceta está completamente exposta aos elementos implacáveis.

— Zade! — grito, minhas mãos me cobrem rápido.

— Se masturbe, ratinha. Deixe-me ver o quão forte você consegue se fazer gozar — ele ordena, sua voz cheia de desejo.

— Não vou... — Ele passa o braço esquerdo pelas minhas coxas e usa sua mão agora livre para tirar minhas mãos. Antes que eu possa perguntar o que diabos ele está fazendo, ele dá um tapa forte direto na minha boceta.

Grito bem alto, dor atravessando meu clitóris e subindo pela minha espinha. O único alívio é o seu corpo agora inclinado sobre mim, a chuva não está mais batendo contra meu núcleo sensível.

— Mas que po...

— O que acabei de mandar você fazer, Adeline? Não me faça pedir de novo.

Fico boquiaberta, as palavras me escaparam. Ele olha para mim, seu rosto tem uma expressão severa que não abre espaço para discussão.

Mordendo a boca, penso em discutir com ele. Mas leva apenas dois segundos para chegar a uma única conclusão.

Não quero.

Mantendo meu olhar fixo no dele, eu lentamente deslizo minha mão de volta para o ápice das minhas coxas. O acúmulo de viscosidade não tem nada a ver com a chuva.

Com relutância, como se não pudesse decidir se quer ver meu rosto ou

minha mão, ele desvia o olhar e fixa aqueles olhos yin-yang na minha boceta. Bem quando estou mergulhando um dedo dentro de mim.

Suas narinas se dilatam e sua mão na minha coxa começa a machucar.

— Caralho — ele murmura silenciosamente, seus olhos queimando. É um calor que se estende até mim, espalhando como fogo selvagem até que a chuva batendo contra minha carne seja um bálsamo para o chama incessante.

Tirando o dedo da minha boceta, eu circulo meu dedo no clitóris, minha boca se abre e um gemido rouco desliza pelos meus lábios.

Prazer exala de onde meu dedo continua a circular, e não consigo evitar balançar meus quadris contra minha própria mão, querendo um toque além do meu. Um toque mais áspero. Mais firme. Melhor.

Ignorando a súplica silenciosa do meu corpo, concentro-me em meus toques, minha cabeça se move para trás enquanto meu orgasmo começa a se formar.

Zade se ergue, tirando o braço de minhas coxas e assumindo sua antiga posição ajoelhado diante de mim com as mãos segurando firmemente meus joelhos no chão de cada lado.

Dessa forma, seu corpo não está mais fornecendo proteção contra a chuva, as gotas frias de água são como gelo entre minhas pernas.

Levanto minha cabeça, meu coração trovejando enquanto os olhos de Zade queimam através de mim. Saber que ele está assistindo tudo o que estou fazendo comigo mesma só aumenta o prazer. Nunca estive tão excitada na minha vida, e os gemidos nada discretos são impossíveis de controlar.

Estou muito perdida no momento para me importar com o quão alto estou gemendo. Estou perdida demais na euforia que percorre meu sistema quando chego àquele penhasco.

Sentindo meus membros endurecendo, Zade olha para mim e sussurra:

— Mostre-me o quão profundamente eu arruinei você.

Minhas sobrancelhas se contorcem, e minha boca se abre quando caio do penhasco. Eu grito, meus quadris balançam implacavelmente, procurando por algo mais.

O orgasmo que toma conta de mim é forte e rápido. Antes, eu ficaria satisfeita com isso. Mas agora, com aquele homem cruel ajoelhado diante de mim, sinto que fui muito roubada.

Mantenho a boca fechada, a chuva e o vento parecem silenciosos agora que meus gemidos cessaram. Um sorriso malicioso se forma em seus lábios, enfatizando as cicatrizes em seu rosto.

— Foi melhor? — ele pergunta, mas parece que ele já sabe a resposta.

Eu aceno que sim, sem coragem o suficiente para falar minha mentira, mas orgulhosa demais para dizer que não. Por um momento, parece que o mundo ao meu redor para. A chuva, o vento, as folhas das árvores. Então tudo acelera, rápido demais para eu o impedir de mover minha mão e dar outro tapa forte na minha boceta.

Por instinto, tento fechar as pernas para diminuir a dor, mas ele segura meus joelhos para trás, inclinando-se sobre mim ameaçadoramente. O medo adormecido volta à tona quando ele olha para mim.

— Minta para mim de novo — ameaça ele. — Minha paciência só vai até aqui.

Engulo o nó na minha garganta, meus olhos arregalados fixos nos dele.

— Foi melhor?

Nesse momento meu cérebro decide lembrar que estou no meio da floresta, sozinha, com um homem muito perigoso. Um homem que torturou e assassinou quatro outros apenas três noites atrás.

— Não — sussurro, olhando-o com cuidado. Estou tensa, esperando para ver qual será seu próximo passo. Zade sempre foi imprevisível. Essa sensação não é novidade.

Ele não vai te machucar, Addie.

Não, mas talvez eu queira.

Ele me solta e se levanta.

— Levante-se — diz ele.

O choque me deixa paralisada, mas meu cérebro se recupera depois de alguns segundos e começo a me levantar.

Eu me preparo para perguntar... eu nem sei o quê, mas antes que eu possa descobrir, ele está se abaixando e agarrando a parte de trás das minhas coxas. Ele me levanta, minhas pernas instintivamente agarram sua cintura. Meu centro sensível colide com seu pau duro e esticado em seu jeans, aninhado firmemente entre as dobras da minha boceta.

Um gemido suave escapa de mim, e ainda estou chocada demais para me mover ou dizer qualquer coisa quando ele começa a me carregar, presumivelmente de volta para minha casa.

— O que está acontecendo? — Consigo falar finalmente, estremecendo enquanto cada passo esfrega seu jeans contra meu clitóris superestimulado.

— Vou te lembrar de como é bom ser minha.

***

Os passos de Zade são determinados enquanto ele me carrega, o silêncio entre nós fica tenso com promessas aterrorizantes. A chuva não para, parecendo apenas ficar mais forte com o passar do tempo.

Não faço ideia de como ele sabe para onde ir, e estou tanto impressionada quanto desconfiada. A única razão pela qual ele conhece esses bosques tão bem é porque passou muito tempo neles. Enquanto me *perseguia como um stalker*.

Ele escondia os corpos ali? A pergunta está na ponta da língua, mas eu

a deixo morrer. Não quero perturbar a pequena, embora instável, trégua que parecemos alcançar.

Suas grandes palmas seguram minha bunda nua, as pontas de seus dedos a apenas alguns centímetros da minha entrada. Ele não explora, o toque provocante me deixa em chamas e me inunda com antecipação.

Ele está me deixando louca de desejo, e é justo que eu retribua o favor. Se ele me possuir no chão frio e molhado, eu ficaria feliz. O sorriso que enfeita meus lábios é de pura malícia.

Meus lábios traçam sua garganta, roçando tão suavemente que o toque parece apenas um sussurro. Seu aperto fica mais forte e meu sorriso aumenta. Abrindo a boca, minha língua sai e lambe da base de sua garganta até o ponto atrás da orelha.

Um rosnado vibra contra minha língua e me estimula a agir. Ele me marcou implacavelmente tantos meses atrás. Não é justo que eu o marque também?

Mordo aquele local, lambendo e sugando a carne presa entre meus dentes até ter certeza de que a pele está marcada. Então eu recuo e encontro um novo local para marcar, várias vezes, enquanto ele range os dentes, suas mãos me agarram com força suficiente para deixar marcas.

— Addie — ele rosna, sua voz tão profunda que soa demoníaca.

Levo meus lábios até sua orelha e mordo, sugando o lóbulo em minha boca. E então eu paro, deslizando meus dentes com força contra a carne enquanto ela se solta.

— O que foi? — sussurro em seu ouvido. — Não consegue aguentar que faça com você o mesmo que fez comigo?

Mordo seu pescoço novamente, deliciando-me com o som dele perdendo o controle e um gemido escapando. É o som mais sexy que já ouvi, e estou quase selvagem com a necessidade de o arrancar dele de novo.

A luz da minha varanda está atravessando as árvores quando ele cede, empurrando-me contra um tronco de árvore, minhas costas nuas raspando contra a casca áspera. Seu jeans se abre em tempo recorde, seu pau fica livre da sua contenção e entra em mim antes que eu consiga processar.

Grito com a intrusão, seu pau me abre tão de repente que tudo que posso sentir é fogo. Mas ele não cede, e me fode contra a árvore até eu estar o apertando, um orgasmo rasga através de mim que quase causa danos permanentes nos meus olhos de quão forte eles reviram.

Ele se derrama dentro de mim em um grito rouco, empurrando-me tão forte na árvore que juro que ficará uma marca na minha bunda. Certeza de que os esquilos vão achar isso fascinante.

Saindo de dentro de mim, ele me arranca com força da árvore e anda rapidamente o resto do caminho de volta. Ele irradia uma energia forte, e não sei dizer se está cheia de raiva ou desejo.

Minhas costas estão pegando fogo, acompanhadas pelo latejar fraco que irradia entre minhas pernas. É a agonia mais deliciosa que já senti.

Durante o caminho de volta para minha casa, meu cérebro volta para a Terra, mas nada mudou.

Isso me perturba mais do que tudo.

O fato de eu não estar mais delirando de medo ou êxtase, e ainda assim, meu desejo e necessidade por esse homem não diminuíram nem um pouco. Na verdade, eles só cresceram com o peso da antecipação pairando sobre minha cabeça.

A pequena luz saindo da minha porta é como um farol. Como se a casa fosse me fazer sentir mais segura do homem me segurando em seus braços.

Em vez de ir direto para a porta como eu esperava, ele se dirige para o meu carro. Apesar da parte de trás do meu SUV ser espaçosa, Zade não é um homem pequeno, e ficar em um espaço apertado com ele, de repente, parece

intimidante.

Se eu mudar de ideia, será impossível fugir dele.

— Por que não a casa?

— Não vou esperar mais — responde ele com firmeza.

Seu tom é sério, e se não fosse por seu pau ainda duro tentando brincar de pega-pega com meu estômago, acharia que ele estava bravo comigo.

Abrindo a porta de trás, o bárbaro quase me joga para dentro do veículo, mal me dando tempo suficiente para sair da frente antes de me seguir, batendo a porta atrás dele.

A chuva tamborila ruidosamente contra o carro. É um som que muitos aplicativos de sono tentam replicar, mas nada chega perto de imitar o som da chuva de Seattle.

Eu me apoio no lado oposto do carro, mas no segundo que ele percebe o que estou fazendo, ele agarra minhas duas pernas e me puxa de volta para ele.

Ele sobe em cima de mim, minhas costas pressionam o assento de couro e instantaneamente grudam nele como cola quente no papel.

É nesse momento que meu cérebro se concentra em todos os detalhes insignificantes. Estou completamente nua e ele está todo vestido, e de alguma forma, isso me deixa um pouco envergonhada.

O cheiro de chuva e sujeira gruda em nós dois, mas, de alguma forma, o cheiro de couro e fumaça permanecem em suas roupas. Percebo como esse carro parece pequeno com ele, e como me sinto incrivelmente pequena com ele me apertando.

Essas coisas obscurecem os detalhes que sou muito covarde para reconhecer. Como o fato de ele estar me encarando tão intensamente que parece que suas retinas possuem raios X, e ele pode ver tudo o que estou escondendo dentro de mim. Não sou corajosa o suficiente para encontrar seu

olhar.

Ou que suas mãos estão de volta na minha cintura, a aspereza de sua pele envia deliciosos choques estáticos por todas as minhas terminações nervosas.

Ele se inclina para perto, até que seus lábios estão a poucos centímetros dos meus. Meus olhos se fixam nos dele, como dois ímãs opostos. Não consigo parar essa força e uma vez que nossos olhares se chocam, todos os pensamentos, todos esses detalhes, são esquecidos. Não consigo pensar em mais nada além do quanto quero que ele me beije e me toque, e me reivindique como dele repetidamente, até eu estar delirando demais para resistir por mais tempo.

— Você gosta de fingir — observa ele, um toque de diversão em seu tom.

— Talvez eu não esteja — retruco.

— Talvez você esteja em negação.

Aperto meus lábios, recusando-me a responder.

Ele sorri e a visão é devastadora. Enquanto estou ocupada tendo um mini ataque cardíaco, ele me puxa para perto, envolvendo um braço em volta da minha cintura enquanto a outra mão segura minha nuca. Seu hálito de menta se espalha pelo meu rosto, acariciando meus lábios como uma leve brisa na primavera.

— Como está se sentindo agora? — ele pergunta baixinho.

Minha respiração aumenta.

— Confinada.

— Presa? — ele questiona. Minha boca aperta porque enquanto uma parte de mim quer dizer que sim, a verdade é que eu não quero.

Eu me sinto... segura.

Protegida.

Valorizada.

— Um dia, você vai perceber que não está confinada em uma prisão — ele murmura asperamente. — Você está na minha igreja onde eu sou seu deus, e você é minha igual. Não sou uma prisão, ratinha, sou seu santuário.

Minha boca seca. A ponta da minha língua sai, molhando meu lábio inferior e passando por seus lábios. Um movimento suave, mas o suficiente para acender uma faísca. Um grunhido de resposta surge quando pergunto:

— Isso faz de mim uma deusa?

Ele me puxa para mais perto, seus lábios agora pressionados contra os meus levemente.

— Querida, você governa a porra do reino, e eu terei prazer em me curvar para você.

Eu o deixo prender meus lábios entre os dele em um beijo vicioso antes de me afastar, minha respiração acelerada. Ele tenta recapturá-los e rosna quando eu o evito mais uma vez. Mantendo minha boca perigosamente próxima, eu sussurro contra sua língua:

— Prove.

— Hum — ele cantarola, o som de uma fera rosnando das profundezas da escuridão. — Eu realmente amo ficar de joelhos para você — ele murmura, mordendo meus lábios. Dessa vez, é ele quem foge de mim, em vez de morder e lamber até eu estar eriçada de necessidade.

Ele apenas provoca por alguns momentos antes de colocar sua boca na minha. O inferno em meu corpo escapa pela minha garganta e acende nossos lábios conectados. Sem pensar, arqueio-me contra ele, desesperada para sentir mais dele contra mim.

Seus lábios se movem sobre os meus com pura fome. Ele não apenas me beija. Ele fode minha boca com a língua, prende meus lábios entre os dentes e morde. Explora cada centímetro da minha boca enquanto ele me

devora.

E eu permito. Eu o deixo me consumir porque estou começando a esquecer como é estar inteira sem Zade. Ele está em cada parte minha.

Mergulho minhas mãos sob seu moletom, arranhando sua barriga e me permitindo explorar um corpo que preciso explorar mais.

Um corpo que não explorei *nem perto* do suficiente.

Meus dedos deslizam sobre seu abdômen, familiarizando-me com suas curvas firmes enquanto ele domina minha boca mais uma vez. Meus mamilos pressionam contra seu peito, e não consigo impedir o gemido que sai da minha garganta. O som gira em nossas bocas, e ele me recompensa com uma mordida áspera no meu lábio inferior, puxando a carne sensível entre os dentes antes de soltá-la com um *pop*.

Ele recua e olha para mim, seus olhos lentamente observando minha forma nua. As mechas molhadas do meu cabelo, agora escurecidas para um castanho mocha, estão serpenteando por todo o meu peito e o assento embaixo de mim. Cachos se enrolam em meus seios e em torno de meus mamilos, uma visão que seus olhos se prendem e não conseguem desviar.

— Sua vez — sussurro. Seus olhos voltam para os meus e se fixam. Ele não desvia o olhar, mesmo quando levanta e desliza o moletom sobre a cabeça, expondo seu torso nu.

Dou um suspiro profundo, as tatuagens cobrindo seus músculos tensos e as várias cicatrizes são um espetáculo de se ver. Quero saber a história por trás dessas cicatrizes. E querer saber qualquer coisa além do quão forte ele vai me fazer gozar é aterrorizante. Mas sempre amei essa sensação. Sempre desejei mais disso.

Após algumas manobras, ele tira as botas e as meias, e consegue puxar o jeans molhado pelas pernas. É um momento que normalmente pareceria estranho, mas com Zade, apenas fico boquiaberta quando ele expõe seu corpo

glorioso para mim, centímetro por centímetro.

Com nossas respirações fortes sincronizadas, nós nos olhamos, nossos olhos estão sedentos enquanto ele se acomoda entre minhas pernas... desta vez, sem nada entre nós.

Seus olhos de cores diferentes me prendem contra o assento. Não conseguiria me mover se quisesse.

E esse é o problema. Eu *não* quero.

Amo o jeito que seus orbes de fogo percorrem o meu corpo, como um pincel traçando as curvas de uma mulher em uma tela. A umidade acumulada entre minhas pernas está se tornando muito, muito profunda.

Dolorosa demais.

A foda rápida contra a árvore só aliviou momentaneamente enquanto, ao mesmo tempo, aumentava nossa necessidade à níveis tóxicos.

— Estou esperando você se curvar — provoco em um sussurro rouco.

Seus olhos e suas narinas dilatam. Minhas palavras ficam suspensas no ar como se o oxigênio tivesse sido sugado para fora. Uma pausa tensa, e ele explode.

Ele agarra meu bíceps e me puxa para cima. Virando-me para o espaço entre o banco do motorista e do passageiro, ele diz:

— Se curve entre os bancos.

Faço o que ele diz, mantendo meus joelhos no banco de trás enquanto coloco meu corpo no pequeno espaço entre os dois assentos, apoiando minhas mãos em ambos os lados para me equilibrar.

Zade se inclina para frente, agarrando o cinto de segurança do lado do passageiro e enrolando-o em volta do meu corpo antes de prendê-lo na fivela do lado do motorista.

— O que você está… — Ele me cala, repetindo o processo com o cinto de segurança do lado do motorista. Quando ele termina, estou completamente

presa na posição, incapaz de me mover. Isso só me dá espaço o suficiente para virar a cabeça e olhar para Zade.

Como um rei em um trono, ele se senta no banco atrás de mim, movendo-se entre minhas pernas para que minha bunda fique diretamente em seu rosto. Um frio explode na minha barriga com a visão de Zade sentado atrás de mim, suas pernas bem abertas e seu pau duro projetando-se além do umbigo. Desse ângulo, não tenho ideia de como isso se encaixaria dentro de mim.

Ele sorri para mim.

— Sou grande demais para este carro, querida, então isso é o mais próximo que consigo de me curvar agora. Mas vou me certificar de me ajoelhar para você mais tarde.

E assim como na Casa dos Espelhos, ele levanta minha bunda até que meus joelhos não estejam mais no chão, os cintos de segurança cavam na minha pele sensível, e ele se banqueteia na minha boceta como um homem faminto. Como se eu fosse sua última refeição. O que ele me pediu para ser, pouco tempo atrás.

Reviro os olhos quando ele lambe minha boceta, circulando meu clitóris e espetando minha abertura. É demais, bom demais. Eu me forço a encontrar algo para me concentrar, para afastar o prazer. Meu olhar trava nas janelas embaçadas, os rastros de chuva estragando as nuvens. Tento me concentrar nos milhões de respingos contra o vidro. Ou em como a chuva está caindo tão forte que rivaliza com os gemidos roucos que saem dos meus lábios.

Mas perco o foco e tudo fica preto quando seus dentes se juntam, ele chupa e morde antes de aliviar a mordida com a língua.

— A porra do nirvana — ele murmura antes de sugar meu clitóris em sua boca. Eu grito, prazer me consumindo inteira. E ele tem razão. O jeito

como Zade chupa boceta *é* a porra do nirvana.

Não demora muito para que sua língua chicoteie meu clitóris do jeito certo e um orgasmo explode de mim antes que eu possa processá-lo.

Meus gritos ecoam no espaço confinado enquanto ele engole tudo o que tenho para lhe dar. Em seguida ele solta os dois cintos de segurança e me empurra para trás até eu me virar para ele, e ele se aproxima de mim novamente.

Nossos corpos se chocam, e com fluidez, ele levanta meu corpo contra o dele. Minhas pernas envolvem sua cintura enquanto minhas mãos buscam o equilíbrio em seus ombros largos.

Nossos olhos permanecem fixos, mesmo quando minha boceta pulsante pressiona contra o comprimento rígido que se projeta no espaço entre as minhas pernas. Ele rosna, seus lábios se curvam ferozmente com a sensação do meu calor o envolvendo.

Minhas pálpebras se fecham, e com uma facilidade que eu nunca soube possuir, mexo meus quadris contra ele, espalhando minha excitação em seu pau.

Sua mão sobe, enroscando-se no meu cabelo molhado e puxando com força. Minha cabeça se inclina para trás com a pressão, mas meus olhos não se movem do seu rosto quase selvagem. Seus dentes estão à mostra, e a escuridão começa a consumir seu olho branco. Escuridão sangrando na pureza, manchando-a.

Assim como ele fez comigo.

Sem aviso, ele puxa os quadris para trás e empurra tudo para dentro, quase me despedaçando pela força. Minha boca se abre com a intrusão. Ele me foder contra a árvore e depois me fazer gozar de novo não conseguiu me relaxar o suficiente para encaixá-lo dentro de mim confortavelmente.

— Lembre-se deste momento — ele rosna, saindo até a ponta antes de

empurrar mais fundo dentro de mim. — Porque da próxima vez que eu te foder, você estará profundamente apaixonada por mim, Adeline. Sou seu *stalker* e um assassino, e você vai me amar mesmo assim.

E então, ele tira tudo mais uma vez, antes de afundar até o fim, atingindo um ponto dentro de mim que faz meus olhos quase virarem.

— Isso não é verdade — falo ofegante. Quando seus olhos brilham, eu continuo: — Você achou que essa era a única vez que você iria me foder esta noite?

Ele rosna, seus lábios parando a um fio de cabelo de distância dos meus.

— O que eu disse, ratinha? Da próxima vez que eu te foder, você *estará* apaixonada por mim.

O carro balança com a força de seu próximo impulso, e o grito que sai da minha boca é ao mesmo tempo vergonhosamente alto e um som que nunca fiz antes. Pensei que só estrelas pornôs faziam esses barulhos, e que eles eram gritos completamente fabricados e praticados. Mas enquanto ele continua a me atingir com a força de um touro, aqueles gritos continuam a sair da minha garganta, ficando cada vez mais altos e roucos.

A chuva cai impiedosamente, os sons altos das gotas apenas acentuam o som das nossas peles colidindo e os sons molhados que Zade está tirando da minha boceta.

Minhas unhas marcam seu peito, e se ele tem tanta certeza de que vou me apaixonar por ele quando isso acabar, então quero ter certeza de que adicionei novas cicatrizes à sua coleção.

O grunhido em resposta é feroz e cruel. E Isso apenas aumenta o prazer irradiado de onde nossos corpos se conectam.

Seu braço envolve minha cintura, e em um movimento rápido, ele me levanta e nos vira, então ele está sentado no banco novamente enquanto eu

monto em seu colo.

Quando ele agarra minha cintura e me puxa para baixo em seu pau, meus olhos se arregalam. Nesse novo ângulo ele entra muito mais fundo que antes, muito mais profundo do que eu pensava que meu corpo era capaz de suportar.

— Zade! — arfo, minhas unhas agora cavam em seus ombros.

— Senta, querida. Quero sentir sua boceta agarrar cada centímetro do meu pau.

— Porra, eu não consigo. — Solto um gemido, meu corpo ainda lutando para se ajustar ao tamanho deste homem.

— Você tem cinco segundos antes de eu reorganizar seus órgãos — ameaça ele. E isso tem o efeito desejado, fazendo minha bunda se movimentar e no mesmo instante, estou subindo e descendo lentamente.

Após algumas tentativas diferentes, finalmente encontro um ângulo que me permite me sentar completamente em Zade sem o senti subir pela minha garganta. Com esse novo ângulo, ele atinge aquele ponto perfeito que estava sendo abusado momentos antes.

Meus dentes se apertam com força, minhas unhas cravando mais fundo enquanto meus movimentos aceleram.

Zade me puxa, trazendo meu corpo ruborizado com o dele. Um braço está em volta da minha cintura enquanto a outra mão segura meu cabelo molhado, puxando minha cabeça para o lado e dando-lhe acesso para devorar meu pescoço.

Eu grito, meus quadris se movem de modo frenético enquanto seus dentes mordem a pele sensível abaixo da minha orelha. Meus mamilos pressionam contra seu peito, enviando arrepios deliciosos direto para minha boceta.

— Isso aí, querida — sussurra ele em meu ouvido. — Sua doce

bocetinha está agarrando meu pau com tanta força.

O braço que estava em volta da minha cintura agora está encaixado entre nossos corpos até que seu polegar alcance meu clitóris. Minha cabeça tomba para trás quando solto um grito selvagem. Reviro os olhos e mal consigo respirar após o orgasmo se formar no meu ventre.

É demais. Poderoso demais. Meus movimentos ficam agitados e irregulares enquanto meu núcleo aperta insuportavelmente.

— Zade — resmungo com os dentes cerrados, suor se formando na minha testa. Não sei o que estou pedindo, mas acho que sei o que preciso.

A salvação que ele me prometeu com tanta certeza.

A mão no meu cabelo aperta com mais força até que os fios estão sendo arrancados do meu couro cabeludo. Seus olhos ardentes encontram os meus, mantendo-me refém enquanto subo cada vez mais alto, para um penhasco muito além do Casarão Parsons. O único penhasco do qual não me importaria de pular, mesmo que nunca mais voltasse a subir.

— Deixe-me sentir você se apaixonar — sussurra ele.

Não consigo mais aguentar. Minha visão escurece com um prazer cegante e constante enquanto o orgasmo me consome, despedaçando tudo em meu corpo, minha luta, minha força de vontade e meu maldito coração.

Eu grito tão alto que minha garganta fica rouca.

— Caralho, Addie! — Zade grita, e minha visão clareia o suficiente para ver sua própria cabeça inclinar para trás, as veias em seus braços saltando e percorrendo todo o caminho até o pescoço. Ele mostra os dentes, um rugido que só pode vir das profundezas do inferno vibrando por todo o carro.

Seu pau fica incrivelmente mais grosso antes que ele me agarre com os dois braços, forçando-me a ficar imóvel enquanto ele se derrama dentro de mim.

— Caralho, Addie, porra — ele solta entre os dentes cerrados, cada palavra pontuada por um impulso de seus quadris. Minha boceta suga sua semente até secar, torcendo até a última gota, até eu estar impossivelmente cheia dele. Seu gozo quase explode de mim quando ele sai, o sêmen espesso escorrendo pelas minhas pernas como as gotas de chuva nas janelas.

Nossa respiração pesada e as batidas do meu coração são as únicas coisas que restam para ouvir.

A chuva diminuiu para um chuvisco, como se estivesse zombando de mim. Porque quando estava chovendo forte, eu estava calma e segura da minha determinação, enquanto o mundo ao meu redor estava uivando e furioso. Eu o queria, eu o desejava, mas tinha certeza de que nunca o amaria. E agora que a chuva se acalmou, minha determinação se despedaçou e fiquei com um coração gritando e um mundo em silêncio.

3 de abril de 1946

Estou com medo.
Não sei como as coisas ficaram assim, mas depois daquela noite, ele perdeu a cabeça.
Quando disse a ele que vou me divorciar, ele perdeu completamente o controle.
Ele ficou tão bravo. Tão agressivo. Ele diz que pertenço a ele. Ninguém mais pode me ter além dele.
Não sei o que fazer.
Só estou com medo.
Com tanto, tanto medo.



CAPÍTULO 35

A SOMBRA



Ela está nervosa, inquieta. Considerando que antes ela mal conseguia me olhar por medo e ódio, e agora é porque ela se lembra de quantas posições diferentes eu transei com ela ontem à noite.

Meu pau realmente dói. Acho que nunca fodi tanto em uma noite, mas continuaria se não fosse literalmente cair de joelhos se ficasse duro agora.

Eu me curvei para Addie várias vezes na noite passada, adorando sua boceta como prometi. Mas dessa vez, eu estaria me curvando de dor e rezando para meu pau não cair.

Addie e eu estamos encostados no parapeito de sua varanda. É um dia excepcionalmente quente, já que nos aproximamos do inverno, então nós dois decidimos aproveitá-lo.

Ela toma um gole de café, seu cabelo emaranhado da noite passada está voando suavemente na brisa. Acho que minhas mãos estiveram em seu cabelo com tanta frequência que os fios secaram enquanto enrolavam em meus dedos.

Ficamos acordados até o amanhecer com meu pau, dedos ou língua enchendo um de seus buracos o tempo todo. Conseguimos apenas algumas horas de sono antes que meu telefone começasse a tocar.

Outro vídeo vazou ontem à noite, e minha cabeça está muito fodida para relaxar a tensão dos músculos de Addie.

Dan disse que eles acreditavam ter prendido a pessoa que vazou os vídeos, mas eles estavam obviamente errados. Quem quer que seja, essa pessoa é incrivelmente corajosa, e estou muito curioso para saber como diabos ela está fazendo isso bem debaixo do nariz da Society.

Estive no Savior ontem, o que significa que o vídeo poderia ter sido da mesma noite. As mesmas taças usadas nos vídeos foram usadas naquela noite… e agora, tenho certeza de que estavam cheias de sangue de uma criança inocente.

Enquanto eu bebia uísque caríssimo, jogando conversa fora com um homem que passei a detestar, uma criança morria, seu sangue drenando em cálices para homens loucos beberem.

Uma energia tumultuosa se forma sob a minha superfície e preciso me esforçar para evitar que meus ossos saltem para fora da minha pele.

Preciso me afastar de Addie. Porque se ela me provocar ou mostrar seu ódio habitual, acho que minha resposta não será o que ela merece.

Sentindo minha raiva crescente, ela coloca a xícara de café em uma mesinha com uma planta morta.

Eu aponto para lá.

— Querida, se você não consegue manter uma planta viva, como vai manter nossos bebês vivos?

Ela bate no meu peito.

— Calma, Zade. Sem conversa sobre bebês, eu nem gosto tanto de você assim.

Eu sorrio, mas sua expressão se torna pensativa, uma pequena carranca inclinando os cantos de seus lábios para baixo enquanto uma ruga se forma em sua testa.

— Você já ficou pensando sobre a Gigi e seu *stalker*, e achou estranho? Talvez até exagerado?

Quando inclino a cabeça sinalizando minha confusão, ela lambe os lábios e começa a mexer no cinto em seu roupão roxo.

— Você já sabe que minha bisavó tinha um *stalker*. Um por quem ela se apaixonou. E agora, eu também tenho um. Moro na mesma casa e…

— ...está se apaixonando? — Eu termino a frase para ela, mantendo meu rosto em branco para ela ter certeza de que não estou provocando.

Ela olha para mim e dá de ombros levemente, mas não nega. Insatisfatório, mas deixo para lá.

— Parece loucura e... não sei, impossível, eu acho.

Eu me inclino no parapeito e levanto minha cabeça até encontrar seus olhos. Uma vez que eles encontram os meus, estão fixos. A brisa agita seu cabelo novamente, os fios castanhos avermelhados dançando ao vento.

— Você acha que é uma reencarnação de Gigi, Addie? E que sou uma reencarnação de Ronaldo? Nunca saberemos realmente, não é? É altamente improvável, mas não impossível. Mas não posso dizer que não gosto da ideia.

Um pequeno rosnado toma conta de seu rosto.

— Você apenas gosta da ideia de me *perseguir* por várias vidas.

Dessa vez eu sorrio, e a dilatação de seus olhos faz meu pau ficar duro.

Porra, para com isso. Isso dói.

Mas quando sua língua molha seus lábios, não dou a mínima para a dor.

Minha mão agarra a parte de trás de sua cabeça, trazendo-a para perto. Ela se engasga, seus lábios rosados se separam, e nesse momento, tudo que quero fazer é deslizar meu pau por eles e vê-los me envolver. Eu pisaria em

vidro se isso significasse foder a boca de Addie novamente.

Ela luta, mas eu a seguro firme, suas mãos firmes no corrimão para suportar seu peso. Seu roupão roxo se abre, mas não o suficiente para expor as marcas de mordida que deixei ontem à noite em seus seios.

— Você tem razão. Amo a ideia de observar você em todas as suas vidas. — Deixo minha voz mais grave, tão profunda quanto minha vontade de enfiar meu pau dentro dela. — Também amo a possibilidade de me apaixonar por você em cada vida. Foder essa sua boceta doce e fazer você se apaixonar por mim tanto quanto eu sou por você. O que falei, ratinha? Que você não conseguiria fugir de mim. Se for realmente isso, então eu persigo você através do tempo e do espaço, e você nunca consegue escapar.

Ela fica boquiaberta, aparentemente sem palavras por vários momentos antes de recuperar seu juízo.

— Você nem sabe se isso é verdade — sussurra ela. — Ou por quantas vidas você me perseguiu.

Agarro seu cabelo e torço até que sua bunda esteja nivelada com o corrimão de metal. Sua mão agarra a minha, unhas marcando minha carne enquanto ela luta contra mim, mas isso não me impede de dobrá-la para trás sobre o corrimão, as pontas dos dedos dos pés mal tocando o chão.

— Que diabos, Zade?! — ela grita com a sua voz cheia de medo. Mas minha ratinha paralisa, seu peito arfando. E é então, que eu quase me quebro em pedaços.

Ela confia em mim.

— Silêncio, querida — murmuro. Mantenho uma mão firmemente alojada em seu cabelo enquanto a outra mão desliza em sua barriga. Eu me posiciono sobre ela e inspeciono cada curva e detalhe que compõe o rosto da mulher por quem estou loucamente apaixonado.

Mesmo com os olhos arregalados de pânico, ela é a criatura mais

fascinante que eu já vi.

Meus dedos percorrem sua bochecha sardenta, descendo pela mandíbula e até o pescoço. Sua respiração para, e seu coração acelera. Não consigo evitar sorrir, satisfeito com a reação que extraio dela toda maldita vez que a toco.

Levo meus dedos até seu roupão aberto, aquelas marcas de mordida em seus seios agora em plena exibição. Um gemido baixo se acumula em meu peito, transformando-se em um rosnado quando abro seu roupão ainda mais até que ele cai completamente para os lados, expondo sua pele macia e aqueles mamilos rosados. Eles endurecem no vento frio, e minha boca saliva com a necessidade de mordê-los.

— Minha ratinha inocente, vivendo cada vida sem saber o que está por vir. Sem saber que estou ansiando por você, observando à distância até me revelar. — Passo meus lábios em sua clavícula, seguindo a sua garganta em direção ao ouvido. — Durante séculos. Nós dois com rostos diferentes, habitando corpos diferentes. Mas as mesmas almas, colidindo repetidamente, até que esse planeta decida desmoronar e nossas almas não tenham para onde ir — murmuro em diversão, apreciando a aceleração de sua respiração.

“Consegue imaginar? — pergunto suavemente. Seguro um mamilo entre meus dedos, outro gemido baixo vibrando meu peito. Ela estremece sob meu toque, sua respiração desesperada e ofegante. — Consegue imaginar como seria sentir meu amor por tanto tempo?”

Ela engole, seus olhos fixos na água além do penhasco enquanto uma respiração trêmula sai por seus lábios.

— Você sabe como é se afogar? É assim que seria — ela diz, sua voz rouca e trêmula.

— Me diga, querida. Como é se afogar?

— Como dar a primeira respiração após ficar preso debaixo d'água. É

um som de dor e alívio. De desespero e desejo. Quando você fica tanto tempo sem oxigênio, a primeira respiração é a única coisa que faz sentido, e seu corpo respira sem permissão.

— Então é a coisa mais dolorosa que você já sentiu? — Puxo sua cabeça para mais perto, tirando outro suspiro que desliza pelos meus lábios. — Você é minha, Adeline — eu rosno. — Não me importo se somos uma reencarnação ou não. Aqui e agora, isso é real pra caralho. E *nessa* vida, você é minha.

Eu a solto, e ela não perde tempo se levantando e se grudando na parede da casa, suas mãos agarrando o tapume como se eu tivesse sacudido seu mundo, e ela estivesse procurando algo para se apoiar.

Consigo sentir a intensidade irradiando de mim. O zumbido ficou mais alto, e não tenho certeza se preciso foder Addie ou atirar na cara de alguém.

— Você está bem? — ela pergunta baixinho, sentindo a agitação dentro de mim.

Olho para ela e ela parece se encolher sob meu olhar. Só percebo que estou a encarando quando noto suas mãos tremendo.

— Droga — falo passando a mão rudemente pelo meu rosto. As cicatrizes salientes servem apenas como um lembrete. — Desculpe, ratinha. Recebi notícias ruins essa manhã. Eu *continuo* recebendo notícias ruins.

Ela franze a testa, formando uma ruga entre as sobrancelhas. Ela limpa a garganta, fecha o roupão e cautelosamente se volta para mim, mexendo no cinto novamente.

Menina corajosa.

Seu embaraço quase me faz sorrir, mas me sinto um pouco vazio demais para fazer qualquer coisa além de olhar.

— Quer falar sobre isso? — Ela finalmente pergunta, olhando para mim antes de pegar seu café.

— Você quer ouvir sobre isso? — retruco, arqueando uma sobrancelha. Um rubor vermelho sobe para suas bochechas, mas ela levanta os olhos e os mantém firmes.

— Sim.

Dessa vez, sou eu quem desvio o olhar.

— Isso envolve ouvir sobre o que eu faço para viver. Que é matar pessoas.

Ela solta um suspiro trêmulo, mas em vez de recuar como eu esperava, ela assente.

— Tudo bem.

Essas duas únicas palavras significavam mais para mim do que ela jamais poderia imaginar.

— Você não vai gostar do que vai ouvir — argumento, e pela primeira vez, acho que estou procurando uma desculpa para não contar a ela. Sempre fui honesto, mas agora, não acho que posso lidar com uma cruel rejeição.

— Talvez não — admite ela. — Mas você disse antes que salva mulheres e crianças. Isso não era verdade?

Eu a prendo com o meu olhar, transmitindo o quão sério estou.

— Isso *é* o que eu faço. Tudo o que contei é cem por cento verdade. Só não entrei em detalhes sobre o que faço quando os pego.

— Você os tortura. — Ela adivinha facilmente. Aqueles quatro políticos expuseram essa verdade.

Ela faz uma pausa, seus olhos caramelos me perfurando. Ela está mordendo o lábio distraidamente, pensando em algo, ao que parece. O que quer que ela decida, ela acena levemente com a cabeça para si mesma. Fico muito curioso para saber o que se passa na cabeça dela.

— Me conte — ela diz, seu tom firme e inflexível. — Quero saber tudo... sobre você. — Ela termina a frase com uma ruga no nariz, como se

pensasse que nunca diria essas palavras. Isso traz um pequeno sorriso ao meu rosto.

— Além de como é ter meu pau em cada buraco do seu corpo?

Ela ri, um belo rubor manchando suas bochechas.

— Você não fez isso — diz ela.

— Ainda — prometo. Não comi sua bunda ainda, mas tenho total intenção. Logo.

— Zade, foco — diz ela irritada. Mas suas coxas apertadas e olhos dilatados não passam despercebidos.

Olho para o lado e para a baía, focando naquela visão mundana, mesmo sendo tão bonita a água brilhando sob a luz do sol.

Tudo é mundano quando Addie está presente.

Há um pequeno emaranhado de árvores que sobe em direção ao penhasco, os galhos tortos desprovidos de folhas se estendem para o céu como se implorassem pela vida novamente. Eles estão morrendo, e isso imita o que sinto por dentro agora.

— Vou atrás de pessoas específicas. Políticos, celebridades, empresários e pessoas em posições de poder ou que têm dinheiro. E até mesmo pessoas que são as mais baixas na hierarquia e farão qualquer coisa para sobreviver. No final das contas, não importa qual é o trabalho deles ou quanto dinheiro eles têm, porque são todos iguais. Eles são traficantes sexuais.

“Durante anos, tenho como alvo desmontar as redes de pedofilia. Resgato as mulheres e crianças e as envio de volta para suas famílias, ou para um local seguro e sigiloso, onde possam viver o resto de suas vidas com conforto.

“Mas cerca de nove meses atrás, vazou um vídeo de um ritual sádico. Eles estavam sacrificando uma criança, e depois bebiam o seu sangue. Desde

então, mais alguns vídeos vazaram, incluindo um na noite passada. — Faço uma pausa, apertando minha mandíbula e tentando recuperar a compostura que está começando a escorregar por entre meus dedos. Dando uma respiração profunda, eu continuo.

“Já te contei que Mark estava no primeiro vídeo, e é por isso que marquei ele e os outros três homens que matei. Todos os quatro estavam realizando o ritual. Na noite em que matei Mark, ele me revelou a localização, então fui lá ontem para me infiltrar, ganhar confiança e ser convidado para a masmorra. Lá, eles estavam bebendo das mesmas taças que usam no ritual. — Faço uma pausa, quase cego de raiva quando admito:

“Acho que esse vídeo recente foi de ontem à noite, e aquelas taças estavam cheias de sangue de um sacrifício que fizeram enquanto eu estava lá.”

A xícara de café bate na mesa de metal, quase caindo quando Addie tenta colocá-la ali. Sua mão está tremendo e parece que um pedaço da cerâmica se quebra.

— Que porra é essa. — Ela respira fundo com os olhos arregalados de choque e repulsa. No entanto, eles não se desviam de mim quando diz: — Zade, você não tinha como saber que era isso que estava acontecendo. Não pode se culpar por isso.

Cerro os dentes reprimindo o rosnado que ameaça tomar conta do meu rosto, o músculo da minha mandíbula ameaça estourar.

— Claro que posso — falo com raiva. — Ela se encolhe, mas seu rosto suaviza. — Não construí a Z e me tornei quem sou hoje para permitir que uma criança seja sacrificada logo debaixo do meu nariz. E ver os malditos doentes beberem seu sangue como a porra de uma água. —Lágrimas se formam em seus olhos, mas ela fica em silêncio enquanto me esforço para me acalmar.

“Dediquei quase seis anos à erradicação do tráfico de pessoas. Seattle é um local privilegiado para redes de pedofilia, mas, na realidade, eles estão em toda parte. E pretendo derrubar todas. Ou quantas eu puder até que essa vida me derrube primeiro.”

Addie não diz nada. Ela olha para seu café quase inexistente como se fosse uma bola 8 mágica que lhe dará a resposta que está procurando. A caldeira de aquecimento começa a funcionar, preenchendo o silêncio estático.

Após alguns momentos, ela me olha com uma expressão ilegível em seu rosto sardento.

— Por quê? — sussurra ela. — Por que escolheu colocar sua vida em perigo e caçar essas pessoas e matá-las? O que fez você decidir fazer isso?

Ela não fala com um tom de julgamento, mas com necessidade de entender. Mas não tenho certeza se minha resposta oferecerá a compreensão que ela está pedindo.

— Porque eu quero, querida. — Suas sobrancelhas saltam de surpresa, não esperando minha resposta. — Você está esperando que eu lhe dê uma razão legítima do motivo de eu tomar esse caminho na vida. Talvez eu tivesse uma irmã ou mãe que foi sequestrada e vendida. Talvez eu mesmo. Mas nenhum desses é o caso. Quando soube do tráfico de seres humanos e as profundezas de sua depravação, fiquei enojado. E eu tenho a habilidade de fazer algo sobre isso, então eu faço. Estou salvando pessoas inocentes porque quero. E estou torturando e matando os maus porque quero.

Seus olhos se arregalam de surpresa quando ando em direção a ela. Ela não se afasta de mim, mas vejo a tensão rolar em seus ombros como nuvens de tempestade inchadas pela chuva.

Agarro sua nuca e a puxo para mim. Ela tropeça, firmando-se com as mãos no meu peito. Ela ofega mais forte, as pequenas respirações curtas escapando por seus lábios inchados e machucados.

Eu me inclino para perto, certificando-me de que seus olhos estejam fixos nos meus enquanto digo:

— E a razão de eu perseguir você, ratinha, é porque *eu quero.* Tudo que eu faço na vida é minha escolha. Eu escolho minha moral. Eu escolho os que valem a pena salvar e os que valem a pena matar. E eu escolhi você.

"Se você está esperando uma história trágica, não vai conseguir uma. Meus pais eram pessoas incríveis que me amavam e me apoiavam. Eles morreram em um acidente de carro quando eu tinha dezessete anos. As estradas eram terríveis, e eles caíram de um penhasco. Morei com o melhor amigo do meu pai, meu padrinho, por um ano antes de ir para a faculdade de ciência da computação e começar minha carreira como *hacker*.

"A morte dos meus pais foi de partir o coração, mas foi um acidente. Além de perdê-los, nada de ruim aconteceu comigo que me levasse a matar pessoas más como trabalho. Faço minhas próprias escolhas na vida, Addie. Isso é tudo.

Ela engole em seco, seus olhos disparando entre os meus. Devagar, ela levanta a mão e traça um dedo levemente sobre a cicatriz que desce pelo meu olho. Cerro minha mandíbula, saboreando o fogo que seus dedos deixam em seu rastro.

Apesar da severidade da conversa, meu pau endurece em meu jeans. Estou tentado a abrir o zíper, dobrá-la sobre a grade e tomá-la aqui.

Mas sei que nós dois estamos incrivelmente doloridos agora, e eu cairia de volta no espaço escuro da minha mente no segundo em que saísse de dentro dela.

Addie não merece isso. Ela não merece ter seu corpo usado para que eu possa escapar dos meus demônios.

— E suas cicatrizes?

— A primeira vez que me infiltrei em uma rede. Um dos líderes da rede

era um bruto e sabia como se virar em uma luta de faca. Ele me cortou bem. E foi a lição que eu precisava para aprender a me defender e lutar direito. Nenhum homem chegou perto desde então. Carrego essas cicatrizes com orgulho porque no final, eu ganhei, e todos os inocentes naquele prédio foram para casa em segurança.

— Mas elas ainda te assombram.

Aceno uma vez.

— Assombram.

Foi a primeira vez que fui confrontado com a possibilidade de fracasso. E esse sentimento nunca me deixou sair de suas garras. É a sensação que me marca como uma tatuagem ruim toda vez que invado um ringue.

Sua mão cai para o lado, balançando frouxamente enquanto ela olha para mim. Eu olho de volta, um tentando ler o outro, descobrir o que o outro está pensando, sentindo.

— Uma última pergunta — diz ela.

— Pode fazer quantas perguntas quiser.

— As rosas. Por que as rosas?

Eu sorrio. Estava esperando que ela me perguntasse sobre isso.

— Minha mãe. Suas flores favoritas eram as rosas. Ela sempre as colocava por toda a casa, com os espinhos cortados para que eu não me machucasse. Uma vez, eu disse a ela que ficaria triste quando ela morresse porque todas as rosas morreriam com ela. Então, ela me deu uma rosa de plástico e disse que enquanto eu tivesse aquela rosa, ela nunca iria embora de verdade. — Dei de ombros. — Acho que eu queria ver rosas por toda a sua casa também. Talvez porque me sinto em casa com você.

Ela inspira bruscamente, aparentemente surpresa com minhas palavras. Seus lindos olhos estão fixos nos meus, choque e fome crua refletindo em suas piscinas de caramelo.

Lambendo os lábios, ela admite suavemente:

— Vou levar um tempo para aceitar completamente algumas coisas, Zade. Não sei dizer quanto tempo vou levar, mas posso dizer que vou tentar. Mas o que posso aceitar é que você salve as crianças e mulheres. — Seu lábio treme. Antes que eu possa me abaixar e pegá-lo entre meus dentes, ela o morde entre os seus. Depois de alguns segundos, ela continua: — Admiro você mais do que posso admitir, por ser uma das poucas pessoas dispostas a realmente fazer algo para salvá-las. O mundo precisa de mais pessoas como você, Zade.

— Talvez — murmuro, cedendo e dando um beijo suave no canto de seus lábios. — Mas tudo que eu preciso é você.

Seus olhos se fecham, e ela acena para si mesma. Não sei a que conclusão ela chega naquela linda cabecinha dela, mas quando ela abre os olhos e olha para mim, parece que precisa um pouco de mim também.

Minha mão desliza em seu cabelo, e assim que estou diminuindo a distância, uma voz entra pela porta do quarto de Addie.

— Quem está pronta para investigar um assassi... — A voz alta desaparece, substituída por um suspiro ruidoso.

A minha cabeça e a de Addie viram ao mesmo tempo. De pé em seu quarto, olhando para nós com uma mistura de descrença e raiva, está a melhor amiga de Addie.

— Oi, Daya — cumprimento, minha máscara voltando ao lugar enquanto eu sorrio e me afasto de Addie.

Minha ratinha está envergonhada. Percebo o indício de vergonha, mas era esperado. Vai levar tempo para Addie realmente aceitar dentro de si mesma que ela cedeu ao seu *stalker*.

— Mas que porra? É ele?

Meu sorriso se alarga, e eu me viro para olhar para Addie.

— Você andou fofocando sobre mim, ratinha? Você disse a ela o tamanho do meu pau?

Os olhos de Addie saltam comicamente. Sua mão se curva e balança direto para o meu peito. Parece que ela acabou de jogar uma fatia de pão em mim.

— Idiota! Não!

Se não fosse pela pequena figura correndo em minha direção, o barulho alto seria um indicador claro da tempestade vindo até mim. Eu me viro e saio do caminho de outro punho voador. Esse parece muito mais um soco.

Esse sim, poderia ser como jogar o pão inteiro.

Posso perceber que a garota sabe bater, mas punhos não me afetam hoje em dia. Eu me acostumei demais com a dor de uma bala.

Eu rio, pegando Daya pelo braço antes que ela voe sobre a xícara de chá e caia da varanda. Ela não ficaria tão bonita com o rosto esmagado e o crânio rachado.

— Caramba, vocês duas acordaram e escolheram a violência hoje, hein?

Daya puxa o braço da minha mão e me encara, seus lindos olhos verdes cheios de ira. E então, ela se vira para Addie.

— Achei que odiássemos ele.

Eu arqueio uma sobrancelha, também olhando para Addie e esperando sua resposta. Se ela quiser, pode até mentir e dizer que ainda me odeia. Eu sei a verdade, e isso é o que importa. Tenho um único sentimento em meu corpo, e está ligado à garota de rosto sardento que parece estar tendo um derrame. Vai ser preciso muito mais do que ela mentir para sua melhor amiga para machucar esse sentimento.

O rosto de Addie está vermelho e sua boca aberta, mas nenhuma palavra sai. Ela pode até estar tendo uma parada cardíaca.

Daya dirige seu olhar para mim e abre a boca, mas eu interrompo:

— Eu tomaria muito cuidado com suas palavras e quaisquer membros balançando. Eu assino seus pagamentos.

Seus olhos se arregalam, surpresos.

— Então *é* você. Você é o Z? — ela exige.

— O que, meu rosto não atende às suas expectativas?

O olhar que surge no rosto de Daya é puro entretenimento. Juro que você não encontra mais essa merda na TV.

Ela luta por uma resposta, mas fica calada. Tudo o que ela realmente pode fazer é apenas encarar.

— Espero que você entenda que Addie nunca teve chance. Não a culpe.

Addie cruza os braços, bufando para mim e finalmente, encontrando sua voz. Tudo o que eu tinha que fazer era irritá-la.

— Tomo minhas próprias decisões, Zade. Pare de agir como se eu não tivesse escolha.

Eu apenas sorrio, deixando-a pensar o que quiser. O que quer que coloque sua boceta voluntariamente apertada em volta do meu pau, eu acho.

— Você sabia que eu já tinha suspeitas, Addie. Por que você simplesmente não me contou? — Dessa vez, a voz de Daya suaviza, cheia de mágoa e tristeza. O rosto de Addie se fecha, e essa é a minha deixa para sair.

— Eu realmente sinto muito. Não tenho nem certeza de como explicar o que está acontecendo com ele.

Dou um passo para trás, atraindo o olhar de ambas.

— Tenho que lidar com o vídeo. Já tenho homens do lado de fora da propriedade.

— Mas que porra? Por quê? Eu não vi nenhum homem — Daya pergunta, seus olhos arregalados de alarme.

— Eles não devem ser vistos, Daya. Você já sabe disso, não sabe? —

Quando seus dentes estalam, eu continuo. — Vocês duas façam as pazes. Confio em seu julgamento, então o que quer que decida contar, tem minha permissão.

Addie morde o lábio inferior, olhando para sua melhor amiga com culpa.

— Até logo, ratinha. — Pisco para ela sugestivamente, e seus olhos se estreitam em resposta.

Daya gagueja, mas estou fora da porta antes que ela possa reaprender a falar. Tenho assuntos muito mais urgentes para tratar do que o recém-desenvolvido problema de fala de Daya.

CAPÍTULO 36

A MANIPULADORA



Olho para as minhas mãos como uma criança sendo repreendida. Depois do Satan's Affair, admiti que Zade e eu transamos, mas ainda não havia confirmado sua identidade para ela, e ela não me perguntou sobre. Acho que ela estava preocupada demais com minha saúde mental para pensar nisso. E com razão.

Independente disso, se eu tivesse sido sincera e contado a Daya que não poderia compartilhar detalhes sobre Zade e Mark, acho que ela teria aprendido a aceitar. Mentir para ela foi o que mais a magoou.

Ela me seguiu até a cozinha, A raiva em seu olhar queimando a minha nuca durante todo o caminho. E agora, ela me encara do outro lado do balcão.

— Há quanto tempo você sabe? E por que há homens do lado de fora da casa? E ele confia em você para me dizer o *quê*?

Mordo o lábio.

— Faz um tempo — confesso. — Olha, eu não disse nada porque o envolvimento dele com Mark é ultrassecreto. Não queria que você ficasse

fazendo perguntas que eu não tinha certeza se poderia responder. A história não era minha, e o que ele está fazendo é incrivelmente confidencial.

— Você sabia quem ele era quando perguntei sobre ele antes de Satan's Affair?

Eu me encolho e aceno com a cabeça, confirmando o que ela já sabia. A dor pisca em seus olhos, e tudo que eu quero fazer é chorar. A culpa que carrego por mentir para ela sangra pelos meus poros.

Ela solta um suspiro e assente, aceitando minha resposta.

— Tudo bem. Você pode me contar agora?

Continuo explicando a missão atual de Zade. Além de derrubar redes de pedofilia, falo sobre os rituais doentios sendo realizados em crianças pequenas e como Zade tem trabalhado duro para encontrar o local e derrubá-lo. Daya ouve atentamente, com o rosto amargo enquanto explico as coisas horríveis que estão sendo feitas com crianças inocentes, além de serem torturadas e traficadas.

Como se isso não fosse ruim o suficiente.

— Gostaria de dizer que estou surpresa, mas não estou — murmura Daya, mexendo no aro em seu nariz. — Então Zade matou Mark por causa desses rituais?

— Não exatamente, embora isso tenha definitivamente sido uma parte. Lembra que nós o vimos no Satan's Affair? — Quando ela assente, eu continuo. — Aparentemente, Mark nos marcou naquela noite e fez uma ligação para que alguém viesse... nos extrair.

Explico o papel de Zade naquela noite e como ele se certificou de que Daya e eu nunca acabássemos na parte de trás de uma van. Pior ainda, explico que a Society colocou um alvo na minha cabeça, e que Mark estava tentando cumprir isso.

Enquanto continuo contando tudo o que sei, Daya me encara com uma

expressão sombria no rosto.

Quando termino, ela fica quieta. No meio da história, servi uma dose de vodca para nós duas. Ambas precisávamos da coragem líquida para ouvir sobre o quão fodido este mundo pode ser.

— Vou ficar de olho em você também — diz Daya após alguns momentos. O silêncio se instalou e, à medida que se estendia, eu ficava cada vez mais ansiosa para que ele fosse quebrado.

Eu a magoei.

— Você não precisa fazer isso — falo em voz baixa.

— Parece que preciso — suspira ela, uma carranca puxa seus lábios para baixo.

— Desculpa — falo novamente. — Desde que ele entrou na minha vida, tudo tem sido uma loucura, e eu mal tive tempo de aceitar tudo isso. Sem falar que ainda não sei como processar... ele. E acho que queria apenas fingir estar lidando com um *stalker* como eu deveria. Não indo lá e... bem...

— Transado com ele? — Daya completa, sua voz é severa.

Eu me encolho, mordendo o lábio contra a dor de suas palavras. Eu mereci.

— Sim — sussurro.

Os ombros de Daya caem.

— Desculpa, você não merecia isso — Ela diz, como se estivesse lendo minha mente. — Não estou brava com você por seu relacionamento com Z, Addie. Quer dizer, eu não entendo... Não entendo como alguém pode aceitar se envolver com um *stalker*. Também não acho que isso seja a base de um relacionamento saudável. Esse cara obviamente tem problemas. — Eu aceno, concordando com sua avaliação. O que ela está dizendo são as mesmas coisas que eu pensei.

“Mas saber que Z é seu *stalker* estranhamente me tranquiliza. Nunca o

conheci pessoalmente, *óbvio.* Nem sabia como ele era, mas o que ele faz... é incrivelmente admirável. Ele arrisca sua vida todos os dias, entra na cova dos leões e salva muitas almas inocentes. Ele já ajudou inúmeras pessoas e derrubou tantas redes. E eu não preciso ver o que está nos vídeos para saber que Z os leva a sério. — Ela suspira, e um sorriso sarcástico surge em seu rosto.

"Ele persegue pessoas para ganhar a vida, então acho que não é surpresa que essa tendência tenha se infiltrado na vida amorosa dele. — Faço uma careta, mostrando a ela como não estou impressionada por ele não manter seus hábitos de trabalho onde eles pertencem.

"E eu entendo por que você não me contou — ela admite suavemente. — Mark colocou você em uma situação muito ruim para começo de conversa, e entendo mais do que a maioria como essa situação precisa ser tratada com delicadeza. Eu teria entendido se você tivesse dito isso desde o início. — Ela me lança um olhar. — Mas eu entendo. Você não está acostumada com esse lado obscuro do mundo, então não posso esperar que saiba como lidar com tudo isso."

Meu corpo relaxa com sua aceitação, aliviando um pouco o peso que repousa sobre meus ombros.

Não suporto quando Daya está brava comigo. Sempre vou preferir Zade apontando uma arma na minha cara do que enfrentar a raiva da minha melhor amiga.

— Daya, só quero que saiba que não foi porque eu não confiava em você. E desculpa ter mentido. Me envolver com Zade realmente testa minha moral, e ainda não sei o que pensar de tudo. Quero dizer, me apaixo... — Eu me interrompo, meus dentes estalando com a força. Sinto o sangue ir embora do meu rosto enquanto engulo as palavras de volta.

— Você...

— Não. — Eu a interrompo, a resposta muito apressada e mal-humorada para soar verdadeira.

Daya pisca, há uma série de emoções em seus olhos verdes, mas ela sente pena de mim e não insiste.

— Bem, seja qual for o caso, acho que não posso te culpar por não ser capaz de resistir a ele. — Ela abre um sorriso cheio de dentes. — Ele é *muito* gostoso, e você *realmente* precisava transar. — Encontro um envelope aleatório no balcão e jogo nela em resposta.

Ela ri, esquivando-se do envelope.

— Idiota — murmuro, aumentando sua risada. O que não vou contar a ela é que o sexo com Zade vai muito além de transar. Não é só incrivelmente intenso, é transformador. Saí daquela Casa dos Espelhos uma pessoa completamente diferente. E depois de ontem à noite, acho que nunca mais poderei voltar a ser a Adeline Reilly de antes de Zade.

— Você ouviu alguma coisa do Max? — Essa pergunta destrói o clima alegre.

Daya encolhe os ombros.

— Não, na verdade. Desde que ele nos visitou naquele restaurante, não tenho notícias dele. Ou dos gêmeos.

Concordo com a cabeça e digo:

— Zade deu a entender várias vezes que lidou com eles, mas não tenho certeza do que exatamente isso significa. Nem pensei em perguntar, minha mente estava tão ocupada com todo o resto. Acha que eles estão mortos?

Ela morde o lábio e dá de ombros, parecendo um pouco desconfortável. A melhor amiga dela tem um serial killer como… não sei o que ele é. Namorado? Amor? Que nojo, não. Deus pode me atingir com um raio antes que eu me refira a um homem como meu amor.

O que quer que ele seja, ele é louco.

Mas acho que ela pode até saber disso melhor do que eu, com ele sendo seu chefe. Tenho certeza de que ela está ciente dos detalhes minuciosos das operações de Zade quando ele extrai garotas.

— Acho que não, mas vou investigar. Independente disso, eles nos deixaram em paz e estou feliz por isso.

Eu aceno concordando. Também não posso reclamar.

Daya se move em direção ao bule de café quando pisa no envelope que joguei nela.

Fazendo uma pausa, ela o pega do chão e coloca no balcão. Então percebo que é um envelope estranho. É muito grosso, como se estivesse cheio de papéis ou algo assim.

Com as sobrancelhas demonstrando confusão, estendo a mão e o pego. Notando o olhar em meu rosto, Daya volta sua atenção para mim.

— O que é isso?

Meu endereço está escrito à mão, mas não há endereço de remetente.

— Não sei — murmuro, olhando para o envelope como se fosse uma bomba. Não sei explicar o sentimento exato, mas a ansiedade se acumula na boca do meu estômago.

Com cuidado, abro o envelope, pego a pilha grossa de papéis e os puxo para fora. Só que não são só papéis. Dezenas de fotografias caem, junto com uma carta com uma aparência antiga.

Daya e eu nos olhamos, nossos olhos se conectando com confusão e apreensão mútuas.

Pego as fotos primeiro, reconhecendo imediatamente uma versão mais jovem de Gigi nelas. Na maioria delas, seus lábios vermelhos sorridentes me encaram, um mesmo homem é predominante em todas as fotos.

— Quem é esse? — pergunto, sem esperar uma resposta certa no momento. Não reconheço o homem. Ele não aparece em nenhuma das fotos

penduradas na parede quando me mudei. Assim que renovei a casa, decidi tirar todas. Decidi que elas me julgaram o suficiente após o desastre de Greyson.

Zade me fodeu naquele corredor ontem à noite. Só conseguimos chegar até ali antes que ele me prendesse contra a parede e me pegasse por trás. Quando Zade e eu saímos do quarto nessa manhã, nós dois descobrimos que eu tinha deixado marcas de arranhões na pintura da parede. Era minha única âncora com sua mão segurando firmemente meu cabelo, curvando meu corpo para trás e usando-o como uma corda enquanto ele me fodia. Tive um colapso depois daquele orgasmo, e ele foi forçado a me foder no tapete, bem no meio do corredor.

Nunca mais vou olhar da mesma forma para aquele lugar no tapete ou na parede.

Então, só consigo imaginar o quão julgadores aqueles olhos congelados seriam após não apenas ver sua descendente realmente ter transado dessa vez, mas com seu *stalker*.

Graças a Deus, eu as tirei.

— Tem alguma coisa escrita atrás? — Daya pergunta, virando algumas fotos para olhar. Viro a que estou segurando e vejo uma data escrita.

8 de janeiro de 1944.

Vários meses antes de Gigi começar a escrever sobre seu *stalker*.

Na foto está Gigi, com um sorriso grande para a câmera, seu cabelo preso no tipo de cachos que você só via nos anos 1940. Ao lado dela, o homem desconhecido tem um braço descansando em sua volta, um leve sorriso no rosto. Algo nele me parece familiar, mas não consigo identificar.

— Nenhum nome nessa — observo, virando mais algumas fotos. Toda contém datas, mas nenhuma revela a identidade do homem.

Nós espalhamos as fotos e as organizamos em ordem cronológica. A

última foto é de duas semanas antes de sua morte.

Gigi parece estar encolhida, curvada e pequena enquanto segura uma taça de vinho. Seu sorriso está tenso, enquanto o homem misterioso está ao lado dela, olhando para ela com uma sobrancelha franzida e uma carranca. Nesse ponto, ela já temendo por sua vida.

Mas por causa do homem nas fotos ou de outra pessoa?

Em seguida, pego a carta desgastada pelo tempo. É endereçada a Gigi.

Minha Genevieve,

Dói-me escrever esta carta. Sento-me aqui e lamento. Pelo que poderia ter sido. Pelo que ainda poderia ser, mas ainda assim, você se recusa a ver.

Te amo desde o momento em que te vi, Genevieve. Eu te amei mesmo que tenha se casado com outro. E agora que sei que você se entregou a um homem diferente, um homem que não sou eu, meu amor ainda persiste.

Já esperei tanto por você, e agora algo mais se interpôs entre nós. Impediu-me de torná-la minha.

Por que insiste em fazer isso comigo? Conosco?

Isso me atormenta e me impede de dormir à noite. A única coisa que consigo pensar em fazer, é tirar você da minha vida para acabar com essa miséria. De vez.

Sinceramente,

Seu verdadeiro amor

— Que porra eu acabei de ler? — pergunto em um sussurro tenso. Daya lê por cima do meu ombro, e quando olho para ela, seus olhos arregalados estão fixos em mim, iluminados com confusão e preocupação.

— Isso parece sinistro. Ameaçador — diz ela, seus olhos verdes fixos

na carta como se uma maldição estivesse escrita no papel.

Concordo com a cabeça distraidamente, afastando a carta e vasculhando as fotos novamente. Procurando pistas sobre quem esse homem pode ser.

Mas não há nenhuma.

— Ele parece tão familiar — murmuro, estudando outra foto. Eles parecem estar em alguma festa. É uma imagem em preto e branco, então não sei dizer a cor do vestido, apenas que é um tom escuro. Joias decoram as pontas de suas mangas e a gola do vestido. E, claro, não preciso que a foto seja colorida para saber que ela está com o seu batom vermelho.

O homem está com a mão apoiada no alto da coxa dela. Do jeito que ele a está agarrando, ele parece um pouco possessivo. Dominante. Nunca conheci esse homem na minha vida e ainda assim, sei que ele é um maldito cretino, e posso apostar dinheiro nisso.

E pelo sorriso tenso no rosto de Gigi, e o aperto ao redor de seus olhos, minha bisavó claramente pensava assim também.

— Espere, deixe-me tirar fotos e enviar para o meu computador. Posso fazer uma pesquisa reversa de imagens.

Eu a vejo fazer suas coisas, sua testa franzida com concentração. Em poucos minutos, ela está virando o laptop para mim, olhando para mim com cuidado.

— O pai de Mark. É ele quem está em todas essas fotos.

Meus olhos se viram para os dela, enquanto minha frequência cardíaca acelera.

— Está pensando o mesmo que eu? — pergunto.

— Que o melhor amigo do seu bisavô poderia ter se apaixonado por Gigi e a matado quando descobriu que ela estava tendo um caso com um homem que não era ele? — Ela resume, tirando os pensamentos exatos da

minha cabeça.

Ela suspira e olha para as fotos.

— Não sei. É uma grande conclusão baseada apenas em algumas fotos assustadoras e uma carta. Embora a carta tenha um tom ameaçador, certamente não é suficiente para condená-lo por assassinato.

Eu concordo, tendo pensado a mesma coisa. Algo sobre essas fotos me deixa no limite e me dá um arrepio na espinha. Por mais que tenha me revoltado com o diário de Gigi e como ela bajulou seu *stalker*, nunca tive um mau pressentimento como com a carta e as fotos. Ainda assim, não posso resolver um caso de assassinato puramente baseada em sentimentos. Preciso de provas.

— Lógico, ainda é mais provável ter sido o *stalker* da Gigi, mas isso não significa que o pai de Mark ser o assassino esteja fora de questão — ela continua, pegando distraidamente uma das fotos e observando.

— Eu vejo motivo nessa carta. Então, mesmo que a chance seja pequena, acho que ainda devemos investigar isso.

— Você encontrou mais alguma informação sobre Ronaldo?

Ela suspira.

— Sim. Ele morreu em 1947 de um choque cardiogênico. — Minhas sobrancelhas franzem.

— Um ataque cardíaco?

Ela nega.

— Um coração partido. Ele morreu de síndrome do coração partido. — Minha boca seca. — Encontrei um pouco da história familiar dele, mas não muito mais. Sua vida foi mantida em sigilo, e presumo que seu chefe tenha algo a ver com isso.

— Então, um beco sem saída — concluo, balançando a cabeça. Mordo meu lábio, rolando-o entre os dentes enquanto penso no meu próximo

movimento. — Acho que preciso subir no sótão — digo com resignação. Posso amar fantasmas, mas porra, isso não significa que eu tenha o desejo de ser possuída por um demônio, ou o que quer que esteja lá em cima.

Os olhos sábios de Daya se encontram com os meus. Contei a ela sobre a última carta que encontrei e como senti haver algo muito ruim lá em cima.

— Você é uma masoquista. Vai ser possuída se for lá em cima.

Eu bufo.

— Acho que o espírito já teria feito isso se realmente quisesse. Pode ter mais cartas lá em cima.

Daya suspira.

— Vou morrer hoje — murmura ela.

— Você não vai morrer, talvez só fique um pouco possuída. — Eu rio enquanto dou a volta no balcão e caminho em direção à escada.

— Sim, e adivinha quem eu vou aterrorizar primeiro?

***

Aquela opressão fria e pesada cai instantaneamente sobre meus ombros no segundo em que entro no sótão. É como naqueles desenhos animados quando um piano cai do céu em cima de uma pessoa desavisada.

— Muito bem, apresse-se, eu não gosto daqui — diz Daya, sua voz tensa de medo. O terror está rastejando pelos meus ossos também, fazendo meu coração disparar. No entanto, o calor desliza pelos meus músculos, se instalando na boca do meu estômago.

Uso a lanterna do celular para procurar pelas paredes. Começo por onde encontrei a última carta, mas tudo o que resta são teias e aranhas.

Traço meu caminho por cada parede, pressionando as tábuas de madeira na esperança de encontrar uma delas solta. Encontro uma quando

chego perto do espelho. A madeira chacoalha sob minhas mãos, e com a sensação pesada nos cercando, não perco tempo e a arranco da parede.

Mexo o feixe de luz em várias direções diferentes, não encontrando nada além de mais insetos e teias. Quase desisto, até ver um lampejo de algo brilhante.

— Acho que encontrei alguma coisa — eu anuncio animada.

— Graças a Deus — Daya murmura atrás de mim. Mal ouço as palavras. Enfiando meu braço no buraco antes que eu possa pensar nos insetos, agarro a peça, minha mão fechando em torno de algo plástico. Tento puxar para fora, mas minha mão encontra o que parece papel, então eu agarro isso também.

Bato no meu braço, encolhendo-me com a sensação de teias de aranha grudadas em mim. Nem sequer olho, apenas continuo limpando enquanto me aproximo dos degraus.

— Vamos. — Respiro fundo, logo antes de quase ser empurrada por Daya passando por mim e descendo as escadas correndo.

O que quer que esteja na minha mão, é algo importante. Tenho tanta certeza disso quanto dos olhos nas minhas costas que me observam sair.

Batendo a porta do sótão atrás de mim, eu me inclino contra ela e me endireito, sacudindo o frio de gelar os ossos que parece grudar em mim como cola.

— Nunca mais vou subir lá — diz Daya, ofegante.

— Acho que também não quero — digo. Finalmente, olho para minha mão e vejo uma bolsa Ziploc com um Rolex de ouro incrustado de sangue manchado o plástico. E a carta na minha mão é um rabisco rápido que diz: *Esconda isso, ninguém pode saber que eu fiz isso. Lembre-se disso.*

— Puta merda — suspiro.

— Deixe-me ver. Não podemos tocar nisso ou vamos deixar

impressões digitais, mas a Rolex tem números de série. Provavelmente consigo rastrear o dono.

Corremos para a cozinha, esquecendo o demônio que reside no meu sótão. Encontro um par de luvas de borracha que Daya e eu usamos quando estávamos limpando a casa. Ela coloca as luvas e tira o relógio ensanguentado com cuidado.

— Não quero que o sangue saia, mas preciso remover a pulseira para ver o número de série — ela murmura, manuseando o relógio com cuidado. — Você tem uma tachinha?

Eu me viro e abro a gaveta de tralhas de cozinha, confiante de que tenho uma em algum lugar. Após vasculhar por um minuto, solto um *ah-rá* comemorativo e entrego a Daya uma tachinha azul.

Leva um minuto, mas ela finalmente solta a pulseira entre as alças do relógio.

— Filho da puta — ela xinga.

— O quê?

— Alguém riscou o número de série. Está quase ilegível.

Daya olha para mim, decepção irradiando de seus olhos verdes. Eu desabo, uma carranca puxando meus lábios para baixo em derrota.

— Não vou desistir. Vamos fazer um exame de DNA e vou descobrir algo com esse relógio. Deixa-me cuidar disso?

Eu aceno, confiando em Daya para descobrir. Ela é incrivelmente inteligente e seus recursos para descobrir informações são astronômicos.

Então uma lâmpada se acende na minha cabeça.

— Naquelas fotos com Gigi, Frank estava usando aquele relógio.

Remexo todos os papéis espalhados pelo balcão até encontrar a pequena pilha de fotos.

— Mesmo relógio — repito, entregando as fotos. Daya olha para as

fotos, um sorriso se forma em seus lábios.

— Agora só temos que provar isso.

8 de maio de 1946

Vou morrer. Ele está vindo atrás de mim, posso sentir isso em meus ossos.
E só consigo pensar em Sera. Minha doce, doce Sera. Ela acabou de completar dezesseis anos, e ela é tão alegre. Tão cheia de vida.
Como digo a ela que posso não estar aqui por muito mais tempo. E a culpa é toda minha. Cometi tantos erros nos últimos dois anos. Devia ter feito as coisas de forma diferente.
Mas é tarde demais.
E minha filha será a que mais sofrerá.
Ah, Sera. O que fazer quando estou enfrentando um homem que sente que foi desprezado?
Estou tão cansada. Acho que vou me deitar para dormir um pouco.



CAPÍTULO 37

A SOMBRA



Não há nada que você poderia ter feito.

Você não pode mudar o que já aconteceu, cara.

Você não pode salvar todos.

Sou grato a Jay. Eu realmente sou. Não confio em muitos homens nessa área, especialmente para fazer uma parte do trabalho que tenho dificuldade em abrir mão, mas não posso estar na ativa e ficar grudado em um computador ao mesmo tempo. E Jay tem sido mais que eficiente em ajudar nesse lado do trabalho.

Mas o filho da puta não sabe fazer eu me sentir melhor.

Ele está tentando. Eu entendo.

Mas tenho dificuldade em apreciar seu esforço quando estou gastando todas as minhas forças para não entrar no Savior e explodir o lugar inteiro. Se não fosse o fato de que existem pessoas inocentes que trabalham lá – ou melhor, estão sendo mantidas como reféns – eu faria isso.

Eu estava lá.

Eu os vi beber o sangue de um garotinho. Um garoto de oito anos foi sacrificado em algum altar de pedra para receber os novos membros de um clube pedófilo adorador do diabo e bebedores de sangue.

Nunca vou entender o porquê. Nunca vou entender o desejo de machucar alguém tão jovem, tão puro, tão inocente. Mas são essas qualidades que os atraem. Isso é o que atrai o diabo para o anjo.

Eles querem corromper, ferir e contaminar. Causar dor e sofrimento àqueles que nunca pediram por isso. Essa é a emoção doentia nisso.

— Ele tinha oito anos, Jay — resmungo com os dentes cerrados. — Ele tinha uma família. Duas mães, três irmãos e uma irmã. Ele era amado. Ele foi criado em um bom lar por pais que o amavam. E eles o sequestraram na porra de uma mercearia, o venderam para o tráfico humano e o usaram como um sacrifício de merda.

Jay fica calado, parecendo perceber que suas respostas padrão para fazer eu me sentir melhor são insuficientes.

Eu estava lá.

E não fiz nada para impedir.

Abro a boca, pronto para mudar de assunto quando recebo outra chamada. Olho para o celular e um rosnado feroz toma conta do meu rosto.

— Tenho que desligar — falo irritado, desligando o telefone na cara de Jay e imediatamente atendendo a ligação.

— Daniel. Tão bom ouvir você — saúdo. Como um cobertor sendo jogado sobre o fogo, meu tom é frio e controlado.

— Zack, desculpe ligar tão do nada. Queria te pedir uma coisa.

Eu me encosto na cadeira, rolando meu pescoço, os músculos estalando ruidosamente. Meus olhos não se desviam do computador, que mostra a foto do garotinho morto no último vídeo.

Nunca vou esquecê-lo, mas colar meus olhos em seu rosto me lembra

haver mais por aí na mesma situação. E agora, esse lembrete é a única coisa que me impede de enlouquecer.

Preciso ser inteligente. Se enlouquecer agora, vou arruinar tudo pelo qual tenho trabalhado tanto.

— O que posso fazer por você?

— Considere isso uma iniciação preliminar. Estamos decididos sobre o que vamos jantar nesse sábado, e é realmente especial. Queremos ter certeza de que não haja problemas, então decidimos ter um aperitivo na sexta-feira, se você quiser.

Minhas sobrancelhas franzem e um poço de pavor se forma em meu estômago, como o céu se abrindo e liberando uma chuva torrencial em uma cidade que está se afogando.

— Que não haja problemas? — repito, meu tom murchando.

— Não leve para o lado pessoal. A maioria dos homens iniciados estão dentro há anos. Estamos todos apostando aqui, então meus superiores acharam melhor jantarmos antes.

A Society está me testando. Minha mente já está pensando em como vou evitar que uma criança morra na minha frente sem matar todos eles.

— Ah, é? — pergunto com um tom intrigado.

— Tudo o que peço é que na sexta à noite você me encontre em um jantar que estou organizando.

Sexta-feira é daqui a dois dias.

Minha cabeça gira enquanto tento descobrir o que Dan está planejando. É algo maligno, sei disso.

— Qual é o propósito deste aperitivo?

Se Dan tem um problema com minha pergunta, ele não me deixa perceber. E, francamente, não dou a mínima.

Sentindo o desejo tomar conta de mim, mudo minha tela para uma

transmissão ao vivo de câmeras de segurança que configurei em torno da propriedade de Addie. Ela está em casa, e o carro de Daya ainda está estacionado do lado de fora de sua casa.

Mais tarde, terei que treinar mais com ela. Repassei várias coisas que ela deveria fazer se algum dia fosse sequestrada, mas quero ter certeza de que Addie está totalmente preparada. Não porque planejo deixá-la ser levada, mas sou uma pessoa realista e lógica, e entendo que não posso controlar tudo.

Estou nesse negócio há tempo demais para saber melhor. Ser pego pode acontecer em um único segundo, quando você está fazendo a coisa mais mundana que alguém faz todos os dias. Como caminhando para o carro, entrando ou saindo de uma loja, colocando gasolina no carro, ou passeando em um parque. E alguns até forçam a isca a bater na sua porta e pedir ajuda.

— Bem, para nos enchermos antes do evento principal, é claro. Temos o aperitivo perfeito escolhido só para você. Um que se assemelhe às suas próprias refeições em casa. É seguro dizer que você vai se juntar a mim, certo?

Meus punhos apertam até ouvir os ossos estalando. O aperitivo é uma garotinha. Uma que aparentemente se parece com a garota que estava na foto que mostrei a ele no Savior. Ele saiu e escolheu uma garota com base no que ele acha que eu gosto.

A sensação nauseante que revirava meu estômago e me faz querer vomitar já passou, agora estou vendo tudo vermelho. O vermelho de seu sangue, vazando de sua garganta enquanto a corto. O vermelho fluindo de sua boca enquanto ele sufoca lentamente. E eu vejo tanto vermelho...

— Claro — respondo alegremente. — Não perderia por nada no mundo.

***

— Certifique-se de que os homens estão cuidando de Addie enquanto eu estiver fora —lembro a Jay, apertando a gravata em volta do meu pescoço.

Parece a droga de uma armadilha, e jogar bem com esses homens essa noite é como no ditado: o balde sendo chutado sob meus pés.

Socializar com alguns dos homens mais depravados que já existiram certamente parece com me enforcar nas vigas do teto. Eles merecem morrer e, em vez disso, beberei uísque caro com eles, imaginando todas as maneiras de matar cada um.

— A casa dela está sendo vigiada 24 horas por dia. Discretamente, é claro — Jay garante atrás de mim.

Não parece bom o suficiente. Algo que senti quando ela era apenas uma garota se despindo em seu quarto, enquanto eu observava de longe pela janela. Sabia que sua pele era macia como seda e que sua boceta seria a porra do paraíso. Mas estar tão longe e apenas observar não era bom o suficiente.

E agora, sua segurança parece precária. Tenho os melhores homens do mundo cuidando dela, mas se a Society enviasse alguém atrás dela, eles não contratariam algum vagabundo das ruas. Eles contratariam alguém tão treinado para caçar e matar quanto os homens que circundavam o perímetro do casarão.

Dou uma olhada para Jay através do espelho, seu cabelo preto desgrenhado enrolado em torno de seu rosto pálido enquanto ele brinca com a rosa vermelha de plástico na minha mesa de cabeceira. Não me sinto particularmente confortável em tê-lo em meu espaço pessoal, mas Jay decidiu que não se importava e entrou no meu quarto e sentou-se na cama de qualquer maneira.

Addie ainda nem teve a chance de vir aqui. Preciso corrigir isso em breve.

Ando até ele e arranco a rosa de sua mão, suas unhas estão pintadas de preto hoje. Toda vez que as vejo, elas estão com uma cor diferente.

Jay, que nunca se intimida, pergunta:

— Isso é pessoal? Onde conseguiu?

Levanto uma sobrancelha para ele, mas ele apenas olha para mim com falsa inocência em seus olhos castanhos, esperando pacientemente.

Tanto faz.

— Minha mãe me deu há muito tempo. Ela amava rosas e as tinha por toda a casa. Ela me deu isso para sempre me lembrar dela. — Meu tom sugere que Jay fique de boca fechada.

Então, ele fica.

Eu giro a rosa, perdendo-me na memória de minha mãe. Ela era linda. Cabelos longos e pretos com olhos tão escuros quanto meu olho direito, quase pretos. Mas ela carregava uma mortalha de luz do sol ao seu redor. Papai sempre brincava que ela se mantinha nas sombras para que todos pudessem brilhar. Ela era altruísta e gentil, sempre dando, mas nunca recebendo.

No fundo, sei que minha mãe ficaria incrivelmente orgulhosa do que estou fazendo. Ela poderia não aprovar meus métodos, mas acho que ela teria encontrado um lugar com as garotas que eu salvo. Ajudando-as e cuidando delas.

Ela seria feliz.

Abaixando a rosa, viro e olho uma última vez para o espelho. Eu me certifico de que meu terno de três peças não tenha nenhum vinco à vista. O terno Armani foi feito sob medida para se moldar perfeitamente ao meu corpo e transborda capitalismo.

Ainda bem que roubo dos ricos.

— Você está lindo — Jay diz suavemente, enxugando uma lágrima

falsa do canto do olho. Dou-lhe um olhar divertido e um tapa em sua testa enquanto passo.

Ignoro o “ai” murmurado e pego minhas chaves e carteira antes de colocar o fone de ouvido e me carregar com duas armas. Pego meu Rolex de ouro branco, prendendo-o no meu pulso. No entanto, não é um relógio caro comum. Bem ao lado do fecho, no meu pulso interno, está um pequeno botão que instalei. No momento em que eu o pressionar, um acontecerá uma intervenção e espero poder tirar a pobre criança em segurança.

Já hackeei as câmeras dentro e fora da casa de Daniel e, embora ele tenha contratado seguranças, os poucos convidados que vi entrar não foram revistados, nem obrigados a passar por um scanner corporal.

Isso me diz que esse é mais um encontro íntimo com poucas pessoas, confiáveis o suficiente para não vazassem o que acontece no lugar.

Mexo meu pescoço, meus músculos transbordando de tensão. Algo sobre essa noite parece estranho. É como levar um tiro em uma sala de metal, apenas esperando a bala ricochetear e me atingir em algum lugar vital.

Não posso deixar uma criança pequena ser sacrificada ou abusada essa noite. Isso será uma questão de como tirar a garota com segurança, mantendo a inocência. Se quero ser levado para a masmorra subterrânea amanhã, preciso agradar Daniel.

— Quero que fique de olho em Addie essa noite também. Se algo acontecer, me conte imediatamente.

Ele ri.

— Acha que ela vai gostar quando eu a espionar também?

Eu o repreendo com um olhar.

— Observe-a por qualquer motivo além de garantir a segurança dela, e eu corto seu pau e te forço a engolir.

Seu rosto se contorce em desgosto, mas vejo o terror em seus olhos.

— Brincadeira, cara — garante ele, com as mãos levantadas em rendição. — Gosto de mulheres dispostas.

Um sorriso perverso se forma, embora o calor em meus olhos permaneça.

— Parece que você não entende o corpo de uma mulher o suficiente para saber quando ele te chama, mesmo quando a boca tenta resistir.

Jay fica gaguejando, e não consigo evitar rir quando o ouço no telefone imediatamente depois, recebendo conforto de uma de suas amigas de foda.

***

— Que bom que você conseguiu vir, Zack — Daniel cumprimenta, apertando minha mão e me dando um tapa nas costas com sua outra mão.

A casa de Dan é tão ostensiva quanto a de qualquer outra pessoa com uma conta bancária na casa dos milhões. Sua casa é rústica, com uma parede de madeira imitando uma cabana, vigas expostas, pisos de madeira que ele pagou caro para parecerem desgastas e muitos detalhes em marrom e bronze.

Pinturas abstratas decoram as paredes, cada quadro com um tom terroso de vermelho, marrom e amarelo. Pauso na frente de uma em particular, o zumbido de Daniel cumprimentando outros convidados atrás de mim se transformando em um ruído de fundo.

A pintura se parece com dois grandes olhos castanhos, com listras vermelhas brilhantes saindo deles. Amarelos e vermelhos suaves compõem as pequenas curvas redondas do rosto da garota. Meus olhos passeiam pela pintura, absorvendo cada detalhe até que a imagem completa se encaixe.

É uma garotinha chorando lágrimas de sangue.

— Lindo, não é?

Afasto os olhos e vejo Daniel parado ao meu lado, seus olhos vagando

sobre o quadro com um brilho perverso. Ele encara a obra com orgulho, como se ele mesmo tivesse pintado.

— Sim — murmuro antes de me virar. Não vou ficar parado, estudando arte e fingindo não estar em um museu de pinturas depravadas. Uma olhada ao redor mostra que os outros quadros são retratados em sutil morbidez.

Aperto a mão de algumas pessoas que reconheço do Savior e do Pearl. Minutos depois, Daniel faz com que todos nos juntemos a ele na sala de jantar, a mesa de seis metros de comprimento posta para, pelo menos, vinte pessoas.

Não é uma configuração normal. Há copos de cristal, pratos brancos e um garfo e uma faca colocados em uma grossa camada de plástico. Todo o meio da mesa está completamente vazio. Normalmente, flores e enfeites ocupam espaço no meio, para adicionar um pouco de classe aos jantares.

Eu me mantenho inexpressivo, apesar do meu coração bater forte sob minhas costelas.

— Sente-se ao meu lado, Zack, por favor — Daniel insiste, apontando para a cadeira à direita dele. Claro, ele se senta à cabeceira da mesa, sorrindo para seus convidados como um rei.

Ele se inclina e murmura para mim:

— Estou muito animado para você ver a entrada de hoje à noite.

Eu sorrio, e até eu posso sentir o quão frio foi.

— E o que seria?

— Bem, não queremos estragar a surpresa, não é? — Dan desvia a pergunta antes de voltar sua atenção para o convidado do seu lado esquerdo.

Fico em silêncio, observando os convidados sentados ao meu redor. Todos parecem estar completamente à vontade, conversando entre si, rindo e sorrindo. Estão agindo como se fosse apenas mais um dia, sentado à mesa de jantar e esperando que uma criança pequena seja servida.

Existem três pontos de saída na sala. Uma leva para a cozinha, onde há uma porta de correr nos fundos. A segunda leva para um corredor em direção à sala de jogos e para mais dentro da casa. A terceira leva de volta para a porta da frente.

Imagino que a garota esteja na cozinha. Não sei se ela já está morta ou se será como seus rituais na masmorra.

Minha pergunta é respondida cinco minutos depois, quando a porta da cozinha se abre e um homem mais velho entra, de mãos dadas com uma garotinha de não mais de seis anos.

Seus olhos castanhos estão arregalados de terror, olhando para a mesa como se o bicho-papão em seus pesadelos tivesse ganhado vida.

Os monstros dentro de seus pesadelos estavam lá apenas para mostrar a ela como eles são por dentro.

— Senhoras e senhores, o jantar está servido.

CAPÍTULO 38

A MANIPULADORA



Todas as informações que Daya e eu reunimos até agora estão espalhadas no balcão diante de nós. Torço meus lábios enquanto reflito sobre o que sabemos pela milionésima vez, e Daya torce seu piercing, girando e girando. Ela está esperando uma ligação para saber os resultados do teste de DNA do sangue no relógio.

— Sabe, ainda não descobrimos quem me enviou o envelope com todas aquelas fotos e o bilhete — murmuro.

— Sim — diz Daya, deixando os braços caírem e franzindo os lábios. — Isso é tão estranho. Não faço ideia de quem pode ter sido.

Assim que abro a boca, o celular de Daya toca. Ela pegar o aparelho tão rápido como se estivesse o tirando do fogo.

— Alô? — ela atende, colocando a chamada no viva-voz.

— Alô, Daya Pierson? — uma mulher pergunta.

— Sou eu — ela responde, a ansiedade a fazendo olhar ao redor da sala. Ela morde o lábio inferior, deixando o pequeno espaço entre os dentes

da frente à mostra, enquanto eu também mordo os meus.

— Estou com os resultados referentes à amostra que você enviou. — Ela faz uma pausa, e a sensação é igual quando uma montanha-russa para no ponto mais alto dos trilhos. E apenas por um único segundo você está suspenso no tempo antes de cair de volta ao chão. — Encontramos uma correspondência. Genevieve Parsons.

Meus olhos castanhos se encontram com seus olhos verdes em uma sinfonia de choque e excitação. Daya limpa a garganta.

— Perfeito. Obrigada, Gloria. Eu agradeço.

— Sem problemas — ela diz antes que a ligação se encerre. O silêncio mútuo se estabelece enquanto Daya e eu processamos a nova informação.

— Puta merda.

Antes que eu consiga processar completamente a informação, Daya estende a mão para sua bolsa e tira um envelope grosso de papel pardo.

— Fiz alguns testes e pesquisas por conta própria. Consegui encontrar uma amostra da caligrafia de Frank em um boletim de ocorrência e na carta que encontramos, e as enviei para um analista. Agora, só para te conscientizar, a grafologia nem sempre é levada a sério em nome da ciência, mas houve casos em que ela foi levada em conta no tribunal. Independente disso, acho que será uma boa evidência.

Meus olhos se arregalam de excitação.

— Sério? Deixe-me ver.

Ela levanta um dedo, sinalizando para eu esperar.

— E também, lembra como o número de série estava ilegível no relógio? — Quando eu aceno, ela continua. — Tenho um amigo que é muito bom em decifrar essas coisas, e ele acha que encontrou uma correspondência. Essa, Addie, é a verdadeira evidência. Se confirmarmos que o relógio de Frank está coberto do sangue de Gigi, e se a caligrafia for compatível, isso é

evidência suficiente para provar que Frank foi o assassino.

— E aí?

Ela morde o lábio.

— Esperei para abrir o e-mail com você. Então, está pronta?

Aceno com a cabeça ansiosamente, a impaciência inflando no meu peito.

Ela abre o envelope primeiro e puxa os resultados. Colocando-os no balcão, nós duas quase batemos a cabeça tentando lê-los.

…em relação às duas amostras fornecidas, foi determinado que a caligrafia…

— Ai meu Deus. Elas coincidem! — grito, quase sem fôlego por causa da animação.

Daya sorri, tonta com sua própria animação.

— Certo, agora o teste real. — Ela desliza seu laptop para mais perto, seu e-mail já está aberto. Ela clica em uma mensagem não lida.

Daya,

Verifiquei o número de série como você pediu. Foi muito difícil, quem quer que tenha riscado esse número o fez muito bem. Mas não o suficiente para passar por mim. O número de série foi rastreado até um comprador chamado Frank Seinburg. Espero que isso ajude.

James

— Meu Deus! — exclamo, quase pulando da cadeira de excitação.

— Puta merda. — Daya suspira, sua expressão cheia de choque e admiração. — Foi ele. Foi o Frank.

— Ele estava apaixonado por ela, e deve ter descoberto sobre Ronaldo e a matado em um ataque de raiva — concluo, quase tropeçando nas minhas

palavras.

Daya se vira, pegando a garrafa de Grey Goose que está no balcão.

— Isso exige uma bebida comemorativa. Podemos finalmente trazer justiça a Gigi. Mesmo que Frank esteja morto, pelo menos o mundo saberá que ele era um merda.

Eu sorrio, uma mistura estranha de emoção fechando minha garganta. Estou feliz por resolvermos o caso dela. Mas também estou triste. E eu estou lutando para entender exatamente o motivo. Essa investigação de assassinato consumiu uma grande parte da minha vida nos últimos meses. E deixar para lá é quase como perder um pequeno pedaço de mim.

— Ainda não sabemos quem escondeu o relógio — reflito antes de beber. Meu rosto se contorce com o gosto. Não me importo com o que os outros dizem. Álcool tem gosto de merda quando não está misturado com alguma coisa.

Mas aprecio o ardor enquanto ele desliza pela minha garganta e se instala no meu estômago, o fogo queimando e me aquecendo de dentro para fora.

Inclino o copo de volta para ela, sinalizando que quero mais um gole.

Daya olha para mim, e o que parece vergonha está nublado em seus olhos verdes claros.

— O quê? — pergunto sem rodeios.

Ela aponta para o meu copo cheio antes de beber o dela de uma só vez. Eu sigo o exemplo. Dessa vez, parece que esse gole é para ganhar coragem, mas pelo que, pelo visto, apenas Daya sabe.

— Então, hum, a carta de Frank não foi a única que eu enviei. — Daya começa, hesitação proeminente em sua expressão. Sua mão se levanta para brincar com o piercing no nariz, mas ela se segura e aperta os dedos.

— Certo — digo, estreitando meus olhos em suspeita. Ela está sendo

estranha. E não o tipo de estranho que envolve tirar as calças e dançar *Sou a Barbie Girl* às três horas da manhã enquanto bebemos garrafas de vinho.

Isso só aconteceu uma vez, mas nós duas acordamos na manhã seguinte com arrependimentos.

Ela dá uma respiração profunda, e eu estou tentado a dizer a ela que estamos compartilhando o mesmo oxigênio, ela não vai encontrar nenhuma partícula que lhe dê superpoderes e coragem. Eu saberia, porque quero correr e me esconder do que ela está prestes a dizer.

Ela pega o envelope pardo e tira mais dois pedaços de papel. Lançando um último olhar em minha direção, ela coloca os documentos no balcão e nós duas os lemos.

Um diz que é compatível e outro diz que não.

— O que estou vendo?

— A caligrafia na nota de confissão é compatível com a caligrafia da sua avó — ela fala tão rapidamente que eu levo tempo para compreender o que ela disse.

— O quê?

É tudo o que consigo dizer. Ela geme e bebe outra dose.

— Esse resultado é da carta de confissão e de uma amostra da caligrafia de sua avó e de John.

— Espera — peço, abrindo minhas mãos. — Você tinha suspeitas sobre minha avó ser aquela a encobrir o assassinato?

Seus lábios se apertam em uma linha dura.

— Sim.

Balanço a cabeça, sem palavras.

— Por quê?

Ela levanta as mãos.

— Porque tinha que ser alguém que morasse nessa casa, Addie. Era

John ou sua avó. E sua avó era apegada ao sótão, não era?

— Onde você conseguiu alguma coisa com a caligrafia deles?

— Você deixou de lado alguns documentos antigos que ela havia escrito. Tirei fotos. E bem, John foi um pouco mais complicado, mas consegui arranjar um testamento no qual ele havia escrito.

— Por que você não me disse que estava fazendo isso?

Ela suspira.

— Porque eu sabia que você não reagiria bem. Queria ter certeza de minhas suspeitas antes de arruinar seu dia.

Soltando um suspiro, eu aceno.

— Você está certa — admito. — Faz sentido. — Pareço estar tentando me convencer. Provavelmente porque estou.

Ela fica calada, dando-me tempo para processar o fato de que minha avó ajudou a encobrir o assassinato de sua mãe.

— Ela foi forçada — digo finalmente, olhando para a confissão de vovó no balcão, a carta que encontrei no sótão após ver o que achei ter sido uma aparição de Gigi. Não me mexo para pegá-la, mas me lembro bem das palavras. O rabisco rápido em um pedaço de papel contendo palavras de uma jovem forçada a encobrir o assassinato de sua própria mãe.

— Sua avó tinha o quê, dezesseis anos quando Gigi foi assassinada? Frank obviamente a ameaçou, e ela sentiu que não tinha escolha. Ele era um detetive, pelo amor de Deus, é claro que ela teria acreditado nele.

Eu aceno, uma carranca fechando minhas feições. O medo que vovó deve ter sentido. E a sensação absolutamente nauseante de saber que ela estava ajudando o assassino de Gigi.

Jesus.

Não consigo nem imaginar como ela deve ter se sentido.

— Provavelmente, é por isso que ela passava tanto tempo lá em cima e

porque ela ficou nesta casa. Era bem provável que ela estava se punindo. Forçando-se a ficar em uma casa com memórias terríveis como penitência por ajudar a encobrir aquilo, mesmo que não tivesse escolha. Quero dizer, quem sabe o que estava passando pela cabeça dela? Meu Deus, Daya, ela sempre foi tão alegre e feliz. Mas por dentro… ela deve ter sentido coisas tão sombrias.

A simpatia marca as linhas ao redor da carranca de Daya.

— Ela teve uma vida longa e feliz. Tenho certeza disso. Especialmente porque ela tinha você.

O álcool começou a fazer efeito, criando um zumbido agradável na minha cabeça. Isso torna a revelação um pouco mais suportável. Mas não o suficiente para deter a dor lancinante no meu peito.

Estou com o coração partido pela minha avó. Ela viveu até os noventa e um anos. Setenta e cinco anos carregando esse peso nos ombros.

Eu me pergunto se o vovô sabia. Ele era um homem calmo que amava a vovó ferozmente. Gostaria de pensar que sim e que carregou um pouco do peso para ela.

Lembro de uma memória de dois anos atrás, um ano antes de ela ter falecido. Vovó estava sentada na cadeira de Gigi, observando a chuva pela janela.

Eu estava na cidade a visitando, e ela parecia tão triste.

— O que foi, vovó? Está se sentindo bem?

— Sim, querida, estou bem. Vovó só está cansada.

— Por que você não se deita e descansa?

Um pequeno e triste sorriso enfeitou seus lábios.

— Não é esse tipo de cansaço, meu amor. Mas você tem razão. Vou me deitar um pouco.

Outra memória substitui aquela, uma de quando eu tinha cerca de doze anos. Eu estava colorindo no balcão da cozinha quando fiz uma pergunta aparentemente inocente e aleatória.

— Vovó, se você ganhasse um milhão de dólares, o que compraria?

— Nenhum dinheiro no mundo poderia comprar o que eu realmente quero — Vovó disse, com um sorriso provocante no rosto.

— Bem, o que você quer?

Seu sorriso desmanchou apenas por um segundo, rápido demais para meu cérebro de doze anos pensar muito nisso.

— Paz, querida. Tudo o que quero é paz.

Vou me deitar nessa noite um pouco bêbada e ainda mais triste.

Sinto falta do Zade.

Ele está fora fazendo algo perigoso essa noite, em algum jantar. Sei que ele está lá para salvar uma garotinha, mas ainda há aquela parte egoísta de mim que gostaria que ele estivesse aqui.

Meu instinto é me odiar por isso. Parte de mim, ainda o faz. Não sei quanto tempo vai levar até aceitar totalmente o fato de que comecei a me apaixonar por ele. Que estou o aceitando em minha vida.

Há quanto tempo ele está me perseguindo? Três meses? Não faz muito tempo. Na verdade, é uma quantidade de tempo tão insignificante que quase fico enjoada. Ainda há muito que não sei sobre ele. Qual é a sua cor favorita? Ele tem alergias? Espero que ele seja alérgico a todas as minhas comidas favoritas para não ter que compartilhar. Ou, pelo menos, espero que ele não goste. Mais para mim.

E espero não gostar de suas comidas favoritas, porque se gostar,

provavelmente comerei do prato dele também.

Ele provavelmente não se importaria. E isso amolece meu coração como um prato de mingau. Porque, de alguma forma, um homem que não se importaria que eu comesse sua comida se apaixonou por mim. Isso é tão fofo.

Eu me jogo na cama e solto um gemido. Daya saiu há uma hora. Passamos o resto do dia trabalhando em nossos respectivos trabalhos. Ela me deixou em paz a maior parte do tempo, enquanto eu estava processando as revelações. Depois que ela foi embora, continuei bebendo até parar de pensar nisso.

Amanhã, vou me arrepender. Não estou nem na metade do próximo capítulo da minha série, e muitos leitores estão me pressionando. A pressão sempre aumenta quando vários meses se passam entre os lançamentos.

Tanto faz. Talvez Zade passe por aqui e cure magicamente minha ressaca, já que ele é bom em me fazer sentir coisas que deveriam ser fisicamente impossíveis. Principalmente, quando ele arqueia a sobrancelha e aquele sorriso perverso enfeita seus lábios.

Aperto minhas coxas, uma enxurrada de excitação se agitam entre elas. Minha respiração acelera apenas com a memória de um olhar, e estou derretendo. Como isso é possível?

Tiro minhas leggings, uma sensação quente no meu estômago se espalha até parecer que estou me afogando em um poço de chamas. Um rubor já está se formando no meu peito, e sei que logo isso vai começar a subir pelo meu pescoço.

Em seguida, tiro minha blusa, deixando-me apenas com o conjunto de sutiã e calcinha combinando. Eles são brancos e sedosos, e uma parte insana minha deseja que Zade estivesse aqui para vê-los. Ele provavelmente pensaria que eu pareço tão inocente. Um anjo e um demônio. É proibido, mas ambos são atraídos um pelo outro mesmo assim.

Isso poderia ser um livro... baseado na atração entre duas almas opostas.

Mordendo o lábio, serpenteio minha mão pela frente da minha calcinha, a ponta do meu dedo mal roçando meu clitóris. O contato é tão leve, mas ainda tem eletricidade correndo pelas minhas veias. Fecho os olhos, soltando uma respiração trêmula, e finjo que Zade está ajoelhado diante de mim, ordenando-me que me toque para ele. Que mostrasse a ele o que faço quando ele não está aqui.

Meu coração bate forte no peito, como uma bola de basquete em uma quadra. Deslizo meus dedos mais para baixo, mergulhando a ponta na poça de umidade que se acumulou. Estou vergonhosamente molhada.

Lambendo os lábios, mergulho meus dois dedos dentro, um gemido sai dos meus lábios enquanto meu corpo se apodera de prazer.

A voz profunda de Zade sussurra em minha mente todas as coisas safadas que ele rosnou no meu ouvido. Todas as palavras que fizeram meu coração parar de bater.

Minha redenção se tornará sua salvação.

Eu estava convencida de que ele seria minha maldição. Mas, nesse momento, parece que entrei no paraíso.

Nirvana.

Assim como ele disse quando sua língua mergulhou fundo dentro de mim, como meus dedos estão agora.

Gemo mais alto, a sensação aumentando enquanto minha mente viaja, imaginando Zade sentado atrás de mim no meu carro e se banqueteando em mim... Não, *bebendo* de mim como um moribundo privado de água.

O prazer aumenta enquanto giro meus dedos encharcados no meu clitóris e esfrego o botão sensível em círculos apertados. Inclino a cabeça para trás enquanto minha coluna se curva. Soltando gemidos ofegantes, faço

movimentos circulares no meu clitóris mais rápido e mais forte, até estar quase perseguindo o orgasmo.

Finalmente, chego no limite. Eu grito bem alto, chamando o nome de Zade, enquanto o orgasmo me atinge rápido e sem remorso. Isso acaba antes que eu pudesse recuperar o fôlego.

Relaxando, solto um suspiro, os cantos dos meus lábios formando uma carranca. Meu corpo está desfalecido e sem ossos, mas meu peito ainda está apertado. Esse orgasmo foi apenas um alívio temporário. E percebo que o peso não vai a lugar nenhum.

Essa noite, estou apenas... triste

18 de maio de 1946

A face da morte é petrificante. Mas é a única coisa que consigo ver esses dias.
Ele não me deixa em paz. Eu implorei a ele. Implorei pela minha vida. Sou mãe. Ele não pode me tirar da minha filha. Ela precisa de mim, pelo amor de Deus.
Não sei o que fazer. Se eu contar à polícia, eles vão acreditar em mim? Ou acreditarão nele?
Alguém que é obviamente perigoso e tem conexões incríveis.
Não tenho chance.
Como minha vida ficou assim?
E como ele pôde fazer isso comigo?
Eu confiei nele.



CAPÍTULO 39

A SOMBRA



— Vocês comem carne crua? — questiono, o timbre profundo da minha voz viajando pela mesa. Todos se calam.

— Bem, claro que não! — Daniel explode, rindo do que ele provavelmente considera uma pergunta estúpida.

— Precisamos fazer um sacrifício primeiro. Então bebemos o sangue e a levamos...

— Nós não podemos nos divertir com ela primeiro? — interrompo, minha voz se aprofundando com decepção. — Isso é metade da diversão, irmão.

Nossos olhos se encontram e espero a resposta de Daniel às minhas exigências. Ele me encara com um leve sorriso no rosto. Arqueio uma sobrancelha, esperando pela minha resposta.

Quando faço isso, Daniel ri, uma surpresa agradável irradiando de seu rosto. Meu semblante está sério, os olhos nunca se desviando dos de Daniel.

Ele quebra o contato visual primeiro, olhando para onde seu

funcionário está segurando a garotinha assustada.

— Traga ela aqui.

Eu me encosto na cadeira, meus movimentos são lentos e relaxados. Por dentro, há uma guerra furiosa e o campo de batalha é meu interior sangrento e cruel. Quero derrubar essa casa inteira, retalhando cada indivíduo doente aqui apenas com minhas mãos e dentes.

Vou mostrar a eles como é ser devorado por um monstro.

O funcionário empurra a garota com força para a frente, ela tenta resistir com os calcanhares. Ela sabe que algo ruim está por vir. Mas o que ela não sabe é que farei tudo ao meu alcance para impedir que isso aconteça.

Quando a garota chega até nós, minha mão se abre, agarrando o pequeno pulso dela na minha mão. Seus olhos arregalados viram para os meus, e o que encontro neles quase parte meu coração. Seu olhar está transbordando de tristeza e medo. É uma expressão que nenhuma criança deveria ter em seu rosto.

— Qual é o seu nome?

Dan faz um som de zombaria, mas eu o ignoro.

— S-Sarah — diz ela baixinho, sua voz tímida. Quero jogá-la no meu peito e sair correndo daqui, mas acho que nós dois sabemos que isso não é possível.

— Sente-se no meu colo, Sarah — ordeno com firmeza.

Relutante, ela obedece. Ela desvia o olhar para baixo quando sobe no meu colo, mas não deixo de notar as lágrimas já brotando em seus olhos.

A sensação de mal-estar fica mais potente quando a ajudo a se levantar, mantendo seu corpo no meu colo com uma mão no alto de suas costas e a outra em seu joelho. Áreas que não são sexuais, mas serão percebidas como dominantes para os outros. Preferia não a tocar. Ela encara isso como algo predatório. Mas me sinto mais seguro com ela perto quando há um monte de

adultos a olhando como se ela fosse sua próxima refeição.

Literalmente.

Forço um sorriso predatório e me inclino, aproximo meus lábios de seu ouvido e sussurro para que apenas ela possa ouvir:

— Você está segura comigo. Fique calada.

Dan observa a interação de perto, uma pitada de desagrado em seus olhos. Do seu ponto de vista, ele não seria capaz de ler meus lábios. E ele não é o tipo de homem que aprecia segredos sendo contados debaixo de seu nariz.

Sarah é esperta. Ela não reage. Não acena ou fala. Ela apenas continua a olhar para suas mãos entrelaçadas, tremores destruindo seu pequeno corpo como se ela estivesse no meio de uma tempestade de neve.

Olho para Daniel.

— Devo ter uma audiência, ou posso apreciá-la em outro lugar? — pergunto, olhando para a garota com antecipação.

Ele vai pensar que estou antecipando todas as maneiras que vou machucá-la, mas, na realidade, estou imaginando a pequena Sarah sendo carregada por Ruby, enquanto enfio a cabeça dele numa faca.

A boca de Dan se curva em um sorriso para o olhar no meu rosto, sua expressão se suavizando mais uma vez.

Sou um ator muito bom. Eu nunca sobreviveria neste campo de trabalho se não fosse.

— Nós adoraríamos assistir — Dan diz suavemente, recostando-se em sua própria cadeira, enquanto uma mão vai para debaixo da mesa. Não consigo ver o que ele está fazendo do meu ângulo, mas não preciso ver para saber que ele está se tocando.

Vou gostar de matá-lo.

— P-por favor, me leve para casa! — Sarah grita com lágrimas escorrendo de seus cílios e descendo por suas bochechas de querubim.

Enxugo as lágrimas de suas bochechas, silenciosamente a elogiando por se afastar do meu toque, mesmo que isso faça com que minhas entranhas queimem.

— Não chore, querida — murmuro em voz alta. Ela chora mais forte, e meu coração explode de fúria.

Dan lambe os lábios com fome desenfreada, estendendo a mão para… não sei. Minha mão que está em volta do pescoço dela se estende, agarrando a mão dele com uma firmeza que o faz congelar instantaneamente.

— Eu não divido — rosno, soltando um pouco da raiva reprimida. Dan afasta a mão, levantando-a no ar em rendição.

— Possessivo. — Ele ri, olhando para os convidados. Constrangimento pisca em seus olhos, mas desaparece antes que possa realmente se estabelecer. Isso pode se voltar contra mim. Dan também não é o tipo de homem que aceita bem a humilhação pública.

Não que eu esteja realmente preocupado com a reação. Ele estará morto em breve de qualquer maneira.

Enquanto os olhos de Dan estão sobre a mesa de jantar, eu pressiono o botão do meu relógio, mantendo minhas mãos debaixo da mesa. No momento em que seus olhos estão voltando para mim, minhas mãos retornam à sua posição anterior.

— Por favor, prossiga... irmão. — Ele acrescenta “irmão” no final, a palavra dita com uma inflexão de desafio.

Dou um sorriso feroz, sem me conter nem um pouco. Seus olhos queimam com a visão, provavelmente assumindo que ele está prestes a ver o show de sua vida.

Antes que qualquer um de nós possa se mover, uma batida forte na porta da frente nos assusta. Segue-se um grito abafado e indiscernível. Os olhos de Dan se voltam para a frente da casa, a testa franzida em confusão.

— Quem diabos ousaria...? — murmura ele, horrorizado que alguém esteja quase arrombando sua porta.

Sussurros abafados e em pânico aumentam no grupo, os convidados se virando uns para os outros com olhares temerosos.

— Daniel — digo irritado, chamando sua atenção. — Não quero esperar muito mais.

— Claro, vou me apressar. — Ele me acalma, parecendo mais nervoso enquanto os outros da mesa continuam a falar de sua preocupação e desconforto. Outro estrondo alto assusta o grupo e, segundos depois, outro barulho mais alto faz os convidados pularem. Alguns até se levantam de seus assentos, prontos para fugir.

E então:

— FBI! PARA O CHÃO AGORA!

O resto dos convidados se levantam agora, inclusive eu. Gentilmente, coloco Sarah ao meu lado, mas seguro seu braço com firmeza enquanto a sala se transforma em caos. Os convidados do jantar se espalham como formigas, gritos e berros soando pela sala.

A porta da sala de jantar se abre, provocando mais gritos. Vários agentes do FBI invadem o local, gritando ordens para que todos se deitem.

— Vamos — sussurro para a garota, tentando guiá-la para a porta da cozinha.

Ela luta e grita por um dos agentes, aquele fogo adormecido nela finalmente explodindo.

Estou tão orgulhoso.

Eu a pego e sussurro em seu ouvido.

— Esses agentes do FBI estão comigo. Vou te levar de volta para casa, mas preciso que me ajude.

No segundo em que a palavra *casa* sai da minha boca, ela para de lutar.

Ela olha para mim, seus olhos castanhos cheios de lágrimas.

— Você pode estar mentindo. — Ela funga, desconfiada. Outra onda de orgulho toma conta de mim quando enfio a mão no bolso e tiro um distintivo falso do FBI, mostrando-o discretamente – a primeira mentira que realmente contei a ela. Ela se acalma, mesmo relutante, e balança a cabeça. Corro em direção à porta da cozinha, sem perder tempo.

No meio do caos, ninguém vai notar que estou saindo. Mas se o fizerem, não prejudicará minha imagem com Dan. Pretendo dizer a ele que fiz exatamente isso.

Não tem ninguém na cozinha luxuosa. Se alguém esteve aqui antes, provavelmente fugiu quando ouviu a invasão do FBI. Saio pela porta de correr dos fundos, atravessando a varanda maciça em direção às escadas.

O ar frio é um bálsamo para minha pele aquecida. Esse terno é limitante, prefiro muito mais meus jeans e moletom do que essa merda.

— Você vai me levar de volta para minha mamãe e papai? — Sarah pergunta baixinho. Sua voz suave e doce é quase um choque para o meu sistema.

A adrenalina corre em minhas veias constantemente desde o momento em que ela foi levada para aquela sala. E isso não vai se dissipar do meu corpo até que a garotinha saia dessa propriedade.

— Vou — prometo, minha voz gentil.

Sua mão se levanta, seu dedo minúsculo traçando uma das cicatrizes no meu rosto.

— Isso dói?

— Não mais — respondo baixinho, suprimindo a vontade de me afastar de seu toque. Não estou acostumado com ninguém tocando minhas cicatrizes. Quando Addie o fez, parecia que o fogo atravessava a pele morta. Agora, com Sarah, parece um pouco desconfortável. Mas não insuportável.

— Os caras maus que me pegaram fizeram isso com você?

— Não foram os mesmos caras maus, mas eles também eram maus.

Ela parece pensar sobre isso, digerindo minhas palavras lentamente. Ela pisca para mim e limpa um pouco de catarro escorrendo de seu nariz.

— Você sabe se mamãe e papai estão vivos?

Quase tropeço sozinho quando ela faz essa pergunta.

Considerando que eu não sabia a identidade da garota, não tive a chance de investigar seu passado. Não faço ideia de quem são os pais dela, ou de que tipo de lar ela vem.

— Tem um motivo para você achar que eles não estão? — pergunto. Chego ao ponto de encontro, fora da vista de qualquer câmera e na frente de onde a casa Dan está.

Ela abaixa o olhar, seus cílios longos e bochechas gordinhas ainda estão úmidos de suas lágrimas.

— Não sei onde eles estão — diz ela.

— Quando foi a última vez que você os viu?

Ela encolhe os ombros e diz:

— Não sei.

Eu suspiro, cedendo ao desejo e estalando meu pescoço para aliviar um pouco a tensão. Ruby deve chegar aqui em breve para cuidar de Sarah, enquanto termino os negócios.

Em breve, os agentes levarão Dan e qualquer outra pessoa para a delegacia sob falsas acusações.

Eles são agentes falsos, contratados por mim. Felizmente, conheço alguns agentes do FBI de alto escalão, a única coisa que tornou essa noite possível.

Eles levarão Dan para a delegacia por suspeita de contrabando de drogas. Ele será liberto amanhã de manhã quando não encontrarem nada.

Dan insistirá que os agentes do FBI responsáveis sejam demitidos e, considerando que nenhum agente real estava envolvido, os falsos serão facilmente desligados. A papelada falsa será arquivada e Dan ficará satisfeito. Ou tão satisfeito quanto possível, após seu jantar ter sido interrompido com a porta da frente sendo arrombada.

— Quantos anos você tem, querida?

— Cinco — diz ela.

— Vou tentar encontrar sua mamãe e seu papai, tudo bem? Se eu não conseguir, vou me certificar de que você esteja segura.

Ela acena com a cabeça, seus olhos castanhos agora fixos em mim.

— Então, você vai ser meu pai?

Droga. Não posso dizer que já não me perguntaram isso antes. Forço um sorriso. Adoção não está fora de questão, mas isso é algo que terei que consultar Addie primeiro. Ela seria a mãe, afinal.

Antes que eu possa responder, Ruby está se aproximando para levar Sarah para um lugar seguro. Ruby fica em silêncio, entendendo o quão terrível é a situação. Quando ela se aproxima da criança segurando minha mão, ela sussurra, pedindo que a criança vá com ela para ter certeza de que está segura. Sarah hesita.

— Pode confiar nela — digo suavemente. Sarah olha para mim com seus enormes olhos castanhos e eu viro uma poça de sorvete.

— Vou te ver de novo?

Engolindo em seco, eu aceno, incapaz de dar uma resposta verbal. Sarah fica satisfeita e permite que Ruby a conduza pela noite.

Antes que eles desapareçam completamente em outra casa, Sarah vira a cabeça e me lança um último olhar.

Estou perdido.

Assim que elas viram a esquina, um agente do FBI aparece atrás de

mim e agarra meu braço com força.

— Pensou que poderia fugir?

Eu rio baixinho, mesmo quando ele puxa meus dois braços atrás das costas e os algema.

Ele me leva de volta para a frente do casarão de forma rude, onde Dan ainda está falando alto com os agentes e exigindo seu advogado.

— Peguei um fugitivo — o agente me puxando grita. Dan faz uma pausa no meio do discurso para olhar para nós. Não posso ter certeza dessa distância, mas quase parece que o rosto de Dan fica relaxado de alívio por apenas um momento.

— Ele não tem nada a ver com isso — diz Dan, seu rosto se contraindo mais uma vez com raiva.

— É claro, amigo — o agente bufa atrás de mim. Na verdade, estou surpreso com o fato de Dan estar tentando me defender.

— E por que estou sendo preso? — rosno, fingindo raiva.

— Você tentou fugir durante uma invasão do FBI. Isso é motivo de suspeita.

— Sinto muito por isso, Zack — Dan interrompe. — Você não está envolvido.

Dou de ombros, o movimento é desajeitado pelas algemas.

— Tudo bem. Esses idiotas estarão demitidos pela manhã — digo com um sorriso de merda.

Dan zomba e me corrige:

— Até o final da noite.

— Sim, tanto faz, filhos da puta. Entrem no carro antes que eu acidentalmente esmague suas cabeças durante o caminho.

Eu me contorço em minhas amarras.

— Qual é o seu nome?

O agente sorri.

— Michael.

— Bem, Michael, espero que você não se importe de cagar dentes, porque você está prestes a engoli-los.

Michael ri com um brilho nos olhos. Dan recomeça quando outro agente o leva para a traseira de um carro da polícia. Seu discurso é interrompido pela batida da porta.

— Entra logo na porra do carro, Z. Quero comer algo, mas não meus dentes.

Rindo, eu obedeço.

CAPÍTULO 40

A SOMBRA



Eu não me lembro de ter sido uma criança carente. À medida que crescia, eu tinha um ótimo relacionamento com meus pais. Minha mãe era muito amorosa, e meu pai me apoiava e estava muito envolvido em minha vida.

Mas sempre fui uma pessoa naturalmente independente. Determinada a fazer as coisas por conta própria, sem ajuda. E pelo fato de meus pais me cobrirem de amor e atenção, essas não eram coisas que eu procurava.

Já não posso dizer isso.

A boca da Addie está bem aberta, a baba escorrendo. Ela está roncando suavemente, e eu não acho que tive a chance de provocá-la sobre isso ainda. Ela vai ficar com raiva, e eu sorrio só de pensar nisso.

Apesar de seu estado desgrenhado, meu pau está completamente duro. A bruxa foi para a cama com nada além de um conjunto branco de seda, e no segundo em que lentamente puxei as cobertas, quase caí de joelhos.

A minha ratinha usou isso só para mim?

Estendendo a mão, traço um dedo na coxa, apreciando a visão de sua

pele arrepiando. Ela se mexe, gemendo baixinho diante da perturbação em seu sono.

Como ela se sentiria acordando com meu pau dentro dela?

Ela se desloca de novo quando eu passo o dedo sob a borda de sua calcinha. Normalmente, ela acorda com bastante facilidade. E apesar de Addie ceder a mim, não sou tolo o suficiente para acreditar que ainda não a deixei no limite.

O que significa que ela bebeu alguns drinques.

Rindo, tiro os pés dos sapatos e removo o terno sufocante que tenho usado a noite toda.

Depois que chegamos à delegacia, eles levaram Dan para uma sala separada e me deixaram ir. Eu vim direto para cá, meu corpo tenso com força da necessidade de me enterrar em minha ratinha.

Completamente nu, eu me arrasto para a cama ao lado de Addie, enrolando seu corpo no meu.

Seus olhos tremem, e eu observo enquanto ela recupera a consciência. Quando os olhos dela deslizam até o meu rosto, eles se alargam um pouco.

Eu poderia ter tentado transar com ela enquanto dormia, mas decido adiar isso até Addie admitir seu amor por mim e aceitar livremente o meu. Até que eu possa transar com ela sem lutar, embora eu ache que alguma parte de Addie sempre vai lutar comigo.

Embora eu tenha me aproveitado de Addie em várias ocasiões, pelo menos o fato de ela estar acordada e consciente me permitiu observar as reações de seu corpo. O que não faz com que seja certo. Mas seu corpo sempre ficou molhado por mim.

E se isso não acontecesse, eu não teria então tocado nela.

— Por que você está na minha cama olhando para mim como um idiota? — ela pergunta com sua voz grogue de sono.

Eu dou uma risadinha.

— Eu pensei que já estava claro que eu sou um idiota.

— Está, e ainda assim você continua fazendo isso.

— Você gostaria que eu parasse? — pergunto, deslizando minhas mãos por seu traseiro. Ela puxa uma respiração forte, parecendo muito mais acordada e alerta enquanto eu aperto sua bunda grande nas palmas das mãos.

— Não — ela admite em silêncio. Ela parece tão pequena e vulnerável admitindo isso, então eu fico quieto.

Ela percorre seu dedo através das tatuagens em meu peito, afastando firmemente seus olhos dos meus.

— Isso significa alguma coisa? — ela murmura, parecendo estar se concentrando muito nos traços.

— Não — respondo. — Eu as tenho porque gosto delas. Prefiro manter qualquer coisa importante como posse.

Franzindo a testa, ela olha para mim através de seus longos cílios.

— Por quê? Eu achava que seu corpo seria o único lugar que você teria qualquer coisa significativa. Afinal, você o carrega em todos os lugares que vai.

Eu levanto um ombro.

— Meu corpo é apenas um vaso que minha alma habita, preso a uma concha que um dia vai deixar de existir. E quando esse dia chegar, não vou me importar em deixar essa concha ir. Eu carrego meu corpo por aí porque tenho que fazer isso, não porque é uma escolha. Mas quando possuo algo significativo, escolho mantê-lo. Carregar algo significativo na minha pele é fácil, mas segurar algo que eu poderia perder… isso exige devoção.

Ela deixa seu olhar baixar novamente, parecendo contemplar minhas palavras. Eu curvo meu dedo sob o queixo dela, sem querer, seus olhos se reviram. Eles sugam o oxigênio dos meus pulmões, mas sempre amei seguir

na linha entre a vida e a morte mesmo.

Aqueles belos olhos castanhos se fixam nos meus, grandes e redondos, e tudo o que quero fazer é consumi-la.

— Eu sempre possuirei você, ratinha. Então, saiba que você tem toda a minha devoção em mantê-la.

— Por que isso sempre soa como uma ameaça? — ela se pergunta em voz alta, embora um pequeno sorriso brote no canto dos lábios.

Eu sorrio.

— Porque é.

Eu rolo de costas, trazendo-a comigo para que ela fique esparramada no meu peito.

— Zade — ela adverte, mas suas palavras contrastam com suas ações. Ela move as pernas, de modo a ficar montada em mim e seu centro alinhado em meu pau. Eu posso sentir o quão quente e molhada ela está através da seda de sua calcinha.

Rangendo os dentes, fecho as mãos em punhos, lutando contra o instinto de rasgar essa calcinha minúscula em pedaços para que eu possa sentir o quão pronta ela está para me levar para dentro dela.

— Adeline — eu ecoo.

Seus olhos castanhos claros estão sombreados, mas eu posso sentir o efeito da mesma forma. Ela está inclinada logo acima de mim, seu corpo macio moldado no meu. Eu juro que posso sentir a tensão que reveste seus quadris enquanto ela resiste à necessidade de esfregar sua boceta em mim.

— O quê? — ela sussurra, fingindo ignorância.

— Sente-se em meu pau. Agora.

Sua respiração trava, e com os seios pressionados firmemente contra os meus, não posso dizer se a pulsação rápida no meu peito é do seu coração ou do meu.

A luta interna em sua cabeça é barulhenta e a indecisão irradia dela.

Eventualmente, ela se levanta, seu corpo entra no caminho dos feixes de luz da lua brilhando através das portas da varanda.

E eu desmorono.

Seu corpo curvilíneo está banhado em sombras e luz, os dois amantes proibidos colidindo com sua pele e criando uma obra-prima.

Sua beleza é ofuscante, e transforma meu corpo em cinzas sob sua luz.

Ela passa a mão pela barriga lisa até que as pontas dos dedos provoquem as bordas de sua roupa íntima.

— Addie — rosno com os dentes cerrados. Minhas mãos deslizam por suas coxas, parando na junção em que encontram seus quadris. Sou um homem fraco e não tenho forças para negar a necessidade de tocá-la.

— Sim, Zade? — ela pergunta, sua voz está rouca, baixa e ofegante. Meus quadris empurram impacientemente em resposta. Ela sorri, o ato é perverso e cruel.

Finalmente, ela levanta e empurra a calcinha para o lado, expondo sua boceta. Eu levanto meus quadris novamente, desesperado por contato, mas ela foge, pairando fora do alcance.

— Você tem cinco malditos segundos…

— Shh, querido. — Estou tão surpreendido por ela me chamando de 'querido' que minha ameaça desaparece, como se minha voz fosse um fantasma provocando o canto do seu olho.

Seu sorriso se alarga ao meu olhar incrédulo, mas só estou confuso porque ela pensou que me chamar de querido me acalmaria.

Agora tudo o que eu quero fazer é jogá-la de joelhos, enfiar aquele rosto bonito nos lençóis e transar com ela até que sua cabeça saia pela parte de baixo da cama.

Antes que eu possa fazer exatamente isso, ela finalmente deixa os

quadris descerem. Eu gemo com a sensação de meu pau sendo envolvido por seu calor macio, enquanto ela desliza para cima e para baixo em meu comprimento. Minha cabeça tomba para trás e minhas mãos apertam seus quadris. Contusões irão marcar sua pele e o pensamento apenas enfurece mais a fera.

— Porra, Addi…

Não tenho tempo para terminar minha frase antes que a ponta do meu pau escorregue para dentro, e sou completamente incapaz de formular palavras.

Lenta e tortuosamente, ela se move para colocar meu pau dentro dela, equilibrando seu peso no meu estômago. Pequenos suspiros saem de sua boca enquanto eu tremo embaixo dela.

Tão apertada.

— Deus, estou cheia demais — ela geme, seu próprio corpo tremendo enquanto relaxa para me tomar inteiro.

— Querida, não vou ser capaz de me controlar por muito mais tempo. Sente-se.

Chupando o lábio inferior entre os dentes, ela levanta uma última vez antes de se sentar completamente no meu pau.

Um grito irrompe de seus lábios, seus olhos estão arregalados. Meu corpo grunhe com a euforia de sua boceta apertada pra caralho ao meu redor.

Maldito nirvana. Não há nada parecido.

— Agora, mova-se — falo com rispidez, meu controle escorregando enquanto empurro meus quadris uma vez. É o suficiente para enviar choques elétricos pela minha espinha.

Seu queixo se inclina, os olhos descem enquanto ela gira os quadris.

— Oh — ela geme, continuando o movimento até que ambos estejam delirando. Ela se move lenta e languidamente, deslizando para cima e para

baixo e rebolando os quadris de uma forma que me faz ver constelações inteiras.

Seus olhos estão fechados, sua pequena boca se abriu enquanto ela obtém prazer do meu pau. É incrível, o suficiente para me fazer gozar se eu permitisse, mas preciso de mais. Preciso dela rápido e forte.

— Ratinha — eu chamo com minha voz rouca de vontade. Seus quadris param, e seus olhos abrem. — Corra.

Seus olhos arregalam e sua respiração para. Um momento passa onde estamos ambos congelados no tempo, e então ela entra em ação. Eu sibilo pela sensação de deslizar para fora dela, em seguida, ela está pulando para o fim da cama.

Ela sai correndo do quarto e dispara para as escadas. Eu fico bem em seus calcanhares, curtindo os gritos assustados que escorregam de sua garganta toda vez que ela me vê tão perto.

Propositadamente, eu a deixo correr, meu pau endurece ainda mais com a perseguição.

Minha ratinha adora ter medo. E vou fazê-la sentir isso.

Descendo as escadas, ela dispara para a parte de trás da casa. Eu sorrio quando percebo exatamente para onde ela está indo.

Eu a deixo chegar ao corredor antes de arrebatá-la, saboreando a ardência de suas unhas afundando no meu braço.

— Tentando reviver uma memória favorita, garota safada?

Ela rosna em resposta, chutando as pernas no ar. Eu quase invado o solário, a beleza disso se perde em mim enquanto eu seguro o presente mais precioso em meus braços.

Eu caio de joelhos e a torço, rindo enquanto ela se debate.

— Parece familiar?

— Zade! — ela geme de indignação, mas não lhe dou um momento

para se orientar. Ela está de costas em questão de segundos, olhando para mim com os olhos arregalados.

— Deixe-me saber quais estrelas você prefere. Aquelas acima de você, ou aquelas que eu faço você ver.

Então, estou mergulhando em sua estreita fonte de gozo e calor, sem dar a nenhum de nós um momento de preparação para isso. Ela grita, suas costas se arqueiam e suas garras estão afiadas enquanto ela as marca em meus braços.

— Puta que pariu, Jesus... — Sua fala é interrompida por outro impulso forte, e um gemido substitui suas palavras pecaminosas.

Eu estremeço, meu domínio se esvai completamente em farrapos ao entrar nela, fodendo-a com tanta força que sou forçado a continuar arrastando-a de volta em minha direção.

Gritos agudos enchem o ar e há um momento em que o tom é tão alto que temo que tenha quebrado algo dentro dela.

Mas então sua boceta se contrai, tornando quase impossível me mover antes que ela se mova ao redor do meu pau, seu corpo quase convulsionando com a energia.

Meu nome escorre dos seus lábios, mas não consigo parar. O som da nossa pele colidindo e suas palavras distorcidas saltam das janelas que nos rodeiam enquanto eu continuo a entrar e sair dela.

Sua pequena garganta está em minha mão, eu aperto até que ela não possa mais pronunciar uma palavra sequer. Uma mão envolve meu braço, marcando meias luas sangrentas na minha pele enquanto ela luta por oxigênio. De bom grado sacrifico meu nome em sua língua se isso significar subir ao céu com ela.

Mostro meus dentes, prazer intenso corre pela minha coluna vertebral e se acumula.

Porra, eu sinto a explosão bem no precipício. Casarão Parsons sempre estará destinado a ser a casa que queima e tira vidas.

— Dê-me outro, querida — peço, minha outra mão estendendo para baixo até que meu polegar circule seu clitóris.

Seu rosto fica rosado, quase vermelho quando ela cai para trás. Eu liberto sua garganta, a vertiginosa corrida pela falta de oxigênio, juntamente com seu orgasmo, faz com que suas costas caiam totalmente no chão. Como uma mulher possuída, ela se apega a mim, à medida que mais arranhões são feitos em minha pele.

Rangendo os dentes, sento-me, trazendo seu corpo contorcido comigo até me ajoelhar com suas pernas enroladas firmemente em volta da minha cintura.

Ela gira para baixo em mim implacavelmente, montando seu orgasmo e me puxando sobre a borda com ela. Eu gozo com um rugido, agarrando- a ao meu peito com tanta força que nós dois somos capazes apenas de pequenos movimentos bruscos enquanto nos esfregamos um no outro.

Eu me perco... meu nome, minha identidade, minha alma. Tudo foi arremessado para o vórtice que nossos corpos criaram. Como ser sugado para um buraco de minhoca e expulso para um novo universo.

E quando descemos, as estrelas que nos rodeiam de repente parecem tão opacas e sem vida em comparação com as que brilham em seus olhos.

***

— Eu tenho uma extração amanhã. É aquela que venho planejando há meses — digo, meus dedos traçando suas costas nuas. — Vai ser muito perigoso. Eu só quero que você esteja ciente disso.

A cabeça de Addie se levanta, seu rosto muito mais visível agora que

estamos em uma sala com janelas em todas as paredes. Eu posso ver até mesmo as menores sardas salpicando seu nariz e suas bochechas, e quero beijar cada uma delas.

Nós desmaiamos depois que eu fodi nós dois de forma doentia, e nenhum de nós se sentiu motivado a se levantar desde então.

— São os rituais?

Eu aceno e conto a ela tudo sobre a noite que tive. Ela estava ciente do jantar fodido, e quando digo a ela que foi bem-sucedido, seu rosto relaxa com alívio.

— Eu não consigo imaginar que as pessoas realmente fazem isso. As pessoas simplesmente foram e sentaram-se naquela mesa como se fossem comer uma lagosta?

— Sim — murmuro. Eu mordo meu lábio, um sorriso de merda já se formando no meu rosto pelo que estou prestes a dizer a ela. — A garotinha que salvei, Sarah? Ela perguntou se eu seria o pai dela. — Sua cabeça apenas se acomodou no meu peito quando eu digo isso.

Então, a cabeça de Addie se levanta tão rápido que ela chega perto de quebrá-la.

— Cuidado, este mundo estaria em apuros se você morresse.

Sua boca cai aberta.

— E o que você disse?

Dei de ombros.

— Eu realmente não consegui dizer nada. Ela teve que sair para que eu pudesse ser preso de mentira. Se não fizesse isso, Dan e a Society poderiam achar o ataque foi conveniente demais. Felizmente, consegui jogar com uma acusação que Dan recebeu no passado.

Ela pisca.

— Você faria? Adotá-la, quero dizer.

Eu levanto minha mão, deslizando suavemente uma mecha de cabelo do rosto dela e a enrolando atrás de sua orelha. Ela tenta esconder o arrepio, mas seu corpo está pressionado muito perto do meu para que seja bem-sucedida.

— Eu não faria nada sem você concordar. Mas sim, eu faria.

Ela engole.

— Por que você precisa da minha permissão?

— Você acha que eu te persegui só porque queria uma emoção rápida? Não, querida. Você e eu somos para sempre. O que significa que se eu me tornar um pai, então você se tornaria uma mãe.

Seus olhos se arregalam e o que parece pânico pisca em suas íris. Eu coloco um dedo sob seu queixo e dou um beijo rápido em seus lábios.

— Não se preocupe com isso agora. Sarah está segura e, no momento, estamos mais preocupados com o trauma e com a saúde mental dela.

Ela acena com a cabeça, embora eu não deixe de notar seu olhar fixo antes que ela se deite no meu peito novamente.

CAPÍTULO 41

A SOMBRA



— Você está pronto para esta noite? — Jay pergunta em meu ouvido.

— Tenho estado pronto faz um tempo — respondo com facilidade, enquanto estou parado em frente ao clube de cavalheiros, o Savior. A pessoa dentro da Society que escolheu este clube como o local para uma masmorra subterrânea deve ter sua versão de senso de humor doentio.

Eu tiro o fone de ouvido fora da minha orelha, coloco-o na minha jaqueta interna e, em seguida, faço o meu caminho até a entrada.

O exterior do edifício é como qualquer outro clube de strip de alto preço – uma monstruosidade negra de mármore que goteja dinheiro e poder. O segurança do lado de fora das portas me dá uma breve olhada, antes de me colocar através da rotina de: *"Qual é o seu nome"* e *"Deixe-me ver o teu cu. Tussa uma vez"*.

Ao contrário do Detetive Dedos, este consegue manter as mãos na zona segura e me deixa-passar sem problemas.

Por razões óbvias, não tenho permissão para carregar armas de fogo em

mim. Mas isso não será um problema.

Depois que Mark confessou o local, vários dos meus homens conseguiram se infiltrar na equipe de segurança contratada para este Clube.

Homens e mulheres poderosos certamente não apareceriam para matar crianças se não se sentissem protegidos ao fazê-lo.

É exigido que a segurança carregue armas de fogo, e eu tenho certeza de que alguns deles podem me emprestar uma arma ou duas quando chegar a hora.

Assim como quando eu estava aqui da última vez, entro no clube e pareço ter atravessado por um portal para o inferno. Está sufocante aqui, o ar tão cheio de depravação e doença que é um peso físico nos meus ombros.

Meu Deus.

Sinto que preciso de uma maldita máscara de gás.

Eu ando diretamente para a área principal, o layout do local é um conceito aberto. É mal iluminado e sinistro. O lugar perfeito para se esconder nas sombras sem ser notado.

Os pisos são de mármore preto e, ao contrário dos clubes de strip decadentes do centro da cidade, esses pisos brilham tanto quanto meus sapatos recém-engraxados. As paredes vermelho-sangue são desprovidas de arte assustadora, mas muitos doentes ocupam as cabines e mesas ao redor do palco. Uma mulher balança ao redor do pole dance, sacudindo a bunda na batida da música enquanto o dinheiro é jogado no palco.

Música baixa soa pelos alto-falantes, embora não tão alto que eu mal possa me ouvir pensar. Gemidos altos soam de algum lugar no corredor, e me certifico de ficar longe por enquanto. Se eu for até lá e ver alguma merda acontecendo, vou estragar tudo.

— Por um segundo, pensei que você não iria aparecer — diz uma voz por trás de mim.

Eu me viro para ver Dan parado lá, olhando para mim com um sorriso satisfeito em seu rosto.

— Um homem não pode desfrutar de algumas strippers depois de ser preso? — retruco, meu tom misturado com diversão seca. Dan ri e balança a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos.

— Eu ainda não consigo acreditar que isso aconteceu. Lamento imensamente. Todos os homens no meu gramado foram demitidos naquela mesma noite, garanto.

Eu mostro meus dentes.

— Não esperava menos que isso. De que tentaram te acusar?

— A porra de contrabando de drogas — ele zomba como se dissesse: *você consegue acreditar nessa merda*. — Eu não tive uma carreira de cocaína no meu nariz em meses, e com certeza, não era o meu produto.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— O que aconteceu com a garota?

Seu rosto escurece e, pela primeira vez, vejo a verdadeira maldade refletindo de volta para mim. Eu sabia que estava lá, residindo logo abaixo da superfície. Mas esta é a primeira vez que Dan realmente deixa aquele demônio odioso sair.

— Acredito que um dos meus convidados aproveitou o caos e a roubou para si.

— As câmeras? — pressiono.

Ele balança a cabeça e cospe:

— Arruinada. O FBI deve ter feito algo para atrapalhar o sinal quando chegaram. Provavelmente porque não estavam autorizados a derrubar a minha maldita porta. Independente disso, a menina sumiu e noventa mil dólares foram pelo ralo.

— Você tem alguma ideia de quem era? Eu adoraria falar com eles

sobre roubar de mim — questiono, deixando evidente o meu descontentamento.

Um sorriso se forma em seu rosto.

— Assim que eu tiver a confirmação, eu te direi. Caso contrário, mantenha a besta contida. — Ele dá um tapinha no meu peito e aponta para uma cabine vazia. — Vamos tomar uma bebida. A cerimônia não começará por algumas horas.

— Lidere o caminho.

***

— Então, minha esposa disse que vai embora, certo? Eu disse a ela que não há um maldito centímetro quadrado que exista neste mundo onde ela possa se esconder, e eu não conseguiria encontrá-la. — Ele termina sua declaração com um bufo e um sacodir de sua cabeça, perplexo por sua esposa querer tentar encontrar uma vida feliz em outro lugar.

Em algum lugar que não envolva comer crianças no jantar. E qualquer outra merda doentia que eles façam com elas nesse meio tempo.

— As mulheres gostam de correr, mas gostam ainda mais de ser pegas — murmuro.

Ele olha para mim, um sorriso perverso mordendo os lábios.

— Exatamente, cara. Pena que a cadela não vale a pena perseguir. Então, quando eu a pegar, ela vai desejar ter encontrado aquele centímetro. Você sabe como é cansativo se casar com alguém que não compartilha os mesmos gostos que você? Tentei iniciá-la várias vezes, mas ela se recusa. Você acredita nisso?

Como alguém com um fragmento de decência responde a isso?

Você não responde.

Eu balanço a cabeça casualmente, tomando um gole do meu uísque. O avô de Addie tem um gosto melhor do que estes velhos babacas.

Olhando para o Rolex, ele pede que eu o siga enquanto se levanta.

— Está na hora. Vamos nessa — diz Dan, engolindo o último gole de uísque antes de colocar o copo de cristal vazio na mesa. Ele se vira e verifica uma stripper passando, seus olhos olhando para o traseiro exposto.

— E quando terminarmos, vou dar uma mordida nessa daqui. Essas iniciações sempre me deixam com vontade.

O uísque no meu estômago está doendo.

Engolindo o que eu *realmente* quero dizer, eu sinalizo para ele liderar o caminho. Ele sai em direção ao corredor de onde emanam os gemidos. Endireitando minha coluna, eu o sigo.

Entramos por um corredor cheio de portas de ambos os lados. Os gemidos aumentam, mas agora que estou mais perto, ouço as notas de medo e dor entrelaçadas neles. Estalos de chicotes, carne batendo na carne, e os grunhidos estrondosos dos homens acompanham os gemidos.

Porra. *Pense na criança deitada em um altar de pedra em algum lugar. Ela precisa mais de mim.*

No final do corredor há uma porta de mármore preto. Dan envolve seu punho em torno da maçaneta e faz uma pausa antes de olhar para mim, seus lábios curvados com entusiasmo.

— Você está pronto?

— Considerando que fui provocado ontem à noite, estou mais do que pronto.

Dan dá um sorriso malicioso antes de abrir a porta. Eu me deparo com um corredor escuro, mal iluminado por fracas luzes de LED em ambos os lados do chão.

O corredor é longo e dá a sensação de não ter fim. E parece que quanto

mais andamos, mais estreito fica. Mas é só minha mente pregando peças em mim.

No final está outra porta de mármore. Olho para trás e percebo que estávamos descendo uma inclinação sutil, onde vejo um pequeno grupo de homens descendo o corredor ao longe.

Dan abre a porta e somos recebidos por uma sala cheia de pessoas. O mármore preto se estende pela sala, mas as paredes são de rocha. Em ambos os lados estão longas fileiras de vestes pretas familiares que vi nos últimos vídeos. As pessoas reunidas aqui estão falando em tons baixos, enquanto colocam as vestes grandes.

Meu coração dispara, quase sem acreditar que finalmente estou aqui. O momento pelo qual venho trabalhando há tanto tempo.

É surreal.

— Pegue um — Dan ordena, seu tom sério. Sem uma palavra, eu desenrolo a túnica e a coloco. O material é suave como a seda, mas parece que estou me envolvendo em lã. Apesar da minha grande estatura, o material ainda passa por meus pés e mãos.

— Este é outro recém-chegado? — uma voz nasalada pergunta à minha esquerda. Eu me viro para ver uma doninha em forma de homem parado ao meu lado. Ele é pelo menos um metro mais baixo do que eu, com uma calvície, nariz adunco e óculos redondos.

— Eu sou — respondo enigmaticamente. — E você é?

O homem sorri nervosamente.

— Também um recém-chegado. Eu me chamo Larry Verenich.

— Zack — ofereço.

Várias figuras de túnicas começam a sair da sala por outra porta preta, sempre em frente.

— Vamos — diz Dan, balançando a cabeça em direção ao grupo.

Ao me aproximar da porta, um zumbido baixo se acumula na base do meu pescoço, fazendo com que os cabelos subam. A sala é como vi nos vídeos. É como entrar em uma caverna subterrânea, mas em vez de úmido, o ar é seco e pesado. O espaço escuro é iluminado por centenas de velas que revestem as paredes de rocha. Mas as pequenas chamas não são páreas para as sombras opressoras.

Estamos em uma plataforma arredondada, um trilho preto simples como a única barreira para uma queda de cerca de doze metros. No centro da sala há um altar de pedra, uma garotinha se contorcendo em cima dele. As tiras pretas circundam seus pequenos pulsos e tornozelos, mantendo-a no lugar.

Ela não aparenta ter mais do que seis ou sete anos.

O zumbido fica mais alto até parecer que está vindo de dentro da minha própria cabeça. Minhas mãos se apertam sob o tecido, e sou grato pelas mangas serem longas o suficiente para esconder minha reação.

— À sua esquerda estão as escadas — diz Dan, apontando na direção. — Vá em frente e fique ao lado do altar. A um de vocês será oferecida a faca para sangrar o sacrifício. Beba o sangue e você será iniciado na Society.

Eu aceno minha cabeça e decolo na direção apontada. As escadas rochosas e irregulares estão ao redor da curva, para onde Larry já está indo.

Ergo o capuz sobre minha cabeça, olhando ao redor das áreas até ver os seguranças, três deles no piso inferior onde está o altar, escondidos nas sombras. Do meu ponto de vista, não consigo ver os rostos deles. Mas sei que Michael é um deles.

Dois outros homens seguem atrás de mim enquanto desço os degraus. No minuto em que meu pé bate no chão, um canto baixo começa, ganhando em tom à medida que me aproximo do altar.

Eu olho para a menina no altar de pedra, lágrimas manchando suas

bochechas sujas. Ela está soluçando, seu pequeno lábio curvado em uma carranca enquanto seus grandes olhos azuis nos encaram com absoluto terror.

Meu coração se contrai com tanta força que é debilitante. Por pura força de vontade, eu me forço a ficar parado.

— Porra, eu já estou ficando duro — um cara sussurra da minha esquerda.

Meus dentes quase quebram com o quão forte eu aperto minha mandíbula naquele momento. Lentamente, eu me viro para ver um cara que parece ter vinte e poucos anos, com o capuz abaixado. Seus olhos castanhos e sem fundo olham para mim, e tudo o que posso ver é pura excitação irradiando deles.

Ele será o primeiro a morrer.

Ele está perto o suficiente para poder ver meu rosto, e eu me esforço para mantê-lo neutro. Ele sorri para mim, mas não lhe dou nenhuma reação. E embora seu sorriso vacile um pouco, o fodido doente não tem ideia de que eu acabei de fazer um grande favor a ele. Porque se eu tivesse reagido, eu teria enfiado a mão em sua garganta e arrancado sua traqueia com ela.

— P-P-Por favor, eu quero minha mamãe — a garotinha implora. Seus olhos vermelhos e inchados estão cheios de lágrimas e ela está olhando para mim com terror e desespero. Seu pequeno lábio treme, e tenho que me conter fisicamente para não estender a mão e segurar sua pequenina na minha.

— Por favor! — ela grita, seus olhos azuis cheios de lágrimas, apesar dos rios escorrendo por suas bochechas. — Eu quero ir para ca-aaasa.

Rosnando, eu forço minha boca a ficar fechada. Mais do que tudo, quero tranquilizá-la, consolá-la. Prometer a ela que ela *poderá* ver a sua mãe novamente. Mas não posso permitir que nenhuma dessas palavras escape.

Ainda não.

O canto ao nosso redor fica mais alto, crescendo até parecer que a

caverna vibra com o som. Mas, para mim, tudo está em silêncio, como se eu estivesse debaixo d'água. Tudo em que posso me concentrar é a menina implorando por minha ajuda.

Estou olhando para ela com tanta força, tentando transmitir a segurança em meus olhos, que nem noto a figura negra que se aproximou até que eles estejam bem na minha frente, do outro lado da garotinha.

Seu rosto está escondido nas profundezas de seu capuz, e luvas pretas cobrem suas mãos. Eu não tenho ideia se essa pessoa é um homem ou uma mulher, ou quão importante é.

Ela poderia ser da Society.

Na verdade, minha intuição me diz que é.

Em cada mão há duas taças entrelaçadas entre os dedos. A figura estende os braços e cada um de nós agarra um. Então, a figura se inclina para a perna e puxa uma lâmina preta curva.

Ela não fala. Apenas equilibra a lâmina na palma da mão e a seguram diretamente, uma oferta para qualquer um de nós aceitar.

Eu pego a lâmina, já sentindo o mauricinho ao meu lado se preparando para pegá-la. Posso sentir sua decepção, presumivelmente porque ele queria ser aquele a enfiar a lâmina no peito de uma criança. E para isso, vou me certificar de que sua morte seja lenta. Ele não terá a honra de ter sua jugular aberta para que possa sangrar em segundos.

Não, não. Ele não terá essa sorte.

O canto aumenta até que o ruído assustador irradia das paredes da caverna. Eu sinto os olhos da figura me perfurando. E embora ela também não possa ver meu rosto, eu devolvo o olhar.

Finalmente, a pessoa se vira e vai embora, desaparecendo nas sombras.

Meu coração batendo forte no meu peito supera o barulho ao meu redor. Não consigo ouvir nada além do órgão acelerado sob minhas costelas

até que os gritos da garotinha perfurem o ar. Eu levantei a lâmina sobre ela, a ponta afiada pairando bem acima de seu peito.

O punho da faca está bem apertado em minha mão. Eu estico dois dedos, parando por alguns segundos para garantir que o sinal seja visto, antes de baixá-los de volta.

Então, eu olho para a garota.

— Feche os olhos — sussurro. — E não os abra até que eu mande. — Seus lábios tremem, mas ela obedece, fechando os olhos para o horror que vai acontecer ao seu redor.

Agarrando a lâmina com força, eu a levanto e jogo meu braço para a esquerda. Diretamente na garganta do mauricinho.

O canto gagueja antes de parar completamente, suspiros soando enquanto o garoto ao meu lado sufoca em seu sangue. Eu puxo a lâmina para fora, o barulho de sucção engolido por seus suspiros sufocados.

Ele está olhando para mim, olhos arregalados em descrença. Então ele desmorona, não sendo mais capaz de se segurar.

Tiros soam. Um segurança atrás de mim cai no chão, sua matéria cerebral se espalhando nas sombras.

Esse foi o gatilho. Toda a sala entra em ação. Gritos de pânico e corpos correndo para a saída. Não deixo Larry dar um passo antes que a lâmina curvada esteja atravessando seu olho. Óculos e tudo.

Seu corpo convulsiona, e então desmorona quando eu o arranco de sua cabeça, o barulho de sucção se perde no caos.

Olho para o mauricinho e o vejo dar seu último suspiro, a vida extinta de seus olhos. E sorrio.

Michael irrompe das sombras, correndo em minha direção. Quando ele está perto o suficiente, joga uma arma para mim. Pego a arma no ar e encaro a direção em que a figura negra desapareceu.

Urgência inunda minhas veias, eu olho para a garotinha, seus olhos ainda fielmente fechados. O sangue foi espalhado pelo corpo dela, e eu odeio que o mal ainda consegue tocá-la.

Tirando o capuz do meu rosto, eu me inclino sobre a garota.

— Abra seus olhos, menina bonita. Mas quero que olhe só para mim, está bem?

Lentamente, ela os abre. As lágrimas secaram, mas seu rosto ainda está contorcido de pânico.

— Meu amigo aqui vai cuidar de você. Ele vai garantir que você volte para sua mãe, ok?

Imediatamente, ela explode em lágrimas de novo. Afasto seu cabelo loiro de seu rosto.

— Está tudo bem, menina bonita. O que eu quero que você faça é que mantenha seus olhos nele e somente nele. Feche-os se for necessário. Ele avisará quando for seguro.

— Ok — ela sussurra, sua voz pequena embargada.

Ela acena com a cabeça, e eu gentilmente limpo uma lágrima de seu rosto antes de endireitar minha coluna.

— Cuide da garota — ordeno, olhando para Michael. — Ruby deve estar aqui, ela vai cuidar dela e então, você volta e ajuda a acabar com essa merda.

Michael assente enquanto eu vou em direção à área que vi, pela última vez, a figura negra desaparecer. Se eles realmente faziam parte da Society, então eu os quero para obter informações.

Gritos irrompem da entrada pela qual entrei, seguidos por mais tiros. Um dos meus homens deve ter deixado minha equipe entrar.

Carnificina absoluta está consumindo aquela caverna, mas não me preocupo com isso, confiando que ninguém que participou desta cerimônia

sairá vivo. Foi uma ordem muito clara que dei.

Este mundo estará melhor sem eles.

Apenas consigo chegar a cerca de três metros antes que uma explosão atinja a caverna, enviando-me pelo ar. O tempo diminui à medida que meu corpo é atirado, o som vai se tornando inimaginável.

Então, ele acelera novamente, e meu corpo está colidindo no altar de pedra. O oxigênio é arrancado dos meus pulmões quando minhas costas atingem o canto do altar antes de eu cair no chão.

Um toque alto reverbera por toda a minha cabeça, mas não é mais alto que um sussurro quando a dor é ensurdecedora.

Por segundos, minutos, horas, tudo o que posso fazer é ficar ali enquanto a confusão e a dor giram ao meu redor.

Gemendo, eu abro meus olhos, apertando-os através da poeira que nubla a área. Não consigo ouvir porra nenhuma, mas conforme a poeira baixa, as partes do corpo espalhadas pelo lugar me dizem o quão alto foi.

Corpos estão correndo caoticamente. Há um homem se arrastando em direção aos degraus, com uma perna inteira faltando enquanto parte do corrimão se projeta de seu lado. Ele deve ter estado no último andar e ter sido atingido por ele.

Assim como várias outras pessoas, algumas delas agora sem membros, outras apenas cobertas de sangue e gravemente feridas. Embalando alguma parte de seu corpo, enquanto processam o choque total da explosão.

O silencio diminui e uma enxurrada de gritos se infiltra.

Eu gemo de novo, forçando meu corpo a ficar na posição vertical enquanto tento descobrir o que diabos *aconteceu*.

Minha cabeça está confusa e minha visão turva, a dor queimando mais forte a cada movimento.

Meu Deus. O que diabos *aconteceu*?

Uma pessoa está correndo em minha direção, seu corpo alto e esguio emergindo de nuvens de poeira e membros ensanguentados. A boca dele está aberta em um grito, e não é até que ele está quase a um pé na minha frente que meus olhos processam o que estou vendo.

É o Jay. Por que é que o Jay está aqui?

Ele deveria estar atrás de uma mesa de computador em algum lugar.

— Zade, cara, você está bem? — Pânico está gravado em cada linha em seu rosto, e seus olhos castanhos estão arredondados com medo quando ele se ajoelha diante de mim, suas mãos varrendo meu corpo para verificar se há ferimentos.

— Que porra aconteceu? — Minha cabeça está latejando, e minhas costas parecem quase quebradas. — Por que você está aqui?

— Eu vim assim que descobri. Foi uma armação. Esse último vídeo... eles sabiam que estávamos chegando... não sei como, cara. Mas eles propositadamente vazaram a porra do vídeo. Foi uma *porra de armação.*

Estou tão focado na boca de Jay, tentando processar as palavras que saem dele, que o som de uma arma sendo engatilhada e a pressão fria de metal na parte de trás da minha cabeça são registrados tarde demais.

— Ainda bem que você conseguiu descobrir isso, Jason Scott. Agora vamos ver essas mãos, caso contrário, esta única bala vai encontrar o seu caminho em ambas as suas cabeças.

Jay olha para a pessoa que está atrás de mim, seus olhos ficando impossivelmente maiores.

— *Você?*

CAPÍTULO 42

A MANIPULADORA



— Você está surpresa? — pergunto pelo telefone, girando a rosa vermelha entre meus dedos. Acordei com Zade desaparecido e uma rosa em seu lugar.

A minha mãe suspira.

— Não, Não estou. Isso explica muito sobre sua vovó e seu estranho apego à casa.

Estou enrolada no sofá assistindo o canal de notícias, um sentimento de orgulho enchendo minhas veias como as palavras *Últimas Notícias* e *Caso arquivado de 75 anos é resolvido* aparecendo na tela.

Daya e eu reportamos nossas descobertas à polícia esta manhã. Passaram horas e horas analisando as nossas provas. Até que, depois de verificar que o número de série e os resultados do teste de DNA eram autênticos, eles declararam Frank Seinburg, o homem que assassinou Genevieve Parsons a sangue frio. Seu motivo: amor não correspondido.

Eles confiscaram os diários por enquanto, mas os fiz jurar que iriam

devolver. O policial olhou para mim como se eu estivesse desequilibrada quando o fiz jurar fisicamente. Mas me fez sentir melhor por me separar dos diários, mesmo que seja temporário.

O repórter na tela fala da bisneta da vítima tropeçando em diários escondidos na parede e como isso levou à descoberta de seu assassinato e quem o fez. Olho para a janela, uma série de luzes piscando através do vidro.

Os repórteres estão do lado de fora da minha casa. Eles queriam colocar o Casarão Parsons em segundo plano na Tv. O que seria de uma história assustadora sem uma velha casa vitoriana atrás de uma linda mulher loira com batom vermelho nos dentes?

— Ela deve ter sentido tanta culpa a vida toda — digo baixinho, o pico de tristeza persistindo desde a percepção de que Nana ajudou a encobrir o assassinato.

Para minha surpresa, mamãe não me deu uma resposta sarcástica.

— Imagino que sim, Adeline. Isso é um fardo pesado para carregar, especialmente porque ela tinha apenas dezesseis anos quando aconteceu. Ela provavelmente estava muito traumatizada.

Eu franzo a testa com mais força.

— Me surpreende que ela sempre tenha sido tão feliz.

— Às vezes, as pessoas mais felizes são as mais tristes — diz ela, recitando uma citação comum.

— Então, quais são as pessoas mais miseráveis do mundo?

— As cansadas.

— Parece miserável.

Ela dá uma gargalhada seca.

— Eu tenho uma casa em exibição daqui a pouco. Tenho que ir. Vejo você em algumas semanas no Dia de Ação de Graças.

— Ei, Mãe? Eu tenho uma última pergunta — eu apresso, as palavras

explodindo de mim. Algo estava me incomodando sobre o caso, e a necessidade urgente de perguntar é insuportável.

Ela suspira, mas permanece na linha, silenciosamente me incentivando.

— Você me enviou um envelope preto cheio de fotos e uma carta?

Ela fica em silêncio, e meu coração dispara no meu peito.

— Mãe? — indago.

Ela limpa a garganta.

— Acho que sua vovó e eu somos mais parecidos do que você pensava.

Meus olhos se arregalam quando a compreensão surge, atingindo-me diretamente no peito. Ela me *enviou* o envelope. O que significa que ela sabia o tempo todo sobre o assassinato de Gigi e o papel da vovó nele.

Inacreditável.

— Você manteve o segredo dela — sussurro.

— Eu tenho que ir agora, Addie. Tenho uma casa para mostrar em cinco minutos.

— OK — murmuro, mas a linha já está muda.

Não há como saber quando exatamente mamãe descobriu sobre a vovó encobrindo o assassinato – duvido que ela me diga – mas imagino que tenha sido antes de eu nascer, considerando que não tenho lembranças daquelas duas se dando bem.

A amargura e a antipatia da mãe pela vovó de repente fazem mais sentido.

Vovó encobriu o assassinato de sua mãe e, em troca, sua filha encobriu seu envolvimento.

Meu cérebro fica congestionado com todas essas informações, e o pleno choque da minha mãe também ter contribuído para encobrir o assassinato de Gigi. É demais.

Eu me viro e olho para a janela enquanto meus pensamentos se voltam

para Zade. Na verdade, eles nunca foram embora, estavam na parte de trás do meu cérebro o dia todo, pesando nos meus ombros.

Ele está seguro? Vivo?

Quando comecei a me preocupar com a segurança dele?

Eu preciso checar minha cabeça. Mas nunca tomarei a iniciativa de fazê-lo. De forma indireta, estou começando a aceitar minha nova realidade.

Estou me apaixonando pelo meu stalker. A sombra que me assombra na noite. O homem que me caça e destrói completamente o meu mundo inteiro.

E não só tenho que aceitar isso, mas o fato de que minha vida agora será consumida pela preocupação. Ele é perigoso, mas as situações em que ele se coloca são igualmente aterrorizantes. Um dia, ele poderia sair e nunca mais voltar para casa.

Como eu lido com isso?

De pé, vou até a cozinha para preparar uma bebida. Eu acendo a luz, mas paro imediatamente.

Sobre o balcão repousa uma rosa vermelha, com os espinhos cortados. De repente, não consigo entender por que as lágrimas brotam dos meus olhos. Talvez porque agora que me importo com o idiota estúpido, não sei se esta é a última vez que vou ganhar uma rosa ou não.

Fungando, vou até a rosa e a pego, girando o caule em meus dedos.

— Droga, Zade — murmuro em voz alta. — Eu nunca vou te perdoar se você morrer.

***

Um zumbido alto do meu telefone me acorda de um sono profundo. A baba escorre pela minha bochecha, e eu distraidamente a limpo com uma mão enquanto pego meu telefone com a outra.

A luz brilhante provoca uma dor de cabeça imediata quando olho para a tela. São apenas 23h. Não consegui dormir mais de uma hora.

Meu telefone vibra novamente, alertando-me para uma mensagem de texto. Abrindo o aplicativo, vejo que a Daya me mandou várias.

DAYA: Você está acordada?
DAYA: Estou muito chateada agora e um amigo viria a calhar.
DAYA: Você viria?
DAYA: Eu realmente apreciaria isso.

Eu franzo a testa, confusa e preocupada. Não nos falamos desde que nos separamos mais cedo, depois que a polícia coletou todas as nossas provas. Ela teve que ir à festa de aniversário de sua sobrinha, e eu não falei com ela desde então.

Tocando no botão de chamada, levo o celular ao ouvido e me sento. O telefone apenas toca antes que a mensagem de caixa postal apareça.

Meu coração começa a bater forte quando balanço minhas pernas sobre a cama e vou até minha cômoda, vasculhando as gavetas até encontrar uma calça de moletom e um casaco.

Ligo para o telefone de Daya mais duas vezes e, quando a mensagem automática aparece, estou em pânico.

Passando minhas chaves pela porta da frente, corro para fora da casa e entro no meu carro. Está chovendo lá fora, a chuva batendo levemente contra as janelas enquanto disparo pelo longo caminho até a casa de Daya

Durante a viagem, ligo para o número dela várias vezes. Mas ela nunca atende.

Quando estou a alguns quilômetros de distância, noto faróis se aproximando atrás de mim. Olhando no meu espelho retrovisor, eu piso no

acelerador ainda mais, uma sensação de aperto no meu peito.

Alguma coisa não está certa.

Daya nunca me mandaria uma mensagem para vir e depois me ignoraria.

E o carro atrás de mim está se aproximando perigosamente, quase desaparecendo atrás do meu carro.

— Mas que…

Sou violentamente empurrada para frente, minha cabeça quase batendo no volante. Um grito assustado escapa quando meu carro começa a girar.

Eu recupero o controle do veículo, pisando no acelerador com mais força e tentando ganhar algum espaço entre nós. Tento pegar meu celular, mas percebo que está no chão do banco do passageiro.

Deve ter voado da minha mão quando a van bateu em mim.

Merda. Merda. Merda.

Quem diabos está atrás de mim? Poderia ser Max, finalmente se vingando de um assassinato com o qual não tive nada a ver. Ou poderia ser os homens que Mark colocou em cima de mim. Finalmente, vindo me buscar.

A aceleração de seu motor é meu único aviso. Desta vez, estou preparada para o golpe, apesar da força ainda me tirar o fôlego.

Antes que eu possa controlar o veículo, eles estão batendo em mim novamente. Meu carro chicoteia de um lado para o outro enquanto luto para manter a direção. Meu peito bombeia com adrenalina e pânico, e o pavor começou a se formar na boca do meu estômago. Tenho a sensação de que não vou conseguir sair dessa.

Meu pedal do acelerador não pode ser empurrado mais, e quanto maior a velocidade, mais eu perco o controle.

É preciso mais uma pancada antes de eu sair para a beira da estrada e cair em uma vala. Meu mundo gira quando o para-choque do meu carro bate

em um ângulo antes de meu carro capotar, capotando duas vezes antes de aterrissar com força de cabeça para baixo.

O impacto é ensurdecedor quando as janelas explodem. Cacos de vidro explodem contra mim de todas as direções, cortando minha pele em pedaços.

Quando tudo se acalma, percebo que ainda estou gritando.

Eu inspiro forte, o som quase animalesco quando o pânico toma conta. Estou de cabeça para baixo, ainda presa ao meu assento. O cinto de segurança está apertando dolorosamente o meu peito, contraindo ainda mais meus pulmões já sufocados.

— Você bateu nela com muita força — uma voz fala de algum lugar fora do meu carro. — Merda, verifique se ela não está morrendo, seu idiota.

Assim que o som da voz começa a ficar nítido, o mesmo acontece com a dor.

Eu aperto meus olhos fechados, meu corpo pulsando com agonia aguda. Eu gemo quando a sensação piora até que não consigo pensar além do meu corpo quebrado.

Uma cabeça aparece na minha janela. Encontro o olhar de um homem com pele mais escura e olhos totalmente negros.

— Ela está viva — ele anuncia, um sorriso aliviado curvando um lado de seus lábios.

— Tire-a daí — uma voz exige bruscamente.

— O que você quer de mim? — gemo, golpeando fracamente em suas mãos que estão mexendo na fivela do meu cinto de segurança. Ele não responde, então continuo perguntando.

— Cala a boca antes que eu te apague! — ele berra. O clique do cinto de segurança é meu único aviso antes que meu corpo caia de cabeça. Eu grito, a dor percorrendo meu pescoço e ombros.

O homem agarra meu braço e empurra meu corpo para fora da janela

do lado do motorista, arrastando meu corpo através de vidro e metal afiado.

— Pare com isso — gemo, soluçando quando ele finalmente me tira. — Por que você está fazendo isso?

Ofegante, o homem se inclina sobre mim e me olha.

— Uma vez que você esteja curada, você vai valer um belo centavo — diz ele, com um sorriso torto no rosto.

— Basta levá-la para a van, Rio. Max já vai ficar chateado por termos fodido o carro dele, então pare de brincar. A polícia estará aqui em breve.

Outro vislumbre de sorriso.

— Hora de ir dormir, princesa.

Então, escuridão…

Ele veio atrás de mim.

AGRADECIMENTOS

Tenho tantas pessoas para agradecer por este livro que nem sei por onde começar. Mas o que eu sei é este será um texto longo, mas acredito que podemos dizer pelo tamanho de meus livros que eu não faço nada breve.

Assim, começarei como sempre faço... com os leitores. Nunca conseguiria agradecer a todos vocês o suficiente. Como todos os autores, nós podemos somente torcer para que vocês amem nossos livros. Estas histórias, nós as escrevemos para nós mesmos. Nós escrevemos o que nos faz felizes. Porque, caso contrário, nunca sobreviveríamos nesta carreira. A maioria sabe que escrever livros é, sem dúvida, difícil pra caralho, assim parece algo impossível de se fazer quando você não ama o que faz. E se *nós* não amássemos nossos livros, como poderíamos esperar isso de outra pessoa? Então, qual a razão de ser escrever se não parar amar tal ato?

No final do dia, nós queremos que nossos leitores amem isso *com* a gente. Que aproveitem algo em que colocamos nossa alma, de modo que no final sintam como se estivessem experienciando as histórias ao nosso lado. Honestamente, não há prazer maior do que isso. Agradeço a todos que embarcaram nessa jornada comigo.

Agora, também não poderia começar meus agradecimentos com ninguém menos do que as duas pessoas que tiveram um papel principal neste

livro e na minha vida. Lá vem o sentimentalismo...

Eu conheci ambas do mesmo jeito: entrei em contato e pedi para me dar uma chance e ler meu livro. Então, ambas se tornarem duas das pessoas mais importantes na minha vida. Elas me escutaram falar sem parar sobre este livro, seus personagens e ideias, fazendo perguntas, oferecendo conselhos, lendo trechos e brigando comigo por ficar resmungando (em outra palavras, duvidar de mim mesma).

Começando por Amanda. Você é minha melhor amiga, simples assim. Você é minha outra metade, minha parceira de alma, e tudo mais que existe entre isso. Se não fosse por você, eu não estou certa se ainda estaria nesta comunidade. Você me ajudou quando atravessei momentos bem sombrios e me demonstrou amor quando me senti completamente sozinha. Nós temos uma conexão diferente de qualquer outra coisa e às vezes, eu me admiro pela sorte de ter encontrado você. Eu só espero que saiba que você está presa a mim... para sempre.

May, o que diabos eu faria sem você? Eu não consigo imaginar e nem mesmo quero. Quando te conheci, senti uma conexão que não conseguia explicar. Isso é tão verdade que, mesmo não a conhecendo direito, pedi para ser minha leitora alpha. Eu apenas sabia que você era alguém especial e eu queria que você fosse mais do uma leitora, queria que fosse minha amiga. Ainda assim, você se tornou muito mais do que isso. Obrigada por ser uma constante na minha vida. Você sempre esteve lá, verificando como eu e Zade estávamos, e de forma desinteressada se oferecendo para ajudar sempre que preciso. Você me mostrou infinito apoio e amor, e eu realmente não consigo expressar o suficiente o quanto isso significa para mim.

Eu amo vocês duas, mais do que Z poderia conceber. Eu não mereço nenhuma de vocês, ainda assim, eu sou egoísta o bastante para aceitar. Assombrando Adeline não seria o que é sem o qualquer uma de vocês. *Eu*

não seria quem sou sem qualquer uma de vocês.

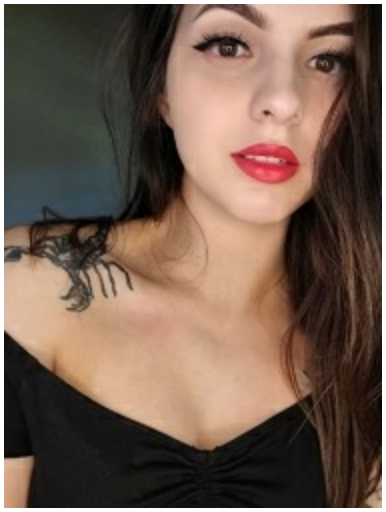
E eu não esqueci de você, Abby. Nunca poderia. Você veio para minha vida exatamente quando eu mais necessitei, e nunca mais saiu dela. Eu soube desde o começo que você era exatamente quem eu precisava. Você é mais do que uma agente de publicação, você é uma amiga incrível, um ombro amigo e alguém com quem posso contar. Eu fui atacada duramente e de surpresa por pessoas desonestas nesta comunidade, e você acabou tendo que segurar a barra ao lidar com minhas dúvidas, suposições e receios. Ainda assim, você tirou de letra e me lembrou todos os dias que eu estou segura ao seu lado. Eu durmo melhor sabendo que você é alguém em que posso confiar. Obrigada por tudo que você faz para ajudar Assombrando Adeline a se tornar o melhor que poderia ser. Eu te amo.

Aos meus betas, Rita, Keri, Autumn, Taylor, Caitlyn, RS e Mandy, muito obrigado por seu incrível feedback e apoio. Todos vocês ofereceram seu tempo livre e energia para fazer algo que não precisavam, e cada um é reconhecido e amado por isso. Não tenho como agradecer nenhum de vocês o bastante por terem caminhado ao meu lado e me ajudando a me tornar uma autora melhor.

Por último, aos meus editores. As duas lindas damas que poliram este livro e o fizeram tão belo. Angie e Sarah, eu realmente não tenho palavras para agradecer. Ambas me demonstraram tanto apoio e carinho, e estarei para sempre em débito com as duas.

Apenas… obrigada. A todos vocês, muito obrigada!

SOBRE A AUTORA



H. D. Carlton cresceu em uma cidade pequena em Ohio, e sofreu por anos pelas mãos da mãe natureza que amaldiçoava a região com todas as quatro estações num prazo de uma semana. De dia, ela faz coisas chatas de adulto, e durante a noite, ela coloca sua imaginação em palavras enquanto seu gato a escala de cima a baixo. Ela publicou alguns poemas em sua juventude, mas agora se dedica a transformar poesia em uma história. Uma história que de preferência apresente mundos cruéis com o pior tipo de vilões que *não* falam sobre si mesmos na terceira pessoa.

Descubra mais sobre H. D. Carlton seguindo suas redes sociais!

Facebook

Twitter

Instagram

Goodreads

@editoracabanavermelha